

ESTÚPIDA
Chantagem

Carlisle Ferrer

SEGUNDO VOLUME
TRILOGIA V.D.A



ESTÚPIDA Chantagem

Trilogia V.D.A. Volume II

Carlie Ferrer

Copyright © 2015 Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito do autor.

Revisão: Bárbara Pinheiro

Capa: Amanda Lopes

1ª Edição

Esta obra está parcialmente revisada, será atualizada em breve para a revisão final.

Dedicatórias

A trilogia V.D.A. sempre será dedicada a Amanda Lopes e Bárbara Pinheiro...

Vocês minhas irmãs, minhas amigas, minha equipe, minhas companheiras de sonhos e viagens, cada obra minha, sempre será dedicada a vocês. Pois sempre terá algo de vocês duas nelas. Mandy, obrigada por ficar à minha disposição me dando coragem para não dormir hoje. Bah, obrigada por cada minuto em que ficou acordada cuidando disso, me ensinando e ajudando. Amo vocês duas demais.

Estúpida chantagem é dedicado a Maria Rosa Morais, a melhor amiga que a Suzana poderia ter. E a amiga que mais traz sorte e coisas boas, a primeira, sempre!

Agradecimentos

Agradeço a Deus, sempre por tudo o que tem me dado, em cada momento, nos momentos certos.

A minha família, meus pais pela fé que depositam em mim. Daniele, Aninha e Lukas, por toda paciência, carinho e entrega sempre.

A minhas amigas, minha base sempre: Ellen, Maria Fernanda, Ale Lacombe, Shirley Nonato, Cynthia Lopes, Catarina Braga, Debora Gomes, Olivia, Vick, Naty, Andreia, Regiane Valim, Paloma Sá, Michelle Souza,

A minhas florzinhas Jessica Souza, Edlaine Cardoso, Sara Yasminne, Nathalia Mattos e Mel Olivatti.

A minhas meninas, que estão sempre comigo no Whats, no Face, no Wattpad, obrigada amorecas lindas, a melhor coisa do mundo é poder contar com vocês: Flavia, Duda, Shirlene, Krisley, Emily, Andrezza, Marta, Catarina, Emanuela, Alexandra, Aysha, Denise, Luana, Kami, Thais, Danny, Thais Martins, Carla, Mika, Keissi, Lari, Nessah, Danila, Jessica Bidoia, Josi, Diana, Rozzy, Mony, Jessica Lorrane, Larissa e Ícaro, Fabi del Col, Fernanda Ramalho, Maria Elisa, Fabiana Nunes, Monica Medeiros, Kamila Santos, Adriana Dutra, Rayssa Gouveia, Larisse Dalila, Estephanie Winckler, Glauce Nunes, Manu Moura, Mia Klein, Rosa Alexandrina, Yanca Marques, Vic Gonçalves, Cris Fermino, Rebeca Xavier, Emilene Choli, Hemmylly, Eliane Crispim, Dany Lobo, Raquel Tavares, Alesandra Fernanda, Graziela Rodrigues, Sabrina Martins, Simone Camargo, Daisy Yukie, Julia de Almeida, Rubanne Damas, Silvana Quitino, Kate Beserra, Bianca Rabis, Ellen Carolyne, Brenda Victoria, Marcela Basilio, Thais Padalecki, Alinne Firmino, Mirelle Vieira, Mikaelly Barros, Leda Maria, Claudia Proença, Milena Neress, Nani Castro, Maeriazinha Franco, Marcelene Guimarães, Lilian Rodrigues, Maria Evellyn, Cleide Martins, Camila Farias e Gra Giustina.

A pessoas que se tornaram tão especiais, que mesmo distantes, estão comigo sempre: Sueli Pinheiro, Diana Medeiros, Nathalie Graf Guide, Lyssa Camargo, Bianca Patacho, Gracielle Rodrigeus, Erika Will, Amanda Pessoa, Jaine Gonçalves, Leila Rios, Su Xavier, Juliana Cardoso, Sue Hecker, Middian Meirelles, Ângela Aguiar, Sheyla Mesquita, Jessica Laine, Jaqueline Borges, Jaqueline Renata, Camila Lima, Sol, Cleidi Natal, Isnathyelly e Uennia.

Ao Recanto das Autoras Brasileiras, Viciados em livro novo e Livros do coração por todo apoio.

A cada leitor do wattpad, cada um que vota, comenta, briga quando demoro a postar, me apoia sempre, indica, me manda mensagens. A cada leitor da Amazon, cada um que avalia e compartilha. Mesmo que não cite o nome de cada um de vocês, quero que saibam que é por vocês que estou aqui. Obrigada.

Capítulo 01

Cleber

O edifício é elegante e discreto. O tipo de prédio em que eu moraria. Tenho que admitir que Pinto Pequeno tem bom gosto. Não titubeio ao avistar o porteiro, preciso subir ao apartamento de Edmundo sem ser anunciado. Não quero que ele fuja como um rato, o que sei que ele é. Nesses casos, postura é tudo. Estou bem vestido, tenho cara de rico, e um corpo invejável, mas isso não vem ao caso, só estou citando para que você saiba. Enfim, não paro na recepção, ajo como se morasse ali, como se entrasse naquele hall todos os dias. Claro que dá certo, o porteiro me olha mais de uma vez, mas apenas me cumprimenta com um sorriso quando o encaro, e não me impede de entrar.

Claro que ele não impediria, sabendo que tenho dinheiro e por causa do meu porte. E nem estou falando da minha beleza, e sim dos meus músculos. São enormes, e muitos, e é muito difícil um ser magro e raquítico como aquele porteiro se meter comigo.

Quando as portas do elevador estão se fechando, avisto uma mulher correndo e gritando em direção ao elevador. Imediatamente o seguro para ela. Ela entra desajeitada com umas dez sacolas a cobrindo. Eu tiro metade das sacolas de sua mão e a vejo.

Ela tem olhos negros, mas grandes. Os óculos elegantes os deixam ainda maiores. Seu cabelo negro está preso em um rabo de cavalo muito bem arrumado, e a franja longa cai pelas laterais de seu rosto. Ela é bonita.

Agradece sem enrubescer, o que é incomum quando uma mulher olha para mim. O andar do idiota do Edmundo é o décimo, mas a mulher para no oitavo e estende a mão para pegar as sacolas. Como o bom moço que sou, levo-a até seu apartamento. Ela parece surpresa pelo meu gesto, mas mais uma vez, não enrubescer. Será que é lésbica? Ou casada? Não, mesmo as casadas enrubescem diante de mim.

Ela parece nervosa enquanto abre a porta do apartamento e me pego sorrindo, finalmente alguma reação, mas a vaca entra correndo e bate a porta na minha cara. Fico ali no corredor, sem entender, com cinco sacolas na mão. Meio fora do ar. Quando de repente ela abre a porta e a fecha rapidamente atrás de si. Pega as outras sacolas da minha mão dizendo:

— Me perdoe, senhor. E muito obrigada pela ajuda.

Seguro a última sacola para que ela não a retire da minha mão. O que faz com que ela olhe para cima.

— Isso não é jeito de tratar alguém que foi gentil com você.

— Eu sei, me desculpe. — Ela ainda não está ruborizando.

— Não. Só a desculpo se me convidar para beber uma cerveja.

Ela pisca os olhos, confusa e depois de um bom tempo, sua amabilidade desaparece, ela parece desconcertada, mas ainda assim não enrubescer. Qual o problema dessa mulher? Será que é assim tão fria?

— Sinto te desapontar, mas não vai encontrar cerveja na minha casa — ela diz, mas sem cordialidade na voz.

— Um suco, então?

— Não tem.

— Café? — Tento mais uma vez.

— Na verdade, você não vai tomar absolutamente nada na minha casa. Pode devolver minha sacola ou terei que acusá-lo de roubo?

Uau! A mulher é brava! Isso me faz rir.

— Você é lésbica?

Ela pisca os olhos e fica vermelha e sei que está se controlando.

— Claro. Pense assim se isso servir para amaciar seu ego. — Ela tenta puxar a sacola da minha mão e eu a afasto.

— Como? — pergunto divertido.

— Senhor, Não Me Interessa Seu Nome, entenda três coisas: Uma, eu não sou lésbica, só não te acho tudo isso. Duas, você não vai, em hipótese alguma entrar em meu apartamento. E três, você definitivamente não faz o meu tipo. Pode me devolver minha sacola agora? — Sim, ela foi incrível e eu fui nocauteado.

— O que você esconde nesse seu apartamento? — digo, olhando sério para ela.

Touché. Ela pisca os olhos assustada e percebo como ficou tensa. Esconde alguma coisa. Por isso não vai me deixar entrar em seu apartamento, não tem nada a ver com não me desejar.

Ela parece irritada, pois tenta puxar a sacola da minha mão, quando não consegue, respira fundo, dá de ombros e diz:

— Tudo bem, se faz tanta questão de ficar com a sacola, pode pegar para você. Faça bom proveito do que está dentro dela.

Assim ela bate de novo a porta na minha cara e desaparece para dentro. Imediatamente abro a tal sacola e quase tenho um infarto quando vejo o que tem dentro. Uma calcinha vibratória. Nem acredito. A mulher é aparentemente culta, se veste elegantemente coberta e usa uma coisa dessas! Em vez de abrir a porta para um homem como eu, que daria a ela muito mais prazer do que essa minúscula calcinha. Que imagino que nem caiba em toda aquela bunda. Posso imaginar o que ela esconde em seu apartamento.

Com um sorriso no rosto, penduro a calcinha no trinco da porta. Vamos deixar que a safada escondida dentro dela seja descoberta pelos vizinhos.

Volto para o elevador e subo para o andar de Pinto Pequeno. Toco a campainha e fico longe do olho mágico, a porta se abre apenas um pouco, mas a empurro e entro. Uma mulher assustada dá um grito e trato de tranquilizá-la.

— Olá, não se assuste. Só preciso falar com o Edmundo.

Ela se prepara para gritar de novo, mas sou mais rápido. Coloco uma mecha do cabelo dela atrás de sua orelha e digo com a voz arrastada.

— Como se chama? — Funciona. O medo desaparece e ela dá um risinho antes de responder.

— Eliete.

— Seu patrão está, Eliete? — Continuo acariciando seu cabelo.

Ela concorda com um sorrisinho e então vai me conduzindo até o Pinto Pequeno. Ele está sentado em uma poltrona lendo um jornal, eu já chego pegando-o pelo colarinho da blusa.

— Olá, Pinto Pequeno.

Ele se assusta e tenta se afastar. Depois de ele murmurar que posso levar o que eu quiser e de eu perceber que está quase mijando nas calças, eu o solto.

— Não sou um assaltante, para o seu azar. Só vim te dar um aviso. Aproxime-se de Celina Morelli novamente e será um homem morto. Eu fui claro? Um telefonema, uma palavra, um olhar sequer na direção dela e eu venho atrás de você, e salvarei as mulheres que você come de ter que aguentar seu minúsculo pau.

Vejo o vermelho tomar seu rosto e ele murmura:

— Então o Vaughn está mandando o cão de guarda?

— Ah sim, com certeza. E o cão aqui é bem bravo. Estou falando sério, Edmundo, se eu pegar você sequer falando o nome dela outra vez, você não será homem para mulher nenhuma nunca mais. Entendido?

Ele assente com uma careta.

— Eu entendi. Não vou procurar a Celina.

— Você disse o nome dela? — digo dando um passo em sua direção, e ele se afasta amedrontado.

— Não, não conheço nenhum Vaughn e ninguém ligado a ele.

— Melhor assim — digo e antes de sair dou uns tapas em seu rosto, o alertando da minha força.

Saio feliz e com a sensação de dever cumprido. O imbecil do Sebastian me deve mais essa. Quando o elevador para no oitavo andar, penso em descer, mas afinal, é só mais uma mulher entre muitas, nem vale o esforço.

Porém, quando estou saindo do prédio, vejo o quadro de correio, finjo atender o celular e olho o que há na caixinha do apartamento 802. Há um envelope. Eu o pego disfarçadamente e vejo o nome da safada embutida. Suzana. Um belo nome, para uma bela mulher. Devolvo o envelope e saio do prédio pensando em outras coisas. Mas, durante todo o dia, o nome dela fica aparecendo na minha cabeça. Suzana, lindo nome. Linda mulher.

Estaciono o carro pela sexta vez e finalmente ele ocupa somente uma vaga. Não sei quem inventou essa coisa de faixas no estacionamento delimitando onde seu carro deve parar, isso é um saco! A pessoa que fez isso não deve nem ter carro, ou saberia como é difícil estacionar essa coisa enorme em um espaço tão pequeno. Sorrio satisfeita pelo meu belo trabalho, junto todas as minhas sacolas da noite e caminho vagarosamente com meu sapato de salto baixo.

Ok, comecei rápido demais, vamos lá, um breve relato da minha vida: me chamo Suzana, tenho vinte e quatro anos. A idade é tudo que eu tenho. Claro, a idade e a perversão, mas ainda vamos chegar nessa parte. Sou professora em uma escola particular, gosto do que faço, não é a paixão da minha vida, mas amo crianças. Quero ter algumas, mas somente daqui a uns dez anos, e se o pai delas for rico, porque crianças gastam muito. Sei disso só pelo preço exorbitante que os pais pagam pela mensalidade na escola onde trabalho. Mas, não posso negar que criança é um ser encantador. É triste que ao mesmo tempo em que imagino um bebê parecido comigo, começo a me perguntar o que vou fazer com toda minha perversão se tiver uma criança. Então, adeus futuros filhos. Sei que parece confuso, mas sou duas pessoas em uma e tenho vontade de ser uma em duas.

Continuando o relato da minha vida, nesse momento moro em um apartamento excelente, em um bairro excelente e tenho um emprego extra que me rende bem mais do que o de professora. E esse emprego ainda não é a paixão da minha vida, mas é o que chega mais perto. Sou solteira, nunca tive um bom sexo, nem um namorado fixo, e sou pervertida.

Isso não quer dizer que saio por aí abrindo as pernas, minha perversão está concentrada totalmente na minha mente. Sim, minha imaginação deveria ganhar prêmios, sou curiosa ao extremo se o assunto for sexo, e acho que isso é tão fascinante para mim, porque nunca experimento as coisas que chamam minha atenção. Eu sei que poderia conseguir um homem para tentar e ver o que acontece, mas gente, não pode ser qualquer homem! E encontrar homens bons de cama hoje em dia é muito difícil. Não aguento mais sexo ruim e não quero sair fazendo testes. É pedir demais que um homem lindo e bom de cama apareça na minha vida?

Volto a mim e percebo que a porta do elevador está se fechando, então corro, carregando minhas sacolas, mas sei que não vai dar tempo. É só mesmo para não dizer que não tentei. Porém, diferentemente de todos os dias em que entro no prédio justo quando o elevador está se fechando, dessa vez uma mão enorme e masculina aparece entre as portas e o elevador se abre de novo. Essa mesma mão segura a porta para que eu possa entrar. E é aí que o vejo.

Ele é alto, bronzeado, os olhos mais verdes que já vi, tem ombros largos e me avalia como se fosse me devorar. Está estampado em sua testa com letras de neon: Bom de cama. Merda. Fico toda desajeitada com as sacolas e ele puxa a metade delas das minhas mãos, um cavalheiro. Sinto o perfume másculo dele tomar o elevador, conto os segundos para meu andar chegar e faço o possível para não olhá-lo. Muitos e muitos anos de prática com o que amo fazer me ensinaram a controlar o que sinto. Ele não percebe, mesmo que eu esteja tremendo inteira por dentro. Percebo que me avalia e parece, desapontado? Será que é isso mesmo? Não entendo o motivo.

Finalmente o oitavo andar chega, mais do que depressa tento pegar minhas sacolas das mãos dele, mas ele sai do elevador atrás de mim. Droga! Vai para o meu andar, ele fica parado, esperando uma reação minha e só então percebo que vai apenas me ajudar com as sacolas. Que porra! Não quero que me ajude. Ele não pode, de maneira nenhuma, entrar em meu apartamento. A porta do quarto está aberta.

Penso em entrar no elevador de novo e sumir, mas, e se eu for tão azarada ao ponto de as sacolas que estão na mão dele, serem justamente as do sex shop? Não posso correr esse risco. Ando bem devagar até a porta do meu apartamento enquanto decido o que fazer com esse deus do sexo atrás de mim. Não tenho muita saída, deixar que ele entre em meu apartamento está fora de cogitação. Não posso mesmo. Então, abro a porta e rapidamente entro e a bato na cara dele.

Sim, sei que ele não me fez nada, só foi legal comigo. Mas, ele não precisa saber que sou uma pervertida, ainda mais com a porta do meu quarto escancarada, como achei que estaria. Jogo as sacolas na mesa e abro novamente a porta, fechando-a atrás de mim antes que ele veja alguma coisa dentro do meu apartamento. Estou nervosa, mas sei que consigo aparentar toda calma. Espero tê-lo irritado o suficiente para ele jogar as sacolas em mim e ir embora, mas ao olhar para ele, sua expressão é de curiosidade. Ah não!

— Me perdoe, senhor. E muito obrigada pela ajuda — digo já tirando as sacolas de sua mão, mas o maldito segura a última. Ele a prende com os dedos e não consigo puxá-la. Olho para ele esperando que solte a sacola.

— Isso não é jeito de tratar alguém que foi gentil com você — ele diz, com seu jeito convencido.

— Eu sei, me desculpe — respondo imediatamente, sem demonstrar a surpresa.

Ele não está com raiva afinal de contas, está querendo me irritar.

— Não. Só a desculpo se me convidar para beber uma cerveja.

Esforço-me muito para parecer uma parede depois desse comentário. Ele quer me comer. Posso sentir isso, e merda, todo meu corpo fica em alerta só com a possibilidade de ter um homem como ele. Penso se posso afinal convidá-lo a entrar. Nunca fiz isso antes, nunca transei com um completo desconhecido, mas transar com os conhecidos foram experiências muito ruins. Quem sabe um homem sem nome não seja exatamente o que eu preciso para superar minha perversão maluca?

Não, não posso, a porta ainda está aberta. E se eu fosse comprometida? Não sou obrigada a deixar que um homem entre em meu apartamento só porque ele subiu alguns andares com minhas sacolas. Elas nem são pesadas!

— Sinto te desapontar, mas não vai encontrar cerveja na minha casa — respondo com raiva.

Ele parece irritado, mas dura apenas um segundo antes que seu sorriso apareça.

— Um suco, então?

— Não tem.

Acho que nunca fui tão desagradável com uma pessoa, e mesmo assim ele não quer sair daqui.

— Café? — Ele tenta novamente e estou realmente ficando irritada com tanta insistência.

— Na verdade, você não vai tomar absolutamente nada na minha casa. Pode devolver minha sacola ou terei que acusa-lo de roubo?

Sim, agora estou sendo grossa. Provavelmente vou traumatizar o lado cavalheiro dele e ele nunca mais vai segurar elevadores e nem sacolas para donzelas indefesas, mas que se dane! Esse homem não vai entrar no meu apartamento!

— Você é lésbica?

A pergunta me pega completamente de surpresa. Espera, esse imbecil acha mesmo que eu o deixaria entrar e abriria a pernas para ele só porque ele é bonito, aparentemente rico e tem bons modos? Ele acha que toda mulher é fácil assim?

— Claro. Pense assim se isso servir para amaciar seu ego — respondo e tento puxar a sacola de sua mão, mas ele a segura ainda mais forte.

— Como? — pergunta com um sorriso mal disfarçado no rosto.

Será que vou ter que desenhar que ele pode ser o homem mais gostoso do planeta que mesmo assim

eu não vou dar para ele?

— Senhor, Não Me Interessa Seu Nome, entenda três coisas: Uma, eu não sou lésbica, só não te acho tudo isso. Duas, você não vai, em hipótese alguma entrar em meu apartamento. E três, você definitivamente não faz o meu tipo. Pode me devolver minha sacola agora?

Ele me encara com o que identifico como choque. Feri o seu ego, sua autoestima, sua certeza de que eu seria mais uma a abrir as pernas para ele. Ok, eu sei que sim, eu seria mais uma a abrir as pernas para ele se não fosse a porta do quarto aberta, mas não precisamos lembrar disso, não acabe com minha ilusão de que estou por cima aqui. Mesmo porque ela durou muito pouco, pois um sorriso já se insinua em seu rosto perfeito.

— O que você esconde nesse seu apartamento? — ele pergunta de repente.

De tudo o que esperei que ele fosse dizer, nunca imaginei que fosse isso. Engulo em seco e sei que falho ao tentar fazer minha rotineira *poker face*, tento me recuperar, mas não sei o que dizer, nunca fui questionada, nunca ninguém pensou que eu esconderia alguma coisa. Há um alerta soando em minha cabeça de que esse homem convencido só vai sair daqui depois que entrar em meu apartamento, e isso não vai acontecer. Perco a razão, meu autocontrole e como uma adolescente birrenta tento puxar a sacola da mão dele à força, ela é minha, afinal. Puxo, puxo, puxo e nada. Ele a segura bem firme. Respiro fundo, vejo que não tenho outra saída.

— Tudo bem, se faz tanta questão de ficar com a sacola, pode pegar para você. Faça bom proveito do que está dentro dela — digo com todo desdém que consigo.

Entro em meu apartamento buscando a ilusão de que saí por cima e corro para revirar as sacolas. Merda. Ele ficou justamente com a sacola do sex shop. Eram dez sacolas. Qual a probabilidade do homem que quer me comer ficar com a sacola do sex shop? Mas, ele ficou. Não posso fazer nada agora, ele já deve estar tendo mil e uma ideias comigo, de qualquer forma eu nunca mais irei vê-lo mesmo.

Jogo-me no sofá e começo a rir. Só lamento por ter perdido minha mais nova calcinha vibratória, que eu havia comprado exatamente um número menor para ver se o efeito era mais forte. Mas, nada que uma nova visita ao sex shop não resolva. Vou para o meu quarto e tomo a decisão de que irei trancá-lo cada vez que sair de casa, por via das dúvidas. Só Deus sabe quando vou sofrer algum acidente e morrer e alguém da minha família virá aqui pegar minhas coisas e vai encontrar esse quarto escancarado. Credo! Menos mórbida, Suzana.

Só Deus sabe quando um homem com “bom de cama” brilhando em letras de neon na testa vai tentar me comer de novo. Sejamos sinceras, nunca mais terei essa oportunidade.

Pego Huguinho, meu melhor amigo colorido e vou para a banheira. O homem era lindo demais, cheiroso demais, safado demais e tinha olhos verdes, preciso de um consolo!

Na manhã seguinte, acordo com uma leve batida na porta. Enrolo-me no roupão e vou abrir, é Raimundo, o síndico. Ele é um senhor de cento e poucos anos, não vamos ser malvadas, oitenta e poucos, que usa óculos maiores que seu rosto e usa uma dentadura amarela. Não sei para usar uma dentadura amarela, se é para comprar os dentes, então que comprem perfeitos, certo? Ele é casado, totalmente sistemático e careta. Abro um sorriso mal humorado, que indica que detesto ser acordada, quando percebo Gertrudes, a moradora do sétimo andar parada atrás dele, ela é uma velha carola católica fervorosa, atrás dela está sua filha, Paz, de 16 anos que imagino que não seja muito feliz. Também está presente Carmem, a filha encalhada de Raimundo, e Rogério, o namorado horroroso, mas que se acha bad boy, da minha vizinha de cima. Por um momento me pergunto quem morreu para tanta gente se reunir na minha porta às seis da manhã, mas é aí que seu Raimundo levanta a mão e diz

com um tom de voz que me deixa vermelha de tanta vergonha.

— Isso estava pendurado na sua porta, senhorita Suzana.

Olho minha calcinha vibratória e arregalo os olhos. Maldito gostosão! Como foi pendurar a calcinha na minha porta? Maldito!

— Não sei o que é isso — minto.

A carola começa a resmungar que estou mentindo, apenas Rogério está se divertindo com a situação.

O Sr. Raimundo me encara com desconfiança, mas como não me movo para pegar a calcinha, ele assente e diz:

— Foi o que pensei! Vamos, Carmem, eu disse que a senhorita Suzana é uma mulher de respeito, não usa essas coisas.

A multidão vai seguindo o Sr. Raimundo, resmungando e apenas Rogério fica ali, me encarando.

— Estou me perguntando como essa calcinha foi parar na sua porta — ele diz.

Faço uma careta, mas logo respondo.

— Eu te conto, se você a pegar de volta para mim.

— Fechado — ele diz se afastando atrás do bolo de carolas curiosas.

Estou satisfeito. Minhas adoradas indianas adormecem ao meu lado e aos poucos o sono me toma. E aí sonho.

Estou em um elevador, as luzes piscam e há um barulho estranho, mas não sinto medo. Logo, ele para em um andar, noto que é o oitavo andar de onde quer que eu esteja. O corredor à frente está vazio, as portas começam a se fechar e então um vulto aparece. Só vejo de reflexo os longos cabelos negros balançando e imediatamente estendo a mão impedindo que as portas fechem. É aí que ela entra.

É estranho como consigo ver claramente cada curva de seu corpo. As coxas torneadas, a cintura marcada pela seda colada e os seios fartos. Maravilhosa. Sinto imediatamente algo apertar o meio da minha calça. Ainda estou viajando em seu corpo quando sua voz diz:

— Só não te acho tudo isso.

Olho finalmente para seu rosto e reconheço Suzana. A safadinha do prédio do Pinto Pequeno. Linda. Então me lembro de que ela bateu a porta na minha cara. Não sei se dou uma resposta espirituosa ou a agarro logo e a faço abrir a porta de seu apartamento, como deveria ter feito desde o primeiro momento. E, antes que eu decida, ela diz:

— Precisou de duas? Não adianta nada. Você não terá duas mulheres para te satisfazer cada vez que pensar em mim e se sentir rejeitado.

Atrevida! Não sei se beijo essa mulher ou se bato nela. No bom sentido, claro, não bato em mulheres.

— Não precisarei delas, já que não pensarei em você — respondo.

Ela cruza os braços levantando os seios ainda mais.

— Mesmo? Então por que está sonhando comigo enquanto tem duas mulheres nuas na sua cama?

— Não estou sonhando com você porque eu quero! Você é uma bruxa intrometida que invadiu o meu sonho! Eu nem me lembro de você!

Ela começa a rir, a gargalhar como uma verdadeira bruxa.

Eu acordo. Abani resmunga alguma coisa e merda, minhas adoradas indianas juntas não causam no meu pau o mesmo efeito que a safada causou em um sonho.

A noite foi uma merda. Dormi mal depois daquele sonho ridículo e ainda fiz muito exercício essa manhã com as indianas. Estou um caco. Quero que entenda que não me importo com a safada da vizinha do Pinto Pequeno, meu sonho com ela e a forma como seu rosto tem tomado minha mente o tempo todo, tem a ver exclusivamente com o fato de ela não ter me deixado entrar. Isso nunca, nunca mesmo, me aconteceu. Assim que meu ego aceitar que ela nem é tão bonita assim, isso vai passar e não restará dela nem mesmo uma lembrança ruim.

Chego a V.D.A. com cara de poucos amigos, mas mesmo assim as meninas do primeiro andar se desmancham ao me dar bom dia. Dessa vez não escolho uma delas para um beijo escondido na escada de saída de incêndio, e sei que as desapontei. Gil está em sua mesa, com seu habitual fone de ouvido, mexendo na cadeira e a fazendo ranger. Quando passo, ela atira uma bola de papel em mim e aponta para a porta da minha sala.

— Detetive — diz sem emitir som.

Ótimo, deve ter alguma novidade ou não teria me procurado na empresa. A cadeira da Gil range mais alto e vejo que ela está rebolando enquanto canta sem emitir som, graças a Deus. Ela nota que estou observando-a, tira um dos fones e me encara:

— O que foi?

— Sabe, Gilcelle, ainda espero o dia em que você vai dar esse show tirando a roupa em cima da mesa.

— Vai sonhando, cretino, eu não recebo para tanto.

Recolho o sorriso pensando se devo aumentar o salário dela enquanto entro em minha sala.

Botelho imediatamente se levanta e me cumprimenta com um aperto firme. Ele é um homem peculiar, é bem baixinho, tem o cabelo grisalho e um bigode cinza. Não é grisalho como o cabelo. É cinza mesmo. Pergunto-me se o homem pinta o bigode e se existe tinta na cor cinza.

— Novidades, eu presumo.

Ele assente e senta-se ereto, com a expressão séria de repente.

— Heitor está na cidade.

Quase salto da cadeira em cima do pobre homem.

— Onde ele está?

— Provavelmente hospedado em algum hotel. Já estou procurando, desde os hotéis mais tradicionais às pequenas pensões da cidade.

— Isso vai ser difícil. Há milhões de pensões e hotéis na cidade. Isso sem contar com a grande BH.

— Eu sei, mas acredito que ele esteja por perto, talvez até mesmo em um dos seus hotéis. Com certeza está sabendo sobre o hotel internacional.

Merda.

— Você acha que ele vai tentar dar o bote?

— Que momento melhor para fazer isso do que agora? Quando a empresa está para receber seu maior investimento? Tenho certeza de que ele planeja fazer isso. Ele pegou um avião para cá há cerca de um mês, usando o nome Sandoval Monteiro.

— Maldito! — Dou um soco na mesa que teria assustado qualquer outra pessoa, menos Botelho. Acredito que já tenha visto coisas demais para se assustar à toa.

— Vamos encontrá-lo, senhor Dantas, não se preocupe.

Concordo com a cabeça, mas não boto muita fé nisso. Não o encontramos nos últimos cinco anos, ele é muito mais esperto do que eu teria imaginado.

Botelho se despede e como sempre, pergunta antes de sair:

— Precisa de mais alguma coisa, senhor Dantas?

— Além das bolas desse maldito em uma bandeja?

Ele assente, já acostumado ao meu linguajar.

— Na verdade, sim. Preciso que descubra se uma pessoa tem algum relacionamento. Uma mulher.

Um sorriso surge por baixo do bigode.

— Imaginei.

— Tenho o nome completo dela, e o endereço.

— Quer apenas essa informação?

— Ah sim, apenas isso. Só preciso saber se o caminho está livre, o resto ela mesma irá me contar.

Ele concorda pegando o papel com os dados da safada da minha mão.

— Esta noite mesmo te dou essa informação, senhor.

Abro um sorriso satisfeito. Esta noite vou saber o motivo de ter sido recusado pela misteriosa Suzana.

Pouco depois que Botelho sai, Matheus aparece em minha sala. Ele fica em pé, como sempre. E parece mal humorado, como sempre.

— Pois não, o que quer Matheus? Não me diga que veio aqui apenas para ver minha secretária.

Imediatamente ele fica tenso e seu rosto ganha uma tonalidade vermelha.

— Na verdade, vim te fazer uma pergunta.

— Sobre a minha secretária? — digo para irritá-lo e ele sorri.

Merda! Ele só ri quando alguém que não é ele está encrencado.

— O que quero saber é, o que o detetive Botelho estava fazendo na sua sala?

Estaco por um momento processando a pergunta. Ninguém deveria tê-lo visto. E de onde Matheus pode conhecer um detetive? Merda! Ele espera uma resposta que não posso dar. Não gosto de manter segredos para meus amigos e sócios. Na verdade, não guardo nenhum segredo deles, exceto esse. Matheus e Sebastian não podem descobrir de maneira nenhuma a burrada que eu fiz cinco anos atrás, não podem nem sonhar que a V.D.A. tem um quarto sócio. Um maldito!

— Vamos, Cleber, estou esperando. O que o detetive Botelho estava fazendo aqui?

— De onde você, o senhor careta, conhece um detetive da laia do Botelho?

Matheus me encara com uma sobrelanceira erguida. Detesto quando ele faz isso, não consigo fazer igual e me sinto inferior.

— Não tente jogar a pergunta para mim, Cleber. Por que você chamou um detetive?

— Para investigar, oras. — Tento enrolar

— Investigar o que?

Fecho os olhos respirando fundo, não posso contar a ele. Como têm acontecido nos últimos dois dias cada vez que fecho os olhos, a imagem da safada batendo a porta na minha cara toma minha mente, e me dá uma ideia.

— Mulher. Eu o contratei para descobrir sobre uma mulher.

Matheus agora ergue as duas sobrelanceiras, claramente surpreso. Rezo para que ele não ache estranho contratar um detetive com a fama de Botelho para uma besteira dessas, mas ele me surpreende.

— Você enxergou algum dente na boca dele?

— O quê?

— Um dente, por baixo daquele bigode. Fico me perguntando por que ele mantém aquilo, minha teoria é que ele quer esconder a banguela. Não deve gostar de dentaduras ou implante, sei lá. — O alívio me percorre me fazendo rir.

— Não, nunca reparei se ele tem algum dente.

— Não dá para ver. — Matheus se aproxima da porta para sair.

— E você? Por que chamou o Botelho? — pergunto.

Ele para na porta e acho que olha para Gilcelle antes de responder:

— Mulher.

Então sai sem sequer olhar na direção dela.

Capítulo 02

Cleber

Vasculho a geladeira e não encontro nada. Penso em pedir alguma coisa, mas eu quero comida caseira, não de restaurante. Na verdade, quero o pacote completo: uma mulher bem gostosa, cozinhando seminua na minha cozinha, para que depois de jantarmos eu possa jantá-la.

O toque do meu celular apaga a imagem da mulata seminua no meu fogão e a voz de Sebastian grita na minha orelha.

— Tenho certeza como está vasculhando a geladeira vazia e pensando em comer alguma mulher.

— Oras, vá para o inferno, homem! Eu me divirto fazendo isso.

— Nós dois sabemos que não. Você precisa de uma mulher, cara. Uma mulher de verdade.

Bufo ao telefone o que o faz rir.

— Para com essa ladainha, homem! Eu tenho várias, e nenhuma delas é de mentira!

— Mas, nenhuma está cozinhando seminua na sua cozinha.

— A Celina está fazendo isso?

— Deus me livre! Ela é péssima no fogão. Agora que está grávida então, só come coisas estranhas. Mas, ela está nua, está sempre nua. — Ele começa a rir ao perceber que estou ficando ainda mais irritado.

Fico feliz que meu amigo esteja feliz, mas ele não precisa esfregar essa cafonice chamada amor na minha cara. Não me agrada saber que meu parceiro, que levava quase a mesma maravilhosa vida que eu, se sinta tão mais feliz preso a uma mulher só. Ainda que essa mulher seja o furacão Celina e sua xoxota mágica. Não entendo como uma pode valer mais do que várias.

— Então, você está me ligando para me convidar para jantar na sua casa?

— Você ouviu o que eu acabei de dizer? A Celina está nua!

— Então não sei que merda está fazendo ao telefone comigo se sua xoxota mágica está descoberta te esperando. — Ouço-o bufar e agora eu estou rindo.

— Já falei para não falar da xoxota da minha namorada, cara! E o que quero saber é quem é essa mulher que mexeu tanto com você a ponto de contratar um detetive para descobrir sobre ela. Não conseguiu fazê-la falar, não é?

Maldito Matheus fofoqueiro.

— E o mais importante — ele continua. — Onde a conheceu? Porque se o detetive precisou ser da laia do Botelho, nem posso imaginar.

— De onde conhece o Botelho?

Será possível que nós três tenhamos trabalhado com o mesmo advogado em segredo?

— Não tente jogar a pergunta para mim, Cleber!

Merda! Minha burrada vai me custar ser motivo de chacota entre os dois, o resto do ano. Mas, ainda é um preço pequeno a se pagar. Se eles descobrissem o verdadeiro motivo de eu ter chamado o Botelho, as coisas seriam bem piores.

— A culpa de tudo isso é sua! Eu a conheci no prédio do maldito Pinto Pequeno! E ela é uma bruxa e não quero mais falar disso, vá comer sua mulher e me deixe em paz!

Desligo o telefone na cara dele e decido eu mesmo preparar o jantar. Isso mesmo, pasmem! Além, de gostoso e bem dotado eu sei cozinhar. Claro que a despensa está vazia, maldita hora em que dei

férias à Arlete, minha musa do lar. Não tenho saída, terei que fazer uma coisa que não faço há tempos, mas cá entre nós, até gosto, vou ao mercado.

Procuro um mercadinho pequeno mesmo, não quero demorar, e imediatamente vou para a sessão de vinhos. Um bom jantar não é nada sem um bom vinho para acompanhar, mesmo que eu vá comer sozinho, e minha cama vá permanecer vazia depois, minha taça estará cheia. Estou concentrado, com uma garrafa de Casillero del Diablo na mão quando um carrinho de supermercado acerta minha traseira.

— Merda! Mas, o que... — Paro de brigar ao ver quem foi a ruim de direção que me atropelou. Seus enormes olhos negros me encaram com surpresa e tenho certeza, que um meio sorriso surgiu em seus lábios por um segundo apenas, antes da máscara de indiferença tomar sua expressão.

— Olá, boa noite — digo abrindo meu melhor sorriso. Uma mulher que estava escolhendo um champanhe um pouco distante pisca os olhos, cora e abre o primeiro botão da blusa sorrindo para mim. Mas, a vizinha misteriosa do Edmundo nem pisca. Escondo a irritação que ameaça me tomar e mantenho o sorriso, foco meu melhor olhar nela, com uma mensagem muito clara: *quero você*.

Ela revira os olhos impaciente e tenta passar por mim. Entro na frente do carrinho para impedi-la e ela o acerta com tudo nas minhas pernas. Solto um palavrão e ela fica ainda mais impaciente.

— Quer sair da frente?

Cruzo os braços em claro sinal de que não estou com pressa e a observo dos pés à cabeça. Usa um vestido cinza, curto, sem cortes ou qualquer detalhe além dos botões enormes. Um vestido que seria broxante em qualquer outra mulher, mas não nela. Não com esses seios fartos e essa cintura fina. De repente, tudo que eu quero é ter essa mulher nua. E terei, ela será o prato principal da noite.

— Por que a pressa, princesa? Foi uma ótima coincidência nos encontrarmos de novo!

— Só se for para você, eu não faço a menor questão.

Seguro o sorriso e contorno o carrinho dela, me apoiando nele ao parar à sua frente.

— Então, não nos apresentamos direito. Sou Cleber — digo estendendo a mão, que ela não toca.

— Sabe, não entendo por que você não gosta de mim, eu fui tão legal com você!

Ela respira fundo. Espero que me lance aquele olhar irritado, mas quando me olha de novo, está com a mesma indiferença estampada no rosto, como se eu nem estivesse ali. Um muro.

— Você me chamou de lésbica.

— E você me disse que não é, então não precisa me odiar por isso.

— Não te odeio por isso, só não gosto de você porque é arrogante, convencido e chato.

— Uau! Acho que estou me apaixonando.

Novamente um sorriso surge em seu rosto por uma fração de segundos antes de ela voltar à expressão normal.

— O que quer comigo?

— Sair para jantar.

Ela parece surpresa, mas logo volta a ser o muro de sempre.

— Você não vai me comer.

Começo a rir.

— Não estou me referindo a esse tipo de janta. Estou realmente *faminto* — digo a última palavra focando o olhar no volume dos seus seios. — Por comida.

— Vá comer sozinho, então, não estou com fome.

— Você é dessas que só come salada? — Olho para seu carrinho repleto de folhas.

— Sou dessas que não está mesmo a fim de conversar com você.

— Você deve ser uma fera na cama!

Ela abre a boca, pisca os olhos e pela primeira vez, sorri. E porra! Que sorriso mais lindo!

— É uma pena que você nunca vai descobrir isso — ela diz se afastando.

Tomo isso como um desafio.

— Nunca diga nunca — digo e ando mais rápido, entrando novamente em sua frente.

Ela não está indiferente. Não há aquele muro de hostilidade em seu rosto. É a minha chance.

— Fico imaginando por que uma mulher que usa uma calcinha vibratória, usa essas roupas tão recatadas.

Por um momento, espero que o muro volte ao seu lugar de sempre, mas ela mantém a mesma expressão leve. Isso! Agora vai! Consegui romper o muro de indiferença da misteriosa Suzana de vez. Mas, claro que eu já sabia que conseguiria. Espero sorridente que ela em dê uma resposta engraçada, como “você me deve uma calcinha”, mas ela diz calmamente:

— Aquela calcinha não é minha. Eu não uso essas coisas — ela diz isso de uma forma tão firme, que chego a acreditar por um momento.

Mas, logo volto a mim, a mulher é realmente mestre em não ter qualquer tipo de reação. Deve ser uma excelente mentirosa.

— Imagino. Que absurdo um objeto tão infame ter ido parar na sua sacola! Um produto de sex shop? Como será que isso aconteceu?

Ela respira fundo pelo que deve ser a décima vez e o muro aparece. Sério, essa mulher merece um prêmio por autocontrole.

— Eu a comprei para uma amiga. De aniversário. Mas, isso não é da sua conta, já que graças a você não a tenho mais.

— Por quê? Alguma vizinha safada embutida a encontrou na sua porta e a roubou?

— Não, o síndico católico fervoroso a encontrou. — O olhar que ela me lança me dá medo.

Sou pego de surpresa.

— Sinto muito. Não foi minha intenção que seu síndico conservador descobrisse que você é uma safada — digo com a minha melhor cara de desculpa.

Ela abre a boca, mas não diz nada. Então respira fundo, pega o carrinho e o empurra com tudo na minha direção. Saio a tempo e me livro por pouco, mas a pilha de garrafas Chadornnay não escapa. A safadinha acerta com tudo o amontoado de garrafas que se espatifam ao chão com um estrondo, e logo há vinho escorrendo por todo o chão.

Suzana está totalmente parada, acho que nem respira, o olhar fixo nos vidros espalhados e no líquido que mancha seu sapato. Avisto ao longe o gerente se aproximando. É minha chance. Aproximo-me dela por trás e passo os braços nas laterais de seu corpo, apoiando as mãos no carrinho e a mantenho presa ali.

— Ui! São garrafas muito caras, adorável safadinha.

Ela não diz nada. Tenho a impressão de que vai chorar. Solto o carrinho e toco levemente sua cintura. Ela não se mexe, e posso sentir como está tensa.

— Eu posso resolver esse pequeno problema para você. Quem sabe assim você não começa a gostar pelo menos um pouco de mim?

— O que quer em troca? — ela diz, com o corpo tenso.

Sorrio e cheiro seu cabelo, preso naquele rabo de cavalo perfeito. Mas, mesmo assim ela permanece imóvel, como se meu rosto não estivesse praticamente enfiado em seu pescoço.

— O jantar — respondo.

— Boa noite, senhores — diz o gerente se aproximando.

— Em um restaurante — ela diz.

— Sem problemas. — Concordo.

— Ok.

— Parece que algumas garrafas de Chadornnay se perderam — ele diz olhando feio para Suzana.

Eu a puxo para meu corpo e mantenho um braço em volta de sua cintura.

— Foi um acidente, eu perdi o controle do carrinho. É só me dizer quanto vai ficar... — eu digo

Suzana finalmente respira e seu corpo relaxa encostado ao meu, enquanto peço desculpas ao gerente e o ressarço de qualquer dano. Estou mais do que feliz, pois finalmente, a safadinha será minha.

Maldita hora em que resolvi ir ao mercado a pé. Ele não é exatamente perto da minha casa, mas também não é longe e eu precisava de uma caminhada. Mas, não teria nem saído de casa se soubesse que o encontraria. Com uma bermuda jeans e uma camisa polo colada aos seus músculos, esse estranho convencido e abusado é o homem mais gostoso que eu já vi na vida. Assim que me olhou e abriu aquele sorriso *molhador de calcinha*, a placa de neon em sua testa se acendeu e eu comecei a hiperventilar. Usei toda minha concentração para parecer indiferente.

E agora, aqui estou eu, no carro dele, indo a algum restaurante e me amaldiçoando por não ter ido ao mercado no meu carro, de forma que poderíamos ir ao restaurante cada um no seu carro e eu poderia passar direto quando ele parasse, e sumir.

Agora, graças a minha mania de sair andando para lugares distantes, vou ter que jantar com esse homem. O pior nem é isso, mas provavelmente eu serei a sobremesa e, Jesus, só de me imaginar sendo saboreada por esse homem igualmente irritante e delicioso, já sinto algo pulsar no meu baixo ventre. Eu sei o que está pensando, por que não dou logo para ele e acabo com isso, certo? Hoje não estamos na minha casa, não há a menor chance de ele entrar em meu quarto, não há desculpas para não aproveitar. E você está certa, não há desculpas, exceto que ele é perigoso. E nem é só por ser lindo de morrer e estupidamente gostoso, mas ele me dá a estranha sensação de que vai me tomar por inteiro, levar tudo, e deixar somente a casca. Como aconteceu da primeira vez. Com outro imbecil e arrogante a quem tive a infeliz ideia de me entregar.

Ainda estou em um completo debate mental entre a Suzana devassa e a Suzana sensata, quando o delicioso Cleber me chama.

— Chegamos.

Olho pela janela o restaurante caro e avisto um homem elegantemente vestido de branco correr até nós, Cleber desce e entrega a ele a chave do carro, então dá a volta e abre a porta para mim, estendendo a mão para ele e um sorriso surge involuntariamente.

— Sou sempre um cavalheiro — ele diz se gabando.

— Quase sempre — corrijo. — Aquele lance da calcinha não foi nada legal.

— Que isso, adorável safadinha. — Ele toca minha mão e um calor percorre cada veia do meu corpo. — Aposto como seu síndico está tendo ótimos sonhos com você agora, usando apenas a minúscula calcinha.

Faço uma careta.

— Aquilo não era para mim! Se não acredita é só comparar o tamanho daquela calcinha e o tamanho da minha bunda! — digo com convicção, parando na entrada do restaurante e empinando o bumbum na direção dele.

Espero alguma piadinha, mas ele engole em seco.

— Ah, mas eu já pensei nisso. Pensei muito. E acho que aquela calcinha minúscula foi feita especialmente para sua bunda — ele diz com a voz baixa, carregada de desejo.

A recepcionista pigarreia e desvio o olhar de Cleber, reparo então que os outros casais que entravam atrás de nós também reparavam minha bunda. Seguro o sorriso e sigo Cleber, que também sorri, até uma mesa.

Enquanto passamos entre as mesas, várias cabeças femininas se viram para olhá-lo. Mesmo acompanhadas, elas comem Cleber com o olhar e me sinto, por um momento, superior por ser eu sua acompanhante. Pare já com isso, Suzana! Se sentir assim é atitude de gente fútil, como ele. Quando ele puxa a cadeira para mim e toca de leve meu braço ao fazê-lo, outro choque de calor percorre meu

corpo. Merda. Cale-se agora, Suzana sensata, a devassa venceu, eu preciso dar para esse homem. Você não entende, mas espero por ele há anos!

Finjo olhar o cardápio enquanto luto para esconder o desejo que me consome.

— Então, ainda não me disse seu nome — ele diz.

Quando vou responder, Move like Jagger do Marroon 5 toca, e ele estende o dedo me pedindo um momento para atender ao celular.

— O que foi, Matheus? Não posso falar agora.

Ele começa uma discussão de trabalho ao telefone e faço um sinal indicando que vou ao banheiro.

Estou nervosa, me sinto uma adolescente que vai perder a virgindade. Por que fui sair com esse vestido horroroso? Abro o primeiro botão e confiro o sutiã, sexy. Respiro aliviada. Não pense que fiz pouco sexo, só não fiz ainda um sexo realmente bom, e Cleber será um sexo excelente, a placa de neon estava lá, na sua testa e no meio das suas pernas. O motivo do meu nervosismo é que faz muito tempo que minha “casa” não recebe “visitas”, e temo que já esteja coberta por teias de aranha.

De repente a porta do banheiro abre com força e ele aparece, antes que eu possa dizer que é o banheiro feminino ele bate a porta e a tranca. Pronto! Já estou hiperventilando de novo!

Ele anda até mim, vagorosamente, me avaliando como um predador, e me sinto a própria presa, prestes a ser devorada. Recuo até me recostar na pia, e em dois passos rápidos ele me alcança, me pega pela bunda me levantando e me deposita na pia. Sinto o frio do mármore na minha pele e o calor dele quando se encaixa no meio das minhas pernas e...

— Moça, está passando bem?

Pisco os olhos, confusa, e Cleber some. Mas, ainda sinto o frio do mármore na bunda. Merda.

Desço da pia completamente sem graça e digo que estou bem, então saio quase correndo do banheiro.

Era sobre isso que eu estava falando quando disse que sou duas. A pervertida que há em mim às vezes toma minha mente de tal forma, que saio de mim e me sinto como se estivesse realmente vivendo essas ilusões. Infelizmente a pervertida nunca consegue finalizar uma dessas visões, ou seja, nunca chega ao ponto de eu ver o “visitante”, por isso, esses ataques da pervertida só servem mesmo para me constranger.

Assim que saio do banheiro, no elegante corredor, avisto os ombros perigosamente largos, e braços enormes bem delineados pela camisa branca. Aproximo-me de mansinho e escuto o que ele está falando.

— Umas garrafas de vinho. Só tive que pagar algumas para conseguir levar a safada da vizinha do Pinto Pequeno para cama.

Paro onde estou, não sei o que é Pinto Pequeno, mas tenho a impressão que ele está falando de mim.

— Eu disse que ia tê-la. Você sabe que eu sempre consigo as mulheres que eu quero, cara. Ela é só mais uma. Amanhã de manhã eu sumo e não vou mais me lembrar de que ela existe.

Filho de uma puta! Volto à mesa revoltada e tento me recompor antes que ele apareça.

Entenda meu ódio mortal por esse imbecil. Eu não queria que ele me procurasse de novo e nem que se lembrasse de mim depois de hoje à noite, mas não admito em hipótese alguma ser “só mais uma”. Não sou só mais uma. Sou a mulher que bateu a porta na sua cara, que lhe disse não, diversas vezes. Mereço mais do que ser chamada de só mais uma! Eu o odeio! Daqui a pouco o ódio passa, mas até lá, o senhor convencido vai aprender que quando uma mulher aceita um convite para jantar, definitivamente ela não está aceitando também ser o prato principal.

Capítulo 03

Suzana

Volto à mesa e trato de esconder a raiva que estou sentindo. Ele não demora a voltar, com um sorriso enorme estampado na cara de pau. Senta-se imponente à minha frente e chama o garçom. Pede um vinho qualquer e pisca para mim.

— Essa noite pede um vinho, não acha?

“E o pede escorrendo pela sua cara”, penso em falar, mas apenas forço um sorriso. Ele me encara, com seus olhos verdes bem fixos nos meus, de repente sua expressão brincalhona sumiu.

— Está tudo bem? — pergunta.

Não adianta bancar o preocupado agora, cretino! Vou acabar com você!

— Não poderia estar melhor! — respondo fingindo que quero esconder o sarcasmo e ele arregala os olhos e engole em seco.

— Você ia me dizer seu nome quando fomos interrompidos.

— É verdade, quem era ao telefone?

Ele parece confuso com a pergunta.

— Um amigo, e sócio — responde.

— Hum.

Beberico o vinho e olho para o homem da mesa ao lado. Ele está acompanhando por outro homem, mas devido a sua postura e expressão, estão falando de negócios. Olho fixamente para ele enquanto saboreio o delicioso vinho e ele acaba reparando. Olha-me de volta, mas desvia o olhar. Droga! Eu deveria ter vindo com um vestido melhor! Mas, nada nesta noite incomum foi planejada. Insisto, continuo encarando o vizinho de mesa enquanto Cleber fala. Ele percebe, pois pigarreia, fala mais alto, esbarra em meu pé “sem querer” por debaixo da mesa. Está ficando irritado. Ele me pergunta alguma coisa, mas respondo apenas um murmuro.

— Hum.

Então, abandonando completamente o papel de um cavalheiro, ele puxa minha mão, derramando vinho na toalha de mesa branquinha.

— Quer prestar atenção em mim?

— Olha o que você fez! — respondo apontando para a toalha manchada.

— Eu pago outra toalha! Pago até outra mesa se for preciso, mas preste atenção em mim!

Seus olhos verdes faíscam, está muito irritado e isso diminuiu um pouco meu ódio, mas não o suficiente para desistir de colocá-lo em seu devido lugar. Se há uma coisa que todo homem convencido odeia, é não ser o centro das atenções. Eu, uma reles mortal, sentada à mesa com um aparente deus do sexo, e olhando para o homem da mesa ao lado, é algo inconcebível para alguém como esse tal Cleber. Seu rosto mudou a tonalidade pelo menos três vezes enquanto tentava chamar minha atenção e sua expressão antes convencida, ou maliciosa, agora se resume a uma carranca de indignação com um toque de confusão e ceticismo. Vai Suzana!

— Poxa! Você é estressado, hein?!

Ele respira fundo, engole em seco e quando volta a falar, sua voz é um poço de calma.

— Você ia me dizer seu nome.

Eu o encaro e ele serve mais vinho na minha taça.

— Acho que não — respondo e olho novamente para a mesa ao lado.

O nosso vizinho de mesa é um homem alto, com a barba por fazer, elegantemente vestido e boa pinta. Olha-me de novo. E de novo. Isso! Minha mãe dizia que para uma mulher chamar a atenção de um homem, ela precisa fazê-lo desejá-la. Eu sempre pensei que o que chama a atenção de um homem não é a quantidade de pele exposta, e sim a atitude da mulher. Estou com um vestido horroroso, sem maquiagem e com o cabelo bagunçado, mas minha demonstração clara de interesse chamou a atenção do vizinho de mesa. Isso, mãe, você estava errada!

Cleber olha para a mesa ao lado e o vizinho imediatamente desvia o olhar. Bundão.

— Você quer ir se sentar naquela mesa? — pergunta irritado.

— Adoraria. Mas, acho que estão falando de trabalho. Então ficarei por aqui mesmo.

Ele parece perplexo. Quero rir da sua cara de tacho, mas ele demonstra por pouquíssimo tempo. Logo seu sorriso sedutor aparece e ele segura minha mão. Começa a desenhar pequenos círculos com seus dedos nos meus, pressionando e afastando os dedos. Dedos habilidosos. Tiro minha mão da sua com um puxão que o faz rir. Você venceu essa, imbecil. O placar ainda é 2x1 para mim.

— Já que não quer me dizer seu nome, vou chamá-la de adorável safadinha.

Faço uma careta, minha vontade é dar um apelido à altura, mas isso seria demonstrar que me importo com o que ele faz, e eu não me importo! Dou de ombros e a decepção passa por seu rosto. Ele faz o pedido por mim, sem me consultar antes, então me encara, avaliando minha reação e percebo o que ele quer. Me irritar. Quer que eu me importe o suficiente para reagir. Ah! Querido estúpido, você não terá reação alguma de mim. Eu o encaro de volta e ele bufa.

— Tudo bem o pedido que fiz?

— Perfeito.

Ele se recosta na cadeira e me lança seu melhor olhar, finge se espreguiçar e sua blusa sobe, revelando um pedaço da sua barriga e alguns pelos. Meu olhar se prende ali, naquele caminho que desce, e quando digo se prende, quero dizer que não olho para outra coisa que não seja aquele caminho de pelos mais escuros descendo por aquela barriga definida até o cós de sua bermuda, até que ele pigarreia e pergunta com a voz baixa:

— Quer ver o resto agora, safadinha?

— O quê? — Pisco os olhos desnorteada voltando a mim.

Ok, estúpido, ainda está 4x2 para mim. Rapidamente ele se levanta e senta-se ao meu lado, passeia o dedo por meu braço, bem de leve, e sinto meu corpo todo arrepiar. Tento manter os pensamentos em ordem, mas é difícil fazer o mesmo com as reações do meu corpo. Ele encosta a boca em meu ouvido.

— Vamos só comer primeiro. Depois, farei de você a mais deliciosa sobremesa — sussurra.

Abro os olhos e controlo a respiração. Sobremesa? Não serei sua sobremesa, querido. 4x3 agora, mas não permitirei que vire o jogo. Por um minuto, não sei o que fazer. Se eu me afastar rápido demais ele vai saber o quanto me afetou e que estou fugindo. Então, exigindo tudo de meu autocontrole, deixo que ele permaneça perto demais de mim.

— Vamos apenas comer, querido — digo calmamente, bebericando novamente o vinho.

Ele se afasta um pouco, com o sorriso convencido de quem acha que não resistirei a ele.

— Não precisa se fazer de difícil, safadinha. Nós dois sabemos que sou muito melhor do que minúsculas calcinhas vibratórias — diz.

Beberico novamente o vinho.

— Não estou certa disso. E nem quero descobrir, na verdade — respondo com a voz mais calma. Então olho diretamente para ele e solto minha melhor mentira verdadeira. — Não estou me fazendo

de difícil, mas você não precisa se fazer de burro. Eu já disse que você não faz meu tipo. Imagino que deve ter um monte de garotas por aí aos seus pés, portanto, procure uma delas. Fica até chato ficar insistindo assim.

Ele me olha em choque, abre a boca e se afasta em um pulo. No movimento, esbarra a mão na minha, virando o vinho no meu vestido. Minha vontade é soltar um palavrão e virar o resto da garrafa nele, mas é a garota sensata quem está aqui. Limpo a mancha com o guardanapo e ele faz o mesmo, me pedindo desculpas desesperadamente. Finalmente o garçom chega com a comida, Cleber me encara com aquela cara de cachorrinho que caiu da mudança e pergunta se eu ainda quero comer. Posso ver a culpa refletida em seu olhar e me seguro para não rir. Faço toda uma cena, esperando, como se estivesse pensando, e quando olho para a porta, ele diz:

— Por favor, aceite o jantar. Não posso permitir que saia sem comer depois de tudo isso. Sei que fui um idiota, mas ao menos prove a comida do restaurante.

Ele me olha fixamente, parece arrependido. Quando assinto, um meio sorriso surge. Esperto! Ele está jogando. Viu que ser mais atirado e convencido não funciona e vai bancar o bom moço. Claro que eu não pretendia sair sem comer, ainda mais depois de ser manchada por esse estúpido. Ele deveria bancar meus jantares o resto da vida.

Depois disso, comemos no mais absoluto silêncio, o senhor Convencido me olha o tempo todo, mas finjo que não estou vendo e me concentro no risoto de camarão à minha frente. Mas, a maneira como ele olha, fixamente por um tempo em cada detalhe do meu rosto, me desconcerta. Às vezes, um sorriso surge em seu rosto, desaparece quando seu olhar fixa em meus lábios. Fico totalmente presa àquele olhar, a forma como me olha, a clara mensagem que está me mandando, me sinto derreter na mesa, mas volto a mim a tempo. Homem convencido e idiota, Suzana, alerta! Consigo me livrar do magnetismo do olhar dele e tento comer mais rápido, para ir embora logo.

— Como conseguiu essa cicatriz? — ele pergunta de repente.

Eu o encaro, confusa, e ele aponta o dedo na direção dos meus seios.

— Essa, acima dos seios.

Automaticamente toco a cicatriz, me perguntando como ele conseguiu enxergá-la da distância em que está. É uma marca bem pequena, e quase apagada. Eu a consegui fazendo algo que o senhor Convencido nem pode imaginar que faço.

— Caí de uma árvore quando era mais nova.

Ele me observa atentamente.

— Você está mentindo. Percebi que seu rosto cora levemente quando você mente, e você também abaixa os olhos.

Não consigo pensar em nada rápido o bastante e ele sorri enquanto volta a comer. Faço exatamente isso quando minto e ele ter percebido me irrita, ninguém nunca reparou.

— E como é que você poderia saber isso?

— Você faz isso cada vez que diz que eu não faço seu tipo.

— Você não faz mesmo meu tipo! — digo com convicção sem olhar para baixo e ele larga de novo a colher.

— Ok, vamos ser realmente sinceros aqui, senhorita misteriosa. Se não faço o seu tipo, devo presumir que só aceitou esse jantar para não ter que pagar pelos vinhos?

Dou de ombros e termino rápido minha refeição.

— Não, eu não pretendia pagar mesmo. Ia jogar a culpa em você. Mas, aceitei o jantar porque achei que você estava muito carente e quis fazer uma boa ação.

— Boa ação? — Ele está quase gritando.

Assinto com a cabeça enquanto limpo a boca.

— Então sair comigo foi uma boa ação?

Assinto novamente e seguro o sorriso. Quando acho que ele vai explodir, o garçom se aproxima e me entrega um papel. Olho para o lado e o vizinho de mesa pisca para mim se despedindo. No papel, há o número do telefone dele. Uau! Autoconfiança é tudo!

É o bastante para Cleber, ele pede a conta de uma maneira quase rude, agarra meu braço e me arrasta para fora do restaurante, no melhor estilo homem das cavernas. Somos a atração, eu a mulher bagunçada com uma mancha roxa no vestido cinza e ele quase um vulcão em erupção. Ele praticamente me joga no carro e durante o caminho até meu prédio, fica repetindo as palavras “boa ação”. Ops, acho que danifiquei seriamente o ego dele. Bem feito! Para aprender a não me chamar de só mais uma.

Ele para em frente ao meu edifício e saio mais do que feliz. Nem termino de fechar a porta, ele arranca com o carro. Fico ali parada, me decidindo entre ter um ataque de riso ou me sentir triste porque não terei mais um sexo excelente, mas logo um barulho chama minha atenção e percebo que ele está dando a ré. Ele para na minha frente, desce do carro e vem até mim, ainda nervoso.

— Que tipo de homem faz o seu tipo?

Pisco os olhos, aturdida, e não consigo mais conter o sorriso.

— O homem que não chama a mulher que levou para jantar de apenas mais uma.

A compreensão toma seu rosto e ele pisca os olhos, parece sem graça, mas logo um sorriso surge.

— Então, toda essa apatia foi por isso? Você ouviu minha conversa e ficou chateada?

— Você é um idiota — digo calmamente.

— Sim, sou mesmo. Mas, a maioria dos homens é. Pelo menos sou um idiota que pode te dar muito prazer. Será que essa parte não compensa? Você será só mais uma, mas será mais uma muito bem comida.

— Não, obrigada. Dispensio ser sobremesa de homens convencidos e fúteis.

— Ah, minha adorável safadinha. Devo confessar que foi até divertido. Mas, desisto. Você já me deu muito trabalho, e não vale tanto esforço.

O maldito dá um beijo na minha testa, entra no carro assoviando e vai embora. E apesar de o placar final ter sido favorável a mim, me sinto como se tivesse perdido a batalha. Sem problemas, de qualquer forma, não o verei mais.

Chego em casa ainda meio fora do ar com essa noite surreal. Você se lembra, eu só queria ir ao mercado, comprar algo e preparar eu mesmo o meu jantar. Estava conformado em passar esta noite sozinho e tranquilo na minha casa, mas a maldita misteriosa tinha que aparecer! No momento em que a vi, e que ela sorriu para mim, voltar para casa sozinho deixou de ser uma opção. Mas, mais uma vez ela me nocauteou. Entendo que ela tenha ouvido minha conversa e ficado irritada, mas porra, eu fiz de tudo! Eu massageei seus dedos, lancei meus melhores olhares e sorrisos, falei ao pé do ouvido, levei-a a um restaurante caro, toquei seus braços levemente com a ponta dos dedos, eu fiz de tudo! E por mais que ela estivesse irritada e disposta a me dar o fora, ela não sentiu nada! A mulher é como uma pedra de gelo. Enquanto eu estava pegando fogo na cadeira da frente, só esperando um sinal para avançar, ela nem se importava com o que eu estava fazendo. Não pode ter sido por autocontrole. A mulher é fria mesmo. E que saco! Não existe mulher fria diante de mim! Sou mestre em derreter gelos. Quem ela pensa que é para andar por aí com essas roupas cobertas demais, essa cara de comportada e agir como se fosse a mulher mais gostosa do mundo que tem o direito de fazer uma boa ação jantando comigo? Boa ação?

Nem vou comentar aquela merda de paquerar o cara da mesa ao lado, e o filho da mãe ainda dar o telefone para ela! A noite foi uma verdadeira merda!

Mas, agora acabou, Suzana sairá da minha cabeça neste momento. Eu levei um fora, beleza, tenho que aceitar e me recompor, ela nem é tudo isso. Eu pego mulheres muito mais bonitas que ela diariamente, não quero mais vê-la, não quero mais nenhum tipo de contato com ela!

Tomo um banho gelado e me jogo na cama emburrado. Viro uma dose de uísque para relaxar e apagar. Mas, meu celular toca. Atendo sem nem ver quem é e a voz de Botelho me lembra novamente a maldita Suzana.

— Senhor Dantas, me desculpe por ligar a essa hora. Tentei ligar para seu celular a noite toda. Tenho a informação que me pediu.

— Não tem problema, Botelho.

— Na verdade, descobri umas coisas bem interessantes sobre essa mulher. Ela é, podemos dizer, incomum.

— Ah, isso eu já percebi.

— O senhor quer saber tudo o que descobri? Porque precisaria te mandar os arquivos, é muita coisa mesmo!

Saber sobre ela? Não quero mais ouvir falar dessa mulher! Só quero ter certeza que a peste é casada. É isso. E me fez de bobo fingindo não se interessar quando na verdade o problema dela é desejar apenas outro homem. Sebastian virou um bundão depois de se apaixonar, aposto como o pau dele nem sobe mais para outra mulher que não seja a Celina, com as mulheres isso deve ser bem pior. Elas devem amar mesmo, tipo nem olhar para outros homens e menos ainda desejá-los. Normalmente, eu conquisto até as mulheres comprometidas, mas talvez, a misteriosa Suzana seja uma dessas que se apaixona pra valer e ame apenas o marido azarado dela.

— Não quero saber sobre a vida dela. Apenas a informação que te pedi. Ela é casada, não é?

— Não, senhor. Suzana Leal é solteira. E mais, ela nunca teve nenhum namorado.

— Então ela é lésbica, não é? — Tem que ser, não há outra explicação.

— Ah, isso não é mesmo, na verdade, essa mulher tem uma história...

— Pode parar por aí, Botelho, não quero saber mais nada sobre ela. Obrigado pelo trabalho.

— Tudo bem senhor, boa noite — ele diz e posso notar a decepção em sua voz.

Atiro o telefone e enfio a cabeça debaixo do travesseiro. Merda! Nunca teve um namorado, mas também não é lésbica. Será que é assexuada? Tem vocação para freira? Qual o problema dessa mulher?

Acabo dormindo pensando na maldita e claro que sonho com ela. Estamos em um restaurante, mas ele parece estar vazio. Porém, de alguma forma eu sei que ela é minha companhia da noite, mas não sei onde ela está. Chamo seu nome e ela me pede silêncio. A excitação me toma com o som de sua voz, ouço o barulho de saltos pelo piso, se aproximando. A luz no restaurante está baixa e então a vejo. Usa um vestido curto, com uma fenda enorme na frente que revela suas belas coxas. Arrasto a cadeira para trás e me preparo para puxá-la para meu colo. Meu pau já está acordado e totalmente alerta pela presença dela. Ela sorri para mim, aquele sorriso lindo e tenho que me conter para não ir até ela e agarrá-la. Ela dá mais um passo na minha direção e diz:

— Hoje não farei uma boa ação.

— O quê?

Então a maldita dá dois passos na direção oposta a minha e monta no colo dele. O homem com quem ela paquerou descaradamente durante nosso jantar. Ele a beija, apertando sua bunda com as mãos enormes e peludas. Levanto-me indignado para puxá-la dali, dizer que ela é minha, mas quando me aproximo, um barulho enorme nos faz olhar na mesma direção. Há uma luz e aí eu acordo.

— Caralho! — A luz do sol quase me cega, esqueci-me de fechar as cortinas à noite.

Levanto-me e corro para tomar banho. Bruxa, essa mulher é uma bruxa, igual essas malvadas de contos de crianças, é isso. Não gosta de ninguém, não é capaz de sentir atração. E ela me enfeitiçou. Meu dinheiro, vai me enlouquecer até me tirar tudo, mas nunca me deixará tocá-la. É isso. Começo a bolar uma história na minha cabeça que preenche direitinho os buracos deixados por essa bruxa e me sinto acalmar enquanto corro até a V.D.A., preciso chegar mais cedo, e conversar com Sebastian. E merda, ele vai acabar comigo depois de ouvir o que vou dizer.

Paro para dar bom dia às meninas do 1°. Não tenho sido educado ultimamente e elas não têm culpa do meu mal humor. Ao invés de ir para a minha sala, vou direto para a sala do Sebastian. Ele ainda não chegou, mas fico esperando, não consigo ficar quieto, me levanto e olho seus quadros, então começo a mexer nos enfeites da mesa, há uma foto da Celina sobre a mesa, linda. Eu a ajeito no lugar, sento em sua cadeira e abro a gaveta. Fecho a gaveta. Abro a segunda gaveta. Fecho a segunda gaveta. Abro a terceira gaveta e, uau! Tiro as fotos com um sorriso enorme no rosto. Celina de enfermeira. A famosa de dominatrix. Vestida de coelhinha da playboy. A porta abre e ao ver minha cara e o que está em minhas mãos, Sebastian joga a pasta no chão e corre até mim, tirando as fotos com um puxão.

— Mas, que merda está fazendo aqui Cleber? Essa não é sua sala! Essa não é sua mulher!

Levanto-me ainda rindo e volto para meu lugarzinho em frente sua mesa.

— Acalme-se homem! Estava te esperando e por acaso achei essas fotos.

— Por acaso? Elas estavam na terceira gaveta, seu safado. Não tem como ter achado as fotos por acaso.

Ele dá uma olhada nelas e seu sorriso aparece.

— Mas, pode falar, minha noiva é a mulher mais gostosa que você já viu.

Até poderia concordar se a imagem da Suzana bruxa, como a vi no sonho, com aquele vestido curtíssimo não escolhesse esse momento para aparecer.

— Posso já ter visto melhores, nos meus sonhos.

Sebastian me olha imediatamente.

— Espero que a Celina não faça parte dos seus sonhos.

Meu sorriso some e me levanto. Fico dando voltas para tentar explicar. Tento falar um monte de vezes, mas há algo na minha garganta me impedindo, não sei o que é, mas as palavras não saem. A risada de Sebastian me faz olhá-lo e ele está sentado em sua cadeira, com os braços apoiados nos cotovelos, olhando para mim e rindo.

— Patético. O Matheus me disse que saiu com a bruxa ontem. O que houve?

— Tenho um problema — digo sério e seu sorriso zombeteiro desaparece.

— Ela está grávida. Merda, Cleber, a Celina vai matar você por impedir que nosso bebê seja o único. E está ferrado! Está vendo minha cara de sono? Não dormi nada! A Celina teve desejo de comer melancia de madrugada. Agora já deixei um estoque na geladeira.

Ele continua falando sobre as coisas que a Celina anda fazendo, mas se cala quando percebe que estou em outro lugar.

— Vamos cara, bote para fora, qual o seu problema?

— Ando tendo pesadelos.

Sebastian me olha concentrado, aguardando que eu explique melhor.

— Com uma mulher — concluo.

Então ele cai na gargalhada.

— Ah, Cleber, meu amigo, só mesmo você para acabar com meu mau humor por ficar sem sexo. Pesadelos com uma mulher? Primeiro você fica obcecado por uma, depois tem pesadelos com outra, onde será que vai parar?

— Não são duas mulheres, é a bruxa! Os pesadelos são com ela.

O sorriso some do rosto dele e me encara sério.

— Tá legal, Cleber, você está me preocupando, porra! Que tipo de mulher é essa que precisa ser investigada por advogados como o Botelho e te dá pesadelos?

— Uma bruxa! — respondo. — Que me deu o primeiro fora da minha vida e não sai da minha cabeça.

Começo a puxar os cabelos, tentando tirá-la dali.

— Saia da minha cabeça, Suzana maldita. Saia agora!

A risada de Sebastian é tão alta, que Maura entra na sala perguntando se está tudo bem. Após ela sair, ele ainda com dificuldades em falar, diz de uma maneira arrastada e tentando abafar o riso.

— Caramba, Cleber! Quando disse que ia rir da tua cara de bobo apaixonado, não pensei que fosse acontecer tão rápido.

— Eu não estou apaixonado, seu imbecil! — digo dando um soco na mesa. — Eu disse que tive pesadelos e não que sonhei com a mulher.

— Ela te deu um fora? Acho que nunca vi isso acontecer.

— Porque isso nunca aconteceu.

Agora mais calmo, Sebastian parece ter entendido onde quero chegar.

— Então a sua obsessão com a bruxa é por que ela te deu um fora? Seu primeiro fora?

— Exatamente!

— A Celina me deu vários, e veja onde isso me levou. Se quer um conselho meu amigo, fuja enquanto é tempo. Ela vai se tornar uma obsessão, então vai ser a melhor coisa na sua vida. E aí quando uma ex qualquer das muitas que você pegou resolver aparecer, ela vai te tratar aos gritos e fazer greve de sexo. É uma merda.

Então eu começo a rir.

— A Celina está de greve? Homem, você é patético!

Ele me encara com uma careta:

— Não sou eu que ando tendo pesadelos com uma mulher que me deu um fora. Isso sim é patético.

Volto a me sentar e cruzo as pernas.

— Somos dois patéticos.

— Vá falar com a Celina — ele diz.

— Eu não. Ela já me assusta com o humor normal, com a Vernee na sua casa e uma greve de sexo quero distância dela.

— Não seja um bundão. Vá falar com ela, pedir um conselho.

— Sobre o quê?

— Sobre você e essa tal bruxa. Fale com ela, explique as coisas, ela saberá o que fazer.

— Ela vai rir da minha cara.

— Isso ela vai fazer de qualquer jeito, meu caro. Porque eu faço questão de rir com ela mais tarde.

Talvez seu primeiro fora seja o motivo perfeito para me reaproximar dela.

Eu me levanto e nem acredito que estou mesmo indo pedir conselhos à maluca da Celina, mas, que seja. Ela domou o Sebastian, deve saber o que faço para reverter o feitiço da bruxa.

— Vai falar com ela? — Sebastian pergunta.

— Sim, você tem razão, ela deve saber o que fazer. Nada melhor que uma bruxa para entender a cabeça de outa.

Sebastian abre aquele sorriso maricas e diz:

— Diga a ela que a amo.

— Eca! Nem fodendo! Não digo essas palavras amaldiçoadas começadas com A.

— Melhor começar a dizer se quiser ter sua Bruxinha na cama.

Solto um palavrão e saio resmungando e Sebastian ainda está rindo quando viro o corredor.

Ali está, sentada em sua mesa, concentrada em alguns papéis, de longe até parece inofensiva, mas eu sei que de inofensiva, Celina Morelli não tem nada. Penso se estou fazendo a coisa certa ou se devo correr como um covarde, quando sem desviar o olhar dos papéis, ela diz:

— O que quer, Cleber? O Matheus ainda não chegou.

Sou pego no pulo pensando em fugir. Ajeito a gravata e me aproximo dela.

— Não queria falar com ele.

— Então por que está parado aí me olhando como se eu fosse apavorante?

— Porque você é apavorante.

Ela finalmente olha para mim e sorri.

— O que você quer? Não veio a mando do Sebastian, não é?

— Jamais arriscaria minha vida assim.

Ela cruza os braços e me encara.

— Então.

Puxo uma cadeira e me sento de frente para ela. Tento parecer calmo e explicar as coisas da maneira menos ridícula possível.

— Tenho um problema. — É a única coisa que consigo dizer.

Ela me olha por um tempo, depois dá de ombros.

— Bem-vindo ao mundo real, todo mundo tem.

— Você não entendeu. Meu problema tem pernas longas, se veste como uma mulher respeitável e culta, mas quando abre a boca é totalmente malvada. E ela é uma bruxa.

— Uma bruxa?

Acho que ela está tentando esconder um sorriso, mas não tenho certeza.

— Sim, e me deu um fora.

Celina me avalia por um bom tempo, parece estar em outro mundo. Começo a achar que está pensando nos foras que deu no Sebastian, ou em alguma coisa relacionada a ele quando ela diz:

— Se ela não tivesse te dado um fora, ainda assim seria um problema?

Penso no que aconteceria naquele primeiro dia, no prédio dela, se ela tivesse agido como uma mulher normal e aberto a porta. Nós teríamos transado, muitas vezes, provavelmente, então eu sairia de lá e nunca mais sequer pensaria nela.

— Não, não seria problema algum.

Celina me encara de novo, com uma careta.

— Oras, vê se cresce Cleber! Aja como um homem e aceite que você levou um fora! Você foi rejeitado! Pronto! A mulher não te quis, mas não deve ser perseguida por isso, deixe a pobrezinha em paz!

— Você não precisa ser tão maldava!

— Nem você tão cretino! Então a mulher não tem direito de te dizer não?

— Você não entendeu. Não estou chateado porque ela disse não, estou obcecado. Sabe o que é obsessão? Agora eu sei! Eu chego a sonhar com a maldita mulher e não me senti saciado com minhas adoráveis indianas! É um feitiço, Celina! A mulher é uma bruxa!

Espero que ela vá rir, sei que estou ridículo, mas ela parece estar com pena. Merda, isso é pior ainda.

— Em primeiro lugar, eu odeio essas indianas. Em segundo, foi somente um fora, e ela não é bruxa coisa nenhuma. O feitiço está todo no seu ego avantajado que não aceita ser rejeitado.

— Você é uma bruxa tanto quanto ela — rebato.

— Cleber eu não vou dizer o que você quer ouvir. Não acho que ela seja má ou tenha agido errado em bater a porta na sua cara, na verdade, ainda bem que ela fez isso. Você e o Sebastian são dois idiotas, pervertidos e convencidos e merecem mesmo ouvir a palavra não repetidas vezes.

— Não dá para falar com uma mulher em greve de sexo — digo e me levanto, mas Celina de repente se levanta e grita:

— Sente-se aí agora mesmo, Cleber Dantas!

Eu me sento imediatamente. Ela se senta em seguida e me olha, como se nada tivesse acontecido e ela estivesse com o melhor dos humores.

— Eu sei como tirar essa mulher da sua cabeça. Melhor, posso te ajudar a conquistá-la. Mas, o que quero saber antes, é se você pretende mesmo ficar com ela.

— O que?

— Você vai ficar com ela? Ou quer apenas fazer com que ela mude de ideia para ressuscitar seu ego assassinado?

— Cruel.

— Responda!

— Não vou ficar com ela. Não estou apaixonado pela mulher, Celina, só não consigo tirá-la da cabeça.

— É quase a mesma coisa.

— Não, não é.

— Nesse caso, Cleber, eu espero que você tenha ao menos a decência de entender que não pode invadir a vida de uma pessoa e conquistá-la apenas para não se sentir rejeitado. Se não tem mais nada do que um pau para oferecer a ela, deixe-a em paz.

— É um super pau. O melhor que ela vai ter na vida.

— Pau nenhum no mundo compensa um coração partido.

— Não gosto de conversar com você. Não sei onde estava com a cabeça para vir aqui te pedir conselhos.

— Não gosta porque sabe que estou certa. E também não entendo o que deu em você. Quem em sã consciência pediria conselhos amorosos a mim?

Dou de ombros enquanto me levanto.

— O gay do seu noivo mandou dizer que a ama.

— Diga a ele que vá a merda!

Um sorriso involuntário surge em meu rosto.

— Celina, eu também te amo.

— Cleber, não vou mandá-lo à merda porque você já está nela.

Saio dali antes de começarmos outra discussão onde serei nocauteado pela segunda mulher na minha vida. Mas, sendo ela a Celina, isso nem me constrangeria. É a Celina, todo mundo sabe que ela é louca, e claro, a pessoa mais esperta e inteligente que conhecemos.

E ao chegar à minha casa à noite e olhar minha cama vazia, pela segunda noite consecutiva, aceito que a maluca da Celina está certa. Não vou atrás dela. Não vou fazer nada para conquistá-la só para dizer que posso ter tudo o que quero. Não posso. Vou aceitar isso e partir para outras. E a misteriosa Suzana Leal, não quero mais vê-la. Que seja feliz com seus apetrechos de sex shop e sem um pau de verdade. Só para que fique bem claro, eu a conquistaria se quisesse, mas não quero. Vou ser um bom homem e deixar a Bruxinha em paz. Chega de Suzana, chega de feitiços, chega dessa obsessão estranha.

Nessa noite, durmo como uma pedra, e a maldita não aparece em meus sonhos. Capítulo encerrado, nunca mais sequer irei vê-la.

Depois de um banho gelado, não tenho ânimo para brincar, nem com Huguinho, meu melhor amigo. Acho que não falei sobre o Huguinho não é? É um vibrador, claro. O melhor amigo de uma mulher sempre é um vibrador. Não, não pode ser um pau, pois paus infelizmente possuem corpos masculinos para sustentá-los, e esses corpos masculinos geralmente são imbecis completos que não valem a pena ter por perto, nem que o pau seja realmente esplêndido. Então amigas, arrumem um vibrador, ele te dá prazer, te escuta sem reclamar, não te pede nem cobra nada e nunca falha. Voltando ao Huguinho, ele é roxo. Acende no escuro, claro, só falta tocar um musiquinha sexy, do Justin Timberlake, por exemplo, para ser completamente perfeito.

De banho tomado, sem vontade de brincar e sem paciência para ver televisão, só me resta a internet. Abro o Google, passeio entre coisas que na verdade não me interessam, até que canso de bancar a difícil para mim mesma e vou ao que interessa, o tal Cleber. Pela forma como muitas mulheres o olharam essa noite, imagino que seja conhecido.

Digito Cleber, e aparecem um monte de Cleber, nenhum é ele. Digito Cleber rico e gostoso, mas nada. O que será que ele faz? Tento puxar pela memória se ele me disse o sobrenome ou qualquer dica do emprego, mas não encontro nada.

A não ser, quando disse que estava falando com um sócio. Ele o chamou por um nome, qual foi o nome? Vasculho a mente e tento encontrar o nome, eu o perguntei quem era, mas ele disse apenas um amigo, e sócio, não disse o nome. Mas disse quando atendeu ao telefone, qual o nome que ele disse? De repente a cena me vem à mente, posso me visualizar ali, de frente para ele, ansiosa e excitada, pensando em ser a sobremesa, quando o telefone dele toca, bem na hora que eu ia cometer a burrice de dizer meu nome, e ele atende ao telefone dizendo... ah sim! Matheus, acho que foi isso.

Corro para o notebook e digito Cleber e Matheus, mas nada demais aparece. Então digito Cleber e Matheus sócios... e a busca se completa sozinha... **Cleber e Matheus, sócios da V.D.A. rede hoteleira.** Aperto o enter e várias imagens dos três donos da famosa rede de hotéis enche a tela. E um deles é o maldito senhor Convencido. Cleber Dantas. É podre de rico.

Estou passada, ele estava fazendo compras em um mercadinho de bairro, mas me levou a um restaurante caro. A V.D.A. está na mídia esses últimos dias por conta do lançamento de um hotel internacional. É uma das primeiras redes de hotelaria brasileiras a se destacar no exterior, e os três sócios vivem na mídia.

Abro uma página com uma foto no mínimo indecente do senhor Convencido e vejo a notícia:

Depois que Sebastian Vaughn assumiu um compromisso com a ex-secretária, Celina Morelli, o sócio mais cobiçado da V.D.A. é Cleber Couttier Dantas. O empresário além de rico, é lindo, bem humorado e está solteiro!

Fico ali de queixo caído por uns bons quinze minutos ou mais, ele é Cleber Dantas, sócio da V.D.A.. Um dos deliciosos sócios da V.D.A., diga-se de passagem. Ouvi falar muito deles, os três solteiros mais cobiçados do país. Por um momento me sinto uma deusa, convenhamos, o homem é lindo, podre de rico, cobiçado e se interessou por mim. Mas o sentimento de “sou mais eu” passa para dar lugar ao fato de que eu o rejeitei e não terei mais nada dele. Não importa. Dinheiro demais, pode descobrir coisas demais sobre mim, pode acabar comigo se quiser em um estalar de dedos. Melhor mesmo que ele nem se lembre de que eu existo. De qualquer forma, não irei mais vê-lo

mesmo. Cleber Dantas que seja muito feliz com seu dinheiro, seu ego e sua falta de noção. Eu só tenho que pagar minhas contas, conquistar um certo vizinho que nem me nota e fazer o que amo toda noite.

Capítulo 04

Cleber

Já se passaram alguns dias e nesses dias eu sequer pensei nela. Não falei pra você que isso não seria problema? Ela não aparece mais em meus sonhos, não vejo mais seu rosto quando fecho os olhos e nem me lembro dela. Página encerrada. Satisfiz-me com minhas indianas, peguei algumas brasileiras (minhas preferidas) e até arrumei uma japonesa, e agora estaria feliz e saciado se não fosse um **PEQUENO** problema. Edmundo.

Edmundo Pinto Pequeno não foi legal comigo. Eu dei um aviso claro que ele fez questão de ignorar. Claro que terei que tomar uma providência sobre isso. Ninguém me ignora assim. Se tem uma coisa que eu odeio, é ser ignorado! Por falar em ignorar, estou no maldito oitavo andar de novo. Eu sei o que está pensando, esse não é o andar do Edmundo, e eu vim aqui atrás dele. Mas que fique claro que não estou esperando encontrar a misteriosa, não é isso. Estou apenas conhecendo o edifício.

De repente uma porta abre e quem eu vejo? Não é ela, esquece-a. É Salvador Gomes, um velho amigo corretor.

— Salvador!

— Dantas, o que faz por aqui?

— Visitando uma amiga, e você?

— Visitando um imóvel. Tenho um excelente apartamento à venda aqui. Quer dar uma olhada?

Um apartamento, no mesmo andar da misteriosa? Não, obrigado.

— Claro! Enquanto minha amiga não chega.

Não estou olhando o apartamento por causa dela. Nada disso. É só para não ser mal educado com meu amigo. Ele vai andando em direção ao apartamento dela, e por um minuto, sinto algo, uma leve tensão. Será que ela mudou? Está vendendo o apartamento? Mas ele para na porta ao lado, 801. E quando digo ao lado, é bem ao lado mesmo. Interessante.

O apartamento é excelente! Enorme, bem acabado, a minha cara. Se não gostasse do lugar onde moro, compraria agora mesmo. Quando estamos saindo, adivinha quem está chegando? Agora sim, é ela. Estaca em frente sua porta ao me ver.

— Olá — digo rindo da cara que ela está fazendo.

— Por favor, me diz que não está comprando esse apartamento — ela responde.

— Na verdade, estou.

Não vou comprar, mas gosto de irritá-la. Despeço-me de Salvador e antes que a misteriosa Suzana consiga fechar sua porta, enfio meu pé impedindo que ela consiga, empurro a porta e praticamente invado o apartamento dela.

— Não te convidei para entrar! — ela diz nervosa.

— Não se preocupe, eu perdoo sua falta de educação.

Olho em volta à procura do que ela pode estar escondendo. Mas, aparentemente é uma residência normal. Grande como o que olhei, arrumado e delicado. O que será que ela estava escondendo?

Ela deposita suas bolsas em uma mesa e corre até uma porta, a fecha, passa a chave e a enfia no sutiã. Então volta para a sala e me encara ainda irritada.

— Então, satisfeito? Você conseguiu entrar em meu apartamento.

— Ah sim, eu sempre consigo o que quero.

— Agora que já viu, pode ir embora.

— Poxa! Você é mesmo mal educada, hein!

Ela bufa.

— O que mais você quer?

Abro meu sorriso, o melhor deles, que sei que faz qualquer mulher hiperventilar, e digo:

— Saber o que esconde em seu quarto.

A maldita mulher nem pisca. Não se sente nada afetada pelo meu olhar. O que há de errado com ela?

— Você não vai saber isso, não é da sua conta! Saia do meu apartamento ou o acuso de invasão.

Nunca fui expulso por uma mulher antes. Normalmente elas me imploram para ficar. Isso é um desafio.

— Acho que começamos da maneira errada, Suzana. — Me aproximo dela e estendo a mão. — Sou Cleber Dantas. — Enfatizo o Dantas porque a V.D.A. está saindo em todos os jornais por conta do novo hotel internacional, e claro, meu nome está estampado em cada notícia sobre a V.D.A..

Ela olha minha mão estendida com desdém e não a toca.

— Eu sei quem você é.

Quer dizer que pesquisou.

— Como sabe meu nome? — Ela praticamente grita.

É impressão minha ou ela parece alarmada por eu saber o nome dela?

— Tenho meus métodos para descobrir coisas sobre as mulheres que me interessam.

Ela parece surpresa, mas rapidamente se recompõe.

— É mesmo? E o que mais você investiga sobre as mulheres que te interessam?

Ela parece com medo. Eu sabia! Esconde alguma coisa.

— Mais nada, na verdade. Prefiro que elas me contem o que interessa por vontade própria.

Ela arqueia a sobrancelha e cruza os braços. Faço o mesmo, ela entende que estou esperando que conte alguma coisa.

— Não estou com vontade de compartilhar minha vida com você.

— Tudo bem, eu entendo. Sempre posso investigar, de qualquer forma — digo e vou andando em direção à porta.

Ela rapidamente entra na minha frente me impedindo de abri-la. Parece assustada, e uns fios escapam de seu rabo de cavalo perfeito.

— Tá legal, o que quer saber?

Coloco os fios rebeldes atrás da orelha dela e espero que ela enrubesça, mas ela não tem nenhuma reação. Isso está começando a me irritar de novo.

— O que você faz para viver?

Ela arregala os olhos e parece assustada.

— Sou professora.

— Hum, e como consegue morar em um lugar como esse com o salário de professora?

Ela pisca os olhos e responde:

— Eu ganho bem.

— É mesmo? Dever ser a única do país.

— Então podemos dizer que tenho sorte.

Está escondendo alguma coisa, e tem a ver com a profissão dela. Estou quase a prensando na porta, posso sentir perfeitamente os contornos de seus seios pressionados em meu peito. E mesmo assim ela

não demonstra nenhuma reação. Qual é o problema dela?

— Você é comprometida?

— Depois de quase me atacar contra a porta é que pergunta?

Então ela percebeu. Ela me empurra e se afasta.

— Por acaso, não sou. Mas isso não te dá o direito de invadir meu apartamento, investigar minha vida e me prender contra a porta! Sinto muito se chamei sua atenção, mas acho que nós dois percebemos que não estou interessada em você.

Porra! Nunca tomei tantos foras da mesma mulher na minha vida! Antes dela, nunca nem tinha tomado um fora! Estou chocado! Não sei como agir. Sei que não há nada de errado comigo, é com ela! O problema é ela!

— Você já teve um bom sexo na vida, Suzana?

Não espero que ela vá responder, mas ela responde de imediato.

— Mais do que você imagina. Acabou a entrevista?

Ok, preciso admitir que fui derrotado. Não preciso esperar que ela me expulse também, vou sair com o que resta da minha dignidade. Ela me acompanha até o corredor, acho que para ter certeza que estou indo embora. E chego à conclusão que ela é um ser assexuado, só pode ser isso, não há outra explicação.

É aí que um homem se aproxima. Usa um terno bem passado, o cabelo ralo e tem cara de gay. Ele abre um sorriso para Suzana, e ela imediatamente enrubesce. Isso mesmo! A maldita cora com o sorriso sem graça desse idiota.

— O elevador quebrou de novo — ele diz para ela me ignorando totalmente.

— É sempre bom um pouco de exercício — ela responde com uma voz melosa.

Maldita! Minha vontade é empurrá-la na maldita parede e calar a boca dela com um beijo devastador. Pigarreio para chamar sua atenção, mas ela nem se importa. Continua conversando toda melosa com aquele magrelo. Não entendo como ela pode preferir aquela coisa seca ao invés dos meus músculos.

Pego o telefone e ligo rapidamente para Salvador.

— Salvador? É o Dantas. Vou ficar com o apartamento.

Sorrio para Samuel e Cleber perde a paciência. Empurra Samuel, me pega pelo braço e me arrasta para dentro do meu apartamento.

— Mas o que... — começo a perguntar, mas ele me cala com um beijo.

— Calar a boca e abre as pernas.

Ai meu Deus! Amo homens dominadores. Imediatamente obedeco. Ele puxa minhas pernas sem nenhuma delicadeza e as posiciona em sua cintura.

— Como vai querer? Aqui na porta mesmo?

Só consigo gemer ao sentir a ereção dele pressionando o meio das minhas pernas. Lagartixa! Finalmente vou conhecer o sexo lagartixa!

— Em qualquer lugar desde que seja logo — respondo.

— Como? Suzana! O que disse?

Abro os olhos, confusa e avisto um homem totalmente diferente diante de mim. Eu e essa minha imaginação corrompida. Moles, minhas pernas parecem gelatina. Aos poucos me esforço para me concentrar no homem que está parado a minha frente, o homem por quem sou apaixonada, e a visão, o cheiro e a voz de Cleber vão sumindo da minha mente. Preciso ter foco, não posso me derreter toda por um homem bonito. Por mais que ele seja estupidamente lindo. Meu Deus! Só pensar no homem e sinto calor de novo.

Acho que mereço um prêmio por minha atuação hoje, poxa, o cara me prendeu contra a porta! Eu senti a ereção dele cutucando minha barriga, e mesmo assim não fiz nada. Sei que feri o ego dele, de novo, mas foi necessário. Cleber é lindo, com certeza um sexo excelente, mas não preciso de nenhum riquinho me perseguindo e descobrindo minha real paixão. Não mesmo. Mesmo porque o único homem que vai entrar no meio das minhas pernas, é esse que está na minha frente. Samuel Alencar. O filho do governador. Não pense que estou interessada nele porque ele é filho do governador do estado, não é isso. E sim pela pessoa que ele é. Apesar do dinheiro que tem, ele é simples, não vive rodeado de seguranças, faz suas próprias coisas, é uma pessoa como eu. Não, como eu não, ele é uma pessoa normal, eu não. Sou uma perversa. Sei disso. Acho que se Samuel entrasse em meu quarto por um minuto apenas, nunca mais olharia para minha cara.

Mas aí é que está a graça do doce sonho de me casar com ele. Com ele eu não precisaria trabalhar, não precisaria pagar pelo apartamento onde moro, nunca sofreria o risco de ser despejada de novo. Com ele eu poderia largar minha vida noturna e me dedicar ao que realmente amo fazer. Dançar. E sabem o que o Samuel, o filho do governador faz? É dono de uma academia conceituada de dança. Não é perfeito? Ele não é minha alma gêmea? Antes ele sequer reparava em mim, mas hoje ele parou para conversar comigo. Isso nunca tinha acontecido. E não posso esconder o sorriso bobó que me toma. Mesmo que ele não faça minhas pernas virarem gelatina, é ele quem faz meu coração acelerar desse jeito. Ele é meu sonho de ser alguém normal, de ter uma família normal, uma casa bonita, filhos e claro, poder dançar para pessoas cultas. E não para as pessoas para quem danço atualmente.

Mais rápido do que queria, ele se afasta, diz que precisa ir e fico como uma boba esperando que ele vá. Quando volto para casa, a primeira coisa que me vem à mente é ele, Cleber. E a forma como ele preencheu meu apartamento com seu tamanho e porte. Que homem! Não entendo porque ele cismou desse jeito comigo. Será que se eu tivesse dado um risinho para ele aquela primeira vez, no elevador, seria apenas mais uma das muitas que babam por ele? Eu deveria ter feito isso. Claro que deveria. Mas tive medo do Samuel pegar o elevador e me ver derretida por outro homem. E depois, bem, depois ele se mostrou um completo idiota.

Samuel não pode de maneira nenhuma saber o que faço para viver. Porque é obvio que não pago o aluguel desse apartamento caro com meu salário de professora.

Tiro minha roupa comportada demais, solto meu cabelo desse rabo de cavalo perfeito e finalmente sou eu mesma. Avalio a lingerie que estou usando no espelho, tomo um conhaque para relaxar e vou ensaiar. Pouco depois a campainha toca e meus gatos aparecem. Téó e Léo, os gêmeos mais gostosos que existem na terra. Eles são lindos, musculosos, dançam muito bem e são gays, é claro. Ambos me abraçam e me rodopiam e vamos ao meu quarto.

Ok, não pense besteira. Deixa eu me explicar melhor. Existe um clube nessa cidade, clandestino. Sim, existem vários clubes clandestinos espalhados pelo país, mas esse clube é diferente, pois eu trabalho nele. Não faça essa cara, não sou prostituta, garota de programa, nem stripper, nada disso. Sou dançarina. Profissional. Recebo muito dinheiro de homens safados para dançar e enfeitiçá-los com meus movimentos. Eu disse que não sou stripper, não tiro minha roupa. Geralmente danço com uma roupa mais curta, às vezes, até de lingerie, mas também não sou a atração principal do meu número. A atração principal, são os gêmeos. Eles sim tiram a roupa. Ficam nus em pelo. E aí você se pergunta, mas os homens pervertidos querem ver isso? E é aí que explico porque esse clube é diferente, ele é misto.

Quem disse que apenas os homens têm direito a um pouco de sacanagem? Não senhoras! As mulheres também têm. Elas crescem cada vez mais no Red e são elas que movimentam a maior parte da renda do clube. Tudo por causa dos gostosões gêmeos que tiram a roupa lá todas as noites. Sim homens, vocês estão pão duros.

Acho que não expliquei que sou eu que tiro a roupa deles. Ah sim, eu faço isso, com movimentos de dança, os deixo nus. Sei que cada mulher daquele clube adoraria estar no meu lugar, eu os toco, cada parte deles, sou o que todas elas queriam ser. Adoro essa sensação, de estar no controle.

Mas a vida real, a Suzana Leal, real. Essa é quase patética. É a professora comportada, fria e séria, que nunca tem namorado, que vive para pagar o apartamento caro onde mora. Essa Suzana nunca teve um bom sexo, mas tem seus orgasmos diários, com brinquedos, nada de homens bons.

Sabe o que eu mais queria? Ser as duas, a Suzana dançarina e a Suzana professora, queria andar na rua de cabeça erguida, uma pessoa respeitada. Mas, chegar em casa e trepar como uma puta, mas com meu marido. Isso é loucura demais? Será que sou louca? Entende o que quero dizer com ser duas em uma só e ter vontade de ser uma em duas?

Essa é mais uma terça-feira normal na minha vida. Chego correndo da escola, pego minha mala vermelha e saio correndo. Torço para não avistar Samuel, e Deus me ouve, ele não aparece. Corro até meu carro, já estou atrasada. Há um detalhe sobre mim, as pessoas me odeiam no trânsito. Não sei o que acontece, mas é só eu ligar o carro e começam a buzinar, me mostrar o dedo do meio e gritar palavrões. Juro que não dirijo mal, o problema não sou eu, definitivamente as pessoas são loucas.

Chego ao Red correndo, nem tenho tempo de ver a fila de entrada. Mas, como é terça-feira, quase não vem ninguém. Hoje meus gêmeos nem dançam comigo. É o dia que mais gosto, de dançar sozinha. Visto minha roupa preferida, a fantasia que mais amo e vou para o palco. As luzes acesas me cegam e a música começa. Começo meus movimentos, e quando a luz diminui, o vejo. Ele está aqui. Descobriu sobre mim, descobriu minha profissão. O que vou fazer? Estou usando uma máscara, e peruca, será que ele sabe que sou eu? Não acredito, olho de novo, é ele mesmo, e está vidrado em mim! Vidrado mesmo, com os olhos quase saltando para fora, de tanto que me olha. Vou para o lado oposto ao que ele está, mas ele me segue, conforme vou andando pelo palco, ele anda também, está

sempre a minha frente. Enfrenta os outros homens do bar e não tira nem por um segundo os olhos de mim. Não aguento mais essa tensão, quando a música finalmente acaba, praticamente saio correndo. Corro para meu camarim e me jogo na cadeira, respirando com dificuldade. Nem quinze minutos passam quando a porta do meu camarim abre, e ele está ali. Merda!

Ele me estende a mão, seus olhos verdes focados em meu decote e diz:

— Prazer, sou Cleber. Quero saber quanto quer para passar a noite comigo.

Hoje foi um dia cheio. Os hotéis internacionais já estão em construção, então temos trabalhado como loucos. Precisava de algo para me distrair. Algo diferente. Nada das indianas, hoje quero uma brasileira.

Devo admitir que Sebastian faz falta, às vezes, como hoje, por exemplo. Hoje seria um dia que ele iria ao Red comigo. Costumávamos disputar a mesma mulher só para ver quem ganhava. Mas sei que meu amigo está muito mais feliz agora, com a xoxota mágica da Celina. Isso me faz pedir a Deus todos os dias para nunca encontrar uma xoxota dessas.

Gosto de vir ao clube aos finais de semana, mas resolvi vir hoje, meio de semana, por estar mais vazio e as garotas terem mais tempo livre. Era o que eu planejava fazer hoje, beber um pouco, escolher uma garota e me divertir depois. Nada de compromisso, nada de xoxota mágica. Conheço algumas das garotas que dançam aqui, já saí com algumas delas. Geralmente venho mais tarde, mas hoje estava com pressa para me divertir. O plano era simples, entrar, beber, escolher uma garota e ir embora com ela. Era tudo simples assim, até que a vi.

A odalisca.

Seu rosto coberto por uma renda vermelha transparente. O cabelo ruivo caindo em ondas volumosas. O top mal contendo seus seios fartos e as pernas, meu Deus, que pernas! A renda vermelha transparente de sua saia roçava em cada perna conforme ela se mexia e meu pau acordou no mesmo momento. É ela. Tinha que tê-la esta noite. Eu a segui como uma sombra para cada lado do palco em que ela ia. Não deixei que nenhum outro homem colocasse uma nota sequer no seu top. Mas a recompensarei por isso.

Ela mal saiu do palco, já corri atrás dela. Tive que subornar outra dançarina e um segurança para chegar ao seu camarim. Na porta, seu nome escrito a canetinha: **MISS SUE**.

Até o nome da criatura é erótico. Invadi seu camarim movido pelo desespero em tê-la.

E agora ela está aqui, na minha frente, olhando minha mão estendida com nojo, sem a menor intenção de tocá-la. Merda! Preciso tocá-la.

— Você tem noção do quanto está sendo idiota? — ela diz calmamente.

Sua voz é tão gostosa que tenho a sensação de já a ter ouvido. Recolho minha mão e sorrio para ela.

— Desculpe invadir seu camarim.

— Não por isso — ela responde.

Está realmente brava. Seu rosto ainda está coberto pela máscara com a renda, mas sinto a tensão emanando dela.

— Não gostou da minha proposta? — pergunto preocupado.

— O que está chamando de “proposta” eu chamo de insulto, falta de noção e cúmulo da babaquice.

É, acho que ela não faz programa. Não me olhe assim, a maioria das meninas aqui faz. Se bem que, normalmente são as strippers que fazem. Minha desejável Miss Sue não tirou a roupa.

Ao invés de me sentir desanimado com essa descoberta, me sinto ainda mais disposto a tê-la. Pense só, ela será só minha. Nada de dividi-la com outros. Isso torna tudo muito melhor, exceto pela enorme merda que acabei de falar. Tento consertar a cagada.

— Me desculpe, é que a maioria das meninas aqui aceita um agrado em troca de diversão.

— Sim, e a maioria dos homens que vem aqui são ruins de cama e sexualmente frustrados. Por que eu sairia com alguém assim?

Espirituosa e linda. Preciso ter essa mulher. Mas isso provavelmente não vai acontecer hoje. É um exercício que exige paciência. Preciso conquistá-la aos poucos.

— Desculpa, acho que começamos da maneira errada, Miss Sue. — Estendo novamente minha mão. — Sou Cleber Dantas, é um prazer conhecê-la.

Minha mão continua estendida, no vácuo enquanto ela tem uma crise de riso. Por que está rindo? O que fiz de tão engraçado? Ela dá gargalhadas, uma risada gostosa que fere meu ego. Então percebo. De mim, ela está rindo de mim. Pigarreio.

— Por que não vamos jantar? Assim poderemos nos conhecer melhor — digo com todo meu autocontrole, como se ela não estivesse quase rolando de rir da minha.

Ela faz um movimento negativo com o dedo.

— Melhor não, bonequinho. Acho melhor você ir agora.

Ela está me dispensando? É isso mesmo? O que há de errado comigo? É a segunda mulher essa semana que me dá um fora! Isso não vai ficar assim! Preciso ressuscitar meu ego. A maldita da Suzana e a deliciosa Miss Sue não perdem por esperar!

Capítulo 05

Suzana

— Foi um tremendo susto.

— Relaxa gata, ele não a reconheceu, hoje é outro dia, você sequer ouvirá falar dele, só relaxe e dê o seu melhor como sempre. — Téó dá um beijo em minha testa e começa a tirar a roupa.

Ok, não pense besteira, mente suja. Estamos no camarim, no Red, nos preparando para a noite de sexta, a casa está cheia, posso ouvir os gritos e a confusão do camarim. Dei uma espiada básica e sim, metade do público aqui é feminino. No começo, quando elas começaram a frequentar, vinham praticamente escondidas em roupas enormes, usavam perucas e apetrechos para não serem reconhecidas. Seria um escândalo, não seria? Uma mulher frequentando um clube desses. Percebendo isso, Big Cid, o dono do lugar, começou a realizar festas a fantasia, e aí o clube lotava de mulheres disfarçadas que podiam finalmente mostrar seus lados devassas. Com o tempo, elas começaram a frequentar o clube mesmo quando não havia festas a fantasia, sem as roupas muito fechadas, sem as perucas, com a cara, a libido e a coragem que toda mulher tem. E sim, elas passam as mãos nos meninos, enfiam dinheiro nas cuecas deles, muitas delas dormem com eles. Foi um grande passo, os homens não aceitaram no começo, exigiam que as mulheres deixassem o clube, mas Big Cid foi convicto ao afirmar que todos tinham direito à diversão, não só os machistas pão duros que vinham aqui. E assim, o público feminino passou a movimentar a maior renda do clube.

Respiro fundo e olho a multidão mais uma vez, embora uma boa parte esteja do outro lado, na pista de dança, os que cercam o palco aguardando o nosso show já se posicionaram, e entre eles, não está Cleber. Respiro aliviada. Não sei se aquela cena ridícula na semana passada foi um truque. Sei lá, alguma coisa para me enganar. Fico me perguntando se ele me reconheceu e está se fazendo de bobo, ou se é bobo mesmo e não faz a menor ideia de quem eu sou. De qualquer forma, estou duplamente encrencada, pois tanto a professora fria, quanto a dançarina, deram um fora nele. E se a reação dele a mim foi por causa do fora, a reação a Sue será a mesma e ele virá atrás de mim.

Uma mão pousa em minha cintura e me puxa para trás.

— Pare de olhar e controle-se! — ralha Léo.

— Desculpa. Estou nervosa.

— Eu já dei uma volta pelo clube, ele não veio, Sue. Você feriu o ego do cara duas vezes, ele é gostoso e rico, pode ter qualquer outra mulher. Acredite, ele vai fingir que isso nunca aconteceu e vai deixá-la em paz — garante, acariciando meu cabelo.

— Ok, você está certo. Ele não é um qualquer desesperado por sexo, não é?

— Com certeza não.

Respiro mais aliviada, e Léo me ajuda a colocar a peruca vermelha e a máscara de renda. A máscara de hoje é roxa, para combinar com a fantasia da noite, de melindrosa. Eu sei o que vai dizer, estou me escondendo em fantasias como o público feminino fazia antes, e isso é totalmente covarde da minha parte, mas admito, sou covarde mesmo. Sou professora em uma escola infantil. Sei que muitos pais ricos dos meus alunos frequentam esse lugar e não posso perder meu emprego, nem quero um pai de aluno achando que pode ter liberdades comigo porque danço aqui. A covardia no meu caso, é necessária.

Após amarrar a máscara e subir no salto, a música começa. Eu entro primeiro, com um sobretudo

preto me cobrindo até os pés. Ouço os gritos da plateia masculina, mas a feminina também aplaude. Penso em olhar em volta a procura daqueles olhos verdes, mas deixo isso para lá, ele não veio, não tenho nada que ficar procurando. Tiro o sobretudo ao som da batida, bem devagar, revelando a fantasia da noite, e as notas já começam a voar em minha direção, ajoelho no chão, passeio as mãos pelo meu corpo, não estou perto o bastante do palco para que homem algum consiga fazer o mesmo, mas mesmo assim vejo várias mãos estendidas tentando me alcançar. Sei que meus meninos entraram no momento em que a gritaria feminina fica frenética e mais dinheiro voa para o palco. Eles se prostram cada um de um lado e ambos passeiam as mãos pelo meu corpo.

Levanto-me bem devagar, apoiada neles, que ficam de joelhos aos meus pés. Eu me sinto uma deusa. Amo essa sensação. Amo ouvir os gritos, ter as luzes e a fumaça sobre mim, amo que estejam me olhando nessa roupa curta e me desejando. Amo que as mulheres estejam gritando alucinadamente porque queriam estar no meu lugar. Pego Léo pelo cabelo e o faço cair de costas no palco, as mulheres gritam e passeio o salto pelo corpo dele, então faço o mesmo com Téo, o agarro pela camisa e o empurro, mas monto em cima dele, nós fazemos movimentos que levam a plateia à loucura enquanto tiro sua camisa. Suas mãos passeiam por meu corpo, mas não tocam em nenhum lugar onde não deve, eles estão bem avisados sobre isso. Continuamos nossa dança até que me levanto, vou para perto do palco e puxo uma mão feminina. Imediatamente um segurança aparece e ajuda a escolhida da noite a subir no palco, eu a levo até Téo, ela está vermelha, descabelada e parece incrédula em cima daquele palco. Olha para os lados, parece com vergonha. Eu coloco a mão dela sobre o cabelo de Téo, obrigando-a a abaixar e a encaro, desafiando que ela o toque. Ela me olha de volta e dou um sorriso encorajador, então a vergonha desaparece e ela o toca, passeia a mão pela barriga descoberta dele, logo está passeando as duas mãos. A plateia grita, algumas mulheres tentam invadir o palco, mas os seguranças impedem. Volto para Léo, ajoelho atrás dele e abro bem devagar sua camisa, quando a tiro, ele deita de costas, entre minhas pernas e me levanta pelo quadril, me fazendo girar sobre ele. Ele volta a se sentar e eu me levanto, dançando com ele ali, no chão. Olho para trás e a escolhida da noite já tirou a calça de Téo, e ele a está levando de volta para a plateia. Em uma dança, eu me ajoelho e Léo levanta, então tiro sua calça, dou um passo para trás enquanto os dois dançam enlouquecendo as mulheres e deixo que eles mesmos tirem suas cuecas. Vou até um canto do palco beber um pouco de água, e quando estou prestes a voltar para o palco, uma mão forte agarra meu braço. Os homens fazem isso às vezes, me preparo para sorrir e chamar o segurança, quando um braço rodeia minha cintura e me puxa do palco me depositando no chão.

— Mas, o que...

Estaco ao ver Cleber diante de mim, usa uma camisa social branca, colada de suor ao seu corpo. A noite está quente. Mas meus olhos não se demoram nos gomos de sua barriga porque são atraídos para seus olhos. Seus olhos verdes exalam raiva. Ele está vermelho e parece muito irritado.

Tento voltar para o palco, mas ele me segura de novo pela cintura e me arrasta. O segurança que está perto finge não nos ver e me pergunto se Cleber subornou o homem. Ele me arrasta até um corredor da saída dos fundos, que está vazio, e me solta.

— O que mais iam fazer naquele palco? Tregar?

Estou tão em choque que nem respondo. O que está havendo aqui? De onde ele saiu? Por que acha que tem o direito de cobrar algo de mim? Por que parece tão irritado? Ele me encara com os braços cruzados, me julgando com os olhos verdes irritados e isso me enfurece. Quem ele pensa que é?

— O que acha que está fazendo? — grito para que ele me ouça sobre a música.

— Salvando você de transar com dois caras na frente de um monte de gente! — ele grita de volta.

— E quem te deu o direito de fazer isso? Eu sou paga para dar pra eles, sabia? Eu adoro ser

comida pelos dois!

Ele me encara em choque, dá um passo na minha direção, mas dou um para trás. A música para, as pessoas gritam, ouço chamarem meu nome. Mas, não quero voltar para lá, quero que esse imbecil me explique o que acha que está fazendo. Sem a música alta, tenho que disfarçar minha voz para falar com ele.

— O que você fez pode ser considerado sequestro, você sabia?

— Eu não a tirei daqui de dentro, apenas do palco.

— Contra a minha vontade.

Ele abaixa a cabeça e passa as mãos pelos cabelos, então me encara de volta e diz:

— Como termina seu show? Eu não sabia que você dançava com eles, e muito menos que tirava a roupa deles.

— Mas, eu tiro. É para isso que estou aqui.

— E depois o que?

— Se quisesse mesmo saber não teria me arrancado do palco.

Ele parece envergonhado e acho que está mais calmo.

— Desculpe, foi uma reação exagerada.

— Exagerada e assustadora. Eu não o conheço, não entendo porque veio aqui e me tirou do palco daquele jeito.

— Porque eles estavam com as mãos em você, e me senti irritado.

— Por quê?

— Porque as minhas mãos estão muito longe de você. Se não posso tocá-la, ninguém mais pode.

Pisco os olhos, confusa e espero que seu sorriso convencido apareça, mas ao invés, ele diz, tomado por toda sinceridade que já vi em seus olhos.

— Miss Sue, me perdoe. Sei que não tinha o direito de tirá-la dali como se fosse uma propriedade minha, mas não pude me controlar. Sei que vai parecer loucura, mas eu estou meio que obcecado por você. Não se assuste, não é obsessão do tipo querer matar você ou algo do tipo.

— Então é que tipo de obsessão?

Ele abaixa a cabeça, pensa um pouco, e finalmente seu sorriso safado aparece antes de responder:

— Do tipo que quero comer você de todas as maneiras até você gritar meu nome em quatro línguas diferentes.

Tento não rir de tamanha cara de pau, mas falho miseravelmente e meu sorriso o encoraja a se aproximar. Ele toca a renda da máscara, e meu coração acelera, se ele a puxar, serei descoberta. Dou um passo para trás novamente e digo:

— O que quer de mim?

— Tudo. Quero dizer, quero você. Simplesmente você.

— Não posso ser sua — digo.

— Entendo. Apenas uma noite. Eu só preciso tê-la, nem que seja por uma noite.

Cruzo os braços e abro um sorriso bem convencido que aprendi com ele.

— Entendo, precisa me ter para tentar salvar seu ego, não é mesmo?

Ele assente sem nenhum pudor.

— Nunca levei um fora antes — mente.

Por pouco, não o acuso de mentiroso, mas me controlo a tempo e continuo sorrindo.

— Imagino que mulher nenhuma seria louca de rejeitar um homem como você.

Ele sorri e concorda.

— É uma pena que eu seja louca. Não posso ser sua, querido. É melhor que encontre outra mulher

por aí e desconte sua frustração nela.

Dou um passo para me afastar, mas ele me segura.

— Não, Sue, por favor, você não entende. Quanto mais você me rejeitar, mais serei obcecado por você. É um problema, sabe. Que eu não sabia que tinha até ser rejeitado, mas irei atrás de você todas as noites e terei esses surtos de descontrole se outro homem sequer olhar para você. É melhor para nós dois que se entregue logo, sem joguinhos e ajude a preservar seu prazer e minha sanidade mental.

Mantenho meu sorriso e acaricio sua mão ao responder:

— Estou pouco me lixando para sua sanidade mental.

Seu sorriso aumenta e ele me puxa para mais perto. Sua ereção está ali, no meio de sua calça social, e ele faz questão de pressioná-la em minha barriga bem forte.

— Quero aprender alguns movimentos com você.

— Contrate uma professora.

— Ah não, eu gosto das dançarinas devassas. Fico enlouquecido com elas. — Ele morde o lóbulo da minha orelha e desce arranhando meu pescoço com os dentes.

Meu corpo todo arrepia e gemo, perco o controle por um segundo, mas ele quebra todo encanto ao dizer.

— Você pode me poupar o trabalho da perseguição e obsessão quando nós dois sabemos que acabaremos essa noite na minha cama, ou na sua. Mas acabaremos comigo dentro de você.

— Ou? — desafio.

— Não tem ou. Você será minha de qualquer jeito. E sabemos que na verdade nunca quis dizer não.

É o suficiente, o cara é um babaca. Será que consegue mesmo pegar mulheres com esse papo convencido e machista? Como assim? Toda mulher é obrigada a ficar com ele se ele assim desejar? Ok, eu sei que ele com certeza não obriga ninguém a ficar com ele, não é nenhum sacrifício ter um sexo excelente com um homem lindo desses, mas adivinha? Essa batalha também passou a ser ego x orgulho, e meu orgulho pode ser maior do que o ego dele.

Eu me encosto mais ainda em seu corpo firme, praticamente o jogo contra a parede e ele ri com a boca no meu ombro, vai subindo as mordidas pelo meu pescoço e quando alcança minha boca, eu mordo o lábio inferior dele, o prendo por um tempo entre meus dentes, ele fecha os olhos e geme, me solta um instante para passar as mãos no meu corpo, e nesse instante eu acerto o joelho nas bolas dele e me afasto.

— Uma mulher sempre tem o direito de dizer não. Você não é essa Coca-Cola toda. Lembre-se disso.

Então saio enquanto ele pragueja e sei que ele não tem forças nesse momento para me seguir.

— Minha odalisca se movia sensualmente enquanto tirava o top de sua fantasia. Ela se virou de costas e fiquei ansioso para ver seus seios fartos, seu quadril balançava para lá e para cá, não aguentei mais e fui até ela, a puxei para junto de mim e a girei para frente. Beijei sua boca por cima da renda e a desamarrei, mas quando puxei a maldita renda, acordei.

Sebastian me encara como se eu fosse louco, mas se mantém sério.

— E foi isso? Quando a porra ficou boa você acordou?

— Pois é — digo soltando um suspiro, o que o faz arregalar ainda mais os olhos.

— Cleber, que merda! Você está me assustando cara! Vai ficar obcecado e sonhando com toda mulher que conhecer agora?

— Pois é — digo suspirando de novo.

Ele se levanta e fica dando voltas.

— Eu entendo que esteja impressionado. Dois foras em poucos dias, em uma semana basicamente. E agora foi de uma dançarina, quer dizer, imagina-se que uma mulher que tira a roupa de dois homens em um palco goste de sexo, e mesmo assim ela te deu um fora.

— Você não precisa jogar isso na minha cara.

— Será que vai ficar obcecado cada vez que levar um fora?

— Pelo amor de Deus, Sebastian! Eu não vou mais levar fora algum!

Levanto-me decidido e aliso meu terno me dirigindo a porta.

— Aonde você vai?

— Falar com o Matheus. Imagino que ele leve muitos foras, deve saber o que fazer para me ajudar.

— Você que pensa. — Ouço Sebastian gritar enquanto bato a porta ao sair.

Caminho decidido até a sala de Matheus e Celina me encara, ela me avalia com um sorriso zombeteiro.

— Algum problema? — pergunto.

— Comigo? Não senhor.

— Então...

Ela se senta ereta e cruza os braços.

— Ainda não resolveu aquele assunto, Cleber?

— Sim, o feitiço da bruxa já acabou. Agora é outra coisa.

— Outra bruxa?

— Não, nada de bruxas. A de agora é uma fada — digo e um suspiro escapa, fazendo Celina arregalar os olhos e em seguida cair na gargalhada.

— Meu Deus, Cleber, você é patético.

— Ah, não vou respondê-la como merece porque é uma mulher. E apavorante. Vou entrar — digo me dirigindo à sala de Matheus.

— Ok, mas ele está ouvindo “aquela música”, então sabemos que você vai acabar esta manhã, sentadinho aqui de frente para mim me ouvindo falar umas verdades que vão ferir seu ego e salvar sua mente.

— Celina, eu te amo. Mas, hoje quero distância de você.

Entro na sala de Matheus e entendo do que Celina estava falando. Ele está ouvindo “aquela música”. A música proibida. Pigarreio e ele pula na cadeira. Ajeita o cabelo e imediatamente a voz de Toni Braxton some.

— Homem, você sabe que ouvir essa música é coisa de gay.

Ele dá de ombros.

— Não me ofende vindo de você. O que quer?

— Você está bem?

Ele me encara por um tempo.

— Você anda sonhando com mulheres que te dão o fora e eu que pareço estar mal? — diz com seu jeito sério.

— Que merda! Você e o Sebastian são duas fofoqueiras.

— Nós estamos preocupados. Mas, o que quer aqui? Se precisa de conselhos amorosos deveria ter parado na mesa que se encontra do lado de fora.

Eu me sento e ajeito minha gravata.

— Não sei por que vocês acham que a Celina é uma boa conselheira.

— Porque ela não é do tipo que massageia seu ego dizendo o que quer ouvir.

— Ela já te aconselhou?

— Não sei se posso chamar o que ela me disse de conselho, mas sim, ela meio que já acabou comigo também.

Abro um sorriso e estendo a mão para ele.

— Ainda bem que não somos o Sebastian.

Ele toca minha mão sorrindo.

— Ainda bem. Agora me diz o que você quer.

— Você está com pressa para se livrar de mim e voltar a ouvir essa música de mulherzinha sobre corações partidos. Vou ficar aqui a tarde toda e privar sua masculinidade de ser assassinada um pouco mais a cada dia.

Ele sorri. Merda, odeio quando ele sorri antes de dar uma resposta.

— Minha masculinidade sofre menos danos com uma música antiga do que a sua com dois foras em uma semana.

Mostro o dedo do meio para ele que gargalha. Então me ajeito e começo a falar.

— Estive pensando. Talvez você pudesse me dizer o que fazer quando se leva um fora. Como superar isso.

Ele me avalia ainda sorrindo.

— E eu que sou o gay.

— Oras, sem piadas! Como você faz quando leva um fora?

— Eu não levo foras.

— Ah, qual é. Você não deve pegar muitas mulheres com essa cara assustadora e essa mania de seguir regras.

— Há regras para tudo meu amigo, nem sempre elas são ruins.

— Regras sempre são ruins e você é um gay que não pega mulheres. Não custa nada me dizer como faz para superar um fora.

— Dantas, meu amigo, vou ser muito sincero. Primeiro, eu nunca levei um fora. Segundo, se, por acaso eu levasse, sobreviveria tranquilamente com isso e não agiria como um idiota como está fazendo e terceiro, se quer superar um fora, só tem que virar homem.

— Vai à merda, Matheus. Nunca vi você com mulher nenhuma!

— A descrição é uma de minhas qualidades.

Ele percebe que não estou acreditando, pois pega seu Black Berry e calmamente o vira para mim.

— Nunca conte a ninguém que te mostrei isso. Gosto de respeitar a privacidade das minhas

parceiras.

E ali, no celular do Matheus, há várias fotos de várias mulheres nuas, de diferentes ângulos, na cama dele, no quarto dele, da casa onde ele mora. Corpos maravilhosos, alguns nem tanto assim, mas muitos. Nas poucas em que os rostos delas aparecem, estão sorrindo, com aquele olhar vago de satisfação.

— Porra! Há um puto escondido em você, quem diria.

Ele dá de ombros e guarda o celular de volta no bolso.

— Você nunca levou um fora, não é? — É mais uma constatação do que uma pergunta.

— Não. Mas se quer um conselho. Arrume uma namorada e não correrá mais esse risco.

Faço uma careta e me levanto imediatamente.

— Não mesmo, prefiro tomar outro fora.

Saio de sua sala e ali está ela, a bruxa mor, Celina, com os braços cruzados me encarando. Ando decidido e me sento na cadeira a sua frente.

— Você venceu bruxa má, agora me diga como superar a porra do segundo fora. Vamos, acabe comigo. Estou pronto.

O som de Unbreak my heart começa a tocar de novo e ela olha com tristeza para a porta de Matheus.

— Calma Celina, um estúpido por vez. Vamos a você. Quem é a fada que te deu o fora da vez?

— Uma dançarina do Red.

Ela arqueia as sobrancelhas e ri.

— Meu Deus, Cleber, você está decaindo mesmo.

— Não me julgue, você não viu a mulher.

Faço com as mãos um sinal de que ela tem lindos seios e então faço no ar um desenho das curvas dela e Celina me encara.

— Você já pegou muitas dessas. Aliás, estava com duas na semana passada, por que essa?

— Porque ela é mais gostosa, mais sexy, segura de si e linda do que qualquer outra que eu tenha pegado.

— Meu Deus, se eu soubesse que era tão fácil conquistar um pervertido teria dito não antes.

— Você vai me ajudar ou fazer piadas?

— Não é nada demais, Cleber, outro fora. Você superou o primeiro, vai superar esse.

— Eu custei superar o primeiro e ainda estou meio ferido por conta dele, mas um segundo? Isso não mesmo. Dê um jeito e me dê um conselho que valha a pena já que estou bancando o ridículo aqui.

— É assim que conversou com ela?

— O que?

— O que você disse? Que queria comer ela e pronto? Você disse algo do tipo “vou te dar muito prazer” ou algo do tipo “ninguém vai te dar prazer como eu”?

Olho para ela confuso, mas ela está séria, está falando sério. Tento me lembrar do que conversamos e a verdade é que não disse nada disso para ela, mas comparando com o sentido das frases, seria mais algo como eu sou o melhor que ela vai ter. Digo isso a Celina e ela cruza os braços de novo. Merda.

— Você disse a ela que estava obcecado porque ela te disse não?

Concordo com a cabeça.

— Isso deveria ter funcionado. É uma excelente forma de reverter um fora, na verdade.

— E olha que eu nem disse nessa intenção. Disse porque era a verdade mesmo.

Ela apoia o queixo em um dedo e pensa.

— Você pediu que ela saísse com você ou exigiu? — pergunta.

— O quê?

— Cleber, eu não vou ficar repetindo tudo. Quem falou com a fada foi você ou seu ego?

— Os dois.

— Está explicado. Nenhuma mulher que se preze vai abaixar o orgulho para o seu ego.

— Sempre abaixaram.

— As que você costumava pegar, sim, uma de verdade, vai te dar um fora.

— Você e o Sebastian com esse papo de mulher de verdade, elas não são de mentira! E que se dane! Vou voltar ao Red toda noite se for preciso, mas vou conquistar essa odalisca de qualquer jeito!

Levanto-me irritado e digo antes de sair:

— Estou indo embora, tenho uma mudança para fazer hoje.

— Vai se mudar? Para onde?

— Para o prédio do Pinto Pequeno.

— A bruxa de novo? Ah, meu caro Cleber, você está mais perdido do que eu imaginava. Já vi que terei muito trabalho com você. Só espero que nenhuma das duas mande prendê-lo por perseguição.

Abro meu melhor sorriso para ela.

— Não se preocupe minha querida Celina. Em pouco tempo as duas estarão implorando que eu as coma.

Ela sorri de volta.

— É por frases como essa que você levou dois foras.

— Desisto. Acabe logo com essa greve de sexo — digo e saio daquele prédio, daquele bairro e me preparo para me mudar.

No meu rosto há duas bolas negras rodeando meus olhos. A culpa disso é do maldito Cleber. Não dormi nada, como poderia depois de sentir a ereção dele pressionando minha barriga, os dentes dele passeando em meu pescoço e o lábio carnudo dele entre meus dentes? Fui transportada para tantas visões da devassa nessas últimas horas que nem precisei de nenhum brinquedinho para ter dois orgasmos maravilhosos durante a noite. Em qualquer outra situação eu teria saído do Red com esse homem e transado com ele com prazer, mas ele mostra ter um ego ainda maior que o pau. E homens assim só se preocupam com eles mesmos. Ele se acha tanto, que deve gozar em cinco minutos e deixar a mulher literalmente na mão. Ok, eu sei que provavelmente não é o caso, visto que ele mordeu minha orelha e beijou meu pescoço ao invés de levar minha mão direto até seu pau, mas me deixe pensar que ele é um egoísta para que não me sinta assim tão frustrada. A verdade é que odeio, odeio mesmo homens convencidos.

Você deve estar se perguntando se há uma história de amor trágica na minha vida para eu ter essa aversão a homens do tipo do tal Cleber e a resposta é sim, há uma história triste de uma vez em que me apaixonei e me ferrei bem feio. Mas quem não tem uma história dessas? Não deixo que isso defina meus relacionamentos, quer dizer, eles basicamente não existem mais, mas não tem a ver com a barra que passei e sim com a pessoa que sou. A enorme confusão em que me tornei. Sou duas, em uma só, e a que aparenta ser mais certa, é a mais devassa, já a aparentemente devassa, bem, essa só quer sonhar. Parece confuso, eu sei, mas você vai me entender.

O estrondo do meu celular me desperta por completo e saio da frente do espelho dançando ao som de Naughty Girl até identificar o número de Big Cid na tela. Já atendo o telefone com o coração aos pulos, ele nunca me liga.

— Bom, dia Sue, espero que tenha tido uma boa noite de sono.

—Hum — murmuro e ele vai direto ao ponto, como sabia que faria.

— Um homem veio perguntar por você ontem. Na verdade, ele me ofereceu uma boa grana por qualquer informação sua, Suzana. Imagino que saiba o motivo de Cleber Dantas estar como um louco atrás de você.

— Você não disse nada, não é?

O silêncio do outro lado da linha me deixa em pânico por um minuto até a risada de Big Cid encher meus ouvidos de alegria e minha alma de paz.

— Claro que não! Mas você me deve uma por isso. Ele me ofereceu muito dinheiro mesmo!

— Valeu, Cidão!

— Sue, só vou te dar um conselho, se não quiser ser descoberta terá que tomar cuidado. Um homem com o dinheiro dele pode facilmente contratar um detetive para descobrir sobre você.

— Ele não teria tanto trabalho. — Tento me convencer.

— Eu acho que sim. Ele está realmente muito interessado em você.

Começo a bater a cabeça na porta enquanto tento chegar a uma solução.

— Sue, a melhor maneira de resolver isso é dando logo o que ele quer.

— Como?

— Você me ouviu, não banque a constrangida. Se ele está atrás de você é porque te deseja e você deve ter negado. Ele vai ficar atrás de você até que consiga o que quer.

— Oras, não sou obrigada a dar o que ele quer para ter minha paz de volta!

— Foi só um conselho. Você foi avisada que havia muitas chances de ter algum ricaço obcecado atrás de você quando começou a dançar aqui. É o que suas vestimentas e movimentas provocam.

— Eu sei, Cidão, mas não vou sair abrindo as pernas para cada homem que ficar obcecado pela Miss Sue. Não se preocupe, vou dar um jeito nisso, só não diga nada sobre mim, por favor.

Pego minhas roupas e me dirijo à lavanderia ainda com a cabeça a mil. Preciso dar um jeito nesse Senhor Convencido o quanto antes. Quando estou passando pela sessão de achados e perdidos, me lembro de algo que por culpa dele nunca recuperei. Minha calcinha vibratória. O imbecil do Rogerio não a conseguiu de volta para mim. Dou uma espiada como quem não quer nada para ter certeza que não estou sendo vista. Você sabe, não posso simplesmente aparecer lá e pegar a calcinha de volta depois de ter negado que era minha. Mesmo porque é Carmem, a filha carocha do síndico quem cuida do achados e perdidos. E ali está ela, com sua cara amarrada de todo dia, feito um cão de guarda entre mim e minha estimada calcinha.

Dou a volta e vou até a lavanderia, mas preciso recuperar a calcinha. Ainda sem um plano brilhante subo de novo até o Achados e Perdidos. Senhor, é pedir demais que essa mulher saia por meio minuto para que eu pegue a minha calcinha?

Aproximo-me da porta e percebo que Carmem está concentrada lendo um livro. Ela sequer repara que estou ali. Minha calcinha está dentro de uma sacola, como se fosse um objeto contaminado, pendurada no pequeno varal, onde mais peças de roupas perdidas se encontram. O problema é que esse varal está localizado no fundo da pequena sala, atrás das prateleiras, de forma que teria que passar por Carmem para pegá-la. Fico ali parada, me amaldiçoando por não ser uma Jedi e não ter o poder da mente para fazer a calcinha levitar até mim, até que Carmem se levanta e entra por uma pequena porta.

Nem posso acreditar! É a segunda vez que minhas preces são atendidas. Deixo o cesto de roupa suja no chão, entro correndo na ponta dos pés e vou até minha calcinha. Escuto um resmungo de dentro da portinha enquanto a puxo do varal, isso faz com que quase todas as peças caiam, começo a recolhê-las quando escuto um barulho de descarga, então me apresso para fora dali, com a sacola pendurada na boca, correndo na ponta dos pés, o coração aos pulos como se eu estivesse roubando, o que é ridículo, a porcaria da calcinha é minha!

Assim que saio da salinha correndo, esbarro com tudo em alguém que deixa algumas caixas despencarem no chão. Me abaixo envergonhada, ainda com a sacola na boca e começo a juntar as coisas da pessoa, quando vejo que entre elas está uma caixa de camisinhas. Olho para cima imediatamente e Cleber está parado, com os braços cruzados rindo da minha cara. Levanto-me rapidamente, de jeito nenhum esse homem vai me olhar de cima e me ter ajoelhada aos seus pés. Então reparo que ele não está olhando para mim, e sim para algo pendurando na minha boca. Tiro a sacola e a escondo rapidamente atrás do meu corpo.

— Sabe, Suzana, se isso não é para você, não deveria andar com ela pendurada assim na sua boca. Faz as pessoas imaginarem que é sim, para seu prazer.

— Eu não estava... isso foi um acidente.

— Imagino.

Ele se abaixa elegantemente e junta suas coisas de volta nas caixas.

— O que está fazendo aqui? — pergunto temendo a resposta.

— Me mudando. Eu disse que compraria o apartamento ao lado do seu, não disse?

Por alguns minutos eu o encaro totalmente séria. Isso só pode ser brincadeira. É mentira, não é? Ele toca meu rosto com a ponta do dedo e faz um beicinho.

— Parece que você não ficou muito feliz. Não se preocupe vizinha. Vamos ser bons amigos.

— Acho que não. Você não está falando sério, não é? Veio ver algum amigo de novo e isso são

apenas presentes para ele.

Ele tira a caixa de camisinhas da caixa e a estende.

— Por que eu daria isso a um amigo?

— Para impedir que ele acabe superpovoando o mundo?

Ele abre seu sorriso safado e joga as camisinhas de volta na caixa.

— Você até que é divertida minha cara Suzana, e inocente. Ou se faz muito bem de inocente. Mas, a verdade é que estou me mudando para o 801, o apartamento ao lado do seu. Não precisa fazer essa cara de desesperada. Prometo que teremos a melhor relação possível.

— Prefiro que não tenhamos nenhum tipo de relação — digo e vou andando, mas ele puxa a sacola com a calcinha da minha mão.

— Ah, mas o que é isso, Suzana? Para que tanta hostilidade?

— Acho que você gostou mesmo dessa calcinha — digo cruzando os braços.

Ele sorri e me estende a sacola. Penso que é algum truque e a puxo de uma vez, mas ele a solta sem pegadinhas.

— Estou te dando uma prova de que seremos apenas amigos — ele diz. — O Cleber normal teria respondido que imaginou mil vezes essa calcinha em você e por isso a adora.

Eu o encaro sem entender aonde ele quer chegar.

— Mas, esse Cleber que vai ser seu vizinho e amigo, não vai dizer isso. Você entende onde quero chegar? Não vou mais dar em cima de você.

Cruzo os braços, o que faz com que meus seios levanten e apareçam pela abertura da blusa social que uso. Seus olhos imediatamente caem sobre meu decote, mas não há aquele desejo que sempre estive ali quando ele olhava para mim. Espero por alguma piada, ou cantada, mas ele não diz nada.

— Por que não? — pergunto e me repreendo na hora. Que merda estou fazendo? Melhor mesmo que ele não dê mais em cima de mim.

— Porque agora tenho uma musa. Uma fada. E é somente ela que desejo.

Pisco os olhos, confusa e ele continua sua explicação com os olhos brilhando.

— Ela é uma dançarina, muito diferente de você. É sexy, sensual, poderosa, e não tenta esconder isso. Ela com certeza não é o tipo de mulher que usa uma calcinha vibratória, ela tem o homem que quiser a hora que quiser. — Ele faz uma cara de pena. — Não a estou ofendendo de maneira nenhuma, vizinha. Estou apenas explicando que encontrei um desafio melhor, que vai valer meu esforço e vou me dedicar totalmente a ele. Agora seja uma boa vizinha e me ajude com essas caixas — diz de maneira amável.

Ainda estou em choque. Ele pega as caixas e deixa uma para trás para que eu pegue enquanto chama o elevador. Pego a caixa de má vontade e vou atrás dele.

Quando entramos no elevador pergunto, com um fiapo de voz:

— Qual o nome da sua dançarina misteriosa?

— Minha fada se chama Miss Sue.

Controlo o nervosismo.

— E aposto como ela te deu um fora — digo com deboche

Ele me olha com um sorriso no rosto.

— Ah, minha querida vizinha, acho que vamos ser bons amigos. Sim, ela me deu um fora, mas nós dois sabemos que isso na verdade é como apertar um gatilho. Agora que vou mesmo fazer de tudo para tê-la.

Merda. Ele não pode estar falando sério. Não pode estar se mudando para a casa ao lado e estar obcecado pela minha vida noturna. Merda! Recebo um aviso bem grande e claro dentro de mim:

Suzana querida, você está ferrada!

Capítulo 06

Suzana

Entro em seu apartamento que é somente caixas espalhadas por todo chão. Coloco a caixa que carrego no chão e me belisco para ter certeza que isso não é um pesadelo horrendo. Cleber ri do meu gesto enquanto coloca as caixas que carregava no chão também.

— Parece que você está bem ocupado com todas essas caixas. Estou indo — digo e me dirijo à porta, mas ele me segura pelo braço.

— Calma vizinha. Fique mais um pouco. Por que não toma algo comigo?

Eu cruzo os braços e o encaro.

— A última vez que tomamos algo juntos, minha vontade foi pegar a garrafa e virá-la na sua cara.

Ele dá uma gargalhada e se senta em cima de uma das caixas.

— Isso, nunca aconteceu. Aquele jantar, o supermercado, o dia em que eu invadi seu apartamento. Esses dias não existiram, adorável *vizinha*.

Ele dá uma ênfase maior à palavra vizinha, deixando claro que substituiu o apelido anterior.

— Faz de conta que nos conhecemos hoje. Sou seu novo vizinho, lindo e gostoso que você nunca viu antes.

Não entendo qual é o jogo dele, e nem quero descobrir, na verdade.

— Bom, nesse caso, vou indo. Não entro na casa de vizinhos desconhecidos.

Ando até a porta, mas ele corre e me impede de sair, entrando em minha frente.

— Não suporto essa sua mania de ficar entrando na minha frente e empacando meu caminho! — reclamo.

— Eu não precisaria fazer isso se você não fosse tão fujona.

— Não sou fujona. Você que me persegue. Eu sei que você tem dinheiro, mas comprar o apartamento ao lado? Eu poderia acusá-lo de perseguição!

— Não comprei esse apartamento por sua causa, não seja convencida.

Há um sorriso em seu rosto e só então me dou conta que devo estar vermelha, já que meu rosto está pegando fogo. Ele conseguiu que eu demonstre algum sentimento, mesmo que seja raiva, está considerando isso uma vitória. Ok, senhor convencido, lá vamos nós de novo. Ninguém ganhou aquele dia, hoje já está 3x0 para você, mas não vai ficar assim por muito tempo.

— Ok, então vamos começar de novo, vizinho.

Ele sorri e me estende a mão.

— Sou Cleber Dantas, seu novo e muito bem dotado vizinho.

Pego sua mão e não demonstro como minhas pernas tremem quando ele a aperta.

— Sou Suzana Leal. Sua vizinha fria que não está nem um pouco interessada nos seus dotes.

Ele fecha os olhos e sem soltar minha mão, geme antes de dizer:

— Isso é música para os meus ouvidos.

Puxo minha mão da sua tentando segurar o sorriso.

— Achei que não fosse mais flertar comigo.

Então ele me encara, olha nos meus olhos e olha minha boca por um bom tempo. Não existe mais o sorriso em seu rosto, ele parece confuso. Merda!

— Preciso mesmo ir — digo já abrindo a porta e saindo, mas ele é claro, segura minha mão.

— Não vá, desculpe, eu viajei. Sua boca parece... deixa para lá. Não vou flertar com você Suzana, estava apenas brincando. Também não comprei esse apartamento por sua causa, de verdade. Quis ajudar meu amigo corretor e gostei bastante daqui, é um ótimo lugar. Não estou mais interessado em você. Nunca estive, só a tomei como um desafio porque me disse não.

— Ainda continuo dizendo não.

Ele pisca os olhos e só então me dou conta da asneira que acabei de falar. Minha nossa senhora das mulheres difíceis, estou flertando com ele? Puxo minha mão enquanto ele diz:

— Não tenho interesse por você. Na verdade, tenho interesse por qualquer mulher que use saia e tenha seios fartos, mas não passa disso. Você é bonita Suzana. Muito bonita. Um homem teria que ser louco para não desejá-la.

O filho de uma puta está me dando um fora? É isso mesmo? Está se vingando de mim? Mas eu nem pedi nada dele. Sinto-me derreter, estou sendo derrotada e humilhada no corredor do meu prédio. Está de quanto esse placar? 10x0 para ele? Fecho os olhos e espero que ele finalize com um você não faz meu tipo ou algo assim, mas aí o milagre acontece. Uma mão toca meu ombro e a voz que mais adoro no mundo diz meu nome:

— Suzana, está tudo bem?

Abro os olhos depressa e ali está Samuel. Seu cabelo loiro claro está ajeitado como sempre, seu corpo magro coberto por uma camisa vermelha. Amo quando ele usa vermelho, destaca seus olhos cor de mel.

— Você está bem? — ele pergunta olhando para Cleber com uma careta.

— Sim.

— Está ocupada? Estava pensando que poderíamos tomar um sorvete, o que acha?

O que? Tomar um sorvete? Com ele? Ele nunca me chamou para nada. Me seguro para não saltitar pelo corredor, na frente dele e pagar o maior mico e apenas abro um sorriso contido. Quando ele vai pegar minha mão, uma mão maior a puxa primeiro.

— Você não ia me ajudar com a mudança, vizinha? — pergunta Cleber parecendo irritado.

— Eu? Não, nunca tive essa intenção — digo me desvencilhando da mão dele.

— Mas, você disse que ia me ajudar.

Ele está nervoso. Abro um sorriso para ele e ele faz um gesto quase imperceptível com a cabeça de que não devo ir com Samuel.

— Se disse, sinto muito, mas não poderei. Peço desculpas, mas tenho certeza que sua equipe de mudança fará todo o trabalho.

Ele dá de ombros.

— Está certa. Fará mesmo. São os mais competentes do estado. Talvez eu possa até ir tomar um sorvete com vocês — diz.

Meu sorriso some.

— Não se atreva — sussurro.

Mas, ele já se atreveu. Pegou sua carteira e está fechando a porta. Olho para Samuel totalmente sem graça, e ele mais do que imediatamente pega minha mão. Vamos andando na frente até o elevador. Entramos e Cleber ainda está conversando com o responsável pela mudança que acabou de chegar. A porta do elevador fecha e ele não consegue entrar. Quase dou vários pulos em comemoração.

— Parece que iremos sozinhos.

— O seu amigo não vai se importar se não o esperarmos?

— Ah não, ele nem liga — respondo enquanto saímos do elevador.

Assim que colocamos o pé na calçada, ouvimos um grito.

— Suzana!

Olho para trás e lá vem Cleber, quase correndo, atrás de nós. Merda.

— Nem me esperaram, hein! — ele reclama.

Vamos andando os três para a sorveteria que graças a Deus é próxima ao edifício. Samuel ainda não soltou minha mão, o que me faz ter dificuldade de prestar atenção na conversa dele. Ou talvez isso se deva ao fato de ele estar falando sobre as mudanças do tempo. Assim que chegamos à sorveteria, ele me acomoda, pergunta o que quero e vai fazer o pedido. Tão cavalheiro!

— Que papinho péssimo! Ele não deve pegar mulher nenhuma.

Só aí reparo que Cleber está sentado ao meu lado.

— Por que não foi pegar seu sorvete?

— Não gosto de sorvete.

— Então o que está fazendo aqui?

— Protegendo você.

— O que?

— Pode me considerar seu anjo, Bruxa. Esse cara só quer te comer.

— Não preciso de anjo algum, você não é meu amigo e nem todo homem pensa com a cabeça de baixo, como você.

Um sorriso surge em seu rosto.

— Sou seu amigo quer você goste ou não. E olha que não costumo ser amigo de mulheres, se é que me entende. Não curto essas amizades assim, sem benefícios.

— Ótimo, então vá procurar uma amiga que te beneficie gritando seu nome enquanto finge um orgasmo.

Ele me encara em choque e seu sorriso só aumenta.

— O filho do governador parece um cara puritano, Bruxinha. Não acho que ele gostaria de ouvir a palavra orgasmo na sua boca. E o cara te trouxe para uma sorveteria, pelo amor de Deus! Quantos anos vocês têm? Doze?

Não tenho tempo de dar a resposta que ele merece porque Samuel aparece e se senta ao meu lado. Eu pedi um milk-shake de morango, e ele me trouxe sorvete de uva. Finjo que não foi nada e vou tomar quando Cleber o toma da minha mão.

— Tenho certeza que você não pediu isso, Suzana.

— Pedi sim — digo ao mesmo tempo em que Samuel diz que foi o que pedi.

— Não, você pediu um milk shake de morango.

Olho para Samuel e ele assente parecendo desconsertado. Então olha para mim e pega minha mão.

— Verdade, me desculpe lindinha. Agora me lembro de que pediu mesmo de morango. Ando com a cabeça muito ruim.

— Não tem problema — respondo, mas na verdade tem. Detesto sorvete de uva.

Cleber revira os olhos para mim, se levanta e vai fazer o pedido dele. Logo depois, retorna com um milk shake de morango e me entrega, e começa a tomar de má vontade o de uva.

Eu apenas abro um sorriso para ele, não quero agradecer, ele não fez isso para ser gentil, mas para irritar Samuel. O que funcionou. Posso sentir a tensão em Samuel vindo até mim. Os dois começam a conversar amenidades. Cada vez que Cleber fala sobre um lugar novo e interessante, Samuel o corta falando sobre algum acidente ou alguma catástrofe. Ele falou mais de catástrofes em função das mudanças climáticas do que já ouvi falar em jornais e noticiários. E cada vez que ele faz isso, Cleber me olha com uma mensagem bem clara: “chato”, que finjo não entender.

Ok, digamos que Samuel seja meio devagar para conversar, isso não importa muito não é? Importará se ele for do tipo impaciente para escutar. Eu falo muito, preciso de alguém que me escute. Começo a falar da escola para ver se ele vai me dar corda e ouvir o que tenho a dizer ou me cortar. E para meu alívio completo, ele não só escuta tudo o que falo, como pergunta mais coisas e parece realmente interessado no meu dia a dia com meus alunos. Enquanto Cleber está cochilando na cadeira ao lado. Estão vendo como descobrir um bom marido? Não adianta ser bom de cama e péssimo em dividir as coisas. Após falarmos por um bom tempo, percebo que está começando a anoitecer e preciso ir. Tenho que me arrumar para ir para o Red. Digo que preciso corrigir alguns para casas e Cleber é o primeiro a se levantar claramente aliviado.

Samuel pega minha mão de novo assim que saímos da sorveteria, e Cleber se torna uma sombra atrás de nós. Não diz mais nada. Entramos no elevador e Samuel se oferece para me levar a minha porta. Desespero-me. E se ele quiser entrar? Uma que não tenho tempo, preciso ir para o Red e outra que não lembro se tranquei a porta do meu quarto. Tento esconder a tensão e pensar em uma desculpa, mas não é necessário, pois Cleber praticamente me puxa para perto dele e diz:

— Eu a levo. Não tem porque você descer um andar antes do seu. Sou vizinho dela.

Samuel ainda insiste, mas não dou muita corda porque realmente não preciso que ele me leve. Despeço-me dele quando chegamos ao 8º andar, e ele me surpreende ao dar um beijo no meu rosto. Sinto-me uma adolescente de tanta felicidade. Saio do elevador quase flutuando em minha bolha quando ela é estourada pelo ogro do meu vizinho.

— Só falta sair correndo e saltitando pelo corredor — ele diz.

— E se eu quiser fazer isso?

— Pelo amor de Deus, o cara é chato! Feio! E nem presta atenção ao que você pede. Como pode estar apaixonada por um cara assim?

— Você o conheceu hoje, viu apenas os defeitos que quis enxergar. Ele é maravilhoso.

— Você tem um péssimo gosto. Por isso não quis ficar comigo.

Abro um sorriso.

— Touché. Aceite isso. Diga a si mesmo que tenho um péssimo gosto e pronto, você vai superar os foras que eu te dei.

Ao invés de ficar irritado ele abre um sorriso ainda maior que o meu enquanto abre sua porta.

— Sabe de uma coisa? Você não deu um sorriso desses em momento nenhum enquanto estava com ele. Que bom que eu te faço rir, Bruxinha. — Então ele entra e bate a porra da porta da minha cara.

Não me venha falar do placar agora! Nem quero saber!

Estou usando um vestido justo, florido, e um casaco comprido por cima. Embora o tempo esteja quente, já estou atrasada e precisarei me trocar bem rápido ao chegar ao Red. Puxo minha mala vermelha com as maquiagens, a máscara e a fantasia da noite e abro apenas um pouco a porta do meu apartamento. Nenhum sinal de ninguém no corredor. Eu deveria ter saído há vinte minutos, mas quando abri a porta, havia uma mulher seminua parada na porta do imbecil do meu vizinho. Voltei para dentro e esperei que ela entrasse no apartamento dele. Ele só podia ser louco! Ainda nem tinha móvel nenhum montado e já estava levando mulheres para lá! Ia ter muitos problemas com o síndico. Esperei dez minutos e quando abri a porta, a mesma mulher, com um vestido curto diferente estava batendo na porta. Fiquei confusa. Quando ela trocou de roupa? E onde? Aí tive que esperar mais dez minutos e agora estou aqui, torcendo que não haja uma terceira mulher igual às outras duas que vá bater na porta dele, mas está tudo no mais absoluto silêncio. Saio na ponta dos pés para evitar fazer barulho. Não sei por que faço isso, levando em conta que a rodinha da mala no piso faz barulho e

corro até o elevador.

Há uma mulher que não conheço dentro do elevador, ela fica me encarando confusa. Sei que está calor para estar com esse casaco, mas não posso fazer nada. Como sempre, saio pela portaria dos fundos, para que o síndico não me veja e agradeço aos céus quando um táxi passa rapidamente. Começo a me maquiar no carro mesmo, e tenho a leve sensação de estar sendo seguida. Vejo um carro preto atrás do táxi e curiosamente ele para em frente ao Red. Peço ao taxista para dar mais uma volta e quando ele para em frente ao Red de novo, o carro não está mais lá. Respiro aliviada e desço.

Foi um bom show, levei uma bronca por chegar atrasada. E um brutamente conseguiu arrancar meu sutiã, mas cobri rapidamente o seio com as mãos e isso fez com que mais dinheiro voasse no palco. Também teve o fato de eu ter me apresentado mais relaxada, pois sabia que Cleber estava com no mínimo duas mulheres no apartamento dele, não ia aparecer para me importunar. Após tomar um drink com o pessoal, e já me sentindo esgotada, pois ainda terei que acordar cedo amanhã, me despeço e vou procurar um táxi. É aí que o vejo.

Há um homem me espionando na esquina. Tem os cabelos grisalhos e um bigode cinza, muito cinza mesmo. Além da baixa estatura, ele é, estranho. Eu o encaro de volta. Ele está muito bem vestido. Penso se deve ser algum cliente do Red que está me seguindo, isso já aconteceu antes. Mas ele entra justamente no carro preto. O carro preto que achei que estava me seguindo mais cedo. O táxi aparece e entro tendo uma pequena crise de pânico. Por que esse homem baixinho está me seguindo?

Quando paramos em frente ao meu prédio, lá está o carro preto. Pago o taxista e saio puxando a mala vermelha para a portaria dos fundos, ele dá a volta no quarteirão com o carro preto, desce do carro, mas não se aproxima de mim. Pego meu celular e tiro uma foto dele. Isso parece assustá-lo, porque ele entra no carro e vai embora.

Assustada, ligo para Cidão assim que entro. Explico o que aconteceu e levo uma segunda bronca dele por não ter dito quando cheguei que achei estar sendo seguida.

— Nós não conhecemos as pessoas que frequentam esse clube, Suzana. Você é uma dançarina, é sensual e não está ao alcance deles. Eu sempre disse que um deles poderia cismar com você.

Envio a foto do baixinho que me seguiu, preparo um leite quente e me sento enquanto espero um retorno de Cidão. Ele conhece muita gente. Tem contato com todo tipo de pessoa, espero que possa me dar alguma pista. É aí que recebo uma mensagem dele no WhatsApp. Há uma foto diferente do mesmo homem, e embaixo ele escreveu:

O homem que seguiu você é nada mais, nada menos, que Romero Botelho, um perigoso detetive. Mas não posso imaginar quem teria contato com um detetive da laia dele para mandar investigá-la. Ele é perigoso, Suzana, tome ainda mais cuidado.

Um detetive? Merda! O maldito do meu vizinho mandou mesmo me investigarem!

Estou deitado em um divã esperando que minha analista me diga qual é o meu problema. O barulho de carros lá fora e de dedos digitando no teclado não me deixam relaxar por completo.

— Isso é uma merda. — Escuto a voz de Sebastian vindo lá de trás, onde ele foi confinado a ficar por Celina.

— Cale a boca Sebastian, você não está aqui. Cleber querido — ela diz se fazendo de doce. — Não entendo bem o que você falou. Sonhou com a fada ou a bruxa?

— As duas. Passei a tarde toda com a bruxa ontem. Mas não tirei a fada da cabeça. Celina, estou tão obcecado por ela que enxerguei na peste da minha vizinha, o rosto da minha fada.

— Porra! Que coisa mais gay!

— Sebastian, cale-se ou acertarei esse grampeador nas suas bolas.

O sorriso de Sebastian some e tudo fica no mais absoluto silêncio.

— Sonhei com minha odalisca, ela dançava sensualmente para mim e começou a tirar a roupa. Mas, quando ela se virou de frente, era a bruxa. Então ela começou a gargalhar e saiu de braços dados com aquele gay do cara por quem ela está apaixonada.

O silêncio se prolonga e finalmente olho para Celina. Ela está sentada em cima da mesa e me encara de uma maneira quase triste.

— Ah, Cleber. Achei que fosse apenas seu ego avantajado tendo uma crise de personalidade, mas acho que você está apaixonado. Só temos que descobrir por quem.

— Não estou apaixonado. Preciso tê-las. As duas! Comer cada uma delas de várias maneiras e então venderei a merda daquele apartamento e me mudarei da cidade.

— Você não conseguiu nenhuma delas, não vai conseguir as duas.

— Achei que estava pagando você para me ajudar — reclamo.

— Você não está me pagando, Cleber querido! Agora seja homem e saia dessa cadeira.

Levanto-me contra a minha vontade da cadeira e a encaro.

— E então?

— Escolha uma delas e a leva para a cama. Transe muito, goze mais ainda e depois tudo isso vai passar. Se não estiver apaixonado, é claro.

Estou ponderando o conselho dela quando a voz de Sebastian nos interrompe:

— O difícil vai ser ele escolher uma delas.

A verdade, é que não entendo porque Suzana se interessou por aquele cara idiota e egoísta, mas não estou mesmo interessado nela. Confesso que houve momentos, quando ela me deu respostas engraçadinhas, ou quando aquele sorriso espontâneo surgiu em seu rosto, que meu pau despertou, mas isso é normal. A noite passada foi uma merda. Além dos sonhos/pesadelos com as duas, não me senti satisfeito de novo com minhas indianas. Talvez o problema sejam elas, e não eu. Preciso de mulheres novas.

Reparo que Celina e Sebastian me encaram aguardando uma resposta e dou de ombros.

— A fada, não estou interessado na bruxa.

Celina parece desapontada, mas Sebastian aprova minha escolha.

— Bom, nesse caso, não seja machista e preconceituoso e conseguirá levá-la para a cama.

— Eu não sou preconceituoso!

— É sim. Não é porque a mulher dança em um clube que vai abrir as pernas para você só porque você quer.

— Então o que tenho que fazer?

Celina abre seu sorriso debochado.

— Ah por favor Cleber, eu não te diria como conquistar uma mulher nem que você estivesse me pagando para isso. Não sou do seu time. Mais fácil ensinar a ela como não cair na sua.

— Você quer que eu a conquiste?

— É claro! Como acha que vai levá-la para a cama?

Ela não precisa dizer mais nada. Sei exatamente como conquistar minha Odalisca maravilhosa. Levanto-me de um pulo da cadeira com os ânimos renovados, mas a imagem da bruxa, com a calcinha vibratória pendurada na boca, totalmente vermelha e sem graça me vem à mente. E devo ter algum letreiro na testa indicando que pensei nela, pois Sebastian cai na gargalhada apontando o dedo acusador para mim:

— Porra homem! Você é um merda! Ficava me zoando por causa da xoxota mágica da Celina e agora olha você! Apaixonado por duas mulheres das quais não chegou nem a ver as xoxotas.

Não preciso responder e nem me rastejar humilhado, pois Celina atira o grampeador nele. Não acerta nas bolas, mas passa bem perto, caindo no meio de suas pernas. Demoro um segundo em completo choque para depois cair na gargalhada. Estranhamente, Sebastian não parece tão assustado. Ele encara o grampeador no chão, olha para Celina e diz com um sorriso no rosto.

— Amor, você quase foi presa ontem. Acho que deveria parar de atirar coisas.

Celina dá de ombros e sai da sala me deixando ainda às gargalhadas.

Assim que volto para minha sala, me decido, Suzana será minha vizinha e amiga. Sim, eu sei, você está achando estranho que eu queira ser amigo de uma mulher que não comi e que me rejeitou, mas a verdade é que há algo nela que me atrai. E nem estou falando da bunda enorme e dos seios fartos, mas quero protegê-la. Sem segundas intenções, ou quase sem segundas intenções. Serei seu melhor amigo e cuidarei de não permitir que ela caia no papo ruim daquele riquinho extremamente entediante. Já minha a fada, bem, essa eu quero o quanto antes na minha cama.

Esqueço as mulheres que tem acabado com minhas noites de sono durante a tarde, então o trabalho não me deixa tempo nem de comer direito. Só desvio os olhos dos papéis a minha frente quando Gilcelle entra em minha sala.

— O que houve, Gil?

— O detetive ao telefone.

Eu a encaro.

— Você poderia ter simplesmente passado a ligação.

— Eu sei. Mas vou me sentar aqui e ver a sua reação ao que ele vai falar.

Cruzo os braços e um medo me toma por alguns segundos. O que será que ela sabe?

— Não sei de nada sobre o que ele tanto investiga, Cleber. Mas você fica meio que transtornada cada vez que ele entra em contato. Só quero que saiba que estou aqui.

Eu assinto em agradecimento e pego o telefone.

— Pois não, Botelho. Alguma novidade?

Ele solta um suspiro dramático que não é característico dele antes de responder.

— Heitor foi visto saindo do prédio da V.D.A., senhor Dantas.

— O que? Quando? — estou de pé e a caneta que estava em minha mão foi feita em pedaços.

— Há poucos minutos. Um de meus homens o está seguindo.

— Onde ele está?

— O senhor não pode ir atrás dele.

— Claro que posso. Onde ele foi visto, Botelho?

— Próximo à Praça Raul Soares, senhor.

Não espero ele dizer mais nada, desligo o telefone e me dirijo na porta, mas Gilcelle agarra meu braço.

— Ou, aonde pensa que vai? Não pode sair atrás de só Deus sabe quem sem dizer a ninguém onde está!

Quero brigar com ela, mas sei que está apenas me protegendo. Então tiro sua mão do meu braço e a aperto.

— Não é nada perigoso, acalme-se criatura. Vou ligar para você em vinte minutos, tudo bem?

Ela assente, e nessa hora a porta da minha sala abre e Matheus encara minha mão na de Gilcelle. Merda! Tiro minha mão rapidamente e Gil parece confusa com minha atitude, ela me olha ameaçadoramente, me lembrando de que devo ligar para ela e sai da sala sem olhar para Matheus.

— Não é o que está pensando — digo.

— Não estou pensando nada — ele responde daquele jeito sério dele que não nos permite saber quando está prestes a matar alguém, ou não.

— Só estou com um problema, e ela ficou preocupada.

— Você não precisa me dar explicações.

Por um momento penso em contar a ele. Penso em dizer a grande merda que fiz, e o risco que todos nós corremos agora, mas não consigo. Talvez ele vá me odiar mais ainda se souber o que fiz, que coloquei o trabalho de toda uma vida dele em risco. E covardemente, me calo.

— Do que precisa? — pergunto e ele parece decepcionado.

— De nada na verdade. Não sei o que vim fazer aqui. — Ele olha pelo vidro para Gilcelle sentada em sua mesa de uma maneira nada feminina e sai da sala.

— Ah meu amigo, eu sei bem o que veio fazer aqui, veio vê-la, como sempre — digo para mim mesmo, pois ele já está longe nesse momento.

A adrenalina no meu corpo só não é maior do que a raiva que sinto. E a vontade de encontrar Heitor e deixá-lo sem dentes antes de fazer com que ele se explique. Não há explicação para o que ele fez. Não há explicação para o inferno que tenho vivido nesses últimos cinco anos. Dirijo-me à praça e procuro por sua cabeça ruiva. Sei que já faz anos, mas me lembro de que ele era bem ruivo mesmo. Tinha sardas no rosto, a pele bem branca e o cabelo num tom de alaranjado vivo. Dou algumas voltas pela praça e nada. Sento-me em um banco e observo algumas crianças brincando na fonte. Só então me vem à mente o quão estúpido é achar que um dos homens de Botelho não o tenha alcançado e eu, um simples empresário, com um conhecimento a mais de investigações, vá encontrá-lo bem aqui, sentado na praça esperando ser encontrado. Isso é ridículo. E uma tremenda perda de tempo. Levanto-me para voltar para a V.D.A., quando avisto um cabelo alaranjado ao longe. É um homem. O porte é um pouco diferente do que me lembro de Heitor, mas as vestes são parecidas com as roupas estranhas que ele usava, e o cabelo, é o cabelo dele.

Imediatamente saio atrás do homem, ele está andando bem depressa, mas em momento nenhum olha para trás. Eu o sigo de longe, fico preso em um sinal fechado e ele atravessa correndo na frente dos carros. Minha vontade é passar por cima dos carros, alcançá-lo e arrancar cada um de seus dentes, mas o sinal de pedestres logo abre e corro até avistar novamente a cabeça vermelha. Vou seguindo-o pelo centro de Belo Horizonte afora, até que cabelos negros esvoaçantes chamam minha atenção do outro lado da rua. Não posso perder o possível Heitor de vista, mas Suzana como sempre, chama minha atenção. Ela está com os cabelos negros soltos, usa uma blusa larguinha e formal e uma saia social bem colada às suas curvas. Mas o que mais me chama a atenção, é que há um homem a

seguindo.

É automático, atravesso a rua e sigo o homem, e ela. Ela entra em uma galeria comercial e ele entra logo atrás, mas, consigo alcançá-lo na entrada. Dou uma chave de pescoço nele, que se assustada, ele é bem magro e mais baixo do que eu.

— Por que está seguindo aquela mulher?

— Não estou seguindo ninguém.

— Eu vi você a seguindo. É melhor me dizer que não quiser que eu quebre seu pescoço agora mesmo.

— Ele a esta seguindo às minhas ordens, senhor Dantas, o que está fazendo?

Olho para o homem baixinho de bigode cinza parado ao meu lado e aos poucos liberto o perseguidor.

— Ele é um dos meus homens.

— E por que está seguindo minha vizinha?

— O senhor tinha me pedido algumas informações sobre ela, eu pensei...

— Não pense, Botelho. Não quero nenhum de seus homens atrás dela. Mesmo porque, meu assunto com ela já foi resolvido.

Ele assente e parece sem graça. Eu sei o quanto Botelho odeia ser incompetente, mas não gosto de imaginar ninguém da laia dele nem perto de Suzana. Por isso pedi uma informação tão básica sobre ela. Por isso não peço que ele descubra mais sobre minha Odalisca. Não o quero perto de nenhuma delas.

— Conseguiu ver o Heitor? — ele pergunta.

Merda! Após passar a vergonha de explicar que o deixei escapar para seguir um de seus homens, Botelho e o homem vão imediatamente atrás de Heitor e do prejuízo que eu causei. Praguejo em voz alta e recebo olhares incriminadores de algumas pessoas que estão entrando e saindo da galeria. Viro para o outro lado fingindo que aqueles olhares não são para mim e é aí que a vejo. Suzana está entrando em um sex shop. Claro que não posso perder essa oportunidade.

Eu entro na loja e me escondo atrás de uma prateleira, enquanto finjo olhar alguns objetos. Não me ajuda muito o fato de quase todas as mulheres da loja estarem olhando para mim com piscadelas e ruborizando. Quase todas, menos Suzana, que parece absorta no objeto que está em suas mãos. Semicerro os olhos para identificar o que é e quase gozo ali mesmo. A maldita da minha vizinha está segurando um grampo de mamilo. No mesmo momento imagino seus seios fartos presos por aquele grampo e me imagino chupando o grampo e seus mamilos enquanto ela geme de dor e prazer.

Não consigo mais me conter, paro atrás dela. Vejo quando a vendedora arregala os olhos e abre um sorriso para mim. Mas, estou totalmente concentrado nessa mulher deliciosa e safada que está à minha frente. Vagarosamente estendo o braço e seguro sua mão, apertando o grampo nela.

Suzana dá um pulo e fica tensa, não olha para trás e creio que já saiba eu sou eu ali.

— Acho que deveria levar esses, querida.

Ela não diz nada. Solto sua mão e ela deposita o grampo sobre o balcão e continua totalmente parada.

— Vamos, safada. Diga que isso não é para você agora.

Finalmente ela se vira. Encara-me com indignação no rosto, mas posso ver em seus olhos que está envergonhada por ter sido pega ali.

— Não é para mim. É para a minha amiga.

— E por que você dá tantos presentes eróticos para ela? Será que é mesmo lésbica?

Seu sorriso cínico aparece.

— É para substituir a calcinha, que acabei deixando em seu apartamento. Pensei em comprar alguma outra coisa — responde.

— Erótica?

— Ela tem um lado devassa.

— Tenho certeza que sim. — Eu olho bem para os olhos dela e em seguida para aqueles lábios carnudos e tentadores, e porra! Ela parece um anjo!

Seu cabelo negro cobre seu rosto e seus ombros, parando abaixo dos seios fartos, sua blusa apertada não ajuda em nada a controlar minha imaginação e meu pau já lateja no meio das pernas porque o perfume dela está vindo até mim e posso sentir sua respiração acelerada.

— Você não precisa disso para alegrar seu lado devassa, vizinha. Estou bem aqui ao seu dispor.

Ela pisca os olhos e tenta se afastar, mas a seguro pela cintura. Sei que meu corpo está próximo demais do dela.

— Se eu tivesse um lado devassa, vizinho, ele não se contentaria com tão pouco.

— Quando o seu lado devassa provar o que eu tenho no meio das pernas, vizinha, essa Suzana chata e fria nunca mais existirá — digo levando a mão dela até minha ereção.

Sei que estamos dando um show, todos devem estar nos olhando a julgar pela cara da vendedora que atendia a safadinha, mas não me importa. Sei que ela foi escolhida para ser a amiga, meu objeto de desejo é a odalisca, mas que se dane! Quando ela abre a boca para soltar alguma resposta engraadinha, mas seus olhos alcançam os meus com todo aquele desejo transbordando neles, eu a beijo. Enfio a mão em seus cabelos, o braço que está em sua cintura a puxa para junto de mim e minha boca toma a dela. Exploro cada centímetro de sua boca, dou leves mordidas em sua língua, a puxo cada vez mais perto de mim e parece não ser suficiente. Quero deitá-la nesse chão e tomá-la aqui mesmo, quero estar dentro dela e calar sua boca atrevida com meu pau. Quero marcá-la de todas as maneiras para que ela entenda que não tem o direito de me deixar louco ao ponto da obsessão e depois me rejeitar. Quero tudo e muito mais dessa mulher, e quando parece que vou explodir apenas por beijá-la, ela geme. É minha perdição. Preciso soltá-la ou não respeitarei o ambiente em que estamos, as pessoas que estão nos vendo e a comerei aqui mesmo.

Afasto-me devagar, deixando que ela volte a respirar. Seus lábios deliciosos estão inchados, seu rosto totalmente vermelho e seu olhar perdido.

— Então você não é fria afinal de contas, Adorável safadinha.

Ela parece voltar a si, ouço que arqueja, deixo que ela me empurre e então ela sai correndo. Eu fico aqui, ainda sem ar, ainda tentando voltar a mim, meu pau está apertado em minha calça, mas não posso libertá-lo agora. Olho para a vendedora que parece suada. Percebo que abriu os botões da blusa, então olho em volta. Há cerca de seis mulheres me rodeando, me olhando como um cachorro faminto olha para um frango assado, me sinto sendo caçado. Mas digo com firmeza à vendedora.

— Vou ficar com os grampos.

Ela praticamente geme enquanto os embrulha para mim e saio do sex shop com um presentinho novo para minha Adorável safadinha.

Entro em meu apartamento com as pernas bambas, o ar ainda falhando e a calcinha encharcada. Maldito Cleber, maldito! Jogo-me no sofá e fecho os olhos e só então suspiro, suspiro muito, grito, abraço uma almofada e fecho os olhos de novo. Que beijo! O melhor que já dei na minha vida. Eu quase gozei só com o beijo dele, nem quero imaginar como seria sentir toda aquela ereção no meio das minhas pernas.

Então, sou arrancada de meus devaneios eróticos pela Suzana racional que não sei como, conseguiu sobreviver a esse beijo. E aí me dou conta de que reagi como a devassa. Ele me viu tremer nos braços dele, eu enfiei minha mão em seu cabelo e o puxei para mais perto de mim, eu pressionei minha barriga em sua ereção e sei que ele percebeu isso. Ele viu meu lado devassa. Como vou freá-lo agora? E convencê-lo que aquela não sou eu?

Estou agora confusa, chateada e encharcada, largada em meu sofá. Não poderei vê-lo mais. Essa é a saída. Ele não poder dar em cima de mim se não me encontrar para isso. Vou passar a maior parte do tempo fora, e vou tirá-lo da cabeça de qualquer jeito. Tento me concentrar em Samuel, meu amor, tento lembrar-me do beijo que ele me deu no rosto. Que me fez querer saltitar. A quem estou querendo enganar? Aquele beijo não chega nem perto do que o Cleber fez comigo. Esse foi O beijo. Sinto meus lábios inchados, meu coração está como um louco, ainda não conseguiu voltar a bater normalmente e ainda me sinto desejada como a última Coca-Cola no deserto. Ele sim é homem com H maiúsculo e algo mais maiúsculo ainda no meio das pernas. Nem tenho forças para procurar Huguinho. Não tenho forças para me levantar do sofá. E assim, passo pateticamente o resto do meu dia jogada no sofá, totalmente fora do ar sentindo a boca devastadora de Cleber na minha. Maldito.

Passo o resto da semana nesse jogo de gato e rato. Não o vejo mais. Na sexta, ele bate na minha porta e chama por mim, mas finjo não estar em casa. Tenho ficado em casa com as luzes apagadas, para que ele ache que não há ninguém. No sábado de manhã recebo flores. Sinto o coração acelerar como um louco de novo, mas são de Samuel. Um sentimento bem mais puro e calmo me toma. É esse sentimento que devo seguir, esse que posso controlar, não o sentimento devastador e incontrolável que Cleber provoca. Essa calma, essa paz, isso sim é amor. O que sinto por Cleber é desejo, ou, no meu caso, desespero.

Penso em subir ao apartamento de Samuel com a desculpa de agradecer as flores, mas decido não fazer isso enquanto estiver sentindo os lábios de Cleber nos meus. Então me recolho em minha lingerie mais sexy e vou ler experiências na internet. Amo fazer isso, ler as coisas que as pessoas já viveram, suas fantasias sendo realizadas, suas histórias sendo contadas por elas, isso me anima, me excita e aumenta as fantasias que acumulo na gaveta. Estou jogada no meu sofá, no escuro, com o notebook no colo, vidrada em uma história, quando ouço um gemido, que mais parece um grito. Levanto-me e ouço de novo, dessa vez um masculino. Cleber está com visitas. Estou lendo histórias eróticas. Merda! Não quero brincar hoje, melhor ir dormir.

Claro que a noite foi uma merda e para completar, acordo com uma panela caindo no chão. Levanto de um pulo da cama e olho desorientada ao redor. Deve ser no apartamento de Cleber. A mulher da noite anterior deve estar preparando algo para ele comer. Por um momento essa ideia me irrita, mas logo percebo o quão irracional é me sentir irritada por uma coisa tão boba, e passa. Jogo-me na cama ao verificar que é domingo e não tenho que trabalhar, mas um cheiro delicioso invade meu quarto. Espera, isso não pode estar vindo do apartamento ao lado, não é? Ou então Cleber

estava comendo uma chef de cozinha. Levanto-me meio zozna, jogo um blusão por cima da lingerie e vou cambaleando até a cozinha e ali está.

Esfrego os olhos, confusa. Estou sonhando, é isso. Estou em um universo paralelo, em uma vida que não é a minha, onde há um deus grego seminu cozinhando na minha cozinha. Tem uma bunda perfeita, vestida e bem desenhada em uma cueca boxer indecente. As costas e ombros largos, os braços fortes e as coxas! Meu Deus, homens não deviam ter as coxas tão grossas e cheias de músculos, é cruel com meras mortais como eu. Estou prestes a sentir a baba escorrer pela minha roupa, quando ele se vira, com a frigideira na mão e um sorriso safado e delicioso no rosto. E no meio do meu sonho erótico, tórrido e maravilhoso, vejo o rosto de Cleber.

Meu sorriso some, olho para a porta que não foi arrombada, parece fechada, como a deixei na noite anterior. E ele ainda está ali com uma frigideira na mão, meu chapéu de chef na cabeça e a barriga deliciosa de fora.

— O que é isso?

Ele abre ainda mais seu sorriso, mas não me concentro nele por muito tempo, pois, logo abaixo, reparo o volume de sua cueca. A cueca boxer está indecentemente colada ao seu corpo e posso ver perfeitamente o contorno de seu pau. Seu enorme e grosso pau. Aquele que senti na minha barriga, que toquei por cima da calça. Aquele pau que tem me causado sonhos a semana toda, que nem a devassa teve ideias suficientes para suprir a curiosidade de senti-lo.

— Ereção matinal — ele diz com toda calma. — Nunca viu?

Pisco os olhos e o encaro.

— Não estou falando disso. Quero saber, o que está fazendo na minha casa?

— O café da manhã. Para você ver como sou um excelente amigo.

— Como entrou aqui? Você sabia que agora posso mesmo acusá-lo de perseguição?

Seu sorriso reaparece quando ele olha para a frigideira e diz como se estivesse contando a melhor notícia de todos os tempos:

— Você não vai acreditar na enorme coincidência que descobri ontem, adorável vizinha. Por acaso, ou destino, não sei, a chave do meu apartamento, também abre a sua porta.

Ele me encara esperando alguma reação, mas não consigo ter nenhuma. Isso não pode ser sério. Não pode mesmo! Esse imbecil, convencido e delicioso não pode ter acesso livre ao meu apartamento. Menos ainda aparecer seminu num domingo de manhã e preparar meu café da manhã.

— Sabe vizinha, acho que isso é coisa do destino — ele diz.

— Então esse maldito destino quer me ver louca! É isso! Que me enlouquecer! Me enlouquecer! — grito enquanto corro de volta para o meu quarto. — Senhor, por que fazer isso comigo? Por quê? Por quê?

Então me lembro das palavras que aquele aviso bem grande e claro me deu e sim, não estou apenas ferrada, estou realmente fodida!

Capítulo 07

Cleber

Termino de preparar o café, como se estivesse em minha própria casa. É estranho como me sinto tão à vontade aqui. Mentira! Normalmente me sinto à vontade em qualquer lugar, mas aqui, é como se fosse a minha casa. Deve ser porque os apartamentos são quase iguais. A ideia da chave foi a melhor que tive na vida. Imagine que depois daquele beijo, que posso chamar de devastador, fiquei de pau duro o dia todo. E acabei em um clube, que não foi o Red, não quis ver minha odalisca quando meu pau ansiava pela safadinha da minha vizinha. O jeito foi dar um fim em minha frustração sexual com três garotas lindas. Veja como é apavorante, precisei de três garotas dessa vez. Nem quero imaginar onde isso vai parar.

Depois de levá-las embora, cheguei cansado e meio tonto e ao invés de ir para a minha porta, fui para a dela. Enfie a chave e a porta abriu. Claro que abriria. Só quando entrei, reparei que não era o meu apartamento, mas o da Suzana. Voltei para o meu, tomei um banho gelado, fiz um café bem forte e fui dormir, pois precisaria acordar cedo hoje. E aqui estou. Jogo tudo em cima de sua pequena mesa redonda e vou resgatá-la. Há duas portas no corredor e não sei qual delas é a de seu quarto. Não sei nem se devo entrar em seu quarto, lembro que a primeira vez que entrei em seu apartamento, ela fez questão de trancar a porta e esconder a chave nos seios.

Paro no corredor e encaro as duas portas, então decido o que fazer.

— Vizinhaaaa! — chamo estendendo a palavra.

Ouçõ um resmungo e um palavrão vindos da porta no fim do corredor e a abro. Suas longas pernas estão emboladas em um lençol roxo, seu rosto coberto por um travesseiro e seu cabelo negro espalhado no colchão. O movimento repentino do meu pau me faz enviar um recado a ele: *“calma aí parceiro, já ficou acordado tempo demais ontem, não se comporte como um calouro adolescente toda vez que vir essa mulher.”*

— Não seja mal educada, vizinha. Vamos tomar café.

— Não quero — ela responde, sua voz abafada pelo travesseiro.

Penso por um momento em pular em cima dela e repetir aquele beijo devastador, só que dessa vez, em uma cama, eu a penetraria antes que ela tivesse a chance de fugir. Mas, me controlo e apenas puxo o travesseiro, e antes que ela reclame, a jogo em meu ombro e a carrego para a cozinha. A deposito na cadeira e me sento de frente para ela.

Ela me encara e a encaro de volta.

Mas aí eu a olho.

Olho tudo o que minha vista alcança. O cabelo desgrehado em volta de seu rosto sonolento. O corpo delicioso coberto apenas pela camisa enorme. O sorriso que ela insiste em tentar esconder. Essa mulher, bagunçada, atrevida e sexy em um domingo de manhã, é a coisa mais linda que eu já vi na vida. E constatar isso de repente faz meu coração dar um pulo e uma sensação incômoda surge na boca do estômago. Ela sorri e desvio meu olhar, servindo café em sua xícara.

— Então, eu vou querer saber como você descobriu que sua chave abre a minha porta?

Dou de ombros.

— Nada demais. Cheguei bêbado nessa madrugada e entrei na casa errada. Então, quando percebi que não era a minha casa, constatei que fiz a melhor descoberta dos últimos tempos.

Espero por uma piada, ou algo assim, mas ela praticamente sussurra: “Ontem à noite.” Enquanto olha parecendo em pânico para o corredor.

Pego sua mão por cima da mesa e a acalmo:

— Eu não entrei no seu quarto, Suzana. Nem pensei nisso, eu sei que você não queria que eu fizesse isso. Respeito sua privacidade.

Ela abre o sorriso mais doce que já vi em seu rosto, um sorriso de alívio, e aperta levemente a minha mão antes de soltá-la e dizer:

— Entrar em meu apartamento e invadir minha cozinha não é respeitar minha privacidade. E não espere que eu agradeça por não ter entrado em meu quarto.

Abro um sorriso e cruzo os braços, vejo que ela observa meus músculos.

— Não precisa agradecer com palavras.

Ela sorri e começa a comer. Logo que toma o café, parece surpresa, mas disfarça imediatamente e diz:

— Está doce demais.

— Você que é amarga demais.

Ela dá de ombros.

— O fato de a sua chave abrir a minha porta não é um convite. Você não tem que ficar entrando aqui.

— Você não pode ter mau humor matinal quando estou seminu na sua frente. Esses músculos deixam qualquer mulher de bom humor.

Ainda sorrindo ela responde:

— Não é para você ficar entrando aqui. Esse é *meu* apartamento.

— Nem se eu fizer o café?

Ela nega com a cabeça.

— Nem assim.

— Mas, eu adoro fazer café para minhas amigas. Principalmente quando não tenho nada na despensa e a amiga em questão é gostosa.

— Achei que não curtisse amizade sem benefícios.

— Mas, eu tenho benefícios. Tomo café de graça e ainda admiro suas belas pernas.

Ela cruza as pernas exibindo ainda mais suas coxas grossas.

— Ah, safadinha! Definitivamente de fria você não tem nada!

— Eu ando como quiser na privacidade da minha casa.

— Adoraria se gostasse de andar pelada — digo com um sorriso enorme.

— E eu adoraria não topar com um estranho em meu apartamento quando fizesse isso.

— Não sou um estranho, vizinha. Sou seu amigo.

Ela me encara com uma careta. De repente essa mesa entre nós me parece uma distância grande demais. Levanto-me e sento-me ao seu lado, arrastando a cadeira ainda mais para perto dela. Não sei o que estou fazendo, só sei que preciso que ela reaja a mim. Que tenha alguma razão além de me olhar. Quero que essa mulher perca o controle.

Ela se assusta quando me sento, seu olhar desce por meu corpo e foca na minha ereção.

— Isso ainda está assim? — pergunta com uma calma que me irrita. Como se estivesse falando sobre uma gravata, não sobre meu espetacular pau.

— Vai ficar assim até que alguém dê o que ele quer.

Ela não diz nada. Desvia o olhar e volta a tomar café. Como se eu não tivesse acabado de fazer um pedido explícito para que ela toque meu pau. Se ela não vai tomar a iniciativa de boa vontade, farei

isso por ela. Pego sua mão e a coloco sobre minha ereção. Aperto bastante para que ela sinta o quanto está duro para ela. Imediatamente ela engasga e derrama café quente na blusa. Solto sua mão enquanto ela se levanta gritando. Mais do que depressa vou ajudá-la. Começo a abrir os botões de sua blusa, mas ela se afasta e me fuzila com o olhar.

— O que está fazendo? — grita enquanto dá um tapa na minha mão.

— Impedindo que se queime.

— Deveria ter feito isso não colocando minha mão no seu pau!

— Não era esse tipo de calor que eu queria provocar.

Ela está muito irritada. Lá se vai toda a amizade que consegui conquistar. O muro reaparece e debocha da minha cara de perdedor quando Suzana friamente diz:

— Realmente não sei o que está fazendo aqui, Cleber.

Cruzo os braços e paro o mais perto possível dela.

— Sendo seu amigo. E tentando te comer.

Ela me encara ainda com a mesma frieza:

— Não dá para forçar uma amizade se você fica tentando me comer.

— Entendi, serei só seu amigo, então.

— Então não apareça na minha casa, seminu. E não coloque nenhuma parte do meu corpo no seu pau.

— Foi divertido. Principalmente quando uma mulherzinha com cara de velha me viu entrando aqui apenas de cueca.

— A Carmem viu você entrando aqui?

Ela parece desesperada, e não entendo o motivo, até entender uma frase do que ela está resmungando:

— ...se o Samuel ficar sabendo...

É demais para mim. Estou louco para entrar nela de todas as maneiras possíveis e a maldita está preocupada com aquele gay.

— Estou indo — digo abrindo a porta.

— Da próxima vez apareça vestido! O que estou dizendo? Não volte aqui!

Abro meu melhor sorriso ao olhá-la a última vez:

— Convite aceito, vizinha!

Passei o dia todo no meu apartamento vendo filmes que na verdade nem me interessavam. Não tenho me reconhecido nesses últimos dias. Sim, sempre gostei de sexo, sempre amei sexo, provavelmente é a única coisa que amo na vida. Mas isso é normal, não é? A melhor coisa que tenho no meu corpo é meu pau. É normal que goste e saiba usá-lo muito bem. Mas ultimamente, é mais do que gostar de sexo. Estou parecendo um adolescente que acabou de perder a virgindade com a garota de programa mais famosa do estado. Não, nem nessa época eu pensava tanto em sexo como penso agora. E nunca pensei tanto em uma única mulher.

Meu dia foi tomado pela maldita vizinha. Aquele lençol roxo, seus cabelos negros, suas pernas... Tudo nessa mulher me atrai. Ainda mais agora que sei como é o gosto da sua boca. Eu a quero, enlouquecidamente. De uma maneira anormal. Mas, eu mesmo escolhi a odalisca, e eu me lembro bem da sensação de estar perto dela. O desejo que sinto pelas duas é quase o mesmo, e é estranho que eu deseje duas mulheres dessa maneira assustadora.

É isso, preciso vê-la. Se tem uma coisa que preciso admitir, é que Celina estava certa. Fui um completo babaca. Tanto com a Suzana, quanto com a Sue. Suzana já está mais calma agora, ficará

mais calma se eu conseguir controlar meu pau perto dela, mas ainda falta Sue. Preciso pedir desculpas pelas coisas que fiz. Talvez, ao fazer isso, ela me veja com outros olhos e eu termine essa noite dentro dela. Talvez se eu conseguir uma das duas, tire toda essa obsessão em comê-las da cabeça, e do resto do meu corpo.

Tomo um banho, visto uma roupa rapidamente e saio decidido. É domingo, mas encontro no shopping o que procuro. Então, vou até o Red. Assim que entro a vejo, está dançando com aqueles dois gays com quem ela dança, despindo-os. Irrita-me ver a forma como eles a tocam, a intimidade que parece ter com eles. Não entra na minha cabeça que isso é um número, um show. O que vejo ali são dois homens querendo foder uma mulher que está doida para ser fodida. Não vejo seu show. Mesmo que ela esteja de novo com minha fantasia preferida, a de odalisca. Bebo um pouco, recebo alguns olhares furtivos pelo que carrego na mão, mas não importa. Resisto ao impulso de tirá-la daquele palco como um homem das cavernas e espero seu show acabar, para dar o meu.

Encho o bolso do mesmo segurança da outra vez e ele me deixa entrar em seu camarim. Faço minha melhor cara de cão arrependido, e ouço o som de seus saltos quando ela se aproxima. Abre a porta e me vê ali. Primeiro ela se assusta, depois parece não ter reação alguma, mas vejo que está surpresa, não irritada, o que é um bom, excelente, sinal.

— Oi — digo.

— Olá — ela responde me avaliando.

A música lá fora está alta e por isso precisamos gritar para conversar. Sei que ela não vai aceitar sair daqui comigo, então terei que fazer isso aos gritos mesmo.

— Não se assuste. Sei que invadi seu camarim, mas foi por um bom motivo.

Ela me encara e parece ainda mais surpresa.

— Quero te pedir desculpa. Fui um completo imbecil com você.

Estendo as flores e ela demora um pouco para pegá-las, até perceber que são para ela. Será possível que ela não receba flores sempre? Ela cheira as flores e um sorriso surge em seu rosto. Nessa hora, o vento joga seu cabelo vermelho em seu rosto, cobrindo o sorriso, me aproximo e o afasto, para que possa vê-la sorrir. Seu sorriso é tímido, mas lindo. Tudo nela é lindo! Usa uma maquiagem forte por trás da máscara e tenho vontade de conhecer o que há por trás dessa maquiagem toda, sei que ela é linda, de qualquer jeito.

— Tudo bem — ela diz. — Também tenho que me desculpar. Não foi legal chutar suas bolas.

Sorrio de volta e ela parece presa ao meu sorriso.

— Eu mereci.

Ela coloca as flores em um vaso vazio e o enche de água na pequena pia que há em um canto de seu minúsculo camarim. Quando volta a olhar para mim, estendo minha mão:

— Vamos começar de novo. Sou Cleber.

— Parece que estamos sempre começando de novo — ela murmura.

— Como?

Ela parece assustada por um momento, mas sorri e dá de ombros...

— Não disse nada.

Então estende a mão e toca a minha.

— Sou Sue.

Eu a levo aos lábios e a beijo delicadamente.

— Muito prazer, adorável Miss Sue.

E o olhar de luxúria que ela me dá comprova que estou seguindo no caminho certo.

Não sei o que fazer com Cleber. Não sei o que fazer com a maneira como ele me olha, e como sorri para mim. É totalmente diferente quando sou Miss Sue. Esse ambiente é erótico, o que acabei de fazer no palco, foi totalmente erótico. Normalmente saio do Red com a excitação a mil, e encontrar Cleber Dantas em meu camarim com um buquê de flores, e esse sorriso delicioso não ajuda em nada.

— Acho que podemos nos conhecer melhor — ele diz sentando-se no pequeno sofá.

Eu me sento ao lado dele, o lugar é realmente apertado, estou tão perto que sinto seu cheiro amadeirado me tomando. O sorriso enorme não some de seu rosto. E não sei se deveria ficar irritada, pois hoje de manhã ele estava tentando comer a vizinha que diz desejar tanto, e agora está aqui, tentando comer a dançarina. Porque sabemos que é isso que ele está fazendo, certo? Um homem como ele jamais se apaixonaria por uma dançarina de um clube noturno. Ok, vamos parar de drama, não sou uma dançarina qualquer, eu certei as bolas dele.

— O que quer saber? — pergunto.

— Seu verdadeiro nome.

— Sue — minto.

Ah Cleber, começamos de novo da maneira errada.

— Sue de quê?

— Que importância tem isso?

— Eu quero saber, quero saber tudo. — Ele parece tão animado que não o reconheço, é como um garotinho que ganhou um brinquedo e quer descobrir como funciona. — Quantos anos você tem? Onde mora? Como começou a dançar aqui? Por quê?

— Calma! — digo estendendo as mãos para que ele se cale, o que o faz rir. — Uma coisa de cada vez. Eu não gosto de falar de mim, nem posso falar muito. Moro aqui perto, mas não vou dizer onde.

Ele assente.

— Meu nome é Sue, é apenas isso que você precisa saber. Nada de sobrenomes.

Ele assente novamente, mas sua expressão está se fechando.

— Não se pergunta a idade de uma mulher, mas sou maior de idade, se é com isso que está preocupado.

Ele volta a sorrir e nega com a cabeça.

— Comecei a dançar porque é o que amo fazer. Danço desde pequena. Sempre quis ser dançarina, nunca imaginei que seria em um clube como esse, mas não posso negar que amo o que faço, amo que meus movimentos seduzam as pessoas, amo que gostem de me ver fazer o que nasci para fazer. Você consegue entender? — Mas, quando o olho, ele está vidrado nos meus lábios. Claro que nem estava me ouvindo.

Por um momento, sinto um alarme soar dentro de mim dizendo que ele descobriu. Mas de repente ele diz, com a voz rouca:

— Tira a máscara. Deixa-me ver você.

— Não posso. Não aqui.

— Então venha comigo. Prometo que não vou machucá-la, mas venha comigo.

— Não vou transar com você, você é um desconhecido.

— Eu sei. Não vou dizer que não pensei nisso, porque sim, depois do que acabei de ver você fazer no palco, a verdade é que pensei muito nisso. Mas não ia levá-la para esse fim, apenas para dar uma volta, comer algo. Levá-la em casa.

Não sei o que fazer. De repente quero sair com ele, quero passar esse tempo com ele, podendo reagir a tudo o que ele me causa. Sem medo do que ele ou outras pessoas vão pensar de mim. Aqui, com essa fantasia, com essa máscara e peruca, a Miss Sue, posso ser tudo. Posso dizer a ele o quanto o desejo e colocar a boca em seu pau se ele ousar colocar minha mão ali de novo. Posso pedir que ele me pegue de quatro, ou contra a parede como imaginei tantas vezes que ele faria. Mas não posso sair com ele. Se sairmos, terei que vestir uma roupa normal, terei que tirar a máscara, serei a Suzana e não a Miss Sue.

Uma ideia absurda começa a se formar em minha mente. O fato inegável é que eu o desejo. Não consigo imaginar uma mulher que conseguiria não desejá-lo. Mas, a Suzana não pode tê-lo, isso acabaria com tudo, todos os planos. Porém, a Miss Sue pode. Ela é livre, é desimpedida. Não ama ninguém. Ela vive pelo seu próprio prazer. Mordo o lábio e ele praticamente geme quando passeio a língua por ele. Sei que o estou provocando, mas é exatamente o que quero.

Ele levanta a mão vagarosamente, me deixando espaço para dizer não. E toca a peruca. Desce o dedo levemente pelo meu braço, fecho os olhos e sinto os arrepios que me tomam. Ele se aproxima e passeia os dentes pelo meu pescoço, e gemo. Não sei se ele escuta por causa da música alta lá fora, mas morde mais forte e quase me perco ali mesmo. Seu braço rodeia minha cintura, e quando sua boca alcança a parte de cima dos meus seios, ele me puxa para seu colo. Monto nele, sinto sua ereção no meio das pernas. Ele sussurra meu nome e me aproximo para beijá-lo, mas desvio e mordo sua orelha. Meu coração parece que vai sair pela boca. Não posso beijá-lo. Se o beijo que demos naquele sex shop foi para ele pelo menos metade do que foi para mim, ele se lembra dele. Vai se lembrar se me beijar de novo. Ele segura minha cabeça com as mãos e vira meu rosto, antes que eu consiga impedir, morde meu lábio. Mas me afasto e seguro suas mãos.

— Nada disso mocinho! Se me quiser, serei sua essa noite, mas você não pode me beijar.

Ele parece confuso, e irritado.

— Por que não?

— Você pergunta demais — digo enquanto me afasto apenas o suficiente para abrir sua calça.

Tenho dificuldade por causa do tamanho de seu pau, que está duro e a calça é bem apertada. Passeio a unha pela sua extensão, por cima da calça e o olho nos olhos.

— Então, você vai querer? Aceita minha condição?

Ele fecha os olhos enquanto geme, e diz em um sussurro:

— Eu aceito tudo o que você quiser, do jeito que você quiser. Mas, preciso tê-la essa noite.

Isso foi muito mais do que eu queria ouvir. Assinto e de repente ele me pega pela cintura e se vira desajeitado no sofá pequeno, deitando seu corpo musculoso por cima do meu. Seus beijos continuam de onde pararam, na parte de cima dos meus seios. Posso sentir pulsar o meio das minhas pernas, quero senti-lo em mim o quanto antes. Apago a luz para que ele não veja demais do meu corpo e nesse momento ele abaixa meu top e seus dentes alcançam meu mamilo. O colar enorme que uso faz barulho quando ele chupa meu seio, a máscara parece apertada em meu rosto. Tudo parece tão errado, e tão certo. A sensação de prazer que sinto é maior do que qualquer coisa que eu já tenha sentido. Fecho os olhos e puxo seu cabelo, trazendo sua boca para mais perto do meu seio, mas nesse momento a porta se abre. Ele se levanta em um pulo. Eu também. Cubro-me com o top e acendo a luz.

Téo e Léo nos encaram totalmente sem graças, e Téó parece bastante irritado, me olha como se eu fosse louca. Cleber se levanta desajeitado e fecha a calça. Vejo meus amigos comerem o volume dele com os olhos. Então olha para mim. O que vejo em seus olhos me alarma. Desejo, de uma forma intensa, nunca ninguém me olhou desse jeito. Não, ele me olhou, quando me beijou no sex shop. Ele se aproxima e tenho o impulso de me afastar para que não me beije, mas ele não faz isso. Beija minha

testa, toca gentilmente meu rosto e diz sem emitir som:

— Até logo, minha odalisca.

Eu sorrio em resposta e ele se vai.

Téo e Léo me olham por alguns minutos, depois Léo olha o corredor para se certificar que Cleber realmente saiu. Quando ele confirma com a cabeça, tiro a máscara.

— Você ficou louca? Onde estava com a cabeça? Se não quiser ser descoberta precisa manter distância dele, Sue, distância!

Levanto-me enquanto tiro a roupa.

— Eu sei Téo, eu sei.

— Não parece.

— Dá um desconto, Téo. Você viu o homem! Viu o tamanho do...

— Não importa. Sue querida, eu sei que é difícil, mas você precisa decidir se quer manter sua identidade ou se entregar ao melhor sexo da sua vida, porque você não vai conseguir fazer as duas coisas.

— Eu sei. — Isso é tudo o que digo, e realmente sei que ele está certo. Assim como sei que preciso, pelo menos uma vez, sentir Cleber dentro de mim. Não importa que não seja eu que ele deseje ali, de alguma forma sentirei que sim, é a mim que ele deseja. Porque somos uma, não somos? A Sue e a Suzana são a mesma pessoa. Se ele deseja uma, também deseja a outra, e como ele deseja as duas, bem, só posso deixar que nos tenha.

Não preciso dizer que não dormi a noite. Quando cheguei, o apartamento dele estava no mais absoluto silêncio, acho que não estava em casa. Deve ter arrumado alguma outra dançarina para dar um jeito naquela ereção que eu provoquei nele. Mas a verdade é que a noite foi uma merda. Tive sonhos com ele à noite toda, sonhos tórridos, que sempre acabavam na melhor parte. Fui para a escola pensando nele, acho que nunca estive tão distraída na vida. E agora estou aqui, jogada nesse sofá que tem se tornado meu refúgio, sem vontade de fazer nada, imaginando coisas, pesando possibilidades. Sonhando acordada. Não é um ataque da devassa, ainda não, é de alguma forma menos pervertido do que as visões que ela me causa, é sonhar acordada mesmo. Você já passou por isso? De imaginar uma coisa como se já a tivesse visto acontecer? E sorrir como uma boba pedindo que um dia, não muito distante, aconteça?

Estou tão perdida em meus pensamentos, que não ouço quando meu celular toca. Quando resolvo pegá-lo há uma mensagem.

Olá Suzana. Espero que não se importe, mas peguei seu número com o síndico. Será que poderíamos dar uma volta essa tarde? Aguardo sua resposta. Samuel Alencar.

O quê? De repente a Suzana devassa some e a Suzana real começa a dar pulos pela sala. Vejo que ele mandou a mensagem há mais de duas horas, preciso respondê-la. Digito um sim imediatamente, mas não consigo enviar. É errado não é? Sair com ele quando estava sonhando com outro há poucos minutos? Não devo aceitar. Mas sempre esperei por esse convite. O que posso fazer? Ouço um barulho no corredor, é Cleber. Está chegando. Abro apenas uma brecha na porta para vê-lo, ele está ao celular e ouço apenas a última coisa que fala...

— Tudo bem Abani apareça aqui hoje com sua irmã. Tem alguém aqui que está louco para vê-las.

Ok, não é errado. Sou só sexo para Cleber, ele é só sexo para mim. Envio a mensagem que havia digitado e confirmo o encontro com Samuel.

Coloco um vestido preto totalmente coberto, mas está calor demais lá fora. Procuro por uma blusa florida, mais leve que tenho, mas ela tem um decote que normalmente não uso. Porém, combinou perfeitamente com a calça que estou usando. Fico cerca de dez minutos em frente ao espelho decidindo se troco ou não a roupa, mas desisto. Estou me sentindo bem assim, que se dane o resto. Não é como se eu estivesse saindo com uma placa de neon na testa: sou dançarina noturna.

Combino de encontrar Samuel na portaria e saio animada, quando encontro Cleber abrindo a porta para duas mulheres iguais. São as mesmas que vi no outro dia e achei que era uma só. São gêmeas. Elas sorriem para mim e devolvo o sorriso, mas quando estou quase chegando ao elevador, ele me alcança.

— Oi, vizinha.

— Oi, Cleber.

Ele avalia minha roupa e um sorriso surge em seu rosto. Toca a alcinha da minha blusa e diz:

— Isso é sexy demais comparado ao que você veste.

Dou de ombros.

— Posso saber aonde você vai vestida assim?

Abro o maior sorriso que consigo e dou uma olhada nas gêmeas paradas em sua porta antes de responder:

— Vou sair com o Samuel.

— O gay? E aonde ele vai te levar?

— Ele não é gay e eu não sei aonde vamos. Mas, não importa, o importante é estar com ele.

— Você acha que está apaixonada por esse homem, Suzana, mas não está. Ninguém pode amar outra pessoa sem saber como ela é na cama.

Faço uma careta e entro no elevador, mas ele segura a porta.

— Escute o que estou te falando, *amiga*. É um conselho. Você não vai ser sexualmente feliz com ele. E uma mulher sexualmente infeliz é uma mulher totalmente infeliz.

— Dispensso seus conselhos, *amigo*.

Ele solta a porta, não entendo o que passa no rosto dele, mas vejo que sai fazendo um gesto negativo com a cabeça e ainda me olha uma última vez antes de as portas se fecharem.

Samuel abre um sorriso ao me ver, mas murcha quando ele olha com uma careta para minha blusa. Ele não gostou. Me dá um abraço e um beijo no rosto e diz:

— Não quer subir e pegar um casaco? Eu espero.

— Oi, Samuel, tudo bem? Não, está calor.

Ele dá um tapa na testa que acho meio exagerado e diz:

— Que indelicadeza a minha, desculpe Suzana. — Então beija minha mão. — Como você está?

— Bem. E com calor — ênfase.

— Entendi — ele responde de má vontade.

Vamos em seu carro até uma sorveteria diferente. Essa é mais sofisticada, e tem sorvetes lights apenas, fico me perguntando se ele acha que estou gorda, mas até que o sabor é bom. Mais uma vez ele fala sobre o tempo, o calor, e nesse assunto calor, diz:

— O tempo está realmente quente, mas não é motivo para que essas mulheres usem roupas curtas e decotadas como desculpa.

Demoro um tempo olhando para seu rosto antes de responder:

— Não é desculpa mesmo, é motivo.

Ele parece em choque, e muda de assunto. Mas me sinto incomodada. Não é possível que seja tão puritano e sistemático sobre roupas. São só roupas. Como disse, não é um letreiro de neon dizendo

que estou disponível para ser comida só porque uso um decote ou as pernas de fora. Acho ridículos e machistas homens que pensam o contrário. Nosso assunto meio que morre depois disso. Vez ou outra ele olha para meu decote com uma careta e estou prestes a pedir para ir embora, quando ele faz isso.

No carro o clima continua tenso, mas ao invés de irmos para nosso prédio, ele me leva a outro lugar. Ao lugar mais lindo do mundo, meu preferido, meu sonho. Ele estaciona em frente à Academia Mineira de Dança.

Nem espero que ele abra a porta, desço do carro e não consigo conter minha fascinação ao ver onde estamos. Ele dá a volta no carro sorrindo e pega minha mão, me conduzindo para dentro. Não há aula de teatro no mundo capaz de me fazer esconder a fascinação que sinto quando entro na Academia.

— Você gosta de dança?

— Amo.

— Mas, você dança?

— Infelizmente não.

— Eu danço desde os meus oito anos.

— Eu sei, já o vi dançar.

Um sorriso surge em seu rosto.

— Viu, é? Onde?

— Aqui. Venho aqui sempre, ver as apresentações.

Seu sorriso aumenta e ele passa o braço pela minha cintura, me mantendo ainda mais perto dele.

— Gostaria de ver um pouco das aulas?

— Adoraria.

Assim, passo uma das melhores tardes da minha vida e chego em casa descansada, feliz e saltitando. Não vejo Cleber quando passo por sua porta, mas posso ouvir o barulho de um som alto lá de dentro. Fico me perguntando se o síndico não vai encrencar com ele também por conta do som. Se fosse ao meu apartamento já teria sido expulsa.

Estou em frente ao grande espelho da minha sala, tirando minha blusa, quando a porta abre. Dou um grito e escondo o sutiã com a blusa, enquanto Cleber entra e fecha a porta, com um sorriso no rosto.

— Continue, faz de conta que não estou aqui.

— Você não deveria estar aqui. Não está com visitas?

— Elas já são de casa. Sobrevivem sem mim.

Vou ao quarto e visto uma de minhas blusonas, e Cleber não me segue. Quando volto, vejo que está usando apenas uma bermuda, e aquele peito delicioso, com uma leve penugem, está descoberto. Ele cheira a sabonete e algum perfume amadeirado. Seu cabelo molhado está desgrehado. Não precisaria ser um gênio para saber que ele acabou de transar. Não deixo que isso me incomode, acabei de ter uma das melhores tardes da minha vida.

— Como foi seu encontro? — ele pergunta me avaliando.

Suspiro antes de responder e ele estende a mão.

— Não precisa dizer, está suspirando.

— E feliz. Ao contrário de você que transou com duas mulheres e está com essa cara de quem comeu e não gostou.

— Não é verdade, gostei muito. Sempre gosto de sexo, sexo é vida.

Aproximo-me rindo e o empurro porta afora.

— Então vá fazer sexo com suas visitas e me deixe em minha bolha de felicidade.

— Não é legal você dizer isso. Estava tentando te comer ontem de manhã, você me mandar comer outra meio que fere meu ego.

— Se seu ego não morreu até hoje, meu querido, não é uma ferida que vai matá-lo.

Ele abre um enorme sorriso e toca o blusão que estou usando.

— Ele não gostou, não é? Da blusa. Achou decotada demais.

— Não importa, compensou esse erro depois.

— É mesmo? O que vocês fizeram?

— Não é da sua conta. Eu não fico aqui perguntado o que você fez com suas visitas.

— Não me importo de te contar. A Abani ficou de quatro, e a Aditi em cima dela enquanto eu metia...

— Tchau! — grito batendo a porta em sua cara.

Mas, fico o resto da noite imaginando a cena que ele começou a descrever. E mais uma vez, minha bolha é abalada pelo pervertido do meu vizinho.

À noite, recebo uma mensagem de Cidão.

Sue, tudo certo. O detetive ira encontrá-la, quando e onde você pediu.

Valeu. Te devo essa.

Deve mesmo.

É isso aí. Espero garantir que esse baixinho estranho mantenha segredo sobre minha dupla identidade.

Aconteceu de novo. Agora está acontecendo com mais frequência que antes, mas imaginei que seria assim. Heitor, sacou uma quantia alta demais da conta da empresa. Mais uma vez precisei tirar do meu bolso para cobrir. Se continuarmos nesse ritmo, em breve estarei falido. O pior disso tudo foi esconder isso do Sebastian quando ele me perguntou por que estava tão tenso, pensou que fosse por causa da odalisca, mas sei que Celina sabia que não era isso, ficou me olhando de um jeito estranho, avaliador. Mais do que o normal dela. Preciso tomar cuidado com ela.

Antes de ir para casa, passei em um bar, bebi um pouco, e fui embora. Tomei um banho rápido e me joguei na cama. Mas não consegui dormir. Talvez eu devesse ter vindo com alguma mulher para me distrair. Não gosto de fazer isso. Gosto de sexo quando estou 100% focado em dar e receber prazer, mas às vezes serve como uma válvula de escape. Às vezes, serve apenas para isso. Mas é a melhor válvula de escape que existe. Melhor do que bebida, brigas ou qualquer outro vício.

Parece que demorou horas até eu conseguir cochilar, mas algo me acordou. Um grito? Presto atenção e escuto de novo. Um grito, vindo do apartamento da Suzana. Saio correndo, sem pensar e puxo minha chave. Abro sua porta quase desesperado, tudo está no mais absoluto silêncio. Espero um pouco e ouço de novo. Vem do quarto dela. Corro até lá e abro a porta.

Suzana está sozinha. Deitada. Descoberta. Usa apenas a lingerie, mas não é isso que chama minha atenção. Ela está se tocando. De olhos fechados. Não parece perceber que estou aqui. Murmura palavras ininteligíveis. Aproximo-me devagar e a observo fascinado. Não consigo ver sua xoxota de onde estou, ela está com os dedos dentro da calcinha, mas os sons que faz e a forma como se mexe me deixam louco. Eu não precisava de mais essa visão para desejá-la ainda mais, mas não consigo parar de olhá-la.

De repente ela grita, mas não de prazer. Começa a repetir algo como “está errado”. Não entendo, parece que está sonhando, em momento nenhum abre os olhos. Não sei se devo acordá-la, resolvo esperar um pouco, mas me aproximo mais. Posso sentir seu cheiro agora, tento focar meus pensamentos no fato de que ela não está acordada e me controlo para não agarrá-la nesse momento. Ela parece chorar. E diz em alto e bom som que é errado. Não sei o que ela acha tão errado, mas não suporto vê-la se lamuriar assim. Aproximo-me da cama, me ajoelho ao seu lado e a toco. Pego sua mão e a chamo baixinho.

— Suzana.

Ela abre os olhos de repente. Olha em volta e eu acendo o abajur para que veja que sou eu. Ela se afasta e se cobre assim que me identifica.

— O que está fazendo aqui? — pergunta secando as lágrimas.

Sento na cama ao seu lado. Quero puxá-la para meu colo e acabar com minha ereção dentro dela, mas apenas respondo:

— Você estava gritando.

Ela fica vermelha, como nunca a vi ficar antes. E parece desesperada.

— Eu não... não é o que está pensando. Não faço isso sempre...

— Ei... — Seguro seus ombros para que se acalme. — Você não tem que se explicar, não estava fazendo nada errado.

Ela assente, ainda parece meio perdida, e se afasta, recostando—se no travesseiro.

— Sei que não é o momento para dizer isso, mas porra! Você é gostosa pra caralho!

Ela me encara em choque.

— Não me olhe assim. Não vou fingir que não acabei de ver você se tocando. Você tem esses

sonhos sempre?

— Não era um sonho.

— Você não estava acordada.

— Estava. Só não estava aqui.

Não entendo o que ela quer dizer. Ela dá um nó no longo cabelo e diz, como se fosse contar que tem uma doença em fase terminal.

— Tenho um problema, digamos, peculiar.

— Que seria?

Ela me olha por um bom tempo antes de falar.

— Não se apaixone, mas eu tenho um lado devassa.

Eu a encaro esperando que diga que está brincando, mas ela está séria, envergonhada.

— Não vou pedir desculpas pelo que viu, porque não teria visto se não tivesse invadido de novo meu apartamento.

Abro um sorriso.

— Graças a Deus invadi. Não espero desculpas. Mas, se quiser continuar sinta-se à vontade.

— Você não entendeu não é? Não é tão divertido. É uma doença. Tenho um lado devassa, que não controlo.

Arregalo os olhos ainda sem entender e ela parece impaciente.

— Eu tenho visões, Cleber. Eróticas. E quando isso acontece, saio de mim. Não importa onde eu esteja, quem esteja perto, são como sonhos, mas muito reais, eu sinto as mesmas sensações do que faço nessas visões.

— Uau! — Não sei o que falar. — Acho que estou mesmo apaixonado.

Ela me bate com o travesseiro e parece triste.

— Você já procurou um psicólogo?

Sua expressão deixa claro que sim, e que não resolveu nada.

— Tem algum motivo para você ter isso, não tem?

Ela olha para o outro lado.

— Ok, não precisa me falar. Você tem essas visões com frequência? Porque se tiver vou passar a frequentar mais sua casa.

— Você é um idiota.

— E você uma pervertida, gostosa, sexy e que está me deixando louco.

Aproximo-me mais dela, que foca o olhar em meu peito, é a primeira vez, depois do beijo, que a vejo me olhar assim, com todo esse desejo. Ela estende a mão e me toca com a unha, no meu peito, descendo por minha barriga. Seu toque sutil quase me desarma. Mas de repente seus olhos parecem vidrados, como se ela não estivesse acordada. Antes que eu possa chamar por ela, ela joga o lençol para o lado e pula em cima de mim. Monta em mim e morde meu pescoço. Minha vontade é virá-la nessa cama, e concretizar o que ela está me pedindo aos sussurros que faça. Mas sei que não é ela aqui. É a devassa.

Duas! Eu poderia realmente me apaixonar por isso, uma mulher com um lado devassa. Foi feita para mim. Jogo seu corpo na cama e prendo suas mãos acima da cabeça. Mordo seus lábios e a chamo:

— Suzana, volte. Realmente não quero que faça isso, mas não vou ser um babaca. Vamos safada, acorde.

Dou uma leve sacudida nela que volta. Solto suas mãos, mas mantenho meu corpo em cima do dela.

— De novo? — ela sussurra e confirmo com a cabeça. — Nunca aconteceu antes, uma atrás da

outra.

— Quando elas acontecem?

— Quando algo me excita muito e não... você sabe.

— E você não alivia?

Ela assente sem graça.

— Bom, estou aqui. E fico feliz que te deixe tão excitada.

Ela faz uma careta de indignação e começa a resmungar.

— Não precisa ser convencido, você não me excita tanto assim...

Eu a calo com um beijo. Um beijo daqueles, sugo sua língua, ouço seus gemidos, movimento meu quadril no dela, está me enlouquecendo. Mas não quero que ela entre em transe de novo e eu tenha que parar na melhor parte. Então, me esforço muito para me afastar.

— Vá tomar um banho sua safada. E me chame se quiser se aliviar.

Ela pisca os olhos quando saio da sua cama.

— Por isso você compra brinquedos, não é?

Ela não responde, mas não espero a resposta. Saio de seu quarto e tenho a impressão que ela disse obrigada.

Capítulo 08

Suzana

Tudo está estranho. Está estranho com Samuel, e aquele papo idiota de mulheres seminuas. Eu o amo, mas não há amor no mundo que vai me dizer o que tenho que vestir. A sociedade, o moralismo e a ética já fazem isso. Ficam tão enraizados em minha mente, que mesmo que eu queira usar algo mais ousado, sinto vergonha que me vejam assim. Sinto receio pelo que vão falar de mim. É como não me sentir bem, com o que me faz bem, porque as pessoas não querem que eu me sinta bem usando as roupas que gostaria de usar, ou tendo as atitudes de gostaria de ter, e acabo não me sentindo. E bem, nos vimos poucas vezes, talvez Samuel ainda possa ser podado, ainda possa entender que não vai me dar ordens, a menos que sejam na cama. Espero e torço em silêncio que seja assim, que ele me aceite exatamente do jeito que sou. Claro que com ele a devassa não poderá existir, mas acredito que ela será controlada, quando eu estiver fazendo amor todos os dias com um único homem.

E tudo está mais estranho ainda com Cleber. Como meu vizinho pervertido, justo ele, foi presenciar um ataque da devassa? Como fui atacá-lo? Isso nunca havia acontecido antes, nem dois ataques consecutivos, nem atacar alguém. A culpa disso é toda dele. Está me levando ao meu limite, ao máximo que posso suportar de excitação. Cleber Dantas é um perigo!

Desde aquela noite tenho evitado vê-lo. Sempre saio em horários em que sei que ele já saiu, e tomo cuidado de verificar antes de sair se ele está no corredor, ou se há algum movimento no apartamento ao lado. Ele deu algumas festas no decorrer da semana, cheia de mulheres, música alta, com certeza bebida e muito sexo. Aliás, ele transou todas as noites. E não invadiu mais meu apartamento. Não posso dizer que senti falta disso, não senti. Por causa dessa brincadeira de ele ter a chave da minha porta, tenho que deixar sempre meu quarto trancado. Eu sei o que está pensando, o que ele poderia encontrar lá não o chocaria após presenciar um ataque da devassa, mas sim, me entregaria, entregaria meu segredo. E Sue está prestes a fazer com ele o que eu não posso fazer.

Ele apareceu em três apresentações essa semana. Aplaudiu-me, sorriu e foi embora. Conheço esse jogo, de não se aproximar, fazer com que eu deseje que ele se aproxime, e não vou cair nele. Sou forte. Ele não. Vamos ver quantas mulheres mais ele precisará comer até perceber que sou eu a única que vai realmente saciá-lo. Espero que não seja tão tapado e perceba antes que Samuel me peça algo mais sério, e aí nem a Sue poderá ter o que tanto quero do meu vizinho.

Acordo sábado de manhã com uma mensagem no celular:

Bom dia, linda. Que tal um passeio essa tarde? Posso te pegar em uma hora?

Não sei não. Recusei três convites de Samuel durante a semana, para que ele entendesse que não aceitarei que ofenda minha vestimenta novamente, e pareceu funcionar. Está ligando todos os dias, embora nossas conversas sejam meio monótonas, não posso dizer que não gosto que ligue. Na verdade, sinto falta quando não liga. Tenho amigos na escola, no Red, mas ninguém com quem possa sair, conversar livremente, ninguém que me pergunte como foi meu dia, como ele faz. Sei que homens tão atenciosos hoje em dia é raridade, por isso vou tentar relevar seus defeitos. Respondo um sim com uma carinha alegre e vou tomar banho.

Estou me sentindo tão relaxada, e contente, com um pressentimento de que algo muito bom vai

acontecer em breve. Saio do banheiro com um nó no cabelo molhado, cantarolando desafinada e a toalha vermelha enrolada no corpo, quando noto que a tevê está ligada. Mas, não me lembro de tê-la ligado. Mas, mais do que isso, ela também está mudando de canal sozinha.

Ok, há uma coisa sobre mim que você ainda não sabe. Sou cagona. Muito cagona mesmo. Morro de medo de espíritos, fantasmas, coisas do tipo. Medo no nível dormir no corredor por algum barulho estranho no meu quarto. Estaco onde estou, fecho os olhos e penso que estou ficando louca. Os canais não estão trocando sozinhos. Mas quando abro os olhos, eles mudam de novo, como se alguém estivesse com o controle na mão, não assistindo nada e mudando de canal o tempo todo. Estou prestes a sair correndo de toalha pelo corredor, quando me dou conta que alguém mais poderia fazer isso.

Dou três passos vacilantes para perto do sofá, e avisto a cabeleira negra de Cleber.

— Mas, que merda! Você quer me matar do coração? Não pode anunciar que está entrando? Não se entra na calada na casa dos outros! Aliás, você nem deveria entrar na minha casa!

Sem olhar para mim ele dá de ombros e continua zapeando os canais, enquanto responde:

— Mau humor matinal de novo, vizinha? Você é sempre assim? Vou ter que me mudar para sua cama, para que acorde todo dia admirando meus músculos e minhas ereções matinais, assim ficará sempre de bom humor.

— Imbecil — ralho e me viro para sair.

— Por que está acordada a essa hora em um sábado? — ele pergunta.

— Tenho um encontro.

— Com o gay?

— Com o Samuel. Não seja implicante, eu não fico ofendendo as centenas de mulheres que você traz para sua casa.

Ele dá de ombros de novo.

— Poderia ofender, não me importaria. Na verdade, adoraria vê-la com ciúme.

— Com ciúme de você? Vai sonhando, estúpido.

Ele começa a se virar, enquanto fala:

— Não seja cruel, nós dois sabemos que você...

Então cala a boca e engole em seco enquanto avalia meu corpo. É um predador ali, me secando como se eu fosse uma carne suculenta. Meu primeiro impulso é dar um passo para perto dele e ver se consigo tirá-lo do controle, mas é Cleber, é preciso muito pouco para tirá-lo do controle. Assim como preciso de muito pouco para que eu entre em transe e o ataque, portanto, melhor sair logo antes que comece com esse joguinho.

Viro de costas e dou um passo, quando sua mão me alcança e ele me puxa pelo braço para junto dele, me empurrando até a parede e prendendo seu corpo no meu.

— Odeio essa sua mania de prender as pessoas contra as coisas — reclamo entredentes.

— Só faço isso com você, safadinha. E adoro, veja você mesma.

Ele passa a ereção pela minha barriga, e mesmo estando ele de bermuda e eu de toalha, posso sentir sua rigidez e minhas pernas vacilam. Esforço-me para manter a indiferença no rosto, mas falho miseravelmente e o maldito sorri vitorioso.

Placar de hoje, 2x1 pra ele, contando com o susto que levei. O meu pontinho é por tê-lo feito sair do sofá e me atacar, mesmo que não tenha me esforçado para isso.

— Então você vai sair com ele?

— Eu já disse que sim.

Estou com dificuldade em respirar, minhas pernas parecem gelatina e nesse momento estou

pensando naquele sexo lagartixa que ainda não experimentei e tentando controlar meus pensamentos, para que a devassa não assuma o controle e eu acabe gozando no pau dele, presa a essa parede. Ah meu Deus! Para que fui pensar nisso? Ele passeia seus dedos por minha perna, onde a toalha não cobre, sinto meu corpo todo arrepiar, mas finjo que não está acontecendo nada. Ele continua sorrindo, me olha com tanta intensidade, que quase me afogo no verde luxuriante de seus olhos. Tento desviar o olhar, mas ao olhar para baixo, me deparo com seu peitoral definido, aquela penugem que faz minha mão coçar para tocá-la, aqueles gominhos todos. Por que alguém tem que ter tantos gominhos? E por que a pessoa que tem, tem que ter a mania de exhibi-los em meu apartamento? É tentação demais para uma pessoa tão recatada como eu, você não acha? Está vendo como é difícil ser uma mulher decente hoje em dia? Desejo que tenham um vizinho como Cleber um dia, para que entendam pelo que estou passando.

— Levando em conta o histórico de vocês, aonde ele vai te levar a essa hora da tarde de um sábado? Ao parque de diversões?

— Vai à merda. O que importa é que ele quer me ver, de novo.

— As coisas entre vocês estão ficando sérias — ele diz e mordisca minha orelha.

— Filho de uma puta — resmungo.

— O que foi vizinha? Onde está seu muro agora? Você o ama, não ama? Tenho certeza que posso esfregar meu pau na sua barriga e você não vai sucumbir ao desejo, porque o ama, estou certo?

Esforço-me para conseguir responder. De repente minha voz sumiu, os pensamentos sumiram, as palavras “esfregar meu pau” estão ecoando em minha mente. Mas consigo responder:

— Não sei de onde tirou que o amor deixa as mulheres insensíveis ao toque de um pau.

Ele começa a rir e morde meu pescoço, com força, me fazendo gritar.

— Ah Suzana! Isso, grita assim de novo e vou penetrá-la contra essa parede.

Sim! Não! O que estou fazendo?

Ele segura meu rosto entre as mãos e me olha.

— Por favor, vou sair com ele. Por favor Cleber, não faça isso — suplico.

Acho que um lampejo de mágoa passa por seu rosto. Ele me encara em choque, meio confuso, mas não se afasta. Quando volta a falar, sei que está chateado.

— É o que você quer? Perder o melhor sexo contra a parede da sua vida e ir para uma sorveteria com aquele gay?

Apenas assinto com a cabeça.

Ele sabe que se me beijar, não irei impedir. Mais do que isso, sabe que eu desejo que me beije, mas também sabe que não quero. Que vou fugir e culpa-lo depois. Ele afrouxa as mãos no meu rosto, acho que vai se afastar, mas de repente ele aperta mais forte, levantando minha cabeça até minha boca ficar na direção da dele e me beija. Sua língua domina a minha sem a menor chance de defesa. Seu corpo prende o meu contra a parede, os movimentos que ele faz me enlouquecem. Gemo em sua boca e ele faz o mesmo, aprofundando o beijo, quando achava que isso não era possível. Sua língua me domina, ele faz coisas com ela que não achei que fossem possíveis, não consigo controlar meus gemidos, estou encharcada, excitada, louca para senti-lo em mim. Em momento algum ele tira as mãos de meu rosto, que continua segurando com força. Mas a dor não me incomoda, pelo contrário, me faz sentir presa a ele, dominada, me deixa ainda mais excitada. Quando estou prestes a implorar que ele termine aquilo logo, ele diminui o ritmo do beijo e finaliza mordendo meu lábio, com força.

Quando consigo abrir os olhos, ele ainda segura meu rosto, e diz:

— Pronto! Agora vá, saia com ele. Peça a ele que te beije desse jeito. Mas tem que ser exatamente assim Suzana, tem que calar sua boca, dominar seus sentidos e te deixar mole, implorando por mais.

Porque se você não sentir exatamente isso, está fazendo a escolha errada.

Ele sai nervoso bate a porta, e eu me desmancho no chão da sala.

Ah Cleber, maldito! Eu nunca pensei que você fosse uma opção.

De alguma forma que desconheço, consegui me levantar, tomar outro banho e vestir uma roupa para encontrar Samuel. Pensei em cancelar, mas não posso fazer isso toda vez que meu vizinho deliciosamente tarado me agarrar. Estou em um começo com Samuel, não posso pôr tudo a perder. Para não me lembrar tanto do quase sexo lagartixa que tive há meia hora atrás, vamos falar sobre minha roupa. Estou de vestido. Mas, não é um daqueles longos, cobertos e sem graça que uso. É de alcinhas, com uma saia rodada e curta, e bem colado às minhas curvas. Eu sei, não uso essas roupas normalmente, mas quero ver se Samuel entendeu o recado, ou vai ter um ataque por causa da minha roupa.

Assim que me vê ele sorri, mas logo um imbecil que está saindo do nosso prédio assovia me olhando dos pés à cabeça e Samuel fecha a cara. Ele me abraça, me dá um beijo no rosto e diz:

— É por isso que não gosto dessas roupas. Quero seu corpo para mim, Suzana, não quero que nenhum outro homem veja o que é meu.

Ele pega minha mão e me guia até o carro, mas ainda estou viajando no que ele disse. Estou fantasiando ou ele está com ciúmes? É tipo, controlador e possessivo? Quer meu corpo só para ele? Foi a primeira insinuação a sexo que ele fez comigo. Não é um monge, isso me deixa totalmente de bom humor.

Mas meu bom humor morre cruelmente assassinado assim que chegamos ao nosso destino. O Parque Municipal. Estaco na entrada tentando entender. Ok, o parque é lindo, maravilhoso, mas é um parque! O que vamos fazer em um parque? As crianças correm para todos os lados, porque esse é o lugar delas! De crianças! De repente me lembro de Cleber insinuando que iríamos a um parque! Maldito filho da mãe! Isso é praga dele! Maldito!

Encaro Samuel com toda minha decepção espelhada e ele sorri.

— Um parque? — pergunto com um fiapo de voz.

Depois de uma sorveteria, um parque. Onde será o próximo encontro? Numa matinê?

— Pensei que poderíamos andar um pouco, ver a natureza, deitar na grama. Andar na roda gigante, só nos dois.

— Mas, estou de vestido.

— Por isso não gosto dessas coisas curtas. Elas te limitam demais, não vê?

Ok, talvez eu seja tão pervertida, que ache o parque um programa de índio, então tento me concentrar no lado romântico e inocente das coisas. Tem que haver um lado inocente ainda vivo em mim. Vamos lá, deitar na grama parece bom. E nesses filmes adolescentes românticos sempre tem o casal em uma roda gigante vendo o mundo todo lá de cima, e aí rola aquele beijo, certo? Mas estamos no Parque Municipal. A roda gigante aqui não chega a ser grande. Se queria ver o topo do mundo comigo, por que não me levou a Londres? Ou ao Guanabara pelo menos, a roda gigante de lá dá de dez nessa. Sim, estou sendo mal humorada. Não sou uma pessoa mal humorada. Não permitirei que o fato de Cleber na gozação tenha acertado nosso passeio da tarde estrague meu passeio. Ele não reclamou da roupa, não diretamente pelo menos, é um começo, certo?

Começamos a caminhar e agradeço a Deus o fato de ter colocado uma rasteirinha ao invés de um salto. Mesmo que usasse saltos baixos, andar no parque seria doloroso e lento. Logo nos primeiros minutos de caminhada, o ar puro, o lago, os pássaros, isso me acalma. Estava precisando de uma caminhada, para aliviar a tensão, o estresse, o tédio acumulado. Não sei por que não caminho no

parque mais vezes. Olho para Samuel ao meu lado. Tão relaxado, sem toda aquela tensão sexual, sem a pressão de ter que fugir, percebo o quanto o admiro. O quanto ele representa algo que eu nunca tive, a normalidade.

Mas minha bolha romântica é estourada pelo próprio Samuel, pois não andamos nem dez minutos quando ele diz que está cansado e me conduz para a grama. Samuel estende um lençol sobre a grama e me observa. Tenho certeza que está esperando que eu mostre demais ao me sentar com esse vestido curto. E por estar em avaliação, me sento como uma diva, não mostrando nada que não deve ser mostrado. Ele franze o cenho, mas não tem do que reclamar. Quando me ajeito, ele segura minha mão e diz:

— Então, Suzana, preciso ser sincero com você.

É a hora. Ele vai me contar que é casado, mas está se separando da esposa, aquele bom e velho papo furado. Só isso explicaria o fato de um partidão como ele ainda estar disponível. Ou talvez vá falar sobre o tempo, ele é quase um especialista nisso. E aí poderei me deitar nesse lençol e dormir. Mas ele me surpreende ao dizer:

— Quero um relacionamento sério, Suzana. — Então me olha de uma maneira que acelera meu coração por três segundos, antes de fazê-lo parar ao dizer. — Com uma mulher submissa.

Ai. Meu. Deus. Ele é um dominador. Um do-mi-na-dor! Quero sair pulando de alegria, quero arrastá-lo até o quarto imediatamente para ser dominada. Quero me casar com esse homem agora mesmo!

— Eu acho que você poderia ser essa pessoa, Suzana.

— Com certeza! — respondo de prontidão fazendo-o rir.

Vocês do team Cleber, falem agora que esse homem não é a escolha certa? Lindo, educado, atencioso e dominador. Estou no céu nesse momento. É pedir demais que uma chuva caia agora para que ele tenha que me levar para um lugar coberto, solitário e com uma cama enorme?

— Você entendeu bem que preciso que seja submissa?

— Entendi perfeitamente — garanto com um sorriso enorme que não quer sumir de mim.

—Você não parece ser o tipo que obedece.

—Ah sim, sou muito obediente.

Ele sorri e toca levemente meu rosto. Vai me beijar. Seu toque é leve, não me prende com aquela fúria de Cleber mais cedo. E não sei por que estou comparando. Fecho os olhos e me aproximo mais dele, e aí algo cai em cima de mim nos separando. É um garotinho, deve ter uns três anos. A mãe vem correndo afobada e pedindo desculpas, mas não me incomoda. Assim que eles se afastam, Samuel se levanta e me ajuda a levantar.

— Aqui não é o lugar certo para isso — diz.

Ele vai me levar para o quarto dele! Concordo e o sigo quase flutuando até seu carro. Para aumentar minha ansiedade, ele me leva a um restaurante, almoçamos enquanto ele fala do tempo. Eu não fazia ideia de que dava para ter tantas conversas diferentes sobre o mesmo assunto. Mas, começo a falar sobre dança, e imediatamente ele me conta a história da Academia e de como se descobriu um bailarino.

Eu sei o que está pensando. Ele dança balé, eu omiti essa informação. Mas não disse antes exatamente porque sabia que você faria essa cara. Ele não é gay. Um homem dançar balé não quer dizer nada. É a mesma coisa das mulheres que arrasam no hip hop. Não quer dizer nada.

A conversa melhora 100% quando o assunto passa a ser dança e saímos do restaurante diretamente para sua Academia. Torço que ele me peça para dançar para ele, mas ele não faz isso. É pedir demais que meu muso dominador possa ler meus pensamentos?

Quando paramos na porta do prédio estou em êxtase. Descobrir que o amor da sua vida, que era aparentemente um puritano é na verdade um Dom, deixa qualquer mulher com o melhor dos humores. Quando entramos no elevador, espero que ele me agarre, que me beije e mostre seu lado Dom, mas ele é muito reservado. Tento provocá-lo, digo que estou com calor e mostro um pouco mais o decote, me recosto no enorme espelho e levanto uma perna enquanto ele apenas me observa. Não sei mais o que fazer e começo a desanimar quando ele finalmente se aproxima. Me dá um beijo casto na testa e diz:

— Prove que é uma boa menina e não use mais esse tipo de roupa.

Então me conduz pelo ombro para fora do elevador e permanece dentro dele. Enquanto as portas se fecham, me dou conta que estou no meu andar. E que precisarei me esforçar muito mais para fazer Samuel Alencar assumir seu lado dominador. E toda aquela euforia por ele ser um Dom desapareceu. Entro em casa desanimada, e a primeira coisa que ouço é o barulho do chuveiro.

— Mas, o que...

Em um segundo o barulho de água cessa, a porta do banheiro abre, e o maldito do meu delicioso vizinho aparece completamente molhado, usando apenas uma toalha da cintura para baixo. Aqueles gominhos todos e seu peitoral definido estão cobertos por pequenas gotículas de água. E tenho vontade de lamber cada uma delas.

— Já chegou vizinha? Onde foram afinal de contas?

— O que está fazendo aqui?

Ele aponta desnecessariamente para seu delicioso corpo molhado, eu não consigo olhar para outro lugar mesmo.

— Tomando banho.

— Tenho certeza que há um banheiro no seu apartamento.

Seu sorriso enorme aparece enquanto ele cruza os braços, claramente disposto a me irritar.

— Imagine você que meu chuveiro queimou.

Cruzo os braços também e o encaro:

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Não tomo banho frio.

— Continuo perguntando o que eu tenho a ver com isso!

— Por que está de mau humor? Seu encontro foi ruim?

Dessa vez eu abro um sorriso.

— Não vou te falar sobre meu encontro, curioso. E não dou a mínima se é um fresco e não toma banho frio. Não entre em meu apartamento se eu não estiver aqui.

— Sinto muito Safadinha, mas meu chuveiro morreu. Você é minha única amiga nesse prédio, portanto terei que entrar aqui algumas vezes. Imagine você que tenho mania de tomar banho de madrugada. Vários. Talvez seja melhor eu dormir aqui de uma vez.

Ele é tão espaçoso que não duvido que queira mesmo dormir aqui. Para cortar essa ideia absurda, caminho a passos largos até seu apartamento. Enfio minha chave e a porta abre. Vou diretamente até seu banheiro e ligo o chuveiro. Um mundo de água quente jorra de três buracos diferentes de sua ducha, me ensopando. Resmungo um palavrão e ouço sua risada atrás de mim.

— Se queria tomar banho comigo era só falar, vizinha.

Estou furiosa. Quero matá-lo, estrangulá-lo, mas controlo a ira e pergunto com toda calma:

— Por que foi tomar banho no meu banheiro?

Ainda com aquele sorriso cafajeste de quem não vai falar sério, ele responde:

— Porque queria cheirar suas calcinhas que estão penduradas no box.

Arregalo os olhos e ele começa a gargalhar.

— Cleber, querido. Você não precisa disso. Você consegue uma boceta para cheirar com muito menos trabalho.

— Ah, Suzana, eu quero a sua.

Abro meu maior sorriso e digo:

— Querer não é poder, vizinho.

Então saio andando, mas ele me segue. Segura meu braço no corredor e me enlaça.

— Me solta!

— Não teve nenhum ataque? Não está excitada?

— Eu já disse que você não é essa Coca-Cola toda!

— Mentirosa! Eu sei que sou eu o responsável pelos seus ataques. É por mim que você queima, Suzana, não por ele!

— Cleber, não!

Ele aproxima sua boca da minha e uma voz nos faz afastar em um pulo.

— Suzana, o que está havendo aqui?

Samuel está parado no corredor, com minha nécessaire na mão. Devo ter esquecido no carro dele.

— Meu chuveiro queimou — diz Cleber de uma maneira quase ameaçadora.

Samuel tem uma careta horrível no rosto, quando me pega pelo braço e me arrasta até o elevador. Isso! O lado Dom! Estava aguardando por ele!

— Não quero você perto dele. Esse homem quer se aproveitar de você.

Pisco os olhos, confusa enquanto ele anda de um lado para o outro irritado. Ah Samuel, bem que eu queria ser aproveitada por Cleber. O que estou dizendo? Foco Suzana, Samuel, amor, futuro marido, dominador. Encaro seus lábios e ele encara os meus de volta, espero que me beije, mas o elevador para no térreo, as portas abrem e ele sai andando. Sai andando e vai embora. Merda. Esse é o dominador mais controlado de quem já ouvi falar.

Foi uma noite estranha, acabo de chegar do Red, onde Cleber mais uma vez não apareceu. E a verdade é que depois desse papo de coisa mais séria e submissa com Samuel, talvez não queira que Cleber apareça novamente. Demorou demais, agora nem a Sue poderá ter o que quer com ele. Deixo a mala na sala e troco de roupa, quando a campainha toca. Meu coração dá um pulo, é provável que Cleber já tenha visto essa mala no camarim da Sue. Mas ele não bateria na porta, entraria sem avisar e me pegaria no pulo. Abro apenas uma brecha e Samuel está ali, então termino de abrir a porta. Ele me encara de uma maneira quase selvagem, e sem dizer nada, me puxa e me beija. Seus lábios são leves, seu beijo é lento, suave. Ele mantém a língua dentro de sua boca, deixando que apenas nossos lábios se toquem. É suave. Eu sei que já disse isso, mas apenas essa palavra fica passando por minha cabeça enquanto ele me beija. Suave, suave demais! Ele se afasta de repente e me encara. E não sei o que fazer. Não sei se gosto desse beijo, respeitoso demais, leve demais, como um adolescente daria o primeiro beijo, eu acho. Não, nem no meu primeiro beijo fui tão... fria. Eu o encaro e escondo a decepção que estou sentindo, mas acho que ele percebe, pois se vira e sai andando. Penso por um minuto em permanecer de pé na porta como um enfeite, mas corro atrás dele, o alcanço quando ele entra no elevador, as portas se fecham e antes que eu diga qualquer coisa, ele me puxa e me beija de novo. Dessa vez sua língua entra em minha boca, toca a minha e se retira timidamente. O toque de nossas línguas foi... suave. Inferno! Ele é um dom, não pode beijar tão fraco assim!

Talvez esteja apenas me testando, dando migalhas para depois pegar com força. Espero que seja isso, tem que ser isso. Afastamo-nos ainda nesse clima estranho. Ele abaixa a cabeça, parece se

controlar, então me olha. Alguém acionou o elevador no térreo e ele desce, ficamos nos olhando, quando de repente, ele me beija de novo. Dessa vez enfia a mão em meus cabelos, mas faz apenas isso. Não usa esse apoio para me puxar mais para ele. Se fosse o Cleber...

Pensar nele me faz dar um passo atrás me afastando de Samuel, no exato momento em que a porta do elevador abre e alguém diz num tom raivoso.

— Boa noite, senhores.

Estou em um bar, Sebastian está ao meu lado, e Matheus do outro. De nós três, o imbecil do Sebastian é o único que sorri de orelha a orelha, com aquela cara de idiota apaixonado. Matheus está como sempre suspirando, mas sua expressão não demonstra nada. E eu...

— Você está com uma cara ferrada de apaixonado — diz Matheus.

— E suspirando feito um maricas — completa Sebastian.

Essa é minha situação. Viro o copo de cerveja e não respondo. Levanto o dedo para o garçom.

— Desce outro balde.

Sebastian e Matheus riem da minha cara.

— Que bom que eu divirto vocês, palhaços.

— Nós podíamos apostar Matheus. Por quem o Cleber está apaixonado. Eu voto na dançarina.

— Não, ele a vê muito pouco, já a vizinha gostosa, está sempre ali, gemendo no quarto ao lado.

Solto um palavrão e fecho os olhos enquanto os dois estúpidos falam uma asneira atrás da outra. Mas fechar os olhos me faz lembrar dela, de seus olhos suplicantes para que eu a beijasse, quando dizia o contrário. De sua pele macia, o cheiro dela, o melhor do mundo. Estou mesmo ferrado, e com força. Eu a desejo. Mais do que isso, é uma necessidade. Só preciso entrar nela, uma vez que seja, e isso vai passar, mas preciso entrar nela. Nem que para isso tenha que mandar sumir com o gay bajulador. Nem que tenha que provocar ataques de seu lado devassa. Preciso tê-la, a Suzana, preciso que pelo menos uma noite, ela seja minha. Meus amigos babacas ainda estão tirando uma com a minha cara, então me canso de ser o palhaço da noite e decido ir embora. Noite de merda.

Assim que chego ao prédio e o elevador abre, quem eu vejo? Minha deliciosa vizinha. Mas não está sozinha. Seu rosto está vermelho, sua respiração acelerada e o gay está com a camisa desalinhada e o cabelo bagunçado. Estavam se beijando. Esse gay idiota tocou Suzana. Será que o beijo dele a agradou mais do que o meu?

— Boa noite, senhores — digo tentando controlar a ira que de repente me toma.

Quero ser um homem das cavernas. Quero bater a cabeça dele contra o espelho, pegar essa maldita pelos cabelos, arrastá-la até meu quarto, rasgar sua roupa e então meter nela com força, bem fundo, para que ela se lembre de que é minha.

Mas que merda é essa? Ela não é minha. Estou enlouquecendo. Fecho a porta e os encaro, principalmente a ela, que abaixa a cabeça e finge que não estou ali. Quando chegamos ao nosso andar, dou boa noite ao gay e arrasto Suzana pelo baço. Espero que ela brigue, mas ela me deseja boa noite e bate a porta na minha cara. Sim, eu poderia usar essa chave e entrar, mas não farei isso. Coisas demais para minha cabeça em uma noite. Doses demais de Suzana para um dia. Ela é um veneno que vicia, mas como todo bom veneno, mata.

Levanto-me cedo no domingo, isso está se tornando um hábito, e sou adepto a dormir muito e acordar tarde. Mas, estou viciado, envenenado, chame da breguice que quiser. Vou ao seu apartamento e me dirijo ao seu quarto, ela está dormindo, espalhada na cama, os lençóis agora são azuis, um tom escuro, e seu cabelo negro espalhado por esses lençóis provoca a minha ereção matinal.

— Bom dia, parceiro. Bom dia, safadinha.

Saio de seu quarto e vou preparar o café. Por um momento, penso em entrar naquela porta proibida. Toco o trinco, mas está trancada. Não vou mandar fazer uma chave dessa porta também, vou dar a ela o benefício de ter um segredo, por enquanto. Preparo o café distraído, e quando ouço a porta do quarto ser aberta, tiro rapidamente a blusa. Ficando apenas com a boxer preta. Ela vem

andando esfregando os olhos, meio cambaleante, mas estaca quando me vê. E eu estaco ao vê-la.

A maldita gostosa está usando uma camisola transparente. Totalmente transparente. A renda reflete cada curva de seu corpo, e os bicos de seus seios estão apontados para mim, pedindo para serem chupados com força, mas não faço isso. Não faço nada. Fico ali parado olhando a perfeição de vê-la quase nua, enquanto ela parece não ter reação ao constatar que a estou vendo. Ou será que está satisfeita por me deixar totalmente petrificado por ela?

De repente ela dá meia volta e entra no banheiro, e eu jogo uma mão de água fria no rosto. Merda. Essa visão vai piorar muito as coisas. Quando reaparece, está usando um blusão. Imagino-a usando meu blusão do Homer Simpson, mas logo essa ideia some. Ela com meu blusão, que merda é essa?

— Bom dia, vizinha.

— Essa não é a sua casa. Você precisa parar de achar que é.

— Mau humor de novo? Você muda de humor mais do que de calcinha, adorável safadinha.

Ela bufá e se senta à pequena mesa.

— O que tem hoje?

— Não importa, você vai comer o que eu fizer. E vai amar. Aliás, você vai amar *qualquer* coisa que eu faça — enfatizo a palavra qualquer dando uma conotação sexual.

Ela fica em silêncio uns segundos, depois diz, com a voz séria.

— Você está meio obcecado por mim.

Dou uma gargalhada e não digo nada.

— Essa coisa de ficar me rondando, entrando em meu apartamento e tentando me agarrar está ficando chata. Talvez você devesse procurar um psicólogo. Ou uma garota de programa, ao invés de ficar entrando escondido aqui para me pegar desprevenida.

— É domingo de manhã, querida vizinha. Você sabia que eu estaria aqui fazendo o café, portanto, se apareceu com aquela camisola malditamente sexy, é porque queria que eu visse seus seios.

— Se eu quisesse que você visse meus seios, simplesmente os mostraria a você. Não precisaria fazer mais do que isso para você ficar duro, mesmo.

Eu a encaro em choque.

— Olha só quem está atrevida essa manhã!

Ela dá uma risada deliciosa que reverbera por todo meu corpo, indo parar no meu pau. Faço menção de ajeitá-lo na boxer, mas ela grita.

— Nem pense em tocar no pau enquanto prepara meu café. Não me diga que tem o costume de fazer isso.

— Ingrediente secreto.

— Que nojo!

Ela abaixa a cabeça na mesa enquanto sirvo o café. É estranha a forma como a desejo, de uma maneira que tira meu sono, mas quando estou com ela assim, tão perto, sinto uma calma quase alarmante. Acho que fico bem perto de mulheres gostosas. Só pode ser isso.

— Vai me falar sobre o encontro, agora? — pergunto depois que ela termina de comer as torradas.

— Nem agora, nem nunca. Não seja fuxiqueiro.

— Se não quer contar, é porque foi ruim. Foram ao parque?

A careta que ela faz me deixa uma dúvida de que o imbecil a levou mesmo ao parque, mas ela logo desconversa e um sorriso surge em seu rosto. Esse maldito sorriso aparece toda vez que ela vai dizer algo que vai acabar com meu ego. Agarro a xicara de café e espero a punhalada.

— Já que você não tem uma amiga para fazer mexericos com você, vou te contar apenas uma coisa das muitas que aconteceram ontem.

— Meus ouvidos estão à sua disposição. Assim como o resto do meu corpo.

— Dispensso. Então, você não vai acreditar no que o Samuel me disse.

— Que o calor que estamos vivendo, foi provocado pelo buraco...

— Não! — ela grita rindo. — Ele me disse que é um dominador.

Engasgo com o café e a encaro.

— Só pode ser brincadeira.

— Mas, não é. Também disse que quer um relacionamento sério, mas essa parte foi menos importante.

— Aquele gay, amante de sorveteria de jeito nenhum é um Dom.

— Não seja invejoso.

— Não seja iludida. Você já conheceu um Dom? Em primeiro lugar, um Dom não diz assim que é dominador, ele não é. Está mentindo para te levar para a cama.

— Ele não tem que inventar histórias para me levar para a cama, estou quase implorando a ele que faça isso. E sim, ele é, deixou bem claro que precisa de uma mulher submissa.

Eu a encaro por um segundo, dois, e no terceiro, não me aguento de tanto rir. É hilário, divertido e a melhor notícia que eu poderia receber num domingo de manhã. O cara é um idiota, e Suzana, bem, ela é um furacão. Que não pode ser controlado. Um merdinha como ele nunca vai tornar Suzana uma submissa.

— Não entendo qual é a graça — ela diz irritada.

— Ah safadinha, adoro essa sua mente pervertida e sonhadora, mas terei que estourar sua bolha erótica. Ele não quis dizer que é Dom, apenas que você deve ser submissa.

— Não existe submissa sem um Dom.

— Ele não estava falando no sentido sexual.

Ela parece confusa, e tento explicar melhor.

— Infelizmente para você, felizmente para mim, ele não a quer submissa na cama, Suzana, aquele merdinha nem deve pronunciar a palavra sexo. Ele quer que você o obedeça. É desse tipo de submissão que ele está falando.

— Não pode ser.

— Mas é. Ele quer dar ordens. Tipo, escolher com quem você vai andar, aonde vai, como vai vestida, essas coisas. E a deixou avisada que você terá que obedecê-lo.

Seus olhos parecem perder o foco. Penso se devo me aproveitar e beijá-la, mas ela parece realmente decepcionada.

— Não é verdade! Ele é um Dom, vai me amarrar, me vendar e me foder bem forte.

Porra! Meu pau já está aqui alerta ao que ela acaba de dizer.

— Suzana — digo muito sério e ela me encara. — Eu sou um Dom. Dominador sexual. Adoraria fazer tudo o que acabou de dizer. E ainda te dar umas chicotadas por ter me feito esperar tanto.

Ela me encara parecendo não estar ali, depois volta a si e se levanta.

— Saia do meu apartamento e não ouse aparecer aqui. — Então sai andando em direção ao quarto.

— O que vai fazer? — pergunto.

— Me afogar em vodca e em chocolate, usando minha lingerie furada, agora saia daqui.

— É amigo, escolhemos a submissa errada. Essa aí de submissa não tem nada — digo ao meu pau e nos retiramos tristes da casa da vizinha.

Não ouvi barulho algum do apartamento ao lado, seria alarmante se a luz não estivesse acesa. Fico o tempo todo alerta, esperando ouvir alguma coisa, um choro, um gemido, para correr até ela, mas

não escuto nada. Apenas o telefone dela tocar. Ele toca, toca e ela não atende. Deve ser o gay. Ela não quer atendê-lo, consigo deixar o caminho livre para meu pau. De bom humor, resolvo sair, se ficar aqui, acabarei no quarto dela em poucos minutos, atormentando-a. E talvez ela precise mesmo desse momento depressivo dela.

Tomo um banho cantarolando, me visto e saio. Caminho pelas ruas de Belo Horizonte, quando canso de andar, pego um táxi, peço apenas para darmos voltas pela cidade. Mas, o trânsito está parado justamente em frente ao Red. Não é comum trânsito em noite de domingo, então só pode ser um sinal. O show de Sue está no fim, e ela não me vê enquanto deixa o palco. Vou para a parte de trás, estendo a nota para o segurança e entro em seu camarim. Ela amarra a máscara de volta no rosto imediatamente e me olha espantada.

— Sou eu — digo para acalmá-la, e ela sorri.

Hoje ela é uma dançarina de dança do ventre. Sua roupa dourada, destaca sua pele morena, e se encaixa perfeitamente em suas curvas. Sua máscara dourada esconde quase todo seu rosto, inclusive os lábios. Mas estou proibido de chegar perto deles, mesmo. Pelo menos por enquanto.

— Pode dar uma volta? — grito.

Seu sorriso some dando lugar a tensão.

— Qual o problema? Achei que sentiria minha falta.

— Achou certo. Eu senti. Mas não é o momento de sair com você.

— Não podemos ficar aqui. Vai acontecer como da última vez.

— Eu sei.

— Então venha comigo.

Ela ainda parece indecisa. Mas, de repente assente e anda até o corredor. Então me encara ao me ver estacado ali, dentro do camarim, olhando-a como se ela fosse louca.

— Qual o problema, Cleber Dantas? Acaso sentirá vergonha se eu for vestida assim?

Olho para seu corpo descoberto. Se sairmos na rua com ela vestida assim, todo mundo irá olhá-la, todos os homens irão desejá-la, mas ela estará comigo.

— Está brincando? Serei o homem mais invejado da cidade.

Pego sua mão e acho que ela parece aliviada. Nós andamos pela Praça da Liberdade, alguns quarteirões depois do Red. Como eu previ, todos a olham. A maioria dos olhares, infelizmente, é de desaprovação. Mas ela não está nem aí. Quando chegamos à praça, não há mais o barulho de carros e sons, poderei finalmente conversar com ela em paz. Sentamo-nos em um banco, e puxo suas pernas, mantendo-as em cima das minhas. Ela apenas sorri, vejo o reflexo de seus dentes através da renda da máscara.

— O que faz quando não está no Red?

Ela parece tensa, olha para baixo, de repente olha para cima e desvia o olhar.

— Você não gosta de liberar informações, tudo bem, entendi. Vou mudar a pergunta. O que quer fazer agora?

Espero ouvir sua voz, mas ela sorri. Tira as pernas do meu colo e se vira no banco, deitando a cabeça no lugar onde as pernas estavam. Então olha para cima. Sorri ao ver minha cara confusa e aponta para cima. Está olhando as estrelas. Não era bem assim que eu esperava fazê-la ver estrelas, mas realmente é um espetáculo a parte. Pouco depois, ela se senta, aproxima-se devagar e morde meu pescoço através da renda. Quero tirar essa máscara dela, mas sei que ela fugiria. Esconde alguma coisa, e esse mistério me deixa ainda mais intrigado para desvendá-la. Não aguento e beijo sua boca, por cima da renda. Ela se assusta, mas a seguro e a mantenho ali. Nossas línguas não podem se tocar, mas sinto o calor de seus lábios. Desço minha mão livre por seu braço e toco a curva de seus seios.

Ela usa um colar enorme que praticamente cobre seu colo, mas a curva dos seios está à mostra. Ela geme na minha boca e é o bastante.

Levanto-me e a puxo, guiando—a até um motel mais próximo. Ela vem atrás de mim rindo, e quando paramos perto de um bar com música ao vivo, para e me puxa.

— Onde acha que está me levando? — grita.

— Preciso estar em você em dez minutos ou juro que vou enlouquecer.

Ela sorri e nega com a cabeça. Pega minha mão e me guia para o lado contrário. Caminhamos cerca de cinco quarteirões, sempre que pergunto onde estamos indo, ela sorri. Quando chegamos perto de um condomínio, entendo que ela está me levando ao seu apartamento.

Como previ, ela sorri para o porteiro que nos deixa passar, pegando apenas meus dados. Então, me dá um beijo rápido e sussurra que eu espere ali embaixo. Imagino que vá trocar de roupa, ou algo assim, mas meu celular apita, e quando vejo, é uma mensagem dela:

Sou uma dançarina, apenas isso. Não pense que vou transar com vc no primeiro encontro.

Não pode ser sério. Sento-me na escadaria de entrada e digito uma resposta.

Vc é uma mulher, acima da dançarina. Precisa disso tanto quanto eu.

Sou uma mulher controlada, que pode perfeitamente tomar um banho frio. Vá para casa. Nos vemos na sexta?

Por que não amanhã?

Não trabalho amanhã.

Talvez vc pudesse me deixar entrar, só para conhecer seu apartamento.

E vc acabaria no meu quarto.

Se Deus quiser.

Até sexta.

Malvada.

Vc já sabe onde moro, sr.Convencido. Isso basta para um primeiro encontro.

Isso não foi um encontro, Fada. Você vai saber quando for o primeiro. E ele vai acabar no meu quarto.

Estava demorando para o ego aparecer. Boa noite. Obrigada pela carona.

Disponha. Sonhe comigo.

Sempre.

Saí dali ao mesmo tempo frustrado e meio encantado, ela é uma fada, e está me prendendo em seus encantos.

O dia está péssimo, Sebastian está de mau humor, e Celina atirando coisas pela empresa. Matheus nem se deu ao trabalho de sair de sua sala, até mesmo Gil, o bom humor em pessoa, está cabisbaixa folcando revistas de homens pelados em sua mesa. Corro o risco de ser atingido por um sapato voador, mas me aproximo de Celina. Ela não me diz bom dia, não me diz nada. Simplesmente me segue até minha sala e se joga numa cadeira.

— Qual das duas?

Jogo-me na cadeira da frente.

— As duas.

— Merda.

— Dupla.

Ela me avalia.

— Você está apaixonado — diz sem rodeios.

Quero negar, dizer que só quero comer, mas o que é esse desejo louco senão paixão? daquelas avassaladoras, de tirar o fôlego, o sossego e o sono?

— Sim, estou apaixonado. Mas, é dessas paixões obsessivas que acabam assim que são consumadas.

— É o que todos dizemos quando percebemos que nos apaixonamos. Se quer a verdade, não caia nessa. Assim que for consumada ela vai aumentar. Então vai aumentar de novo e na primeira briga de vocês, vai virar amor. E aí, já era. — Ela faz um gesto de um pescoço sendo cortado e por um momento penso em sair correndo do país. — Fada ou bruxa?

— Merda dupla.

Ela me encara com um sorriso enorme.

— Uau! Quando desejei que se apaixonasse não quis dizer que fosse por duas mulheres, acredite, uma só já bastaria para acabar com você.

— Preciso de frases encorajadoras, não coisas que eu já tenha percebido. E você não me disse para me apaixonar, você rogou uma praga. Coisa de bruxa, o que você é.

Ela continua sorrindo.

— Qual delas você quer mais?

— Isso é como perguntar qual das gêmeas indianas é mais bonita. As duas.

— E se as duas estiverem nuas, cada uma em uma cama, ambas chamando por você, para qual cama você iria?

— Eu pegaria a fada e a levaria para a cama da bruxa, então seria o homem mais feliz do planeta.

— Não há essa opção.

— Se eu soubesse responder isso não estaria pagando sua hora.

— Você não paga minha hora, e não haveria dinheiro no mundo que valesse a pena, caso quisesse pagar. Então vá, coma as duas e seja feliz.

— E se... — Quero perguntar, mas as palavras não saem, tenho dificuldade de falar essa palavra, sempre tive, acho que tenho alergia a ela.

— E se... — Celina me encoraja a continuar.

— Eu estou apaixonado pelas duas. Aí vou consumir essa paixão com as duas. E se você estiver certa e isso não bastar?

— Eu sempre estou certa. Qual o seu medo?

— Se não bastar com as duas.

Ela sorri de uma maneira doce, o que quer dizer que vai me dar uma sentença de morte.

— Você não vai amar as duas, Cleber. Amor é mais do que isso. Se você tiver as duas, e não bastar, seu coração irá escolher apenas uma delas.

— Essa maldita Suzana me paga! — esbravejo.

A tarde depois disso foi um borrão. Muitas coisas para fazer, viagens para agendar, e meus amigos marmotas me enchendo o saco. Teremos uma reunião essa tarde, se não fosse isso, já teria ido embora. Entro em minha sala após o almoço e me deparo com um envelope em minha mesa. Gil ainda não voltou de seu horário de almoço, ela normalmente faz três horas de almoço, nem posso imaginar o que faz com tanto tempo, então não foi ela quem o deixou aqui. Assim que abro o maldito envelope, vejo uma letra que não via há exatos cinco anos. Desabo na cadeira atrás de mim e minhas mãos querem tremer, engulo em seco e volto a ler as palavras escritas ali.

Reunião hoje? Tenho o direito de participar.

H.M.

Heitor. Vai participar da reunião.

Estamos em volta da mesa enquanto Celina explica algumas coisas ao lado de Sebastian, mas não presto atenção, estou com o olhar focado na porta. De repente vejo um vulto de cabelo vermelho se aproximando, mas é Gilcelle. Respiro aliviado e todos me olham. Estou suando frio, entrando em pânico, pensando em me jogar pela enorme janela de vidro atrás de mim. Estou inquieto. Vejo Gil me encarando, Sebastian me encarando, Matheus me encarando. Não sei quanto tempo falta para isso acabar. Pergunto a Gilcelle por SMS e ela responde que faltam trinta minutos, me pergunta se estou bem, e repondo que não. Não estou bem, estou desesperado. Heitor vai fazer sua entrada triunfal. Tipo final de novela mexicana, sabe? Vai entrar aqui no minuto final, quando eu começar a respirar aliviado e jogar tudo no ventilador. Vai tirar meu cargo, assumir minha empresa e meus amigos. Acho que olho tanto para a maldita porta, contando segundos, que esqueço de soltar o ar, e minha cabeça fica zonz. Matheus imediatamente corre até mim, a reunião é dada como encerrada e ele e Gilcelle me arrastam até minha sala. Na verdade, Matheus praticamente me carrega até minha sala, com Gilcelle a tiracolo.

— O que está acontecendo, Cleber?

— Acho que tive uma queda de pressão — digo, o que não é de todo mentira.

Ele e Gil me olham como se fosse um criminoso, e me sinto exatamente assim. O maldito está me cercando, me assustando. Detesto que ele tenha o poder de me deixar em pânico desse jeito, e detesto mais ainda que ele saiba que tem esse poder. Está jogando comigo.

Olho para meu amigo, preocupado comigo, sei que atrapahei a reunião. Às vezes penso em deixar a V.D.A., mas sei que se fizer isso, Heitor assumirá meu lugar. E se ele fizer isso, eu o matarei. E nenhum de nós dois ficará com a V.D.A.. Talvez isso seja o melhor para Sebastian e Matheus afinal de contas.

— Cleber, eusei que está com algum problema. Por que não nos diz o que está acontecendo?

Divida e será mais fácil — diz Gil de um jeito amável que não combina em nada com ela.

Penso em contar, mas sei que vai ser pior. O céu lá fora já está escuro, de repetene me sinto muito cansado, eu só preciso ir para a casa.

— Não está havendo nada, de verdade. Só estou cansado.

— Você precisa maneirar as noitadas, cara — diz Matheus.

— Eu sei.

Então noto que os dois estão ali.

Matheus e Gilcelle não ficam perto sem brigar há muito tempo.

— Gil, pode pegar uma pasta para mim no arquivo?

Ela parece confusa, mas concorda.

— Qual?

— Qual o que?

— Pasta — ela diz revirando os olhos.

— Uma verde, na gaveta de baixo, à esquerda.

Ela vai para a sala do arquivo procurar a pasta inexistente.

— Matheus, pode pegar o Jack?

Ele assente e vai até a adega, e então me levanto e saio sem fazer barulho. Mas, me certifico de trancar a porta e mantê-los lá. O olhar que recebo de Matheus quando percebe o que fiz, não me assusta.

— Boa noite, e boa sorte — digo pausadamente para que ele leia meus lábios.

A última coisa que vejo depois que ele pragueja, é ele virando a garrafa de Jack Daniels goela abaixo.

Após um banho demorado, e meia hora rolando na cama, aquela sensação de que tudo vai dar errado permanece. Não sei mais o que fazer com Heitor. E nem quero descobrir essa noite, quero apenas descansar. Penso em tomar uma boa dose de Uísque, mas costumo ficar ligado quando bebo, então só me resta contar carneiros.

— Maldito carneiro um, maldito carneiro dois, maldito Heitor trapaceiro, filho de uma puta!

Cubro a cabeça com o travesseiro. Preciso de algo que me relaxe. Toco meu melhor amigo, mas está apagado. Nem mesmo meu pau colabora essa noite.

Entenda que não queria procurá-la, vou apenas ver se está tendo algum ataque, e torcer que tenha um. O apartamento escuro está no mais absoluto silêncio. Ando na ponta dos pés até sua porta, a abro devagar e caminho assim, sem fazer barulho, até sua cama. Acendo o abajur na cabeceira e ouço um palavrão:

— Não basta entrar no meu quarto como um ladrão na madrugada, ainda tem que acender a luz na minha cara?

— Boa noite, vizinha. — Involuntariamente já estou sorrindo.

Ela se vira para mim, e meu pau acorda. O decote da camisola que usa deixa pouco para a imaginação.

— Olá, amigo traidor — digo olhando a ereção que aponta em meu short.

Ela segue meu olhar e arregala os olhos, então os desvia para o teto.

— O que quer aqui?

— Dormir.

Ela me encara novamente.

— Tenho certeza que há uma cama no seu apartamento.

— Na minha cama não há uma mulher extremamente atrevida e devassa.

— Nessa também não! — diz se fazendo de indignada.

Jogo-me em sua cama e me enfio debaixo de seu lençol. Ela arregala ainda mais os olhos e se senta.

— O que acha que está fazendo? Saia da minha cama agora mesmo!

— Não grite, safada. Vai acordar os vizinhos!

— Cleber, saia da minha cama!

Ela tenta se levantar, mas eu a puxo para meu corpo. Ela cai com tudo em cima de mim e a prendo em meus braços, minha ereção ficando deliciosamente aninhada no meio de suas pernas, apenas nossas roupas íntimas entre elas.

— Me solta!

— Acalme-se mulher! Somos amigos, lembra? Amigos dormem abraçados.

— Só no seu mundo — ela responde, mas fica quieta, quentinha em meus braços.

— Sabia que tenho prestado atenção em cada som que sai de seu quarto à noite?

— Não consigo encontrar um motivo para isso.

— Espero ansiosamente um ataque da devassa.

Estou relaxado com ela em meus braços, tão relaxado que quando falo desses ataques, ela sai de perto de mim e deita—se ao meu lado, seu corpo totalmente tenso.

— Precisamos falar sobre isso — digo.

— Não quero falar.

— Desde quando tem esses ataques?

Ela bufá antes de responder baixinho:

— Não quero falar sobre isso.

— Você precisa falar com alguém.

— Que não vai ser meu vizinho pervertido.

— Suzana, querida, você pulou nos meus braços seminua e me pediu para te comer de quatro. E eu fui um bom moço, muito bom moço ao recusar. Acho que mereço um crédito.

Ela me encara finalmente.

— Não tive um bom dia. Na verdade tudo foi uma merda. Eu só quero dormir, com você. E quero saber o que aconteceu — insisto.

— Meu dia também não foi bom — ela diz soltando um suspiro de lamentação.

— Então vamos falar um pouco. De onde veio isso? Você... — Imaginar que o motivo de seu lado devassa seja o que estou pensando me faz sentir uma ira fora do comum. — Sofreu algum tipo de abuso?

Ela me encara, como se estivesse me avaliando, mas sinto que é sincera ao responder.

— Não. Nunca sofri nenhum abuso. Não foi isso.

— Então o que foi? Alguma coisa aconteceu, Suzana, o que foi? Fale comigo.

— Foi a criação que eu tive, Cleber. Foi assim. Por favor, não faça mais perguntas.

Sua voz falha no final da frase, e sei que está sendo forte ao não chorar, sei que esconde alguma coisa realmente triste que não quer dividir. E tenho vontade de saber, quero saber o que a aflige tanto, quero que ela confie em mim, que saiba que estou aqui, que ela não precisa guardar isso só para si, pode me contar, eu vou entender, e vou cuidar dela. É isso que quero, quero cuidar dela, apenas isso. Rodeio seu corpo com meu braço e ela se aconchega a mim, como uma gatinha, passa o rosto pelo meu, depois por meu peito, a abraço mais forte, ela passa as pernas por cima das minhas, sinto que está mais calma. Estranhamente também estou mais calmo, bem mais calmo. Como se não

tivesse um mundo desabando em minha cabeça lá fora.

Fecho os olhos, respiro seu perfume, e durmo.

Alguém me sacode, mas meus olhos insistem em não abrir.

— Suzana. Acorde, você precisa ir trabalhar.

— Vai você — consigo dizer apesar da preguiça.

Estava em um sono tão bom, tão gostoso, tão aconchegante, por que alguém tem que me acordar?

— Vamos safadinha linda, acorde.

— Cleber que merda! Vai pra porra da sua casa e me deixe matar aula.

Sua gargalhada faz meu corpo todo arrepiar, mas controlo essas reações e quase adormeço de novo, quando me sinto ser carregada.

— Que merda — murmuro.

— Estou apenas cuidando de você, adorável safadinha.

Faço um esforço enorme para abrir um olho e vejo que Cleber está me carregando.

— O que está fazendo?

— Te acordando. Sou muito bom em despertar mulheres. Tanto no modo fácil quanto no difícil.

— E em qual modo está me despertando? — pergunto já de olhos fechados de novo.

— Veja você mesma — ele diz antes de me jogar no chão, e em seguida uma ducha fria me cobrir, fazendo-me berrar por causa do gelo da água.

Agora estou com os olhos totalmente abertos, enquanto Cleber me avalia com um sorriso enorme.

— Filho de uma mãe! Isso não foi legal!

— Foi a maneira difícil. Ela é a mais eficaz. Você, minha cara, é muito preguiçosa, e manhosa também.

Respiro fundo e finjo que vou controlar a raiva, mas não pretendo fazer isso. Em um segundo agarro a perna de Cleber, e no segundo seguinte ele cai por cima de mim embaixo da ducha fria.

— Bom dia, senhor convencido.

Ele está rindo, muito, se ajoelha saindo de cima de mim e resmungo:

— Pelo menos pode deixar a água quente? Água fria em uma terça de manhã é como pagar pelos pecados do fim de semana, e não pequei esse fim de semana.

— Posso me lembrar de alguns pecados seus, safadinha — ele diz mas muda a água para quente.

Então, senta-se no chão e me puxa para o colo dele.

— Você está mesmo precisando de uma namorada — digo me aconchegando a ele.

Não quero fazer isso, mas ele é forte demais, durinho demais, gostoso demais, e aperta tão forte!

— Por que diz isso? — sussurra na minha orelha.

— É carinhoso demais para um perverso. Achei que fosse mais bruto

— Ah, mas eu sou bruto. Bruto mesmo. Posso te provar, se quiser.

— Hoje não, senhor convencido. Agora me solte ou vou me atrasar.

— Você nem pretendia ir.

— Para dormir. Já que me acordou do jeito difícil, vou terminar o dia do jeito difícil.

— Não é tão difícil ficar no meu colo no chão do banheiro.

— Ah, é sim. Isso é extremamente difícil.

Ele volta a gargalhar enquanto me levanto.

Estou nervosa. Muito, por sinal, mas Cidão está aqui. Andando ao meu lado, com uma mão depositada em minhas costas de maneira protetora.

— Vai dar tudo certo — diz baixinho quando avistamos a figura pequena sentada em um banco.

O lugar é bem iluminado, estou vestida de Miss Sue, mas não chamo tanta atenção quanto chamaria se estivéssemos no centro da cidade. Estamos na orla da Lagoa da Pampulha, um ponto turístico de Belo horizonte. Muitas pessoas passam por nós se exercitando. A nossa frente, a lua reflete na lagoa, dando um brilho prateado às construções que a rodeiam. É um lugar lindo.

O detetive se levanta quando nos aproximamos. Cidão toma a frente e toca sua mão.

— Botelho.

— Big Cid.

— Essa é Miss Sue.

— Sei quem ela é. — Ele aperta minha mão. — Como vai senhorita Suzana?

Tento esconder o choque que me toma, dou um sorriso frio e o cumprimento

— O que precisa de mim, Big Cid?

— Na verdade, Sue precisa. Você a tem seguido. Queremos saber por quê.

Ele me avalia com uma expressão neutra, não consigo decifrar se está me ameaçando, ou apenas avaliando o que quer falar.

— Fui contratado para descobrir uma informação sobre ela.

— Cleber te contratou para saber sobre Suzana, ou Sue? — pergunto.

Ele sorri antes de responder.

— Suzana, sua vizinha.

— Então por que me seguiu até o Red?

— Porque fiquei curioso. Acredito que em breve ele me pedirá mais informações.

Encaro Cidão que passa um braço em volta da minha cintura e diz, com um tom ameaçador:

— Suzana está sob minha proteção, Botelho. Nada sobre ela deve ser dito a ninguém.

Botelho apenas assente.

Cidão é um negro alto, coberto por tatuagens e de fala grossa. Mais do que isso, é muito respeitado no estado, é conhecido e temido. Não sei seus podres, o que apronta, nem quero saber. Sempre foi bom para mim, e para os funcionários do Red. Imagino que não impôs esse respeito falando grosso ou lançando olhares ameaçadores, mas não me interessa saber o que já pode ter aprontado.

— O que já disse a ele? — pergunto.

Ele me encara e não pretende responder, mas Cidão pergunta:

— O que disse? Responda a pergunta dela.

— Nada demais, só me perguntou se era comprometida.

— Então por que seguir Miss Sue? Como chegou a ela?

— Sei que ele também está interessado na personagem. E sei que não sabe que vocês duas são a mesma pessoa. Mas não vou contar isso a ele. Contando que não conte que a segui.

Cidão aperta minha cintura e faz um leve movimento com a cabeça que com certeza Botelho percebe.

— Não vou dizer nada. Se não for preciso — digo.

— E não direi nada sobre você.

— Nem mesmo se ele pedir?

Ele parece discordar, mas algo no rosto de Cidão o faz assentir.

— Nem assim. De minha boca Cleber Dantas não saberá que você é a vizinha por quem ele está interessado.

Cidão pede que eu vá dar uma volta, enquanto fala com o detetive, e depois do que me parecem horas está ao meu lado.

— Então?

— Ele não vai dizer nada, Suzana. Que história é essa de que você é vizinha de Cleber Dantas?

— Ele me conheceu como Suzana, a professora. Nós tivemos alguns desentendimentos. E depois, ele me conheceu como Sue.

Ele para de andar e parece genuinamente surpreso.

— Está me dizendo que o homem se interessou por você duas vezes? Pelas suas duas faces?

Concordo com a cabeça e ele começa a gargalhar, enquanto puxa meu braço e apressamos o passo.

— Ah Suzana, a vida ficou muito mais divertida depois que a contratei.

— Que bom que sirvo para diverti-lo.

— Vai dar tudo certo, garota. Não tem com o que se preocupar.

— Não sei, algo me diz que esse detetive não é do tipo que deixa de receber um trabalho só porque foi ameaçado por algum cafetão.

Ele ri mais ainda.

— Não, ele não é. Se Cleber perguntar, ele vai falar. Pelo menos, não vai investigar mais nada sobre você, e nem falar se não for perguntado.

— E o que vou fazer?

— Torcer para que Cleber não pergunte.

Bônus Matheus

Nunca na minha vida, bebi nada direto na garrafa. É anti-higiênico e nojento. Mas essa situação pediu por isso. Não tive tempo de procurar um copo, uma taça, nem nada disso. A Jack desce rasgando minha garganta e me sinto aquecer quase que imediatamente. E isso tudo é culpa do imbecil do meu melhor amigo. Trancar-me aqui, com ela, foi uma péssima ideia. Eu preferia estar sozinho em um deserto sem um pingo de água. Preferia ser atirado em um mar de fogo. Preferia ouvir Britney Spears o dia todo, no volume máximo. Caralho! Eu dançaria Britney vestido de Xuxa no meio de centro da cidade, para não estar aqui trancado com ela.

Ela é meu pesadelo.

Ela é meu sonho.

Ela é tudo o que eu gostaria de não querer, e é tudo o que eu quero.

Quando nos conhecemos, ela era uma menina. A menina mais linda da cidade. Não era boba, nem tímida, como as outras meninas da idade dela. Era esperta, tinha um brilho próprio e algo naqueles olhos cor de mel que sempre me deixaram louco. Claro que não encostei um dedo nela, tinha apenas treze anos, mas ela foi a responsável pela minha primeira ereção. E por todas as outras depois dessa.

Quando tínhamos quinze anos, eu a beijei. No baile da escola. Cleber e eu combinamos que não iríamos, era uma coisa muito brega, de menininha. Cleber já pegava todas as meninas da cidade mesmo, não precisava ir àquele lugar. Nessa época ele desconfiava que eu era gay, porque não me via com mulher nenhuma. E se eu fosse àquele baile, ele teria certeza. Então claro que não ia. Até vê-la.

Ela estava vestida daquela sereia da Disney, com um top verde e uma calda colada às suas curvas. E todos os babacas da cidade estavam apostando quem seria o mais esperto, que tiraria a virgindade dela. Tive que protegê-la. Fantasiei-me de zorro, sim coisa ridícula, mas eu era um adolescente. E as meninas ficavam doidas com aquela máscara preta e aquele chapéu horroroso. Fui ao baile escondido do Cleber. E naquele baile, dei o primeiro beijo nela. O primeiro beijo dela. Ela nunca soube que fui eu.

Seria uma historinha de amor bonitinha e fofa, se eu não tivesse feito dezoito anos, ainda virgem e não estivesse enlouquecendo de tanto tesão por ela. Era minha última noite na cidade. Eu sabia que teria muitas relações sexuais na faculdade, mas queria que a primeira fosse ela.

Apareci um dia em sua casa, como quem não quer nada. Nós mal conversávamos e fui meio bruto na verdade. Mas era minha última noite. Sabia que ela estaria sozinha. Quando me olhou com aqueles enormes olhos cor de mel, meio assustada e curiosa sobre porque eu estaria ali na casa dela, de madrugada, fui direto ao ponto.

— Oi.

— Oi — ela respondeu com um sorriso no rosto.

— Você é linda.

— Obrigada.

— Quero comer você agora.

Ela piscou os olhos, aturdida. Achei que fosse bater a porta na minha cara. Mas, ela fez um gesto com a mão e me convidou a entrar.

— Tudo bem — disse.

Foi muito bobo, fiz tudo errado, estava desesperado demais por ela, assustado demais que ela tivesse cedido tão facilmente. Eu havia ensaiado um milhão de coisas românticas para dizer a ela, e

tudo o que disse foi o que Cleber falava para as vagabundas que pegava. E mesmo sendo eu um perfeito idiota, ela disse sim. Estava apaixonada por mim, pois fui seu primeiro. E garota nenhuma entregaria a virgindade a um garoto idiota que disse que queria comê-la.

Posso ter feito tudo errado, e depressa demais, mas ela gozou. Cleber e Sebastian não fizeram as primeiras deles gozarem e me gabo muito por isso. E foi isso, essa foi nossa história.

Na manhã seguinte, fui para a faculdade. Escrevi uma carta explicando a ela tudo, a forma como a vigiava desde que era uma menina, de como quebrei os dentes do idiota que cortou o cabelo dela na sétima série. De como trapaceei para que ela fosse a rainha do baile, tirando todos os nomes da urna e deixando apenas o dela. De como fui tolamente apaixonado por ela, toda a minha adolescência. Mas no fim das contas achei aquilo meio gay, meio ridículo, e não enviei. Fui embora, tive outras mulheres, mas ela deve ter me rogado alguma praga, ela gosta de fazer isso, pois nenhuma transa foi melhor do que aquela primeira, que foi péssima.

O fato é que agora ela me odeia, com todas as forças. Quando consegui que ela viesse para a cidade e viesse trabalhar aqui, pretendia me reaproximar dela. Mas ela me recebeu com um gesto feio e ainda beijou Cleber na boca. No seu primeiro dia. Entendi que não queria que eu me aproximasse. E esses três anos têm sido um inferno desde então.

Ouçõ o som de seu salto quando ela volta à sala de Cleber e encara a cadeira dele vazia. Então ela olha para mim, com a garrafa na boca e parece aturdida.

— Que merda é essa? Você não diz que essas garrafas contêm germes?

— Sim, e de Cleber. O que é ainda pior.

— Então por que está bebendo no bico?

Estendo a garrafa para ela.

— Você vai querer também.

— Eu não bebo.

— Vai beber. Quando souber o que seu chefe fez.

— O que ele fez?

Aponto para a porta e ela vai marchando irritada até ela.

— Senhor Amorim, não pense que o fato de estarmos unidos para ajudar Cleber queira dizer que vou realmente me unir a você. De você eu quero distância.

— Não perguntei nada.

Ela tenta abrir a porta e percebe que está trancada. Então fica parada. Começo a contar, é sempre no quatro.

Um, ela tenta abrir de novo. Dois, ela respira fundo e tenta abrir pela terceira vez. Três, ela solta um palavrão baixinho e fica totalmente parada. Quatro, ela joga a tal pasta para o alto e começa a esmurrar a porta.

— Porra! Abre a porta! Cleber seu imbecil! Eu vou apertar suas bolas até que elas escorram pelos meus dedos! Cleber! Filho de uma puta! Veado! Safado! Volte aqui agora! O que acha que está fazendo? Cleber! Vou atrás de você com uma foice! Seu idiota! Tira-me daqui!

Ela respira por alguns minutos e volta a bater na porta.

— Socorro! Alguém! Estou presa! Estou morrendo! Socorro! Ajudem-me!

A passos largos, me aproximo dela, a pego pelo braço e a puxo para mim.

— Acalme-se. Vamos dar um jeito de sair daqui.

Ela permanece em meus braços por dois minutos e doze segundos. É o triplo do que achei que ela ficaria, então me empurra e puxa a garrafa da minha mão. Virando-a toda na boca.

Depois joga a garrafa no chão e marcha até a mesa. Senta-se em cima dela. Tento não olhar para

sua calcinha que está à mostra. Essa é Gilcelle, a louca, sempre mostrando o que não deve.

— Por que você acha que ele nos trancou aqui?

— Porque não consegue resolver a própria vida sentimental e quer resolver a minha.

— E o que eu tenho a ver com sua vida sentimental? Deixe-me adivinhar: ele acha que você é gay.

E eu fui a azarada que estava perto quando ele teve a brilhante ideia.

— Algo assim.

Digo e canso de ficar ali, fingindo que a calcinha vermelha dela não está aparecendo. Caminho até perto dela, e me sento à sua frente. Olho bem para o meio de suas pernas e digo:

— Sua calcinha é da cor do seu cabelo.

Ela me encara por um momento. Qualquer outra mulher fecharia as pernas, mas é Gilcelle. Ela levanta a saia apertada e confere a cor da calcinha.

— Isso é o tipo de coisa que você não deve dizer a uma mulher. Poderia dizer que meu cabelo é como o pôr do sol nas montanhas, mas não da cor da minha calcinha.

— O pôr do sol nas montanhas não é tão vermelho. E você a está mostrando por algum motivo, então não tem importância eu comentar.

Ela bufá e fecha as pernas.

— Faz muito tempo que não vê uma dessas? — provoca.

Eu a encaro ainda sério.

— Algumas horas.

— Cretino.

— Você perguntou.

— E você precisa aprender a mentir.

Ela pula da mesa e vai até a adega de Cleber. Sim, o imbecil tem uma adega na sala da empresa. Pega a garrafa de uísque e apenas uma taça e se seve. Então, volta a se sentar-se à mesa.

— Você não devia beber assim. Você não bebe. A última vez que bebeu...

— Eu sei o que eu fiz, mas o que poderia fazer hoje? Só estamos nós aqui. E você é gay. É a mesma coisa de ficar trancada com uma freira.

Ela é sempre assim quando está perto de mim. É agressiva, impertinente e engraçadinha. Cleber diz que é a maneira dela de se defender, mas acho que é a maneira de acabar comigo. Porque eu posso manter essa expressão séria e fingir que não dou à mínima, mas dou. Fico puto quando ela diz essas coisas. Quando me provoca para dizer que não farei nada. É como se ficasse jogando na minha cara que não fiz nada quando deveria ter feito. Mas essa noite, essa noite ela terá as respostas certas para suas provocações. Vou entrar em seu jogo.

— Se eu fosse gay você ainda seria virgem.

Ela engasga com o uísque e tosse tanto, que se desequilibra e cai da mesa. Eu a pego e a puxo rapidamente para meu colo.

Ela me encara espantada. E meio zozza. Está bêbada. Ela nunca bebe, a bebida sobe rápido demais quando tenta.

— Você nunca toca nesse assunto — ela diz.

— Achei que você não gostaria de falar sobre isso.

— Foi minha primeira vez. Claro que eu queria falar sobre isso. Mas você é esquisito. Você foi embora e nunca me ligou. E quando me viu aqui, não disse nada. Você nunca quis fazer amor comigo de novo.

Toco seu rosto, está vermelho, como seu cabelo. Seus lábios estão molhados de uísque. Ela está tonta e dizendo coisas que nunca diria se estivesse sóbria. Mas, espero que se lembre do que vou

falar quando a bebida passar. Porque provavelmente não falarei isso de novo. Não falarei isso nunca mais.

— Eu quero fazer amor com você todos os dias e todas as noites, desde aquela noite. Eu penso em fazer amor com você o tempo todo. Cada vez que te olho. Eu tive que ir embora e fui um idiota. Mas, você foi a única mulher com quem fiz amor.

Ela está me encarando, acho que quer chorar. Uma lágrima desce por seu rosto e ela sorri. Essa é a Gil bêbada. Ela sempre chora.

— Você me ama? — ela pergunta em um sussurro.

— Por que não me beija e descobre?

Ela encara meus lábios e se aproxima. Detesto beijar mulheres bêbadas. Não gosto que o gosto de nada interfira no sabor do beijo da pessoa. Gosto de sentir o sabor dos lábios, da língua, e não de uma comida ou bebida qualquer. Mas sendo Gilcelle, mesmo tendo bebido coisas fortes, é o gosto dela que sinto quando ela lambe meus lábios. É seu gosto doce, e forte, e apimentado. Não sei como ela consegue fazer isso. Seguro seu rosto para que ela não se afaste e a beijo. Com força. Tenho dez anos de vontade de beijá-la acumulados. A puxo para mim, rodeio sua cintura com o braço e a mantenho ali. Ela joga o copo vazio no chão, ouço o barulho de vidro se quebrando, e tenta tirar minha blusa. Mas, não tem coordenação motora o suficiente para isso, está tonta. Se afasta de mim irritada e tenta abrir a blusa, mas seguro seus pulsos quando ela soluça.

Sou idiota, mas nem tanto. Não vou fazer amor com ela no estado em que está.

— Calma, minha sereia. Vamos com calma.

Ela pisca os olhos e me encara. Quer me dizer alguma coisa, mas parece desistir.

A porta se abre com um estrondo e um segurança aparece.

— Senhor Amorim. Vi pela câmera de segurança que vocês estavam aqui, não sabia se estavam presos. Mas o senhor Dantas me disse para subir em duas horas se vocês não saíssem.

Sim, Cleber estragou minha noite duas vezes.

— Obrigado, Elias. Estávamos presos. Vou levar a senhorita Gilcelle para a casa dela.

E assim a levei para sua casa, a deposei na cama, ela estava praticamente desmaiada.

Não dormi nada a noite. Fiquei pensando se ela se lembraria, do beijo, do que eu disse, se estaria me odiando um pouco menos agora. Talvez agora eu possa me aproximar. Quem sabe convidá-la para sair. Ou ao menos falar sobre o que aconteceu há dez anos. Chego a sua mesa e a encaro. Mandeí que flores fossem entregues a ela esta manhã. Rosas vermelhas. As preferidas dela. Faço isso todas as manhãs, mas dessa vez, assinei o cartão.

Ela está concentrada em uma revista qualquer e as rosas, estão no lixo. Não preciso que ela diga nada. Não se lembra do que aconteceu na noite passada. Despeço-me dessa esperança idiota e me afasto dali. Não sei como, mas vou arrumar um jeito de tê-la de novo em meus braços, disposta e excitada. Como estava ontem. Como venho sonhando em tê-la. Infelizmente eu a amo a vida toda, e se esse amor não vai passar, só me resta fazer com que dure.

Capítulo 09

Suzana

Estou cantarolando no banho. Mais do que isso, estou dançando também. Rebolo, bato palmas, faço os passos da coreografia nova que peguei na internet. Estou me sentindo a dançarina de banheiro profissional. Preciso cantar, gritar e parecer louca, para ficar melhor. A verdade é que tudo está uma bagunça. Vou explicar melhor, tudo o que era certo na minha vida está uma bagunça, e o que era uma bagunça, está certo. Entendeu? Hoje você está lenta, hein!

Samuel e eu não nos falamos nos últimos dois dias. Sei lá, parece que não há o que ser dito. O maldito quer que eu ande de burca e seja sua escrava, e não escrava de uma forma boa, mas um bibelô que ele pode controlar. Ok, o cara pode ser bonito, educado, fino, rico e dono do que considero o melhor lugar do mundo, mas ele nem beija bem! Não pode realmente pensar que tem o direito de controlar a vida de alguém assim.

Já com Cleber, bem, está tudo na mais absoluta paz. Lembra quando ele se mudou e disse que seríamos amigos? Não é que somos mesmo? É fácil estar perto dele, apesar da tensão sexual que ele sempre provoca em mim, é divertido. Ele é divertido. É leve, brincalhão e muito safado. Ah, e mentiroso! Lembra que ele disse também que não flertaria mais comigo? Ele flerta, o tempo todo. Faz isso tão naturalmente e com tanta frequência, que quando vejo já estou flertando com ele também. É automático, qualquer mulher no meu lugar responderia da mesma forma. Ou o agarraria mesmo.

Agora estou aqui, cantando pela minha vida bagunçada, pelos sonhos misturados, e por toda excitação acumulada, já que há dias não consigo ter um momento bom com meu Huguinho.

De repente, paro de cantar e aperto a bucha na minha mão. Sabe quando você tem aquela sensação de estar sendo vigiada? Seguida? Observada? Estou com essa sensação. Eu odeio essa sensação, porque sei que estou sozinha em casa, e se alguém está me observando, é do além. Sim, pode rir, sou cagona mesmo, mas duvido que alguma de vocês, quando está sozinha em casa e sente aquele ventinho no cangote, não reza dez Ave Marias e se arrepende de todos os pecados para que Deus tenha misericórdia da sua pobre alma. Estou assim nesse momento. Fecho os olhos, respiro fundo, e duas mãos aparecem no box do lado de fora.

— Que merda! Vou ter que trancar a porta do banheiro também?

Cleber dá uma gargalhada e duas batidas no box. O vidro do box é bem escuro, mas posso ver o contorno de seu corpo perfeitamente, então ele também pode ver o meu. Eu deveria me cobrir, mas a toalha está do lado de fora, e não o convidei a entrar, ele entrou, que assista o que veio assistir. Passo a bucha vagorosamente pelos meus braços, pela barriga. Cleber encosta a cabeça no box, posso ver seu nariz amassado e continuo meu jogo. Subo a bucha para meus seios.

— Caralho — ele pragueja.

Então a desço. Passo pelas minhas pernas, volto a cantarolar e a subo pelas minhas coxas. Não a toco no meio das minhas pernas, pois saber que ele está ali, do outro lado, e eu aqui, nua, já me deixa excitada o bastante. Não preciso tocar essa parte que pulsa para ter um orgasmo na frente dele. Não mesmo. Desligo o chuveiro e escuto apenas o silêncio.

— Pode me passar a toalha?

— Você... vai abrir o box?

Ele está gaguejando? Me seguro para não rir.

— Só o bastante para pegar a toalha.

— Eu poderia abrir esse vidro e te agarrar agora mesmo.

— Poderia, mas não vai fazer isso, você quer que eu implore, para alimentar seu ego.

Sua gargalhada está rouca e carregada, muito diferente da escandalosa habitual.

— Ah minha safadinha preferida, na verdade, estou pouco me lixando para meu ego nesse momento, estou preocupado com meu pau. E ele, só quer que eu abra esse vidro e a tome agora mesmo.

Antes que eu responda ele abre o vidro, sinto meu coração parar por um segundo antes de ele estender a toalha. Abriu apenas o suficiente para eu pegá-la.

Puxo a toalha de sua mão e me recupero antes de dizer:

— Pode me dar licença? Havia um tempo em que eu tinha privacidade.

— Vou fazer o café.

— Ótimo.

Ele sai e eu fico ali uns bons vinte minutos para que minhas pernas voltem a ficar sólidas.

Tomamos café enquanto ele me avalia. Minunciosamente. Ainda estou enrolada na toalha, pois queria privacidade para trocar de roupa e ele se recusou a sair do quarto. Alegou que já havia saído de um lugar contra a vontade no dia, não sairia de outro. Então, aqui estou eu, atrasada, de toalha, com frio e sendo secada pelo meu vizinho delicioso.

— Adoro essa cicatriz. Parece um coração. Gostaria de saber de verdade como a conseguiu — ele diz olhando para meus seios.

Puxo a toalha mais para cima, para cobrir a cicatriz.

— Eu já te disse que caí. Se não acredita não é problema meu.

Ele me encara claramente não acreditando na minha palavra e só posso sorrir de volta.

— Como vão as coisas com o gay? — pergunta.

— Parabéns, você sabe como estragar um café da manhã.

— Tão ruim assim? Uau! Esse dia não podia começar melhor.

Faço uma careta e ando até a porta, escancarando—a para que ele suma. Ele se levanta rindo e ainda beija minha testa antes de sair.

— Até a noite, safadinha.

— Até nunca, idiota.

Esses cafês se repetiram nos últimos dois dias. Ele vem aqui de manhã, às vezes me acorda, e me arrasta para o banheiro, tomamos café e cada um vai para seu lado cuidar de suas responsabilidades. Não sei como me sinto com isso, é estranho ter essa intimidade com ele, ao mesmo tempo, é confortável, saber que ele está ali. Pelo menos ele está. Recebo mais uma mensagem de Samuel e decido não ignorar mais, respondo que sim, poderemos almoçar juntos. Vamos fazer uma aposta de onde ele vai me levar? Sorveteia ou parque? Ou quem sabe me leve para o zoológico dessa vez.

Chego ao estacionamento e destravo meu carro. Não há nenhum carro perto dele. Tenho uma sorte danada nisso, sempre estaciono bem perto da saída, mas os imbecis que moram nesse prédio sempre estacionam lá no fundo, bem longe. Adoram gastar gasolina e tempo. Espero que o motor esquente, enquanto retoco meu batom, mas acho um fio solto em meu rabo de cavalo, preciso soltar e refazer tudo correndo, dentro do carro mesmo. E quando olho a hora, já estou atrasadíssima. Dou a ré no carro de uma vez, e acerto outro carro que estava passando.

— Ah merda.

Alguém bate no vidro e Cleber está me encarando com uma cara nada amigável.

— Oi, amigo — digo abaixando o vidro.

— Suzana! Porra! Meu Audi!

Enfio a cabeça para fora da janela e vejo um pequeno arranhão.

— Foi bem pequeno, não seja fresco.

Ele respira fundo, cerra os punhos e parece se acalmar.

— Merda, mulher! Você é uma roda dura! Não devia sair por aí dirigindo.

— Ah, você que não olha para frente! Com licença que estou atrasada — digo já saindo do estacionamento.

Roda dura eu? Passei no exame de habilitação na primeira tentativa. E não teve nada a ver com o decote que eu usei, nem com o fato do instrutor ter ficado olhando meus seios ao invés de minhas manobras. Sou uma excelente motorista. Nunca sofri nenhum acidente! E os pontos que perdi na carteira foram totalmente injustos.

A manhã se arrasta até que a hora do almoço chega, e adivinha onde Samuel me leva para almoçar? Onde?

— Parque das Mangabeiras — digo já escondendo a careta que quero fazer.

Sério, quero fazer uma careta. Quero pular na frente dele, arreganhar minha boca com os dedos, colocar a língua pra fora e balançar bastante ela, enquanto o ensopo de saliva. Depois quero puxar os cabelos em uma Maria Chiquinha e cantar *Let It go*. Você quer ser criança? Vamos ser crianças!

Nada contra o Parque das Mangabeiras, é um lugar lindo. Para se fazer uma caminhada, quando está naquela fase do namoro que precisa de um lugar deserto com bastante mato, sabe? Ele não veio fazer isso comigo, não somos adolescentes. Ou quando vocês já estão naquele nível família, rotina e vamos levar os sobrinhos pirralhos para passear enquanto damos uns pegadas escondidos. Também não estamos nessa fase. Então, o que estamos fazendo aqui? Homens, entendam, levar sua mulher em um parque é legal. Não quando vocês mal se beijaram. Não quando vocês nem transaram. Definitivamente não quando é uma quinta-feira, horário de almoço corrido e ela já está com vontade mandá-lo à merda.

Parabéns quem disse parque, você que votou na sorveteria, mande um chocolate para quem disse parque, ok? Estou falida.

Ele forra aquele lençol quadriculado vermelho na grama e se senta sorridente. Por que um homem anda com um lençol quadriculado vermelho na mochila? Pelo amor de Deus! Eu me jogo, toda desengonçada e ele me avalia com aquele sorriso ainda no rosto. Não estou reclamando, nem comparando, mas não é como o sorriso de Cleber. Minha calcinha não fica molhada quando ele sorri, sabe?

— Você tem andado distante — ele diz.

— Impressão sua. — respondo pegando a torrada que ele trouxe e passando geleia, bastante geleia. Preciso adoçar minha vida.

— Parece irritada — ele diz.

Olha quem presta atenção em mim, agora?

— Impressão sua.

— Acho que não gostou do lugar em que estamos.

Olho em volta, as crianças brincando. Já sei que não vamos nos beijar, pois alguma delas vai cair em cima de mim. Mas, nem queria beijá-lo mesmo.

— Impressão sua.

Ele segura minha mão e me faz olhar em seus olhos.

— O que foi, Suzana? Você não queria estar aqui, estou vendo isso. Não entendo.

Abandono a torrada meio comida em seu precioso lençol e resolvo ser sincera.

— Quando você disse que precisa de uma mulher submissa, o que quis dizer?

— Eu sabia que não havia entendido. Aceitou fácil demais. — Ele segura minha mão, de uma forma acolhedora e diz com toda calma. — Quer dizer que a quero para mim. Inteiramente. Não quero apenas colocar um anel em seu dedo. Quero que você me pertença.

Um anel em meu dedo? Ele disse isso mesmo? Ai. Meu Deus!

Espera, calma Suzana. Ele enrolou, enrolou, falou a palavra anel e não explicou nada.

— Tirando a parte do anel em meu dedo, não entendi nada.

Ele sorri e acaricia meu rosto. Opa! Ele nunca havia acariciado meu rosto antes. A sensação é gostosa.

— Eu serei seu dono, Suzana. Vou tratar de deixá-la bem, sempre. Vou cuidar de dar tudo o que você quiser, garantir que esteja segura e feliz. Farei tudo o que for possível.

Sim, eu sei. Ouvir essas palavras da boca de um homem lindo é o sonho de toda mulher, é meu sonho também. Estou meio flutuando com isso, mas algo ainda me diz que ele está me enrolando.

— Em troca de que? — pergunto.

E a expressão que toma seu rosto me diz que fiz a pergunta certa, ou a errada, caso queira manter minha bolha de romance.

— De você. Apenas isso. Faço tudo isso para que você seja minha em cada momento, em cada dia.

— Quando você diz que eu serei sua, não está se referindo ao quarto, não é?

Ele arregala os olhos e parece em choque.

— Não! De onde tirou isso? Você achou... achou que era assim que a queria submissa? Na cama?

Meu rosto queima, ele parece horrorizado. E tudo é culpa de Cleber, que vive despertando meu lado devassa. Estou meio em pânico, rosa como um morango podre, tentando escolher as palavras certas que não acabem com minha imagem, quando ele começa a rir. E ri por muito tempo, coloca a mão na barriga e cai para trás no lençol. No começo respiro aliviada, mas depois me irrita. Que espécie de homem ri de uma mulher que quer ser dominada na cama?

Quando se acalma, volta a se sentar e nota minha expressão fechada.

— Não se preocupe, lindinha. Sou um homem sério. Não curto essas coisas. Quando fizermos amor, será romântico e especial. Nada bruto...

Aí meu lado devassa, levou um tapa.

— Nada forte...

Outro tapa.

— Nada diferente demais...

Posso morrer agora?

Eu o encaro. Eu o amo, certo? Há cerca de dez meses que sou obcecada por esse homem. Eu sei cada um de seus passos, suas comidas preferidas, o perfume que ele usa e até os livros que carrega na bolsa. Então por que estou com essa sensação de que ele é um estranho?

Abro a boca para pedir que comecemos do começo, quando uma sombra cobre o rosto de Samuel. Olhamos para cima ao mesmo tempo e Cleber está li. Há raiva em sua expressão, está com os punhos cerrados, a mandíbula travada, e encara Samuel como se ele fosse o inimigo.

— Cleber, o que está fazendo aqui?

— Vim buscá-la, Suzana. Será que ainda não entendeu que ele é a escolha errada?

Pisco os olhos em choque, mas Samuel se levanta indignado.

— Eu sabia que você não era a boa mulher que diz ser. Você me enganou, Suzana!

— Eu? Mas, eu nunca disse que era boa.

Mas, Samuel sai andando batendo os pés. Levanto-me para ir atrás dele, quando Cleber me segura.

— Aonde pensa que vai? Há um lençol aqui, e ninguém por perto.

Olho em volta e as crianças sumiram. Não há ninguém, apenas o mato e a cachoeira. Antes que possa pensar no que faremos ao ar livre correndo o risco de sermos pegos, Cleber me puxa, e sua boca já está na minha. Aquela língua mágica dominando a minha, seu joelho no meio das minhas pernas. Nos abaixamos no lençol vagorosamente e ele se afasta para tirar a roupa.

Quando vejo seu dorso nu, aquela penugem que tanto me tenta, os gominhos deliciosos dourados pelo sol, não resisto, toco seu peito enquanto digo.

— Sonhei tanto com esse momento.

— Como? Com que momento? O que está fazendo?

Pisco os olhos e volto a mim. Estou em cima do prato de torradas de Samuel. Com a mão plantada no peito dele. Corrigindo, no peito *magro* dele. E ele parece realmente em pânico.

Ah merda.

Afasto-me em um pulo e me recomponho. Ele continua me encarando como se eu fosse uma aberração. Exatamente como Tomas reagiu quando tive meus primeiros ataques da devassa. Como minha mãe reagiu. Está me julgando louca.

— Isso não vai dar certo — digo.

— O quê?

— Samuel, você é um cara legal. De verdade. E eu fui meio que apaixonada por você por meses.

— Eu sei.

— Sabe?

— Você não fazia questão de esconder de mim, Suzana.

— Acho que não fazia mesmo. Mas, o fato é que você é diferente do que eu havia imaginado.

— Como sou diferente?

— Não quero ser dominada, Samuel. Não quero um homem me dizendo o que fazer, nem o que vestir. Pode não parecer às vezes, mas tenho total controle de meus pensamentos. Apenas eu, não vou transferi-lo para mais ninguém.

Ele assente cabisbaixo enquanto me levanto.

— Você achou que eu fosse um dominador sexual, não achou?

— Sim, achei.

— E aceitou quando pensou isso. Mas, não aceita se tiver que me obedecer no dia a dia?

— Exatamente.

Espero que me condene e me jogue, mas ele sorri.

— Até logo, Suzana.

Dou dois passos e ele diz:

— Sabe, eu realmente gosto de você. Muito mesmo.

Não respondo, nem olho para trás. Pego um táxi e vou terminar meu dia me afundando em ioga. Se comer mais chocolate essa semana não caberei na minha roupa de odalisca.

Minha cabeça não está boa. Meu dia não foi dos melhores. Algo dentro de mim parece preso, e está crescendo, crescendo, e me sufocando. Vai ficar assim até que eu o liberte. Mas não sei como libertar o que está aqui. Noto que já estou no meu prédio e quase perco o portão de entrada da garagem. Dou a ré e pego a entrada, mas de repente, ouço um barulho. Abro os olhos e vejo Cleber estendido no chão. Meu coração dá dois pulos antes que eu abra a porta e saia para ver se ele se machucou.

— Caralho! Porra! Você não enxerga... — Ele para de gritar e me encara com uma careta. — Tinha que ser você! Para que serve esses óculos enormes na sua cara se você não enxerga?

Toco meu rosto e noto que ainda estou com os óculos que uso para leitura.

— A culpa não é minha se entrou na frente do meu carro.

Ele me olha, olha para o carro.

— É meio difícil não entrar na frente do seu carro se ele sobe na calçada — diz em tom de deboche.

Idiota! Vou retrucar que ele está louquinho da cabeça, mas estranhamente o carro está mesmo na calçada. Como ele foi parar ali? De qualquer forma, não posso dar o braço a torcer. Faço minha melhor cada de desentendida e dou de ombros.

— Azar o seu por ter entrado na frente.

Ele bufa, se levanta e dá um passo na minha direção.

— Eu não entrei na frente! Você é uma roda dura que invadiu a calçada.

É a segunda vez que ele me chama de roda dura hoje. Está vendo? Acabou! Nossa paz, a nossa trégua acabou. Cleber Dantas é intragável! Dane-se essa coisa de amizade, quero que ele se exploda.

— E faça o favor de tirar seu carro velho do meio do caminho! Está atrapalhando a passagem! — continua esbravejando.

— Que fique bem claro que não vou fazer isso porque você está mandando, e sim porque não quero ninguém se encostando ao meu carrinho.

Saio desfilando e entro no carro com toda classe. Ele começa a me dar instruções para manobrar o carro. Faço uma careta e claro, sem querer, vou com o carro para cima dele. Não chego a encostar-se a ele, mas o pulo que ele dá para se salvar o faz tropeçar e cair de bunda no chão.

— Isso é que dá ouvir suas instruções — digo.

— Sua maldita!

Ele se levanta mas entro rapidamente com o carro na garagem e o vejo descer a garagem a pé.

— O que aconteceu com seu carro? — pergunto.

— Está no conserto. Uma vaca, roda dura o arranhou essa manhã.

Paro de andar e o encaro.

— Você é um idiota às vezes! Vaca é a senhora sua mãe! E foi um arranhãozinho de nada! Seu fresco!

Ele sorri daquele jeito cafajeste.

— Não estou nos meus melhores dias. E você me atropelou, irei direto para seu apartamento e terá que fazer uma massagem na minha bunda para aliviar a dor.

Começo a rir e entramos no elevador.

— Eca! Deus me livre ver sua bunda.

— Querida, as mulheres imploram para ver minha bunda. Só não imploram mais quando mostro o pau, aí elas se calam imediatamente.

— Por que, ficam muito admiradas?

Ele abre um sorriso maroto antes de responder.

— Não, suas bocas ficam ocupadas.

— Nojento!

Ele fica gargalhando até chegarmos ao nosso andar.

Na sexta de manhã, Cleber não aparece para fazer o café. Fico esperando que ele apareça e por culpa dele saio sem comer. Vou matá-lo. Estou com a cabeça nas nuvens e decido não ir de carro, quando passo pela portaria, o porteiro me entrega um envelope. Entro no táxi e me acomodo antes de abri-lo. E ali, há uma foto de Cleber nu, de costas. Suas costas largas e sua bunda durinha bem visíveis.

Fico em choque por um momento, viro a foto e está escrito:

— Ainda esperando sua massagem, safadinha.

Então tenho um ataque de riso. Só mesmo Cleber para me fazer rir quando estou sem comer.

Não vou à casa da minha vizinha essa manhã. Não que não queira vê-la, ou irritá-la, mas porque estou me acostumando demais a passar as manhãs com ela. Nas manhãs em que não posso ir, parece que o dia todo fica incompleto. É muito estranho isso. Parece que tudo relacionado a ela é elevado a mil e se torna um vício. Hoje, vou praticar a arte do desapego.

Mesmo porque hoje é meu encontro com a minha adorada Sue. Hoje, finalmente ela vai ser minha. Para mostrar a ela que não sou o babaca que ela acha que sou, passo em uma floricultura antes de ir para a V.D.A.. Não, não mandei entregar flores para ela, seria isso o que um homem que quer convencê-la a ir para a cama com ele faria, certo? Sou melhor do que esse homem. Levo pessoalmente as flores para ela.

Ao chegar ao edifício em que a deixei naquela noite, me dou conta de que não sei nem mesmo em qual andar ela mora, mas não é difícil descobrir. Eu poderia entrar no prédio como quem não quer nada e vasculhar a caixa de correspondências, mas dependeria de ter algo em nome dela. E na verdade, nem sei o verdadeiro nome dela. Por isso, pergunto ao porteiro, mas ele me diz que não conhece nenhuma Sue, nenhuma mulher de cabelos vermelhos e muito menos uma dançarina do Red. Só me resta fazer papel de ridículo, e que possa contar isso para ela depois e ganhar pontos, pois estou realmente ridículo, apertando cada botão de cada apartamento de cada andar e procurando por ela.

O porteiro me olha como se eu fosse louco, sei que estou sendo patético, imagino o que a Celina faria se me visse nessa situação. Ela sambaria na minha cara de bobo com aqueles saltos que ela usa e depois ainda acertaria as minhas bolas com eles. Para finalizar, daria uma típica gargalhada de bruxa. Aperto o 602 e ninguém responde. Então aperto de novo e de novo, até que uma voz masculina sonolenta diz de mau humor:

— O que foi?

— Bom dia. Estou procurando Miss Sue.

O silêncio do outro lado da linha me diz que achei o apartamento dela.

— Ela não está.

— Sabe me dizer onde pode estar?

— Na escola — a voz irritada responde e desliga.

Escola? Será que ela estuda? Volto a apertar a campainha, mas não sou mais atendido. De qualquer forma, ela não está e um homem atendeu o interfone. Será que é casada? Foi por isso que não me deixou subir? Se fosse casada não me levaria até seu edifício e não marcaria de sair comigo, não é mesmo? O que estou dizendo? Se fosse casada não dançaria seminua em um clube noturno. Que marido aceitaria isso? Eu com certeza não aceitaria. Envio umas dez mensagens de texto, mas ela não responde, sequer visualiza. Tento ligar para o número do qual ela me mandou mensagens, mas só cai na caixa postal. Miss Sue continua sendo um mistério, um delicioso mistério que irei desvendar hoje à noite.

Já desço da Rover mal humorado. Era por isso que eu não queria me apaixonar, o que acontece quando você percebe que uma mulher é muito mais importante do que deveria ser para você? Ela te enlouquece. É o que acontece. Veja, a maldita da Suzana sequer me ligou para saber por que não fui fazer seu café. Estamos passando o café da manhã juntos há dias, e no dia que faltou, ela nem sente falta. Não que ela seja amorosa ou preocupada, mas ela recebeu uma foto minha espetacular, deveria ao menos querer ouvir minha voz. E Sue, bem, ela é Sue. Nunca faz o que espero que vá fazer, e é por isso que estou tão obcecado por ela. Quando achei que havia dado um passo, sabendo seu endereço,

ela me inventa de sumir numa sexta de manhã e acaba com meu gesto puro de romantismo. Não me censure. Não importa se as flores eram apenas para amaciá-la e levá-la para minha cama, eram flores. Vocês amam flores, certo? Tive que deixá-las com o porteiro e torcer para que ela ache incrível mesmo assim. Se ela tivesse atendido a maldita porta e me visto, com essa barba por fazer, meu sorriso matinal e meu bom humor, com certeza estaria na minha cama esta noite, isso se não decidisse se entregar de manhã mesmo, eu não me oporia.

Entro pelo elevador de serviço, não estou com ânimo para dar bom dia às minhas meninas hoje. Está vendo como não vê-las altera meus atos? De jeito nenhum posso permitir que uma mulher me mude tanto assim, menos ainda duas! Passo para dar bom dia para Celina e ver como vai o bebê. Ela está fazendo um excelente trabalho como diretora geral, não tínhamos esse cargo antes, e era mais uma de minhas responsabilidades. Confesso que com ela no comando, as coisas fluem muito mais de uma maneira bem mais eficaz. Mas é a Celina, não esperava menos dela. Gilcelle não me dá bom dia quando a cumprimento, sei que deve estar uma fera pelo que fiz na outra noite. Mas ela e Matheus precisam mesmo resolver esse assunto inacabado entre eles. Pela expressão de ódio no rosto dela, acho que não resolveram.

Entro em minha sala tranquilamente, jogo minha mala na mesa, abro as cortinas para ver o centro da cidade, a vista daqui de cima é simplesmente esplêndida. Ouço o som de saltos atrás de mim, e quando me viro, só tenho tempo de ter um pequeno vislumbre de Gilcelle antes de ela enfiar as mãos nas minhas bolas e apertar.

— Nunca mais tente bancar o cupido para cima de mim, seu estúpido! Você não dá conta nem do próprio pau!

Grito. Não tenho vergonha de admitir que grito feito um maricas, mas porra! Ela aperta forte. Dói para caralho. Dou um passo para trás, mas ela não solta, e isso faz doer mais ainda. Devo ter ficado roxo, porque ela solta, relaxa visivelmente, abre um sorriso e diz como se nada tivesse acontecido:

— Tem gelo na adega.

Então sai.

Quero gritar que ela é louca, e que pare de andar com a Celina, pois está ficando agressiva, mas minha voz não sai. Também não vou à adega, não tenho forças, caio no chão e acho que adormeço ali rezando para que meu pau não tenha sido assassinado.

Depois dessa manhã conturbada, saio para almoçar. Certifico-me de passar longe da mesa de Gil, e ainda estou andando meio estranho. Isso é dia de ela resolver apertar minhas bolas? Espero que tudo esteja em ordem para essa noite. Por falar nessa noite, tento ligar para Sue de novo, mas continua na caixa postal. Onde será que ela está?

Almoço sozinho, pois Sebastian está com Celina em sua sala e Matheus sumiu. Prefiro assim, se Gilcelle se irritou ao ponto de apertar minhas bolas, nem quero imaginar o que o cretino vai fazer para se vingar.

Mas não é necessário que eu tente imaginar, pois o cretino, envia sua vingança pouco depois do almoço. Vou ao banheiro após o almoço e estou concentrado avaliando o estrago no meu pau, quando a porta do banheiro abre e ele/ela entra. Não sei o que é.

Parece ter dois metros de altura, um cílio postiço maior que sua testa, muita maquiagem, batom berrante, seios enormes e um gogó maior que meu dedo mindinho.

— Olá, Cleber — aquela voz grossa diz fazendo meu pau morrer imediatamente.

— Porra!

Corro para a porta, mas está trancada, e o grandalhão me pega pelo ombro e quase me joga na pia. Penso em acertá-lo, mas ele é ainda maior do que eu, e incrivelmente é mais forte. Poderia acabar

comigo.

— O que quer aqui? — pergunto.

— Você.

Gaguejo e dou um sorriso sem graça.

— Cara, eu tenho namorada. Preciso ir agora, pode me dar licença?

— Ah não, querido! Não mesmo! Seu amigo me disse que está livre e desempecido, e que adora bundas masculinas.

Quase engasgo com a ira que me toma.

— Não gosto de bundas masculinas, gosto de femininas! Acredite, eu adoro mulheres! Muito mesmo! A única bunda masculina que admiro é a minha, mas isso porque admiro todas as partes do meu corpo. Saia da frente dessa porta ou chamarei a polícia.

— Pode chamar, bofe, tenho fetiche por policiais. E por homens engravatados, para sua sorte.

— Porra! Que sorte!

Corro para uma cabine, me tranco ali e ligo para Matheus, e o filho de uma puta me atende.

— Olá Cleber, como vai? Feliz com o trato da Samarão?

— Mas, que merda é essa? Você enlouqueceu, homem!

— Não meu amigo. Só quero que veja como é legal ficar trancado com alguém que você não suporta.

— Porra! Nunca mais tento ajudá-lo. Ficaré o resto da vida ouvindo música de gay e suspirando pelos cantos. Porra Matheus! Eu te tranquei com a Gilcelle, Gilcelle! Ruiva, linda, gostosa. E você me arruma isso?

Espio pelo buraco da fechadura e Samarão está em frente ao espelho, ajeitando o decote.

— Aquilo são mesmo seios?

— Sim, e são dela. Ela pagou por eles, com o suor do próprio trabalho.

— Imagino como conseguiu esse suor.

— Não seja antiquado. Vocês vivem me acusando de ser quadrado, e olha só você, chorando como uma menina por medo de uma dama.

— Aquilo ali não é uma dama nem aqui, nem na cidade da luz vermelha. Agora mande essa coisa embora ou meu próximo passo será pular pela janela. E estou no décimo primeiro andar!

Matheus está gargalhando, estranhamente parece bem mais feliz do que Gilcelle.

— Vou pensar no seu caso, amigo — diz e desliga o telefone.

Ligo de novo, mas ele não atende. Tento ligar para Gilcelle, mas ela também não atende. Será que estão combinados de me fazer passar por isso? Para quem posso ligar? Para a segurança? Não, eu seria motivo de piada na empresa pelo resto da vida.

Estou decidindo o que posso fazer, quando alguém bate na porta, me fazendo dar um pulo.

— Querido, estou cansada de esperar.

— Ótimo, vá embora.

— Não seja bobinho, é apenas um beijinho. Vamos amor, eu sei que você quer.

— Merda!

Ligo para Sebastian, mas Maura diz que ele acabou de sair com Matheus.

— Matheus saiu? — praticamente grito.

Samarão esmurra a porta e só me resta uma alternativa: ligar para Celina. Isso vai ser constrangedor e o pior mico do século, mas bem, é a Celina. Ninguém entende de micos melhor do que ela.

— O que foi Cleber? — diz sua voz sonolenta. Provavelmente estava cochilando após o almoço,

como tem feito por conta da gravidez.

— Estou com um problema.

— Bruxa ou fada?

— Dragão.

— O que? Não entendi. Estamos falando sobre Suzana ou Sue? Ou sobre as duas? Ou você arrumou uma terceira? Pelo amor de Deus, Cleber! Três, homem nenhum dá conta!

— Nenhuma das duas. Menos ainda uma terceira. Estamos falando sobre Samarão.

Ela fica muda por uns minutos, depois cai na gargalhada.

— Samarão Salto Alto?

— Não sei! Não sei que merda é essa coisa aqui me cercando, Matheus a mandou e ela não quer sair daqui sem me beijar.

— Não vejo qual é o problema.

— Não seja uma bruxa, Celina. Eu sei que no fundo, bem no fundo há uma boa menina dentro de você. Mesmo que bem escondida. Encontre-a e venha até aqui tirar essa coisa do banheiro.

Ela consegue controlar o riso apenas o suficiente para responder:

— Vira homem! Não vive exaltando seus músculos? Use-os. Ou então, use outra coisa que vive exaltando.

— Celina...

Mas, ela já desligou. Só me resta ser sincero. Isso normalmente tende a dar errado e me meter em merda, mas não posso imaginar uma merda pior do que a que me encontro.

— Cara, é o seguinte, não curto essas coisas. De verdade. Se eu curtisse, até pegaria você. Você é... jeitosinho. Mas não curto. Não curto mesmo — digo sem abrir a porta e recebo apenas o silêncio como resposta.

Na verdade, está silencioso demais. Será que ele/ela foi embora? Abro uma pequena fresta na porta e ela é empurrada por um pé. Ali estão Matheus, Sebastian e Celina recostados na enorme pia, rindo da minha cara.

— Então, Samarão é jeitosinho? Se não tivéssemos aparecido você acabaria nu com ela, confesse — zomba Sebastian.

— Que merda vocês estão fazendo?

— Obrigada pelo elogio, gato. — diz o traveco.

— Tira esse troço daqui! — esbravejo.

Matheus estende um bolo de notas para Samarão que sai fina no salto me deixando ali com os três que mal conseguem ficar em pé de tanto que riem.

— Isso não teve a menor graça.

— Teve sim, estou quase mijando nas calças — diz Sebastian me empurrando e correndo para o banheiro.

Encaro Matheus, pretendo matá-lo, mas ele estende a mão.

— Nem me olhe assim, foi apenas uma brincadeira. Como a que você fez ontem.

— Eu apenas te ajudei.

— Você acabou com minha noite — diz de forma fria.

— Não tenho culpa se é um incompetente!

Celina pousa a mão no meu ombro e controla o riso o suficiente para dizer:

— Acalme-se Cleber. Não foi nada demais. Você está tendo seu dia de Celina.

Eu a encaro. Ela é a rainha dos micos e está aqui, divando como chefe, noiva de um dos sócios e mais linda do que nunca.

— Acho que vou sobreviver — digo e vou saindo quando me lembro de uma coisa. — Se alguém citar esse episódio em qualquer festa da empresa eu juro que vai acabar com as bolas penduradas no lustre. — Então encaro Celina. — Isso vale para você também! Penduro seu adorado Sebs no lustre!

Ela dá de ombros.

— Longe de mim, arriscar a vida do que mais amo até o momento — ela diz.

E saio do banheiro enquanto os três continuam rindo da minha cara.

Preciso dizer que o dia foi uma merda? Quando voltei para minha sala, Gilcelle estava da cor de seu cabelo, de tanto rir. Traidora! Não conversei com ela o resto da tarde, apenas o extremamente necessário para o trabalho. E passei a tarde contando os minutos para ir embora.

Chego em casa cansado, acabado e muito irritado. A irritação ficou comigo o dia todo, nem mesmo Gimlet foi suficiente para acalmá-la. Entro em meu apartamento e jogo a mala no chão, então vou resolver essa irritação toda. Entro na casa de Suzana. Sinto o cheiro de alho, ela está cozinhando.

— Querida, cheguei! — grito.

Mas, ao invés da minha deliciosa vizinha aparecer seminua, quem aparece é um homem seminu. Eu já o vi em algum lugar, mas não consigo me lembrar de onde.

— Quem é você? — pergunto já querendo partir a cara dele.

Mas, antes que ele responda, Suzana aparece, enrolada em uma toalha e com os cabelos molhados.

— Olá, Cleber. Não sabia que vinha para o jantar.

Eu os encaro. O imbecil sem camisa e com o cabelo desgrenhado. A *minha* vizinha, apenas de toalha e com os cabelos molhados. Eles estavam transando. A ira que me acompanhou o dia todo é fichinha perto de toda ira que estou sentindo agora. Eles estavam transando! Quero pegar o cabelo de pasta desse idiota e esfregar a cara dele na parede. Quero pendurar Suzana nos ombros e levá-la para meu quarto, arrancar essa toalha vermelha provocante e chupá-la até que ela perca os sentidos, quero controlar meu instinto animal cada vez que algum homem se aproxima dela.

Então, me viro e saio. Não falo nada, não faço nada. Mas estou realmente irado! Com ela! Com esse idiota! Quantos anos ele tem? Dezenove? Suzana agora é uma papa anjo? Inferno! Estou a semana toda tentando tirar a roupa dela e aquele imbecil com carinha de bebê chega e faz isso? De onde ela o conhece?

Não me olhe assim, estou mesmo irritado. Acho que nunca senti tanta raiva na vida. Soco a parede, alguns quadros e algumas almofadas. Mas a raiva não quer passar. Eu achando que tínhamos uma coisa especial, Suzana e eu. E além do gay magrelo ela está tendo um caso com um carinha de bebê! Do Red! É de lá que o conheço! Ele é um dos dançarinos do Red! Como ela pôde se rebaixar tanto? Um dançarino de uma casa noturna? Para de me olhar desse jeito! Sue é diferente! Ela não faz programas, mas esses dançarinos pervertidos fazem. E está com Suzana! Será que ela pagou o programa dessa noite? Dou outro soco na parede e saio de casa antes que acabe voltando ao apartamento dela para executar tudo o que se passa na minha mente nesse momento.

Rodo com o carro por várias ruas, tentando me acalmar, penso em ir para meu outro apartamento, e até dou uma passada lá, mas está vazio demais. Ando um pouco pelo centro, mas ainda me sinto irritado. Decido procurar uma diversão cara, mas acabo na frente do Red. Por que fui procurar Suzana, afinal de contas, se tinha um encontro com Sue? Deveria ter vindo direto para cá.

Desço ainda irritado. Talvez não seja bom vê-la assim, irei apenas assustá-la. É melhor marcar para outro dia, me certificar de que ela recebeu as flores e beber. Beber muito. Beber até poder voltar para casa sem ter que matar alguém. Mas, assim que a vejo, sinto algo estranho na boca do estômago. De novo. Isso aconteceu antes e foi igualmente assustador. Ela está se arrumando para

subir ao palco. Sei que não é minha, não tem nada a ver com meus problemas, e não tenho o direito de pedir o que vou pedir, mas foda-se, pedirei assim mesmo.

— Olá — ela diz com um sorriso escondido pela máscara vermelha da vez.

— Sue. Eu preciso te pedir...

Não preciso dizer mais nada. Ela larga a bolsinha que segurava e se aproxima de mim.

— O que houve?

Também não espera resposta. Passa os braços pelo meu pescoço e afundo o rosto em seu pescoço. Seu cheiro é forte, mas doce, e me acalma imediatamente. Eu a puxo para mais perto e ela fica ali. Posso sentir o contorno de seus seios encostados no meu peito, suas pernas encostadas nas minhas, ela se encaixa perfeitamente em mim.

— Sue — volto a chamar seu nome e ela entende.

Afasta-se apenas um pouco e pega minha mão.

— Vem comigo, vamos conversar.

Ela me arrasta pelo corredor movimentado até uma porta preta, saímos em outro corredor e andamos até o final dele, onde ela empurra uma porta branca. E a tranca. É um quarto.

— É o dormitório de alguns dançarinos. Às vezes não dá tempo de ir embora.

Concordo com a cabeça, mas agora meu cérebro e meu pau estão concentrados no fato de que ela está ali, vestida de chapeuzinho vermelho, ou não vestida praticamente, e há uma cama atrás dela, a porta está trancada e estamos sozinhos.

— O que queria me pedir?

— Que não se apresentasse hoje e ficasse comigo.

— Você precisa disso? Ou apenas quer?

Nem preciso pensar para responder.

— Preciso.

— Então, tudo bem. Quer ficar aqui ou dar uma volta?

Também não é necessário pensar.

— Aqui. Com certeza aqui — digo e aponto para a cama.

O som da música que rola no clube chega até nós, mas as paredes não tremem como acontece no quarto dela. Não preciso gritar tanto para que ela me escute. Está sorrindo para mim, e vejo malícia em seu olhar.

— Não viemos aqui para isso, pervertido. Viemos para que me diga o que está havendo. Por que parece tão transtornado?

— Provavelmente porque estou — digo e me aproximo dela.

Rodeio sua cintura com o braço e mordo seu pescoço. Seu corpo automaticamente se recosta no meu, eu a tenho totalmente entregue em meus braços.

— E o que o deixou assim?

— Problemas no trabalho. Uma merda enorme que fiz há algum tempo e que está cobrando seu preço agora. Minha vizinha.

Sinto seu corpo ficar tenso por uma fração de segundos antes que ela volte a relaxar.

— Sua vizinha?

— Ah sim. — Não devo falar sobre minha obsessão por outra mulher com ela, onde estou com a cabeça? Mulher nenhuma gosta de ouvir esse tipo de coisa. — Mas, não vamos falar dela.

Ela me empurra de repente contra a cama e caio estirado. Então ela monta em cima de mim.

— Vamos fazer assim, pervertido. Você me fala sobre sua vizinha enquanto te dou prazer com a minha boca.

Não sei o que ela pretende sabendo sobre minha vizinha, mas não me importo. Quero a boca dela em mim.

— É uma safada.

— É mesmo? — ela diz enquanto morde meu pescoço e vai descendo os dentes por meus ombros e peito.

— Sim. Mas, esconde. Não entendo por quê. Ela é linda. É linda sendo uma mulher séria e respeitável. E mais linda ainda com a pele ruborizada, e os olhos turvos de desejo. Ahh! — gemo quando sua mão aperta com força o volume nas calças. Sinto uma pontada de dor e muitas de desejo.

— Te incomoda que ela se esconda?

— Sim. — Mal consigo pensar nesse momento. — Ela é mulher demais para ele.

—Ele quem? — ela pergunta enquanto abre minha calça.

Demoro a responder, esperando por seu toque, por sua boca, mas ela para. E entendo que só vai continuar se eu continuar falando.

— O cara por quem ela é apaixonada. É um imbecil. Só ela não percebe que ele não serve para ela. Não a fará feliz.

— Como pode ter tanta certeza?

E não sei o que acontece. Ela está ali, de quatro em cima de mim, com a mão na minha cueca, e ao invés de jogá-la nessa cama e penetrá-la com força, como quero fazer há dias, estou pensando na maldita vizinha. Aquele sorriso delicioso, seu mau humor matinal, suas tiradas ácidas, sua forma terrível de dirigir. Cada defeito dela me faz desejá-la ainda mais. Estou ferrado! Completamente ferrado!

— Eu a faria feliz. Nenhum outro homem a faria tão feliz quanto eu. Ele vai matar seu lado devassa e transformá-la em uma mulher comum. E ela não é comum. É extraordinária, é forte, é inteligente. É linda, linda demais. Principalmente quando está irritada, e quando acorda. Ela é linda quando acorda. Com o cabelo bagunçado, de mau humor e aquelas roupas velhas. Ela é a coisa mais linda que já vi na vida.

Só me dou conta do que acabei de dizer quando as palavras já saíram. Merda! De jeito nenhum minha odalisca vai abrir as pernas para mim agora. Ela me encara, acho que está meio em choque. Deve estar chateada, provavelmente vai descer a mão na minha cara e me expulsar aos gritos. E não posso culpá-la. Talvez possa dizer como me sinto em relação a ela. Será que ela vai acreditar se eu disser que sonho com ela dançando para mim toda noite?

Mas nem tenho tempo de iniciar essa conversa, pois de repente ela pula em cima de mim e me beija. Sim, ela me beija, sem a renda entre nós. Ela a afasta e seus lábios estão nos meus, invadindo tudo, dominado tudo. Dominando cada pensamento, cada reação do meu corpo. Porra! Nunca desejei tanto alguma coisa na vida como a desejo nesse momento. Eu a prendo em meus braços e rolo na cama, deixando-a embaixo de mim. Minha boca não larga a dela por um segundo sequer, não quero perder esse contato. Seu beijo é indescritível. Apesar do gosto do batom e de alguma bebida, sua língua é atrevida e a forma como suga meus lábios, como se agarra a mim e geme, sem nenhum pudor, sem nenhum medo, isso me enlouquece. É como se já a tivesse beijado a vida toda, como se meus lábios fossem acostumados aos seus. Nunca senti nada parecido. Devo estar parecendo um gay agora, tentando descrever isso, mas porra! Não quero parar de beijá-la nunca.

Puxo seu top para baixo e seus seios fartos encostam em minha blusa. Não resisto, deixo sua boca, e passeio a língua por seu mamilo. Ela geme e se contorce. Toco seus seios, belisco seu mamilo e então reparo. Uma marca, acima dos seios, parece um coração. Estaco totalmente. Essa marca. Não me é estranha. Ela fica tensa e segura meu rosto, me fazendo olhar para ela.

— O que foi?

— Essa marca — digo tentando entender o que está havendo.

— Que marca? — Ela olha para baixo, mas não há reconhecimento em seu olhar, é como se não houvesse nada ali.

Será que estou ficando louco? Vendo coisas de Suzana em outras mulheres? Será que a desejo tanto assim? Mais do que a Sue? Isso não pode ser possível! Mas Sue acaba com meu duelo mental, pois morde meu lábio e me puxa de volta para sua boca, e fico ali, me perco do mundo nos lábios dela. Nunca me senti tão bem, tão leve, tão duro, como agora. Guio meus dedos entre nossos corpos até a saia vermelha que está usando, mas ela me impede. Empurra-me na cama e diz, enquanto volta a montar em mim.

— Isso não, pervertido.

— Por que não?

— Não estamos no lugar certo. Nem no momento certo.

— Não há momento melhor, a desejo como nada mais nessa vida.

— Eu sei — ela diz mordendo meu lábio. — Estou sentindo isso. Mas, você está apaixonado pela sua vizinha, não vai transar comigo pensando nela.

Quero dizer que não estou pensando nela, mas estou. Muito. Isso não mata meu desejo por Sue, me faz estranhamente desejar as duas de uma maneira doente. É estranho. Estou mesmo louco. Ela volta a me beijar e me contento, seus beijos são mais do que já tive dela até agora. E são melhores do que qualquer sexo que já tenha feito. Ah Sue, será que você acreditaria que também estou apaixonado por você?

Chego em casa frustrada, excitada e meio fora do ar. Não me apresentei hoje. Também não levei nenhuma bronca, pois Cidão achou que eu estava em outro mundo. E estava mesmo. Em um mundo delicioso chamado Cleber. Como um homem pode ser assim? Tão lindo, tão forte, tão intenso, tão delicioso. O que foram aqueles beijos? Ele já havia me beijado com desejo antes, mas nunca como esses beijos. A forma como ele me deseja, não é nada comparada a forma como ele deseja Sue. Não sei se devo ficar feliz ou irritada ao constatar isso.

De uma maneira estranha, me sinto feliz. Ele estava claramente transtornado quando apareceu no Red, e quando saiu, parecia outro. Tão leve e calmo. Mesmo que não tenhamos transado. Foi como se meus beijos fossem mais prazerosos do que aquelas gêmeas estranhas dele. Ele não sorri para elas como sorriu para mim, com aquela adoração no olhar, com aquele desejo avassalador.

Jogo-me no sofá e toco os lábios, ainda sinto os dele. Sei que estão inchados, não pegamos leve. Mas é que nunca senti tanto prazer na vida, e isso porque foram apenas beijos. Nem quero imaginar como seria se tivéssemos feito algo mais. Como seria ter seu pau bombeando no meio das minhas pernas. Como seria apertar aquela bunda deliciosa para que ele metesse mais fundo. Toco minha calcinha que está encharcada. Sinto o cheiro da minha excitação.

— Huguinho! — grito. Preciso de Cleber, não posso tê-lo, então que seja meu melhor amigo.

Tiro a roupa. Tomei um banho antes de sair do Red, e tirei toda a maquiagem e o perfume que Sue gosta de usar. E me jogo no sofá. Abro bem as pernas e cumprimento meu amigo.

— Olá, querido. Quanto tempo.

O barulhinho conhecido me deixa em estado de alerta máximo enquanto passeio com ele por meu clitóris. Quase gozo só de encostá-lo ali.

— Ah, Cleber! Olha o que você faz comigo.

Começo a introduzi-lo ali, quando a porta abre. Fico sem reação por um momento, mas Cleber reage primeiro que eu. Ele anda decidido até mim, e tira Huguinho da minha mão.

Quero gritar com ele por entrar em minha casa a essa hora, quero pedir desculpas por estar me masturbando no sofá da sala. O mesmo que ele deita para assistir tevê quase todas as manhãs. Mas não preciso dizer nada. Ele se ajoelha na minha frente e encara minha boceta encharcada.

— Ah, Suzana. Definitivamente você é uma devassa!

Não digo nada, não tenho voz. A maneira como ele me olha quase me faz gozar. O desejo que há ali é o mesmo que havia em seu olhar quando nos vimos há uma hora. Ele passeia Huguinho pela parte interna da minha coxa. Gemo e me contorço, e ele me olha maravilhado.

— Em quem você pensa quando se toca? Hein, Suzana? Que nome você grita?

Não respondo, e ele encosta de uma vez Huguinho no meu clitóris, bem forte, grito alto e ele retira o vibrador imediatamente.

— Responda, safada. Que nome você grita quando goza?

— Merda.

— Não é esse nome. Quem te deixa assim? Quem acende esse fogo, Suzana? Diga a verdade. É aquele dançarino de quinta que te deixa molhada desse jeito?

Ele toca levemente meu clitóris com dois dedos e me contorço.

— Não — gaguejo.

— Eu sabia. — Ele enfia os dedos na boca e chupa. — Deliciosa. Que nome você grita?

Demoro a responder e ele volta a pressionar Huguinho em meu clitóris, com força. Contorço-me e grito, e quando estou prestes a gozar, ele o afasta.

— Cleber — consigo dizer. — Grito o seu nome.

Um sorriso enorme está estampado em seu rosto. Ele aproxima Huguinho da minha entrada e encosta bem pouquinho, apenas o suficiente para que eu o sinta vibrar ali.

— Safada. Você é deliciosa Suzana! Realmente deliciosa. E linda. Mas e quando você enfia isso dentro de você? Você já o chamou com meu nome?

Ele pressiona um pouco mais Huguinho na minha entrada e grito de novo. Não aguento mais essa tortura. Parece que vou explodir a qualquer momento.

— Não! — grito — Ele tem nome.

Ele me encara surpreso e sorri.

— É mesmo? E qual o nome dele?

Sinto-me ridícula ao responder.

— Huguinho.

Ele sorri mais ainda. Encara o vibrador molhado e o aproxima da boca. Quase gozo de novo, quando ele lambe meu suco que escorre pelo vibrador.

— Parece que Huguinho e eu vamos fazer você gozar bem gostoso agora, safadinha linda.

Então ele enfia Huguinho em mim, bem devagar. Contorço-me, enquanto ele se levanta, sobe em cima do sofá e se ajoelha entre minhas pernas, então começa a tirar e colocar Huguinho dentro de mim. Bem devagar.

— Mais depressa. Mais forte.

— Calma minha safada deliciosa. Não tenho pressa. Quero ver cada reação sua.

Começo a gritar mais alto e ele acerta um tapa na minha bunda. Fazendo-me arregalar os olhos e encará-lo em choque.

— Não goze ainda, safada. Somente quando eu permitir.

— Mas...

— Mas, nada. Se gozar agora irei embora. Você quer que eu vá embora?

Nego desesperadamente com a cabeça e ele sorri.

— Boa menina.

Ele deita sobre mim e mordisca meu mamilo. Encara por um tempo a cicatriz, mas não consigo ficar tensa, estou excitada demais. Ele lambe a cicatriz e desce lambendo minha barriga, até alcançar o meio das minhas pernas, onde Huguinho está enfiado, vibrando. Ele enfia um dedo em mim, sem tirar Huguinho e geme.

— Apertada. Tão apertada! Você não suportaria meu pau, safadinha.

Só consigo fechar os olhos e gemer. Mas, os abro rapidamente, para ver o que ele está fazendo. Ele deposita beijos nas minhas coxas e mexe em Huguinho. Estava parado há tanto tempo, que me contorço e quase gozo.

— Merda, Cleber, enfia isso logo, preciso gozar.

— Não seja mandona, safadinha. Tudo ao seu tempo.

Então ele gira Huguinho e quase enlouqueço.

— Adoro ver como se contorce. Adoro saber que tenho o poder de te desmanchar nas mãos. Quero que me venere como está fazendo agora, com esse olhar perdido, quero que grite meu nome quando gozar. Entendeu?

— Sim.

— Então grite meu nome, safada.

Ele enfia Huguinho com força e rápido. Tira e coloca, tira e coloca. Grito cada vez mais alto. Sei que os vizinhos estão ouvindo, mas não consigo me controlar.

— Ah, Cleber!

— Isso, meu nome. Seu prazer é meu. Somente meu.

Ele toca com o polegar meu clitóris e aperta, e não aguento mais, o prazer puro me domina de uma maneira assustadora, não sou nada ali. Derreto-me gritando o nome dele e me contorcendo. Ele me puxa para seus braços, Huguinho ainda vibra dentro de mim, parece que vou morrer de tanto prazer, não tenho forças. Cleber me aperta, me envolve em seus braços e captura minha boca. Beija-me com força, enquanto ainda me desmancho ali, gritando e me contorcendo. Até que lágrimas escorrem por meus olhos. Não aguento mais essa onda de prazer, nunca imaginei que algo pudesse ser tão forte. Ele me levanta o suficiente para tirar Huguinho de dentro de mim e volta a me abraçar. Ainda estou chorando, gritando, mole. Jogo-me nele, que beija meus ombros suados, meu pescoço, mordia meu rosto, meu nariz, beija meus olhos. Sua mão acaricia minhas costas e vou me acalmando.

Quando volto a mim, parece que meu coração vai sair do peito. Chega a doer de tão rápido que está batendo. Cleber se levanta e passo as pernas por sua cintura, não tenho forças para ficar de pé. Ele me leva até a cama e me olha nos olhos antes de me depositar.

— Você é linda. Linda demais, Suzana. É fantástica.

Pisco os olhos e foco meu olhar em seus lábios.

— Dorme agora, safadinha linda. Você precisa descansar.

Ele me deposita na cama e seguro seu braço quando se afasta.

— Você não vai ficar?

— Sim, só vou apagar a luz.

Ele sai apagando luzes pela casa e se deita comigo. Sinto o cheiro de Sue em sua roupa, e sinto ciúmes. Ciúmes de mim mesma. Mas, ele não pode gostar mais de Sue do que de mim, não é?

Ele me abraça forte e antes que possa sondar se ele reconheceu a cicatriz, adormeço.

Capítulo 10

Cleber

Ela está adormecida aninhada a mim. Enroscada como uma gatinha. Acho que gosto disso. Da maneira como ela procura por mim à noite, como se enrosca ao meu corpo e relaxa assim que passo os braços ao redor de seu corpo. Não dormi nada. Vê-la tendo um orgasmo enquanto gritava meu nome, foi a coisa mais erótica, bonita e deliciosa que já vi na vida. Suzana é a coisa mais sensual, linda e deliciosa do mundo. É maravilhosa. Passei a madrugada toda observando-a. O rosto corado, a cara de satisfação, os cabelos negros emaranhados em meu braço. Percebi enquanto a olhava, que poderia ficar assim para sempre, com ela em meus braços, dando prazer a ela, a fazendo minha. E por nada no mundo terei apenas uma mulher para o resto da vida. Não mesmo, nada de xoxota mágica para mim.

Sei que estou enrascado. Os momentos que passei com Sue também voltam à minha mente o tempo todo. A maneira como ela consegue ser doce e sexy, tão frágil e segura de si, me fascina. Sim, estou muito apaixonado por ela. E pela Suzana. E só posso estar mesmo louco, pois as duas não têm nada em comum, e consigo encontrar tantas semelhanças entre elas! Os seios, por exemplo, estou mesmo maluco, mas quase tenho certeza que os seios das duas são iguais. Acho que essa coisa de desejar tanto duas mulheres está mesmo me enlouquecendo.

Após a madrugada toda pensando, cheguei à conclusão de que não posso continuar assim. Não posso continuar apaixonado pelas duas dessa maneira doente. Preciso escolher uma delas, levá-la para a cama e partir para outras. Foi muito difícil escolher.

Consegui perceber que apesar de estar apaixonado pelas duas, são paixões diferentes. Sue é aquela paixão avassaladora, que chega a me deixar bambo, que vai ser a melhor coisa do mundo e depois passar. Ela é a paixão passageira.

Já Suzana é mais perigosa. Ela é aquele tipo de paixão que vai me consumir, cada dia mais, até que não serei mais eu, apenas uma sombra apaixonada aos pés dela. E isso vai acabar com meu sobrenome no nome dela. E o nome dela gravado em um anel no meu dedo.

Claro que escolho Sue.

Estou terminando de passar o café quando ela aparece. Com um blusão enorme com a cara da Minnie estampada. O cabelo desgrehado e os olhos mal conseguindo ficar abertos. Linda. Minha vontade é agarrá-la agora mesmo e despertá-la com um beijo avassalador, como quero fazer todas as manhãs. Mas ela não é a minha escolha.

Ela para e me encara, ainda sonolenta, e sorri. Merda!

Que se dane! Nunca fui um homem que contém seus impulsos.

Deixo a cafeteira na mesa, ando a passos largos até ela, seguro seu rosto e a puxo para mim. Assim que nossos lábios se tocam, ela geme. Perco o controle, levanto-a e a deponho na mesa, me encaixo entre suas pernas e aprofundo o beijo. Ela passa os braços pelo meu pescoço e me puxa ainda mais. Meu pau lateja aninhado no calor dela, nos afastamos para respirar e digo:

— Sempre quis beijá-la assim. Cada vez que você apareceu com essa cara de sono.

— Então cale a boca e me beija de novo.

Não precisa pedir duas vezes. Aliás, nem precisava pedir. A aperto em meus braços, toco suas

pernas, puxo seu cabelo. Adoro o som de seu gemido na minha boca. E quando se torna insuportável para o meu pau não estar dentro dela, me afasto. A deixo em cima da mesa, ruborizada e meio desnorreada.

— Adoraria que você fosse o café da manhã, safadinha. Mas desça daí antes que o café de verdade esfrie.

Ela parece confusa, mas desce da mesa e se senta na cadeira, enchendo mais do que o normal a xícara de café. Então me observa. Finjo olhar para outras coisas, mas estou plenamente ciente de seus olhos negros cravados em mim, me avaliando. Esperando que eu diga alguma coisa.

Bom, minha safadinha, se você quer que eu diga alguma coisa, só posso atender sua vontade.

— Sua xoxota é linda — digo.

Ela engasga com o café e queima a língua.

— Voxê é maluco! — reclama enquanto segura a língua para fora.

Dou de ombros rindo da cena que ela está fazendo.

— Você estava esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Eu estava torcendo que fingisse que nada aconteceu e não dixesse nada.

— Ah minha adorável safadinha! Você gozou na minha frente. Eu vi sua xoxotinha linda toda molhada e pulsando em meus dedos. Essa é uma visão que nunca vou esquecer.

Ela abandona a língua e me encara.

— Você não ficou excitado?

Olho em seus olhos e sinto meu pau latejar pela maneira intensa como ela me olha.

— Você sempre me excita. Não importa se é com esse blusão e essa cara de sono, ou se é nua, aberta no sofá se masturbando para mim. Você me leva ao limite.

Ela larga a xícara e me sento na cadeira ao lado da sua. Acaricio seu cabelo emaranhado, e foco meu olhar naqueles lábios lindos.

— Sim, Suzana. Nunca fiquei tão excitado na vida.

— Então, por que você não... — Ela corta a frase e se afasta, mas a puxo pelo cabelo e mordo seu lábio.

— Porque não meti em você com força até saciar esse desejo? — pergunto em seus lábios.

Ela assente e fecha os olhos. Toco sua coxa com a ponta dos dedos e subo até alcançar seu centro, úmido e descoberto. Quando a toco, bem de leve, ela geme e se segura em meu ombro. Quase me faz perder o controle. Acaricio levemente seu clitóris e ela se contorce em meus dedos.

— Não meti em você, minha safadinha deliciosa, porque quero apenas isso. Quero apenas comer você.

Abandono seu clitóris e enfio dois dedos nela.

— Depois que eu comesse você e a fizesse gozar muito, eu a deixaria em paz.

Ela tenta se afastar, mas a puxo para meu colo com o braço livre e começo a meter os dedos nela bem depressa, bem forte, como queria estar fazendo com meu pau.

— Não tenho nada mais do que isso para te oferecer, Suzana. Nada mais do que prazer. Nem atenção, nem explicações, menos ainda meus sentimentos. Apenas prazer.

Ela goza gritando alto e desabando sobre mim. Abraço-a e espero que se recupere. Quando vejo que se acalmou, digo:

— É o que você mais precisa, safadinha. Precisa mais de prazer do que de qualquer outra coisa. Posso dar isso a você, o que me diz?

Ela se afasta de repente, se levanta e começa a guardar as coisas do café da manhã. Fico apenas observando-a. Meus dedos ainda estão molhados de seu orgasmo, os enfio na boca e saboreio seu

gosto doce. Começo a ficar ansioso, esperando que ela largue esses talheres e pule no meu colo. Eu sei que disse que ela não era minha escolha, mas não me importo de transar com ela o fim de semana todo.

Quando termina, ela dá um nó no cabelo e não olha para mim ao dizer:

— Vá embora, Cleber. E não volte aqui. Você não é mais bem-vindo.

Demoro um minuto para reagir enquanto ela entra no banheiro e tranca a porta.

— Ah, minha adorável safadinha. Vou sentir muito a sua falta.

O sábado demora a passar e não tenho vontade de fazer nada. Não escuto som algum do apartamento ao lado e me sinto meio melancólico. Isso é gay pra caralho.

Sebastian aparece no final da tarde com uma caixa de Heineken e dois sacos de batatas fritas.

— Como crianças — digo.

— Exatamente, meu velho. A Celina foi dar uma volta com a Gil. Precisava ir a algum lugar passar o tempo.

— Seu gay. Nem consegue ficar na sua casa sem a mulher lá — digo enquanto nos instalamos em frente à tevê da sala. — Queria que o Matheus participasse das nossas sessões da batata com cerveja, para aliviar um pouco seu coração partido.

— Ele não comeria as batatas direto dos dedos. Nem em palitos de dente. Nosso amigo não tem solução.

Tento me concentrar no filme ruim que arranca gargalhadas dele, mas minha mente está totalmente concentrada nos sons do apartamento ao lado. Nenhum barulho. É como se ela não estivesse ali. Mas onde pode estar? Algo duro atinge meu nariz e a dor me traz de volta para encontrar Sebastian me encarando irritado.

— Que merda, homem! Você ouviu alguma coisa do que eu disse?

— Não. Mas, não precisava quebrar meu nariz com o controle remoto!

— Estou com essa mania de atirar as coisas. Muito tempo com a Celina.

— Pare já com isso! Não precisamos de duas pessoas atirando as coisas naquela empresa. Uma só já basta para derrubar todos nós — reclamo e vou colocar gelo no nariz.

Sebastian me segue até a cozinha e é aí que escuto. A porta dela batendo. Está saindo.

Se eu estivesse sozinho, sairia correndo para afrontá-la, mas Sebastian está prestando atenção em cada reação minha, com um sorrisinho idiota no rosto.

— É a sua vizinha?

Dou de ombros fingindo desinteresse.

— Provavelmente.

Ele me encara e pego qualquer coisa na geladeira e viro na boca. É leite.

— Desde quando você toma leite, Cleber?

Dou de ombros sentindo o líquido gelado descendo por minha garganta. Odeio leite.

— Você não está se aguentando de vontade de sair correndo atrás da sua vizinha.

— Claro que não! Não sou homem de correr atrás de mulheres. Eu as tenho aos montes.

Ele cruza os braços e me avalia.

— Pode ir, vai. Vou fingir que não vi nada. Corra atrás da sua vizinha.

Começo a negar, mas não me aguento e corro até a porta. Sebastian corre atrás de mim. Mas, quando saio no corredor, vejo apenas as portas do elevador se fechando.

— Que pena! Eu queria muito ter visto sua vizinha.

Fecho a porta e encaro Sebastian. Nem acredito que vou dizer isso, mas as palavras me escapam:

— Acho que ferrei tudo com ela essa manhã.

Sebastian dá dois tapas em meu ombro e diz:

— Vamos amigo. Deite-se ali no seu divã e conte-me seus problemas.

E embora Sebastian seja um completo imbecil, é o que faço. Jogo-me na poltrona, abro a boca e falo todas as merdas que aconteceram nas últimas vinte e quatro horas. Quando termino, ele está em choque, com a boca aberta, os olhos arregalados e me encarando. Engole em seco e vira o copo de Heineken de uma vez.

— Porra homem! Sua vida é muito interessante. Não vou ligar de servir de diário mais vezes.

— Não me venha com piadas. O que você acha da minha situação?

— Está fodida, com certeza.

— Valeu.

— Sou seu amigo, é meu dever ser sincero. Bem, a vizinha você já perdeu, agora pegue a odalisca antes que seja tarde.

Bufo frustrado, me levanto, e voltamos a beber.

Quando Celina liga avisando que chegou, Sebastian se despede um menos de um minuto.

— Que coisa mais patética — digo.

— Não é patético sair correndo para encontrar a mulher da sua vida que carrega um filho seu no ventre. Patético é ficar o fim de semana trancado em casa porque não conseguiu pegar nenhuma das duas mulheres por quem está apaixonado.

— Vai à merda.

— Sinceridade sempre, meu velho.

Assim que abrimos a porta, quem está chegando? Ela. Sei disso porque Sebastian arregala os olhos e fixa o olhar em alguém, ouço o barulho de saltos, estou de costas, mas Sebastian sussurra.

— Porra! Tem que ser ela.

Viro-me imediatamente e sim, minha adorável vizinha está chegando, seu cabelo solto está bem penteado em ondas negras, usa um vestido colado ao corpo, preto, que ressalta cada uma de suas deliciosas curvas e um salto. Nunca a vi assim. É de dar água na boca. Enfio a mão nos olhos de Sebastian cobrindo-os.

— Você não pode olhar assim para ela!

— Ela é a vizinha?

— Sim, tire os olhos dela!

Ele empurra minha mão e prendo o braço dele, então ele me chuta, mas dou uma rasteira que quase o derruba, ele revida se abaixando e segurando minha perna. Tento me equilibrar, mas perco o controle e caio para trás, derrubando Suzana em cima de mim.

— Mas, que merda! Vocês dois são loucos? — ela grita.

— Olá, Suzana — diz Sebastian todo meloso a ajudando a se levantar.

— Olá — ela responde e posso ver o rubor tomar seu rosto ao reparar bem em Sebastian.

Vaca. Ruborizou para ele. E eu preciso enfiar algo no meio de suas pernas para ela ruborizar para mim.

Levanto-me e tiro a mão de Sebastian dela, com um puxão.

— Isso não acaba aqui, Dantas — ele diz se despedindo.

— Com certeza não, Vaughn.

Ele dá dois passos, olha para trás e diz:

— Mudei de ideia. A odalisca não pode ser mais gostosa do que ela.

Olho para Suzana, mas ela está fechando a porta, não ouviu o que ele disse.

Sebastian some pelo elevador e mais do que depressa fecho minha porta e invado a dela.

— Você se machucou?

Aproximo-me e pego suas mãos, verificando seus braços. Ela puxa os braços e se afasta, nada afetada por meu toque.

— Estou bem, obrigada. Você pode ir agora.

— Por que está com raiva?

— Não estou com raiva. Eu teria que sentir alguma coisa, para estar com raiva.

Seguro-a pelo braço e a viro para mim, não está com raiva. Há o muro de indiferença no rosto dela. Aquele maldito muro. De repente a fúria me toma. Quem ela pensa que é para me tratar assim? Para me esquecer com essa facilidade? Hoje de manhã ela gozou nos meus dedos e agora me olha com essa indiferença? Seguro seu rosto entre minhas mãos:

— Diga — ordeno.

— Me solta.

— Diga ou vou beijá-la.

Ela crava as unhas nas minhas mãos e a solto, então ela começa a gritar:

— Por que eu deveria sentir raiva? Você veio aqui, me tratou como uma puta e saiu por essa porta!

Por que eu deveria sentir qualquer coisa por você?

Estou parado, sem ação. Eu nunca, nunca a tratei assim.

— Eu não tratei você como puta, está ficando louca?

— Você entrou na minha casa ontem à noite, me fez gozar com um vibrador, dormiu comigo nua em seus braços e me fez gozar em seus dedos hoje de manhã. Para depois me dizer que não tem nada a me oferecer e que eu preciso de sexo. Como se eu fosse uma qualquer e você um herói que vai me dar o prazer que necessito.

— Você precisa mesmo de sexo!

— Não com você! Você não é o único homem do mundo!

— E vai fazer o quê? Tentar seduzir aquele gay? Abra os olhos Suzana, ele é gay. Da fruta que você gosta ele chupa até o caroço.

Ela me encara, e de repente começa a rir. Então se afasta e diz mais calma:

— Que comparação ridícula! Vá embora, Cleber. Preciso sair e não quero conversar agora.

— Aonde você vai a essa hora?

Ela se vira e me mostra o dedo do meio e entendo que não é da minha conta.

— Suzana, sobre o que eu disse mais cedo, não quero que fique esse clima estranho entre a gente. Não falei aquilo para te diminuir de forma alguma. Você é linda, e quando está excitada é mais linda ainda. E merece todos os orgasmos do mundo. Eu realmente queria muito te comer, mas estou apaixonado por outra pessoa.

Ela se vira para mim de uma vez. Espero ver alguma reação que demonstre surpresa ou ciúmes, mas não há nada. Desconfio que ela seja muito boa em esconder o que sente, caso contrário, é fria demais para sentir qualquer coisa.

Ando até o sofá e me sento. Ela se senta à minha frente e abro o coração. Falei sobre ela com Sue, por que não falaria sobre Sue com ela?

— Ela é linda, sexy, confiante. Não se esconde como você. Não tem medo de ser quem é.

— Por que está me comparando?

— Estou apenas dizendo. Se chama Sue, não deve ser seu nome verdadeiro.

— Você sequer sabe o nome dela?

— Não, mas não preciso saber. Ela é uma fada. É mágica em cima do palco, dança como um anjo,

e é divertida, é forte, é doce. Não sei como ela consegue reunir tudo isso em uma única pessoa, mas ela possui todas essas qualidades.

— Em um palco?

— Ela é dançarina. Dança em um clube noturno.

— Uma dançarina de clube noturno?

Ela se levanta e me levanto também.

— Você é linda. Sim, é mais bonita do que ela, eu assumo. E provoca em mim o mesmo desejo que ela provoca.

— Então, por que ela? Não que eu esteja interessada em ser o centro de sua paixão, mas quero saber.

— Porque ela é verdadeira. Não tem medo do que vão dizer ou pensar sobre ela. Ela tem o que deseja, Suzana, não fica se escondendo atrás da fachada de uma mulher séria. Olhe para você, bancando a fria, a indiferente. E depois, quando a toco, é a mulher mais deliciosamente quente que eu já vi. Não consigo entender. Por que faz isso? Por que finge ser alguém que não é?

— Eu não finjo. — Ela parece assustada. — Você não entende — diz baixinho.

— Não entendo mesmo. Você tem tudo para ser a mulher mais sexy do mundo e prefere ser uma mulher como todas as outras. Isso eu realmente não entendo, Suzana. E é por isso que prefiro ela. Porque não sei quem você é.

— Não é porque tenho necessidade de sexo que tenho que sair por aí com um decote enorme abrindo as pernas para quem encontrar. Há coisas que são feitas apenas entre quatro paredes, Cleber.

Dou de ombros. Não dá para discutir com ela. E não suporto mais que ela me olhe assim, sem qualquer sentimento.

— Continue aí bancando a fria, Suzana. Pode me dizer que não quer ser o centro da minha paixão, mas a verdade é que não será o centro da paixão de ninguém. Guarde bem na memória os orgasmos que teve, porque provavelmente não terá outros tão cedo.

Saio de sua casa e bato a porta. Ciclo encerrado. Eu sei, estou dizendo isso sobre ela desde o começo do livro, mas dessa vez é sério. Minha obsessão por Suzana Leal, acaba aqui.

Passei a noite no tapete da sala, jogada, largada e desanimada. Sim, hoje tenho o direito de ser dramática. Estou sofrendo, com licença?

A verdade é que as palavras de Cleber não saem da minha cabeça. Sue é ela mesma, Sue não tem medo do que pensam, Sue possui um misto de qualidades que eu nunca vou possuir. Minha primeira vontade foi gritar na cara dele que sua adorada Miss Sue sequer existe. Que ela consegue ser uma farsa ainda maior do que eu. Mas ele estava certo. Em quase tudo. Não acredito nessa praga de que não terei outro orgasmo, eu terei. Assim que fizer as pazes com Huguinho.

Acho que não contei a você, não é? Estou de mal com ele, Huguinho. Por culpa de Cleber. Cada vez que olho para ele me lembro de Cleber com ele nas mãos, lambendo meu suco. Merda, Cleber estragou o prazer para mim. E agora não tenho coragem de ser Sue. Ele está apaixonado por ela. Quando ele falou de mim para Sue, parecia que estava apaixonado, mas ele me admirava muito, até perceber que sou medrosa demais para ser quem sou.

Sim, estou te confundindo, mas também estou confusa, então bem-vinda ao meu mundo. Cleber não entende que essa sou eu. Tanto a devassa que goza com vontade em seus dedos em um café da manhã, quanto a mulher séria e respeitada que ele vê no dia a dia. As duas fazem parte de mim. Ele abre a boca para falar de Samuel, mas ele também não aceita meus dois lados. Com ele, teria que ser sempre a devassa, e vai ter horas em que vou querer mais do que um bom sexo.

Eu sei, não existe homem perfeito. Não existe ninguém perfeito.

Agora chega! Cansei de ser dramática. Levanto-me e tomo um banho, pego minha mala vermelha e... não tenho coragem. Não quero ser Sue hoje, fui trocada por ela. Mando uma mensagem a Cidão dizendo que não vou e desligo o celular. Não trabalho no clube na segunda, Cleber não vem fazer o café, mas não esperava que viesse. Pelo menos agora não terei mais crises de susto e terei minha privacidade de volta.

Hoje é quarta-feira. Ainda não fui ao Red, sim estou sendo uma bundona, mas não ligo para o que você pensa. Viu? Apreendi alguma coisa com a Sue. Estou em minha casa, após um dia de faxina com uma camiseta sem manga, roxa e enorme, e de calcinha apenas. Estou de óculos, com um fone enorme na orelha, meu mp3 pendurado na calcinha e em cima do sofá dançando alucinadamente. Sim, é meu jeito de extravasar. Chorar é para os fracos, quando estiver se sentindo uma bosta boiando, dance, grite, cante bem alto. Torture seus vizinhos e parentes. Isso faz a gente se sentir tão melhor! Percebo quando Cleber abre a porta do meu apartamento, mas finjo que não percebo, finjo que ele não está ali, continuo dançando e pulando e cantando cada vez mais alto. Ele fica uns bons dez minutos apenas me observando, com um sorriso idiota no rosto, depois fecha a porta e se vai. E eu continuo pulando e dançando para não ir atrás dele.

Após um show quase particular para Cleber e o além, sou outra mulher. Calço um salto, passo um batom bem vermelho e vou ao mercado. Vou para o corredor de chocolate, mas não posso. Já não estou dançando o suficiente essa semana, não preciso virar uma bola também. Está bem, talvez unzinho não faça mal. Pego somente três barrinhas, uma garrafa de Ventisquero e volto para casa.

O apartamento daquele meu vizinho está no mais absoluto silêncio, mas não que eu me importe. Entro no meu, tiro o salto, e me jogo no tapete. Sim, estou subindo no sofá apenas para pular, pois quando me deito nele, me lembro de uma cena onde eu estava ali, toda arreganhada e um certo vizinho me torturava de uma maneira deliciosa com meu vibrador. Então já que briguei com o vibrador, briguei também com o sofá. Mas descobri que valeu a pena gastar uma fortuna com o

tapete, ele é muito fofo. O apelidei de Felpudo. Então me joga em Felpudo e como as três barrinhas. E aí choro. Por dois minutos apenas. O chocolate faz isso com você também? Te faz querer chorar? Pegue um livro e volte para Felpudo. Até que gosto dessa vida de ser uma mulher caseira, jogada no tapete da sala com seus hobbies.

Mentira! Não gosto nada! Sinto falta da adrenalina de subir no palco, dos homens safados tentando arrancar meu top, das notinhas azuis voando pelo palco, dos gritos, de saber que algum daqueles homens na plateia vai sonhar comigo à noite, acordar de pau duro e comer sua mulher, sou assim.

A campainha toca me tirando de meus devaneios devassos, e Téo e Léo fazem uma careta o me ver.

— Porra, gata, você está acabada

— Rua! — digo abrindo a porta novamente.

Os dois riem e se jogam no meu sofá, fazem outra careta quando me joga no tapete.

— O que é isso? — pergunta Léo.

— Não gosto mais do sofá.

— Desde quando?

— Desde sábado. O que tem nessa sacola?

Ele me estende uma caixa de Ferrero Rocher e uma garrafa de vinho.

— A solução mágica de todos os problemas.

— Eu amo vocês.

Como só mais três bombons e tomo sozinha metade da garrafa de vinho. Estou tão relaxada que Léo me carrega até o sofá e liga o som bem alto, para fazer um strip para mim. Ele começa a rebolar e tira a camisa e a calça, eu grito e aplaudo e Téo se levanta e também dá seu show, estou rindo como não fazia há dias, me divertindo e relaxada. Então me levanto e tiro minha blusa, mas quando vou tirar o short, tropeço nele, Léo corre e me segura e caio por cima dele. Começamos a rir e Téo pula em cima da gente. Sim, é coisa de três bêbados idiotas, mas estamos rindo, que mal há?

De repente a porta abre, o som some e consigo mexer minha cabeça o suficiente para ver meu vizinho parado com uma cara horrenda.

— Olá — digo. — Você não tem mais permissão para entrar na minha casa sem bater na porta.

— Nunca tive — ele diz e se aproxima de mim, me puxando pelas pernas.

— Ei! O que está fazendo?

Mas, ele já me tirou do meio dos meninos, como se eu fosse uma salsicha escorregando entre as partes de um pão. Ele segura meu rosto e diz:

— Suzana, quando eu disse que você não teria outro orgasmo, não era para você sair por aí abrindo as pernas para dois caras.

Eu o encaro e começo a rir.

— Você está achando... — Mas Téo se levanta em um pulo e me tira das mãos dele.

— Não se preocupe com ela. É bem grandinha e sabe o que está fazendo.

Os dois se encaram. Não entendo qual é o problema de Téo, mas Cleber está quase soltando fogo pelos olhos, e acho que gosto de vê-lo assim.

— Isso não é da conta de vocês! — Cleber responde e me arrasta até a casa dele, seminua, meio bêbada...

Quero gritar e fazer um escândalo, mas espero chegarmos. Ele fecha a porta e antes que eu possa fazer qualquer coisa ele segura meus ombros.

— Você me faz parecer a merda de um homem das cavernas. Você transou com eles?

Olho para aquele homem irritado, agindo como se fosse meu dono, sendo que acabou comigo há poucos dias dizendo que estava apaixonado por outra. Mas estou tão relaxada que não vou brigar,

olho bem para a cara dele e começo a rir. Rio muito, e ele me solta, está impaciente, espera que eu volte a mim. E quando consigo me recuperar, toco seu rosto, a barba por fazer arranha meus dedos e já estou molhada. Merda!

— Vá ser a merda de um homem das cavernas com a sua dançarina de boate, vizinho. A minha vida sexual não te interessa. Para mim, você é apenas a merda de um vizinho estúpido. Foi merda o suficiente?

Ele tira meus dedos de seu rosto e responde desapontado.

— Mais do que suficiente. Eu diria que foi merda pra caralho.

Contenho-me para não rir, não quero uma trégua com ele agora. Apenas me viro e saio andando desajeitada, porque minha cabeça está bastante leve.

Assim que entro em meu apartamento, os meninos me olham desapontados.

— Poxa! Ele nem brigou por você — diz Léo.

— Não brigaria. Ele ama a Miss Sue.

Os dois me encaram em choque e choro, contando a eles o que aconteceu. Eles acabam dormindo na minha casa, nós três amontoados na cama e decido que amanhã de manhã, posso voltar a ser Miss Sue. Chega de chororô, está na hora de colocar Cleber Dantas em seu devido lugar. Ele não acha a Miss Sue tão melhor do que eu? Pois também vai ficar sem ela.

No meu celular há três chamadas perdidas de Samuel, mas não quero atendê-lo. É sexta, dia de movimento no Red, então hoje só tenho que colocar meu melhor sorriso no rosto, e ser Miss Sue. Cidão me disse que os clientes reclamaram bastante por eu não estar me apresentando esses dias, e saber que faço falta em um clube onde há tantas outras dançarinas me faz querer que Sue seja ainda melhor. Preparo a melhor fantasia, arrasto minha mala e abro a porta. Observo o corredor, não há movimento algum, então saio correndo arrastando minha mala. O elevador não demora a chegar, e assim que entro, avisto Cleber saindo de seu apartamento. Ele me olha, mas as portas do elevador se fecham e aquela tensão que estava sentindo ao vê-lo se esvai.

Saio pela portaria dos fundos e assim que o vento da noite bagunça meu cabelo, esbarro com tudo em alguém. O homem alto e magro me segura, me equilibrando.

— Me desculpe — diz me olhando de uma maneira estranha.

— Tudo bem.

Pego minha mala e vou esperar o táxi, mas fico com a sensação de estar sendo observada. Olho para trás e o homem que esbarrou em mim, com o corpo magro e o cabelo alaranjado, está me olhando. Eu o encaro de volta, e ele continua me observando da mesma maneira esquisita. O táxi que me leva todo dia encosta, e essa sensação estranha me persegue até o Red.

Ele aparece durante minha apresentação. Eu o vejo no exato momento em que ele se aproxima do palco. Então começo a dançar para ele. Passo para o balcão de bebidas, a plateia grita e me segue aonde vou. Em pouco tempo, Cleber está na frente, perto do balcão, perto de mim. Eu me abaixo em sua frente, puxo sua gravata e limpo o suor entre meus seios com ela, fazendo com que seu rosto fique quase pressionado no top. Ele tenta me tocar, mas me afasto. Volto a dançar no balcão e por uns minutos ignoro sua presença ali. Ele mantém os olhos cravados em mim e os punhos cerrados em cima do balcão. Distancio-me dele, mas a música está acabando, tenho pouco tempo. Deito no balcão e passo as pernas por seu pescoço. Vejo que ele engole em seco e está suando. Isso querido, me deseje bastante, hoje vou te devolver o que passei nesses últimos dias.

Quando a apresentação acaba, peço ao segurança que ele sempre suborna, que o mande direto para a porta branca. Corro até lá, apago a luz e tiro a roupa.

Pouco depois, ele aparece.

— Não acenda a luz — ordeno.

Vejo pela luz da lua que está sorrindo.

Tomando o cuidado de permanecer no escuro, me aproximo dele. Passeio a unha por seu braço até alcançar a nuca. Então puxo sua cabeça para baixo e o beijo. Confesso que beijá-lo de novo após tantos dias provocou diversas reações, não só no meu corpo. Estava com saudade do beijo dele. Ele parece sentir o mesmo, pois me puxa para seu corpo e me aperta bem forte.

— Ah, Suzana! — ele sussurra em meu ouvido enquanto suas mãos passeiam por meu corpo.

E nesse momento, não sei dizer se estou feliz ou chateada. Mas escolho mostrar a ele, que também está fazendo a escolha errada. O empurro na cama enquanto nos beijamos. Suas mãos ávidas não deixam meu corpo e seu beijo se torna cada vez mais voraz. Interrompo o contato de nossos lábios para tirar sua roupa. Ele sussurra coisas como “gostosa”, “deliciosa”, “estou louco por você”, mas nada do que ele disser me fará desistir. Abro sua calça e ele levanta o quadril para me ajudar a tirá-la. Não posso vê-lo nessa escuridão, mas posso tocá-lo. Passeio minha mão por cada parte de seu corpo, a penugem que sempre quis tocar, cada gominho de sua barriga. Desço a mão por suas coxas, até alcançar sua ereção. Quando a toco, ele geme, e aperta meus braços, me puxando de encontro a ele.

— Quero tocá-la. — sussurra na minha boca.

— Ainda não — respondo.

Consigo me afastar e volto ao seu pau. É enorme, duro e pulsa em minha mão. Passo a língua vagarosamente por sua extensão, é delicioso. Fecho a boca em volta dele e chupo com força. Cleber se mexe e geme, tenta puxar meu cabelo, mas não deixo. Deixo que minha língua dance ali, sinto seu gosto, sou dona de seus gemidos.

— Eu vou gozar — ele diz.

Chupo ainda mais forte e então, me afasto. Levanto-me da cama e pego o roupão pendurado no cabide, onde o havia deixado.

— O que está fazendo? — ele pergunta com a voz rouca, sem enxergar que estou indo embora.

Até o momento em que abro a porta.

— Meu nome não é Suzana — digo e bato a porta ao sair.

Ontem à noite, quando saí do Red, tive a impressão de estar sendo observada. Acho que estou ficando paranoica. Também fiquei agitada a noite toda, e não consegui aliviar a tensão com Huguinho, de novo. Acho que Cleber matou Huguinho para mim. Terei que comprar um vibrador novo. Vou querer um que vem com testículos, dizem que a sensação é ainda mais real.

É sábado à tarde, estou indo ao mercado no final da tarde, quando uma mulher elegante pede que eu segure o elevador. Seguro a porta até ela chegar, mas não está sozinha, Cleber está com ela. Ele me cumprimenta com um sorriso sem graça, como se eu fosse apenas uma vizinha e foca toda sua atenção nela. A cadela usa um vestido pérola, quase da cor de sua pele. O cabelo loiro em corte Chanel está claramente sujo. E seu corpo não tem curva alguma. Sim, você pode achar que isso é recalque, MAS NÃO É! A mulherzinha é sem graça mesmo. As gêmeas estranhas eram mais bonitas. Pior do que ela ser tão sem graça, é a forma como Cleber a olha, como se ela fosse a mulher mais linda do mundo. E ela não é!

Meu estômago está embrulhado e quero vomitar. Em nenhum momento ele volta a olhar para mim. Tudo o que recebo é indiferença. Odeio provar do meu próprio veneno! Conto os segundos para

chegarmos ao térreo, e assim que as portas do elevador abrem, avisto Samuel. Ele sorri ao me ver, há dias que não nos falamos e não acredito que vou fazer isso, mas você me entende, não é? Preciso fazer isso.

Abro o maior sorriso do mundo para ele e o abraço.

— Olá, querido.

Não consigo definir a expressão que toma seu rosto, entre alegria e confusão. Torço para que ele não grite, nem me chame de louca, mas o beijo. Apenas para irritar Cleber. Apenas para não ficar por baixo. E surpreendentemente, ele me agarra e seu beijo é bom. Ainda não domina minha língua com a sua, sequer usa a língua, mas a maneira como me embala, tona o beijo muito gostoso.

Não vamos comparar com o do Cleber, por favor. Não acabe com meu pequeno momento de sair por cima.

Quando nos afastamos, avisto Cleber parado, apertando a mão da loira e me encarando. Está irritado. Nossos olhares se encontram e ele sai puxando a mulherzinha porta afora.

— Nós podemos jantar? — pergunta Samuel me lembrando de que está ali. — Na semana que vem, que tal? Preciso conversar com você.

— Claro, podemos sim.

Assim, desisto de ir ao mercado e termino a noite frustrada e com um encontro marcado.

Já passa das dez e Cleber ainda não apareceu. Por que estão demorando tanto? Divida comigo minha angustia: ele sempre leva mulheres para seu apartamento, sempre leva mais de uma, inclusive. Mas ele nunca, nunquinha mesmo levou alguma delas para jantar. Por que é isso que eles foram fazer considerando o vestido elegante dela e a forma como Cleber estava vestido. Sei que não é da minha conta, mas ele disse que está apaixonado pela Sue, uma parte de mim, então não posso permitir que namore outra, certo?

Eu sei que não está certo, mas não discorde de mim agora.

Juro que tento dormir primeiro. Rolo de um lado para o outro na cama, mas nesses últimos dias ela está me parecendo grande demais. E não consigo pregar os olhos. Então, pego minha chave e vou dar uma volta. Entro na ponta dos pés para o caso de eles já terem voltado, mas está tudo em silêncio. Acendo todas as luzes e começo a vasculhar. A sala elegante tem um sofá de canto mais macio que minha cama. Isso é injusto! Eu poderia morar nesse sofá. O banheiro tem uma banheira maior que minha cozinha. Brincadeira, mas ela é enorme. Ele deve usar quando leva as gêmeas estranhas para casa. Vou de quarto em quarto até achar o dele. Sei que é o dele não só pela cama escandalosamente grande, mas pelo cheiro dele. Aquele toque amadeirado e forte. Na suíte sinto o cheiro de seu shampoo. Abro seu armário do banheiro, vejo apenas uma escova e me sinto feliz porque a mulherzinha não tem uma escova no banheiro dele. Pelo menos não ainda. Penso que Sue poderia ter, mas dispenso. Cleber não terá Sue.

Volto para a sala e vou até a cozinha. Abro a geladeira e encontro cervejas. A adega que vi na sala de jantar também estava bem abastecida. Decido que não preciso mais comprar meus vinhos baratos. Já que ele comeu toda a minha despensa esse mês, tomarei todos os seus vinhos caros. Escolho uma garrafa de Montrachet e sorrio satisfeita. É quando escuto a porta abrindo e a risada falsa da mulherzinha.

Cleber e ela estacam quando me veem, mas há um sorriso no rosto dele.

Entenda melhor. Lembra aquela minha blusa roxa, sem manga? Pois é, estou com ela. E de calcinha, apenas. E ela não esconde muito bem o bico dos meus seios.

— Olá, vizinho. Adoro essa safra. Estou levando. Espero que não se importe.

— Olá, Suzana. — A forma como ele pronuncia meu nome me faz perder o equilíbrio por um momento. — Não tem problema, você pode entrar aqui quando quiser.

A mulherzinha está quase pulando no meu pescoço e é engraçado que quando uma mulher percebe que sua rival está ficando irritada, é que ela tem mais vontade de irritá-la, certo? Ando até ele, dou um sorriso para ela e dou um beijo bem no canto de sua boca.

— Boa noite, vizinho. Até mais.

— Até mais, safadinha.

Então saio enquanto a mulherzinha começa a gritar com ele. Não me importa! Tomara que esse maldito broche! Vou rir dele o resto da minha vida!

Após acalmar Aline com um bom beijo e um carinho nos seios, a levo finalmente para a cama. Não minha cama. Não levo mulher nenhuma para lá. A cama do meu segundo quarto, um de hóspedes que é reservado exatamente para esse tipo de situação. Mas quando ela começa a se despir, penso em Suzana. O que aquela maldita estava fazendo aqui? Ficou com ciúmes, só pode ser isso. De repente me pego sorrindo, estava tão linda com aquela blusa roxa berrante horrorosa, e as pernas torneadas de fora. Tão sexy agindo como se não fosse nada demais entrar em minha casa e pegar meu Montrachet, como se ela fizesse isso todos os dias. Ela só queria irritar Aline. Conseguiu, mas também consegui me deixar mais uma vez fascinado.

Aline resmunga e só então me dou conta de que já está nua. Estranhamente não sinto aquele tesão avassalador que costumo sentir ao ver uma mulher nua perto de uma cama. Apago a imagem da Suzana da cabeça e a beijo. E aí comparo o beijo dela ao de Sue. Pois o beijo dela não tem graça nenhuma comparado ao beijo de Sue, a forma como ela se entrega, como mordisca meus lábios e me deixa de pau duro. Opa! Meu pau não está duro. Mas que merda é essa?

Tiro minha roupa rapidamente, e vejo o olhar de desapontamento de Aline ao ver que meu pau não acordou. Ela resmunga bastante.

— Calma que ele vai acordar e estará prontinho em poucos segundos.

Ela me lança um sorriso de quem não acha que isso vai acontecer, e a jogo na cama, me jogo em cima dela, sugo seus seios, ouço seus gemidos falsos, beijo sua boca e nada. Ele não quer acordar. Ela coloca a mão nele e o acaricia, mima um pouco, depois se ajoelha e o coloca na boca, e não adianta, nada do que ela faz adianta. A gata fica me olhando espantada e eu quero enfiar a cabeça no travesseiro. Isso NUNCA me aconteceu antes, e não é conversa, NUNCA aconteceu mesmo! Nem vou tentar explicar a ela isso. Para não deixá-la na mão, a deito de volta na cama e faço com a boca e os dedos o que o meu pau traidor deveria estar fazendo. Nem vinte minutos depois a mulher vai embora. Maldita odalisca. Maldita vizinha. Saio de casa, estressado e entro na casa da Suzana. Ela está na mesa de trabalho com um notebook, um coque sexy, a blusa roxa horrorosa e seus óculos elegantes. Não digo nada, vou até a geladeira e pego a garrafa de Montrachet. Sento-me de frente para ela que está com um sorriso enorme no rosto.

— O que foi? — pergunto mal humorado.

— Nada — ela diz, mas não se aguenta e começa a rir. — Acho que alguém não acordou hoje.

Olho para ela que está olhando na direção do meu pau. Fecho mais ainda a cara.

— Qual o seu problema? — pergunto.

— Eu deveria perguntar qual é o seu. Você vive se gabando, é o bambambã do sexo, mas pelo que eu ouvi, a garota não saiu satisfeita, não é mesmo?

Maldita! Mulheres malditas. Quero gritar que a culpa é dela, dela e da maldita Miss Sue, de seu cheiro delicioso e suas curvas macias. Daquela língua atrevida e aquela roupa de odalisca. Merda! Quero gritar com a Suzana, mas seu sorriso lindo e seus grandes olhos fixos em mim tiram minha atenção. E meu pau sobe. Porra! Sobe para a maldita da Suzana com essa roupa horrorosa e não subiu com a gata nua na minha cama. Levanto-me em um pulo, o que a assusta, e grito:

— Merda! Vocês vão me enlouquecer! Você e essa odalisca misteriosa estão me enlouquecendo!

Então saio de sua casa e bato a porta. Preciso de distância. Dela, de Sue, de mulheres, de qualquer coisa que me lembre o perfume da odalisca e o sorriso da minha vizinha.

Na terça estou com um humor do cão, Sebastian chega a dizer que está pior que o de Celina quando

sentia cólicas. Não posso imaginar isso, mas nem tenho vontade de discutir. Fico na minha sala, enfurnado, sem ver ninguém, concentrado em números. Até que percebo uma movimentação estranha na conta da empresa. Uma solicitação de saque. De dois dias atrás. Um saque no valor de seis milhões.

— Puta que pariu!

Foi Heitor. Só pode ter sido ele. Chamo Gilcelle e pergunto se ela sabe alguma coisa sobre Sebastian ou Matheus tirarem algum dinheiro da conta, ela parece confusa, mas após dois telefonemas me garante que eles não mexeram na conta da empresa. Eles nunca mexem, normalmente sou eu que faço isso, e o contador. Mas Murilo está acima de qualquer suspeita. Merda! Não é a primeira vez que Heitor faz um saque da conta da empresa, mas como sou eu que monitoro, sempre tiro de minha conta particular e cubro os saques antes que alguém perceba. Murilo já desconfiou algumas vezes, mas consegui dobrá-lo. Mas isso, seis milhões, é dinheiro demais! Como vou suprir isso? Tenho como cobrir esse arrombo, mas ele não vai parar por aí e ficarei falido.

Mais do que depressa ligo para o banco e peço que não autorizem o saque. É uma confusão. Começo a explicar que não fizemos a solicitação e querem chamar a polícia e investigar, me dá uma tremenda dor de cabeça, tenho que ir ao banco, e após uma conversa franca com o gerente que nem conheço, mas estava desesperado, ele promete tentar cancelar a solicitação. Passo para Botelho os dados passados e a localização onde Heitor solicitou esse saque. Ele fez isso no final de semana para que eu não percebesse. E depois de sair do banco, só quero beber. Bebo muito, a noite toda, até o barman não querer mais me servir. Tenho que ir para a casa de táxi e claro que vou para o apartamento dela. Talvez ela possa me fazer melhorar, como fez no outro dia. Entro meio cambaleando, e dou de cara com Sue.

— Oi, minha odalisca.

Espera, essa não é a casa de Suzana? Olho em volta, estou bêbado demais ou ficando louco? Que se dane! É Sue aqui! Não, não é. Chego mais perto, tropeço e ela me ampara. É Suzana. Mas é o cheiro de Sue. Mas o cabelo é de Suzana. Mas está usando as roupas de Sue, a minha fantasia preferida de odalisca. Que merda está acontecendo?

Esfrego os olhos e a encaro bem, sim, é Suzana, o cabelo dela, o rosto lindo dela, no corpo de Sue. O cheiro e roupas de Sue.

— Quem é você? — pergunto.

— Suzana. Sua vizinha. Está tão bêbado assim?

— Por que está vestida assim? — Meus olhos fecham e não querem abrir, mas preciso olhá-la.

— Estou vestida com meu pijama. Qual o seu problema?

Fecho os olhos e não respondo e ela me arrasta até meu apartamento. Leva-me para o banheiro e caio no chão. Ela liga o chuveiro e tira minha roupa. Está ficando encharcada e deliciosa. Puxo seu top para baixo e vejo seu seio. Mas, os seios das duas eram iguais, não eram? Ou não me lembro do seio de Suzana? Ou do de Sue?

— Nada disso, pervertido. Primeiro um banho— ela diz colocando o top no lugar.

É Sue, se fosse Suzana estaria gritando uma hora dessas, não cuidando de mim. Canso de tentar entender quem é, e deixo que ela me dê um banho. Ela também me faz tomar um café horrível, algum comprimido e ando até minha cama.

— Durma comigo, meu amor — peço.

— Com quem você está falando? — ela pergunta.

— Com você, Suzana. Com quem mais seria?

Ela deita comigo, seu cabelo molhado nos meus braços refresca o calor que sinto. Estou com muito

sono, a puxo para mais perto e respiro fundo.

— Boa noite, minha linda odalisca.

Ela não responde, ou eu adormeço.

Acordo com uma puta dor de cabeça e meio confuso. Que sonho estranho foi esse? Minha cama está vazia, nada demais, ninguém aqui. Meu celular apitando, me mostra que foi o barulho do despertador que me acordou. Mas que horas eu o liguei? Cheguei tão bêbado que não me lembro de nada. Só do sonho estranho que tive. Sonhei que Sue e Suzana eram a mesma pessoa. Ridículo!

Tomo um banho gelado e quando volto ao quarto, percebo que há uma mancha na fronha. Ainda está fria. Água, alguém deitou aqui com o cabelo molhado. Cheiro a fronha e sinto o cheiro de Sue.

— Meu Deus! Estou mesmo ficando louco. De vez! Vou ter que me internar se continuar assim.

Minha cabeça incomoda o dia todo e passo à base de analgésicos e mais bebida. E no fim da tarde recebo a ligação que tanto esperava. O gerente do banco me avisando que o saque não foi feito. Saio correndo pela empresa, beijo umas três garotas na boca, danço com Gilcelle em cima da mesa dela. Fui salvo, dessa vez. Botelho ainda não descobriu nada sobre o paradeiro dele, nem com o endereço da agência onde ele solicitou o saque. Mas estou tão aliviado que meu humor se transforma. Quando saio da V.D.A., decido fazer um jantar para minha vizinha. Não me julgue. Estou apenas com saudade dela. Talvez se passarmos um tempo flertando e nos provocando como antes, eu pare de sonhar com ela.

Quando estou chegando ao nosso prédio, avisto Suzana saindo. Ela sai pela portaria dos fundos, carrega uma mala vermelha que vi com ela outro dia e um táxi encosta na calçada para pegá-la. Linda. Lá se vão meus planos de um jantar. Onde será que ela está indo? Penso em segui-la, mas mudo de ideia. Viu como não estou mais obcecado por ela? Porém, assim que o portão da garagem termina de abrir, vejo algo que me deixa em pânico. Heitor. Tenho certeza que é ele. Ele olha fixamente para Suzana. Até que o carro em que ela está some, então ele entra em outro carro. Imediatamente o sigo.

Ligo para Botelho e aviso que o estou vendo e onde estamos. Ele percebe que está sendo seguido, pois deixa de seguir Suzana, dá voltas e mais voltas e acabamos em alguma favela, numa rua apertada e sem saída. Entro nessa rua e não o vejo, mas ela não tem saída e tenho certeza de que ele entrou aqui.

De repente a porta do meu carro é aberta e dois homens me puxam para fora. Heitor se aproxima com um sorriso.

— Oi de novo, Cleber. É bom ver você.

— Seu filho de uma puta!

Não tenho tempo de dizer mais nada, pois um dos homens que está me segurando, me acerta um soco, ele precisou soltar meu braço para fazer isso, e aproveito para acertá-lo na barriga. Com o pé consigo acertar o outro. Mas mais um cara surge para cima de mim e acerta um chute nas minhas costas, que me derruba.

— Tenho que ir agora, Cleber. Vou ver sua garota. Linda ela. Sabia que a tenho observado? Fui espionar você e a achei, no seu prédio. Um tesouro daquele! Talvez eu possa me divertir primeiro. Claro, talvez eu deva assistir ao show dela primeiro.

Não sei se está falando de Sue ou Suzana. Vejo quando ele entra no meu carro e dá partida, está fugindo. Preciso ligar para Botelho, mas meu celular ficou no carro. Consigo acertar o cara que me derrubou e em seguida o outro que estava me cercando. O terceiro deles já nem tenta me bater e sai

correndo. Os dois também desistem do nada e correm. Devem ter ordens de não me matar nem machucar demais, para não chamar atenção.

Saio correndo e entro na frente de um Celta verde. Peço ajuda ao motorista, digo que fui assaltado e ele me leva até o centro da cidade. Ligo para Botelho de um orelhão e conto o que aconteceu. Ordeno que ele rastreie meu carro e chame a polícia. Então ligo para o síndico do prédio. Como não tenho o celular de Suzana? Ele me passa um número e ligo a cobrar. Ela recusa duas vezes, mas me atende na terceira.

— Oi.

— Suzana, sou eu, você precisa se esconder.

— O quê?

— Depois eu explico. Fique em casa, tranque a porta, e cuidado. Onde você está? — pergunto ao notar o barulho do lugar onde ela está.

— No mercado.

— Ligue para Samuel. Ligue para aquele gay e peça que ele vá buscá-la. Você entendeu? Não vá embora sozinha.

— Cleber, o que está acontecendo?

— Eu vou explicar, assim que eu chegar eu te explico. Só me prometa que não irá embora sozinha.

Ela fica um tempo em silêncio e quase tenho uma parada cardíaca achando que algo aconteceu, mas então ela responde:

— Ok, eu prometo.

— Obrigado. Obrigado, Suzana. Pelo amor de Deus, safadinha, cuidado. Se cuide, ok?

— Você bebeu de novo?

— Quem dera que fosse só isso.

— Então o que é?

— A gente se fala. Só se cuide.

Desligo o telefone já dentro do táxi. Preciso salvá-la, Sue.

Chego ao Red lotado, os meninos estão dançando sozinhos no palco, então sei que ela já se apresentou. Corro para o camarim, o segurança já nem me barra. Sue está tirando a roupa quando entro. Ela grita ao me ver, mas volta a vestir o top e se aproxima.

— Ai meu Deus, Cleber! O que aconteceu? Você está sangrando!

— Eu vou te explicar. Eu sei que vai parecer loucura, mas você precisa vir comigo.

— Ir com você? Para onde?

— Brumadinho. Tenho uma casa de campo em Brumadinho. Venha comigo para lá. Só por uns dias. Eu te explico tudo no caminho.

Ela pisca os olhos, confusa e tenta me fazer sentar.

— Não temos tempo, Sue. Não temos tempo. — Tento me acalmar para não assustá-la, mas estou muito nervoso e apavorado — Eu fiz uma merda enorme há algum tempo e agora você está correndo risco.

Ela arregala os olhos.

— Me desculpe, desculpe, Sue. Não queria envolvê-la nisso, mas de alguma forma descobriram que você é importante para mim. Você precisa vir comigo.

— Fique calmo. Eu estou bem, está vendo? Nada vai me acontecer. Se acalme e chame a polícia.

— Não posso, é mais complicado do que isso. Por favor, venha comigo. Vamos para longe e de lá eu chamo a polícia. Não posso estar aqui quando isso acontecer. Sue, eu juro que vou protegê-la, vou te dar tudo. Vou compensar o dinheiro que você vai perder por não se apresentar, mas pelo amor de

Deus, eu preciso que venha comigo.

Ela parece ainda mais confusa e a puxo para meus braços.

— Por favor, eu não suportaria se algo te acontecesse, venha comigo.

De repente ela se afasta e me olha, parece estar magoada. Muito magoada e não entendo.

— Ela também está sendo ameaçada? — pergunta.

— Quem?

— Sua vizinha.

— Sim — respondo com medo de que assumir que Suzana também é importante possa fazê-la não ir comigo. Ainda mais depois da mancada de chamá-la de Suzana quando íamos finalmente transar.

— E por que não vai levá-la conosco?

Fico ainda mais confuso com sua pergunta.

— Ela tem quem a proteja. Agora eu só preciso tirar você daqui.

— E se eles forem atrás dela?

Meu estômago revira, quando ela diz isso, não posso nem imaginar Suzana machucada, por minha causa.

— Só posso rezar para que não mexam com ela. Eu já a alertei, ela está segura.

— Você tem certeza? Você a viu? Certificou-se de que está segura?

Não quero falar de Suzana agora. Não quero pensar em Suzana agora. Por dentro, estou rezando o tempo todo para que ela esteja bem, ela estava em um mercado, ele não vai achá-la lá, não é? Não pode achar. Mas agora, preciso tirar Sue daqui de qualquer jeito. Se for preciso, irei sequestrá-la.

— Sue, por favor venha comigo.

— Ela tem quem a proteja? Quem? Ela não mora sozinha? Quem vai protegê-la?

Percebo que seu grito não é mais por causa do som lá fora e sim por mágoa. Seus olhos estão cheios, estou cada vez mais confuso.

— Sue, não posso me preocupar com ela agora, preciso proteger você.

A maneira como ela me olha faz minha respiração falhar por um momento. É como se não houvesse vida ali, como se ela se perdesse de repente. Quando volta a falar, sua voz é quase um sussurro. Consigo entender lendo seus lábios, mas mal a escuto.

— Eu não vou com você, Cleber. Não vou a lugar algum com você.

Antes que eu possa retrucar, ela coloca a mão na cabeça e seu cabelo vermelho vai saindo, dando lugar a um cabelo negro. Fico em choque por um momento, mas é normal que ela use uma peruca não é? Em sua profissão? Faz parte das fantasias, eu imagino. Mas, então ela tira a máscara, e quando olho para seu rosto livre, com aquele cabelo negro, vejo meu sonho, vejo...

— Você está enganado — ela diz com lágrimas escorrendo por seus olhos. — Eu não tenho quem me proteja.

— Mais que merda!

Aqui na minha frente, vestida com uma fantasia de Sue, no camarim de Sue, está Suzana. Suzana é Sue.

— Merda!

Capítulo 11

Suzana

Ele me encara em choque e não diz nada. Dá voltas pelo camarim, passa as mãos pelos cabelos, está ainda mais nervoso, e sangrando. Também não digo nada. Abro a porta e procuro por Henriqueta, ela é uma enfermeira aposentada contratada por Cidão para caso de acidentes. Às vezes, acontece de alguém cair do palco, brigas, coisas assim. Peço a ela que faça um curativo nos machucados dele e vou embora. Como estou vestida. Não me importa se as pessoas me verão assim, com esse top minúsculo, essa saia minúscula e essa maquiagem forte. Mas, assim que piso na rua, e a chuva fina começa a refrescar meu corpo, Cleber me segura. Percebo que seus machucados estão limpos, mas logo voltarão a sangrar.

— Onde pensa que está indo? — ele pergunta, colocando sobre mim seu terno.

Tento me soltar, mas ele me puxa até um canto, onde posso ouvi-lo. Mesmo assim ele grita:

— Como você pôde me enganar assim? Suzana! Não acredito que você... — Ele abaixa a cabeça, parece desorientado. Acho que está tão perdido quanto eu.

— Não te devo nenhum tipo de satisfação — digo em voz baixa. — Você a escolheu e perdeu, Cleber. Miss Sue não existe. Sua odalisca misteriosa, não existe. Você quis protegê-la, não quis? Mas, ela não precisava de proteção!

Ele não diz nada. Fica me encarando. Hora parece arrependido e triste, hora parece com raiva. Não quero descobrir o que está sentindo. Entro no primeiro taxi que estava encostado ali e peço apenas que ele ande.

Chego de madrugada. Fiz bastante hora na rua para evitar que alguém no prédio me veja vestida assim. O terno de Cleber não esconde quase nada. Entro em meu apartamento cansada, querendo apenas dormir e dormir e dormir, por dias se for possível. Já disse que detesto me sentir triste? Mas é assim que me sinto. Sei que fiz um jogo com ele, sei que percebi que ele estava apaixonado por nós duas e mesmo assim continuei o jogo. Mas, ele sempre a escolheu. Sempre foi Sue. Ele não pensou duas vezes antes de correr e protegê-la, afinal de contas, eu sou a farsa. E percebo que sou mesmo, ele não tem como saber quem sou, porque nem eu mesma sei.

Escuto um barulho estranho vindo do corredor e resmungo um palavrão.

— Ah não, além, hoje não! Hoje eu preciso dormir.

O barulho se repete, e acho que escuto um rugido. Mais do que depressa corro até o corredor e presto atenção. O rugido se repete, dessa vez parece um grito, de desespero, e vem do quarto da Sue. Aquele que ninguém podia ver.

Abro a porta vagarosamente e tudo está um caos. Todas as fantasias estão rasgadas, espalhadas pelo chão. Os brinquedos jogados, quebrados, óleos derramados, revistas rasgadas. Os perfumes dela estão quebrados, os cheiros se misturaram no quarto, não sendo possível identificar um só. E no centro de toda bagunça, está Cleber. Sentado no chão, com a cabeça entre os braços. Não sei dizer se está chorando, nem quero saber nesse momento. Quero apenas que esse maldito pague tudo o que quebrou.

— Você vai pagar por tudo isso!

Ele ergue a cabeça. Seus olhos estão vermelhos, e ele se levanta de repente, se aproxima de mim exalando raiva. Vejo que tomou banho, pois seus machucados estão realmente limpos e sua roupa

também. Nada de sangue.

— Você sabia que eu estava apaixonado! Você ferrou com minha cabeça, ferrou com meus dias! E nem se importou. Quantas faces mais eu vou descobrir em você, Suzana?

— Nenhuma! Porque assim que eu pegar a merda do seu cartão de crédito e repor tudo o que você destruiu, eu nunca mais vou olhar para você! — grito.

— Ah não! E você acha que eu vou querer te olhar? Você não tem coração? Eu sei que sou um merda nisso, não sei gostar de ninguém. Não fui sincero com você em nenhuma de suas faces, mas eu não menti! Eu me protegi, apenas.

— Ah isso com certeza! Você protegeu a todos! A si mesmo, a Sue, menos a mim!

— Você não tem o direito de me cobrar nada! Está assim porque a escolhi, mas como escolheria você se está tão perdida em tantas faces? Quem eu teria em minha cama se a escolhesse, Suzana? A professora, a devassa ou a dançarina de um clube noturno?

Abaixo a cabeça, não quero chorar na frente dele. Mas consigo responder sem fraquejar o tom de voz.

— Você nunca teria em sua cama nenhuma delas. Porque você não é homem para nenhuma. Posso ser mil pessoas em uma só, Cleber, posso não saber quem sou às vezes. Mas você, não é digno de nenhuma parte de mim. Eu quero que você saia da minha casa e não me dirija a palavra nunca mais. A mulher que você escolheu, não existe! Então não temos mais nada a ver um com o outro.

Ele fica parado, me encarando. Posso sentir a tensão de seu corpo, posso sentir a mágoa. Também estou magoada, seu estúpido! Ele apenas me encara. Não diz nada, só me observa.

— Tão parecidas! Como eu pude ser tão burro?

— Você é homem. É isso que você foi. Uma dançarina, não é? Sensual. Sexy. Não foi isso que você disse? Por que você se importaria em descobrir mais sobre ela como pessoa, se tudo o que precisava era de um corpo que lhe agradasse? Por que perceberia qualquer semelhança entre nós duas? Você só estava concentrado no seu próprio pau!

— Você não tem o direito de gritar comigo, não tem o direito...

— Eu tenho! — grito ainda mais alto — Tenho todo direito, porque você me colocou em perigo e foi correndo proteger a ela! Ela! Você sempre a escolhe, eu nunca sou mais do que a vizinha com quem você gosta de flertar. Ela é a escolhida! Será que não se dá conta da sua burrice? Sue estava em um clube noturno, sob a proteção de Big Cid, ninguém tocava em um fio de cabelo dela!

— Eu liguei para você primeiro.

— Ligou? Você ligou, nossa merece um prêmio por seu heroísmo! O que você disse mesmo? Para eu ligar para Samuel. Samuel! Não sei por que achou que ele me protegeria das suas merdas!

— Porque ele é o filho do governador, oras! Eu não liguei só para você, liguei primeiro para meu advogado, eu mandei seguranças a sua casa imediatamente e mandei que Samuel fosse alertado de que você estava em perigo.

Não digo nada. Samuel me ligou mais de vinte vezes, mas não pude atender porque estava no Red.

— Ele é a porra do filho do governador! Quem melhor do que ele para protegê-la? Você não entende? Sue não estaria protegida comigo, nós íamos fugir! Você estaria protegida perto dele. Você não entende?

— Não! O que eu entendo é que você me descartou como se eu fosse uma coisa qualquer.

Ele passa novamente as mãos pelo cabelo e diz, em um tom resignado.

— Entenda como quiser, Suzana. Posso ter sido um grande imbecil ao procurar por ela e não por você. E você é uma grande mentirosa que acabou comigo. Parabéns! Você me dobrou direitinho. Me fez de bobo duas vezes. Deve ter rido muito da minha cara, não é?

— Não, na verdade não. Mas vou rir agora, vou rir muito, Seu idiota! — Aproximo-me dele e tento socá-lo, estou com raiva, magoada, me sentindo ferida de uma maneira que suga minhas forças. Quero apenas que ele vá embora para que eu possa dormir. Quero que esse dia acabe e que o próximo não nasça tão cedo.

— Eu me apaixonei de verdade, Suzana. Eu me apaixonei pra valer. Você sabe disso. Sabe melhor do que ninguém.

— Se apaixonou por ela.

— E por você! Você é ela! Pare de tentar me confundir! Pare de tratá-la como se ela fosse uma terceira pessoa. Ela é você! Eu não me apaixonei por outra mulher, Suzana. Apaixonei-me por você duas vezes! — Ele me olha nos olhos, mas não há nem o brilho do fogo de sempre ali. — Deve ser por isso que a decepção é tão maior.

Me solto de suas mãos que me seguraram para impedir que eu o acertasse e ando até a porta do quarto.

— Vá embora. Vá agora! Não quero vê-lo nunca mais!

— Você mentiu para mim. Que merda! Eu era seu amigo, eu vinha aqui todos os dias, quantas oportunidades você teve de me contar tudo, por que você não falou?

— Porque eu não tinha obrigação de te dizer nada! Você nunca foi meu amigo, era apenas um vizinho safado que queria me comer. Você deixou isso claro em todas as oportunidades que teve, Cleber. Por que eu te contaria alguma coisa? Para tornar seu joguinho de salvar seu ego ainda mais intrigante?

— Eu merecia saber, Suzana. Você sabe disso.

— Não teria mudado nada. Você não está apaixonado. Olhe para você, você nem sabe o que é estar apaixonado.

— Não tente medir meus sentimentos, Suzana, porque você não sabe o inferno em que transformou minha cabeça nesses últimos meses! Você não faz ideia do inferno que estou vivendo agora! Do quanto quero odiá-la quando tudo o que consigo é me perguntar por que você mentiu!

— Eu não menti! Nunca disse que não era a mesma pessoa! Era meu segredo. Não criei a Sue para você, criei para mim! Era a minha vida dupla e ela já existia antes de você aparecer para foder com tudo! E não me olhe com esse ar de superioridade, como se você tivesse sido perfeito.

— Você não vale o chão que pisa, Suzana.

Isso doeu. Eu já ouvi isso antes. Sinto que minhas barreiras vão se romper e não quero de jeito nenhum chorar na frente dele de novo. Quero apenas que ele saia, por que ele não entende? Ele segura meus ombros e olha em meus olhos, está magoado, posso ver isso. Mas, não sei por que acha que tem o direito de se sentir assim.

— Por que você fez isso? Você podia ter me afastado, tanto como Sue quanto como Suzana. Mas, você me envolveu nas duas vidas. Por que Suzana? Por que não me contou?

Respiro fundo e olho em seus olhos. Já não tenho mais forças para continuar essa discussão.

— Você nunca precisou guardar um segredo, Cleber? Um segredo que não pudesse contar? Nem mesmo para quem merecia saber?

Ele se afasta como se tivesse recebido um soco. Abre a boca, mas não emite som algum. Faz gestos negativos com a cabeça e parece desorientado. Passa por mim sem olhar para trás e abre a porta da frente. Estou apenas esperando que ele saia porta afora para gritar como uma louca. Talvez eu devesse fazer isso na casa dele. Talvez eu deva ir até lá e quebrar tudo, fazer o que ele fez no meu quarto. Ou talvez eu deva apenas aceitar de uma vez por todas que não devo fazer nada em relação a ele. Apenas deixar passar. É isso. Acaba aqui. Não quero pensar que tudo seria diferente se eu

tivesse contado antes, não seria. Ele nunca demonstrou nenhum tipo de sentimento por nenhuma de nós duas. Nada além do desejo. Um desejo desenfreado, maluco até, mas um desejo. E eu não ariscaria meu maior segredo para saciar desejo algum. Esperava bem mais do que isso.

Me forço a ir tomar um banho, e a gritar uma ópera no banheiro para afastar essa tristeza. Não faça essa cara, músicas alegres em momentos tristes, só servem para te lembrar que você está triste e aquela música não está no mesmo clima da sua alma. Então a ópera, te faz pensar em coisas positivas. Todo mundo tem pelo menos uma coisa boa em que pensar, quando as coisas ruins querem tomar conta, não é mesmo? Espero que minha coisa boa seja boa o bastante. Pois parece que perdi uma grande parte de mim. E não é como se não fosse ser Miss Sue amanhã de novo. Não é como se a devassa morresse de uma hora para outra e eu ficasse sem essa parte. Está faltando uma parte minha que desconheço, mas posso sentir como dói perdê-la.

Quantas faces mais você descobriria em mim, Cleber? Nem quero pensar nisso.

Jogo um blusão velho por cima do corpo ainda molhado. Estou sem paciência, para vestir uma lingerie, para procurar uma camisola, só quero cair na cama. Antes, procuro a Montrachet de Cleber que ainda está na geladeira, então tomo uma taça, sentada a mesa, tentando me lembrar de uma coisa boa.

É quando a porta abre e Cleber aparece. Está ainda mais abatido do que quando saiu daqui, há meia hora. Ele pega uma taça e se senta à minha frente. Não diz nada, pega a Montrachet e enche a taça, então toma tudo e acaba com o resto. Dessa vez ele não vira o copo, fica rodando o vinho na taça e cheirando, olhando para as próprias mãos.

Dormir. É uma coisa boa! Concentro-me nisso e penso em ir fazer exatamente essa coisa boa. Mas Cleber começa a falar.

— Entendi porque você está emputecida.

— Não use uma palavra tão chula para se referir a mim.

O ensaio de um sorriso surge em seu rosto, e ele volta a falar, sem olhar para mim.

— Você acha que assim que soube que vocês estavam em risco, corri até ela. Acha que não pensei em você, que quis proteger apenas Miss Sue. Mas, não foi assim meu raciocínio. Eu tinha acabado de levar uma surra de três caras, de ver um inimigo que tenho procurado por anos, de saber que vocês duas estavam em perigo. Você não pode me cobrar muita lógica em um momento assim.

— Você está me pedindo desculpa?

Ele me olha por um segundo, mas desvia o olhar. É como se não suportasse olhar para mim. E isso machuca como um espinho no peito.

— Estou dizendo que sou um estúpido. E sou egoísta. E não sei lidar com essa palavra começada com A. Estou dizendo que a primeira pessoa que veio à minha mente foi você, então dei um jeito de conseguir seu telefone e avisá-la. Não sabia o que fazer, porque não suportaria olhar para você, e ter que te falar que eu a coloquei em risco. Não pense que foi fácil te dizer para pedir proteção a Samuel. Foi horrível. Mas você estava com ele na outra noite, vocês se beijaram, eu achei... achei que era ele quem você queria apara acalmá-la.

— Foi uma desculpa fofa, Cleber, mas não me convenceu.

— Não estou tentando te convencer de nada, Suzana. Você é mais teimosa que uma mula. Estou apenas dizendo, porque sei que vai ficar remoendo isso e em algum momento pode achar alguma lógica.

— Esse momento não vai ser agora. Nem amanhã, nem na semana que vem.

Ele assente e prova o vinho. Fecha os olhos e volta a falar:

— Eu imaginei a cena, um homem elegante como esse inimigo, entrando em um clube noturno,

entrando em seu camarim. Não adiantaria você gritar, ninguém a ouviria com aquele som. Ele poderia arrastá-la facilmente, pois ninguém se oporia para defender uma dançarina que provavelmente está indo fazer um programa. Nem mesmo o segurança que fica perto da sua porta a defenderia, ele cansou de nos ver discutindo e sempre me deixou entrar.

As palavras dele me ferem, porque vão contra algo que enfiei na cabeça e não quero que saia. Cleber não pensou em mim, pensou em Sue. Não importa os argumentos que sua mente confusa possa ter, ele a escolheu.

— Achei que de vocês duas, ela estava menos segura. — Ele abre os olhos e me olha fixamente. — Quando me joguei na minha cama meia hora atrás e pensei que a odeio com todas as minhas forças, me dei conta de que eu nunca me apaixonaria por duas mulheres. Era uma o tempo todo. E aí tive que terminar de enfiar a faca em meu ego e assumir que você me tem completamente nas mãos — a maneira como ele me olha ao dizer isso quase me desarma.

Levanto-me e vou para o quarto, não quero mais ouvi-lo. Não quero ouvir mais nada. Quero dormir! Estou falando isso há tanto tempo, por que ainda estou acordada? Mas ele me segue, claro que segue. Começo a arrumar minha cama e ele fica parado, perto demais, me avaliando. Como se eu não estivesse tentando fugir. Como se eu não estivesse fingindo que ele não está ali. Ele volta a falar, sem tirar os olhos de mim:

— Você me rejeita de duas maneiras diferentes, e só consegue com que eu a queira mais. Você me fere da pior maneira possível, e a pior dor disso, é saber que nunca a terei de verdade. Você tem alguma ideia do que me faz sentir? Sim, Suzana. Você me apavora! Não há duas mulheres. Eu apenas me apaixonei por cada uma de suas faces.

Não sei o que ele quer aqui me dizendo essas coisas, não sei o que eu quero sentir ao ouvir essas coisas, mas sei que não gosto nada da maneira como meu coração está acelerado, e minhas pernas virando gelatina. Então percebo que estar perto dessa cama com ele não é uma boa ideia. Já que terei que expulsá-lo de novo, melhor fazer isso longe de um quarto.

Eu o encaro e dou um passo em sua direção apontando a porta. Mas ele segura meu dedo e me puxa, rodeando meu corpo com seus braços.

— A culpa disso é sua! Você me leva ao limite! Ao limite da confusão, do desespero! — Ele me empurra contra a parede e prende meu corpo com o dele — Do desejo.

Então ele segura meu rosto entre as mãos e não há mais mágoa em seus olhos. Há aquele brilho safado de sempre.

— Você me deve um orgasmo — diz de repente.

— O quê?

Ele sorri, beija meu pescoço e quero me afastar, mas seus braços fortes estão me apertando, e seu cheiro está me confundido.

— Você me deve vários orgasmos. Suzana, quantas vezes quase transamos? Seja aqui ou no Red. Quantas vezes você me deixou na mão como Suzana e como Miss Sue?

— Não sei do que está falando.

— Sabe sim, minha safadinha. Sua dívida é enorme. É melhor começar a pagá-la agora mesmo!

Consigo me afastar e estendo as mãos para que ele não se aproxime. Isso nunca funciona com ele, mas dessa vez, ele não se aproxima.

— Você estava magoado há meia hora. Estava gritando feito um louco e quebrando minhas coisas.

— Ainda estou magoado. Ainda não entendo. Quero que você me conte. Mas mais do que isso, quero você. Você me deve isso. Eu nunca desejei e nem desejarei nada da maneira como a desejo. E trouxe um cartão de crédito. — Ele dá um passo na minha direção e continua falando. — Não quero

agir como se nada tivesse acontecido. Sei que está magoada, mas estou também. As dores que você causou ao meu ego até agora, não foram nada comparadas ao que estou sentindo. — Ele segura minha cabeça entre suas mãos e olha em meus olhos. Quando volta a falar, a intensidade em sua voz me assusta. — Mas, não quero me afastar agora. Não posso e não vou fazer isso.

Nem tenho tempo de responder, ele puxa minha cabeça para ele e sua boca toma a minha. Seu beijo é forte, possessivo, carregado de raiva, desespero e paixão. Nem passa pela minha cabeça não corresponder, não tenho essa opção. Sua língua prende a minha e a suga. Solta minha cabeça e seus braços rodeiam minha cintura, me apertando, quase me sufocando. Prendendo-me a ele como se sua vida dependesse disso. Suas mãos descem por minha bunda e ele me levanta. Passo as pernas por sua cintura e ele me segura. Leva-me até a cama e me joga nela. Em seu rosto identifico a raiva, mas seus olhos estão tomados pelo desejo. Sempre quis que um homem me olhasse assim, com esse desespero.

Ele puxa minha blusa rasgando-a. Seus olhos passeiam por meu corpo, se prendendo a cada detalhe. Toca minha barriga com o dedo e sobe, contornando meus seios e parando na pequena cicatriz. Então ele abaixa a cabeça e a beija. Segue com a língua para meu seio e rodeia meu mamilo. Sua barba por fazer me arranha, ele chupa com força, me fazendo gemer. Então desce os beijos por minha barriga. Sinto sua barba deixando uma trilha por meu corpo. Sinto que posso gozar ao menor contato dele no lugar certo. Seus lábios e língua descem ainda mais, ele mordisca a parte interna da minha coxa, não consigo conter os gritos que me escapam. Enfia o dedo em seus cabelos para guiá-lo ao lugar certo, mas ele sorri e segura minhas mãos, prende cada uma na cama ao lado do meu corpo e finalmente sua língua encontra meu clitóris.

Grito seu nome, ele me chupa com o mesmo desespero com que me beijava, com tanta força, que tenho o impulso de afastá-lo, mas minhas mãos estão presas sob as suas. Tento afastar meu corpo, o prazer que me atinge é quase forte demais para suportar. Cleber é implacável. Grito seu nome quando um orgasmo violento me atinge, e mesmo assim ele não para. Contorço-me embaixo dele, meu corpo todo vibra, ele diminui a pressão no meu clitóris e solta minhas mãos. As levo imediatamente para seu cabelo, mas nem tenho tempo de afastá-lo, ele enfia o polegar em mim e o som que sai de minha boca o faz rir.

— Tao deliciosa! — diz e volta a me chupar.

Dessa vez não o faz com tanta força, faz bem devagar, sua língua pincelando meu clitóris, alternando as lambidas com o movimento de seu dedo em mim. O prazer começa a se acumular de novo, me fazendo perder os sentidos. De repente, ele chupa forte, gira o dedo dentro de mim e gozo de novo, puxando seu cabelo.

Ele mal espera que eu me recupere, se levanta e deita seu corpo sobre o meu. O brilho que vejo em seus olhos é novo. O sorriso que exhibe não tem nada de pretencioso, ou debochado. Ele parece maravilhado. Passeia o dedo por meu rosto, e toco seu corpo por baixo da blusa. Ele fecha os olhos e deixa que eu o toque. Passeio a unha por seus gominhos, pelo seu peito, desço a mão novamente e seguro a barra de sua blusa. Começo a subi-la, e ele a tira pela cabeça. É lindo!

— Eu vou comer você agora, minha safadinha linda. Vou te comer com força, vou descontar cada noite que passei acordado desejando tê-la. Mas não quero mágoas entre nós nessa cama. Não essa noite. Acha que pode fazer isso?

— Só se o sexo valer a pena.

Ele sorri.

— Nesse momento, não consigo me lembrar de nada além do seu corpo, seu pau e dois orgasmos maravilhosos — digo.

— Então, prepare-se para o terceiro — ele diz e sai da cama.

Tira a roupa bem devagar e admiro seu pau. Lembro-me bem da sensação de tê-lo na mão, e na boca. Ele sobe na cama com toda calma, mas não aguento esperar, me levanto e toco seu membro rijo. Ele geme, então de repente me joga de volta na cama.

— Não posso esperar mais! — suplica, e assinto com a cabeça.

Ele passa minha perna por seu ombro e me penetra. Sinto cada centímetro de seu pau me preenchendo. Espero que ele se mova, mas ele fica parado. Abro os olhos e está me olhando.

— Você estava errada. Se apaixonar é não querer parar de pensar em uma pessoa. — Ele sai lentamente e entra de novo. — Mesmo que isso acabe com toda sua concentração e suas noites de sono. — Volta a sair e entrar vagarosamente. — É ser capaz de qualquer coisa por alguém, mesmo que vá contra tudo o que você acredita. — Ele mete mais forte e grito.

Então ele segura minhas mãos ao lado do meu rosto, entrelaça os dedos nos meus e diz:

— Se apaixonar, Suzana, é entregar todo seu mundo, sua alma, seu corpo, nas mãos de uma única pessoa e ficar feliz por isso. Se isso não é paixão, minha adorável safadinha, não sei mais o que é.

Então ele começa a meter forte, como prometeu que faria, em um ritmo frenético. Seus dedos apertam os meus e sua boca alcança a minha. E então o prazer vai se acumulando de novo. Ele deixa meus lábios e diz:

— Goze, safadinha. E grite meu nome.

Grito seu nome quando o terceiro orgasmo me atinge, ouço que ele grita comigo. Sinto ou ouço alguma agitação à minha volta, mas não consigo me concentrar em nada que não seja sua respiração acelerada em meus seios. O abraço forte, e ele sorri. E permanece ali, dentro de mim, com a cabeça entre meus seios, e os braços à minha volta.

— Achei que você fosse me odiar quando descobrisse — digo.

— Eu te odeio. Odeio o que você fez. O que eu fiz. Mas não posso ficar sem você. Ainda não.

Ele se vira na cama e me puxa para seus braços. Deito a cabeça em seu peito e ele me abraça bem apertado. Sua respiração vai ficando mais leve, e adormece.

Ah Cleber, o que você descreveu é mais do que paixão. É amor. Você me ama, e exatamente por isso vai se afastar de mim. E não estou disposta a correr esse risco. Não mesmo.

Adormeço perdida em pensamentos, e parece que acabei de fechar os olhos quando alguém grita e Cleber me puxa para seu corpo, me cobrindo com o lençol. Abro os olhos, confusa e há dois homens no quarto. Vestidos de bombeiros.

— Mas, o que...

— Vocês não ouviram? — O homem está falando com Cleber. — Houve uma explosão na fiação do terceiro andar. O prédio está sendo evacuado. Estamos pedindo há mais de duas horas que as pessoas saiam. Onde vocês estavam?

Enfio minha cabeça embaixo do lençol. Que vergonha! Cleber cobre minhas pernas.

— Estávamos ocupados, camarada. Não ouvimos.

— Desçam imediatamente.

— Já vamos descer. Mas preciso que saiam para que ela possa se vestir.

Afundo mais ainda embaixo do lençol. Meu Deus! Todo mundo nesse prédio vai ficar sabendo disso. E como foi que não ouvimos os bombeiros chamando? Meu Deus! Não posso nem transar sem que todo mundo fique sabendo.

Os bombeiros batem a porta ao sair, claramente irritados e então Cleber e eu temos uma crise de riso.

— Parece que colocamos fogo no prédio, safadinha.

Nem consigo responder, deixo as gargalhadas aliviarem a tensão desse dia.

Agarro a mão de Suzana enquanto descemos as escadas. Ela está tremendo levemente, e aperto sua mão para que veja que estou aqui com ela. Sei que está havendo um incêndio no prédio, mas inda estou meio fora do ar. Ainda tenho o gosto dela na boca, seus gemidos no ouvido, ainda sinto o corpo dela sob o meu. Incrível! Agora entendo o que Matheus quis dizer com sexo incrível. Nunca senti nada parecido.

As pessoas estão usando seus pijamas, amontoadas do lado de fora, observando o trabalho dos bombeiros. Há muita fumaça saindo do prédio e me pergunto como nem sentimos esse cheiro. Cai uma chuva fina e algumas pessoas se cobrem enroladas em cobertores. Suzana está quieta demais, assustada e constrangida. Pego um cobertor com um bombeiro e a cubro. A abraço por trás e aos poucos, ela se acalma.

Um senhor de idade se aproxima e nos conta como a fiação do terceiro andar estava irregular há dias. E ele havia alertado o síndico. E que de repente houve um curto, uma explosão, e o andar todo pegou fogo. Ninguém se feriu gravemente, mas todos estão assustados. Procuro um lugar para nos sentarmos, coloco-a no meu colo e ligo para Arlete. Ela ainda mora em meu outro apartamento. Peço a ela que arrume meu quarto, e peço mil desculpas por acordá-la, mas como sempre, ela é amável e prestativa.

— O prédio pegou fogo e nós não percebemos — comento no ouvido de Suzana, rindo.

— Também estávamos pegando fogo — ela diz, mas de uma maneira fria, comparada a forma como gritava meu nome poucas horas atrás. — Por que mandou alguém arrumar um quarto?

Deve estar com ciúmes, e por isso está tensa.

— No meu outro apartamento, acho que isso vai demorar. Vamos passar o resto do final de semana lá.

Suzana se levanta e olha para os lados, fala tão baixo, que só consigo ouvi-la porque estou totalmente concentrado nela.

— Não vou com você.

Braços a rodeiam e vejo o cabelo ralo daquele gay. Mas ele parece realmente preocupado. Suzana permite que ele a abrace, e aquilo me incomoda, muito. Mas tento não ser um homem das cavernas, afinal de contas, ela tem a mim. Depois do sexo maravilhoso que fizemos, não tem a menor chance de ela querer ficar com ele. Mas por que está permitindo que esse abraço dure tanto?

O síndico se aproxima e nos avisa para procurarmos um hotel, pois toda a fiação passará por uma avaliação minuciosa no fim de semana. Ouço o gay chamá-la para ficar na casa dele, e mais do que depressa a puxo para perto de mim.

— Não será necessário, Samuel. Ela ficará comigo em minha casa, mas agradeço sua preocupação.

Suzana dá um passo para perto dele e fala com ele, sem olhar para mim:

— Na verdade, prefiro ficar com você, se não se importar.

O quê? Ela prefere ficar com ele? O infeliz sorri vitorioso e a alma penada do meu ego assassinado, sofre seu primeiro tiro dado por ela. Puxo-a pelo braço e seguro seu rosto obrigando-a a me olhar.

— O que está fazendo? Você virá comigo!

Ela tenta se afastar, mas não permito.

— Acho melhor não, Cleber.

— Melhor não? Que passo ruim é esse? O melhor é não nos separarmos agora.

Quando ela volta a olhar para mim, me sinto congelar de repente. É uma sensação estranha, como

um pressentimento ruim.

— Não vou com você, Cleber. Não estamos mais na cama, já consigo me lembrar de tudo. De todas as mágoas.

Isso é bem mais do que uma coisa ruim. É ruim pra caralho.

— Não faça isso! Vamos conversar mais, vamos resolver tudo. Você precisa vir comigo.

— Não há o que resolver, é como estarmos no ponto zero de novo. O que você tem a me oferecer, não me interessa.

— Talvez eu tenha outras coisas para te oferecer, agora.

— Talvez eu não queira mais essas coisas.

— Suzana! Seja razoável. Nós acabamos de fazer o melhor sexo das nossas vidas. Não finja que nada aconteceu.

— Não estou fingindo. Sim, foi um sexo fantástico. Como você tão bem enfatizou, eu precisava disso. E como você tão bem enfatizou, foi só isso.

Merda. Sabe aquele momento em que você é um idiota completo? Não seja! Ele vai voltar contra você da pior maneira possível.

— Suzana... — insisto me recusando a soltá-la.

— Não precisamos passar por tudo de novo, Cleber. Estou dizendo que não tenho interesse em você, não insista, fica chato.

Não tenho forças para segurá-la quando ela se solta e sai com Samuel. Foda-se. Já a tive mesmo! Posso conseguir outra mulher para o final de semana. Posso conseguir várias mulheres se eu quiser. Suzana é uma mentirosa, mesmo. Não preciso dela. Vou sozinho para meu outro apartamento. Preciso dormir. E percebo que não posso ficar sem ela assim que encosto a cabeça no travesseiro. A cama fica fria demais, o quarto silencioso demais e nenhuma posição é boa o bastante. E então há as imagens. Seios, bunda, xoxota, sorriso, mãos, barriga, lábios, cabelo emaranhado. Imagens dela na cama, nos meus braços, tomam minha mente a noite toda e não durmo nada. Não me julgue, sei que fui idiota, todas as vezes em que estive com ela. Mas ela não foi exatamente uma flor comigo. E isso é o que tenho para me agarrar e me convencer a não desejá-la mais.

Caralho! Preciso encontrar um jeito de tê-la. A mulher é mais escorregadia que quiabo e mais difícil do que ganhar na mega da virada. Mas, você me conhece, adoro um desafio.

Sábado passa como um dia cinzento e odeio dias assim. Então, de noite, ligo para Matheus. Ele é mais sério, sério até demais. E não vou aguentar as piadinhas de Sebastian agora. Encontramo-nos em um bar da Savassi, foi difícil convencê-lo, mas no fim, achou que eu estava desesperado. Ele limpa bem a cadeira antes de se sentar e leva uma caneca própria para tomar a cerveja, como sempre. Arregala os olhos enquanto conto tudo o que aconteceu. Quando termino o relato, há algum cisco nos meus dois olhos e Matheus está boquiaberto.

Espero que diga alguma coisa, e depois de um bom tempo, ele fala:

— O prédio pegou fogo e vocês não perceberam? Uau!

— Você ouviu tudo que eu disse? Porque eu te contei merda pra caralho.

— Sim, eu ouvi. O que quer que eu diga? Você encontrou sua xoxota mágica.

— Idiota!

Estou bebendo de tudo um pouco, enquanto Matheus está ainda na 1º garrafa.

— Ela é muito inteligente. Nunca imaginaria você com uma mulher inteligente.

— Você está de sacanagem, não é? Porque se eu quisesse piadinhas ruins teria chamado o Sebastian! Chamei você porque é o sério da turma.

— Não sei de onde vocês tiraram que sou apenas sério. Mas relaxe meu amigo, quero apenas rir um pouco da sua cara. Cleber Dantas apaixonado não é uma coisa comum de se ver.

— Não tem a menor graça.

— Se faz questão, serei sério. Você é um babaca. E sua amada vizinha nunca vai ficar com você.

Eu o encaro, porque é essa a sensação que tenho também.

— Ela mentiu para mim e me enganou — defendo-me.

— E você fez o mesmo e ainda a deixou em segundo plano.

— Eu não menti para ela! Sue sabia que eu também era apaixonado por Suzana e Suzana sabia sobre Sue.

— Aí está. Você mentiu quando disse que estava apaixonado. Lembra quando me apaixonei pela primeira vez, há anos atrás?

— Gilcelle. Lembro.

Ele faz uma careta quando digo o nome dela.

— Eu não tinha vontade de ficar com mais ninguém. Eu não conseguia. E você nem sabia que elas eram a mesma pessoa.

Entendo o que ele quer dizer. Para Suzana sou um safado que dizia estar apaixonado pelas duas apenas para levá-las para a cama. E sim, no começo achei que era apenas isso. Deve ter se sentido enganada todo esse tempo. Meu Deus! Eu levava várias mulheres para casa, dava várias festas. E ela ouvia tudo. Preciso consertar isso, preciso fazê-la entender que quando fazia essas coisas eram tentativas frustradas de esquecê-la. Preciso que entenda que não fingia estar apaixonado, eu estava, estou. Fodidamente apaixonado. Apaixonei-me por ela duas vezes. Isso deveria contar a meu favor, não? Ela deveria entender que eu me apaixonaria por ela mil vezes, se conhecesse mil faces dela. Mesmo que não soubesse que era ela. Preciso que ela saiba que desde o instante em que a penetrei, a palavra assustadora começada com A fica rondando a minha mente.

— Patético, mas eu te entendo. É uma droga se sentir assim — diz Matheus.

Merda, falei tudo em voz alta. Não tenho saída, começo a virar um copo atrás do outro. Só quero beber.

00:00

Cleber desabafou tudo o que queria. Falou por horas mesmo. E depois bebeu como um louco. Virou um copo atrás do outro. Chegou um momento em que o garçom desistiu de ir e voltar, trouxe várias garrafas e ficou parado ao lado da nossa mesa.

Agora, Cleber está chorando. Ridículo. Deprimente. E engraçado.

— Diz que ela vai ficar comigo — pede choramingando.

— Ela não vai. Sinto muito, mas nunca vai confiar em você!

— Merda, Matheus, você é mau! — E então volta a chorar.

Ele deita a cabeça na mesa. Uma mesa de rua, de bar, onde muitos bêbados passam todos os dias, e meu amigo porco está deitado ali, praticamente lambendo a mesa. Observo seu estado decadente e tento não pensar em como devo ser parecido com ele quando a saudade e o arrependimento apertam demais.

02:00

Entramos no bar, onde há um DJ nessa noite “animando” os beberrões. Cleber agora está dançando. Na pista. Agarra várias mulheres, mas não beija nenhuma. Quando elas tentam, ele começa a falar alguma coisa e elas se afastam. Deve estar falando de Suzana. Estou cansado, é tarde e sábado. Mas meu amigo está muito ferrado, então ficarei para gravar cada besteira que ele vai fazer hoje. É aí que Cleber resolve aparecer. Estou usando essa palavra porque o imbecil sobe em cima da cabine onde o DJ está. E começa a tirar a roupa. Não posso permitir que meu amigo passe por um ridículo desses sem ficar registrado. Ligo meu Diamond Crypt e filmo. Ele tira a camisa, as mulheres aqui em baixo gritam muito. Então tira a calça. E aí um segurança brutamontes aparece para tirá-lo, ele começa a gritar o nome de Suzana e cai da cabine.

Merda.

Guardo o Diamond Crypt e corro até ele. Seu nariz está sangrando, não sei se quebrou. Tento convencê-lo a procurarmos um médico, mas ele se recusa a sair do bar.

Essa noite vai ser longa.

04:00

Cleber está sentado no chão, na pista de dança, cantando uma música muito chata que diz que homens não choram, e chorando. Tenho que filmar de novo. Essas coisas na festa da empresa no fim de ano serão nossa diversão. Ligo para Sebastian.

— Quem morreu para você ligar a essa hora, Matheus, seu estúpido? — atende Celina.

— Veja você mesma.

Ativo a câmera e deixo que eles vejam o estado de Cleber. Ouço Sebastian gargalhar enquanto Celina pragueja.

— O que esse estúpido fez com elas?

— Ah Celina, é melhor que ele mesmo te conte, porque como ele mesmo disse, foi merda pra caralho.

— Precisa de ajuda para rebocá-lo daí? — pergunta Sebastian.

— Não, vou filmar isso mais um pouco e arrastá-lo para casa.

— Matheus — chama Celina quando estou prestes a desligar. — O celular do Cleber está com você?

— Sim, está aqui na mesa, por quê?

— Mande esse vídeo para Suzana.

Fico em silêncio um segundo antes de perceber a genialidade dessa megera chamada Celina.

— Celina, você é incrivelmente perversa, cruel e inteligente.

— Obrigada. Boa sorte.

Procuro no celular dele, é um aparelho novo. Diferente do que ele usa habitualmente, mas encontro o telefone de Sue. Só pode ser esse. Envio uma mensagem escrita apenas:

O homem é um babaca. E te ama.

E então envio o vídeo, dele ali na pista, chorando e cantando essa música chata. Espero a confirmação de que ela visualizou a mensagem e resolvo encerrar a noite. Vou até a pista de dança, desvio das mulheres que me cercam e o alcanço.

— Vamos embora homem! Isso já está ridículo.

Tento levantá-lo, mas Cleber é bem forte.

— Cleber, vamos, levante-se.

— Não vou sair daqui. Se voltar para casa vou lembrar-me dela.

— Como se você não tivesse lembrando-se dela em cada segundo desde que chegamos aqui. Vamos, levante-se.

— Não.

Bufo. Não tenho paciência com bêbados, um estúpido bêbado é pior ainda.

— Vamos ao Red. Liguei para lá agora e Sue está se apresentando.

— O quê? — Ele tenta se levantar e o ajudo.

— Porra! Você está apaixonado mesmo.

O empurro no meu carro e o levo para seu apartamento.

05:30

— Isso aqui não é o Red.

— Isso é a merda da sua casa. Entre aí agora mesmo.

Cleber encosta a cabeça na parede, em frente a porta de seu apartamento e se recusa a entrar. Toco a campainha. Sei que isso é idiota, Arlete deve estar dormindo, mas não tenho outra saída. Pouco depois, ela aparece. Embrulhada em um roupão e com cara de sono. É uma mulher baixinha, mais velha e muito bondosa.

— Desculpe acordá-la a essa hora, Arlete, mas ele se recusa a entrar.

— Ah meu menino. Venha aqui, vou te fazer um chocolate quente.

Cleber vai choramingando para os braços minúsculos da mulher. É uma cena estranha, ele é enorme e ela bem menor do que ele.

— Obrigada, senhor Amorim. Tenha um bom dia.

— Para você também. Diga ao Cleber que passo aqui mais tarde.

— Tudo bem.

Assim, deixo meu amigo ali e me dirijo até minha casa, finalmente. Mas não paro de pensar em

quão perigosa é essa coisa chamada amor. Como isso pode destruir uma pessoa, desse jeito. Cleber está irreconhecível. E como pode construir uma pessoa, como Sebastian. Acho que nunca vi alguém tão feliz como ele, desde que se acertou com a Celina. Chego a conclusão que o amor é mesmo a arma mais perigosa do ser humano.

O mundo caiu essa tarde. E agora está entrando nos eixos de novo. Não leio mais as mensagens de Sebastian e Matheus. Nem vejo mais aqueles vídeos ridículos que Matheus fez de mim. Não voltarei a falar com eles nunca mais. Precisava de amigos, não de inimigos. Mentira, eu teria feito a mesma coisa. Os vídeos são patéticos pra caralho.

Depois de comer e tomar remédios, estou entediado. E há alguma coisa errada no meu peito. Acho que terei que marcar uma consulta com meu cardiologista. É como um vento lá dentro. Deu para entender? Um vazio estranho, que deixa uma sensação bem ruim.

Depois de ser acionado por Botelho, pois encontraram meu carro, fui até o local onde ele foi deixado. Um lote vago. Estava trancado, com o alarme acionado e sem as chaves. E nada foi roubado. Foi apenas um veículo de fuga. Acabei descontando toda minha frustração em Botelho. Deixei claro que Heitor chegou perto demais de Suzana e não permitirei que isso aconteça de novo. E se tivéssemos conseguido pegar Heitor antes, nada disso teria acontecido. Eu ainda estaria com minha odalisca, e minha vizinha gostosa. E em algum momento perceberia que elas eram a mesma pessoa, e então, eu trancaria aquela maldita em um quarto durante uma semana. Deveria ter descoberto as coisas de outro jeito. E claro, quase acertei as bolas dele por não ter dito que Suzana e Sue eram a mesma pessoa.

— Eu percebi isso no primeiro dia que a investiguei, senhor. Achei que a essa altura o senhor já teria descoberto — defendeu-se Botelho.

Tapa merecido por ter sido tão idiota. E cego. E burro. E tudo isso que vocês estão me chamando agora. Podem chamar, eu mereço.

Agora estou aqui, parado na porta dela, sem coragem para entrar. Que se dane! Não espero mesmo que ela esteja aqui. O prédio ainda não está liberado, mas disse que precisava pegar alguns pertences pessoais e entrei. Seu apartamento está vazio, em silêncio, mas há seu cheiro no ar. E o meu. Sua cama está desarrumada e os lençóis embolados. Não vou pegar seu travesseiro para sentir seu cheiro, não mesmo. Mas nem é necessário, seu cheiro está em todo lugar. E claramente ela não pisou aqui depois que foi com o gay.

Um impulso me toma. Sei que Samuel Alencar tem outro apartamento perto daqui. Vou até esse apartamento, preciso apenas saber se ela está bem. Entro como se morasse ali e no elevador, início uma conversa com uma senhora, e consigo descobrir que o apartamento dele fica no 13º andar. Procuro a porta mais feminina do andar e bato. Uma mulher me atende, e peço para falar com ele.

Pouco depois, ela retorna e me manda entrar. Sabia que essa porta cheia de adornos femininos era a dele.

— Cleber, não o esperava aqui — ele diz com a apatia que sempre reserva a mim.

— Não quero ver você, quero saber como está Suzana.

— Está bem.

— Quero vê-la.

— Não será possível.

— Chame-a agora mesmo ou vou quebrar isso tudo, e entrar aí. Mas eu vou vê-la!

— Não precisa gritar. Suzana não está aqui. Não veio para minha casa. — Ele faz uma cara de bosta ao dizer.

— Então, onde ela está?

— Na casa de uns amigos. Mas se quer um conselho, não vá procura-la.

— Dispensso seus conselhos.

— Não sei o que fez a ela, mas não se aproxime dela de novo. Ela merece alguém bem melhor do que você.

Eu o encaro. Minha vontade é apertar esse pescoço magro e vê-lo arregalar os olhos.

— E você seria melhor para ela? Eu vou te dizer uma coisa, seu gay. Você não me engana. Se machucá-la, seja com palavras, atitudes ou sentimentos, vou matá-lo. Não a conquiste quando sabe que nunca vai desejar-la como ela merece.

Ele arregala os olhos e parece sem jeito.

— Não vou machucá-la, gosto muito dela.

— Ótimo. Mas, gostar para ela não é o suficiente. Ou você a ama de todas as formas possíveis, ou não se aproxime dela. Irei vigiá-lo.

— Não tenho medo das suas ameaças, Cleber. Terei cuidado com ela, não porque está pedindo, mas porque realmente gosto dela.

— Ela precisa de mais do que cuidado — digo e saio dali.

Suzana deve estar no prédio que achei que Sue morava. Deve ter amigos ali. Volto para casa ainda com a cabeça zunindo e finalmente pego o que adiei o dia todo para ler, mas não dá para adiar mais.

Os arquivos de Botelho sobre Suzana.

O apartamento está vazio.

Hoje o prédio foi liberado e pude voltar para casa. Ficou aquela sensação ruim de entrar ali de novo depois da última noite, mas ergui a cabeça e entrei. E senti o cheiro dele. Larguei minha mala no chão, com as roupas que eu já deixava na casa de Téo e Léo e vim até o apartamento de Cleber. Mas está vazio. Ele passou por aqui, algumas roupas estão espalhadas na cama. Deve ter vindo buscar alguns pertences. Nem deve voltar mais. Melhor assim. Não preciso mesmo ter nenhum tipo de contato com ele.

Espero que você me entenda, porque provavelmente o livro acabará nesse capítulo. Não haverá mais Suzana e Cleber, nem Sue e Cleber, nada de nós dois. Eu desisto. Sim, eu sei o que vai dizer. Ele é um idiota, e me ama. Mas nunca vai assumir isso. Nunca vai se entregar de verdade a esse sentimento que sequer consegue dizer o nome. Melhor guardar meu coração antes que fique irremediavelmente danificado. Ainda não foi dessa vez.

Pego o celular e vejo pela milésima vez o vídeo que alguém me mandou do celular dele. Cleber sentado em alguma boate, no chão, chorando e sendo mais ridículo do que o normal. Há um momento em que ele sussurra meu nome. O meu, não o de Sue. Jogo o celular de volta no bolso e me viro para sair, mas a porta abre e sou flagrada ali dentro por ele. Merda!

— Um ladrão na minha casa. Terei que puni-la se não quiser ser presa — ele brinca, mas seu rosto não está leve. Sua expressão é carregada e tem olheiras enormes. E um curativo no nariz.

— Chame a polícia. Se formos contar quantas vezes você invadiu meu apartamento sua pena seria bem maior do que a minha.

— Eu nunca roubei nada. Mas, você roubou algo de mim.

Faço uma careta diante de tanta breguice.

— Se disser que roubei seu coração, eu juro que o enfio de novo pela garganta.

Ele sorri finalmente.

— Ia dizer que roubou meu sono. Meu sossego. Minha paz. Até meu pau.

Faço uma careta maior ainda e saio de seu apartamento, mas ele me segura e puxa para dentro de novo.

— O que está havendo? Quem são essas pessoas? — pergunto, porque vislumbrei alguns homens uniformizados no corredor.

— Não sei, devem ser para o outro apartamento. Suzana, precisamos conversar.

— Hoje não.

— Hoje sim. Eu preciso falar com você. Não é para ser chato. Não quero insistir em nada. Entendo que não queira mais nada comigo.

Eu o encaro e ele não está mentindo. Está resignado. Sabe que não tem mais chance. Que merda! Eu odeio esse homem. Mas então ele me olha de um jeito diferente. Como se estivesse olhando dentro de mim, como se soubesse quem sou. Ele nunca me olhou assim, e nunca pensei que alguém fosse olhar. É algo novo, surpreendente e bom.

— Você precisa falar, safadinha. Precisa colocar para fora.

— Não sei do que está falando.

— De você. De Sue. Da devassa. Você precisa pôr para fora tudo o que está guardando. Quero saber por que criou Miss Sue, quando começaram esses ataques da devassa. Por que se esconde tanto na Suzana?

Pisco os olhos, meio aturdida e surpresa.

— Não preciso de um psicólogo, obrigada.

— Você precisa de um amigo. Estou aqui.

— Não quero um amigo, menos ainda você. As coisas não acabaram bem da primeira vez em que tentamos ser amigos, Cleber.

— Eu sei. Mas não vou tentar te comer agora. Só se você pedir muito. Mas eu quero te ouvir. Preciso entender.

— Não há nada para ser entendido. Não tenho nada a dizer. Minhas escolhas são apenas minhas. Não preciso explicá-las.

— Você precisa entendê-las.

— Não quero falar mais — digo e saio de seu apartamento, e quando entro no meu, quase caio para trás.

Flores.

Em todas as partes.

Em todos os lugares.

Rosas vermelhas, amarelas, rosas. Margaridas. Hibiscos. Várias flores, de todas as cores. Não há onde pisar. O chão todo está coberto. Não estavam aqui há meia hora atrás. Era isso que os homens uniformizados estavam fazendo. Duas mãos seguram meus ombros e a voz de Cleber sussurra:

— Bem-vinda de volta, adorável safadinha.

Viro-me, mas ele está voltando para seu apartamento, mesmo assim grito:

— Nem pensar! Não vamos começar esse jogo de novo! Não quero ser sua amiga. Você não vai mais entrar aqui! Ouviu?

Mas ele fechou a porta e me desespero. Não posso, não vou. De jeito nenhum.

A noite no Red está fraca e por isso visto uma fantasia mais coberta. Hoje é minha noite de dançar sozinha, então deveria estar mais animada do que estou. Mas é a primeira vez que serei Miss Sue depois de tudo. Subo no palco meio receosa, mas logo a adrenalina, as luzes, os gritos, me animam, e consigo esquecer da vida fora desse clube nessa hora. Por isso preciso ser Miss Sue. Foi por isso que a criei. Aqui posso fazer o que amo fazer e ligar o foda-se para o que estão pensando. Nada é mais libertador do que isso.

De repente a atmosfera antes leve, parece mudar, se tornando carregada, densa, e quente. Sei que ele está aqui, não preciso procurá-lo para saber. Eu sinto. Mesmo assim olho para a plateia e o vejo, encostado em uma mesa, de braços cruzados, me olhando fixamente. Não sei o que acontece, mas travo. Não consigo me mexer. A plateia grita, a música para e só consigo olhar para ele. Quero que vá embora. Quero que suba aqui e me beije, e mostre que não se importa de assumir uma dançarina de um clube noturno. Quero que me abrace e diga que me ama, que grite isso, que não tem mais medo e prometa que vai me aceitar assim, com todas as faces, exatamente como sou. Mas, ele parece decepcionado pela minha atitude, ou falta de atitude, dá um sorriso sem graça, se vira e vai embora.

E então meu coração volta a bater.

Ah Cleber, talvez eu deva ensiná-lo como um homem deve amar uma mulher.

Capítulo 12

Cleber

Puta que pariu! Literalmente.

Olhando esses arquivos, esse monte de páginas, com pequenas letras pretas amontoadas, sinto o peso que Suzana carrega. Sinto que não deveria ter lido isso, mas não poderia ajudá-la se não soubesse. Se não soubesse de tudo. Fui um perfeito idiota com ela. Por isso ela foge tanto. Ah Suzana, queria que não tivesse passado por tudo isso. A frase que ela me disse uma vez, que tinha esse lado devassa porque foi a criação que teve, faz todo sentido agora. Suzana não tem ideia do quanto é forte. Agora, mais do que nunca, a admiro, pela mulher maravilhosa que é, mesmo que tenha tantas faces, é um efeito colateral pequeno, tendo em vista a vida que ela deveria ter. E de repente entendo porque ela se esconde tanto. Porque tem tanto medo do que as pessoas vão pensar. Começo a ter uma pequena noção do quanto sua cabeça deve estar fodida depois de tudo. Lembro-me de cada coisa que disse a ela. Frases tão erradas, que com certeza a feriram muito.

Merda. Talvez seja melhor para ela que eu me afaste, que a deixe em paz. Mas isso não seria o melhor para mim. E então não sei o que fazer com ela. Não sei o que posso fazer por ela. Mas sei que preciso fazer alguma coisa. Passo mais uma noite em claro. Amanhã voltarei para o apartamento ao lado dela. Sei que vamos enfrentar nossas mágoas, mas ela vai ter que aprender a enfrentá-las, não permitirei que continue fugindo.

A manhã está estranha e fria. Todos riem quando passo e experimento a sensação de ser o centro das atenções pelo motivo errado. Como será que a Celina aguentava isso? Não preciso perguntar aos meus estúpidos amigos porque as pessoas me olham. Os imbecis devem ter colocado a merda do vídeo no Youtube.

Confirmo isso assim que entro em minha sala e há uma faixa de parabéns pelas 500 mil visualizações em uma noite.

— Caralho — digo ao ver a faixa e um Matheus sorridente sentado embaixo dela, girando na minha cadeira.

— Sabe, Cleber, se a Suzana não te perdoar depois disso, pode desistir, meu amigo.

— Ah, mas ela vai me perdoar. Não tem a menor condição de não estar morrendo de pena de mim agora. Colocar o vídeo no Youtube, Matheus? Precisava disso?

— Por incrível que pareça, não colocamos. Foi a Celina. Tentando mandar o vídeo para sua secretária. Acontece que quando percebemos já tinha visualizações demais para retirarmos. Fique feliz estúpido, você está alegrando as vidas chatas de muitas pessoas agora.

— Imbecil.

— Vá falar com a Celina. Já ligou aqui três vezes para saber sobre você. Precisa contar a ela.

— Eu não. Ela via rir da minha cara o resto da vida.

— Todos nós vamos. Sabe o que é mais engraçado, Cleber? Você sempre foi o mais sacana, o mais idiota e o que mais nos encheu o saco por estarmos apaixonados. E veja só você. Nenhum de nós pagou tanto mico por causa de uma paixão.

— Pode ir rindo, imbecil, não quer que eu te lembre da festa da empresa, não é? Vamos ver o que você vai fazer quando a minha secretária beber de novo esse ano.

— Não permitirei que ela toque em uma gota de álcool esse ano. Pelo bem da minha sanidade mental.

— Boa sorte com isso. Você pode rir de mim agora. A Suzana é brava, mas é um anjo se comparada a Gilcelle. Você, meu querido amigo, será o mais ferrado de nós três.

Ele faz uma careta e depois dá de ombros.

— Eu sei.

Então saio de minha sala e preparo minha cara de cão sofrido para que Celina não pegue pesado demais. Nem queria fazer isso. Mas eles me acompanharam nessa confusão toda e devo isso a eles. Entro na sala de Celina e logo ela me encara preocupada. Sei que estou um caco. Ela tira a bolsa de cima da “minha” poltrona e me joga ali. Sebastian aparece nem dois minutos depois, eu sabia que apareceria assim que soubesse que entrei na sala de Celina.

— Então, Dantas? Ela te deu um pé na bunda, não foi? Eu falei para você que foi mancada demais, cara.

Ele ainda está se referindo ao fato de eu ter dito a ela que só tinha sexo a oferecer, não sabe o quanto já dei mancada depois disso.

— A situação é um pouco pior do que isso, Vaughn.

— Pior? Não me diga que ela é um traveco? Porra! Uma mulher tão gostosa e tem um pau no meio das pernas?

— Ela não é um traveco! Tem uma xoxota no meio das pernas. Linda, por sinal!

Sebastian não tem tempo de retrucar, pois é atingido pelo estojo de óculos de Celina.

— Você disse que ela é o quê? — pergunta em tom ameaçador, fazendo-o se encolher.

— Jeitosa. Como o traveco do Cleber, Samarão, lembra?

Celina resmunga um palavrão, mas está sorrindo.

— Não tenho um traveco — protesto.

— Conte-nos o que houve, Cleber. Porque merda, você estava cantando Pablo em uma pista de dança, largado no chão e chorando. Isso é meio que o fim do mundo — ela diz.

— E a culpa de todos saberem disso é sua.

— Foi sem querer. Mas não vou pedir desculpas, porque se não quiser ser ridicularizado pelos outros, não seja ridículo.

Olho para Sebastian com um sorriso.

— Como é que você pode com isso?

— Meu amigo, eu simplesmente não posso.

Celina se senta ao meu lado, com aquela barriga enorme e me encara.

— Vamos, comece a explicar essa depressão toda, porque estou achando que um psiquiatra não será suficiente depois da sofrência.

Sabia que essa bruxa ia acabar comigo por causa daquele maldito vídeo.

— Celina, você ainda não faz ideia do que é sofrência. — Respiro fundo e começo. — Não estou apaixonado por duas mulheres. Não existem duas mulheres, apenas uma.

— Não entendi. Está dizendo que conseguiu finalmente escolher uma delas?

— Que seja a vizinha — completa Sebastian ganhando um olhar fatal de Celina, que faz até eu me escolher na cadeira.

— Não. Estou dizendo que não há o que escolher. Ela é uma só.

Celina e Sebastian parecem confusos.

— A bruxa e a fada são uma só — explico melhor, mas ainda me olham, agora além da confusão, com pena. — Suzana e Sue são uma só! A mesma pessoa! — grito me levantando. — Suzana é Miss

Sue!

Os dois arregalam os olhos e abrem a boca.

— Não é possível! Você quase comeu as duas! Como pôde não ter percebido? — diz Sebastian.

— Ela usava uma máscara, e peruca! E sempre que estava com Sue era em algum lugar barulhento.

E a única vez em que ela tirou a máscara, estava no escuro.

— Porra! Você é um burro, homem!

— Ele não é burro. Ela é que é um gênio! — diz Celina a gargalhadas. — Preciso conhecê-la.

— Isso não tem graça nenhuma, Celina.

— Tem sim. Na verdade, é genial! E você está sofrendo assim porque ela o enganou?

— Não. Estou assim porque está sendo má comigo.

Ela me encara com aquele seu deboche típico de quando vai acabar com alguém.

— O que você queria? Você levou quinhentas mulheres para o apartamento ao lado enquanto dizia estar apaixonado por ela. O Sebastian fez isso comigo uma vez, mas estava totalmente bêbado e não tínhamos nada. E mesmo assim custei a confiar nele por causa disso. Por que espera que ela seja boazinha com você agora?

— Porque eu sou lindo.

— Ainda bem que ela é mais esperta do que isso.

— Você é uma bruxa!

— Cleber, pensa! Ela enganou você tão bem que o fez se apaixonar por ela duas vezes! Quais eram as chances de você se apaixonar um dia? E duas vezes, pela mesma mulher?

Ela parece achar isso maravilhoso e não entendo onde está a graça.

— Se você me perguntasse isso há dois meses, eu diria totalmente nula.

— Isso só pode ser um sinal.

— Do quanto sou estúpido.

— Sim, você é mesmo. Mas ela, meu querido estúpido, é sua. Não há outra explicação. Ela tem que ser sua!

Sebastian está vermelho de tanto rir. Quando se acalma o suficiente para falar, diz:

— Espero que não tenha ferrado com tudo ao descobrir, homem.

— Não ferrei — digo, mas não tenho certeza disso, afinal, após o melhor sexo de nossas vidas, ela escolheu o gay. — Não importa. Você está certa, Celina. Ela tem que ser minha.

— Eu sempre estou certa.

Tem que ser minha, não é? Eu me apaixonei por ela duas vezes, isso quer dizer alguma coisa, certo? Merda! Estou meio desnorteado ainda, mas as evidências estavam ali e fui um idiota ao não reparar. E esses dias em que não a tenho visto têm sido um inferno. Sinto falta dela. De Suzana e de Sue.

— Pela cara que está fazendo, aposto como estragou tudo, não foi? — diz Sebastian me acusando.

— Já disse que não.

— Qual será o próximo passo, Cleber? — pergunta Celina.

— Como assim?

— O que pretende fazer agora que sabe que está apaixonado por uma mulher apenas? Vai desistir de vez dela ou tentar conquistá-la?

— Celina, meu amor. Dê um tempo a ele. Ainda não é o momento de pensar nisso.

— Nada disso, não haverá outro momento mais perfeito do que esse. Cleber, você me disse que Suzana é sozinha, deve estar fragilizada.

Ela não faz ideia do quanto a Suzana deve estar mal nesse momento e do quanto deve estar

precisando de alguém em quem possa confiar.

— Vocês transaram?

A pergunta de Celina me faz voltar a mim. Arregalo os olhos e Sebastian começa a rir.

— Vamos Cleber, responda! Você já falou sobre a xoxota dela na minha presença, não finja ser pudico!

— Sim transamos. E ela gozou várias vezes.

— Também não precisa ser escrachado — ralha Celina.

— Ele não está sendo escrachado, está sendo convencido — explica Sebastian.

— Se ela se entregou a você depois de toda essa confusão, deve sentir algo. É o momento certo de se aproximar dela.

Aproximo-me de Celina e seguro seu rosto, dando um beijo em sua testa.

— Celina, minha diva. Mais uma vez, você está certa.

— Já disse que estou sempre certa. Mas, Cleber, você a ama? Porque se não a amar, nem tente conquistá-la.

Fico em silêncio. E meu silêncio dura tanto, que Celina faz uma careta enorme e chega à conclusão de que não a amo. Mas é mais do que isso, você não entenderia. Eu deveria estar puto por ela ter me enganando, mas como ela bem jogou na minha cara, quem sou eu para julgar o segredo dela? E como Matheus bem jogou na minha cara, nunca dei a confiança que ela precisava para me dizer a verdade. E como você bem deve estar jogando na minha cara agora, fui um cretino ao dizer a ela que só tinha sexo a oferecer. Agora tenho um mundo para oferecer a ela, mas ele ainda não inclui essa palavrinha assustadora começada com A. Acho que ainda não.

— Está fazendo essa cara porque deve ter feito uma merda tão grande, que Suzana não quer mais vê-lo, não é mesmo? — pergunta Celina.

— Eu disse que nós transamos. Foi depois dessa confusão. Não fiz merda alguma — minto.

— Então quer dizer que vai deixá-la em paz, ou assumir um relacionamento sério com ela?

— Vou assumir um relacionamento sério com ela, é claro.

— Eu duvido.

— Celina Morelli, sua atrevida. Você está me desafiando?

— Mais do que isso, Cleber Dantas, seu otário. Quero fazer uma aposta com você.

— Uma aposta? Para eu namorar Suzana?

— Isso. Se você conseguir convencê-la a namorar você, o que duvido muito que vá conseguir fazer, ganha a aposta. Se não conseguir, eu ganho.

— E o que ganhamos e perdemos com isso?

— Ora, se você ganhar já terá a Suzana. Precisarás de mais alguma coisa?

— E se eu perder?

— Aí, meu querido Estúpido Dantas, mostrarei seu vídeo em todas as festas da empresa pelo resto de nossas vidas.

Merda. Não posso arregar em uma aposta com uma mulher. Terei que conquistar Suzana de qualquer jeito. Mas não é como se eu já não pretendesse fazer isso, ou como se não fosse conseguir. Claro que vou. Cuspo na mão e estendo para Celina, torcendo para que ela desista. Mas, ela cospe em minha mão também e diz:

— Selo nossa aposta com isso.

— Trapaceira — reclamo vendo seu cuspe na palma da minha mão e correndo para lavá-la.

Tenho andado distraído. E enfurecido. A porcaria do vídeo que os imbecis colocaram no Youtube

tem cada vez mais visualizações. E nem assim Suzana deu qualquer sinal de fumaça. Sei que ela o viu, tem que ter visto. É patético que um homem com meu porte, meus músculos e meu pau, tenha que passar por um ridículo desses para conseguir a pena de uma mulher, mas, não consigo ter paz longe dessa bruxa. E se essa é uma maneira de tê-la na minha cama uma noite dessas, que seja. Pago qualquer mico. Não me importo. Não a vi mais desde o dia em que a peguei em meu apartamento e depois fui vê-la no Red. Tive que sair de lá porque minha vontade era de arrancá-la daquele palco para que nenhum daqueles babacas excitados tocasse nela.

Assim que entro no hall do prédio, vejo seu cabelo negro balançando. Fico algum tempo parado, observando-a conversar com uma senhora de idade na calçada. Será que Suzana percebe o quanto mudou desde que a conheci? Antes andava apenas com roupas largas e elegantes, o cabelo sempre naquele rabo de cavalo perfeito, a expressão sempre séria e sem vida. Agora, está com um vestido leve e curto, seus lindos cabelos soltos dançam com o vento, e sorri. Dá gargalhadas e faz a senhora rir também. Será que se dá conta do quanto seu lado devassa está assumindo o controle? Do quanto está sendo cada vez mais ela mesma? Não a Suzana séria que ela quer ser, mas a verdadeira Suzana. Minha safadinha. Minha bruxinha. A mulher mais incrivelmente sexy que já vi na vida. Suzana é tão linda que me deixa desnorteado. É linda de qualquer jeito. Seja com aquelas roupas respeitáveis, vestida de odalisca ou com a blusa enorme da Minnie que usa de manhã. Ela é linda. Deve ser muito bom acordar sempre do lado dela.

Opa! Pensamento errado! Sim, eu estou perdidamente apaixonado por essa mulher. Sim, a palavrinha assustadora começada com A passa pela minha cabeça às vezes, quando penso nela, mas ainda não é isso. Ainda tenho controle dos meus atos, então ainda tenho salvação. Temos que dar um passo de cada vez. Suzana não pode ser abandonada de novo e não direi essa palavra ridícula começada com A até que tenha certeza que não há outra saída a não ser assumi-la.

Me viro para segurar o elevador, quando alguém esbarra nela. Sinto-me congelar imediatamente. Eu o reconheço. É um dos homens com quem briguei no dia em que reencontrei Heitor. Um dos seguranças dele. Perto de Suzana.

Não sinto o chão sob os meus pés por um momento, não sinto o ar nos meus pulmões. Ele está com as mãos nela. Disse alguma coisa que a incomodou pela sua expressão fechada. E já estou atravessando a porta. Assim que me vê ele corre, quero ir atrás dele, mas Suzana está tremendo, então sou obrigado a verificar se está ferida.

— Você está bem? O que ele fez? Está ferida?

Ela nega com a cabeça.

— Estou bem.

— Suzana... — não sei o que dizer.

Estou desesperado, e mais uma vez decepcionado comigo mesmo. Quantas vezes mais ela ficará em perigo por minha causa? Que merda! Não sei como agir com a raiva e o medo que sinto. Nada pode acontecer a ela. Ela precisa ficar bem. Pego seu braço de forma rude, sei que a estou assustando, mas não consigo me acalmar. A arrasto até o elevador e assim que as portas se fecham, a solto. Dou um murro no vidro do elevador que trinca e Suzana grita. Merda. A estou assustando mais ainda.

— Suzana — quero acalmá-la, mas não consigo.

— Eu estou bem — ela diz com a voz firme.

— Eu não queria... ele não devia... ele não vai mais se aproximar de você. Nem ele, nem ninguém. Não vou permitir que se machuque.

— Eu sei.

Ela está assustada, posso sentir. E ela é tão forte! Sei que a estou assuntando ainda mais. Preciso me acalmar, mas não consigo. O maldito estava com as mãos nela!

— Cleber, acalme-se. Estou bem, está vendo? Nada aconteceu — ela diz estendendo os braços e dando uma voltinha.

Quero pedir desculpas. Quero garantir que a protegerei. Merda, quero tirá-la daqui, desse prédio, dessa cidade, desse país se possível e levá-la para um lugar onde ela fique protegida. De Heitor, de mim, de todas as minhas merdas. Quero socar de novo esse espelho, mas já há sangue nos meus dedos. Suzana pega minha mão e avalia o corte. Ainda está tremendo levemente. Não sei o que fazer para acalmá-la, não consigo acalmar a mim mesmo agora. Mas, ela como sempre me surpreende.

— Eu estou bem, Cleber. Você o fez correr. Ele não vai mais se aproximar de mim.

Não tenho certeza disso, mas não digo isso a ela. Ela se aproxima mais e passa os braços pelo meu pescoço, colando seu corpo ao meu.

—Estou bem. Estou aqui com você. Acalme-se.

E quando seus lábios tocam levemente os meus, me esqueço de tudo. A puxo para meus braços e a beijo. Ela nunca fez isso. Nunca me beijou ela mesma, a Suzana, dentro do elevador onde qualquer um pode ver. E provavelmente não fará de novo. Por isso a aperto ainda mais. Aprofundo o beijo e tomo sua língua na minha. A desejo muito mais do que desejava ontem. Muito mais do que a desejo nos meus sonhos. Sou louco por essa mulher, essa bruxa, essa safada. Minha safadinha.

— Suzana — sussurro seu nome. Ela sorri e volta a me beijar.

E estou calmo. Tao calmo, tão completo, uma sensação tão louca e tão certa. Enfio a mão por baixo de seu vestido apenas para sentir sua pele. Não quero isso entre nós. Ela parece sentir o mesmo, pois abre minha camisa. Passeia a mão pelo meu peito. Sabe que estou queimando por ela. Sabe o quanto me enlouquece. Eu a empurro contra o vidro e passo as pernas dela pela minha cintura. E nesse momento, a porta do elevador abre e o síndico e aquela mulher estranha entram.

Suzana pula dos meus braços imediatamente e ajeita o vestido. Mas não faço questão de fechar a blusa. Recosto-me no espelho e a observo. Está vermelha como um tomate e muito sem graça. Não consigo conter o sorriso. Ela me olha como se fosse me matar e rio mais ainda. O velho vira os olhos de mim para ela, e para mim de volta, e para o vidro do elevador quebrado.

— Cobre isso do meu condomínio — digo.

Ele assente e imagino que deve estar se perguntando como conseguimos quebrar o vidro. Suzana pensou a mesma coisa, pois abaixou a cabeça e falou um palavrão baixinho. De repente ela levanta o olhar e o fixa em alguma coisa. Olho na direção e vejo que Carmem, a beata, está abanando a saia e encarando meus músculos. E então Suzana também está rindo. Tentando disfarçar com a mão, tentando conter, mas quer rir da beata. O oitavo andar finalmente chega e ela sai em disparada, mas sou mais rápido e entro em seu apartamento.

— Não sei como me desculpar pelo que aconteceu lá embaixo, Suzana.

— Não precisa se desculpar por isso. Você não controla as atitudes dos outros.

— Chegaram a você graças a mim.

Ela me olha e sorri. Um sorriso tão doce, tão incomum nela, que faz algo no meu peito dar um salto. De novo isso? Devo ir a um cardiologista imediatamente.

— Você vai me proteger, não vai? Dessa vez não há outra mulher para você colocar em primeiro lugar.

Uau! Tapa número um do dia. Vamos jogar, minha adorável safadinha.

— Nervosinha? — Me aproximo dela por trás e toco seus ombros. — Mesmo que houvesse um monte de mulheres na minha lista, você ainda seria a primeira.

— Idiota!

Aperto seu ombro e ela geme.

— Está tensa, safadinha. Acho que precisa de um bom sexo.

Ela se afasta com um sorriso no rosto.

— E eu achando que você ia me oferecer uma massagem. Por que ainda me surpreendo com você?

— Porque sou surpreendente. De uma forma deliciosamente boa. Agora venha aqui.

Ela dá um passo para trás ainda sorrindo. Adoro vê-la sorrir. Fica ainda mais linda assim.

— Você disse que não ia mais tentar me comer.

— Não vou tentar, vou comer.

Não dou tempo para que ela pense. A puxo para meus braços e a beijo, jogando-a na parede.

Tenho pressa, quero estar dentro dela agora mesmo. Ela termina de tirar minha blusa e arranha meus

braços e costas com as unhas grandes. A sensação é divina. Meu pau já está acordado e latejando por

ela. Enfio as mãos na sua bunda e a puxo de uma vez. Ela grita e passa as pernas por minha cintura.

— Para a cama — ordena.

Desencosto-a da parede e a levo para o quarto, sem parar de beijá-la. Batemos em algumas

paredes no caminho, mas ela está sorrindo. Na minha boca. O som mais delicioso do mundo. Jogo-

me na cama em cima dela. Ela grita de novo e ri mais ainda.

— Você está rindo? Então devo estar fazendo alguma coisa errada. Não a quero rindo nessa cama.

Quero-a gritando.

— Então me faça gritar, gostosão.

Termino de tirar minha roupa e vejo que ela olha bastante para meu pau.

— Pode olhar safadinha linda, ele é todo seu.

— Você nunca deve dizer isso a uma mulher. Você não sabe até onde vai a imaginação de uma

mulher ao ouvir uma frase dessas.

Meu Deus! Preciso dessa mulher. Preciso estar nessa bruxa agora. Subo na cama e ela diz:

— Principalmente quando isso é tudo o que você tem a oferecer.

Estaco na cama e a observo. Não está nervosa, nem tensa. Mas também não sorri mais.

— Está jogando na minha cara a idiotice que eu falei?

Ela assente e depois nega com a cabeça.

— Não. Estou apenas te dando uma lição. Nunca diga a uma mulher que é só isso que tem a

oferecer. Porque isso, meu adorado pervertido, todo homem oferece.

— É mesmo? E o que eu devo oferecer a uma mulher, então? — digo já me jogando sobre ela e

beijando seu pescoço enquanto tiro sua roupa. Minhas mãos sobem por suas coxas para tirar seu

vestido.

— Diga que ela pode confiar em você.

Paro imediatamente de me mexer. Essa maldita, bruxa, sabe exatamente como enfiar o dedo onde

mais me dói.

— Mas, diga isso apenas se for verdade. Porque se não puder oferecer confiança a uma mulher,

Cleber, você é um homem como qualquer outro.

Seguro seu rosto nas mãos e olho em seus olhos. Não está nervosa, mas magoada. Não está

brigando, apenas me dizendo como se sente. Como eu pedi por tantas vezes que ela fizesse. Meu pau

ainda está em alerta e tudo o que quero é entrar nela e fazê-la esquecer de tantas filosofias. Mas a

verdade é que não posso. Não posso começar isso mentindo para ela. Preciso que ela confie em mim.

Vai me odiar agora, mas sou insistente. Ela vai saber que sou um estúpido, mas confiável.

Aperto mais seu rosto ente minhas mãos e digo:

— Você precisa confiar em alguém, Suzana. Precisa falar.

— Estou falando agora.

— Não sobre isso.

Ela parece confusa. E merda, sei que vou perder esse contato delicioso de seu corpo seminu, embaixo do meu. Mas, preciso ser o homem que ela precisa. O homem em quem ela pode confiar.

— Me fale sobre seus medos. Sua infância. Essas coisas.

— Achei que íamos transar.

— E vamos. Mas você está certa. Eu quero que confie em mim. — Prendo suas mãos acima de sua cabeça e ela ri.

— Querido estúpido, isso nunca vai acontecer. Você não é confiável.

— Vou me tornar. Apenas para você. Você deveria chupar meu pau depois de uma transformação dessas!

Ela dá uma gargalhada deliciosa.

— E como pretende fazer isso? — me desafia.

— Fazendo você falar. Vamos safadinha linda, quero te comer agora. Mas antes, preciso que fale, ao menos uma coisa.

Ela parece tensa, mas ainda me olha com puro desejo nos olhos.

— Não sei o que quer que eu diga. Mas, acho que deveria atender seu pau agora.

Beijo sua boca e mordo seu lábio. Isso vai ser difícil pra caralho. As palavras engasgam em minha boca. Aperto mais forte suas mãos e digo de uma vez:

— Não me odeie, Suzana. Eu sei de tudo. Sei sobre a rua Oito, a casa vermelha. Sei sobre Suzie e a Academia de Balé.

Seus olhos estão arregalados. Ela tentou se afastar assim que comecei a falar, mas não permiti.

— Sei sobre Tomas.

Ela começa a se debater embaixo de mim e não tenho outra saída para não machucá-la, eu a solto. Ela se levanta furiosa. Fica dando voltas. Não digo nada, deixo que se acalme, mas isso não parece que vai acontecer. Ela não diz nada, e quando olha para mim, está calma. Escondeu a tempestade que sei que está havendo dentro dela e fala em voz baixa:

— Com pode saber isso?

— Tenho um detetive.

— Ah merda! Você mandou investigar a minha vida.

— Não exatamente. Mas, sua vida estava ali, e eu a li. Você sempre foi tão misteriosa, eu queria apenas...

— Não me importa. Nada do que você disser vai justificar isso. Você mandou investigar a minha vida! — ela grita.

— Não mandei! Só mandei investigar se era comprometida. As outras informações ele conseguiu por ele mesmo. Eu não as pedi.

— Mas, você as leu!

— Porque eu me importo com você.

— Porque você é egoísta! Foi por isso que você as leu! Você não se importa comigo, não use isso como desculpa.

Levanto-me e tento me aproximar dela, mas ela se afasta.

— Não me toque. Que merda, Cleber! Parece que nunca vou poder confiar em você! Você não muda!

— Eu fiz isso por você! Você não se abre comigo, precisei disso para ajudá-la.

— Não vai me ajudar em nada o fato de você saber o que eu passei! Isso é passado!

— Não é! Isso está mais presente do que você percebe, Suzana. Isso te faz se esconder e criar tantas faces. Você precisa falar, precisa superar isso.

Ela começa a rir, mas é uma risada amarga.

— Preciso falar? Sobre o quê se você já fez o favor de descobrir tudo? Será que não se dá conta do que você fez? Se eu não queria falar, você não tinha o direito de invadir minha privacidade assim. Você não ia gostar de alguém aparentemente preocupado com você descobrindo cada podre da sua vida para ajudá-lo.

Merda, ela está certa. Eu soube que estava fazendo a coisa errada assim que peguei aqueles arquivos, mas foi mais forte do que eu.

— Você não fez isso por mim, Cleber. Fez por você. Para saciar sua curiosidade.

— Não é verdade. Eu fiz isso porque... eu... o que eu sinto por você me obrigou a fazer.

Ela cruza os braços e me encara, sei que está se segurando para não chorar e me sinto um merda por fazê-la ter essa expressão no rosto de novo.

— O que você sente? O que pode justificar essa atitude ridícula? O quê? — ela grita no final.

Só preciso dizer, só preciso falar, ela vai entender. Afinal de contas, isso toma conta de mim cada dia mais. Mas não consigo. Não quando ela está tão magoada e furiosa. Não quando tudo o que faço é machucá-la de alguma maneira. Não posso usar isso, essa palavra assustadora agora. Como uma arma para apaziguar uma situação que não deve ser apaziguada. Ela deve me odiar, me xingar bastante, gritar, me expulsar, para isso passar. E amanhã de manhã estarei aqui fazendo seu café e enfrentando seu mau humor matinal. E farei isso todas as manhãs até que a raiva passe. E ela vai saber que eu sei, e vai saber que pode contar comigo. E então ela vai se abrir.

— Eu me importo com você — digo e vejo seu rosto murchar ainda mais.

— Vá se importar com a puta que te pariu, seu filho de uma mãe!

— Também me importo com ela.

— Ótimo! Você já sabe tudo. Que se dane! Não te devo explicações.

— Não estou te cobrando isso.

— Ainda não.

— Não vou te cobrar isso. Quero apenas que confie em mim. Eu poderia ter transado com você e fingido que não sei de nada, mas eu realmente quero que você confie em mim.

— O fato de você revelar suas merdas como se fosse um ato de heroísmo fazer isso, só prova o quanto você é idiota! Saia da minha casa.

Ela não grita ao pedir isso. Mas, a mágoa que ouço em sua voz é demais para suportar. Pelo menos por um minuto, pelo menos essa noite, ela precisa ficar sozinha.

Saio de sua casa, nu.

— Vista a merda da roupa primeiro.

— Não, você me mandou sair agora.

Abro a porta e vou para meu apartamento. Mas não fico quase nada ali. Tomo um banho. Espero algumas horas e não ouço nenhum barulho vindo de seu apartamento. Espero mais algumas horas e não aguento mais. Me enrolo em uma toalha e vou para lá de novo. Corro até sua porta e entro sem fazer barulho. Está tudo apagado. Será que está no Red? Penso em ir embora, mas quando me aproximo do corredor, ouço seu choro. Entro imediatamente no quarto, ela se move suavemente sob o lençol, e quando acendo a luz, não a ouço mais chorar. Apago a luz e acendo a do abajur, jogo a toalha no chão e entro debaixo do lençol com ela. Ela apenas me olha. Seus olhos estão vermelhos, mas sei que não vai continuar chorando na minha frente. E não quero que ela chore.

— Eu sinto muito — digo.

Queria dizer que sinto por tê-la feito se lembrar. Por ter invadido sua privacidade. Sinto muito ter me apaixonado assim por ela, mas agora não tenho saída. Preciso ficar aqui. Preciso ficar com ela. E mesmo que me odeie antes de corresponder ao que sinto, ela vai ficar comigo. Tem que ficar. Só quero que ela venha para meus braços para que eu possa confortá-la e me confortar. Pois só assim saberei que ela ainda vai me desculpar por isso. Estou prestes a pedir isso, quando ela se aproxima e deita a cabeça em meu peito. Passo os braços por seu corpo e a aperto, bem forte. Ela se aconchega a mim, como uma gatinha e relaxa.

— Estou aqui Suzana. Estou com você. Estarei sempre aqui.

— Sempre fazendo merda.

— Sempre. Mas você vai me perdoar assim mesmo. E prometo que vou compensá-la.

Ela assente e enfia a cabeça no meu pescoço antes de adormecer.

Quando acordo na manhã seguinte, ela já saiu. Há apenas um bilhete com sua letra perfeita.

Vá para sua casa. E por favor, permaneça lá.

Tenho que obedecê-la. Então respondo no verso do bilhete:

Tudo bem, eu entendo. Estou indo embora. Até a noite, adorável safadinha.

Quando estou para entrar no Red, recebo uma mensagem de Cleber:

“Não conseguimos ficar longe um do outro. Talvez possamos superar as mágoas. Tenho + a te oferecer.”

Respondo:

“Se vc promete seu coração a uma pessoa, não pode oferecer seu corpo a outra.”

Como imaginei, ele não responde mais.

Passei o dia todo distraída, tomada por lembranças. Daquele tempo que já passou. Não sou adepta a ficar remoendo o passado, o que passou, passou. Aprendi o que deveria ter aprendido e pronto. Bola pra frente. Acho que temos que nos concentrar no presente. Nos preocupar com o futuro, sim. Mas nos concentrarmos mesmo no presente. E Cleber acha que meu passado está afetando meu presente. E após um dia todo pensando, acho que ele tem razão. E fico irritada que ele saiba me decifrar melhor do que eu mesma.

Passei o dia e a noite com a cabeça tão ruim, que tenho a sensação de ter esquecido alguma coisa. E descubro o que é no meio de um morro, de madrugada, em plena Afonso Pena, quando o carro ronca, e para. E então começa a descer o morro de ré.

— Ahhhhhh! — berro enquanto puxo o freio de mão.

Esqueci completamente da porcaria da bateria. Ele dormiu ligado noite passada, tenho certeza que desliguei, mas parece que algum engraçadinho ligou de noite. Os faróis, a luz interna e o rádio. Tudo ficou ligado. Era pra eu ter dado uma carga antes de ir para O Red. Saio do carro, o deixo ali no meio do morro e vou procurar um ponto de ônibus. Mas, como se tivesse saído do nada, aquele mesmo cara aparece. O ruivo.

— Olá, de novo — diz.

— Olá.

— Precisa de uma chupeta?

— Não. Preciso de uma carona até o ponto mais próximo.

— Eu a levo.

Antes de entrar no carro com esse quase desconhecido, aviso:

— O rastreador do meu celular está ativado. Só para você saber.

Ele me encara com um sorriso divertido.

— Vou me lembrar disso.

Entro no carro, abro o vidro e fico com o celular na mão. Como imaginei, ele passa direto pelo ponto de ônibus, se dirigindo ao meu habitual caminho para casa.

— Você mora no meu prédio? — pergunto.

— No prédio ao lado.

Olho para ele, espantada.

— No hotel?

Ele assente. Deve ter muito dinheiro, os hotéis da rede V.D.A. são luxuosos e caríssimos. Mas, esse carro é simples! Um New Civic. É caro, mas uma pessoa desprovida de fortuna, como eu,

conseguiria comprar um, se economizasse muito e vendesse um rim. Isso quer dizer que ele é simples. Relaxo um pouco ao constatar isso.

— Como você se chama? — ele pergunta.

— Suzana. E você?

Ele demora um pouco para responder. Passa direto pelo meu prédio e me sinto tensa por dois minutos, até que ele dá a volta no quarteirão e para em frente ao prédio. Abro a porta e tiro o cinto de segurança antes de reclamar:

— Essa última volta foi totalmente desnecessária.

Ele abre um sorrisinho forçado antes de responder:

— Não ande à noite com estranhos, Suzana.

Faço uma careta.

— Eu sei me defender. Obrigada pela carona. Ah! Você não me disse seu nome.

— Meu nome é Heitor.

— Boa noite, Heitor.

Ele assente e arranca com o carro, e fico com uma sensação estranha.

Chego cansada, faminta, e agora tenho poucas horas para dormir, então não terei ânimo de preparar nada para comer. Abro a porta e um vulto se levanta de repente do meu sofá, nem tento descobrir o que é, volto imediatamente pela porta e saio correndo e gritando pelo corredor.

— Ahhhhhh! — Aperto desesperada o botão do elevador, quando uma mão grande cobre minha boca e braços fortes me apertam.

— Acalme-se, sou eu. Pare de gritar.

Sinto meu corpo todo relaxar quando reconheço a voz de Cleber. Minhas pernas estão moles e preciso me apoiar nele. Ele me pega no colo e me leva de volta para o apartamento. Acende a luz e me deposita no sofá. O maldito está rindo.

— Mas, que merda você estava fazendo no escuro?

— Vim fazer um jantar para você. Você estava demorando demais a chegar e aquele gay batia na sua porta a cada dez minutos. Então apaguei a luz para ele não me incomodar mais. Esqueci que você tem medo de fantasmas.

O sorriso debochado em seu rosto me irrita ainda mais.

— Eu quase fiz xixi na calça e você fica aí rindo como se isso fosse a coisa mais legal do mundo! Aliás, ainda não o perdoei por ter investigado a minha vida. Você não deveria estar aqui!

— Eu sei. Estou trabalhando nisso. Você vai mudar de ideia sobre eu ter entrado aqui assim quem souber o que fiz para você jantar. Por que chegou tão tarde?

— Porque meu carro morreu. Tive que deixá-lo em plena Afonso Pena. — Jogo os sapatos para o alto e deito no sofá.

Cleber se senta na ponta dele e massageia meus pés doloridos. É tão boa essa sensação!

— Você está praticamente ronronando. Como pode ser tão manhosa?

— Shhhh! Cale a boca e faça isso direito. Precisa fazer mais forte.

Ele sorri e de repente sinto um arrepio no corpo.

— Você gosta bem forte, safadinha?

Fecho os olhos e finjo que não ouvi, mas não consigo conter o sorriso bobo de satisfação por tê-lo aqui, tocando meu pé, fazendo minha janta, como se se importasse.

Vou fazer uma confissão absurda, ridícula mesmo, mas vamos lá: estou completamente apaixonada por esse homem. Sei que ele é um estúpido, insuportável e safado. Que só faz meter os pés pelas mãos, mas não consigo deixar de me sentir assim. Você precisaria tê-lo no meio das pernas para

entender.

— Onde você deixou seu carro?

— Na entrada da Contorno.

— Vou mandar buscá-lo. — Ele pega o celular e liga para alguém.

Ok, estou me sentindo completamente mimada agora, mas chega. Cleber não pode invadir minha privacidade como ele fez, trazer à tona coisas que me esforço tanto para esquecer, e achar que uma massagem, um jantar e um favor, serão suficientes para apagar isso, porque não serão. E se eu não fosse tão apaixonada por ele, jamais o perdoaria. Ambos temos muito o que aprender antes de ficarmos realmente em paz, mas agora quero que ele entenda que errou. E me peça desculpa. Nada acalma mais uma mulher ferida do que um homem aceitando que está errado e implorando pelo seu perdão. Tiro meus pés de suas mãos e me levanto.

— Vamos comer logo. Preciso dormir pelo menos um pouco.

— Tudo bem, mas que fique claro que fiquei com fome até essa hora apenas para jantar com você. São quase quatro da manhã e tenho que acordar às sete.

— Percebi isso sozinha. Não precisa ficar exaltando cada pequeno gesto seu.

— Não foi um gesto pequeno, foi quase um sacrifício. E estou apenas me certificando que você percebeu.

Homens!

A comida da noite foi Yakimono, que com certeza ele não fez, comprou. Mas não vou acabar com a felicidade dele de ficar se gabando.

— E como foi que veio embora? — pergunta depois que terminamos de comer, tomando um chá gelado.

— Peguei carona.

Ele para a xícara no ar e me olha preocupado.

— Com um estranho?

— Não exatamente. Um homem que já vi aqui uma vez. Ele esbarrou em mim na ocasião. O achei meio esquisito, mas precisava de uma carona — dou de ombros indicando que não foi nada demais.

— Você deveria ter me ligado. Sempre pode me ligar em uma situação dessas.

— Achei que estivesse dormindo. E não estou falando com você.

— Você pode me ligar a qualquer hora, Suzana. É melhor do que pegar carona com um estranho. E por acaso ele não te deu nenhuma cantada? — pergunta encarando minhas pernas expostas.

— Me deu um pequeno susto quando chegamos, mas no fim das contas, acho que Heitor é um cara legal.

O barulho de algo quebrando só não me assusta mais do que Cleber pulando em cima de mim.

— Você disse Heitor? Como ele era? Suzana, como ele é?

A xícara que há pouco estava em suas mãos está espatifada no chão. Ele parece em pânico. Seguro sua mão tentando acalmá-lo.

— Calma. Ele é magro, alto e parece inofensivo. Ah, e tem o cabelo alaranjado.

Cleber me puxa para seus braços e me aperta. Fica murmurando palavrões e me apertando cada vez mais forte. Nem percebi quando ele tirou o celular do bolso, mas está ligando para alguém.

Botelho, o detetive.

— O que está havendo? — pergunto assim que ele desliga o telefone.

— Não é nada demais.

— Esse homem é perigoso?

Estou sentada em seu colo e ele volta a me apertar antes de responder:

— Não. Ele não é ninguém. Só fiquei preocupado com você. Preciso te pedir uma coisa.

— A resposta é não.

Ele sorri finalmente e afrouxa um pouco o aperto.

— Quero levá-la para o trabalho todas as manhãs.

— Não há necessidade disso. Eu tenho carro.

— E dirige feito uma louca.

— Estou viva até hoje, nunca bati o carro e dirijo muito bem.

— Você tem uma coleção de multas maior do que a minha coleção de mulheres.

— Não seja exagerado.

— Estou tentando protegê-la de si mesma. Você é um perigo ao volante.

Levanto-me de seu colo e vou tomar um banho. Quando saio do banheiro, ele ainda está ali.

Sentado no sofá. Tenho a impressão de que estava tenso, mas disfarça quando me vê.

— Ainda está aqui? Boa noite, Cleber — digo e vou para o quarto.

— Vou dormir com você — ele diz vindo atrás de mim.

— Não vai, não!

— Não estou pedindo. — Ele se enfia embaixo do meu lençol e preciso segurar o riso quando me deito.

— Me deixe levá-la. Saímos no mesmo horário todos os dias. Podemos ir cada dia em um carro diferente. Tenho vários.

— Não me interessa por seus carros.

— Talvez eu dirija apenas com uma mão no volante e a outra no meio das suas pernas.

— Tentador, mas não, obrigada.

— Talvez eu consiga dirigir com você montada no meu pau. Você não pode dispensar meu pau, vai ferir o ego dele para sempre.

Começo a rir, não consigo me segurar.

— Tenho certeza de que nem você seria capaz disso. Por que quer tanto me levar?

— Advinha só safadinha, tenho um segredo — ele diz, mas o sorriso some rapidamente e volta a falar sério. — Isso é muito importante para mim. De verdade.

Ele me olha com preocupação. Não entendo o que está acontecendo, mas não gosto de vê-lo assim.

— Cleber, eu saio da escola meio-dia. Como iria embora sem o meu carro?

— Eu vou buscá-la e a trago para casa. No horário em que você vai para o Red, eu já cheguei, então posso levá-la.

— Qual o sentido de você sair da sua empresa na hora do almoço e ir me buscar?

— Terei paz fazendo isso.

Meus olhos estão fechando e não quero mais discutir.

— Suzana eu sei que não confia em mim. Não te dou mesmo motivos para isso. Mas ao menos dessa vez, seja uma boa garota.

— Tudo bem, Cleber.

Ouçoo que ele respira aliviado. Puxa-me para seus braços e adormeço antes mesmo de senti-los me rodear, como ele sempre faz.

Cleber passou a semana toda servindo de meu motorista. Sei que está me escondendo alguma coisa, e embora brinque e me cante daquela maneira ridícula, alguma coisa está errada. Gostaria que ele dividisse o que quer que seja comigo. Ele também está indo me buscar no Red todas as madrugadas. Na noite passada, chegou mais cedo e viu um cliente mais ousado que me pegou

desprevenida com um beijo no pescoço. Cleber bateu nele. E Cidão o proibiu de entrar no Red por um tempo.

Tenho um jantar com Samuel hoje, não me olhe assim, não é um encontro romântico. Ele disse que tem uma proposta irrecusável para me fazer, fiquei curiosa.

Saio do banho cantarolando e Cleber está parado na porta.

— Que merda! Avise quando entrar aqui!

— Gosto de vê-la assustada.

— Sabe, esse negócio de você ficar entrando aqui já está enchendo.

— Você gosta. Se não gostasse, já teria trocado a fechadura.

O encaro com uma careta e sorrio. Fecho a porta do quarto e tranco. Imediatamente, Cleber começa a bater. Bate tanto que perco a paciência e a abro quando estou vestida com a lingerie. Ele encara meu sutiã e calcinha e assovia, se recostando no batente da porta.

— Uau! Se isso é para que a tranque nesse quarto, vou fazer isso agora mesmo.

— Não vai não. Preciso que me ajude com o vestido.

Pego o vestido preto e estendo para ele. É um vestido justo e decotado, mas nada vulgar. Bom, provavelmente Samuel vai achar vulgar. E ele tem um zíper enorme que vai quase até a bunda, é muito difícil fechá-lo. Já que meu vizinho atrevido vive entrando aqui, que sirva para alguma coisa.

— Aonde você vai hoje?

— Jantar.

Ele passa o vestido bem devagar por meu ombro e ele desliza caindo no chão. O pego com uma careta e enfio os braços. Noto de relance Cleber olhando minha bunda. Ele se aproxima para fechar o zíper e toca minhas costas com a ponta do dedo. Puxa o zíper bem devagar e sussurra em meu ouvido:

— Eu sabia que essa calcinha ficaria minúscula em você.

Sorrio. Estou usando a calcinha vibratória, mas antes que pense besteira, não estou levando o controle. Ela é a menor que tenho e a melhor para se usar com esse vestido que marca. Cleber está demorando com o zíper e resmungo.

— Você devia agradecer por ter um homem como eu fechando seu vestido. As mulheres agradecem quando eu os tiro.

— Meu Deus! É sério que você pega mulheres com esse papinho idiota?

— Claro que não! Pego-as por causa dos meus músculos. E as mantenho aos meus pés por causa do meu pau.

— Que bom que é tão bem dotado, já que mulher nenhuma cairia nesse seu papo furado.

Ele me vira e me avalia. Há um brilho em seus olhos e tenho a impressão de que quer arrancar meu vestido agora mesmo.

— Mesmo que eu quisesse te dar uma cantada, não haveria palavras que eu pudesse usar para descrever como você está linda nesse vestido. Está maravilhosa, Suzana. Daria qualquer coisa para ser o cara que vai acompanhá-la hoje. E ficar contando os minutos para tirá-lo de você.

Não consigo responder. Ele segura minhas mãos e sobe as dele por meus braços, rodeando minha cintura e me puxando para ele.

— Sim, safadinha linda. As mulheres caem no meu papo. — Então morde meu lábio antes de se afastar.

Maldito! Filho da mãe!

— O papo ruim na verdade, é reservado especialmente para você. Com quem vai sair hoje vestida assim? Algum jantar no Red?

Arregalo os olhos.

— Por quê? Está tão vulgar assim?

— Não está vulgar. Está sexy pra caralho. E linda. Pra caralho. E gostosa. Pra caralho.

— Tem caralho demais na sua boca esta noite.

— E de menos no meio das suas pernas. Com quem vai sair?

— Vou apenas jantar com Samuel.

Ele arregala os olhos e parece irritado.

— Não pode sair com ele. Terei que levá-la e buscá-la.

Nego com o dedo indicador bem na cara dele.

— Como você mesmo disse, quem melhor do que o filho do governador para me proteger?

— Detesto que você jogue as merdas que eu falo na minha cara.

— Se não gosta, não fale tantas merdas. Você adora me dar munição.

Ele me avalia de novo dos pés à cabeça.

— Vai sair vestida assim com aquele gay que se faz de moralista?

— Vou sair vestida assim com o filho do governador.

— Boa sorte então.

— Não preciso de sorte, seu imbecil.

— Veremos — ele diz antes de se afastar e tenho a sensação de que vai aprontar algo.

O restaurante é elegante e muito bonito. Os seguranças de Samuel estão na porta, olhando para todos os lados. Isso me incomoda um pouco, mas é apenas um jantar. E é apenas hoje. Já viro logo a taça de espumante para aguentar o costumeiro papo sobre o tempo, mas ele me surpreende ao dizer:

— Não se preocupe, Suzana. Nada de assuntos repetidos hoje. Prometo que não vou tentar conquistá-la.

Quase cuspo o espumante, e decido ser sincera.

— Então não consigo imaginar que tipo de proposta pode ser essa que quer me fazer.

Ele dá uma gargalhada alta, que chama atenção das pessoas à nossa volta. Nunca o tinha visto rir assim.

— Você esperava uma proposta sexual?

— Algo assim.

— Ah Suzana. Na verdade a proposta que tenho para fazer é o oposto do que você espera — ele diz segurando o sorriso.

— Tipo o quê? Um voto de castidade ou algo assim?

Ele ri ainda mais. Aproxima a boca do meu ouvido para falar e instintivamente me debruço sobre a mesa para ouvir. É aí que sinto. Algo vibrar no meio das minhas pernas. Consigo conter o grito de susto, mas me sento de volta de uma vez.

Samuel franze o cenho e me olha como se eu fosse louca.

— Está tudo bem?

— Sim. Tudo bem. O que ia dizer mesmo?

O garçom chega com nossos pratos e ele se senta ereto, ainda me avaliando. Mas começa a comer e faço o mesmo. O assunto ficou para depois. Espero sentir novamente a vibração, mas não sinto, deve ter sido coisa da minha cabeça. Ou será que é um ataque da devassa? Não tenho um ataque desde que Cleber e eu transamos. Dessa vez viro a taça de vinho de uma vez e tenho a impressão que Samuel está avaliando minhas atitudes. Jantamos em silêncio. É chato, mas melhor do que ouvi—lo falando por horas sobre o tempo. É aí que sinto de novo, a vibração. Dou um pulo na cadeira e

Samuel para o garfo no ar.

— Tem certeza que está tudo bem?

— Tenho. E como vão as coisas na Academia?

Ele abre um largo sorriso.

— Assunto certo, Suzana. — Então começa a falar sobre as coisas na Academia.

E sinto outra leve vibração no meio das pernas. Nunca um ataque da devassa veio aos poucos, enquanto permaneço perfeitamente consciente. Pego novamente a taça de vinho e a vibração vem mais forte, me fazendo derramar o vinho. Samuel não percebe, está falando algo sobre ter perdido alguma coordenadora, e a vibração no meio das minhas pernas está muito intensa, e não para. Mexo-me desconfortável, cruço e descruço as pernas. Estou ficando encharcada. Mordo o lábio para não fazer nenhum barulho e finalmente aquilo para.

Meu coração bate alto retumbando em meus ouvidos, estou suando e minhas pernas se transformaram em gelatina. Nem consigo mais comer.

—... mas acredito que esse ano nossos alunos ganharão o prêmio nacional...

Capto apenas um pouco do que Samuel está falando, antes de aquela vibração voltar, bem mais forte. Muito mais intensa no meu clitóris já sensível.

—Ahhh! — Não consigo conter o gemido e Samuel me encara espantado. — Que ótima notícia! Parabéns por seus alunos! — tento corrigir.

Ele parece confuso, mas volta a falar e é aí que me dou conta. Não é um ataque diferente da devassa, é a calcinha! Olho para os lados imediatamente, mas não o avisto em lugar nenhum. Ele está aqui, sei que está. Filho de uma mãe! Levanto-me de repente e a vibração para. Um líquido escorre por minha barriga e imagino que seja o vinho que derramei nos seios. Samuel está me olhando como se eu fosse louca de novo.

— Derramei um pouco de vinho. Preciso me limpar, com licença.

Ele se levanta da mesa e assente e me dirijo com o que resta de força nas pernas até o banheiro.

Há apenas uma mulher lá dentro. Recosto-me na enorme pia e espero. Mas a vibração recomeça, naquele nível mais forte. A calcinha pequena aperta demais meu clitóris, mas para tirá-la, terei que tirar o vestido, que é colado demais, e depois demorarei horas para conseguir fechá-lo sem ajuda. Uso a pia como apoio e me contorço. A mulher me olha como se eu fosse louca, mas está forte demais. Quando o primeiro gemido me escapa, a mulher sai do banheiro com o batom que passava, apenas na metade do lábio. Quero avisá-la, mas quando abro a boca, sai apenas outro gemido.

Então o mestre dos imbecis, safados e filhos de putas, entra. Tranca a porta e me mostra o maldito controle da calcinha. Quero matá-lo, mas antes, preciso gozar. Dou um passo em sua direção, mas ele aperta o controle e a vibração se torna insuportavelmente forte. Gemo alto e Cleber se aproxima. Ainda quero matá-lo, mas preciso dele para conseguir me manter em pé. Ele beija minha cabeça e diz:

— Você achou mesmo que eu a deixaria sozinha com esse gay? De jeito nenhum, Suzana. Nenhum outro homem terá toda sua atenção. Não permitirei.

— Eu te odeio — consigo falar.

Embora conheça um milhão de palavrões e xingamentos que descreveriam melhor o que sinto por ele, nesse momento não consigo me lembrar de nenhum.

— Pode odiar. Mas vai gozar agora gritando o meu nome. — Ele me pega de repente e me deposita na pia. — Na minha boca.

Sua boca cobre a minha com voracidade e o desespero que só ele consegue colocar em um beijo. Agarro o colarinho de sua camisa e só faço gemer enquanto a vibração no meio das minhas pernas

toma todos os meus sentidos. A barba por fazer de Cleber arranha meu rosto, dando uma sensação de fogo. Ele enfia a mão em meus cabelos, apertando ainda mais sua boca na minha. Depois de um tempo se afasta para respirarmos e sussurra:

— Você é minha.

Então sua boca faminta está em meu pescoço e desce lambendo o vinho até onde o decote permite.

— Minha — repete antes de tomar minha boca novamente e um orgasmo avassalador me atinge.

Enfio as unhas em seu pescoço, puxo seu cabelo e grito em sua boca. Ele me aperta em seus braços e vai me acalmando com beijos suaves.

Quando volto a mim, o empurro e desço da pia. Posso me imaginar estrangulando, esfaqueando ou até mesmo asfixiando esse imbecil nesse momento. Talvez eu deva apenas acertar suas bolas com o salto do meu sapato, mas sinto que isso prejudicará a mim tanto quanto a ele. Então limpo meus seios com papel e arrumo meu cabelo. Praguejo por não ter levado a bolsa para o banheiro. Que espécie de mulher vai ao banheiro sem a bolsa? Agora terei que voltar para Samuel com a boca borrada e essa cara de quem acabou de gozar. Continuo ignorando Cleber e arrumo o vestido, e é aí que noto. Minha bunda está molhada. Vejo pelo reflexo no espelho um círculo enorme destacando perfeitamente minhas nádegas.

— Que merda! O vestido é preto, não vai dar para ver — digo a mim mesma.

— Sua bunda é enorme, esse vestido é fosco e é tão colado, que parece ter uma bola de brilho na sua bunda.

Ele está certo.

— Isso é culpa sua!

— Sim, assumo a culpa. — Está observando sua arte e sorrindo como se fosse ele quem tivesse acabado de ter um orgasmo.

— Talvez eu possa correr até a mesa e ninguém vai reparar.

— Todo mundo vai ver. Você é muito bonita, chama atenção. Sem falar que vai molhar o estofado da cadeira.

— O que eu faço? Já estou há tempo demais nesse banheiro!

— Venha para casa comigo. Ligue para o gay, diga que teve uma diarreia e vamos embora.

— Que nojo! Não vou fazer isso. Vim com Samuel e vou embora com ele — é aí que me dou conta.

— Maldito! Você fez isso de propósito! Molhou minha bunda para eu ter que ir embora!

— Por mais incrível que possa parecer, não fiz. Molhei sua calcinha de propósito, sua bunda não.

— Saia desse banheiro agora mesmo! — grito irritada.

— Eu até queria, mas acho que vai precisar de mim.

— Não posso imaginar para o quê! — retruco cruzando os braços como uma menina birrenta.

— Secar sua bunda — ele diz apontando para o secador de mão. — É sua única saída. Ou ir para casa comigo. Você sabe, ir para casa comigo é bem melhor do que ficar de quatro nessa pia embaixo do secador.

— Não pretendo fazer nem uma coisa, nem outra — digo abrindo o zíper do vestido.

Cleber resmunga um palavrão e me ajuda. Fica ali segurando o vestido embaixo do secador de mão enquanto seco o meio das minhas pernas. Está demorando demais e o “brilho” como ele disse, já secou. Ele me ajuda a vestir o vestido de volta.

— É a segunda vez que te visto hoje quando queria estar te despindo.

—Continue agindo como um homem das cavernas imbecil e nunca irá me despir — digo e saio do banheiro.

Há uma fila enorme de mulheres esperando para entrar e todas olham de mim para Cleber com a

boca aberta, e focam o olhar nele por mais tempo. Meu Deus, é pedir demais ter um orgasmo sem que o mundo todo fique sabendo? Ignoro o que Cleber está falando e me dirijo para a mesa quando ele grita:

— Boa sorte no resto do jantar, safadinha.

— Eu não preciso de... — Estaco ao ver o maldito controle da calcinha em sua mão.

Por que eu não peguei isso? Por que fui tão burra? Penso em correr atrás dele, como uma louca pelo restaurante, mas Samuel me acha e resolvo voltar com ele à mesa e ser torturada pelo resto da noite, pois assim que me sento, a porcaria da calcinha volta a vibrar. Por que não tirei essa calcinha? Por quê? Cleber me tortura o resto do jantar, me levando ao abismo e não me deixando cair nele. E o medo de ter um orgasmo na mesa só desaparece quando escuto a proposta de Samuel.

— Preciso de uma mulher séria, comportada e responsável. E que entenda de dança e administração para ser a nova coordenadora da Academia. E não há uma mulher mais perfeita para esse cargo do que você.

Não posso acreditar! Ai meu Deus! Devo estar sonhando!

É a realização de todos os meus sonhos. A Academia. Não consigo ter nenhuma reação, a não ser me envergonhar pelo vestido ousado que estou usando. E então, quando a ficha do que ele está me oferecendo cai, começo a chorar e praticamente pulo em cima dele. Com a bunda meio molhada e tudo. Todos estão nos olhando, mas Samuel sorri e me abraça. Meu olhar cruza com o de Cleber, e ele parece triste. Não posso ir até ele agora, e comemoro com Samuel até o restaurante fechar.

— Esse foi o melhor jantar da minha vida! — digo a Samuel quando ele me deixa na porta do meu apartamento.

— Fico feliz por tê-la deixado tão feliz. — Então ele tenta me beijar, mas me afasto.

Ele dá apenas um beijo estalado no meu rosto, e vai embora. Minha cabeça está a mil, sei que terei que deixar a escola, mas é meu sonho. Também poderia “abandonar” Miss Sue, por conta do salário obscuro que Samuel ofereceu, mas não pretendo fazer isso.

Cleber está sentado no sofá, no escuro. Nem me importo com o susto que levo, nem me importo com sua cara fechada. Estou feliz como não me sentia há muito tempo.

— Você não vai acreditar! — digo a ele. — Samuel me ofereceu o cargo de coordenadora da Academia de dança! É a realização do meu maior sonho!

— Que bom — ele responde de uma maneira fria. — Isso quer dizer que vai passar ainda mais tempo com ele?

Estranho a pergunta, mas respondo:

— Provavelmente.

Ele se levanta e fica andando pela casa, parece irritado. Mas quando me olha percebo que é mais do que isso. Está ferido.

— Vou contar para ele sobre Miss Sue.

O encaro esperando ver seu sorriso debochado ou qualquer coisa que indique que está brincando. Mas ainda há a expressão de alguém ferido em seu rosto.

— Eu tenho fotos, Suzana. Vou contar a ele.

Não consigo responder. Não consigo entender aonde ele quer chegar. Se Samuel sonhar que alguma vez dancei em um clube noturno, não me deixará sequer entrar em sua Academia outra vez. Só percebo o que Cleber pretende quando ele diz:

— A menos que você fique comigo. Todos os dias. Sempre que eu quiser tê-la. Não me importa as condições que vai me impor, nem se vai me odiar, nada disso importa. Você não tem saída. Ou você

se torna minha, ou conto para Samuel sobre Miss Sue.

— Esse foi o melhor jantar da minha vida! — ela diz a ele com uma alegria que nunca ouvi em sua voz.

Nem sei começar a explicar o que estou sentindo. Desde o instante em que ela saiu com ele. Isso só ficou mais fácil enquanto ela estava gozando e gritando em minha boca. Ali, ela era minha. Só queria que ela tivesse vindo comigo. Estaríamos fazendo amor, estaria dentro dela agora, e essa sensação horrível de que estou sendo sufocado por dentro, não existiria. A coisa piorou quando de repente ela pulou nos braços dele, sorrindo como uma criança, como eu nunca a fiz sorrir. Para um homem decente, esse seria o momento de admitir que ele é melhor para ela do que eu, e se afastar. Mas não sou um homem decente. É uma pena que eu não seja o melhor para ela, porque sou TUDO o que ela vai ter. Preciso de alguma coisa que a faça ficar comigo. Seja por bem ou por mal. Suzana tem que ser minha.

Ela se assusta ao me ver sentado ali, no escuro, mas ao invés de gritar e brigar como sempre, ela sorri. Aquele sorriso que nunca esteve ali. Nunca a vi tão leve. E isso estranhamente faz meu peso por dentro aumentar. Esse sorriso deveria estar ali todos os dias, e deveria ser causado por mim, não por ele.

— Você não vai acreditar! Samuel me ofereceu o cargo de coordenadora da Academia de dança! É a realização do meu maior sonho!

Está empolgada e quase saltitando. E esse idiota foi muito esperto.

— Que bom. Isso quer dizer que vai passar ainda mais tempo com ele?

— Provavelmente.

Merda! Não me importo que ela tenha conseguido um cargo que almejava, como está dizendo, mas me incomoda demais que esse emprego dos sonhos seja ao lado dele. Ele, como seu patrão, terá acesso irrestrito a ela. Ela passará muito mais tempo com ele do que comigo. Sei que é idiota e imaturo o que vou fazer, mas espero que entenda que não tenho outra saída. Você faria o mesmo para não perder alguém que não pode viver sem. Ela poderia trabalhar com ele se fosse minha, se eu tivesse certeza que não me deixaria. Se eu tivesse como garantir que mesmo que ela ache que o ama, ainda assim ficará comigo, então não me machucaria tanto eles passarem tanto tempo juntos. E só há um jeito de conseguir isso: sendo um estúpido muito pior do que já fui até hoje.

— Vou contar sobre Miss Sue — digo.

Seu sorriso some e ela me encara em expectativa. Acho que espera que eu diga que estou brincando. Reafirmo para que entenda que estou falando sério.

— Eu tenho fotos, Suzana. Vou contar a ele.

Ela fica em silêncio. Aquela alegria não existe mais e me odeio por tirar isso dela.

— A menos, que você fique comigo. Todos os dias. Sempre que eu quiser tê-la. Não me importa as condições que vai me impor, nem se vai me odiar, nada disso importa. Você não tem saída. Ou você se torna minha, ou conto para Samuel sobre Miss Sue.

Ela abre a boca e juro que nunca a vi tão sem reação. Achei que fosse gritar, me bater, mas ela não faz nada disso. Abaixa a cabeça e diz.

— Não é assim que vai me fazer confiar em você.

— Eu sei, mas não tenho saída. Não posso permitir que passe tanto tempo com ele, e não queira passar tempo algum comigo. — Sinto-me fraco admitindo isso a ela, mas que se foda!

— Estou perdendo suas merdas desde sempre. Você sabe que há outras maneiras. Não me obrigue.

— Você é mais difícil do que eu teria imaginado. Não consigo chegar até você. Você nunca dá brecha e sou um idiota nessas coisas! Eu vivo errando Suzana e você vive fugindo. Ele não vai errar com você e antes que eu perceba vocês dois estarão casados!

— Vou trabalhar para ele, não abrir as pernas! Qual é o seu problema? — ela grita.

— Você! Você é a merda do meu problema. A coisa é simples. Não estou te pedindo em namoro, estou apenas dizendo que você vai transar comigo, todos os dias.

Ela se afasta, vejo algo parecido com compreensão passar por seu rosto e ela assente.

— Vou fazer da sua vida um inferno — ameaça.

— Não pode ser um inferno pior do que o que estou vivendo sem você.

Ela pisca os olhos e não responde. Dá voltas pela sala. Estou dividido entre o arrependimento e o medo. Quero dizer a ela que deixe isso para lá, mas não posso. Algo aqui dentro me impede. E juro que não é meu pau. Não é só por isso.

— Você está me chantageando.

— Sim.

— Você não precisa disso para ter uma mulher, Cleber.

— Parece que preciso para ter você.

Então ela começa a rir.

— Você só pode ser louco. Então eu só posso transar com você? A hora que você quiser, o dia que você quiser?

— Sim.

— E você?

— Suzana, eu mal consigo pensar em outra coisa na vida que não seja em você, não terei outra mulher.

— Está me oferecendo seu coração, Cleber?

Lembro-me da mensagem que ela mandou. Aquela que não tive capacidade de responder. Adivinha só Suzana, agora eu tenho.

— Estou te oferecendo tudo. Estou me dando por inteiro. A única coisa que não estou te oferecendo é a possibilidade de recusar.

— Uma chantagem? Vai se sentir feliz contando aos seus filhos um dia que conseguiu uma mulher assim?

— Sim. E eles vão rir muito, porque essa mulher será a mãe deles e ninguém mais no mundo terá uma história como a nossa.

Ela faz uma careta e parece menos irritada. Essas coisas sempre funcionam com ela.

— Não tente me comprar com frases bregas.

— Não preciso tentar nada. Você é minha a partir de agora.

— Até quando?

— Até quando eu decidir que não a quero mais.

— E isso pode acontecer amanhã, depois que transarmos essa noite toda — ela diz para me irritar.

— Ou pode nunca acontecer. E você será minha para sempre.

— Você é ridículo!

— Não me importa. Venha aqui.

Não posso dar tempo para ela pensar demais. Sei que amanhã de manhã ela vai analisar e perceber que a chantageei e vai me odiar e vai mesmo fazer da minha vida a porra de um inferno, mas essa noite ela vai dormir em meus braços e vou tratar de fazê-la esquecer daquele gay, da Academia, de tudo. A puxo para meus braços pelos cabelos, minha boca toma a sua com raiva, não é dela que estou

com raiva, é de mim mesmo, mas ela vai pagar por isso. Minhas mãos apertam seu corpo, nunca a desejei com tanto desespero. Esperava que ela não me correspondesse, mas ela passa os braços por meu pescoço. Adoro quando ela faz isso. Adoro ficar assim, tão perto dela. Arrasto-a até a parede e a levanto.

— É uma pena ter que rasgar esse vestido.

— Não! Me deixe tirá-lo.

— Eu compro outros mil para você.

— Vou querer dois mil.

— Te dou tudo, Suzana — digo enquanto rasgo o vestido.

Minha boca alcança seu seio farto e chupo com força, ela grita, sei que sentiu dor, mas seu gemido me mostra que sentiu mais prazer do que dor. Quero estar dentro dela, preciso disso desesperadamente. Termino de rasgar o vestido e ela tira minha blusa. A mantenho na parede com o joelho enquanto desabotoo a calça e a deixo cair. Seguro sua bunda e a levanto para me livrar da roupa, estou nu. Ela usa apenas a minúscula calcinha vibratória. Essa eu não consigo rasgar.

A solução é arredar a calcinha com todo cuidado, pois é muito apertada, deixando sua entrada livre para meu pau. Queria dizer algo a ela, algo que aplacasse a forma selvagem como vou comê-la agora, mas não consigo. Entro nela de uma vez. Ela grita e puxa meu cabelo e a sinto se apertar para acomodar meu pau. Novamente devo estar machucando-a, e não consigo me conter. Olho em seus olhos e quando ela assente, eu me movo. Rápido. Forte. Quero que ela grite, quero que goze no meu pau. Quero que seja minha por inteiro. Mordo seus lábios, brinco com seus seios, beliscando, porque estou desesperado demais para fazer qualquer coisa devagar. As estocadas aumentam de intensidade e ritmo e logo ela goza, apertando meu pescoço entre os braços e gritando meu nome. A desencosto da parede e chego mais fundo e então o orgasmo me atinge em cheio. Mordo seu ombro e me derramo dentro dela. Sem parar de movê-la sobre meu pau, prolongando a sensação.

Quando me acalmo, a levo até o sofá e me jogo em cima dela.

— Está mais calmo agora? — ela pergunta acariciando meu cabelo.

— Sim. Em uma escala de 0 a 10, qual a chance de você já ter me perdoado?

— Por essa chantagem idiota?

— Sim.

— Menor do que 0, você pode ser o homem que mais desejo e o que me dá os melhores orgasmos. Mas, nunca será o homem que eu amo, enquanto continuar agindo assim.

Olho em seus olhos e ela está séria. Esse seria o momento de dizer que ela está livre dessa chantagem, mas não posso. Preciso de mais disso que acabamos de ter. De muito mais.

— É uma pena. Vai ficar comigo sem me amar mesmo. Mas se amar pelo menos o meu pau, já seremos imensamente felizes.

— Idiota.

Beijo sua boca e a calo e então a levo para o banheiro, preciso tê-la de novo.

Capítulo 13

Suzana

Sexo lagartixa. Corrigindo. Sensacional sexo lagartixa.

Tive dificuldades em assimilar a realidade essa manhã, primeiro porque Cleber estava nu agarrado a mim quando acordei, segundo, porque nunca fiz tanto sexo na vida. Sim, a placa de neon estava correta, ele é mesmo um ótimo sexo. Ainda mais no lagartixa. Fiquei mais do que feliz quando ele me pegou contra a porta do banheiro, a parede do corredor e meu guarda-roupa. E foi só por isso que não o asfixiei com o travesseiro durante a noite por essa história maluca de chantagem.

Fiz o possível para ignorá-lo essa manhã. Veja bem, jamais aceitaria ser chantageada por um homem, e só estou tentando assimilar a merda da vez dele, porque o amo. E porque sei que ele tende a ser um idiota. Mas sinto que Cleber precisa de uma lição. Por isso o gelo, e também porque estou pensando. E não gosto de conversar quando estou remoendo as merdas da vida.

Ele me leva a escola, também não diz nada o caminho todo. Quando vou descer, ele trava a porta.

— Eu sinto muito — diz sem olhar para mim, mas com a voz carregada de culpa.

— Então, está me liberando dessa chantagem?

— Não. Definitivamente não. Só estou dizendo que sinto muito ter tido que fazê-la.

O encaro, mas ele ainda não me olha.

— É, Cleber, também sinto muito que você a tenha feito.

Desço do carro, irritada, mas preciso colocar um sorriso no rosto. Há alguns pais dos meus alunos ali. E é meu último dia. De repente ouço a porta do carro bater e em questão de segundos Cleber pega meu braço e me vira, alcançando minha boca com a sua, em um beijo suave. Não voraz como sempre, mas bem mais apaixonado.

— Cleber, você está acabando com minha reputação — sussurro em seus lábios.

— Ela é falsa mesmo, não vai fazer falta — retruca e me dá um beijo leve.

Quando se afasta, acaricia meu rosto e diz:

— Tenha um bom dia, minha linda.

Linda. Nada de safadinha ou bruxinha. Estamos melhorando, estúpido, mas ainda não é por esse apelido brega que quero que me chame.

O dia na escola foi calmo, porém teve um peso em mim. Meu último dia. Foi triste me despedir dos meus pequenos, sentirei muita falta de cada um deles. Agora estou tentando preparar o almoço, e pensando, pensando e pensando.

A campainha me traz de volta ao mundo real. Espio pelo olho mágico e avisto uma mulher elegante, muito bonita e com uma barriga enorme. Não a conheço, mas tenho a impressão de já tê-la visto em algum lugar. Abro a porta e ela sorri.

— Olá Suzana — diz e entra sem eu tê-la convidado. — Sei que não me conhece, mas somos quase amigas íntimas.

Ela se joga no sofá e coloca os pés para cima, tentando desamarrar a sandália.

— Não se importa por eu colocar o pé aqui, não é? Não consigo abaixar por causa da barriga e essa sandália está me matando.

— Não, fique à vontade.

Ela tira as sandálias e se recosta, alisando a barriga.

— Me desculpe a falta de modos. Essa menina aqui pesa demais e está difícil me locomover. Mas precisava vir aqui para falar sobre o Cleber.

— Ah meu Deus! Esse bebê é dele, não é? Eu juro que não sabia! Aquele cretino, vagabundo, estúpido...

Ela começa a rir e estende a mão.

— Não! Minha filha não é dele, graças a Deus! É do Sebastian.

Sebastian Vaughn, o sócio de Cleber. O que estava com ele esses dias atrás. Então a reconheço.

— Você é Celina Morelli, a namorada do Sebastian, vi fotos suas no jornal.

Ela abre um enorme sorriso e assente.

— Veio falar sobre o Cleber? — pergunto confusa.

— Sim, sou a conselheira amorosa dele.

Faço uma careta e me sento a sua frente.

— Então não está fazendo um bom trabalho.

— Acredite, eu tento. Mas Cleber é o mais estúpido dos três. Por isso quero falar com você. Vai me achar meio invasiva, mas ele é meu amigo, é estúpido, e quero saber exatamente o que sente por ele.

Arregalo os olhos e ela ri. Não é meio invasiva, é totalmente invasiva.

— Não se assuste. Quando conheci Sebastian, ele era um cretino, que vivia rodeado de mulheres e adorava me irritar. Foi muito trabalhoso domá-lo, mas valeu a pena. Ele é o melhor homem do mundo. É um mal de todo pervertido, Suzana, eles não são acostumados ao amor. Nunca reagem bem a ele.

— Mas, é uma coisa tão simples!

— Não para eles. Você o ama?

— Celina, se eu não o amasse, ele estaria morto uma hora dessas. Juro que nunca vi um homem mais idiota, egoísta e cafajeste do que ele. Ele me irrita ao ponto de eu querer matá-lo, vive me magoando, não faz nada certo e não entendo como pode parecer tão perfeito para mim! Juro que não sou tão idiota quanto ele, ele não deveria ser minha alma gêmea.

— Uau! Você o ama. Vou ajuda-la com isso. Mas preciso que me atualize. Conte—me tudo.

Tenho a impressão de que essa maluquinha realmente pode ajudar. Mas também tenho certeza que não conseguirei contar tudo a ela.

— Não posso te contar exatamente tudo — digo.

— Não tem problema, conte-me o que se sentir confortável para contar.

— Ok, então vamos para a cozinha, vou preparar o almoço enquanto conversamos.

— Ah que bom! Estou faminta!

Vou contando a ela as cagadas de Cleber, uma atrás da outra. Desde altas festas regadas a sexo, as gêmeas estranhas, a tentar conquistar com uma tremenda conversa fiada tanto eu quanto Sue, e quando falo disso, ela bate palmas. Estou picando cebola na mesa e ela a toma da minha mão e a leva a boca, mastigando como se fosse uma maçã.

— Você foi genial com essa coisa de dupla personalidade. Quando eu soube que você e Miss Sue eram a mesma pessoa, soube que você deveria ser do Cleber.

— Olha, acho que esse negócio de mastigar cebola não deve fazer muito bem ao gênio do bebê.

Ela dá de ombros.

— Era pior no começo. Eu comia as cebolas com mel. Agora pelo menos as como cruas. Minha filha não terá um gênio fácil, mas o Sebastian já imagina isso. Eu conseguirei domá-la o resto é

problema dele.

Sorriso. Como ela é divertida. Deve ter enlouquecido Sebastian até conquistá-lo. Continuo meu relato.

— Bom, depois que ele descobriu sobre Miss Sue, achei que era nosso fim, que ele fosse me odiar. Mas não, ele perdoou fácil até demais, o que me surpreendeu, e quando achei que íamos ficar bem, ele mandou investigar a minha vida.

— Merda — diz ela deixando a cebola na mesa e pegando um limão na fruteira. — Sei que é difícil acreditar, mas ele te ama. De verdade. Precisa ver como fala de você. E ele fala muito de você.

Abaixo a cabeça e desisto das cebolas. Meus olhos já ardem e Celina já está comendo todos os meus temperos mesmo.

— Eu sei que ele me ama. Eu vejo isso, mas ele não. Ele sequer consegue falar essa palavra. E seria tão mais fácil falar isso do que me chantagear.

Ela engasga e cospe o limão na minha cara.

— Ele chantageou você?

— Sim. Consegui um cargo importante em uma conceituada Academia de dança e Cleber ameaçou revelar sobre Miss Sue para o dono conservador dessa academia se eu não transar com ele sempre que ele estiver a fim.

— Meu Deus! Está desesperado.

— Eu sei. Essa chantagem estúpida resultou de uma crise de ciúmes. Mas por que não me dizer simplesmente que me ama? Por que agir como um idiota?

— Porque ele é idiota. Todos eles são. Dos três, o Matheus é o único estúpido que veio com defeito, veio domado de fábrica. Mas o Cleber, esse é o mais difícil. Sempre foi o mais avesso ao amor. Não desista dele.

— Estou tentando. Mas ele torna tudo difícil demais.

De repente ela se levanta.

— Espera. Ele investigou sua vida, te torturou com um vibrador, te chantageou e você o trata como?

Não entendo sua pergunta e ela esclarece.

— Como você age com ele?

— Normalmente, eu acho. Estou aceitando essa chantagem ridícula e esperando que um dia ele acerte.

— Não, isso não acontece assim. Você está sendo boazinha demais, enquanto for tão boazinha, ele não vai aprender. Por que aprenderia se sabe que você vai perdôá-lo?

— Então o que eu faço?

— Suzana, você precisa ser má com ele. Má de verdade.

— Eu já não sou muito fácil, sabe.

— Então precisa piorar. Vai por mim, eles só aprendem no desespero. Na verdade, eu tenho um plano.

Ela volta a se sentar animada e enquanto chupa o limão, entre uma careta e outra, me conta um plano brilhante para domar meu pervertido. E me avisa umas três vezes:

— Seja forte, assim que ele perceber que pode perdê-la, vai tratá-la como uma deusa, vai fazer tudo por você, não caia na dele. Não desista até que ele diga com todas as letras que a ama.

— Ok. Não vou cair.

Após uma tarde divertidíssima, estou fazendo suas unhas das mãos quando Cleber aparece. Ele

olha espantado para Celina, e para mim e volta pelo corredor fechando a porta. Poucos segundos depois a abre, sua expressão desconfiada e confusa. Não, espera, há algo mais. Ele está com medo?

— Suzana — ele diz se aproximando de mim e me dando um beijo na testa.

— Celina — diz beijando a testa dela. — Nath — beija a barriga dela. — Celina, o que está fazendo aqui?

— Oi, para você também, Cleber. Eu poderia dizer que vim visitá-lo e como você não estava bati na porta da sua vizinha, mas não é verdade, vim conhecê-la, ela enganou você direitinho, sabe que a admiro.

Ele faz uma careta e olha sério para mim.

— Nada do que ela disse é verdade.

— Cale a boca, Cleber, não estrague o pouco que consegui consertar da sua situação. Estou indo agora, só vim mesmo mostrar a Suzana que seu vídeo cantando Pablo e chamando pelo nome dela alcançou um milhão de visualizações.

— Mas, o que... Celina, por que veio mostrar isso?

— Já que assumiu a sofrência, querido, sofra direito. Ela agora ama você, se não ama, ao menos sente pena, então já é um passo dado.

Ele abaixa a cabeça e não responde. Celina Morelli acaba com esses estúpidos. Não doma apenas Sebastian, doma todos eles. Ela é brilhante.

— Eu entro em contato com você em breve, por ora, você sabe o que fazer — ela me diz com uma piscadela.

Confirmo com a cabeça e ela se despede de Cleber, que a leva até o carro. Quando volta, começa a puxar assunto, avaliando minha reação.

— Ainda bem que ela não é roda dura como você, ou o Sebastian jamais poderia deixá-la dirigir com essa barriga.

Faço uma careta e vou tomar meu banho. Faço questão de trancar a porta e não a abro quando ele bate. Mas, quando saio do banheiro, Cleber está seminu na sala, mexendo no notebook.

— Estou acabando aqui e vamos para a cama, linda.

Ok, Celina disse que devo ser forte. F-O-R-T-E.

— Acho melhor você dormir na sua cama essa noite, lindo.

Ele me olha imediatamente e fecha o notebook.

— Isso não está em discussão. Vou dormir com você.

Finjo estar irritada.

— Transamos muito ontem, gostaria de dormir hoje.

— Você vai dormir, ainda é cedo. Mas, só vou permitir que durma quando estiver exausta de tanto gozar, não antes disso, adorável safadinha.

Merda. Esse apelido me desarma. Tento argumentar, mas sua boca está na minha e me esqueço do mundo. Mas que fique registrado que depois de transarmos bastante, antes de dormir, Cleber disse que não gostou da minha recusa. Placar da noite, 1x1.

Estou usando meu melhor vestido, ele é bem comportado, porém, leve. Não tem aquele ar sério que meus vestidos comportados têm. Passo uma maquiagem leve e deixo os cabelos soltos. Não me lembro de já ter me sentido tão bem. Exceto, quando um certo estúpido me puxa para seus braços para dormirmos juntos. Cleber está na sala, zapeando os canais, já usando sua roupa de trabalho. É impressionante como fica lindo de terno e gravata, a camisa social cola em cada músculo de seus braços e em seu peito largo, tornando-o ainda mais irresistível. Minha vontade é pular no colo dele e

amassar essa roupa, mas vamos ao plano da Celina. Preciso ser má. Pelo menos um pouco. Preciso que ele queira dizer o que sente ao invés de mostrar com gestos errados de desespero.

— Uau! Você está linda! — ele diz me olhando admirado. Puxa-me pela mão e me conduz de volta ao quarto.

— O que está fazendo, Cleber? Não tenho tempo para isso!

— Embora eu queira muito tirar o seu vestido, não é isso que vou fazer agora, vou apenas mostrá-la. — Ele me posiciona em frente ao grande espelho e fica atrás de mim. — Essa é você, Suzana. Exatamente você. Não tão séria, com roupas que escondem sua sensualidade. Não tão ousada que precise se preocupar com o que os outros vão pensar. Perfeita assim. Fico feliz que esteja se encontrando entre tantas faces.

Não consigo reagir. Tudo o que quero é dizer que isso é graças a ele. Quero pular em seus braços e dizer que o amo. É tão difícil ser má quando ele é tão intenso. Mas, Celina disse que ele faria isso. Então apenas sorrio e o abraço.

— Obrigada — digo em seu ouvido e ele me beija.

Tenho que me afastar mais cedo do que queria, e pego minha bolsa.

— Tenha um bom dia — digo e ele franze o cenho.

— Vou levá-la.

— Não é necessário. O Samuel vai me levar e me trazer todos os dias.

— De jeito nenhum! Não vou permitir isso. Eu a levarei e a buscarei, você não vai ficar rodando para cima e para baixo no carro dele.

— Isso não está em discussão. Ele mora aqui e vai para o mesmo lugar que eu todos os dias. Eu vou com ele. — Dou um passo em direção à porta, mas ele entra na minha frente.

— Achei que tínhamos combinado que eu a levaria e a buscaria sempre, ou já se esqueceu?

— Cleber — digo tentando conter o sorriso. — Não me importo de ter você como motorista particular, de verdade. Mas para a Academia eu prefiro ir com o Samuel. Ele é um ponto de segurança, lembra?

Ele abaixa a cabeça e acho que desistiu, mas quando vou passar por ele, me segura.

— Então eu vou buscá-la.

— Não vai, eu virei com ele.

— A que horas vocês dois vão sair da Academia?

Dou de ombros.

— Sei lá, não estou preocupada com isso. E você também não deveria se importar.

Cleber se transforma em um leão diante de mim.

— É claro que tenho que me preocupar! Você é minha!

— Na cama! Você não me pediu em namoro, lembra? Você disse que isso é apenas sexo diário. Não tenho que ficar te dando satisfações. Se quiser me cobrar alguma coisa, seja homem para assumir o que sente.

Isso saiu sem querer, e foi como um tapa na cara de pau dele. Pela forma como recuou, sei que o atingi onde deveria. Ele sequer consegue responder.

— Estou indo — digo passando por ele.

Apesar de pensar em Cleber o dia todo, foi um dia maravilhoso. Samuel me mostrou como funciona cada departamento na Academia. Fui muito bem recebida por todos e tenho minha própria sala! Almocei com Samuel e adivinhem? Não falou nada sobre o tempo, apenas sobre a Academia. Parece que quando ele fixa em um assunto, só fala sobre essa coisa. Mas nesse caso esta obsessão é

bem-vinda, pois quero saber tudo sobre este lugar. No fim da tarde, ele confirma se vou embora com ele, e então, o papo ruim começa:

— Poderíamos jantar hoje, para comemorar seu emprego novo.

Minha primeira resposta é não, mas então penso melhor. Cleber provavelmente vai ficar louco. E não poderia me cobrar nada porque não é nada meu. Quem sabe assim não abandona essa chantagem e assume um relacionamento comigo?

Quando a Academia fecha, e quase todos já foram embora, avisto apenas Samuel parado na porta, esperando por mim. Ele sorri e vem em minha direção. E então o vejo. Seu rosto praticamente encoberto por um enorme buquê de rosas. Cleber. Estaco onde estou e ele se aproxima.

— Oi, bruxinha. Parabéns pelo seu primeiro dia.

— Ele está mesmo marcando território — comenta Samuel irritado.

Eu sei que está, mas não me importo. Ele se aproxima e me estende as flores.

— Obrigada.

— Talvez você possa me mostrar a Academia — sugere.

— Já fechamos — respondo.

— Então você poderia me mostrar sua sala — insiste.

O sorriso em seu rosto deixa muito claro o que ele pretende e tento alertá-lo com o olhar de que não vamos fazer isso aqui de jeito nenhum. Mas quanto mais eu faço careta e fecho a cara para ele, mais seu sorriso safado aumenta.

— Acho que nosso jantar vai ficar para outro dia, Suzana — diz Samuel.

Vejo uma leve alteração no sorriso convencido de Cleber, e me obrigo a desviar os olhos dos dele e responder Samuel.

— Podemos jantar amanhã? — pergunto.

Cleber solta um palavrão e Samuel concorda.

— Então presumo que vai embora com seu *vizinho* — diz Samuel colocando todo desdém na última palavra.

— Sim, ela vai comigo. Algum problema? — pergunta Cleber irritado.

— Ela deveria andar melhor acompanhada.

Ambos dão um passo à frente, mas quando se encostam, Samuel recua. Cleber é muito maior e mais forte.

— Más companhias às vezes são as melhores — responde Cleber.

— Parem vocês dois! — grito e me viro para Samuel — A gente se vê amanhã, ok? — então pego Cleber pela gravata e o arrasto — Você vem comigo.

Entro com ele na primeira sala, a de balé.

— Por que você tem que ser tão encrenqueiro?

— Porque ele quer você. E eu quero você. Temos que ser hostis um com o outro, é a regra.

— Cleber, às vezes você é um grande idiota!

Ele me puxa pela cintura e mordisca minha orelha antes de dizer:

— Na maior parte do tempo. Mas às vezes sou extremamente romântico, dedicado e gostoso. — Ele morde meu pescoço e gemo.

— E convencido — afirmo.

— Isso sempre.

Então de repente ele se afasta.

— Dance para mim, Suzana. Sem peruca, sem máscaras. Quero ver você dançar.

Demoro um minuto para entender o que ele está pedindo. Ele pega o celular e coloca Naughty Girl

para tocar.

— É meio gay você ter essa música no celular — digo engolindo em seco pela forma como está me olhando.

— Ela me lembra você. E você sabe que não sou gay. Agora comece a dançar, safadinha — ele diz se jogando em uma cadeira.

O ritmo sensual da música, a maneira como ele me olha, os espelhos. Amo dançar, amo essa música e o amo. Começo a me mover ao som da música, não consigo desviar os olhos dele. Quero seduzi-lo, quero que ele se mova comigo. A devassa é quem assume quando danço assim, é esse lado meu que pulsa junto com a música. A cada mexida de meus quadris, Cleber engole em seco. Mal pisca. Posso sentir que me deseja, parece fascinado. Desço a mão por meu corpo e jogo o cabelo e ele se levanta. Não paro de dançar, e ele me rodeia, os olhos fixos em meus movimentos. Quase sem encostar em mim, abre meu vestido, estendo os braços e deixo que ele caia por meu corpo. Demora um pouco até que as mãos de Cleber deslizem por minha cintura. Vejo pelo espelho que ele tirou a roupa, ficando apenas com a boxer.

— Você é tão linda, Suzana. Tao sexy. Não faz ideia do quanto a desejo. Desesperadamente.

Suas mãos sobem levemente pela minha barriga e apertam meus seios. Ele está vendo minhas reações pelo espelho. Abre o sutiã na parte da frente e liberta meus seios. O vento frio em meus mamilos me faz gemer, mas os dedos de Cleber logo tomam seu lugar, enquanto ele brinca com meus mamilos, sussurra em meu ouvido:

— É ainda mais linda quando é você mesma, minha safadinha. É a coisa mais linda do mundo.

Ele me arrasta até uma barra, usada pelas crianças, vejo pelo espelho meu rosto rosado e suado, e os olhos de Cleber brilhando. Estendo a perna por cima da barra e ouço o arquejo de Cleber.

— Por que nunca peguei uma dançarina antes? Vou querer uma dançarina pelo resto da vida.

E nem vai pegar outra, meu estúpido. Serei a única dançarina que você terá pelo resto da vida. Cleber se afasta o suficiente para tirar a boxer e beija toda extensão das minhas costas antes de seus braços me rodearem e ele me puxar de encontro a seu corpo. Sua boca alcança meu pescoço no exato momento em que ele me penetra.

— Esperei o dia todo por esse momento — diz.

— De me comer em uma barra de balé?

— De estar dentro de você. Until the end of time — sussurra uma parte da música que está tocando. — Não estou te comendo, safadinha, estamos fazendo outra coisa.

Preparo-me para finalmente ouvir a palavra amor em sua boca, mas ele não diz mais nada, começa a meter rápido e com força e perco a linha de raciocínio, só consigo senti-lo. Entrando e saindo, me preenchendo por completo. Cleber passa o braço por baixo da minha perna e alcança meu clitóris, e o toque leve de seus dedos, combinado a tê-lo dentro de mim, me leva ao ápice, e grito seu nome, enquanto minhas pernas parecem ficar moles. Ele grita em seguida e desaba, me levando com ele ao chão. Deita a cabeça em meus seios e beija de leve o meio deles.

— Vamos ser sinceros agora, safadinha. Como conseguiu essa cicatriz? — ele diz beijando a pequena cicatriz.

— Caí do bastão quando estava aprendendo Pole Dance.

— Você dança Pole dance? Meu Deus, case-se comigo.

— Vou concluir que está pedindo Deus em casamento — brinco.

Ele fica um bom tempo em silêncio e depois se afasta. Segura meu rosto entre as mãos e olha em meus olhos. Olha-me por tempo o bastante para decidir dizer ou não. Então, aquele desespero em seu olhar some e tudo o que ele diz é:

— Vamos, safadinha. Precisamos ir antes que alguém nos pegue aqui.

Outra chance desperdiçada, estúpido. Acho que terei que pegar mais pesado para te fazer falar.

Estou quase adormecendo em seu carro, quando me lembro de uma coisa. Uma das muitas salas que Samuel me mostrou, a sala de vigilância.

— Ahhh! Merda! Merda! — grito de repente e Cleber quase bate o carro, virando o volante com o susto.

— O que foi? Suzana, o que foi? — Ele volta com o carro para a pista, mas diminui a velocidade e olha de mim para a pista.

— Há uma câmera na sala de balé. Tudo o que fizemos hoje, foi filmado.

O carro sobe na calçada de novo enquanto Cleber solta uns vinte palavrões que nunca ouvi falar.

— Eu te aaaa. — Respiro fundo e tento de novo. — Suzana, eu te aaa... — Preciso ser mais homem do que isso. — Suzana, eu aaaam, eu aaaam... — Merda! Não consigo!

Ela está dormindo embolada no lençol após me dispensar. Após fazermos algo totalmente diferente de sexo, a bruxa simplesmente me dispensou quando chegamos em seu apartamento. E disse que já tinha tido o que queria hoje. Estava nervosa por causa da maldita câmera na sala de balé, não sei se acha que fiz de propósito, que quis prejudicá-la, mas não fiz. Vou recuperar essas imagens antes que Samuel as veja, ou ele vai se apaixonar pelo meu pau. E não preciso que ele a veja como uma rival.

Estou com esse hábito incomum de observá-la enquanto dorme. Normalmente quando ela me dispensa, volto para o meu apartamento após algumas horas observando-a, mas essa noite, acabo adormecendo ali. Ela não briga ao acordar em meus braços, não diz nada, na verdade. Toma café em silêncio e mal responde o que pergunto. Não sei se ainda está brava com essa história da câmera, ultimamente, ela tem andado estranha. Quando está em meus braços, é a minha adorável safadinha. Deliciosa, quente, minha. Mas, parece que basta perder o contato com meu pau para que ela se transforme. E então ela me trata meramente como um homem com quem faz sexo casual. Silêncio! Não venha jogar na minha cara que sou apenas isso, que eu mesmo impus isso a ela. Não importa. Sei que não a terei de verdade enquanto não for o homem que ela precisa. E ela precisa de um homem que não gagueja ao dizer o que sente. Preciso ser esse homem.

Ela vai para a Academia com o gay. Tentei argumentar, mas ela me lançou um olhar que dizia: *não quero você nem perto da Academia*. Então tive que aceitar. Mas os segui, para me certificar de que ele não desviaria o caminho e não colocaria aquelas mãos delicadas nela. E assim que ela entrou na Academia me enviou uma mensagem de texto contendo apenas um dedo médio feito de vários caracteres.

Ela me viu, então. As coisas estão ruins pra caralho. Estávamos melhor antes de eu fazer essa chantagem estúpida. Fiz por desespero. E quando pensei em livrá-la disso, me dei conta de que era a melhor maneira de conquistá-la. Conviver com ela, tê-la todas as noites. Mostrar essa coisa que não consigo dizer. Mas, ela está mais fria há alguns dias, desde que a Celina a visitou.

Merda! Celina!

Entro em sua sala e ela acorda, estava cochilando sobre a mesa.

— É melhor ter um excelente motivo para me tirar de meu cochilo, Cleber.

— Você não é paga para ficar aí dormindo.

Um grampeador passa a poucos centímetros da minha orelha.

— Merda, mulher! Você é louca?

— Essa pergunta é redundante. Não estou no melhor dos humores, o que você quer?

— Suzana está diferente comigo.

— Normal, você é um idiota. Eu no lugar dela nem olharia na sua cara.

— Você no lugar dela criaria um plano diabólico para me enlouquecer até eu deixar de ser idiota.

Olho bem em seus olhos esperando que negue, mas ela começa a rir.

— O que você disse para ela, Celina?

— Não disse nada. Apenas contei minha história com Sebastian para que ela saiba que por mais estúpido que você seja, ainda tem salvação.

— Sua bruxa. Suzana já não era exatamente fácil de lidar, agora está impossível! Você a envenenou contra mim.

— Não fiz isso. Você fez. Você a chantageou, Cleber. Não é mais fácil dizer que a ama?

— Não. Acredite, não é.

— Mas você a ama, não ama?

— Sinto muitas coisas por ela.

Ela solta um suspiro triste e diz:

— Você vai perdê-la. Será uma pena porque gostei dela. E depois você vai ficar um lixo. Como um absorvente usado, um biscoito mastigado ou um copo de cerveja quente. Será como a casca de si mesmo.

— Tudo bem, já entendi.

— Acho que não entendeu. Não há nada mais triste do que descobrir o amor e perdê-lo por medo. Você é mais do que isso, Cleber, não aja como metade de si mesmo. Só você não percebe que a ama.

— Está enganada, eu percebo sim. Tenho essa certeza cada vez que aquela bruxa bate a porta na minha cara e age como se não precisasse de nada de mim, além do meu pau. Sinto mais ainda quando parece que ela não precisa nem do meu pau.

Celina tem uma expressão ainda mais triste quando diz:

— Está dispensando seu pau? Ah Cleber!

Ela diz esse “Ah Cleber” com tanto pesar, que me apavoro.

— Ah, Cleber o quê? O que “Ah, Cleber” quer dizer?

— Ela está perdendo o interesse por você. Até o sexual. Depois, não restará nada por você nela. Sinto muito.

— Não é bem assim, eu ainda a faço gozar.

— Um vibrador também faz.

De repente, isso faz sentido, essa mudança dela. Está desistindo de mim. Sou um caso perdido. Não posso permitir isso.

— Ela ainda precisa de mim, Celina, tem que precisar!

— Sinto muito. — É tudo o que ela diz e se dirige ao banheiro de sua sala.

Sinto que algo está esmagando meu peito, não sou de fazer isso, mas vou seguir a mulher do meu amigo ao banheiro. Abro a porta bem devagar e fecho os olhos, só quero ouvi-la.

— Suzana, sou eu, tudo certo. Acho que o deixei desesperado. Não se preocupe, em pouco tempo esse estúpido estará gritando que a ama.

Então era um plano. Ah Suzana e Celina vocês não perdem por esperar.

Não busco Suzana e nem ligo para saber se já chegou, mas ouço o barulho de seu salto quando chega. Está rindo, com Samuel. Controlo o homem das cavernas em mim, vamos ver, minha adorável safadinha, quem vai dizer que ama primeiro. Porém, meus planos de me vingar dessa bruxinha vão por água abaixo quando o gay grita:

— Passo aqui em uma hora.

— Tudo bem — ela responde.

A merda do jantar que ela adiou porque íamos transar na academia. Mas não vai acontecer mesmo. Espio por uma fresta na porta até o elevador fechar e então corro ao seu apartamento. Ela está andando de um lado para o outro.

— Você não vai sair com ele.

— Não estou com paciência para suas crises hoje, Cleber.

— Então fique em casa. Não vai sair com seu chefe de mau humor.

Ela me encara, mas não sorri.

— Disse que não estou com paciência para *suas* merdas. Para Samuel, tenho toda paciência.

Respiro fundo, tento me lembrar de que isso é um plano dela e de Celina, não devo me importar

com essa frieza.

— É mesmo? E o que ele tem que eu não tenho para que você o prefira?

— Vejamos, ele é doce, atencioso, não tem medo de dizer o que sente e controla o próprio pau. Já está bom ou quer mais?

Algo em seu tom de voz me alarma. Isso não pode ser fingimento. Pego-a pelos ombros e olho em seus olhos. Não há nada ali. Apenas o muro. Maldito muro.

— Estou nervosa, não consegui recuperar o vídeo.

— Depois damos um jeito — afirmo.

Ela me empurra e se afasta.

— Você não entende, não é? Por que é tão egoísta? Se esse vídeo chegar até Samuel vou perder meu emprego.

Ela parece desesperada e não sei o que fazer.

— Ele não vai demiti-la por causa disso, Suzana.

— Você não entende mesmo! Esses vídeos são analisados por vigias antes de irem para Samuel. Não quero que ninguém me veja transando. Estou me sentindo em um reality show pornô. Vou chegar ao trabalho amanhã e todos estarão comentando o tamanho dos meus seios e a cor dos meus mamilos. Ou a forma como grito seu nome quando gozo. Você quer isso?

Tudo bem, admito que ela está certa e eu não estou dando a importância que de fato este vídeo tem. Principalmente para ela.

— Vamos dar um jeito.

Tento abraçá-la, mas ela se afasta.

— Hoje não.

— Não tem essa de hoje não. Quero você agora.

— Preciso me arrumar para um jantar.

— Você não vai.

— Você não manda em mim, não é meu namorado, então não vamos começar com isso.

— Você não vai sair com outro homem que não seja eu, faz parte da chantagem então não comece com isso você.

Ela me encara com um sorriso assustador.

— Você impôs que eu não poderia transar com outro homem. Não disse nada sobre entregar meu coração. Não vou dar para ele se esse é seu medo. Apenas conhecê-lo melhor.

Não consigo responder, ainda estou preso na parte em que ela disse que vai dar a merda do coração para ele.

— Você quer que eu a peça em namoro, Suzana? É isso que falta para desistir de sair com esse gay e ir para a cama comigo?

Ela parece irritada antes do muro se erguer de novo em seu rosto.

— Não Cleber. Jamais te pediria para fazer algo assim. Na verdade, pensando bem, não quero absolutamente nada de você — ela diz olhando com desdém para o meio das minhas pernas.

— Eu posso fazer isso — digo indo contra tudo o que planejei. — Posso te pedir em namoro, se faz questão.

— Não faço.

— Não precisa ser pirracenta.

— Vou te dar uma lição, para que no dia em que você amar alguém de verdade, não a perca por ser tão idiota. Você não pede uma mulher em namoro porque ela quer. Não assuma um compromisso apenas para comer alguém. Seja mais homem do que isso. Só peça uma mulher para ser sua, se for

capaz de ser o dono dela. Você, querido estúpido, não é capaz de ser meu dono, então eu não quero ser sua.

Ela se vira para sair, mas puxo seu braço e a seguro pelos ombros.

— O que você quer? Do que precisa para ser minha? Quer a merda de um anel? É isso que quer? Quer que eu pendure uma faixa no terraço deste prédio dizendo que estou com você? Suzana, do que você precisa?

— Não preciso de anel nenhum! — ela grita se afastando. — A única coisa que eu esperava de você era coragem! Apenas isso. Mas você, Cleber Dantas é um covarde!

Não consigo responder e odeio quando essa megera me cala. Ela sempre faz isso. E sempre está certa quando faz.

— Estou machucando você? — consigo perguntar, enfim.

— Se eu disser que sim vai me livrar dessa chantagem?

— Não. Não posso fazer isso. Se eu fizer isso, você nunca mais falará comigo, e eu não sobreviveria sem você.

— Você não percebe que não me tem? Posso estar em sua cama, mas você não me tem!

— Tenho seu corpo! Tenho seu prazer, seus gemidos! Tenho seus sonhos, Suzana. Por ora isso vai ter que servir. Mas não vou perder isso.

— Cleber, eu te dou tantas chances de ter mais. Por que você não as pega?

Só preciso dizer o que sinto. Mas sinto que se disser, ela será minha dona. Mais do que isso, será minha vida. Mais do que isso, não serei mais nada. Merda, estou parecendo a porra do Matheus exagerado e dramático. Merda. Preciso dessa mulher, isso não basta? Ela entra no banheiro e tranca a maldita porta e não tenho saída. Não posso permitir que saia com aquele gay. Ele vai magoá-la. Não é homem para ela, e não falo isso apenas porque eu sou o homem para ela, mas porque sei que ele vai apenas usá-la. Ando até seu quarto, vejo a roupa que ela preparou para sair, e então sei o que fazer. Tranco a porta do quarto e me jogo em sua cama. Pouco depois, ela bate na porta.

— Cleber, abra a merda dessa porta.

Não respondo e ela percebe meu plano.

— Cleber! Isso não vai funcionar! Se não abrir sairei com ele de toalha. Cleber!

Suzana bate cerca de quinze minutos e grita meu nome. Por fim, grita que me odeia. A última coisa que ouço dela é:

— Você só tinha que dizer, seu imbecil. Agora sou eu que não quero mais ouvir. Que se dane sua chantagem idiota. Não quero mais nada com você!

E então tudo fica em silêncio. Fico me perguntando o que está fazendo. Fico me punindo por sempre machuca-la. Não faço nada direito. Será que é tão difícil que ela entenda que não sei lidar com isso? Que ela precisa ter paciência, mas que no fim vou fazê-la feliz?

— Vou fazer tudo isso valer a pena! — grito para ela, mas ninguém responde.

Depois de algum tempo, não ouço mais nenhum barulho. Abro a porta devagar e parece que a casa está vazia.

— Suzana! — chamo.

Espero que ela esteja escondida em algum lugar só esperando para me dar o bote, então saio na ponta dos pés. Olho em todos os cômodos de seu apartamento, mas ela não está. Então vou para o meu. Será que ela se atreveu a sair apenas de toalha? Só pensar nisso já me deixa extremamente irritado. Mas, quando abro a porta do quarto, ela está ali. Na minha cama, embolada na toalha molhada e tremendo de frio. Dormindo.

— Ah, minha linda.

Aproximo-me dela e tiro a toalha com cuidado, tentando não acordá-la. Ela resmunga e se mexe.

— Shhhh! Dorme, meu amor. Pode dormir.

Ela parece relaxar e murmura meu nome, e em seguida, a palavra imbecil.

— Cale a boca e vá dormir, mulher.

Jogo o cobertor sobre ela e apago a luz. Enfio-me embaixo dele e nem preciso puxá-la para meus braços, ela se arrasta pela cama até me achar e me abraça. A jeito em meu peito e a aperto.

— Dorme, meu amor. Minha linda. Eu te amo. Te amo sua bruxinha malvada. Eu te amo — sussurro enquanto acaricio seu cabelo e me sinto livre ao conseguir dizer e assumir isso.

Mas estamos em uma guerra, e Suzana também precisa dizer que me ama. Não direi a ela até que me diga, para ela aprender a cair nos planos de Celina. Minha safadinha linda, vou fazer você gritar que me ama, de várias maneiras.

Quando acordo ela já saiu, e preciso me agarrar ao fato de que ela foi procurar minha cama na noite passada. Poderia ter ido para a casa dos gêmeos amiguinhos dela, mesmo de toalha, poderia ter ido de carro. Mas não, foi para meu quarto. Então, ainda é minha, mesmo que não queira ser.

Preciso resolver uma coisa, que já deveria ter resolvido. Verifico que Samuel e Suzana não estão antes de entrar na Academia. Os dois foram almoçar juntos, e cedo demais. Suzana normalmente não almoça tão cedo. Digo na portaria que sou amigo do vigia, um tal de Alberto, e procuro a sala de vigilância. O tal Alberto me olha desinteressado, mas então me reconhece e praticamente pula na cadeira.

— Você é o pau magia.

Merda. Nosso vídeo já foi analisado. O que quer dizer que o emprego dos sonhos de Suzana está em minhas mãos. Tinha esperança que o Albertinho aqui ainda não tivesse visto o vídeo, mas pelo visto as coisas serão do jeito difícil.

Hoje de manhã mandei que Botelho investigasse os vigias da Academia. Sendo o Botelho, ele me deu um relatório completo até mesmo da rotina desses homens. Ia pedir que ele mesmo recuperasse esse DVD, mas aí me dei conta de uma das informações sobre o vigia que analisa os vídeos. Ele é gay. E Botelho, e os homens dele são feios pra caralho. Decidi eu mesmo resolver isso. Sim, estou aqui para pedir amigavelmente que ele me entregue o DVD em troca de um bom dinheiro. Rezando para que apenas meu charme baste para convencê-lo. Vê as coisas que faço por essa mulher? Será que depois de uma demonstração dessas ainda é necessário que eu diga com palavras que a amo?

Imagino que ainda seja necessário. Vocês, mulheres, e a fixação com essa palavra. Não entendem que para um homem (principalmente um covarde como eu) ela é assustadora! Dizê-la em voz alta é ter que assumi-la. E isso é como uma sentença de morte. Sua vida já não é mais sua, é dessa maldita bruxa que te pegou de jeito.

— Bom dia, Alberto. Acho que já imagina porque estou aqui — digo assim que entro.

Mas o homem está me secando dos pés à cabeça e me sinto incomodado. Sei que faço isso com as mulheres, mas é horrível se sentir uma fonte de chocolate sendo cobiçada por uma mulher deprimida.

— Pare com isso! — digo e tiro a carteira do bolso. — Preciso desse DVD. Quanto quer por ele?

O homem fica calado um instante, e quando um sorriso idiota surge em seu rosto, sei que estou encrencado.

— Dinheiro não, pau magia. Quero ver seu pau.

Tento me manter calmo, tiro três notas de 100 da carteira e as estendo.

— O que viu na gravação é o máximo que vai ver do meu pau. Pegue esse dinheiro e me dê o DVD.

Ele encara confuso o dinheiro, quando uma voz atrás de mim, diz:

— Se o patrão ficar sabendo que está faltando uma gravação, vai demiti-lo. E o salário dele é muito maior do que essas notinhas.

É Saulo, o outro vigia. Reviro os olhos e tiro mais algumas notas da carteira. Os dois se entreolham e não parecem satisfeitos. O segredo é mostrar que não me importo tanto assim com esse DVD.

— Decidam-se logo! Não tenho o dia todo!

Saulo parece disposto a aceitar, mas Alberto ainda faz uma última tentativa:

— Abaixe as calças por dois minutos e esqueço que vi esse vídeo.

Por Deus, o cara é mais insistente que mulher contrariada.

— De maneira nenhuma. Já que não querem o dinheiro, vou embora.

Viro-me para a porta e Saulo fala:

— A moça vai perder o emprego se o patrão vir isso. E vou mostrá-lo pessoalmente.

Eu o encaro. Ele está tentando me chantagear? Mal sabe ele que em chantagem eu sou especialista.

— Entendo. E imagino que aquilo ali em cima seja uma câmera. — Os dois olham imediatamente para a pequena câmera acima da porta. — E imagino que ela tenha gravado nossa conversa. Então, eu posso apenas cruzar os braços e esperar aqui mesmo que seu patrão volte. E três pessoas serão demitidas hoje.

Eles arregalam os olhos e trocam um último olhar, é Saulo quem fala:

— Isso é todo dinheiro que pode oferecer?

Vasculho a carteira em busca de algo mais.

— Tenho essas cortesias para o Sunset.

Os dois aceitam o dinheiro e as cortesias do motel. E me entregam um DVD.

— Meu detetive vai se assegurar de ficar de olho em vocês, e se sequer falarem sobre esse vídeo de novo, os homens dele irão quebrar todos os ossos de seus corpos. Deu para entender?

Os dois assentem e saio dali com o DVD nas mãos.

Tudo o que quero quando chego ao meu apartamento é procurá-la. Mas, depois da nossa última briga, e da forma como ela foi fria, é melhor deixá-la em paz por essa noite. Claro que não posso ficar aqui, imaginando-a do outro lado da parede, ou invadirei seu apartamento em menos de 5 minutos. Só me resta ligar para meus amigos.

Encontro Matheus e Sebastian no bar de sempre, na Savassi. Recebo alguns olhares zombeteiros quando chego, mas só quando o garçom me serve uma caipirinha “por conta da casa para evitar a sofrência” que entendo porque estão rindo.

— Que merda! Será que ninguém fez uma merda maior do que a minha e foi filmado por amigos idiotas que postaram no Youtube nesses últimos dias? Algum idiota precisa tomar meu lugar!

— Cleber, você é o rei do Youtube. Merda nenhuma será maior do que a sua, cara! — zomba Sebastian.

— Inferno!

— Não querendo piorar o seu humor, mas a Celina adorou a Suzana. É melhor tomar cuidado.

— Eu sei. A bruxa da sua mulher e a bruxa da minha bolaram um plano idiota para me fazer dizer à Suzana a palavra brega começada com A.

Ninguém vai me ouvir dizer que a amo em voz alta antes dela.

Sebastian começa a rir.

— Se quer um conselho, diga logo. Celina é terrível! E Suzana não é exatamente fácil. Vão enlouquecê-lo. É mais fácil dizer que a ama e se livrar de qualquer plano em que a Celina esteja envolvida.

Viro o copo de uísque de uma vez.

— Não vou dizer. Faço tudo por essa mulher e ela me despreza.

— Porra! Não vá começar as lamentações como um corno! — ralha Sebastian.

— Cale a boca e me ouça. Vocês são meus amigos. É para isso que estão aqui.

Matheus e Sebastian se olham, Matheus fala pela primeira vez na noite.

— O homem está mesmo ferrado.

— Totalmente — concorda Sebastian.

— Ora Sebastian! Você apanhou de cassetete na frente de policiais e teve seu pau apelidado de Sebs. Quem é o ferrado? — então me viro para Matheus. — Você comeu a Gil apenas uma vez e foi tão ruim que ela nunca mais olhou na sua cara. E desconfio que ela ache que você é gay. Quem é a merda do ferrado?

Os dois se olham e Sebastian diz, pouco antes de virar o copo de cerveja:

— Você se sentiu ofendido, Matheus?

— Nem um pouco. Aliás, minha família acha que Gilcelle e eu estamos noivos. Para vocês terem uma noção do que é estar ferrado.

Sebastian e eu cuspiamos nossas bebidas no mesmo instante.

— Por que sua família acha isso? — pergunto.

— Talvez porque eu tinha dito isso a ela.

— E por que você fez isso? — pergunta Sebastian.

— Porque eles achavam que eu sou gay.

Nós nos encaramos e Sebastian fala primeiro.

— Não é mais fácil assumir?

— Engraçadinho. Não tem problema, apenas adiantei os fatos. Antes que qualquer um deles venha me visitar, farei de Gilcelle minha noiva.

— Boa sorte! — dizemos Sebastian e eu em uníssono.

Quando viro o segundo copo de uísque, Matheus tira a garrafa de perto de mim.

— Você precisa parar de beber cada vez que briga com essa mulher, pare de se lamentar e tome uma atitude!

— O que você quer que eu faça? Suzana tem mais experiência em me dispensar, do que eu tenho em chupar xoxotas.

Ele faz uma careta e balança sua caneca caseira com a bebida quente.

— Sei lá! Vá para perto dela e se ela não quiser vê-lo, insista. Não dê a ela a opção de dizer não.

Isso nunca funciona com Suzana. E Matheus tem uma bosta de um teto de vidro.

— E por que você não faz isso? — provoco.

Ele olha para o nada por um minuto antes de falar:

— Vou fazer, Cleber. Vou fazer exatamente isso.

Então o barulho do meu celular o cala. É Suzana. Ignoro o sorriso que surge em meu rosto e a atendo:

— O que foi, Suzana?

— Cleber — sua voz parece assustada. — Aquele dia em que peguei carona com o Heitor, você disse que ele não era perigoso.

Minha respiração para e deixo o copo cair.

— Você mentiu? — ela pergunta com um fiapo de voz.

Merda! Se ele tiver tocado em um fio de cabelo que seja dela, vou matá-lo.

— Sim, Suzana. Eu menti. Onde você está?

— Ah que bom! — ela parece aliviada — Porque eu meio que acabei de atropelá-lo.

— Como? Onde você está? Onde ele está?

— No estacionamento daquele mercado. Heitor também está aqui, eu acho que o matei — ela diz assustada.

Mulher! Eu te amo! Definitivamente, eu te amo.

— Estou indo amor, fique calma e não saia daí.

Suzana é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

O homem está caído aos meus pés. As luzes da ambulância cegam meus olhos e tudo parece confuso. O dia hoje foi necessariamente uma grande bosta! Começo a cantar, mas o paramédico me pede silêncio. Heitor me encara como se eu fosse louca, e apesar da cara de dor, parece bem. Sabe quando você acorda em um dia ruim e sente que não deveria sair da cama? Mas tem um milhão de obrigações e contrariando o aviso do seu anjo da guarda, se levanta assim mesmo? E tudo dá errado o dia todo? Vou contar a você o que aconteceu durante o meu dia para que entenda o que é um dia de grande bosta!

Primeiro veio a câmera. Soube que as câmeras gravam por 48 horas e então essas imagens são passadas para um DVD. São analisadas e mandadas para o arquivo. Então eu tinha que pegar esse DVD hoje, de qualquer jeito. Antes que as imagens fossem analisadas. Fui almoçar mais cedo e esperei o horário de almoço deles, mas um vigia permaneceu enfiado naquela salinha, comendo suas rosquinhas tranquilamente, como se tudo estivesse bem, sem se dar conta de que meu mundo estava prestes a ruir por causa dele, que não saía daquela sala. Léo sugeriu que eu seduzisse o vigia, mas não posso fazer isso na academia, se conseguisse recuperar o DVD o que faria com o vigia depois? Mas não havia outro jeito de entrar naquela sala e recuperar o DVD sem levantar suspeitas. A não ser que eu o roubasse.

Nunca roubei nada na vida, mas isso não seria exatamente um roubo, e sim recuperar algo que pertence a mim, afinal de contas, sou eu seminua com as pernas abertas sendo comida em uma barra de balé ali. Esse DVD é meu! Voltei a minha sala e liguei para a vigilância, alegando que precisava que Saulo, o vigia da vez, fosse resolver um problema com a escala. Ele ainda argumentou que só poderia ir quando o outro vigia voltasse, pois a sala não poderia ficar sozinha, mas insisti e fui enérgica, até demais, que o emprego dele dependia disso. Como se eu tivesse poder para demiti-lo por causa de uma escala. Então, assim que desliguei o telefone, corri até a sala de vigilância. Esperei um Saulo sair atrapalhado e apressado em direção a minha sala e entrei. Os DVDS estavam amontoados em um canto da mesa, provavelmente para serem analisados, e não estavam etiquetados.

Merda. Como eu saberia qual deles era da sala de balé? Teria que roubar todos. Tirei um casaco e embrulhei os DVDS nele, então saí dali correndo. Saulo estava em minha sala, eu tinha que esperar que ele saísse e me senti uma espiã amadora prestes a ser pega roubando a Academia. Pareceu que ele demorou horas para sair, e quando finalmente o fez, corri e fui procurar o DVD correto. Ainda teria que dar um jeito de devolvê-los à sala de vigilância e estava rezando que não resolvessem analisá-los antes que eu os devolvesse. Sabia dos riscos, chamarem a polícia, dispararem um alarme, pagarem todos os DVDS na minha sala e eu acabar na cadeia, mas era um vídeo íntimo e precisava recuperá-lo.

Passei cerca de meia hora colocando e tirando DVDS do notebook e nem sinal da câmera da sala de balé. Já estava ficando desesperada quando restou apenas um DVD. Tinha que ser ele. O coloquei já fazendo promessas, mas não era. Alguma coisa estava errada. Então me dei conta de que o DVD já deveria ter sido enviado para Samuel. A essa altura todos já deveriam tê-lo visto. Juntei todos os DVDS de volta na blusa e fui devolvê-los. Fiz o mesmo esquema, liguei para a sala de vigilância e convoquei os dois vigias para a minha sala. Saí imediatamente até a sala deles e esperei que saíssem. Então entrei e deposei os DVDS sobre a mesa. Foi aí que senti, aquela sensação de não estar sozinha no lugar. Virei-me para trás e ali estavam, os dois vigias me olhando como se eu tivesse sido pega roubando.

Não estava, estava devolvendo.

— Eu disse que ela havia pegado os DVDS — comentou Saulo.

— Ainda bem que não chamamos a polícia — respondeu o outro. — Não se preocupe, senhorita Suzana. O pau magia veio aqui mais cedo e levou o DVD.

— Pau magia?

— Sim, o homem delicioso com quem a senhorita fez sexo na sala de balé.

Devo ter perdido a cor, pois Saulo imediatamente me amparou.

— Não vamos contar nada, senhorita Suzana — garantiu ele me olhando de uma maneira estranha, maliciosa.

— Não a olhe desse jeito, Saulo. Ela tem o pau magia, não vai querer nada com você. — então se virou para mim com um brilho nos olhos que não entendi até ouvir sua pergunta — Senhorita Suzana, qual a sensação de tê-lo no meio das pernas?

Demorei um minuto para entender a pergunta antes de respondê-la.

— Ahn... plena?

— Tenho certeza que sim! — Ele concordou acenando freneticamente com a cabeça.

Assim, criei amizade com os vigias que me viram gozando no pau de Cleber. Não posso mesmo ter um orgasmo sem que o mundo todo fique sabendo. Merda total.

Cleber não estava em seu apartamento quando cheguei. Não que eu quisesse vê-lo, depois de ontem à noite. Mas quero o DVD para mim. De jeito nenhum deixarei uma arma dessas nas mãos de um chantagista. Somente por isso entrei em seu apartamento. Sem nada para fazer, e precisando acabar com esse dia de grande bosta, resolvi ir ao mercado. Foi bom para matar a saudade do meu carrinho velho. Comprei algumas coisas, minha adorada garrafa de vinho, e quando ia pagar, esbarrei nele. Heitor.

Confesso que a maneira como ele me olhou me deu medo. Avaliou cada parte do meu corpo sem nenhum pudor. Até a forma como falou comigo, me deu arrepios.

— Boa noite, bela Suzana.

— Olá, Heitor.

— Precisa de uma carona?

— Não, obrigada, estou de carro.

— Talvez ele esteja sem gasolina.

Senti um tom de ameaça em sua voz, mas achei que era coisa da minha cabeça. Cleber disse que ele não era perigoso, afinal de contas. Mas Cleber tende a ser mentiroso.

— Vamos torcer para que não esteja — respondi dirigindo-me ao caixa, afastando-me dele.

Acontece que quando fui ligar meu carro, ele estava sem gasolina. Não sei se foi macumba ou se o maldito esvaziou meu tanque, mas não teria como ir embora, se não fosse o fato de ter um galão com um pouco de gasolina. Cleber o deixou ali desde o incidente na Afonso Pena. Coloquei a gasolina no tanque e então avistei Heitor andando até um SW4 que estava estacionado ao lado do meu carro, ele abriu a porta, mas não entrou nele. Tirou de lá uma corda e foi mexer no porta-malas do carro.

Uma corda. Um estacionamento vazio. Um homem estranho. Combinação nada boa.

Olhei para os lados para tentar localizar o que ele poderia querer amarrar, e ao não achar nada, acelerei o carro, e de repente só ouvi o barulho, um grito e senti algo embaixo dos pneus.

— Ah, merda!

Desci do carro com medo de encontrar alguém ensanguentado, morrendo, dando seu último suspiro. E ele me olharia com culpa, como se gritasse que fui eu quem tirou sua vida. Olhei para trás em busca de auxílio, mas nem sinal de Heitor. Apenas seu carro estava ali, com a porta aberta.

— Ah, merda! Atropelei Heitor.

Corri até ele que estava caído, sangrando e desacordado. O cutuquei com o pé e chamei por ele, mas nem se mexeu, então liguei para Cleber.

— O que foi Suzana? — Ele atendeu irritado.

— Cleber. Aquele dia em que peguei carona com o Heitor, você disse que ele não era perigoso. Você mentiu? — perguntei rezando para que ele fosse perigoso e não um inocente que por uma neurose da minha cabeça acabou estirado sem vida nesse estacionamento.

— Sim, Suzana. Eu menti. Onde você está?

O alívio me tomou e chutei Heitor mais forte, para ver se ele se mexia, mas nada. Seu braço não estava em uma posição normal de um braço.

— Ah, que bom! Porque eu meio que acabei de atropelá-lo.

Esperei que ele gritasse ou me desse uma bronca por ser roda dura, como ele costuma me chamar, mas ele pareceu realmente preocupado.

— Como? Onde você está? Onde ele está?

— No estacionamento daquele mercado. Heitor também está aqui, eu acho que o matei. — Constatar isso, de repente, fez meu coração acelerar.

— Estou indo amor, fique calma e não saia daí.

Cleber me chamou de amor. E eu matei um homem. Dá para esse dia ser uma bosta maior?

Assim que desliguei, liguei para o Samu e para a polícia.

Ah sim, dá para ficar pior, pois o policial está me olhando agora, esperando que eu explique como aconteceu o atropelamento. E aí terei que dizer que o atrolei, mesmo que por acidente, pois não tenho como argumentar que tive a sensação de que esse cara ia me sequestrar. É, acho que irei para a cadeia. Que seja do jeito dramático.

— Foi sem querer. Eu o vi com uma corda na mão e acelerei o carro, não sei como ele foi parar embaixo dele.

— Você me atropelou sua maluca! — responde ele com uma careta de dor enquanto um paramédico mexe em seu braço aparentemente quebrado.

— Já disse que não o vi na frente do carro, foi um acidente. E a culpa foi sua por estar com uma corda e agindo todo estranho.

— A senhorita achou que ele ia amarrá-la? — pergunta o policial.

— Por um momento, achei que ia me sequestrar.

— Eu só queria ajudá-la — argumenta Heitor.

— Com uma corda? — pergunto espantada.

— Aquilo não tinha nada a ver com você.

— Nunca se sabe — digo dando de ombros.

Quero justificar meu medo explicando que por algum motivo meu vizinho teme esse homem, mas me lembro do dia em que Cleber foi desesperado salvar Sue e disse que ela estava em perigo e que não podia chamar a polícia ainda. E depois que falei o nome de Heitor foi que ele começou a querer me levar e buscar a todos os lugares e não me deixar andar sozinha. Heitor é uma ameaça a Cleber de alguma maneira, e a polícia não pode saber disso. Ainda respondo mais algumas perguntas do policial, quando a ambulância encaminha Heitor ao hospital, acabo indo com ele. Mando uma mensagem a Cleber dizendo que estamos indo para o hospital, pois se Cleber pretende fazer alguma coisa com ele, é melhor que saiba onde ele está. De qualquer forma, não estamos sozinhos e ele está com o braço quebrado, não vai fazer nada contra mim.

Pouco depois, Cleber me liga:

— Suzana, assim que chegarem ao hospital, desça da ambulância e corra. Haverá um policial esperando por você.

— Por quê? O que está havendo?

— Você não deveria ter ido nessa ambulância, querida. — Ele tenta manter a calma, mas sinto que está à beira de um colapso. — Estou no estacionamento. Havia armas, remédios e mordaças no carro de Heitor. E um bilhete. Para mim. Heitor planejava te sequestrar.

E eu estou presa a uma ambulância com ele nesse momento.

— Maldito dia de bosta. — É tudo o que consigo dizer.

Capítulo 14

Cleber

AVISO:
ESTE CAPÍTULO CONTÉM DRAMA.
Ex: Lágrimas, confissões e tendências suicidas.

Andrés, um dos homens de Botelho, não dirige rápido o bastante. Preciso chegar àquele hospital e me certificar de que Suzana está bem. Só de imaginar o que poderia ter acontecido com ela, me sinto sem ar. Graças a Deus é tão barbeira. Me amaldiçoo por ter bebido tanto, de forma que tive que ir até o mercado de táxi e agora esteja dependendo dessa lesma como motorista.

— Mais rápido, homem!

— Acalme-se senhor Dantas, não dá para ir mais rápido. Só se passarmos por cima dos outros carros.

— Então passe! Amasse todos, mas vá mais rápido.

A lesma diz que acelerou, mas está lento demais. Algo acontece no meu peito, meu coração dói ao bater, minha respiração parece pesada, e meu estômago está embrulhado, como se uma mão o estivesse apertando. E estou suando. Acho que é um ataque de pânico. Ou ataque de desespero, ou ataque de culpa. Só faço merda com ela. Parece que nada, absolutamente nada, ajuda para que fiquemos bem. A começar por mim. A lesma me avisa que chegamos, e sou recarregado de forças para vê-la. Sei que Botelho já está aqui porque vejo outro de seus homens cercando a portaria. Viu como o “meu” motorista é uma lesma? Assim que me vê, o outro homem de Botelho me leva até Suzana. Ela está sentada em uma cadeira, com as pernas para cima, apoiando a cabeça nos joelhos. Não parece machucada, pelo menos não por fora.

— Suzana — chamo e ela me olha, mas não se move. — Oi meu amor. — Abaixo-me à sua frente e de repente, ela pula em meus braços me desequilibrando. Sento-me no chão e a aninho.

— Ele não está morto — ela diz.

— Eu sei. Eu não teria tanta sorte.

— Esse dia foi uma merda.

— Foi mesmo, até agora.

Beijo seu cabelo e ela fica quietinha em meus braços. Passeio a mão de leve por seu corpo, para me certificar de que não está machucada. Acho que nunca me senti tão aliviado na vida.

— Não pense que por me chamar de amor, vou esquecer o fato de você ter mentido e me colocado em perigo. Devia ter me dito que ele era perigoso. Devia ter dito, já que ele estava atrás de mim. Fiquei sem saber o que poderia dizer a polícia, e vim nessa ambulância para não perdê-lo de vista.

Institivamente a aperto mais. Sinto que vai se afastar e não posso permitir isso agora.

— Não precisava se arriscar por mim, amor — repito essa palavra na esperança que a acalme pelo menos um pouco. — E você está certa, mais uma vez fui um completo idiota. Parece eu não vou acertar nunca.

— Estou começando a perceber isso — ela diz tão resignada, que mais uma vez minha respiração falha.

Vou acabar com problemas cardíacos se continuarmos assim. Mas nem tenho tempo de retrucar e insistir, pois Botelho aparece alarmado.

— O que houve, Botelho?

— Ele sumiu. Heitor fugiu do hospital.

Deposito Suzana de volta na cadeira e corro atrás de Botelho. Um médico e duas enfermeiras estão próximos a uma cama ensanguentada e vazia. Dois policiais vasculham o lugar e um terceiro está pedindo reforço.

— Alguém o tirou daqui! Ele está ferido, como pode ter passado pela segurança? — grito.

Tudo está um caos e lá se foi minha chance de pegá-lo. De novo. Não é que eu não tenha sorte, é que estou com um puta azar. Botelho vai verificar o endereço dele, através da placa do carro e eu volto para Suzana.

— Eu sinto muito que ele tenha escapado — ela diz.

— O importante é que você está bem.

A puxo para perto de mim, a prendo em meus braços e tento me acalmar. Mas cedo demais ela se afasta.

— Vou embora, estou cansada. Preciso encerrar esse dia.

— Eu a levo — digo, pois tudo o que quero agora é dormir com ela.

— Não é necessário. Você está cheirando a cerveja. Posso pegar um táxi.

— Nada disso. Eu vou com você. Vou levá-la de táxi, mas vou.

— Acho melhor você ficar e...

Seguro-a pelos ombros e olho em seus olhos para que entenda que não tem escolha, mais uma vez.

— Eu vou levá-la. Você não vai entrar em um carro sozinha enquanto Heitor estiver foragido. Preciso. Fazer. Isso.

Ela apenas assente e se afasta. Não diz nada o caminho todo, e sei que deve estar querendo saber quem é Heitor e porque ela foi envolvida nisso, mas não pergunta nada e temo que tenha realmente desistido. Quando chegamos, ela desce sem esperar por mim. Detesto essa distância entre nós e a abraço no elevador. Seguro seu rosto entre as mãos e a beijo. De leve, esperando que ela se afaste, mas ela corresponde e me sinto aliviado. Porém, quando abre a porta de seu apartamento, me pede em um sussurro:

— Eu gostaria de dormir agora.

— Não pretendia fazer nada além de abraçá-la.

— Sozinha — ela completa.

— Não. Vou dormir com você — digo, pois preciso mesmo ficar perto dela agora.

— Não vai. Eu preciso ficar sozinha, Cleber.

Estou começando a ficar desesperado. E odeio me sentir assim.

— Me deixe apenas dormir com você. Por favor, Suzana.

— Hoje não. Amanhã serei sua de novo, mas hoje eu quero ficar sozinha.

Sei que ela tem esse direito, que merda. Ela nem deve mesmo estar querendo olhar na minha cara, mas tenho essa sensação que é quase como um aviso de que se eu a deixar livre essa noite, será para sempre.

— Não, Suzana. Não vou sair de perto de você.

Então ela me olha e não há nada ali.

— Teremos que transar hoje? — pergunta como se fosse um trabalho que estivesse com preguiça de fazer.

— Claro que não!

— Então não temos porque dormir juntos. Ao menos uma vez pense em mim antes de pensar em você e entenda que não quero você perto de mim hoje.

Ela entra e fecha a porta.

— Tudo o que faço é pensar em você — digo para a porta.

Não dormi nada a noite e me sinto um nada essa manhã. É a primeira vez em anos que vou faltar de serviço, mas preciso fazer isso. Decido ir até o apartamento de Suzana preparar o café, mas a encontro no corredor, usando apenas a blusa velha da Minnie.

— O que houve? — pergunto já preocupado.

— Eu me lembrei. Na vez em que me deu carona, Heitor me disse que morava no prédio ao lado, no prédio da V.D.A..

Não pode ser.

— Por que nunca me disse isso? — pergunto já correndo até o telefone.

— Porque você disse que ele não era ninguém. Se tivesse me dito a verdade eu teria contado.

Seu mau humor matinal e o fato de estar irritada comigo, de novo, me fazem querer beijá-la enquanto Botelho não atende, mas ela parece perceber, pois dá um passo para longe de mim quando tento me aproximar. É como um soco. Suzana não sente mais nada por mim.

— Ah Suzana, parece que você gosta de me fazer sofrer.

— Parece que você precisa sofrer mais.

Estou tão ocupado morrendo um pouco que não percebo quando Botelho atende. Só noto quando escuto sua voz:

— Senhor Dantas, já ia contatá-lo.

— É mesmo? Descobriu alguma coisa?

— Sim, através da placa do carro descobrimos um endereço no Belvedere. Fomos até lá, mas não havia nada. Nenhum documento, arquivo, sequer objetos pessoais.

— Entendo.

Do nada, decido não contar a ele a informação de Suzana. Também, nem deve dar em nada, afinal de contas, qual a possibilidade de a minha vizinha ter descoberto algo em uma noite, quando um detetive profissional não conseguiu em anos? Encerro a ligação sem mencionar o fato, eu mesmo irei investigar isso, se encontrar alguma coisa, aviso Botelho.

— Você ligou para o detetive? Por que não disse a ele a informação que te passei?

— Vou eu mesmo averiguar.

Ela arregala os olhos e parece apavorada.

— Não pode fazer isso sozinho! Você disse que ele tinha armas! Não pode ir lá sozinho!

Alcanço-a em um passo e a puxo para meus braços, cubro sua boca com a minha antes que ela tenha tempo de se afastar. Mas ela passa os braços por meu pescoço e corresponde. Quando afastamos nossas bocas para respirarmos, ela se fasteja.

— Tome cuidado.

— Vou tomar, meu amor. Não se preocupe, você não vai se livrar de mim tão fácil.

Ela sorri antes de falar:

— Eu não teria tanta sorte.

Pareço tranquilo e relaxado quando entro no V.D.A. Golden, e chamo Bento, o gerente até a sala dele para conversarmos. Não explico a situação, apenas que um bandido pode estar hospedado em um dos nossos flats. Imediatamente ele traz a lista de hóspedes, e claro que o nome Heitor não aparece nela, não seria tão fácil assim. Então começo as perguntas: se ouviu ou viu algo estranho, se teve alguma reclamação. Se viu um SW4 no estacionamento. E, após verificarmos até os carros dos hóspedes, não encontramos nada. É frustrante! Parece que nunca vou pegá-lo.

— Não entendo. Há uma testemunha que afirma que ele estava aqui. E não é difícil notá-lo, é magro, alto, ruivo — digo desesperançado.

— Ruivo? O senhor disse que ele é ruivo?

— Sim. Por que, você o viu?

De repente minhas esperanças são renovadas.

— Sim, um homem estranho. Alugou um flat há dois meses, mas raramente vem aqui. Quando aparece é de madrugada. Ele apenas dorme e vai embora na manhã seguinte.

— Bento, quando perguntei se reparou em algo estranho, era disso que eu estava falando.

— Sinto muito, senhor. Não me lembrei antes.

— Tudo bem, pegue a chave do flat dele.

Um caos. Roupas espalhadas, coisas jogadas, vários papéis. Passei o dia olhando cada um desses papéis, a maioria contas, coisas de várias empresas, ações em nome de Heitor. Mas, nada sobre a V.D.A.. Nada sobre algum parente ou amigo. Nada sobre o paradeiro dele. Quando estou prestes a gritar de frustração, encontro. Uma identidade.

— Mas, que merda é essa?

Penso em ligar imediatamente para Botelho, mas algo me impede. Sei que não há a menor chance de ser ele, ou de ele estar envolvido, ele é meu detetive oras! Mas resolvo seguir esse estranho instinto que me diz que foi ele quem me deu a pista errada, sendo ou não de propósito.

Volto para meu apartamento cabisbaixo, chateado, sem saber o próximo passo. Obviamente não posso contar a Botelho. Obviamente não posso contatar meus amigos. Nem mesmo Suzana quer me ver. Quero muito ligar para Sebastian e Matheus, ou para a Celina, ela é bem inteligente, mas não posso. Estou sozinho nessa, sozinho pela primeira vez em anos. Preciso ir para casa, me esconder e pensar. Calcular bem o próximo passo. Assim que entro no prédio, a porta do elevador está se fechando. Nem corro atrás, mas uma mão feminina aparece impedindo que ela se feche. Acelero o passo e me surpreendo ao encontrar Suzana. Ela está com o cabelo negro solto em ondas, uma blusa de seda que deixa à mostra o contorno dos seus seios e uma saia social muito colada às suas curvas deliciosas. Dou um sorriso em agradecimento e ela arregala os olhos, provavelmente ao ver minha cara de enterro. Fico na minha, os pensamentos misturados entre o RG no meu bolso e as curvas da mulher ao meu lado. Vejo que ela me olha, muito, repara bem meu rosto, sua expressão é de curiosidade, mas logo ela vinca a testa e aquelas marquinhas adoráveis aparecem. Instintivamente as toco com o dedo, e quando estou abaixando a mão, ela a segura.

— Está tudo bem? — pergunta.

Assinto e deixo minha mão na dela. Ela a segura com suas duas mãos, aperta, massageia, mas não a solta. Nem quando saímos do elevador. Só me solta quando paramos em frente o seu apartamento. Ela me dá um sorriso e entra. E eu vou para meu apartamento, me afundar em bebida, pelo menos essa noite. Não tenho cabeça para nada. Não quero pensar agora.

Ali está, no RG em minha mão, Heitor O. Martinez, mas a foto que está no RG não é a do Heitor que me deu o golpe. Não há somente um Heitor. Tudo parece estar desandando, as coisas nunca estiveram tão fodidas quanto agora. Não terei como esconder isso de Sebastian e Matheus e no mínimo, eles vão me tirar da V.D.A., com todo direto. Também vou perder meus amigos. E minha conselheira amorosa. E há Suzana. Minha odalisca linda. Não sou homem para ela ainda, mas posso ser. E não sei se é a tristeza do momento, ou o desespero de estar encurralado em meus próprios erros, mas decido não procurá-la, não forçá-la a aceitar minha presença. Ela sempre me acalma, ela seria tudo o que eu precisaria em uma noite como essa. Mas não vou fazer isso com ela. Não quero que me veja assim, derrotado. É assim que me sinto agora. Depois que eu beber toda minha adega e

desmaiar na cama, ou no sofá da sala, acordarei com uma puta dor de cabeça, e então virarei o jogo. Posso não recuperar a V.D.A., meus amigos, mas Suzana, essa é minha. Amanhã serei de novo seu vizinho safado e divertido, amanhã a provocarei com cantadas e beijos. Amanhã tentarei convencê-la a se entregar a mim de novo. E a libertarei dessa chantagem. Isso não quer dizer que vou desistir dela, adoraria poder fazer isso, mas você já percebeu o quanto sou covarde, e ficar sem ela não é uma opção. Então preciso me reerguer e ser forte, para que possa cuidar dela, como ninguém nunca fez.

Amanhã. Hoje, quero ser a merda de um bêbado fodido e sem saída. E quero deixar que essas lágrimas que ardem em meus olhos, caiam.

Estou jogado no sofá sem coragem de ir à adega quando a porta se abre e um cheiro delicioso faz meu estômago roncar. Suzana aparece carregando uma enorme panela fumegante. Está com o cabelo preso em um coque mal feito e uma caneta serve de suporte. Usa um blusão de lã fino e nada cobrindo suas pernas torneadas. Ela coloca a panela na minha mesa, enquanto eu a observo. Assopra as mãos vermelhas e me olha com a cara irritada.

— Trouxe comida para você. Imaginei que estivesse com fome.

É estranho. Até hoje de manhã ela meio que queria me matar, e agora veio me alimentar. Será que está tramando alguma coisa? Aproximo-me cauteloso.

— Suzana, o que há de errado? Você está com algum problema?

Ela me encara sem entender, e responde:

— Eu não, mas você obviamente está, e quero que me conte.

Nego com a cabeça.

— Eu estou bem.

— Não está, não. Mas vamos comer primeiro. Não quero seu relato interrompido pelo barulho do seu estômago. Ou do meu.

Ela vai até meu armário como se fosse a casa dela e fico apenas observando-a servir em tigelas a sopa quentíssima que trouxe. Nada melhor nessa noite tão fria. Sento-me a mesa e observo essa mulher linda, deliciosa, servindo minha sopa em uma tigela e me entregando, e então sentando-se a minha frente para comer comigo. Poderia me acostumar a isso, a tê-la todos os dias na minha cozinha, a partilhar cada refeição do dia com ela. Talvez eu possa fugir com ela para bem longe depois que a merda for jogada no ventilador. Sei lá, olhando-a assim, parece que se ela estiver comigo, que se dane o resto, vou sobreviver. Mas mais uma vez estou sendo egoísta. Ela acabou de conseguir o emprego dos sonhos, e por nada no mundo vou tirar isso dela.

— Quer parar de me olhar com essa cara de bobo e comer? A sopa é sua janta, não estou no cardápio.

— Você nunca está no cardápio, Suzana, e mesmo assim é minha refeição preferida.

Ela me olha por um tempo, depois dá de ombros.

— Não tente fazer piadas se não há humor nenhum na sua alma fria essa noite. Obviamente você tem um problema. Então tente agir como um adulto.

— O que um adulto faria no meu lugar ao ver você tão deliciosa e estando com um humor do cão?

— Pensaria, “a Suzana é muito inteligente, talvez eu possa desabafar com ela e ela possa me dar um conselho que vai salvar a minha vida” ao invés de pensar “a Suzana é minha refeição preferida”.

Sorriso. Parece que dói até mesmo rir, é um riso amargo, mas ela sempre me faz rir. Quase sempre, não faz quando bate a porta na minha cara.

— Suzana, você é extremamente inteligente, quase tanto quanto é sexy.

— Sou mais inteligente do que sexy. E não me irrite esta noite, estou tentado ser boazinha aqui.

— Desculpe. Vou voltar a agir como o homem depressivo para que você possa me salvar.

— Obrigada. E pelo menos exercendo o papel de homem depressivo, tente não ser tão idiota.

— Estou tentando não ser idiota em papel nenhum com você, Suzana.

Ela me encara por tempo demais, depois desvia o olhar e murmura enquanto come um pão:

— Não me chamou por nenhum apelido. Está pior do que eu pensava.

É, minha linda, não tenho ânimo para te provocar mais hoje.

Quando acabamos de comer, ela me encara, sei que espera uma resposta, mas apenas sorrio e finjo não entender seu olhar insistente.

— O que houve? — ela pergunta docemente e me perco um segundo nesse lado "bom" dela que eu não conhecia.

— Você está estranha.

— Não me venha com ofensas agora.

— Não é uma ofensa. É um elogio.

Ela sorri.

— Estranha é elogio só no seu mundo, Cleber.

— É estranha no sentido bom. Acho que nunca a vi assim, tão transparente, tão natural. Sem tentar esconder o que sente.

Ela se assusta e levanta-se, acho que vai sair correndo e começo a me arrepender, quando ela volta a sentar-se.

— Não se acostume. É somente hoje, quando o sol nascer voltarei a odiá-lo. — Então pega minha mão por cima da mesa. — O que está havendo?

— Não se preocupe comigo, Suzana. Estou bem. São coisas que infelizmente você não pode me ajudar, mas vou dar um jeito.

— Não pode pedir ajuda aos outros estúpidos?

Sorrio.

— Dessa vez não.

Ela aperta mais minha mão e abaixa a cabeça, depois diz:

— Sabe, mesmo que eu não possa ajudá-lo, acho que deveria me contar. Mesmo que for para desabafar, para não estar sozinho nisso. Cleber, você entra na minha casa como se fosse sua, me come às vezes, podemos dizer que somos amigos de novo, não podemos?

Amigos? Merda, por que ouvir essa palavra da boca dela agora me afeta tanto? Não quero ser seu amigo, Suzana, quero ser seu dono. Quero que seja minha, de corpo e alma, não um pedaço pequeno no seu coração reservado a amigos.

— Eu não te como às vezes, nós temos um excelente sexo, todas as noites. É diário, Suzana, você é minha, não trate isso como se fosse menos do que realmente é.

Ela se assusta com minha reação, eu também me assusto. E sinto uma vontade enorme de contar tudo a ela. A puxo para meu colo, enfio minha cabeça em seu pescoço e a beijo.

— Conte-me — ela pede.

— Eu fiz uma burrada enorme.

— Isso não é uma novidade.

— Mas essa foi a pior de todas, acho que não tem conserto. O que eu fiz, cara Sue, pode acabar com a minha amizade com os estúpidos.

Ela arregala os olhos e segura meu rosto entre as mãos, como costumo fazer com ela.

— O que foi que você fez?

A carrego para o sofá e me sento com ela em meu colo. Chegou a hora de falar, já segurei isso por

tempo demais. Preciso que mais alguém saiba.

— É sobre Heitor. Sobre quem é Heitor.

— Vou ouvir você, Cleber.

Então me ouça amor, e, por favor, não me despreze.

— Aconteceu quando eu estava me formando na faculdade. Ele estudou comigo, Matheus e Sebastian. Falávamos pouco. Uma vez, ele me convidou para participar de um investimento. Era um valor simbólico e prometeu um retorno seis vezes maior. Resolvi investir, eu tinha pais que cobririam este pequeno saque caso desse tudo errado. O retorno foi ainda maior do que ele havia prometido. Então eu investi de novo e de novo. Estávamos no último ano, e graças a esses investimentos misteriosos levantei capital o suficiente para abrirmos a V.D.A., sem precisar da ajuda de meus pais. — Abaixo a cabeça e paro de falar, e Suzana beija o canto da minha boca, me encorajando.

— Continue, Cleber. Conte-me o que aconteceu depois.

— Ele sumiu. Não o vi na formatura. Não tive notícias dele. Estávamos com tudo pronto para a inauguração do primeiro hotel da V.D.A. quando voltei a ter notícias dele. Apareceu do nada e me encontrou, e me propôs um último investimento. Um bem maior. Teria que investir seis milhões e o retorno disso era uma quantia obscena. Era a chance de já inauguramos a V.D.A. com vários hotéis. Eu não tinha esse dinheiro disponível. Mas a V.D.A. tinha, e era eu o responsável pela conta da empresa.

Suzana se afasta e olha-me espantada. Espero o olhar de julgamento em seu rosto, mas tudo o que vejo é curiosidade. Então continuo.

— Você sabe que sou um imbecil, faço tudo errado.

Ela assente e aperta minha mão.

— Tirei uma parte do dinheiro da minha conta pessoal, e a maior parte, da conta da empresa. Heitor me deu os papéis para assinar, os mesmos que eu sempre assinava quando investia. Nem me dei ao trabalho de ler. Poucas semanas depois, o valor obsceno prometido por Heitor estava na conta da empresa, achei que tudo tivesse dado certo de novo, foi aí que o advogado da empresa me contatou. O dinheiro de Heitor não era rendimento de um investimento, era um investimento em si. Muito alto. E esse investimento, com os papéis que eu havia assinado, tornaram Heitor o quarto sócio da V.D.A..

Suzana solta minha mão e arregala os olhos.

— Meu Deus! E os outros estúpidos não sabem disso?

— Nem imaginam.

— Você precisa contar para eles.

— Eu sei. Acha que não penso nisso toda noite quando deito a cabeça no maldito travesseiro? São meus melhores amigos, meus irmãos, e eu os estou enganando.

— Mas como você conseguiu? Como eles não perceberam um quarto sócio?

— Eu tomo cuidado. O nome dele nunca aparece em nada. Ele nunca fez questão de participar de nada. Mas tem acesso a conta da empresa. Durante todos esses anos, ele fazia saques, e eu os cobria. E contratei o detetive para localizá-lo, mas nunca chegamos a nada. Porém, nesses últimos meses, ele tem feito saques altos demais. Muitos. A última tentativa dele, eu tive que impedir. Era um valor que não passaria despercebido por Sebastian e Matheus. E desde então ele tem me ameaçado.

— Meu Deus, Cleber. Por que nunca me disse? Por que não disse para alguém? Qualquer pessoa?

— Porque pensei que poderia resolver. Que o encontraria, o colocaria atrás das grades e então contaria a Matheus e Sebastian quando tudo estivesse bem. Suzana, como você acha que eles vão

reagir ao saber que temos um quarto sócio? Alguém que eles mal conhecem? Na empresa que é a vida deles? Eles deram o sangue pela V.D.A.. Dão todos os dias. Penso na Celina, na Nath, é o patrimônio delas também e estamos dividindo com um bandido. Por minha causa.

Ela me abraça forte. Não esperava essa reação dela, mas percebo que fez isso porque lágrimas malditas escorrem por meu rosto. Não quero que ela me veja chorando. Não quero que pense que sou fraco. Até mesmo o mais forte dos homens precisa de força em algum momento. Não preciso que Suzana ache que não sei lidar com meus problemas e fuja ainda mais. Levanto-me e tanto afastá-la, mas ela gruda em mim. Passa as pernas por minha cintura e não me solta.

— Preciso dormir, Suzana.

— Vou com você.

— Não vai, volte para sua casa, vá dormir. É seu último dia de folga. Amanhã você será minha de novo.

— Quero passar minha folga com você.

Eu a abraço e tento depositá-la no chão, mas ela aperta as pernas em volta da minha cintura, acabo rindo. O quão hilária é essa situação? Quando nota que estou rindo ela desengancha as pernas e desce, mas não tira os braços do meu pescoço.

— Cleber, você não é fraco. Só é estúpido. Você errou, todo mundo erra, mas está tentando consertar. Sinto muito que tenha carregado isso sozinho por todos esses anos.

Não há acusações quando ela me olha, não há pena, há amor. Suzana me ama, posso ver isso claramente. Está me aceitando assim, sendo um fraco, um maricas e um estúpido. Meus erros não a assustam, a irritam muito, mas não fazem com que ela desista. A aceitação dela me faz ter vontade de não errar. Encosto minha testa na dela.

— Você precisa ter paciência comigo, Suzana.

— Se eu tiver mais paciência com você do que já tenho, você vai passar por cima de mim sem pensar duas vezes. Ou acabarei em um hospício.

— Infelizmente vai ter que trabalhar isso, porque não pretendo deixá-la nunca.

— Não faça promessas quando está prestes a tentar se matar.

— Não tiraria minha vida enquanto você estivesse nela.

Ela afasta-se e me olha, mas há um sorriso em seu lindo rosto.

— Você era o depressivo agorinha mesmo, Cleber. Não se transforme no homem de palavras bonitas e atitudes contrárias.

— Vou agir com você mais do que falar a partir de agora.

— Tenho medo de você conseguir fazer isso, quando você age dificilmente é uma coisa boa.

Sorrio e a aperto em meus braços.

— Você é minha coisa boa, Suzana. A melhor coisa. A única coisa boa.

— Ainda bem que não sou idiota como você então — ela diz, mas retribui meu abraço.

— Ainda bem, minha safadinha. Porque se você fosse, iríamos os dois para o hospício juntos.

— E isso seria bem a nossa cara.

Seguro seu rosto entre as mãos e digo:

— Vá para casa, amor. Vá dormir e descansar.

Ela assente. Mas não quero ficar sem ela.

— Que merda, que se dane, não vá. Fique comigo — peço.

Seu sorriso me faz sentir calmo e relaxado, como se o mundo como o conheço não estivesse em seu fim iminente.

— Sabia que seu lado egoísta falaria mais alto.

— Não vou ser egoísta. Vou deixar que você durma. Aninhada no meu peito. Quero sentir seu cheiro durante a noite.

— Vou servir de seu perfume. Vamos dormir Cleber, precisamos encerrar esse segundo dia de bosta.

— Espero que amanhã consigamos dar a descarga.

Ela dá uma gargalhada e insinua que se fizéssemos isso, eu iria pelo cano.

Pelo menos descobri que Suzana não aguenta me ver chorando. Calma! Não vou usar isso contra ela, vou apenas usar a meu favor.

Acordo na manhã seguinte sozinho na cama. Sabia que seria assim. Ainda vai chegar o dia em que ela vai me acordar com beijos, ou com a boca no meu pau. Ah sim, isso é bem a cara dela e eu seria bem feliz se ela fizesse isso. De repente toda a merda do dia anterior volta, e parece que minha força vacila. Preciso falar, para Sebastian e Matheus, que não apenas dividi nossa empresa com um bandido, mas com vários. Porque é claro para mim agora, Heitor O. Martinez não é uma pessoa, é uma quadrilha.

Saí antes de Cleber acordar, ou chegaria atrasada. Fiquei feliz que tenha me contado finalmente esse segredo que o atormentava tanto, pareceu outra pessoa depois de me contar tudo. Talvez dividir algo que nos aflige não seja exatamente uma má ideia. Não que eu queira dividir a única coisa que luto para esconder, mas segredos futuros serão compartilhados. E então há o fato de ele ficar me chamando de amor, e de ter me olhado como se eu fosse tão importante para ele, que não pudesse mais ficar sem mim. Há o fato de ele quase ter dito isso. Por que esse estúpido não assume que me ama, não me promete um compromisso sério e não acaba com essa coisa de eu precisar ser má com ele? Independente do plano de Celina, eu preciso me resguardar mais em relação a ele. Ele me afeta demais, me faz ficar sempre aqui, disponível para ele, e precisa entender que não estou na verdade disponível para ele, que posso sofrer ao me afastar, mas prefiro isso a permitir que ele me faça sofrer. Só preciso que ele seja um pouco mais corajoso, demos um passo ontem, sinto que falta pouco.

Meu celular toca e não podia ser outra pessoa, Celina.

— Bom dia, Suzana, não me diga que o Cleber não veio de novo porque vocês finalmente se acertaram e vão passar o resto do ano na cama?

Solto uma gargalhada que chama a atenção de Samuel, então me controlo e respondo:

— Longe disso.

— Então, por que ele não está vindo?

— Está com uns problemas, mas acho que ele mesmo vai contar para vocês. Escuta, o que são esses homens de preto me seguindo? Tem alguma ideia?

— Seguranças. Nossos estúpidos são exagerados com essa coisa de segurança. Também já tive um Montanha me perseguindo, mas não acabou bem para ele, então Sebastian desistiu.

Nem posso imaginar o que ela pode ter feito para que as coisas não tenham acabado bem para o segurança.

— É o aniversário dele hoje. Achei que fosse querer saber.

O aniversário dele? E eu o deixei sozinho na cama? Poderia ter preparado um café, tê-lo acordado de um jeito especial, qualquer coisa. Tudo bem, ele merece acordar sozinho. Mas sinto muito que ele tenha que passar uma data tão importante com tantos problemas na cabeça. Espero que me contar tenha sido o primeiro passo de um novo Cleber menos estúpido.

Assim que entro na Academia, Saulo me cumprimenta. Ainda me olha daquele jeito estranho, como se estivesse se lembrando do meu corpo seminu, o que desconfio, seja exatamente o que está fazendo. Acho que o mundo precisa ver meus orgasmos. Não há outra explicação. Na hora do almoço, Samuel e eu não vamos a um restaurante, como de costume, ele pede comida e almoçamos no terraço da Academia, por conta do mundo de seguranças que precisaríamos levar. Os de Samuel e agora, os meus. Celina não estava brincando quando disse que eles são exagerados com isso, Cleber colocou três guarda-roupas atrás de mim. Achei um exagero, mas estou louca para ver a reação deles ao me acompanharem ao Red à noite. Meus guarda-roupas vão se divertir.

Samuel estende seu lençol quadriculado e nos sentamos ali. O sol morno me aquece e o barulho dos carros lá fora é bem baixinho daqui de cima. Nem três minutos depois de começarmos a comer, um dos guarda-roupas aparece.

— Não há necessidade de ficar aqui Elias, estou segura.

— Sinto muito senhorita Suzana, mas o senhor Dantas instruiu que não a deixasse sozinha.

— Deixa Suzana, está apenas fazendo seu trabalho — diz Samuel.

Levo um sanduiche e um copo de suco para Elias e mal me sento antes de Samuel perguntar:

— Por que está andando com três seguranças?

— Porque Cleber é exagerado. Um seria suficiente.

Ele me encara por um momento, esperando que eu diga alguma coisa, mas esse segredo não é meu.

— Algo está acontecendo, Suzana. Umas semanas atrás, ele me ligou desesperado dizendo que você estava em perigo. Depois, começou a carregá-la para todos os lados. Agora você tem três seguranças. É algo relacionado a ele, não é? Ele a está colocando em perigo?

— Não exatamente. Não é nada demais, Cleber é realmente exagerado, preocupado demais.

— Que bom que ao menos está cuidando bem de você. Ele não é homem para você, Suzana. É desesperado demais. E possessivo. Não entendo como permite que você dance no Red.

— Ele não tem que permitir. Eu já dançava desde antes de... — me calo ao dar-me conta do assunto.

Arregalo os olhos e o sanduíche fica entalado na minha garganta.

— Eu sei há muito tempo, Suzana. Sempre investigo as pessoas com quem me envolvo.

As palavras demoram a sair, e um coração quase sai junto com elas pela minha boca.

— Mas, então por quê?

— Por que a contratei mesmo assim?

Concordo com a cabeça.

— Como eu disse, você era a pessoa mais perfeita para o cargo. E sabe separar as coisas. A Suzana, minha vizinha, é uma mulher respeitável e competente, a Miss Sue, dançarina, obviamente tem talento.

Desisto do sanduiche, minha cabeça parece girar e nada faz sentido.

— Mas, você sempre deixou claro o quão conservador é. Principalmente se tratando da Academia.

— Sim, e por isso fiz questão de tentar corrigi-la, de deixar claro esse lado conservador. Para que você não se descuidasse e não deixasse que Miss Sue, esse seu deslize, fosse descoberta.

É meu emprego dos sonhos. E sinto que ele está prestes a me mandar escolher. Não sei se conseguiria dizer adeus a Miss Sue agora.

— Não vou pedir que abandone sua personagem, Suzana. Se tivesse essa pretensão, o teria feito antes. Você é uma excelente coordenadora. Vou pedir apenas que tome cuidado.

— Sempre tomo. Mas quero deixar claro que não gostei de você ter mandado investigar minha vida. Não sei o que acontece com vocês ricos que não conhecem o significado da palavra privacidade.

— Sinto muito por isso, mas precisava saber tudo sobre você antes de me envolver como pretendia.

— Você sempre investiga assim todos os seus funcionários?

Um meio sorriso se insinua em seu rosto antes de ele falar, sem olhar para mim:

— Não pesquisei você porque queria contratá-la. Não sabia que ia perder a antiga coordenadora quando nos aproximamos. Investiguei você porque queria algo mais.

Se estivesse comendo o sanduíche, teria engasgado nesse momento. Não consigo dizer nada, e resolvo voltar a comer o sanduiche, apenas para manter minha boca ocupada.

— Suzana, o que há entre você e Cleber Dantas?

O que posso responder? Muito tesão e uma chantagem?

— Nada demais — digo e me irrita o fato de não sermos mais do que isso porque Cleber é um covarde.

— Será que poderíamos marcar aquele jantar? Preciso falar com você. Sobre assuntos que não

condizem com nosso local de trabalho.

— Claro, podemos marcar. Prometo que não vou furar desta vez.

— Ótimo.

Assim terminamos nosso almoço em um clima estranho e não digo mais nada.

Passei o resto da tarde pensando. Samuel já sabe sobre Miss Sue, logo, não tenho mais porque aceitar a chantagem de Cleber. Não temos mais nada. Penso se devo permitir que a chantagem continue, afinal, ele já melhorou tanto! Falta pouco para que seus sentimentos vençam sua covardia. É isso, não posso me afastar dele agora que começamos a caminhar para o lado certo. Mas, quando me despeço de Samuel no meu andar, assim que as portas do elevador se abrem eu vejo, Cleber parado na porta de seu apartamento, sem camisa, rindo. Claramente flertando com as gêmeas estranhas. Estaco onde estou, depois da noite passada achei que tivéssemos dado um passo, mas pelo visto o único passo aqui será o meu na cara dele.

Assim que me vê, sua postura muda. Ele se empertiga todo e vem a passos largos na minha direção.

— Oi, amor — diz beijando minha boca, e então passa o braço pela minha cintura e me arrasta até as gêmeas.

— Amor, essas são Abani e Aditi. Meninas, essa é a Suzana.

Ele diz meu nome com ênfase e as gêmeas arregalam os olhos, como se soubessem algo sobre mim. Ele continua com os braços a minha volta e a conversa não dura muito. Em nenhum momento ele diz que sou sua namorada, nem que temos algo. Diz apenas “essa é a Suzana” e não sei o que isso quer dizer. Pouco depois ele dispensa as gêmeas sem deixar que elas entrem, o que é um ponto a favor dele. Mas então, transforma esse ponto em algo negativo quando diz:

— Os seguranças irão levá-la ao Red hoje. Preciso resolver uma coisa com Sebastian.

Concordo e vou para meu apartamento, mas me machuca que ele tenha agido como se nada houvesse mudado entre nós. Provavelmente agiu assim porque realmente nada mudou. Isso foi apenas eu me iludindo outra vez. Ah Cleber, acho melhor acabarmos logo com essa chantagem.

Quando chego do Red, assim que saio do elevador conversando com Elias, o som alto e as risadas me fazem parar. Elas vêm do apartamento de Cleber. Ando a passos rápidos e abro sua porta, e sim, está rolando uma festa. Há muitas mulheres seminuas espalhadas pela sala e poucos homens. Não acredito que ele fez isso. Mesmo que seja aniversário dele, que não tenhamos nada, ainda fico tentada a entrar lá e acabar com tudo.

Tomo um banho, ligo o rádio para abafar o som do apartamento de Cleber, mas não consigo deixar de pensar no que ele deve estar fazendo lá dentro. Em quantas mulheres havia ali, seminuas, se insinuando, loucas para acabar a noite na cama dele. Aquela mesma em que dormimos ontem. Merda! Esse aperto no peito é tudo o que jurei que não sentiria. Jurei que não sofreria por um homem nunca mais, e aqui estou eu, sentada no parapeito da janela, olhando os prédios e os carros, e torcendo para que ele broxe de novo. Não é verdade. O que quero é que ele me queira, apenas a mim. Não precisa de tantas mulheres se posso dar a ele tudo o que precisa, por que ele não enxerga isso? Seria um bom momento para ter um ataque da devassa, imaginá-lo entrando por essa porta, batendo-a depois, como sempre faz e me tomando nos braços com desejo e fúria. E aí ele me diria que não precisa de todas aquelas mulheres, que já as mandou embora. Mas, quando abro os olhos, a música ainda está lá, o barulho, as conversas femininas, e não há ninguém na minha sala.

Apago a luz, mudo o rádio para uma música triste, para combinar com meu humor, e volto para o

parapeito da janela. Fico ali com uma taça de vinho tentando contar os carros que passam na rua. Pensando porque sempre me apaixono pelo cara errado. Aceitando que Cleber não é o cara errado, só não é o certo, ainda. Eu só queria que ele passasse essa noite comigo. Que quisesse fazer amor à noite, e dormir na minha cama, e que eu fosse tudo o que ele precisasse no aniversário dele. Isso é pedir demais?

É aí que duas mãos tocam meus ombros. Tomo um susto e tento me levantar, mas Cleber me puxa para seus braços, me acalmando.

— Por que está no escuro minha linda? Está tudo bem?

Toco seu rosto para me certificar de que é ele ali e não um ataque da devassa.

— Você está mesmo aqui? Ou isso é um ataque?

Ele morde meu lábio com força, grito e ele se afasta rindo.

— Estou aqui, meu amor.

— E seus convidados?

— Eles sabem se virar sem mim. Não tive nada a ver com essa festa. Foi obra do Sebastian. Não convidei ninguém.

Cruzo os braços e faço bico antes de falar:

— E você não gostou nem um pouco, não é?

— Não. Tinha planejado levá-la para jantar. Depois fazermos amor, talvez eu a fizesse de submissa. Seria o melhor presente de aniversário do mundo.

— Sei muito bem onde esses presentes de aniversário vão parar. Celina me contou sobre como ela conseguiu a Nath. No aniversário do Sebastian.

Ele dá uma gargalhada deliciosa, sem tirar os olhos de mim.

— E agora entendo o que Sebastian quis dizer com melhor presente de aniversário. Você é meu melhor presente, minha safadinha linda. E sei que você toma aqueles comprimidos que estão no armário do seu banheiro, a consequência para meu presente não será um bebê. Meu presente será seu corpo, e mais ainda, seu coração.

Sim, talvez ele já seja o cara certo. Pulo em seus braços e ele me beija. Mas não com a fúria de sempre, e sim com calma, com carinho, passando a língua em cada pedaço de meus lábios, brincando com a minha, me puxando de encontro ao seu corpo. Murmura meu nome entre um beijo e outro, e não tira as mãos de mim. Suas mãos percorrem todo meu corpo, até que não aguento mais e puxo sua blusa, começo a abri-la desajeitada, pois não enxergo os botões, o que o faz rir e se afastar. Em dois minutos está nu diante de mim. Ele me pega pela nuca e me puxa para ele, mordendo meu pescoço de leve, diz:

— Achei que nunca mais a teria nua em meus braços. Vou amar você direito, Suzana. Bem devagar. Vou amá-la como sempre quis. Quero ter certeza de que essa não é a última vez.

Não consigo responder, mas não é necessário, ele tira minha roupa com uma calma que me aflige, quero ficar nua com ele, quero que ele entre em mim. Depois de senti-lo dentro de mim, ele pode ir com a calma que quiser.

— Cleber, por favor — choramingo.

— Calma, meu amor.

Ele se afasta e me olha. Seus olhos brilham através da luz da lua. Ele me posicionou bem abaixo da luz, de forma que me vê perfeitamente, enquanto vejo apenas seu sorriso, e seus olhos. Ele dá um passo na minha direção e pega a barra da blusa, e olha em meus olhos enquanto a tira, bem devagar. Abre meu sutiã com a mesma calma, roçando os dados em meu corpo, e na lateral dos meus seios. Meus mamilos já apontam desejosos, e ele deposita um beijo leve em cada um. Então engancha os

dedos nas laterais da minha calcinha. A desce bem devagar, se abaixando com ela. Termina ajoelhado aos meus pés. Sua língua toca de leve minha coxa, e um tremor me percorre, quase me tirando as forças. Sem me tocar, ele consegue me prender a ele, me mover em sua direção. Sua língua sobe por minha coxa e instintivamente afasto mais as pernas, e ela segue para a parte interna da minha coxa. Ali, ele começa a dar mordidas, leves, quase um roçar de dentes, mas que fazem arrepios percorrerem todo meu corpo. Chamo seu nome e imploro, mas o que ele faz é morder um pouco mais forte, e quase desabo sobre ele. Quando sua língua se aproxima do meu centro, me afasto. É o dia dele, não meu.

Ajoelho-me à sua frente, ele me encara sem entender, mas aquele brilho de desejo ainda está ali.

— Hoje é seu dia, não meu.

— Provar seu sabor é um presente para mim, Suzana, mais do que para você.

— Mas hoje, eu quero prová-lo.

Ele não diz nada, então abaixo-me e toco seu pau. Ele fecha os olhos e emite um grunhido baixo. Isso me encoraja e subo a língua por sua extensão antes de lamber a cabeça, então ele geme. Quando meus lábios o rodeiam e o levo o máximo que consigo na boca, Cleber agarra meu cabelo e guia meus movimentos. Bem devagar no começo, mas acelero e ele permite por um tempo. Logo, me afasta gentilmente, mal consegue falar, e a sensação que tenho ao saber que eu o deixei assim é de plenitude. Ele se levanta e me levanta, me pega no colo e me leva até o quarto, até minha cama. Não me joga nela como costuma fazer, está mesmo disposto a fazer amor. Deposita-me gentilmente e me avalia, por um bom tempo.

— Você é tão linda, Suzana. Tão linda. Parece que nunca vou deixar de me surpreender ao vê-la nua.

Tomara que não, meu amor.

Então seu corpo está sobre o meu, sua boca toma a minha. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, tento puxá-lo mais para perto de mim e ele se encaixa em meu corpo bem de leve. Quero senti-lo, empurro o quadril em sua direção, ele geme, mas apenas me toca, me contorço com seu toque, mas até ele é lento, torturando meu clitóris, sem me deixar chegar ao prazer que me ronda. Ele enfia um dedo em mim, e quando enfia o segundo, seu polegar passeia por meu clitóris e ele dá uma mordida forte no meu seio. Quase gozo ali mesmo, mas ele afasta os dedos e a boca, rindo.

— Ainda não amor. Você vai gozar quando eu estiver dentro de você.

— Então venha logo, não tenho muito tempo.

Ele sorri e me beija.

— Estamos fazendo amor, safadinha. Essa noite, vamos ser românticos.

Ele posiciona seu pau na minha entrada, mas não penetra, o que me faz resmungar. Acaricia meu rosto, olha em meus olhos e diz:

— Estar em você Suzana, é como alcançar o paraíso. Não há nada nesse mundo melhor do que isso, quero isso todas as noites, sem precisar forçá-la ou irritá-la, quero apenas que você também queira.

Não consigo dizer nada, apenas concordar com a cabeça. Sim meu amor, quero tê-lo aqui todas as noites, quero tê-lo em mim o resto da minha vida.

— Agora é sua vez amor, me fale algo doce.

O que? Não consigo pensar em nada, só preciso senti—lo. Preciso.

— Me coma — é tudo o que consigo dizer e ele sorri.

— Ah Suzana — diz abaixando seu corpo sobre o meu e encostando a boca na minha. — Você é a mulher mais doce que conheço — então ele me penetra.

Não se move com cuidado, não há mais a lentidão de antes, estamos fazendo amor, mas Cleber faz amor com força, do jeito que eu gosto. Sua boca não me deixa, passeia por todo meu rosto, pescoço e seios, e volta a minha boca. Seu pau não para de se mover em mim, e cada vez que ele sai e torna a entrar, grito seu nome mais alto. Não me importo se a casa dele está cheia agora, se todos vão nos ouvir, quero que ele saiba o que faz comigo, que saiba que sou completamente dele. Logo, chegamos ao orgasmo, ele grita meu nome e se move até não aguentar mais. Então deita a cabeça em meu ombro. Quero acariciá-lo, mas não tenho forças para mover os braços. Ele deposita beijos leves no meu ombro e se move, saindo de dentro de mim. Deita-se ao meu lado, e me viro para olhá-lo. Ele acaricia meu cabelo, quando fala, sua voz é tão doce que sei que se me pedir qualquer coisa, farei.

— Você me deu seu corpo e seu coração aqui. Agora quero sua alma. Seus segredos. Eu estou aqui por você, amor. Não quero nada entre a gente.

Não quero falar, mas não quero que isso que surgiu entre nós, essa coisa que é tão linda e tão frágil, se parta. Quero que ele continue aqui, na minha cama, com as mãos em mim, me olhando como se eu fosse seu mundo. Quero que ele me conheça mais do que uma investigação pode permitir. Que saiba o que sinto no peito. Pego sua mão e a levo até meu seio, para que sinta meu coração. Ele fecha a mão em uma concha sobre ele e espera. Espera por um tempo, apenas fitando-me, esperando que eu diga. Sei que preciso dizer. É minha vez de deixar de ser covarde.

— Minha mãe se chama Rosália, e ela é uma prostituta. Ela trabalha com o nome de Madame Suzie, sim ela me deu esse nome em homenagem à vida dela, não o contrário. Não conheci meu pai, e provavelmente ele era um dos homens casados que pagavam por sexo. Mas não é só isso, não é só ela que vive essa vida. Minha casa, foi sempre errada. A criação que tive foi... — Engulo em seco e Cleber me abraça.

Afundo a cabeça em seu ombro.

— Só fale o que quiser falar, amor. Estarei aqui todas as noites, você pode falar mais amanhã.

Nego com a cabeça e me afasto, quero ver a expressão dele quando eu disser, quero saber se ele vai sentir repulsa, nojo ou qualquer coisa do tipo.

— Além de minha mãe, havia minha avó. Ela praticamente me criou, e ela era a dona do bordel. O bordel que era a minha casa. Havia a tia Violeta também, ela também era prostituta, claro. Minha avó foi por um bom tempo também, pelo que eu me lembre, depois deixou de ser por estar velha demais. E ela me ensinou, me criou para ser como elas. Eu era grande demais, desenvolvida demais, os homens que entravam lá sempre me olhavam de uma forma que me dava nojo. E eu sempre via, os atos. Sempre as vi transando. Era algo comum para mim. Todas as aulas de dança, o balé, tudo o que pagaram, foi para que eu fosse a menina de ouro delas, para que eu tivesse o melhor corpo, a melhor flexibilidade, os melhores gestos. Quando eu quis aprender pole dance aos doze anos, elas acharam o máximo. Nada me era proibido. Elas nunca tentaram me forçar a ser como elas, apenas falavam. E eu sentia, Cleber, sentia desejo pelos meus colegas de escola. Eu queria mais quando um deles me beijava. Aí me repreendia porque estava sendo igual a elas. Eu não tinha amigos, era a filha da puta, não vou dizer que sofri bullying ou algo do tipo, eles não falavam disso, apenas não falavam comigo.

— Eu sinto muito, meu amor — ele diz enquanto seca uma lágrima do meu rosto. E vejo que seus olhos também estão molhados.

— Está tudo bem. Como eu disse, nunca me forçaram a nada. Quando eu tinha dezesseis anos arrumei um namorado, Tomas. Ele era diferente de tudo. Dos caras que iam lá, olhava para mim de uma maneira diferente. Ele não elogiava meu corpo, nem a forma como eu me movia, como os outros, me achava inteligente e divertida. Sempre dizia isso. Perdi a virgindade com ele, não me pareceu errado se éramos namorados. Eu sabia, que ele era um desses caras mais velhos, que tem o mundo

aos seus pés, filhinho de papai, e que tinha muitas mulheres. Mas fui tola o bastante para achar que mudaria por mim. Que se eu entregasse minha virgindade a ele, levaria isso em conta. Coisa de uma adolescente boba.

Cleber começa a descer e subir a mão pelas minhas costas, bem devagar, e isso me acalma.

— Depois que transamos, ele passou a frequentar muito minha casa. Antes, brigávamos muito porque ele tinha ciúmes dos homens que entravam lá, mas de repente ele não reclamava disso mais. Eu queria que ele me levasse dali, que se casasse comigo ou simplesmente me levasse embora. Ficamos juntos por dois anos, e quando fiz dezoito, mas com corpo e rosto de uma mulher, desconfiei que havia algo mais na nossa relação. Eu o vi falando com minha mãe, ela nunca deu em cima dele, mas a forma como falavam era estranha. Não era íntima, ambos estavam vestidos e não havia gesto de carinho entre eles. Era mais algo como cumplicidade. Tomas começou a querer sexo o tempo todo, mas não era bom, era como minha mãe e tia faziam. Faltava algo, não era diferente como eu queria que fosse. Fui me cansando. Uma noite ele falou sobre casamento. Que seus pais não aprovariam por eu ser filha da madame Suzie, mas que ele os deixaria e ficaria comigo, porém, precisávamos de dinheiro para comprar nossas coisas, já que eu não queria ficar na casa da minha avó. Ele disse que eu era muito boa com sexo, que devia ser uma coisa de família. Que meu sonho de ser bailarina não me levaria a nada. E eu devia aproveitar o dom que herdei e ganhar dinheiro.

Cleber arregala os olhos e vejo a raiva passar por seu rosto.

— Fiquei uma fera, e quando viu que eu não aceitaria, ele fingiu estar bravo, disse que eu estava enganada, que ele nunca me dividiria, que não estava me propondo isso. Foi a primeira vez que ergui o que você chama de muro. Fingi que estava tudo bem, que eu acreditava nele e quando fomos dormir, eu disse que o amava. Era isso. Um plano dele com minha mãe. Eu seria a mulher perfeita, a puta, que o encheria de prazer e dinheiro enquanto ele continuaria com outras mulheres, com outra vida.

— Sua mãe confirmou que eles estavam planejando fazer isso?

— Não. Nenhum dos dois nunca confirmou.

— Então como você sabe que era um plano? Como tem certeza de que ele queria mesmo usá-la?

— Simples, ele nunca disse que me amava. Elas me ajudaram quando eu fugi para cá. Mas deixaram claro que se tudo desse errado e eu precisasse voltar, seria nos termos delas. Não foi fácil. Eu sentia desejo, ansiava por prazer. Um psicólogo me disse que sentia essas coisas porque me privei demais disso, me preocupei demais. Então começaram os ataques da devassa, as coisas que eu imaginava e sentia vergonha de imaginar. E isso só foi piorando. Era como se eu tivesse tanta vergonha por imaginar essas coisas, que outra pessoa precisasse assumir minha mente e assumir essa devassidão. Nem mesmo Miss Sue ajudou, com ela eu pude mostrar o que aprendi fazer, seduzir. Mas não era o bastante.

Olho para ele, que está atento a cada palavra minha, ainda me acariciando, ainda com o mesmo amor nos olhos.

— Deixou de ser assim depois que você apareceu. Não me sinto errada quando meus desejos são direcionados a você. Foi como uma cura — digo e deito a cabeça de volta em seu peito.

— Nós curamos um ao outro, meu amor. E é uma merda que não a tenha encontrado antes, que não a tenha protegido de tudo isso. — Ele me aperta em seus braços, o sono já começa a me tomar. Não vi em seu rosto nojo ou repulsa em nenhum momento, apenas raiva, mas não direcionada a mim.

— Nunca me prostitui, Cleber.

— Eu sei que não, jamais pensaria isso.

— Elas nuncame forçaram, nunca nem me pediram, apenas insinuavam que era o caminho lógico

que eu deveria seguir.

— E era mesmo. Qualquer pessoa no seu lugar teria seguido esse caminho.

— Talvez — digo, os olhos já fechando. — Por isso tenho medo do que as pessoas vão pensar, por isso tenho medo de assumir que sinto tanto desejo. Não quero ser assim, quero ser uma boa pessoa. Eu achava que se fosse movida a desejos, não seria.

— Você é maravilhosa Suzana, a mulher mais incrivelmente maravilhosa que já vi. Você é tão forte, e inteligente. E engraçada. E bem teimosa e espirituosa também. E linda. Dança como um anjo. E na cama você é a mulher mais quente, amorosa e deliciosa do mundo. O que você me entrega Suzana, seu prazer, não é errado. Isso não me faz sentir nada negativo por você, pelo contrário, você sabe disso. Na cama, meu amor, você é você. Sem faces, sem muro, sem medos. O melhor lugar do mundo é em uma cama com você.

Sorrio e o beijo.

— Ah Cleber, eu amo esses momentos em que você não é um estúpido.

— Se eu tentar não ser tão idiota com você, você me daria uma chance?

— De quê? — pergunto deitando em seu peito de novo, para dormir.

— De ser minha. De eu ser seu dono.

— E o que isso quer dizer? — Vamos Cleber, você só precisa dizer.

— Que você será só minha, mas que vou dar o mundo todo a você. Você me diria? Me diria sim? Não era isso, meu amado estúpido. Precisa ser mais claro.

— Não.

— Não? — Sinto seu corpo todo enrijecer.

Mas estou sorrindo em seu peito, e ao perceber, ele sorri também.

— Então terei que forçá-la a me dar uma chance? — pergunta.

— Ah não. Você está tentando me provar que pode não ser um idiota, lembra?

— Então eu terei que convencê-la a me dar uma chance?

— Exatamente.

— Ou me diz sim ou nunca mais terá meu pau.

— Ei, isso é uma maneira idiota de me convencer.

— É uma maneira justa. Não tenho seu coração, você não tem meu pau.

Começo a rir, a tensão que estava sentindo, as lágrimas, tudo isso se foi.

— Com uma chantagem? Estúpida dessa?

— Minha safadinha, chantagens estúpidas são o meu forte. Estúpidas chantagens são as melhores.

Fecho os olhos ainda sorrindo e fico bem quietinha, deixando que seus braços à minha volta me aqueçam, que as batidas do seu coração me façam dormir. Fico tanto tempo quieta, que acho que Cleber pensa que estou dormindo. Ele me cobre bem devagar, se mexendo o mínimo possível. Beija meu cabelo e diz:

— Eu te amo.

Mas então o sono me toma e não ouço mais nada.

Suzana está ao meu lado quando acordo. Enroscada em mim. E algo estranho me faz começar o dia me sentindo bem melhor. Ouvir da boca dela o que passou, mesmo que ela tenha tentado aliviar, e não fazer drama, só me fez confirmar o quanto admiro essa mulher. O quanto a amo. Não importa quantos jogos mais tenhamos que fazer até nos acertarmos, até mesmo essa fase de nunca saber o que vai acontecer é gostosa, desde que ela esteja assim, enroscada em mim na manhã seguinte.

Preparo seu café e pouco depois ela se levanta. Sonolenta, descabelada e usando minha camisa para cobri-la.

— Definitivamente essa camisa fica bem melhor em você do que em mim.

Ela sorri e se joga na cadeira.

— Não comprei um presente para você — diz desanimada.

— Não preciso de um presente. Mas talvez precise de uma submissa.

Seu sorriso aumenta ainda mais antes de ela responder:

— Um verdadeiro dom não pede a uma mulher que se submeta a ele. Ele a domina.

Quase queimo a mão com água fervida e a encaro. Ainda está sorrindo.

— Você e essas suas lições.

— Tente aprender alguma coisa, estúpido.

— Você não perde por esperar, safadinha.

Era isso que eu precisava, estar em paz com Suzana. Isso muda totalmente meu humor. Tomamos café com nossas costumeiras provocações, percebo que ela me olha às vezes de uma maneira diferente, parece ansiosa. Espera alguma coisa. Não entendo o que é. Quando a deixo na Academia, ela me olha por um bom tempo, antes de o muro aparecer e ela descer do carro. Dá a volta e se abaixa na minha janela, depositando um beijo nos meus lábios. Sai resmungando:

— Só mais um pouco de paciência.

O que essa mulher está esperando? Acho que preciso falar com a Celina.

Celina. Quase sinto minha alma sair do corpo quando a vejo, e o vejo perto dela. Heitor. Ligo para Gil enquanto corro até eles.

— Chame a polícia imediatamente.

— Por quê? — ela pergunta com aquela voz desinteressada.

— Heitor está aqui.

Ela não diz nada e desliga.

Aproximo-me deles com cautela, não quero que Heitor me veja, podem estar armados. Embora esteja com um braço imobilizado, a mão boa está apertando o braço de Celina. Então tudo acontece rápido demais. Heitor puxa o braço de Celina, Sebastian aparece gritando do outro lado, ele a solta e tenta correr, mas Celina acerta as bolas dele com o bico do sapato. Com força. Quase posso sentir a dor dele, que cai no chão com a mão boa no pau assassinado. Gritando.

Sebastian chaga até Celina e pulo com tudo em cima de Heitor.

— O que está havendo? — pergunta Celina com aparente calma.

— Depois eu te explico, amor. — responde Sebastian beijando-a em todos os cantos.

A polícia chega pouco depois, e reclamo da demora, pois tive que ficar em cima de Heitor até que aparecessem. Após uma manhã tumultuada na delegacia e um Sebastian praticamente mudo ao meu lado, tenho a satisfação de finalmente ver Heitor atrás das grades.

— Seu jogo acaba aqui — digo a ele me vangloriando.

— Você que pensa — ele responde.

Foi detido em flagrante por ameaça. Também será julgado pela quase tentativa de sequestro a Suzana. Mas preciso de provas para que sua quadrilha seja desarmada.

Quando voltamos a V.D.A. falo antes que Sebastian diga qualquer coisa:

— Preciso falar com você e Matheus.

— Com toda certeza. Vou apenas dar uma olhada na Celina.

— Chame-a também.

— Melhor não. Não quero que ela fique nervosa. Sou eu que pago quando ela fica nervosa.

— Como preferir.

Estou sentado na sala de reuniões, Gil sentada a minha frente, olhando para todos os lados, menos para mim. Ela nem deveria estar aqui, mas não consegui fazer com que saísse. Sebastian e Matheus entram juntos e calados. Sinto-me em um julgamento, onde acabarei decapitado. Motivo da sentença de morte: excesso de babaquice. Os dois se sentam e me encaram. Procuro uma maneira fácil de dizer isso, mas não há uma maneira fácil. A vida às vezes é simplesmente uma merda.

— Sou um tremendo imbecil.

— Não precisávamos de uma reunião supersecreta para saber isso — diz Gil.

— Cale a boca Gilcelle, você nem deveria estar aqui — ralho.

— Ótimo, vou me lembrar disso na hora que precisar que eu o defenda.

Fecho os olhos, respiro fundo e digo:

— A V.D.A. tem um quarto sócio.

Permaneço de olhos fechados, mas não escuto som algum. Abro os olhos e Sebastian está com a cabeça apoiada no dedo, Matheus com uma sobrancelha arqueada e Gil lixando a unha. Todos me encaram.

— Prossiga — diz Matheus.

— A essa altura, imagino que se lembrem do Heitor, da faculdade. De como consegui um bom dinheiro em apostas. Pois bem, eu não estava apostando...

Conto aos meus amigos, que nesse momento me parecem assustadores e não estúpidos, a merda toda. Tudo. De como tirei dinheiro da conta da empresa até o momento em que ele fugiu do hospital após planejar sequestrar Suzana. Quando termino o relato, eles continuam me olhando. Me olham, me olham e não dizem nada.

— Que merda! Digam alguma coisa!

É aí que acontece, algo voa na minha direção e não tenho tempo de desviar. Acerta com tudo minha testa, e caio para trás da cadeira com um estrondo. Fico um tempo ali, até conseguir levantar o braço e tirar da minha cara um sapato vermelho de bico. O mesmo que vi no pau de Heitor mais cedo.

É, acho que Celina estava ouvindo atrás da porta. Tiro o sapato da cara e permaneço imóvel. Não mexo um músculo, mal respiro.

— Cleber Imbecil Dantas! Eu sei que está vivo, levante-se! — ela ordena.

— Vamos cara, enfrente seus demônios — diz Matheus me levantando pelo braço.

Levanto-me, levanto a cadeira, me sento e a olho.

— Vamos, me mate.

Ela encara por um tempo algo no meio da minha testa, provavelmente um buraco causado pelo sapato. Espero que o sangue escorra por meu rosto, mas não acontece.

— Em primeiro lugar, por que diabos eu fui excluída dessa reunião?

Encaro Sebastian deixando claro que a ideia foi dele.

— Dedo duro! — ele reclama.

— A gente resolve isso em casa, Sebastian Vaughn. — Então ela dirige toda sua fúria a mim — Você, espere ali. — Aponta a pequena copa da sala de reuniões.

Encaro Matheus para me certificar de que ela está falando sério, mas ele me enxota com um gesto de mão. Ali, na copa, vejo pela porta que eles conversam, Celina parece bem nervosa, enquanto os outros parecem calmos demais. É um martírio não saber o que estão dizendo.

De rente Gilcelle se aproxima e diz:

— Espere um pouco. Não saia daí. Celina está mal humorada e louca para matá-lo.

Então todos eles saem. Sento-me no chão e fico ali por cerca de meia hora. Quando estou quase tendo um troço de nervosismo, imaginando o que podem estar fazendo, tipo chamando a polícia para mim, eles voltam. Estão com algumas sacolas nas mãos, não posso imaginar o que seja, mas não pode ser nada bom depois da confissão que fiz. Quando uma Celina de boca cheia tira um donut da sacola, abro a porta e invado a sala.

— Mas, que merda é essa? Estou aqui com o coração quase saindo pela bunda e vocês foram comprar donuts?

— Não reclame. Ideia da Gilcelle, para estarmos todos de melhor humor quando formos matar você — diz Sebastian.

Jogo-me na cadeira ao lado de Celina e encaro todos eles.

— Me perdoem. Mas não consigo entender porque vocês estão tão calmos. Exceto a Celina.

Ela engole o donut e diz:

— Porque eu era a única que não sabia de nada. — Então olha para Sebastian. — Você me paga por isso.

— Espera, vocês sabiam?

— Claro que sabíamos. Você acha que somos tão tapados a ponto de não percebermos um quarto sócio na nossa empresa? Acha que somos tão tapados a ponto de deixar a conta da empresa apenas em suas mãos? Não somos, Cleber — diz Matheus.

— Até você sabia? — pergunto a Gilcelle.

— Claro, sou sua secretária. Eu sei de tudo. É meu dever, bebê.

— Na verdade, não entendemos porque você nunca nos disse. Você cobria as merdas dos saques, todos eles, por que nunca nos pediu ajuda? — pergunta Sebastian.

— Porque achei que vocês me odiariam e me expulsariam da V.D.A..

— Você está parecendo o Matheus, com tanto drama.

Matheus encara Sebastian sério e acerta um tapa na cabeça dele, bem forte.

— Porra, homem! Só estou falando a verdade! — ele reclama.

— Vocês dois. Meu Deus, às vezes acho que devo aconselhar Suzana a correr enquanto é tempo.

— Coitado do Cleber, Celina, mal consegue convencê-la a entrar nessa, não atrapalhe — diz Gil.

— Gilcelle, por favor, não me defenda.

— Só quero ajudar — ela diz dando de ombros.

— A questão é a seguinte. — Interrompe Celina. — Pelo que entendi, esse Heitor é mais escorregadio que quiabo e ninguém conseguiu pegá-lo nos últimos cinco anos. Então por que ele apareceria aqui, na porta da empresa, em plena luz do dia para me atacar? Com um braço imobilizado.

— Acha que ele fez isso de propósito? — pergunto espantado.

— Ele queria ser pego. Não há outra explicação — diz Sebastian.

— Faz todo sentido. O homem fugiu de um hospital cheio de seguranças e aí aparece aqui quando nós poderíamos e iríamos vê-lo — constato.

— Talvez ele não tenha fugido do hospital. Talvez ele tenha sido tirado de lá. Já que você desconfia que seja uma quadrilha. Ele pode não ser o chefe — diz Matheus.

— E sinto te informar que seu detetive de bigode cinza está envolvido — diz Gil.

— Botelho? Não! — dizemos todos em uníssono.

Celina encara Sebastian espantada.

— Mas, por que cargas d'água você se envolveu com esse detetive, Sebastian?

Ele gagueja, abaixa a cabeça, mas diz:

— Porque eu queria achar o Heitor.

— Para o Cleber?

— Não, porque também investi em uma de suas trapações. Mas no meu caso, ele me deu o cano. Sumiu com meu dinheiro e nunca mais o vi.

— Bem feito! — diz Celina.

O sorriso que surge em meu rosto é involuntário.

— Uau! Como é bom saber que não o único estúpido aqui.

— Você ainda é o mais estúpido. Sebastian, definitivamente vamos resolver isso em casa.

— Alguém me dá abrigo? — ele diz olhando de mim para Matheus, mas negamos imediatamente.

— Eu disse que isso ia sobrar para mim.

— O que faremos agora? — questiono.

— Precisamos descobrir se Botelho está metido nisso — diz Matheus.

— Como vamos conseguir isso? Ele é um dos melhores e mais temidos detetives do submundo.

— Então precisamos de um detetive ainda pior do que ele — diz Sebastian.

— Não conheço ninguém pior do que ele, o cara tem a barba cinza.

Todos à mesa se olham, e é Gilcelle quem fala, surpreendendo a todos.

— Acho que posso ajudar. Conheço um detetive pior do que ele.

Todos a encaramos em choque.

— E você tem contato com ele? — pergunta Sebastian.

— Sim, posso procurá-lo. Farei isso. Tenho certeza que Lagartão ficará mais do que feliz em acabar com Botelho. Se provarmos que ele está envolvido.

Celina faz uma careta ao ouvir o nome do detetive, mas já ouvi falar dele. Sebastian também, pela cara que está fazendo. Mas é Matheus quem dá o grito.

— De onde você pode conhecer um homem como ele?

— Conheço muitos homens — ela responde. — Vou procurá-lo esta semana mesmo. Vamos dar um jeito nas merdas do Cleber.

— Vou com você — diz Matheus.

— De jeito nenhum!

— Eu vou sim, ou você não vai. Que se dane as merdas do Cleber, você não vai procurar esse homem sozinha.

— Ok guarda-costas gay. Você pode vir comigo.

Isso é tudo o que podemos fazer por enquanto. E quando me levanto para ir embora, dou uma de maricas. Volto para trás e abraço meus amigos. Celina me abraça também com sua barriga protuberante e Gil se une a nós com uma careta.

— Obrigado por não me matarem, mas porra. Foi barra segurar isso sozinho, se vocês fossem amigos melhores teriam me dito que já sabiam e me ajudado antes.

— Se fôssemos amigos melhores, já teríamos pendurado suas bolas na praça, seu estúpido — diz Sebastian.

Eu devia realmente ter contado antes. São meus amigos, meus irmãos. Tão estúpidos quanto eu.

Quando estou saindo do prédio, recebo uma ligação de Elias.

— Senhor, a senhorita Suzana provavelmente vai sair hoje. Achei estranho que isso não estivesse na programação dela.

— Sair? Com quem?

— O chefe dela. Ouvi algo sobre um pedido. Algo que ele precisa pedir a ela.

Ah merda. Não. Não mesmo. Samuel Alencar não vai pedir a minha mulher em casamento. Mas, não vai mesmo.

Capítulo 15

Suzana

O dia é estranho. Embora esteja me sentindo feliz de uma maneira estranha. Como se a vida estivesse maravilhosa, o que sabemos, não está. Ainda. E Samuel ficou o dia todo me olhando de uma maneira quase assustadora. Com risinhos e piscadelas, como se compartilhássemos um segredo. Mas ou sou tapada ou ele é maluco, porque não me lembro de nada. É no fim da tarde que ele me prova que sou mesmo tapada.

— Posso te pegar às sete?

O jantar. Que eu jurei que não ia mais furar. Mas estou tão bem com Cleber, não é o momento de sair com Samuel. Cleber finalmente, finalmente, disse que me ama. E eu até entrei no banheiro assim que cheguei à Academia e fiz uma dancinha da vitória. Só falta ele dizer isso como um homem, na minha cara, mas me ama. Bem, há essa questão. Ele disse apenas porque achou que eu estivesse dormindo. O que quer dizer que não pretende dizer se não for nessas condições. Ele também não me disse que as coisas entre nós mudaram. Para ele, estamos ainda na estúpida chantagem fazendo um sexo diário que não devo tratar como menos do que é. Mas o que é? Olho para Samuel ali, todo cheio de dentes para mim e decido. Ele é meu chefe, não poderei fugir de jantares com ele para sempre. E se existe um momento para um jantar amigável, sem segundas intenções com Samuel, esse momento é agora, certo? Para que Cleber se irrite. Sei que se eu for a esse jantar, minha noite vai acabar de duas maneiras: com Cleber sentindo medo de me perder e dizendo que me ama numa altura boa o suficiente para que eu ouça. Ou vai acabar com Cleber tendo um ataque de ciúmes, ficando irritado e fazendo alguma merda, o que é mais provável.

Vamos pagar para ver. Samuel é meu chefe. Um amigo. Não vou deixar de sair com chefes e amigos porque Cleber é um estúpido que não assume o que sente para mulheres acordadas.

— Pode me pegar às sete. Mas, não posso demorar muito.

— Eu sei, por causa da sua apresentação. Tudo bem, não vamos demorar. Quero apenas te propor algo.

— Ok.

Quando estamos descendo, Cleber me liga.

— Posso ir te buscar? — pergunta e parece assustado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Quero apenas levá-la em casa. Posso?

Esse não foi nosso acordo. Mas ontem foi aniversário dele, e ele disse que me ama, mesmo que baixinho quando achou que eu não estivesse escutando, ele já admitiu isso para si mesmo. É só uma carona Suzana, relaxe.

— Pode.

— Desça. Estou aqui na porta.

— E se eu dissesse não? — pergunto irritada.

— Você não diria não — ele responde sorrindo.

— Cachorro.

Desço até seu carro e assim que entro, noto algo bem vermelho em sua testa.

— O que aconteceu com sua testa?

— Celina descobrindo sobre Heitor.

— Como foi?

— Melhor do que eu havia imaginado. Exceto que não havia imaginado isso. Bico de um scarpin.

— Ela é boa de pontaria então.

— Você não faz ideia. Celina é quase uma assassina com essas coisas. Sebastian que o diga. Mas foi bom ter falado, eu devia ter falado antes.

Ele me conta como foi e depois vamos brincando e conversando amenidades até em casa.

— Estou com saudade de dirigir — reclamo.

— Suzana, querida, você só vai voltar a tocar em um volante se fizer cerca de cinquenta aulas de direção. Não antes disso.

Eu disse, ele sabe ser um completo babaca. Nossa paz acaba assim que entro em meu apartamento.

— Quer que a leve para o Red?

— Não precisa. Hoje não me apresento, só preciso ajudar os meninos, mas vou mais tarde.

— Então vou ficar aqui com você — ele diz se jogando no sofá.

Vou tomar meu banho e assim que fecho o box ele aparece. Fica do lado de fora do vidro, vejo apenas sua silhueta pelo vidro embaçado.

— Cleber, é estranho pra caralho você ficar aí me olhando como se eu fosse um lanche.

— Você é um jantar completo, minha safadinha.

— Saia do banheiro, por favor.

— Não. Aonde você vai?

— Quem disse que vou sair?

— Você está tomando banho.

— Faça isso todos os dias, se não reparou.

Ele fica me encarando pelo box e depois que desligo o chuveiro, sai. Não o vejo na sala quando saio do banheiro e acho que foi embora, mas quando entro no meu quarto, ali está ele, jogado na minha cama. Fica me olhando vestir a roupa. E me maquiar. Não diz nada. Quando termino, ele se levanta e me vira para ele.

— Você está linda. Posso te pedir uma coisa?

— Claro.

— Não saia com Samuel hoje.

— Como você ficou sabendo disso?

— Eu sei tudo sobre você. Não saia. Fica aqui comigo.

Malditos seguranças fofoqueiros.

— Por que eu ficaria aqui com você?

— Porque posso te dar um excelente sexo e ele é gay.

— Bam! — Faça um barulho com a boca. — Resposta errada.

Calço meu sapato e ele tenta de novo.

— Você não me deu um presente de aniversário.

— Você disse que não se importava.

— Me importo agora. Fique. Quero jantar com você de presente de aniversário.

Olho nos olhos dele e pergunto:

— Por que eu deveria me importar em te dar um presente de aniversário?

— Porque somos vizinhos, é a boa educação.

— Bam! Resposta errada de novo. Estúpido nível dois detectado — digo imitando a voz de um robô.

Sinto que ele está nervoso. Vejo pela forma como passa as mãos pelos cabelos e fica dando voltas.

— Se ele te pedir algo, diga não.

— Sim.

— Não. É para você dizer não.

— Ok, eu entendi.

— Isso é sério.

— Cleber, o que há com você?

— Não quero que saia com ele. Sinto-me inseguro. É isso que há comigo!

— Inseguro por quê?

— Não sei bem. Eu sei que não tenho direito de te cobrar nada. Mas merda, eu tenho. Sei que impedir que esse jantar aconteça seria ridículo da minha parte. Mas não posso arriscar. Minha mente sabe que estou errado, mas a porra do meu coração, coisa que eu nunca ouvi na vida, é quem dita as regras agora.

— O que isso quer dizer?

Ele segura minhas mãos nas suas e olha em meus olhos. Há tanto medo ali, e não entendo o motivo de ele se sentir assim.

— Suzana, por favor, não vá a esse jantar.

— Ele é meu chefe. Estou indo apenas por isso. É um jantar amigável. Não vou transar com ele, Cleber.

— Eu sei, mas não quero que vá. Você já passa o dia todo com ele. Fique à noite comigo.

Ele me deixa tentada a ficar, mas estou sendo boazinha demais e Cleber não age quando sou boazinha.

— Não posso. Prometi que não ia furar dessa vez e sou uma mulher de palavra, alguém aqui tem que ter palavra, não é mesmo?

Ele não responde. Solta minhas mãos e desiste. Simplesmente desiste. Segura a porta um tempo, sai do meu quarto e a bate. Preciso de um minuto para me recompor antes de conferir pela última vez meu visual no espelho. Queria muito ficar aqui com ele, e teria feito isso de bom gado se ele tivesse pedido pelo motivo certo. A roupa que escolhi é comportada, como as que costumava usar. Um macacão muito bem tampado, mas enfeitado, e elegante. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, que combina mais com a roupa e já que esse jantar é em público, quero parecer o mais respeitável possível, como eu sempre quis. Sei que quando chegar em casa, um Cleber irritado vai me jogar contra a parede e então serei a devassa de novo.

Mas, quando vou abrir a porta, percebo porque Cleber desistiu tão rápido. O filho de uma mãe a trancou.

— Cleber Dantas! Abra a merda dessa porta agora mesmo! Isso não tem graça! Não seja infantil! Abre a porta!

Ele não responde. Grito cerca de dez minutos, mas não ouço nada. Deve ter saído. Maldito. Relâmpagos cobrem o céu e uma chuva forte se anuncia, mas não tenho saída. Vou a esse jantar de qualquer jeito, dei minha palavra, e Cleber não vai mandar em mim de jeito nenhum. Abro a janela, me penduro nela e saio. Ando no parapeito até a escada de incêndio. A chuva começa a cair de repente e grito um milhão de palavrões todos terminados no nome de Cleber. Não vou descer oito andares de escada debaixo de chuva, vou pegar um resfriado e vão achar que sou louca. Vólto para o parapeito da janela e vou a passos lentos e cuidadosos até a janela da minha sala. Está fechada e com a cortina a cobrindo, claro. Mas vejo o vulto de Cleber na sala, se sentando no sofá. Arranho a janela, mas nada. Outro raio e as luzes da cidade se apagam.

— Ah merda! Agora a porra ficou séria.

No parapeito da janela, com chuva e raios e sem luz, é morte certa. Praticamente prego na janela e me arrasto até o trinco, ela não está totalmente fechada, sempre a deixo encostada para que um vento mínimo entre. A empurro e entro. E assim que caio pela cortina da sala, Cleber se levanta do sofá gritando e levantando os braços e as pernas.

— Ahhhh! Mas que porra! Merda! Você quer me matar do coração?

Fico parada ali me decidindo entre ter uma crise de riso de sua reação ou puxá-lo pelo colarinho e jogá-lo da janela, mas ele decide por mim. Anda a passos largos até onde estou e me levanta, me puxando para seus braços e me apertando.

— Você andou no parapeito da janela nessa chuva e no escuro? Meu Deus, parece que nunca paro de colocá-la em perigo. Que merda, Suzana. Isso é difícil pra caralho.

— O que é difícil pra caralho?

— Esse sentimento louco. Não sei lidar com isso. Perdoa-me minha linda, eu já ia abrir a porta do quarto e deixá-la ir. Tenho medo de perdê-la, nunca tive tanto medo de nada assim na vida. Nem mesmo da Celina quando descobriu sobre Heitor. Não consigo lidar com isso. — Ele segura meu rosto entre suas mãos, vejo pouco de sua expressão no escuro, mas o escuto. — Não sou um homem que simplesmente diz o que sente e fica contente com isso. Sou um homem cagão, que morre de medo de falar isso e perdê-la. Suzana, eu não sobreviveria.

Posso sentir o medo nas palavras dele. Posso sentir o amor nelas. Por favor, meu estúpido lindo, não dificulte as coisas. Seguro seu rosto imitando seu gesto e digo:

— Cleber, você pode me falar o que sente, você deve falar. Não vou a lugar nenhum. Não fui até agora, não é?

Ele me olha por um tempo, por tempo demais. E não vai dizer. Posso sentir isso. Que se dane! Não vou ficar aqui a mercê de seus ataques enquanto ele decide se sou digna de ouvir o que ele sente. Ele precisa ser mais homem do que isso. Dou um passo para trás.

— Vou te dar uma lição de novo, Cleber. Um homem não perde por dizer o que sente, mas perde, e muito por não dizer. Guarde seus sentimentos para você até que eles o façam explodir. E isso meu querido, fará você perder, mas não me fará ser sua. Eu fui clara?

— Como clara de ovo.

Dou um passo para longe dele e sua voz me detém.

— Aonde você vai?

— A um jantar.

— Não pode ir. A luz acabou, você está molhada.

Pego o celular e ligo para Samuel.

— Samuel? Será que pode me pegar às oito? Aconteceu um imprevisto, mas às oito horas estarei pronta. Tudo bem. Até mais.

Mal desligo o celular a luz volta, aos poucos, ainda está fraca quando Cleber se aproxima de mim. Parece furioso.

— Você vai mesmo sair com ele? Vestida assim?

— Obviamente vou vestir uma roupa seca.

— Outra roupa fechada como essa? Que esconde a Suzana real? A roupa de uma mulher que você não é? Vale a pena o sacrifício, Suzana?

— O que quer dizer?

— Será que você não nota mesmo o que está fazendo? Você se esconde, usa roupas que não gosta, passa a imagem de alguém que não é. E tudo para quê? Para que aquele cara de gay a note. Meu Deus

Suzana, você é linda, a mulher mais linda que já vi! É inteligente, divertida, deliciosa. Você é sexy pra caralho. E fica escondendo isso. Quando vai parar de fugir do que é e ser você mesma?

— Estou tentando. Eu não estou me vestindo... — Mas, é o que estou fazendo não é? Tentando passar a imagem de uma mulher respeitável. Porque o jantar é em público e não podem me ver ao lado de Samuel com roupas atrevidas demais. Sou a coordenadora da Academia, tenho que manter minha imagem. Não tenho? — Não posso ser eu mesma, você não entende, serei como ela — admito.

— Não será. Você nunca será como ela se for você mesma. Mas o que está fazendo, é bem parecido com ela.

Algo parece apertar meu peito e o encaro enfurecida:

— Não fale assim.

— Como quer que eu fale? Quando você finge ser algo que não é para agradar um cara só porque ele é rico!

— Isso não é verdade!

— É a mais pura verdade, Suzana. Você se esconderia assim e faria todo esse sacrifício se o gay não fosse rico?

Demoro um momento para conseguir responder. Ele não está certo. Não estou fazendo isso para conquistar Samuel, não preciso disso. Só quero ser essa mulher respeitável também. Será que isso é tão errado? É errado que eu queira ser diferente da minha mãe?

— Parece horrível com você falando assim, está enganado. Você quer que eu seja a devassa que você conheceu, a que você come. E sim, eu sou essa mulher também, mas não sou só ela. Há uma parte de mim que é tímida, Cleber. Que cora com facilidade, que gosta de ser respeitada. Que quer ter uma família. Essa parte também existe.

Ele apenas me olha, e lágrimas brotam em meus olhos. Detesto chorar. Principalmente na frente dos outros. Nunca faço isso. Mas ele precisa saber, precisa entender que pode sentir o inferno por mim, não é agindo assim que vai me mostrar que é digno que eu também sinta o inferno por ele.

— Sobre o Samuel, sim, o fato de ele ser rico é um atrativo, não vou mentir, mas não me apaixonei por ele por isso. Eu me apaixonei quando o vi pela primeira vez na Academia de dança, e eu não fazia ideia de quem ele era, ou do que possuía. Eu ia lá todos os dias apenas para vê-lo, e quando o vi aqui, no elevador do prédio, foi um choque. Só então descobri quem ele era, e aí formei toda uma vida na minha cabeça que só poderia ter com ele.

Dirijo-me a porta, mas paro no caminho. As palavras lutam para escapar de minha boca. Ele precisa ouvir. Porque não vou falar isso de novo. Porque talvez nem vá falar mais nada. Ele acha que estou tentando agradar Samuel para ter seu dinheiro, e dormindo com ele por puro desejo. Ele acha que isso não passa de uma chantagem, tesão e paixão.

— Não estou apaixonada por você Cleber, aceite isso e tente não julgar o que não entende.

Não me preocupo em decifrar o que passa por seu rosto. Não me preocupo com o fato de que ele parece ainda mais assustado, como nunca o vi. Nem mesmo no dia em que desabafou suas merdas comigo. Quero sair daqui, preciso disso. Mas, quando abro a porta, ele me segura.

— Não vá, Suzana não faça isso, não desista da gente agora. Perdoa-me. Eu posso te dar tudo, posso te dar a família que deseja, os filhos, uma casa linda e respeitável com um cachorro e tudo. Até um gato se você quiser. E posso te dar uma vida de luxo. Você pode se dedicar ao que ama fazer, não me importo, não a cobrarei mais.

Ele se afasta apenas o suficiente para segurar meu rosto entre as mãos e praticamente suplica:

— Eu te dou uma academia só sua se for preciso, Suzana. Será que não vê que também posso te dar a vida que sonha com ele? E que posso dar o prazer que você precisa? Não vê que posso te dar tudo?

Tiro gentilmente suas mãos de meu rosto e olho em seus olhos.

— Uma vez, você me disse que não é o tipo de homem que se apaixona por uma única mulher. Isso mudou?

— Talvez.

— Você também se enfurece quando eu me apresento no clube. Eu vejo o quanto isso te afeta. E quando sou uma dançarina, tenho que dançar com outros homens, pouco vestida, são possibilidades, como você vai se sentir sobre isso?

— Não quero outro homem com as mãos em você.

Acaricio seu rosto. Acho que não temos solução. Cleber me ama, desesperadamente, eu posso ver isso tão claramente, mas está certo. Ele não é o homem que vai aceitar isso e ficar contente. Vai fazer de tudo um inferno. Vai ter esses ataques sempre, vai querer me dominar. E não vai me dar o que preciso em troca. Um excelente sexo? Sim, ele pode fazer isso. Outros homens também podem. O coração dele, bem, isso é meu, mas ele claramente não vai me entregar.

— Não se trata do que você pode me dar Cleber, mas do que ele pode me dar e você não. Não quero seu dinheiro, nem o dele. Eu quero amor, quero um homem que me respeite e me ame acima de tudo, e que esse mesmo homem me coma com força quando a noite chegar.

— Ele nunca vai te comer com força Suzana você não percebe que com ele vai ser sempre assim? Você será a Suzana comportada e fria para sempre?

— E com você eu seria a devassa para sempre. Nenhum dos dois pode me dar o que eu preciso, essa é a verdade.

Abro a porta, mas ele a segura de novo.

— O que isso significa? — pergunta.

— Que eu desisto Cleber. De você e dele. Preciso que os dois me deixem em paz. Quero um homem que me dê mais do que vocês dois podem dar.

Bato a porta ao sair e paro no corredor. Não sei o que fazer. Não pretendia me envolver com Samuel, não quando amo tanto Cleber. Mas pelo visto me envolver com Cleber requer uma paciência que não tenho. Estou cansada demais, e com medo também. Não é só ele que tem medo.

As portas do elevador se abrem e revelam um Samuel muito elegante, que arregala os olhos ao me ver.

— Outro imprevisto?

Apenas assinto com a cabeça.

— Você está bem?

Dou de ombros.

— Isso é irrelevante agora. Acho que não podemos sair.

— Então venha comigo.

Ele me leva até o terraço do prédio, e ficamos lá em cima. A chuva fina cai sobre nós e por um bom tempo, ele não diz absolutamente nada. Ficamos olhando os carros parecendo formigas luminosas lá embaixo. Tão distantes. Quando fala, sua pergunta me surpreende.

— Você o ama, não ama?

Não preciso responder, sei que há uma placa de neon na minha testa com os dizeres: *eu amo Cleber Imbecil Dantas*.

— Ele a ama. Não é culpa dele o que quer que tenha feito. Homens como ele não são feitos para o amor, Suzana. Não se engane achando que ele vai mudar só porque a ama. Ele não vai.

— Eu sei.

— Então case-se comigo.

Não respondo, não estou com ânimo para brincadeiras. Ao perceber que não o levei a sério, ele diz.

— Estou te pedindo em casamento.

Finalmente olho para ele. Está sério. Está falando sério. Começo a entrar em pânico.

— Aqui? No terraço de um prédio debaixo de chuva e todo molhado? Isso não é romântico.

— Na verdade é. O que não a agrada é que sou eu a fazer esse pedido e não ele.

Abaixo a cabeça.

— Vou fazer as coisas direito, sem rodeios. Eu sei seu segredo Suzana. Quero que saiba o meu. Sou homossexual. Meu pai não sabe e não acho que aceitaria isso. Como pôde perceber, minha família é extremamente conservadora. Preciso de uma mulher, mas não apenas isso. Preciso de uma amiga. Com quem possa dividir a cama todas as noites. Dividir a vida. Seria um relacionamento aberto, desde que você seja discreta, como sei que é. Você pode continuar no clube, não me importo, e na verdade, gosto de vê-la dançar. Em troca eu lhe daria uma vida de rainha. Você teria tudo. E não me olhe assim — diz quando estou prestes a empurrá-lo do terraço. — Não estou propondo dinheiro em troca de sexo. Não faremos isso. Estou propondo que tenha seu dinheiro, que realize seus sonhos, que tenha tudo o que você merece e a minha amizade. Em troca de assinar meu sobrenome e estar sempre ao meu lado em público. Apenas isso. Não é difícil.

Gay? Samuel é gay?

— Merda! Cleber estava certo. Você não é afim dele, é?

— Não — ele responde com um sorriso sem graça. — Ele é lindo, realmente. Mas, não faz meu tipo.

— Gay? Isso não é justo. Sabe quanto tempo eu fui apaixonada por você? Você sabe, e nunca me disse. Isso não se faz.

— Você não era apaixonada por mim Suzana, e sim pela minha dança. Você nunca me olhou com metade da devoção que olha para ele. E nunca teve comigo metade da paciência que tem com ele.

— Isso não quer dizer nada. Sou obrigada a ter paciência com Cleber. Senão, ele já estaria morto.

— É sua escolha, lindinha.

— Estou me sentindo usada. Não vou responder isso agora. Porra! Foi mais de um ano sabia? Eu até já sabia os nomes dos nossos filhos.

— Podemos ter filhos. Ainda sou um homem.

— Em meus devaneios, a melhor parte de ter filhos era fazê-los.

Ele solta uma gargalhada e se aproxima de repente.

— Por favor, aceite. Sei que está apaixonada, e te darei o tempo que for necessário para esquecê-lo. Mas amor, Suzana, não leva ninguém a nada. Amar uma pessoa dá a ela poderes demais sobre você. E você não é uma mulher que aceita ser dominada.

—Eu realmente preciso pensar. Quando fantasiava que você me pediria em casamento, uma confissão de homossexualidade não estava incluída. Ainda me sinto enganada. E na verdade, estou até tentada a jogar você desse terraço.

Ele sorri, mas dá um passo para trás.

— Por segurança — diz levantando as mãos. — Pense bem. E me procure quando tiver uma resposta.

Então ele beija minha testa e se vai. E fico ali me perguntando o que eu fiz para merecer ser chamada de interesseira e receber uma proposta para ser praticamente uma acompanhante, sem os benefícios, em uma única noite.

— Maldita noite de bosta.

Volto para meu apartamento horas depois. Ainda molhada, os olhos ardendo. Provavelmente pegando um resfriado e com a cabeça cheia de caraminholas. Vou apagando as luzes dos cômodos por onde passo, pois só preciso deitar na cama e apagar. Dormir. Desmaiar. Morrer por um curto período de tempo. É normal me sentir assim? Você já se sentiu coisada desse jeito? Estou assim agora. Mas, quando abro a porta do meu quarto, ali está ele. Dormindo tranquilamente na minha cama, enquanto eu estava na chuva pensando em uma maneira de não matá-lo. Mas agora não há maneiras de impedir isso. Pulo em cima dele e começo a socá-lo.

— Você está achando que essa é sua cama? Acha que aqui é sua casa? Imbecil. Imbecil! Estúpido! Eu te odeio!

Ele acorda assustado e se senta, segurando meus pulsos.

— Sou mesmo tudo isso.

— Eu sei! — grito tentando soltar-me e matá-lo mais um pouco.

— E te amo pra caralho.

Estaco de repente. Olho para ele, que me avalia com cautela. Está sério, concentrado.

— Você não me ouviu, Suzana? Eu disse que te amo. Muito. Muito mesmo. Pra caralho.

Não consigo responder.

— Porra, mulher! Eu sou um idiota. E sou sim esse homem que vai amá-la acima de qualquer coisa e dar a vida para você. Sou o homem que vai fazer seu café da manhã todas as manhãs e trancá-la em trinta quartos se for preciso para não correr o risco de perdê-la. Eu sou Suzana, o homem em quem você pode confiar, porque posso gritar para o mundo todo que a amo, mais do que a mim mesmo, mais do que ao meu pau ou meu ego. Eu te amo. E é uma frase tão simples que eu não sei por que não disse antes, mas porra, isso está me enlouquecendo. Eu só quero que você seja minha.

Abro a boca para responder, mas ele cola seus lábios aos meus rapidamente me calando. Então se afasta e continua.

— Vou ser bem claro. Fica comigo. Namora comigo. Noiva comigo. Seja minha de verdade. Sem chantagens, sem joguinhos, assim como eu sou seu.

Ainda não consigo responder, não consigo me mover. Devo estar tendo um ataque da devassa. Não, devo ter uma face nova, romântica e boba que acredita no impossível. Fecho os olhos bem apertados esperando que Cleber suma de debaixo de mim, mas ele beija levemente minhas pálpebras fechadas.

— Eu te amo, safadinha. Amo que seja tão safada na cama, que não tenha medo de se entregar. Amo a forma como geme e grita meu nome. E como reage quando puxo seu cabelo. Eu amo seu lado sensual, quando você sobe naquele palco e faz cada nervo do meu corpo tomar consciência de cada movimento do seu. Eu amo a forma como dança e o que sabe fazer com movimentos tão perfeitos que me enfeitiçam desse jeito. Eu amo seu lado responsável, amo quando coloca aqueles óculos enormes, o rabo de cavalo perfeito e vem com suas frases inteligentes e ácidas. Amo nossas discussões, que seja tão mais esperta do que eu. Amo quando você se rende, e quando me obriga a me render. Eu amo suas lições. Juro que tento aprender cada uma delas, para ser melhor para você. Eu amo o que você faz comigo. Mesmo quando me irrita a ponto de eu querer matá-la, amo até o instinto assassino que você desperta em mim. Eu te amo.

Não precisa dizer mais nada. Colo minha boca a dele, e ele me aperta em seus braços. Agarra-me pela cintura e me vira, deitando sobre mim na cama.

— Só vou tomá-la se você for minha, Suzana. Não farei isso de novo a menos que me diga sim.

— Fará assim que eu tocar qualquer parte do meu corpo no seu pau.

Ele sorri.

— Provavelmente farei mesmo. Mas não estrague meu momento romântico. Diga sim meu amor, seja minha. Juro que vou compensar cada falha. Juro que vou amá-la sempre.

— Eu sei.

— Então me diga sim. Suzana, ninguém mais vai amar você da maneira como eu amo.

— Isso é uma chantagem? Do tipo, fique comigo ou morra seca sem amor?

Ele sorri e me beija.

— Não. Sem chantagens. Isso é uma constatação. Porque o que sinto por você, minha safadinha, não pode existir em nenhum outro coração, em nenhuma outra mente, em nenhum outro lugar. Ninguém mais suportaria algo tão grande, tão assustador, sem enlouquecer.

— Eu vou ter paciência Cleber, desde que você me diga que me ama todos os dias.

— Direi todas as horas para não restar dúvidas.

Olho seus olhos, verdes, brilhantes, que me avaliam com ansiedade. Amo esse homem. Amo demais esse homem. E ele é um estúpido.

— Sim.

Sinto como se ele pesasse de repente vinte quilos a menos, de tanto que relaxa.

— Vou colocar um anel no seu dedo, você sabe disso, não sabe?

— Espero que faça isso.

— Vou ser ainda mais ciumento e possessivo e louco do que antes, você também sabe disso?

— Terei liberdade de castigá-lo por isso.

— Suzana, um homem apaixonado é capaz de qualquer coisa, mas, quando um homem ama uma mulher, como eu te amo, é capaz de tudo. Por favor, não se assuste, não me afaste e não desista.

— Não vou a lugar nenhum. Estou aqui para você, lembra? Como você está para mim. Sou sua cura e você é a minha.

— Eu te amo — ele sussurra uma última vez antes de tirar minha roupa como um louco e me penetrar.

E então fazemos amor, mesmo com pressa, mesmo com força, mas as coisas que ele repete em meu ouvido cada vez que me penetra e a forma como me toca, me reverenciando, não podem ser taxadas como sexo. Nós fazemos amor. O melhor amor do mundo. Sei que não vai ser fácil assim, mas vou domar meu pervertido. Nem que seja a última coisa que eu faça.

Desculpe, acho que isso ficou meio assustador.

E não é que minha noite acabou das duas maneiras que imaginei que acabaria?

— Quando foi que você decidiu que poderia ser esse homem? Meu homem? — Suzana pergunta após fazermos amor de manhã. Enroscada em mim, com a cabeça aninhada no meu peito.

— Quando você saiu por aquela porta. Eu quis ir atrás de você, mas sabia que se fosse com o desespero que estava sentindo, ia fazer merda de novo. Mas ficar aqui, enquanto você ia ser pedida em casamento pelo cara por quem é apaixonada, foi uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Ela apoia os braços no meu peito e se ergue o suficiente para me olhar.

— Como sabia que eu ia ser pedida em casamento?

Uma raiva me domina e quase a esmago, a apertando em meus braços e deitando sobre ela. O maldito fez mesmo o pedido.

— O que você disse? O que respondeu? Você disse não?

— Sim.

— Você disse sim?

Estou quase tendo um ataque e a maldita está rindo.

— Você acha que eu aceitaria um compromisso com você se estivesse noiva de outro, Cleber?

Merda. Definitivamente ainda vou morrer de um ataque do coração por culpa dessa mulher. Abaixo a cabeça e mordo seu seio, como vingança por ser tão má.

— É bom que lembre-se de que é minha e apenas minha.

— Sim, senhor possessivo.

— E sou seu. Até meu pau é seu, você ganhou na loteria.

Ela sorri e me beija.

— Então vou colocar uma etiqueta nele com os dizeres: *propriedade da Suzana*.

— Pode colocar. Ele não sobe para outra mulher mesmo.

— Eu sabia que havia um motivo escondido por trás dessa declaração de amor. Você só quer sexo.

— Ah sim, safadinha, o que eu amo na verdade é a sua xoxota.

Ela gargalha e a penetro de novo. Nada é melhor do que acordar na cama com essa mulher.

A V.D.A. está uma correria, pessoas andam apressadas de um lado para o outro por conta dos preparativos para a inauguração do hotel em Madri. Procuro o silêncio da minha sala, mas Sebastian está nela, andando de um lado para o outro, claramente nervoso.

— O que houve? — pergunto já alarmado.

Matheus chega logo atrás de mim e praticamente me empurra da porta.

— Deixe-me ver isso. O homem está tendo um ataque pré-morte.

— Por quê? O que está havendo?

— Vai pedir a Celina em casamento — diz Matheus rindo.

— Isso é sério? Não me diga que a cor roxa do seu rosto é porque está reconsiderando, ou a Celina te mata de qualquer jeito.

— Não estou reconsiderando. Preciso ter essa certeza de que ela é minha para sempre.

Em uma ocasião normal, eu teria zombado e tirado uma com a cara dele, mas agora, entendo perfeitamente o que é querer essa certeza.

— Eu entendo — dizemos Matheus e eu.

— Vou fazer uma surpresa para ela hoje à noite. Vocês estão intimados a comparecer.

— Não precisávamos de uma intimação. Não perderia por nada a chance de ver a Celina acertando suas bolas como fez com Heitor, quando você fizer o pedido — brinco.

— Não tem graça. Já estou uma pilha. Ela tem pavor à palavra casamento.

Ele ainda anda de um lado para o outro, e me parece azul agora, não mais roxo.

— Relaxa Sebastian, ela te ama. Vocês serão pais, ela vai dizer sim — diz Matheus tranquilizando-o.

— Assim espero, porque terei que passar à tarde com a mãe dela e ela é meio assustadora.

— É a mãe da Celina, o que esperava?

Mas o homem parece prestes a ter um colapso. O seguro pelos ombros e espero que se acalme.

— Homem, deixa de ser bundão. Você tem alguma dúvida de que aquela maluca te ama?

— Não. Ela diz isso o tempo todo. Mas Celina é imprevisível e nunca sei... que merda Cleber, o que foi?

Não estou mais ouvindo. Ela não disse. Merda. Ela disse que não estava apaixonada por mim, foi para me irritar, mas não desmentiu depois.

— Bruxa. Ela não disse. Suzana não disse que me ama.

— Mas você também não diz isso a ela — diz Sebastian como se fosse óbvio o motivo de ela não dizer.

— Eu disse. Gritei para ela. E repeti um monte de vezes.

Matheus se aproxima de nós me encarando com a expressão séria.

— Está dizendo que se declarou para ela e ela não respondeu de volta que o ama?

Sinto-me ainda pior com ele falando assim.

— É o que estou dizendo.

Os dois me encaram, depois olham um para o outro e caem na gargalhada. Entre os risos identifico “patético” e “bem feito”.

— Que bom que acabei com sua tensão Sebastian, veremos quem vai rir à noite, quando a Celina gritar um não bem redondo na sua cara.

Ele para de rir imediatamente.

— Idiota!

— Babaca — rebato.

— Função das mulheres: transformar os homens em seres patéticos — diz Matheus.

— Bem-vindo ao Clube dos Patéticos Apaixonados — diz Sebastian.

— Que coisa gay! — reclamo.

Quando sai da minha sala, Sebastian está mais relaxado.

Suzana está entrando no carro do gay quando chego para buscá-la. Acelero e freio quase batendo no carro dele. Ela me olha com uma careta, mas despede-se dele, que me olha irritado, e vem para meu carro.

— Olá, meu amor — digo.

— Oi, Cleber.

— Eu te amo.

Ela me olha com um sorriso.

— Sua promessa foi de me dizer todo dia, não toda hora, Cleber.

Merda. Preciso que ela diga.

— Que horas você precisa ir para o Red? — pergunto enquanto a arrasto para o meu apartamento.

— Às onze. O que estamos fazendo aqui?

— Eu moro aqui — digo com um sorriso. — É bom que se acostume com minha casa, Suzana. Você já tem as chaves.

Ela pisca os olhos e não diz nada.

— Preciso que venha comigo a um jantar. De noivado, da Celina.

— Mas, ela me disse que não pretendia se casar.

— Não pretende. Mas Sebastian está desesperado e quer tentar a sorte.

— Estúpidos desesperados só fazem merda. Mas nesse caso eu o apoio.

— Então vai comigo? Preciso que você vá, quero esfregar na cara da Celina que estamos namorando.

— Por quê?

— Porque fizemos uma aposta.

Seu olhar agora é curioso.

— Uma aposta? De que você iria namorar comigo? E quando foi que fizeram essa aposta?

— Quando descobri sobre Sue.

Ela abre um sorriso enorme.

— Se você já pretendia namorar comigo, por que demorou tanto?

— Não pretendia, a Celina é meio difícil de negar... tudo bem, eu pretendia mesmo. Mas porra, você fez eu me apaixonar duas vezes. Foi minha fada e minha bruxa, não tinha a menor chance de eu ficar sem você.

Ela se aproxima e me beija.

— E o que você ganha?

— Você. Não preciso de mais nada. — A rodeio com os braços e a beijo. — Eu te amo.

Ela abre a boca e espero o momento em que vai me dizer o mesmo.

— Eu sei — ela responde.

— Bruxa!

Estamos todos escondidos esperando que Celina apareça. Sebastian advertiu aos convidados masculinos que fechassem os olhos, pois ela costuma chegar já tirando a roupa. E por isso estou com os olhos arregalados quando escuto seu carro parando na entrada. Está tudo escuro, mas mesmo na penumbra, quando olho para o lado, vejo os olhos de Suzana colados em mim.

— Feche os olhos agora mesmo, seu safado!

Obedeço imediatamente.

Celina abre a porta, Sebastian acende a luz e gritamos surpresa. Toda atrapalhada, ela começa a fechar os botões da blusa que estava tirando, mas não deu para ninguém ver nada. Acho que Sebastian está tremendo.

— Ele está tremendo, coitado — diz Suzana confirmando minhas suspeitas.

— O que é isso? — pergunta Celina.

— Nossa festa de noivado — responde Sebastian.

— Fes-festa de noivado?

— Acalme-se, isso não é um pedido de casamento. É um pedido de noivado.

Aprendendo uma lição com Sebastian, como enrolar uma mulher, isso é sim um pedido de casamento.

— Não entendi. O que essa aliança está fazendo no meu dedo?

— Lembra que quando a aceitou só o fez porque não era de noivado? Era de compromisso? Agora vou te dar a de noivado.

— Eu... eu...

Ela gagueja e olha para os lados. Por um momento quero ir até lá e ficar ao lado dele, para que

seja forte quando Celina sair correndo.

— Calma. Não precisa dizer nada. Isso não é um pedido de casamento — ele repete.

— Você está me enrolando. Para que as pessoas fiquem noivas se não para se casarem?

Celina, sempre esperta demais, nos fazendo rir.

— Eu quero me casar com você, nunca escondi isso. Mas, não estou te pedindo que seja agora. Estou te pedindo a garantia de que será um dia. Você entende?

Admiro o esforço dele. Mais do que isso, entendo. Olho para a mulher ao meu lado, com os olhos marejados, emocionada, e me pergunto como diabos farei para fazer um pedido melhor do que esse quando formos nos casar?

— Celina Morelli, hoje convidei todos os nossos amigos e familiares, para serem testemunhas do que quero que você me prometa. Para que assim você não possa escapar. Eu te amo, muito, desesperadamente. Você sabe disso, todo mundo sabe disso.

— Está na sua cara de bobo — digo fazendo todos rirem.

— Eu sei, está mesmo, e merda, estou muito feliz por isso. Celina, você é minha vida. Não basta dizer que a amo, nem que preciso de você, nem que você é quem me faz rir e quem me faz ser melhor. Nem que você me deu o melhor presente do mundo. Vou resumir isso tudo nessa frase, você é minha vida. Não posso ficar sem você. Não tem jeito. Não dá. Por favor, aceite meu não pedido de casamento. Aceite ser minha noiva.

Suzana está chorando, Gil também e Celina também. Até eu me emociono ao ver que Sebastian conseguiu. Ele domou a fera. E visível pela maneira como ela o olha que não tem a menor chance de dizer não. Ela pula em seu pescoço, desajeitada com aquela barriga enorme e diz:

— Sim, eu aceito.

E todos batemos palmas, olhando uns para a cara dos outros, todos emocionados, as mulheres com lágrimas nos olhos. É aí que sinto, um vento no cangote e alguém fungando atrás de mim. Uma presença estranha, incômoda. Olho para trás e ali está, dois metros de altura, um gogó maior do que meu dedo.

— Olá, bonitão — diz Samarão emocionado(a).

— O que está fazendo aqui? — pergunto afastando-me.

— Fui convidada. E vim para ver você de novo.

De repente, Samarão se aproxima e me dá um beijo no rosto. Quase tenho um troço, e é a mão de Suzana que me acalma.

— O que está havendo aqui?

— Suzana, amor, essa, esse é Samarão.

Samarão estende a mão para Suzana, que a cumprimenta.

— É impressão minha ou você está de olho no meu namorado? — pergunta Suzana.

Ótimo, ela vai me defender sem que eu precise ser grosso.

— Não é impressão, seu bofe é lindo.

Mas, para meu desespero, Suzana sorri.

— É mesmo. E muito bom de cama.

— Suzana! Não fale dos meus dotes na frente dele.

— Dela — corrige Samarão.

— Por que não? Você sempre gostou de exaltar seus dotes. Samarão, ele é muito bom na cama, consegue fazer três vezes seguidas.

Samarão arregala os olhos, quando uma música lenta começa a tocar. Minha salvação.

— Vem amor, vamos dançar — digo puxando Suzana.

— Ah não, vou falar com a Celina. Por que não faz as honras para a Samarão?

— O quê?

Antes que eu possa reagir, Samarão me pega pelo cotovelo e seu braço peludo rodeia meu braço. Afasto-me em um pulo.

— Não tem graça, que merda. Venha comigo agora, Suzana.

A arrasto pelo antebraço até a sala de televisão e ela está rindo tanto, que tem dificuldades de andar, então a pego e a jogo em meu ombro.

— O que está fazendo?

— Me vingando.

— Você disse que iria me provar que podia não ser um idiota.

— Essa regra não vale quando você é idiota.

Acho que ela quer retrucar, mas sorri mais ainda. A jogo no sofá de canto e me jogo em cima dela. Que ainda está rindo.

— Vou calar essa sua risada de bruxa em dois segundos, adorável safadinha.

Sua risada some e ela arregala os olhos ao ouvir o apelido.

— Cleber, você não está pensando...

Mas não estou pensando, estou fazendo. Aperto suas coxas enquanto subo as mãos por elas e junto seu vestido, deixando descoberto da barriga para baixo. A calcinha vermelha minúscula destaca sua pele bronzeada. Como é linda! Roço a barba em sua barriga e ela treme, e então chupo no meio de suas pernas, por cima da calcinha. Ela geme e agarra meu cabelo.

— Não podemos, todo mundo vai saber.

— Vai mesmo — respondo tirando com cuidado a calcinha.

Sabia que ela não criaria resistência, essa é minha Suzana. Não se importa com o que os outros pensam. Beijo toda a extensão de suas pernas e coxas e então minha boca a alcança, ela solta um grito, mas logo cobre a boca com a mão para não fazer tanto barulho e a fodo com a língua. Com força. Entro e saio, sugando seu suco enquanto pressiono seu clitóris com o polegar, sinto como ela se desmancha embaixo de mim e adoro isso.

— Eu te amo — sussurro em sua xoxota.

— Está se declarando para ela? — ela pergunta entre gemidos.

— Sim, quem sabe ela não me responda — digo enquanto enfio dois dedos nela e giro, e então ela estremece e se desfaz em meus dedos, gritando meu nome ao gozar.

Quando abre os olhos, eles estão desfocados, ela respira com dificuldade e está muito corada. Abro minha calça e me ajoelho novamente no meio de sua perna.

— Vem aqui amor, vou fazer você gritar que me ama.

Ela sorri, um sorriso de compreensão, e para meu martírio, um sorriso de bruxa.

— Boa sorte com isso, bonitão.

Então a penetro, bem devagar no começo, mas logo me perco em sua maciez, em seu cheiro, nos gemidos que escapam de sua boca, na forma como ela arranha meu pescoço e lambe os lábios. Começo a meter com força, entrando e saindo, e assim que ela passa o salto da sandália na parte de trás da minha coxa, eu gozo, e ela goza comigo. Desmancho-me em cima dela. E ela me abraça, tentando recuperar o fôlego.

— Vamos sair daqui com cara de quem acabou de gozar — reclama.

— Sim, e vamos matar os outros convidados de inveja.

Ela sorri e se move, pegando meu braço e olhando as horas.

— Vamos, preciso falar com a Celina e tenho que ir para o Red.

Não gosto disso. Mas me levanto e a ajudo a se recompor. Enquanto ela se avalia em um espelho, tiro a chave da porta, e sem olhar para trás, ela diz:

— Cleber Dantas, não se atreva a trancar essa porta, ou juro que não haverá desculpas no mundo que me façam perdoá-lo.

Merda.

— Bruxa — digo fazendo-a rir.

Não faço questão de me recompor, e os olhares que recebemos quando saímos da sala a fazem cair na risada. Essa é minha Suzana. Corajosa. Segura. Ela encontra Celina que a recebe com um abraço. E as duas papeiam como se fossem amigas de longa data.

Ah merda!

— Sebastian, não quero que Celina e Suzana sejam amigas.

— Isso é inevitável, elas se gostam.

— Você é louco? Se uma começar a influenciar a outra seremos dois homens mortos.

Sebastian arregala os olhos.

— Porra, não tinha pensado nisso. — Mas, Celina dá uma gargalhada que o deixa com aquela cara de bobo de novo — Deixa, que corramos o risco. Celina gosta dela e está feliz. Não vou estragar isso.

— Capacho.

— Tranzo dez vezes mais do que você, grande homem.

— Vou corrigir isso, capacho.

— Boa sorte, estúpido.

É difícil destravar a porta do carro quando paramos em frente ao Red. Ainda não tenho autorização para entrar, nada que um bom dinheiro nas mãos de Big Cid não resolva, mas não quero vê—la dançar. Não quero mesmo ver outros homens a vendo dançar. Meu lado apaixonado descontrolado não pode com isso.

Ela me encara esperando que eu destrave a porta, mas não pretendo fazer isso.

— Você poderia abrir a porta e então eu desceria depressa e você voltaria para seus amigos.

— Aquilo lá não vai ter a menor graça sem você.

Ela se vira de lado no assento e segura minha mão.

— O que foi, Cleber?

— Não gosto de saber que você está dançando aqui, e não estou pedindo de maneira nenhuma que pare, mas não gosto. Incomoda-me demais, me irrita, me enfurece. Não consigo lidar com isso.

Ela solta minha mão e fica tempo demais calada.

— Você não se importava quando queria comer Miss Sue.

— Está certa, você disse tudo, não tinha importância quando eu queria comê—la, não quero apenas comer você Suzana, quero amar você e agora tem importância.

Ela acaricia meu rosto, tentando me acalmar.

— Nunca pensei mesmo que se encontrasse alguém essa pessoa aceitaria esse lado. Mas, não vou deixá—lo, Cleber. Você me conheceu assim. Conhece esses dois lados melhor do que qualquer outro. Sou assim, você disse que aceitaria todas as minhas faces.

— Se você estivesse com Samuel, teria desistido da Miss Sue, não teria?

Ela parece em choque.

— Não Cleber, não faria isso por ninguém além de mim, deixarei de ser Miss Sue apenas quando não sentir vontade de ser mais. O que precisa saber é que não me importa quantos e nem quem são os

homens daquela plateia. E para você que eu danço, desde o primeiro dia em que você apareceu tão idiota me perguntando quanto eu cobrava, é por você que meu corpo mexe.

A puxo para meus braços e a beijo. Devoro sua boca.

— Eu te amo — digo a ela. — Diga que me ama.

Ela sorri na minha boca.

— Me convença, estúpido.

Então passa por cima de mim e destrava as portas, desce e a fecha. Pega sua mala vermelha no banco de trás e bate no vidro. Eu o abaixo de má vontade e ela diz:

— Vou provar para você que não tem porque ter medo.

— E como pretende fazer isso?

— Te dando outro lado meu. Algo que você nunca teve. — Então ela se vira e vai embora e quase corro atrás dela nesse mesmo momento.

Pois, eu nunca tive Miss Sue.

Fechar o Red por uma noite é possível, mas fora do meu alcance financeiro, pois claro, é caro demais. Só vou fazer isso por uma boa causa. Desde quando Cleber destruiu o quarto de Sue, há algo dele comigo, seu Amex. Cidão não aceitou reservar o Red no sábado, como eu queria, por causa do movimento de fim de semana. Fiquei na dúvida entre terça e quarta-feira, mas acabei optando por terça, que estaríamos menos cansados. Mando uma mensagem para Cleber assim que chego ao Red.

Te espero no endereço abaixo.

Em seguida envio o endereço do Red.

O que houve? Vc está bem?

Ótima, mas vou ficar melhor quando vc chegar.

Achei que não pudesse entrar aí.

Hoje vc pode.

Então envio a última frase em letras maiúsculas para que ele entenda:

HOJE APENAS VC PODE.

Chego aí em meia hora. 8==O

Está tudo pronto quando a porta do Red abre. Vejo a silhueta de Cleber pela pouca luz no local. Ele para na porta e olha para todos os lados procurando por mim. É hora do show, quero que Cleber saiba que Miss Sue também pertence a ele.

Uma luz se acende em apenas um ponto do palco: a barra de pole dance. *Dance for you* da Beyoncé começa a tocar e ele tira a gravata e a joga em uma mesa, continua andando em direção ao palco sem desviar o olhar da barra de pole dance. Um misto de adrenalina e excitação me consomem. Mesmo à distância, a maneira como ele me olha faz minhas pernas perderem a força, e meus pensamentos ficarem sem rumo. É incrível a força com que o desejo.

Dou um passo e fico visível embaixo da luz, e ele para onde está, fixando os olhos em mim. Estou usando a roupa de odalisca, a máscara e a peruca de Miss Sue. Mas é **Suzana** que ele chama pausadamente quando me vê. Começo a me mover ao ritmo lento e sensual da música. Cleber volta a andar e para encostado ao palco, os olhos não desviam dos meus movimentos em nenhum momento. Amo a maneira como ele me olha, amo o que vejo em seus olhos para mim. Rodeio a barra e sinto a expectativa em seu rosto. Então, subo na barra. Não vejo sua expressão enquanto giro, mas, quando deslizo por ela de ponta cabeça, vejo que está boquiaberto. Ele se apoia no palco e sobe nele, ainda estou de cabeça para baixo quando ele se aproxima, e desce lentamente a mão por meu corpo.

Me ergo de novo e solto a barra, caindo de costas com os ombros em seus braços.

— Eu sempre quis tirar essa fantasia — ele diz em meu ouvido.

Desenrosco as pernas da barra e volto os pés para o chão, imediatamente Cleber me puxa para seus braços e sua boca toma a minha. Com fúria. Sinto sua ereção através da calça e abro seu zíper, enquanto nos beijamos. Quando acaricio seu pau duro e latejante, um grunhido escapa de seus lábios. Ele me guia gentilmente até o chão. Passeia lentamente as mãos por meu corpo, e seu olhar é tão intenso, que me sinto tremer de tesão. Ele abre o top da fantasia e o vento frio endurece o bico dos meus seios, mas logo Cleber os aquece com a boca. Ele deixa a boca sobre meu mamilo esquerdo e seus dentes arranham em volta, enquanto sua língua me leva à loucura.

— Tao linda, tão minha.

— Sou sua. Cada face, cada fantasia. Tudo pertence a você.

A compreensão brilha em seus olhos quando ele ergue a cabeça para me olhar.

— É por isso que está fazendo isso?

— Sim, para que entenda que mesmo Miss Sue, pertence a você. Cada movimento, cada sorriso. Tudo em mim é seu Cleber, não há o que temer.

Sua boca cobre a minha com urgência e um amor que me deixam tonta. Imediatamente começo a tirar sua roupa, ele afasta-se apenas para ajudar-me. Quando está nu, tira vagarosamente a parte de baixo da minha fantasia, mas me deixa com a máscara. Posiciona-se no meio das minhas pernas e prende minhas mãos no chão, acima da minha cabeça, erguendo meus seios de encontro a sua boca, quando me penetra. Grito seu nome, e sua língua acaricia meu mamilo, alternando ente um e outro, e às vezes meu pescoço. As investidas são lentas no começo, mas logo ele arremete com força, passo as pernas em volta de sua cintura e ele alcança mais fundo, se perdendo comigo, me levando com ele. Quando estou prestes a gozar, ele para subitamente.

— A peruca. Tire a peruca Suzana, quero gozar em você.

Levanto a cabeça meio tonta e ele me ajuda a tirar a peruca, de forma que agora estou apenas com a máscara de renda vermelha.

— Eu te amo, minha fada.

Então volta a bombear com força e logo nós dois gritamos juntos ao chegarmos ao ápice. Mal nos acalmamos, enroscados um no outro no chão do palco, as luzes acendem e um grupo de seis pessoas nos encara em choque.

— Mas o que... — Cleber começa a perguntar e se move para me cobrir.

— Suzana? O que está fazendo? — pergunta Cidão assustado.

— Por favor deem licença para nos vestirmos. Depois falamos — diz Cleber com uma voz divertida.

Assim que eles saem, alguns rindo, outros tentando nos espiar mais. Cleber começa a rir. Se vira para mim e me aperta em seus braços, mas estou muito nervosa.

— Que merda! Juro que reservei o dia de hoje.

— Acredito em você amor, só acho que o destino gosta que você seja vista após gozar, ou enquanto goza.

Cubro o rosto com a mão e tenho vontade de chorar, mas acabo rindo, o mundo precisa mesmo assistir meus orgasmos.

Depois de vestidos e de eu me esconder no camarim de Sue, Cidão se aproxima sem graça para explicar que foi ele quem se confundiu e achou que eu tivesse reservado a quarta-feira. Acho que está com medo de que Cleber o processe, mas Cleber está levando tudo na brincadeira. Eu, por outro lado, vou embora pela porta dos fundos envergonhada. E ganho folga o resto da semana para superar isso. Como se tivesse como superar isso.

— Relaxa amor, as pessoas que te viram eram em sua maioria, garotas de programa.

— Havia um barman, e o Cidão, não se esqueça.

— Mesmo assim valeu a pena.

— Que bom que pensa assim, porque usei seu cartão de crédito.

Ele ri mais ainda.

— O que é meu é seu, bruxinha, use tudo o que quiser de mim à vontade. E sim, entendo o que você quis passar, não vai correr o risco de ser pega transando com outro homem que não seja eu. Você e Miss Sue me pertencem.

Acabo rindo também.

— Que bom que pelo menos entendeu.

Sinto que aos poucos vamos acertar as coisas.

Capítulo 16

Cleber

Suzana resmunga, esfrega o rosto em meu pescoço e sobe mais ainda em cima de mim. Acordar com essa gatinha manhosa ao meu lado, é acordar com um tremendo bom humor, rindo como um bobo e com o pau latejando. Porra, eu amo essa mulher!

Com todo cuidado me desvencilho dela e passo para o outro lado da cama, mas Suzana resmunga dormindo e vira, deitando-se de costas e acabando com meus planos. Merda. Toco seu ombro e seu quadril e calculando a força necessária para virá-la sem que ela acorde, a viro vagarosamente, deixando-a de lado, como preciso que esteja. A descubro também com todo cuidado. Meu pau quase não pode mais esperar para estar dentro dela. Posiciono-me bem atrás dela, passo sua perna por cima da minha e quando ajusto meu pau em sua entrada, ela resmunga e se vira novamente, deitando agora de barriga para baixo.

— Porra!

O que fazer? Se eu virá-la de novo ela vai acordar, e eu quero que ela acorde com meu pau dentro dela. Quero pegá-la desprevenida para que diga que me ama. Posiciono-me em cima dela, sem tocá-la, e fico tentando encontrar um jeito de virá-la de novo. Mas é aí que percebo, seu ombro parece estar tremendo. E algum som parecido com um ronco escapa de sua garganta. Tiro o cabelo de seu rosto e a maldita está rindo.

— Sua bruxa, pequena megera, rindo da minha cara!

Puxo seus braços sem nenhum cuidado e ela não para de rir enquanto a viro de barriga para cima bruscamente.

— Então, você se divertiu me fazendo de bobo?

Ela assente com a cabeça, ainda rindo.

— Que bom minha safadinha, porque vou acabar com toda sua diversão agora.

Jogo suas pernas em meu ombro e a penetro em uma estocada forte e seca. Seu sorriso some, ela geme e me olha, me pedindo por mais. Mas não pretendo dar mais. Permaneço parado, dentro dela e apenas retribuo seu olhar.

— Cleber — ela sussurra. — Por favor.

— Eu te amo safadinha, mesmo você sendo uma bruxa malvada.

Um sorriso leve surge em seu rosto, mas seu olhar em mim ainda é intenso, ainda é desejoso.

— Por favor — ela pede de novo.

Abaixo sobre ela até quase encostar nossos lábios.

— Você ouviu o que eu disse? — pergunto.

— Que sou uma bruxa malvada.

— Não, minha safadinha linda. Antes disso, eu disse que a amo.

— Então me mostra isso com seu pau.

Afasto nossos rostos e prendo suas duas mãos com uma minha.

— Não até que me diga o que tem para me dizer.

Ela arregala os olhos compreendendo onde quero chegar e aquele sorriso malvado brota em seus lábios deliciosos.

— Entendo. É uma pena que eu não tenha nada para dizer, o que faremos então?

Ela aperta meu pau com um movimento leve e chega a ser doloroso como quero meter bem forte e bem fundo, urgentemente.

— Ah, minha menina devassa, se não tem nada para me dizer, não faremos.

Ela pisca os olhos e tenta se mexer, mas estou prendendo seu corpo sobre o meu, com todo meu peso, por mais que ela tente, não se move o bastante.

— Por que não tenta pensar em algo para me dizer? — digo me movendo apenas um pouco dentro dela e ela treme debaixo de mim.

— Acabei de pensar em mil coisas para te dizer — ela diz com a voz rouca.

— É mesmo? Comece.

— Me coma. Agora mesmo. Com força. Eu quero gozar no seu pau delicioso enquanto arranho suas costas e grito seu nome. Quero sua boca em meu mamilo e quero lambar cada marca do seu corpo, cada gomo, até chegar ao seu pau, e então vou fazê—lo ficar duro de novo dentro da minha boca enquanto o levo até minha garganta.

Porra! Quase gozo apenas por ouvi-la falar essas coisas com essa voz baixa.

— Ah, deliciosa safadinha, você me deixa louco, mas ainda não é o que preciso ouvir.

— Isso é o que todo homem quer ouvir.

— Sim, o que todo homem quer, mas não é o que eu preciso. — Minha voz mal sai.

Estou usando cada gota de meu autocontrole para não meter nessa mulher e lhe dar umas palmadas por ser tão má.

— Cleber! — ela implora de novo.

— Vamos safadinha, só precisa dizer.

Então seu corpo todo fica tenso, e ela para de se mexer, seus olhos estão vidrados, como se ela não estivesse ali, como quando ficaram quando ela teve o último ataque. Eu a levei ao limite.

— Suzana! Amor, Suzana! — Solto suas mãos e saio de dentro e de cima dela, ficando ao seu lado, mas ela permanece imóvel, sequer pisca.

Então, de repente pula em cima de mim me derrubando de costas na cama, e logo meu pau está dentro dela e ela cavalga, de olhos fechados. Seguro seu quadril a ajudando a se mover e deixo que ela guie em seu ritmo desesperado. Quando abre os olhos, estão normais. O mesmo castanho aceso pelo desejo. Estou confuso, ela ainda está tendo um ataque? Então ela sorri ao ver minha expressão e rebola em meu pau, com movimentos que quase me fazem explodir.

— Você é um estúpido, mas é um estúpido delicioso.

A maldita fingiu o ataque, mas não me importo com isso. Aperto meus braços a sua volta e arremeto dentro dela, e logo nós dois gritamos ao chegarmos ao ápice.

Quando ela aparece vestida, já estou pronto há muito tempo aguardando para levá-la. Ela encara a mesa vazia com uma careta.

— Cadê o café?

— Você pode tomar na cafeteria próxima a Academia, vou levá—la lá.

— Hum. E por que você não fez?

Encaro-a com meu melhor sorriso debochado antes de responder:

— Porque decidi que a partir de agora, só farei café para mulheres que me amam. E que dizem isso bem alto na minha cara.

Ela me encara em choque e então começa a rir.

— Ok, senhor Estúpido, vamos à cafeteria.

Ela fica rindo no elevador e fico irritado. Quando chegamos a garagem, minha irritação está no seu

limite.

— Quer saber de uma coisa? Vá a pé para a cafeteria. Acabei de decidir que só dou carona para mulheres que me amam e que gritam isso na minha cara.

Ela cruza os braços e me avalia. Depois olha algo por sobre meu ombro e responde:

— Ainda bem que seu pau não é tão estúpido quanto você, ou teríamos sérios problemas. Pode ficar com seu carro, eu vou com meu *chefe*.

Ela arrasta a língua para falar chefe e quando olho na direção que está indo, lá está Samuel, com um sorriso idiota esperando por ela.

— Volte aqui agora mesmo, sua peste! — digo e a alcanço, jogando-a em meus ombros. — Você — digo apontando para Samuel. — Precisamos ter uma conversa.

— Eu te procuro, Dantas — ele responde.

Jogo Suzana no carro, prendo seu cinto e bato sua porta. Essa mulher me deixa louco.

— Nada do que eu faço faz essa mulher falar. Porra! Ela fechou o clube apenas para dançar pra mim e não pode dizer *eu te amo*? Achei que mulheres gostassem de dizer essas coisas. Que adorassem ficar repetindo.

— Gostam mais de ouvir do que de falar — responde Matheus concentrado na tela de seu computador.

— Até mesmo a Celina, rainha das bruxas e louca, diz isso ao Sebastian.

— Ela o transformou em um capacho, é o mínimo que pode fazer.

— Que merda homem! Desligue essa tela e converse comigo!

Quando ele me encara, percebo que algo está errado. Matheus parece abatido.

— Você precisa parar de tentar fazer com que ela fale, quanto mais ela souber que você quer isso, mais hora vai fazer. Finja que não se importa se ela diz ou não e ela vai se declarar tanto, que você vai enjoar da palavra amor de novo.

Estou prestes a dizer que ele é um gênio, e perguntar o que está havendo, quando Gilcelle entra na sala dele animada.

— Cleber, Lagartão está aqui, ele tem novidades.

— Prepare a sala de reuniões e chame Celina e Sebastian.

Ela cruza os braços com uma careta.

— Eu não! Já corri para avisá-lo, vou fazer sala para ele e você se vira.

Então ela olha para Matheus. Realmente olha para ele, nos olhos dele. E ele a olha de volta. Desde que começou a trabalhar aqui, Gil sempre evitou Matheus, nunca o olhou como está fazendo agora. Alguma coisa aconteceu. Trancá-los em minha sala resultou em alguma mudança nesses dois. Tenho Certeza disso.

Lagartão é bem mais apurado do que eu teria imaginado para um detetive com sua fama. Nada de excentricidades, nem ar de assassino, nem tatuagens estranhas no rosto. Ele é normal.

— O que foi? Está achando o detetive jeitosinho? — zomba Sebastian.

— Vá a merda, capacho.

— Pelo menos minha mulher diz que me ama.

— Calem a boca vocês dois ou vou grampear suas bolas umas nas outras! — grita Celina fazendo com que até Lagartão se encolha e arregale os olhos. — Prossiga! — ela diz e ele imediatamente começa a falar.

— Fui visitar Heitor Martinez na cadeia, e ele me contou de “boa vontade” que foi ele quem

fundou a quadrilha. Ele se aproximava de riquinhos idiotas... — ele se cala e encara a nós três, homens da empresa — Sem ofensas.

— Eles não se ofendem, prossiga — diz Celina acabando com nosso orgulho.

— Então, ele os convencia a colocar dinheiro na sua mão, dizendo ser investimentos, mas era uma rede de empréstimos. Ele pegava dinheiro de uns para pagar outros, dizendo ser lucro. E cada vez os riquinhos idiotas, sem ofensas, lhe davam mais dinheiro. Até que veio um rico mais idiota do que todos os outros e deu a ele tanto dinheiro, que seus golpes tomaram outras proporções, e passaram a ser em grandes empresas.

Abaixo a cabeça envergonhado, mas ele diz:

— Não estou falando de você, Dantas. Foi alguém ainda mais idiota.

Não sei se respiro aliviado ou quebro a cara desse homem.

— Heitor quis ser preso porque deu um golpe em uma empresa fantasma. Uma fachada usada por Romero Botelho.

Todos na sala arquejamos e Lagartão parece curtir o momento, pois faz todo um drama, olhando para cada um de nós antes de continuar.

— Botelho o estava ameaçando, e por isso ele quis se proteger na cadeia.

Então, tudo começa a se juntar na minha mente.

— Filho da puta! Botelho tirou Heitor do hospital quando Suzana o atropelou! E sempre soube onde ele esteve!

— Mais do que isso! — diz Sebastian — Ele enganou a nós três, tirando nosso dinheiro para descobrir sobre Heitor todo esse empo!

— Na verdade, o buraco é ainda mais fundo — diz Matheus. — Ele não só sabia sobre Heitor, ele o escondia. Nos passava pistas erradas. O que quer dizer que o estava ameaçando esse tempo todo. E isso quer dizer que era ele quem ordenava os saques que Heitor fazia na conta da empresa.

— Filho da puta! — esbravejo.

— Ele está certo — diz Lagartão. — Botelho teria se tornado o chefe de todo o esquema, se Heitor não tivesse dado aquele primeiro golpe, no grande idiota. Pois esse mesmo imbecil que deu o primeiro grande capital a sua quadrilha, descobriu algo sobre Botelho que fez com que a quadrilha devolvesse todo o dinheiro a essa empresa e o deixasse em paz.

— O que ele descobriu? — pergunta Sebastian.

— Se eu soubesse, estaria eu mesmo comandando essa quadrilha agora. O máximo que cheguei até o momento, é o nome dessa tal empresa. É a O.C.A. Engenharia.

Esse nome me é familiar. Onde posso tê-lo ouvido? É aí que noto que Celina está branca, e Sebastian, completamente roxo.

— O que foi Celina? Está se sentindo mal? — pergunto preocupado.

Ela nega com a cabeça e olha fixamente para Sebastian Roxo antes de dizer:

— A O.C.A. Engenharia foi a primeira empresa em que trabalhei. Ela é a empresa do Edmundo.

— Puta que pariu! — dizemos Matheus e eu.

Lagartão foi embora há meia hora, após quase beijar Gil na boca (o que fez Matheus quase ter um treco) e ainda estamos aqui, olhando uns para as caras dos outros, sem saber o que fazer.

— Então, estamos nas mãos de Pinto Pequeno. A pergunta é, quem de nós vai falar com ele?

Todos se olham, mas ninguém se oferece.

— Não posso pedir favores a ele — declaro.

A pessoa mais provável de conseguir essa informação seria a Celina, se ela não tivesse vomitado

nos pés de PP e Sebastian não tivesse contratado Montanha para afastá-lo dela.

— Sei que estão pensando que eu deveria ir, e iria, mas não acho que ele me diria qualquer coisa de bom grado olhando minha barriga enorme de um filho do Sebastian — diz ela.

— Nunca permitiria que você se aproximasse dele de novo — esbraveja Sebastian. — Eu, obviamente não posso ir, ele nunca me diria nada.

— Merda, também não posso ir, eu o ameacei nas últimas vezes, se ele souber que preciso de algo, vai fazer o possível para que eu não consiga — constato.

— Bando de maricas! Infelizmente tenho que fazer parte do time do “eu não vou”, se alguém pode tirar essa informação dele, é uma mulher, mas ele me conhece há anos e na verdade acho que tem medo de mim — diz Gil.

Todos olhamos para Matheus, que acaba de entrar na sala após ter seguido Lagartão.

— Posso arrumar uma mulher e arrancar as informações dele. Farei isso hoje mesmo.

Todos concordamos, menos Gil, que fica estranhamente calada. E assim, fica nas mãos de Matheus arrancar a valiosa informação de PP. E me sinto um bosta por esse imbecil ter conseguido uma informação que não fui capaz de conseguir em anos.

— Também me sinto assim — diz Sebastian entendendo meu olhar.

— Um bosta? — pergunto.

— Quase isso.

— Não fiquem assim, todo mundo erra. Além do mais, vocês são meus bostas preferidos — diz Celina nos acalmando.

Não faço ideia de como Matheus Amorim, sócio do Cleber, o estúpido com defeito (como diz a Celina), conseguiu meu número. Nos vimos apenas uma vez, no noivado da Celina, e ele tocou minha mão com um lenço, mas, tirando isso, foi totalmente educado comigo. Eu o achei meio assustador, pela maneira como me olhou, tão intensamente, mas também é muito bonito. Celina disse que seus olhos tristes são resultado de um amor mal resolvido. Fiquei com pena dele. Agora ele está aqui, na Academia esperando por mim, após uma ligação no mínimo estranha, onde me pediu que não dissesse nada sobre essa conversa a Cleber. E que o que vamos fazer vai ajudá-lo a se livrar de vez da quadrilha de Heitor.

— Um homem tão lindo esperando por mim, estou com sorte! — digo ao avistá-lo.

Ele abre um sorriso contido.

— Olá, Suzana.

— O que quer que eu faça, Matheus?

— Você? Apenas que saia do serviço mais cedo. Mas quem vai realmente me ajudar é Miss Sue.

Arregalo os olhos surpresa. Não posso imaginar como Sue poderia ajudar Cleber, mas Matheus tem cara de inteligente, então deve saber o que está fazendo.

— Tudo bem, um minuto que vou pegar minhas coisas.

Explico a Samuel que preciso sair mais cedo e vou com Matheus, ouvindo atentamente o plano maluco dele.

— Ele não vai tocar em mim! — digo de novo.

Matheus e eu estamos no elevador, ou melhor, Matheus e Sue estão no elevador, subindo para o décimo andar, a procura do tal Edmundo, que Matheus estranhamente chama de PP.

— Não vai mesmo, ou Cleber me mataria. Desculpe envolvê-la nisso, Sue. Mas o fraco desse homem é mulher.

— Não me importo, quero ajudar Cleber. Só não quero fazer nada que o chateie.

— Não vamos fazer. Cleber nem precisa ficar sabendo o que vamos fazer, se não quiser.

— Ok. Mas não acredito que ele vá simplesmente dizer o que você precisa, só por ver uma mulher seminua em sua sala.

Ele me olha dos pés à cabeça me deixando envergonhada.

— Ele vai.

Quando paramos em frente a porta do tal PP, sei de quem ele está falando.

— Jura! Esse homem me dava cantadas de pedreiro mesmo quando eu estava em meus piores dias. É um tarado. Isso vai ser mais fácil do que eu pensei.

— E o tarado em questão, é o ex noivo da Celina.

— O comedor de secretárias?

Ele sorri.

— O próprio.

— Uau! Ele se mudou para cá há poucos meses, quando conheci o Cleber, ele tinha acabado de se mudar.

— Sim, foi graças a ele que você conheceu o Cleber. — Ele toca a campainha e me afasto da porta.

Ouçó a voz de uma mulher e a forma como Matheus, com a voz mais grave que o normal a convence a deixá-lo entrar. Ele pega minha mão (enluvada, só para você saber) e me conduz para

dentro. A mulher me olha com uma careta enorme, e parece arrependida por ter nos deixado entrar, mas Matheus, como se tivesse intimidade com o apartamento, vai adentrando os cômodos sem dar a ela a chance de nos expulsar. Derrotada, a pobrezinha corre na frente para avisar PP que ele tem visitas. Matheus, não espera ser convidado a entrar no cômodo em que ele está, ele faz isso praticamente junto com a mulher, e fico do lado de fora da porta, esperando que ele me chame. Mas posso ouvir o que eles dizem.

— Olá, Edmundo. Como tem passado?

— Matheus Amorim? O que quer aqui? Não me diga que o cão de guarda do Sebastian também veio com você! Juro que não me aproximei da Celina de novo!

— Não estou aqui por isso. Vim te fazer uma proposta.

Há um silêncio no lugar e fico curiosa em dar uma espiada, mas não devo ser vista antes da hora certa. É Matheus que volta a falar:

— Você tem uma informação que eu preciso. Sobre Heitor Martinez.

Há novamente o silêncio e depois PP fala:

— Não sei do que está falando.

— Não? Engraçado, porque Heitor disse que você sabia. Ele está na cadeia, mas imagino que já saiba disso.

— Ele deu um golpe na V.D.A., não foi? — pergunta PP a gargalhadas.

— Sim. Graças a um grande imbecil que colocou dinheiro demais nas mãos dele.

Pp para de rir e parece irritado quando fala de novo:

— Não tenho nada a dizer, o golpe que ele deu na O.C.A. foi revertido. Você e seus amigos idiotas deviam se preocupar em recuperar o dinheiro que perderam e me deixar em paz.

— Estamos fazendo exatamente isso. Você descobriu alguma coisa para recuperar seu dinheiro. Quero saber o que descobriu.

Novamente há um longo silêncio, imagino que estejam em um duelo de olhares e me sinto como em um livro de bang-bang, onde posso apenas imaginar suas expressões e gestos. Claro que nesse caso eu seria a dançarina de cabaré.

— Não tenho nada a dizer. Você não teria nada que valesse a pena em troca dessa informação.

Volto a mim quando eles voltam a falar.

— Tenho algo que sei que deseja. E que nunca conseguirá ter, se não for por mim. É algo que todos querem Edmundo, e você só vai ter essa chance.

Estou ansiosa aguardando que Matheus diga o que pode ser tão exclusivo, quando ele diz:

— Te ofereço em troca da informação, sua adorada Miss Sue.

Eu? Ele acabou de me oferecer? Isso não estava no nosso acordo. Eu deveria apenas aparecer seminua, para incentivá-lo a falar. Não ser uma moeda de troca. Escondo minha irritação e entro no aposento. É uma sala enorme, maior do que a do meu apartamento, mas a decoração é estranha, como se eu estivesse entrando em um museu. PP está sentado em uma poltrona, há um copo de gim em sua mão, e assim que me vê, arregala os olhos e levanta-se. Não é mais um homem feio ali, é um cão devorando com os olhos um pintinho indefeso. Ele dá um passo em minha direção, mas Matheus entra na minha frente, não permitindo que ele se aproxime.

— Primeiro, a informação.

PP me avalia e avalia Matheus e parece em dúvida. Faço uma cara de impaciente, mas sorrio para ele e lambo os lábios. Ele engole em seco e começa a falar:

— Caí em um golpe de Heitor, assim como vocês. Se não recuperasse meu dinheiro, estaria falido. Então não tive escolha.

— Você contratou Botelho como detetive?

— Não. Eu não tinha dinheiro para isso. Mas eu tinha contatos. Descobri que Heitor também havia dado um golpe em uma empresa fantasma em nome de uma tal Helena Ramalho. Descobri sobre essa mulher. Ela era um tribufu.

Toda a tensão que estava sentindo, esperando que ele contasse algo importante, foi dissipada por essa observação desnecessária.

— Então, você dormiu com essa tal Helena. Fico admirado que tenha conseguido alguma informação usando seu pau. Mas quem era ela além de um tribufu? — pergunta Matheus impaciente.

— Ela era a irmã de Romero Botelho. Foi a informação mais difícil que já descobri. Você sabe como é Botelho, a irmã não é melhor do que ele. A mulher é realmente horrorosa, chega a ser medonha.

— Então a empresa fantasma era de Botelho. Foi isso o que descobriu? Porque isso nós já sabíamos.

Ele fica um tempo me encarando, mas parece voltar a si.

— Sim. Foi isso que descobri.

Ele está mentindo. E Matheus também percebe, porque pergunta:

— E você chantageou Botelho com a revelação de uma empresa fantasma falida?

— Não, não sou tão burro. Eu apenas deixei que ele soubesse que eu sabia coisas sobre ele, ele me devolveu o dinheiro de bom grado.

Está escondendo algo. E é justamente a informação que Matheus precisa.

— Bom, você não ajudou muito. De qualquer forma, obrigado. — diz Matheus virando-se para sair e eu imediatamente o sigo.

— Ei, você fica, beleza. Eu dei a informação. — PP segura meu braço e me puxa de encontro a ele, sentando-se em uma poltrona e me acomodando em seu colo.

Duas coisas estranhas quando ele faz isso:

1° Sinto uma repulsa incomum por esse homem (isso raramente acontece).

2° Não sinto nada. Embora ele esteja com a respiração acelerada, e os olhos brilhando, não há volume algum me cutucando por baixo.

— Você não deu a informação que precisamos, portanto, Sue vem comigo — diz Matheus me puxando, mas PP não me solta e fico sendo esticada como uma boneca de pano.

— Fica beleza, prometo fazer valer a pena.

— Sinto muito querido, sem informação, sem Miss Sue — respondo puxando minha mão das suas.

Matheus rodeia minha cintura e me guia porta afora enquanto PP vem atrás de nós reclamando.

— Eu dei a garota a você, fiz minha parte. Se ela não quer ficar, a culpa não é minha — justifica Matheus.

Ele ainda resmunga um bocado até sairmos no corredor.

— Espera, você vai contar isso para a Celina, não vai? Diga a ela que nesse caso, a traição foi válida.

— Celina nem sabe mais quem você é — responde Matheus e me arrasta até o elevador.

Assim que PP some, começo a reclamar:

— Não deu certo. Ele nem ficou excitado comigo.

— Acredite, ele ficou. Mas há um motivo para ser chamado de PP.

Começo a rir ao perceber o que PP quer dizer, Pinto Pequeno.

— Ele está envolvido nessa quadrilha, não está?

— Com toda certeza, Botelho jamais devolveria o dinheiro por ser ameaçado. Devolveu porque

PP se juntou a ele.

— Uau! Daqui a pouco vou descobrir que meu chefe também está envolvido nessa quadrilha, parece que todo mundo está.

Entramos no elevador e ele parece tenso.

— Obrigado por te vindo, Sue. Se não quiser contar para o Cleber, não precisamos dizer nada.

— Acho que ele não vai gostar nem um pouco disso, mas já tivemos segredos demais entre nós. É melhor que eu conte e enfrente as consequências.

— Tenha paciência, Sue. Ele a ama demais e isso é novo para ele. Provavelmente vai agir como um estúpido.

— Ele sempre age.

— Somos todos estúpidos quando se trata de amor.

— Você não parece ser.

— Eu sou. E um estúpido covarde, o que é ainda pior. Não tenho coragem de dizer a ela que a amo. E quando penso em tentar, ela se esconde. Sempre me afasta.

Passamos por meu andar e vamos para o térreo. Então ele aperta o 8º andar e subimos de novo.

— Bom, se realmente quer ficar com ela, tem que fazê-la ficar com você. Você a vê sempre?

— Trabalho com ela.

Passamos direto por meu andar de novo e continuamos subindo.

— Não é a Celina, não é?

Ele começa ir.

— Não! Jamais me apaixonaria pela mulher do meu amigo.

— Por que não a tira daqui? Passe um tempo com ela, tire-a de perto de qualquer coisa onde ela possa se esconder.

— Estou tentando fazer isso, mas ela não vai querer ir comigo. — Ele baixa a cabeça e é tão notável o quanto ama essa tal mulher! Queria poder ajudá-lo.

De repente ele segura minha mão com força.

— Gênio! Suzana você é um gênio! — Me puxa e me abraça, comemorando alguma ideia genial que dei a ele.

Nessa hora, o elevador para no 8º andar, porque alguém o chamou. As portas se abrem e Cleber está ali. Nos afastamos em um pulo, mas Cleber parece prestes a ter um troço.

— Matheus? Sue? Por que caralho vocês estão se agarrando no elevador?

Ele nem nos espera dar qualquer explicação, entra no elevador e me pega pelas pernas, me jogando em seu ombro, e vai me carregando até seu apartamento. Matheus vem atrás e explica o que fizemos, e o que descobrimos. O tempo todo, Cleber o olha de rabo de olho, com uma expressão fechada e um bico enorme. Ele também não tem a educação de oferecer algo para Matheus beber. E faço isso. Mas ele me faz pegar o que seria a caneca “dele” que estava guardada em uma parte fechada da adega e totalmente embrulhada.

Sento-me do lado de Cleber, mas ele se afasta e nem me olha, e tenho vontade de rir de sua pirraça. Quando Matheus conta o que descobrimos, Cleber finalmente olha para ele de frente.

— Merda! Parece que eu era o único a ser chantageado ao invés de participar da coisa.

— E embora esteja com essa cara de bosta, conseguimos uma informação importante. PP vai cair com todos eles.

Cleber olha para mim vestida de Miss Sue, e olha novamente para Matheus, então fica estranhamente parado. Sei o que ele vai fazer, mas não tenho tempo de avisar Matheus, Cleber pula em Matheus e o pega pelo pescoço, caindo no chão com ele.

— Nunca mais encoste em Suzana, nunca fique sozinho com ela de novo! Foda-se se você estava tentando me ajudar, não use minha mulher de novo como arma de sedução!

Matheus começa a ficar vermelho, mas está rindo.

— Cleber! Pare com isso! Solte-o!

— Você está rindo? — Então Cleber empurra o rosto de Matheus em direção ao chão.

O riso some de seu rosto e ele começa a tentar se soltar.

— Você é louco, homem! Solte-me!

— Você vai lamber o chão, para aprender a mexer com minha mulher!

Por um momento, penso se Cleber será mau a ponto de realmente fazer isso. Até eu já percebi o quanto Matheus é fresco. Mas, ele para o rosto de Matheus a alguns centímetros do chão, e depois, o solta. Matheus se levanta imediatamente.

— Maluco! Nunca tocaria na sua mulher, embora você viva trancado em sua sala com a minha — diz Matheus e pisca para mim.

Faço uma careta e Cleber se explica.

— Ela é minha secretária.

— Eu não fico trancado com a minha secretária, então essa desculpa não cola — retruca Matheus.

Encaro Cleber e cruzo os braços.

— Eu não fico trancado com ela. Não tenho culpa se você é um covarde que não diz o que sente e fica aí morrendo de medo de outro fazer isso.

A careta de Matheus só não é pior do que a careta de Cleber. E toda essa discussão infantil e esse excesso de ciúmes me irrita. Quando Matheus vai retrucar, eu berro:

— Não responda! Chega! Não sei como a Celina aguenta vocês!

Os dois me encaram sorrindo e voltam a se sentar.

— Qual o nosso próximo passo? — pergunta Cleber, mas nem é necessário que Matheus responda, pois Cleber deduz sozinho — Merda. Alguém vai ter que seduzir o tribufu.

Desde o momento em que Matheus foi embora, Cleber não me dirigiu a palavra. Nem mesmo quando eu disse que ia dormir na minha cama. Homens com ataques de ciúmes são tão chatos quanto mulheres de TPM. É um combate pau a pau.

Estou preparando o jantar quando ele aparece na minha cozinha. Estou usando apenas uma camisa social enorme dele. Ele para e fica me observando. Se ele não vai dizer nada, eu também não vou. Ele se senta em um banquinho e cruza os braços, sem tirar os olhos de mim. Quando estou enlouquecendo com esse olhar cravado em mim e esse silêncio, ele fala:

— Ele tocou em você? Pinto Pequeno?

Deposito a panela sobre a pia e me aproximo dele.

— Agora está falando comigo?

— Absolutamente. Estou apenas fazendo uma investigação, ou é só você que pode?

Sorrio. Seu maxilar travado e essa cara ameaçadora me deixam excitada.

— Sim, ele tocou — digo, e monto em seu colo. — Bem desse jeito.

— É mesmo? Ele também fez isso? — Ele enfia as mãos por baixo da blusa, subindo pela minha coxa e tocando minha bunda. Sua língua passeia por meu pescoço e me contorço.

— Ah não. Ninguém mais me toca desse jeito.

— Não? — Ele aproxima sua boca da minha e morde meu lábio. — Que pena!

Então de repente se levanta e me deposita no chão.

— Já que vai dormir aqui, boa noite, Suzana.

Seguro sua mão antes que ele saia.

— Isso é sério? Quer deixar de ser criança e terminar o que você começou aqui?

— Melhor não. Vou dormir.

Por que acho que esse maldito não está com raiva coisa nenhuma e quer apenas me irritar?

— Sabe Cleber, não é assim que você vai me convencer a dizer o que quer ouvir.

Ele me encara, me lançando um olhar divertido.

— Não diga. Decidi que não tem muita importância você me dizer. Guarde seu amor por mim só para você, vai te fazer bem.

Então ele sai andando todo gostoso e cachorro e me deixa na mão.

Não consigo dormir. A cama é grande demais, fria demais, idiota demais, estúpido! Levanto-me no meio da madrugada e vou para a cama onde quero dormir. Cleber está sentando no escuro, também não consegue dormir, acende a luz do abajur quando entro.

— Vizinha, você no meu quarto? — diz com aquele sorriso irritante.

— Você sempre entra no meu, por que não posso entrar no seu?

— Você pode vizinha, sinta-se em casa.

Enfio-me debaixo da coberta e fico de costas para ele. Ele apaga a luz e ouço seu sorriso quando me abraça por trás, a ereção cutucando minha bunda.

— Não conseguiu dormir sem mim, safadinha? — ele pergunta beijando meu pescoço.

— Nem você sem mim.

— Consigo sim, não sou eu que vou comer você agora, é meu pau. Ele estava sentindo sua falta.

Ele me vira e me beija, e estava com tanta saudade de beijá-lo, que agarro seu cabelo puxando-o para mim e aprofundo o beijo. Ele tira minha blusa e sussurro:

— Já que é o seu pau que fez as pazes comigo, vou dizer a ele que o amo.

Ele para completamente de se mexer e me encara.

— Ama?

— Sim, o seu pau.

Um sorriso enorme surge em seu rosto.

— Então venha aqui dizer ao meu pau que o ama. Ele está ansioso por uma declaração sua.

Eu o empurro e pego seu pau, enorme e deliciosamente duro.

— Eu te amo, pau do Cleber — ele solta uma gargalhada e continuo a declaração. — Te amo mesmo quando você é um idiota completo, imbecil e egoísta. Te amo quando tenta me proteger de tudo e quando mostra o quanto me conhece, te amo com suas pirraças e chantagens. Te amo até com sua necessidade de me ouvir dizer algo que está tão estampado na minha cara, eu te amo.

Cleber me puxa pelo ombro e sua boca cobre a minha.

— Ah Suzana, minha Suzana, eu te amo demais mulher!

— Isso não foi para você, foi para o seu pau.

— O meu pau adorou cada palavra que você disse muito mais do que você pode imaginar. Agora ele vai te agradecer por essa declaração pelo resto da madrugada.

Amo esse homem, com todas as minhas forças.

Samuel aparece na V.D.A. na segunda à tarde, sem avisar. Faço com que ele aguarde cerca de quinze minutos, pois me sinto poderoso deixando o filho do governador aguardando por mim. Por fim, decido atendê-lo. Ele mal se senta na cadeira, Gilcelle aparece com água para ele. É estanho, ela nunca serve ninguém sem que seja preciso eu ligar para ela pelo menos três vezes ordenando que sirva. Mais estranho ainda é que ela derrama água gelada nele. Esse tipo de coisa quem faz é a Celina, nunca a Gilcelle.

Samuel se levanta e não grita com ela, (e por isso não é necessário que eu bata nele) e Gil o ajuda a se secar pedindo perdão. Assim que ela se retira, explico:

— Juro que não mandei que ela fizesse isso.

Ele parece desconfiado, mas assente.

— O que quer comigo, Dantas?

— Quero que fique longe de Suzana.

Um sorriso surge em seu rosto antes de ele falar:

— Cuidado com o que deseja. Suzana não vai ficar contente se souber que está ameaçando o chefe dela, querendo que ele a demita de seu melhor emprego.

Agora sou eu que abro um sorriso para ele.

— Eu não disse isso. Nunca pediria que a demitisse. Quero que me venda a Academia. — Seu olhar mostra espanto e continuo falando antes que ele responda. — Não me importa o valor. Pago o quanto você quiser.

— Você quer se tornar o chefe dela?

— Não. Quero dar a Academia para ela.

Ele parece ainda mais surpreso e tenho a impressão de que parece bem alarmado.

— Não acredito que queira comprar a Academia apenas para presenteá-la, vamos ser honestos um com o outro aqui, nada de joguinhos.

— Ser honestos? Claro! Vai me dizer que é gay? Porque eu já sabia.

Ele fica vermelho e percebo que cerra os punhos pousados nos braços da cadeira.

— Quero a Suzana — ele diz. — Preciso que ela case-se comigo. Nós dois sabemos que você pode ter a mulher que quiser, para mim, só serve ela.

Demoro a responder porque estou ocupado me contendo para não socar a cara desse imbecil.

— Você só pode estar louco se acha que ela ficaria com você. Você sequer a ama, nunca a desejaria, jamais a faria feliz.

Ele estufa o peito, como se eu o tivesse ofendido por lembrá-lo que ele nunca daria prazer a ela.

— Sei das necessidades dela! Sei que ela é uma mulher puramente sexual, não sou tolo! Cuidarei para que ela tenha cada uma de suas necessidades atendidas.

Levanto-me furioso:

— E a necessidade de ser amada? O que vai fazer para suprir isso?

— Suzana é uma mulher inteligente e racional. Vai aceitar que o que tenho a oferecer a ela é muito mais seguro do que amor.

— Ela precisa de amor, nada pode suprir isso! Você não a conhece, não sabe do que está falando!

Ele se levanta também.

— Eu sei sobre o passado dela, e estou disposto a passar por cima disso, ela não vai encontrar um homem que a respeite e dê esse amor todo, sabendo seu passado e sabendo o que ela faz!

Sim, devo socá-lo agora mesmo!

— Ela já encontrou. E esse homem nunca vai permitir que você a use como um bibelô. Esqueça a Suzana!

— Você não é homem para amar uma mulher pra vida toda, vai machucá-la mais cedo ou mais tarde, vive fazendo isso!

— Não pode falar sobre o que não entende. Suzana sabe que a amo, e me ama de volta, mesmo a machucando o tempo todo.

Ela me disse isso, disse ao meu pau, mas ele faz parte de mim. Ela me disse. Minha safadinha linda me ama. Travo meu olhar no dele. Estamos em um combate de olhares quando Gilcelle entra na sala. Ela traz outra jarra de água e se aproxima de Samuel.

— Não quero água! — ele diz sem desviar o olhar do meu.

Meus olhos ardem para que eu pisque, mas não vou perder essa batalha de jeito nenhum!

— Está gelada, é só um pouco — insiste Gil estranhamente.

E como estou nessa batalha de olhares com Samuel, não vejo como ela consegue, mas derrama água gelada na calça dele. Ele desvia o olhar do meu para verificar o estrago da vez e internamente comemoro, sou o vencedor dessa tensa batalha.

Gil começa a apalpar Samuel em todos os lugares e ele se afasta irritado.

— Suzana é exatamente a mulher que preciso, e não medirei esforços para tê-la.

— Encoste um dedo nela e não importa quem é a merda do seu pai, vou matá-lo!

— Isso não será preciso, estarei sempre ali por ela. No seu primeiro deslize, vou convencê-la de que você não serve. Posso não dar a ela o prazer que você dá, mas posso convencê-la de outras maneiras. Não importa como. Você não sabe com quem está mexendo, Cleber Dantas. Suzana será minha por bem ou por mal.

— Você não vai viver para fazer qualquer mal a ela.

— Veremos.

Ele sai da sala e sou tirado do meu estado de ódio pela voz de Gilcelle.

— Uau! Pareceu uma cena de filme. Faltaram as pistolas e os chapéus, mas cena de filme — ela diz de olhos arregalados e bebendo um copo de água atrás do outro.

Caio como um chumbo na cadeira atrás de mim. Não sei se devo contar isso a Suzana, nem sei se ela acreditaria em mim. E se acreditasse, estaria acabando com o emprego dos sonhos dela, mas preciso defendê-la dele. Não sei o que fazer.

Gilcelle ainda está ali em pé, tomando água como um camelo.

— Que diabos estava fazendo jogando água no homem o tempo todo?

— Ah! Estava tentando devolver isso — ela diz e tira um celular do bolso.

— Devolver? De quem é isso?

— Do Samuel. Tirar foi fácil, mas não consegui devolvê-lo. Vai ter que se virar com isso — ela diz jogando o aparelho em cima da minha mesa.

— Você roubou o celular do homem?

— Não roubei! — responde irritada — Tentei devolver, não foi culpa minha não ter conseguido.

— Você tem noção que ele é o filho do governador, não tem? — digo para assustá-la.

— Não era eu que estava gritando e ameaçando tirar a vida dele. Além do mais — ela diz sentando-se à minha frente. — Graças a essa pequena travessura, agora sei exatamente como você pode derrubar esse homem e salvar sua donzela.

— Se você souber isso Gilcelle, eu triplico seu salário.

— Vou te cobrar isso, Cleber, pode ter certeza.

— Desembuche.

— Samuel Alencar tem menos de um ano para se casar.

Não entendo a informação, e menos ainda como ela pode me ajudar. Pelo contrário, isso quer dizer que ele vai mesmo fazer de tudo para ter Suzana.

— Ele está morrendo? — pergunto esperançoso.

Ela dá uma gargalhada e diz que não vou para o céu, mas quando vê que estou sério e meio que desesperado, se empertiga na cadeira e fala sério.

— A família dele está desconfiada que ele é gay, se não se casar com uma mulher, em menos de um ano, o pai dele irá deserdá-lo.

Quase salto da cadeira. Tudo começa a se formar em minha mente em questão de segundos.

— Está dizendo que tenho apenas que fazer com que o governador descubra que Samuel é gay, e ele será uma carta fora do baralho?

— Isso. E de quebra é provável que consiga ficar com a Academia nesse meio.

Levanto-me emocionado e seguro o rosto de Gil.

— Gilcelle. Eu te amo! Você é linda! Divina! Maravilhosa!

Percebo o momento em que Matheus e Sebastian aparecem na sala, então aperto mais a cabeça de Gilcelle e sussurro em seu ouvido:

— Você soube que a mulher que o Matheus levou para seduzir PP foi a Suzana?

Ela arregala os olhos e enfia as mãos em meu cabelo.

— Sério? Como ele ainda está vivo?

— Estou sendo muito bonzinho com ele, exceto, agora.

Não dá tempo de Gil responder, Matheus bate o pé e me puxa de perto dela.

— Que merda é essa? — pergunta olhando de mim para ela como um leão.

— Uma amostra grátis do que senti ontem quando vi você e Sue agarrados no elevador.

Gilcelle o encara de olhos arregalados e ele fica vermelho, mas ela sai da sala batendo os pés.

— Valeu, filho da puta — ele reclama.

— E isso foi uma amostra do que senti quando você disse que eu ficava trancado na sala com minha secretária.

— Já entendi — ele diz. — Você fez aulas de vingança com a Celina.

— Celina é um exemplo que deve ser seguido.

Eles se olham com caretas que me fazem rir. Conto a eles sobre o que Gilcelle descobriu de Samuel e espero que algum deles me dê uma boa ideia de como fazer Samugay sair do armário, mas quando termino meu relato, tentando passar a eles toda a emoção da nossa discussão, e até imitando as caras que fiz em nossa batalha de olhares, os dois se olham e caem na gargalhada.

— Qual é a graça? — pergunto irritado.

— Gay! Quer dizer que no começo, quando a Suzana te deu enésimos foras, estava te trocando por um gay? — zomba Sebastian e eles continuam rindo.

— Vão rindo seus panacas. Pelo menos eu venci essa.

— Se não vencesse a luta por uma mulher contra um gay Cleber, poderia mandar arrancar seu pau e pendurá-lo na praça como motivo de vergonha — diz Matheus.

Eu já disse que queria ter amigos de verdade e não dois ratos?

No fim da tarde, perto da hora de ir embora, meu celular toca.

— Dantas.

— Então você anda me investigando?

— Ora, olá Botelho. Achei que não fosse aparecer para receber seus honorários.

— Pare de me investigar, Cleber. Não mexa mais nisso. Nenhum centavo a mais será retirado da sua empresa ou de nenhum de seus amigos.

— É uma pena, mas agora tomei gosto por essa coisa de investigar. Quero você, PP e todo seu bando atrás das grades seu safado, ladrão de merda!

Ele fica em silêncio, mas tenho a impressão que está rindo.

— A escolha é sua. Eu preferia não machucá-la.

— Não machucar quem?

— O que você mais ama na vida.

Então o filho da puta desliga e nem vejo que horas largo o celular. Suzana, preciso salvar minha mulher. Saio como um louco e percebo Sebastian e Matheus correndo atrás de mim, entramos todos no elevador.

— O que houve homem? Onde é o incêndio? — pergunta Sebastian.

— Botelho telefonou. Disse que gostaria de não machucar o que mais amo na vida.

Os dois arregalam os olhos.

— Preciso salvar Suzana.

— Para onde está indo? — Sebastian parece disposto a ir também.

— Primeiro, para a casa dela. Deixei Gilcelle ligando para o celular dele, mas não atende, pode ter deixado alguma pista lá.

— Você ligou para Suzana?

— Sim, mas ela também não atende.

— Merda! Vou com você — ele diz confirmando o que eu já sabia.

Assinto e agradeço internamente por ter Sebastian ao meu lado, estou nervoso demais e vai ser bom ter alguém pensando com mais clareza. Assim que saímos do elevador, corremos para meu carro. Já destravo as portas assim que entramos no estacionamento e corremos. Mas, paramos ao ver Matheus correndo atrás de nós.

— Aonde está indo? — pergunto.

— Salvar Suzana! — Ao ver que o encaramos, ele continua. — Eu vou junto, oras! Também quero ser herói.

Entramos no carro e Sebastian arranca como um louco, estou tão nervoso, que mal enxergo e acho que ele também, pois barbeira um bocado enquanto dirige. De repente, Sebastian olha para mim e para Matheus e um sorriso surge em seu rosto, é aí que o imbecil diz:

— Seremos como os três mosqueteiros!

— Ah! Cale a porra da boca e dirija homem! — ralho.

Mas ele continua rindo e Matheus também, só eu não consigo sorrir.

Não espero que ele pare o carro quando chegamos próximo ao edifício. Subo correndo, sei que Gil já chamou a polícia, e tudo está encaminhado. Por dentro, rezo que Botelho não tenha conseguido pegar Suzana ainda, que ela o tenha atropelado, quebrado seus ossos ou passado com o carro por cima dele. Então me lembro que fui eu mesmo que a proibi de dirigir. Merda! Por que tirei sua arma de proteção? Vou comprar um carro novo para ela amanhã mesmo! De alguma forma, Sebastian e Matheus conseguem me alcançar e entram no elevador comigo.

— Ela está bem, vai dar tudo certo, relaxe homem — Matheus tenta me tranquilizar.

Mas não consigo relaxar. Minha Suzana. Minha vida. Nada pode acontecer a ela.

Vasculhamos o apartamento de Suzana, mas não a encontramos. Não está em lugar nenhum. Estou prestes a chorar como um menino quando Sebastian encontra seu celular. Há apenas minhas ligações e as de Gil, mais nada.

— Vamos chamar a polícia — digo me dirigindo ao meu apartamento.

— Gilcelle já está fazendo isso — diz Sebastian, mas me segue.

Então, quando abro a porta do meu apartamento, vejo. Deitada no sofá, vestida de Sue, mas com seu cabelo negro espalhado pela almofada. Ali está Suzana. Ela arregala os olhos e tenta se cobrir, mas a pego no colo e a aperto, e aperto e beijo e quase choro de tanto alívio.

— Estou nua! — ela consegue gritar quando deixo sua boca, e só então me dou conta de que Matheus e Sebastian estão bem ali, com um sorriso idiota olhando para ela.

— Fechem os olhos, seus maricas.

Carrego Suzana para o quarto e a cubro com uma blusa minha. Ela fica envergonhada de voltar para perto dos meninos, mas a arrasto. Não tem a menor chance de me afastar dela, nem por um segundo hoje.

— Eles acabaram de me ver quase nua — protesta.

— E nunca vão esquecer essa visão, vamos, você não fez nada de errado.

— Eu só queria fazer uma surpresa para você — ela diz envergonhada.

— Meu amor, eu amei a surpresa, você não faz ideia do quanto.

— Não está tendo um ataque porque seus amigos me viram seminua?

— Não, no momento estou feliz demais por vê-la. Venha aqui que vou explicar.

Quando voltamos a sala, os dois estão bebendo algo de minha adega, e estendem para mim e Suzana duas taças.

— Bebam, foi um susto, está tudo bem — diz Sebastian.

— O que está havendo? — pergunta Suzana.

— Achamos que Botelho estivesse com você — explico.

— Por quê?

— Ele ligou. Disse que não queria machucar o que mais amo na vida. Fiquei desesperado, não consegui falar com você.

Ela não diz nada, está parada olhando para mim.

— Com certeza porque estava ocupada tirando a roupa para você — diz Sebastian.

— E você quase que nem ia poder ver, pelo jeito como Sebastian veio dirigindo — zomba Matheus.

Matheus e Sebastian começam a discutir a aventura que foi Sebastian dirigindo com medo enquanto ele rebate que não estava com medo porra nenhuma e de repente Suzana pula em mim, prendendo os braços em meu pescoço.

— Eu sou o que você mais ama na vida?

Seguro seu rosto entre as mãos e a olho nos olhos.

— Definitivamente. Eu morreria e mataria por você, minha safadinha.

Ela me beija emocionada, e Sebastian nada sutilmente acerta minha cabeça com a mão.

— Sinto interromper o momento romântico dos pombinhos, mas deixamos escapar alguma coisa, Cleber.

— Do que está falando?

É Matheus quem responde.

— Se Botelho não está com Suzana, quem ele acha que é o que você mais ama na vida? Quem foi que ele pegou?

Porra! Como é que eu vou saber disso?

Fogo. Desço do carro quase desesperado e vejo de imediato. Carros do Corpo de Bombeiros,

muitos deles, carros de polícia, e uma pequena multidão em volta de todo fogo. A V.D.A. está pegando fogo.

Por um momento não me movo, é dia, tem pessoas dentro do prédio. Nem quero começar a imaginar quem está lá dentro. Alguém grita meu nome e volto a mim quando um Matheus todo sujo e desesperado me sacode.

— Gilcelle está lá dentro! Ela, a Celina e o Sebastian estão lá dentro! Todos eles! — Ele faz um gesto negativo com a cabeça e me desespero.

— Não estão mortos! Não matei todos eles! Não matei!

Caio de joelhos sem forças, a dor que me consome nem pode ser explicada, menos ainda medida. A culpa foi minha, por uma burrada minha meus amigos estão mortos. E minha afilhada. O que mais amo na vida. Botelho achou que fosse a V.D.A., ele tirou de mim não só minha empresa, mas meus amigos. Penso em quantos funcionários estão lá dentro, quantas pessoas estão morrendo porque eu fiz a cagada de confiar em Heitor, e tudo resultou nisso.

Uma dor vem enchendo meu peito e me sufocando até que não aguento mais e grito. Grito alto, tentando apagar isso.

— Ahhhhhhhh! O que foi? O que foi? Ahhhhhh!

Um grito feminino invade minha mente e acordo, gritando também.

— Ahhhhh.

— Ahhhhhh! — O grito feminino histérico responde.

Abro os olhos e Suzana está encolhida em um canto no chão, com a cabeça entre as mãos, berrando. Acendo a luz e me sento na cama.

— Ei, Suzana, não grite. Está tudo bem.

Ela tira a cabeça dos braços aos poucos e com um olho só, olha ao redor do quarto. Quando seu olho se fixa em mim, ela abre os olhos e respira.

— O que aconteceu? Você teve um pesadelo?

Concordo com a cabeça e conto a ela o sonho horrível. Ela vem até mim e me abraça, ainda está tremendo.

— Por que você foi para o chão? — pergunto.

— Achei que tivesse visto algo. Sei lá — ela explica dando de ombros.

— E você achou que se encolher no chão fosse te proteger?

— Não, mas pelo menos eu não veria sua morte.

Aperto-a mais forte e sorrio. De um jeito ou de outro ela sempre me acalma.

Aqui estamos nós, de pijama, em pleno centro da cidade, olhando a V.D.A.. E ela está intacta.

— Viu? Está tudo bem! — diz Suzana me acalmando.

— Não entendo. Se não foi você, se não é a V.D.A., o que Botelho pegou? Já liguei para toda minha família, cada amigo, cada conhecido, todo mudo está bem.

— Talvez ele não tenha pegado ninguém, talvez tenha apenas tentado assustá-lo.

— Não, já ouvi algumas coisas sobre Botelho e seus homens, ele não é o tipo de homem que ameaça, ele age. Alguma coisa aprontou.

De repente um soco na janela do carro me faz dar um pulo no assento.

— Ahhhhhh! Merda! Caralho! — Abaixo o vidro irritado e um Matheus de pijama está do lado de fora com uma carranca — Que caralho está fazendo de pijama na rua homem?

— Vim te perguntar a mesma coisa. Qual é o problema de vocês? O porteiro me ligou e disse que tinha um carro estranho observando a empresa, vim verificar.

— Cleber teve um pesadelo — explica Suzana

— E grita feito uma mulher, depois eu que sou o gay. — Ele abre a porta do carro e entra. —

Conte-me o que você sonhou.

Conto a ele e meu amigo me lança aquele olhar de pena, seguido pelo de zombaria e aí já ordeno:

— Sai do carro, seu imbecil!

— Eu nem disse nada. Relaxe, homem. A V.D.A. não está pegando fogo, ninguém está pegando fogo. Esse seu sonho foi tão sem sentido, que eu nunca te diria que a Gilcelle morreu queimada por sua causa e te deixaria vivo no minuto seguinte. Acalme-se e vá dormir. O mais provável é que ele realmente não tenha pegado ninguém.

Meu celular toca e um Sebastian com voz de sono e irritado já começa a gritar:

— Por que vocês malucos estão todos de pijama na rua a essa hora?

Olho em volta e vejo seu carro em frente a empresa, do outro lado da rua.

— Você veio pelado?

— Não durmo de roupa.

— Por que você está aqui pelado?

— Eu disse que não durmo de roupa. O porteiro me ligou e disse que tinha um carro estranho observando a empresa, achei que fosse o Botelho.

— E você ia afrontá-lo pelado?

— Esqueça minha nudez, homem! Sei que está louco pra ver meu pau, mas essa parte não está descoberta. O que houve?

— Amigo, quero distância do Sebs.

Ele grita um palavrão e arranca com o carro, parando-o ao lado do meu.

— Feche os olhos Suzana. Quer sair daqui com esse corpo ridículo à mostra? Minha namorada não precisa ver isso.

— O que aconteceu? Alguma festa do pijama que eu não esteja sabendo? Estou noivo, mas não morto, me convidem para essas coisas — reclama ele.

— Cleber anda tendo pesadelos e gritando feito uma mulher — diz Matheus do banco de trás.

— Merda. Não tenho privacidade nem para ter um pesadelo, maldita hora em que arrumei amigos. Vamos, saia do meu carro Matheus e você Sebastian, volte para sua mulher.

Os dois se foram reclamando e quando chegamos ao meu apartamento, havia um envelope jogado no chão, mas Suzana o pegou antes de mim e a careta que fez ao ler, deixou claro que era de Botelho.

Tomo o envelope de sua mão e ali está, um bilhete:

Estou com sua amada Miss Sue, peça ao seu detetive que me deixe em paz, ou ela dançará para mim pelo resto da noite.

Junto ao bilhete, há uma foto de uma mulher, vestida como Miss Sue, amarrada e amordaçada. Olho para Suzana, que dá de ombros. Ela está aqui comigo, então quem é a Miss Sue que está com Botelho?

Capítulo 17

Suzana

Assim que entro na famosa V.D.A., sou alvo de cochichos, todos de mulheres, provavelmente mulheres que Cleber pegava. Os homens ao meu lado também contribuem para que eu seja uma espécie de atração aqui. A minha esquerda está Elias, o guarda-roupa fofoqueiro. Achei completamente desnecessário que ele me acompanhasse até aqui dentro, mas Cleber anda meio neurótico. Do outro lado está Cidão, com seus dois metros de altura e sua cara de mau. As pessoas devem estar se perguntando porque ando tão estranhamente acompanhada. Somos conduzidos até uma sala, onde Cleber, os outros dois estúpidos, Celina e uma mulher ruiva nos aguardam.

— Por que ele veio com você? — pergunta Cleber me rodeando com o braço assim que entramos.

— Porque ele pode explicar quem é a Miss Sue que está com Botelho.

— Não está mais — Cidão diz.

Sentamo-nos todos à enorme mesa, Cleber ao meu lado não solta minha mão, e a aperta ainda mais quando Matheus, de frente para mim, me dá uma piscadela.

— Você quer morrer, homem? — ameaça Cleber.

— Sem estresse, só estou cumprimentando minha parceira.

Cleber resmunga palavrões, mas é atingido por uma caneta arremessada por Celina.

— Podem parar agora mesmo! O assunto aqui é sério e vocês não vão querer me irritar logo cedo! — ralha ela.

O silêncio reina de repente no ambiente. Isso é o que eu chamo de impor respeito.

— Uau! Parabéns pela moral, e pela pontaria! — digo.

— Minha pontaria é a responsável pela minha moral — ela diz estufando o peito.

— Amor, você seria assustadora mesmo sem a pontaria — brinca Sebastian.

— Obrigada, amor. Agora vamos a reunião. Quem Botelho pegou?

Celina lança um olhar tão assustador a Cidão, que ele começa a falar imediatamente.

— Suzana não tem ido muito ao Red desde que se envolveu com Cleber Dantas. Não estou criticando, imagino que ele não goste de vê-la dançar lá. A questão é que Miss Sue é uma das principais atrações do clube, e o público estava reclamado muito.

Ele me olha de um jeito, como se pedindo clemência e sei que meu chefe noturno está prestes a me irritar.

— Então a solução foi encontrar uma Miss Sue substituta.

Como? Substituta? Uma qualquer? Usando meu nome e meu figurino? Dançando com meus meninos? Usando meu nome? O quê?

— O quê? Você me substituiu? Quem foi que você colocou no meu lugar?

— A Lana. Ela tem quase o seu corpo, achei que ninguém perceberia.

— Lana? Não acredito! Meus seios são maiores que os dela! — protesto.

— Então, você mandou que essa Lana se apresentasse como Miss Sue, e Botelho a levou pensando ser Suzana? — pergunta Cleber.

— Isso mesmo. Ela estava caracterizada como Miss Sue, são muito parecidas. Qualquer um as confundiria — explica Cidão.

— Eu tenho ao menos dois centímetros a mais do que ela! — protesto de novo.

— Até mesmo você as confundiria, Cleber — insiste Cidão.

— Eu não. Sei o tamanho exato dos seios da minha namorada.

Três pares de olhos masculinos focam em meus seios e dou uma cotovelada em Cleber, que está rindo.

— São mesmo maiores — comenta Cidão distraído.

— E o que aconteceu com essa Lana? — pergunta Celina me livrando do constrangimento de ter os seios analisados pelos homens da V.D.A. e meu chefe noturno.

— Foi devolvida na porta do Red poucas horas depois. Estou cuidando de Botelho. Ele já estava avisado. Ninguém mexe com minhas meninas.

De repente Cleber puxa meu rosto em direção ao dele e diz com um sorriso:

— Bendita hora em que você resolveu me esperar seminua no sofá. Se você não fosse tão safadinha, ele poderia tê-la levado.

Posso sentir cinco pares de olhos colados em mim e quero me esconder dentro de mim mesma, de tanta vergonha por lembrar que Matheus e Sebastian me viram assim.

— Você está me constrangendo de propósito? — reclamo.

— Não, estou apenas deixando que os caras saibam como sou sortudo.

Reviro os olhos e me volto para Cidão.

— Para onde ela foi levada? Ela viu Botelho? — pergunto.

— Não, ela não o viu, apenas alguns homens mascarados. Mas ela disse que um deles, era bem baixinho e viu alguns fios grisalhos por baixo da máscara. Também não sabe onde estava, disse que era uma espécie de galpão.

— Sinto muito que ele a tenha assustado — diz Matheus.

— Ela não se assustou. Achou tudo excitante, na verdade — diz Cidão.

Por três tensos minutos, cada um na sala olha para o outro, esperando que uma luz se acenda na cabeça de alguém. Mas isso não acontece. É Cleber quem fala ao perceber que esse silêncio especulativo não está nos levando a lugar nenhum.

— Então, nossa única chance, é o tribufu. Descobri os lugares que ela frequenta, só nos resta escolher qual de nós vai arrancar informações dela.

Sebastian praticamente se esconde atrás da Celina. Matheus olha para todos os lados, menos para qualquer pessoa sentada a mesa. E Cleber olha fixamente para Cidão, que percebendo seu olhar insistente, já vai levantando as mãos.

— Nem pensar! Se a apalavra tribufu está envolvida estou fora! Aliás, tenho que ir — ele diz levantando-se. — Vou tratar de fazer Botelho pagar por ter mexido com uma das minhas meninas. E vocês, boa sorte para arrancar essas informações.

Mal Cidão fecha a porta, Cleber encara Sebastian.

— Não importa se é um tribufu, Sebastian não vai seduzir mulher nenhuma! — decreta Celina.

Cleber nem discute, rapidamente encara Matheus.

— Sinto muito. Adoraria seduzir um tribufu, mas estou de partida, viajo amanhã. Vai ter que se virar sozinho, homem — diz ele tirando o seu da reta.

— Mas, que merda de amigos são vocês? Cadê aquele papo de três mosqueteiros? Na pior hora me deixam na mão! — Então olha para mim como um cachorrinho sem dono. — Suzana não se sentiria bem se eu fizesse isso, não é amor?

— Ah não, pode ficar à vontade, eu não me importo.

Ele arregala os olhos e parece querer me estrangular.

— Tenho certeza que você ficará enciumada, meu amor.

— Não ficarei. Eu me garanto. Além do mais, nem gosto tanto assim de você.

Todos estão rindo quando pisco para ele, que aperta minha coxa por baixo da mesa e diz:

— Você me paga por isso em casa, sua bruxinha.

Após a catastrófica reunião, Gil me leva a um passeio pela empresa, é maluquinha como a Celina, e gosto muito dela. Nosso passeio acaba na sala de Celina.

— Você realmente não se importa de saber que o seu namorado está dando em cima de uma mulher para conseguir uma informação? — pergunta Celina.

— Ah sim, Cleber não vai sequer tocar nessa mulher.

— E o que pretende fazer para impedir isso? Você sabe que ele realmente precisa da informação.

— Adoraria ajudar, mas vou viajar amanhã — diz Gil com uma careta.

— Na verdade, eu meio que já pensei em algo. Mas vou precisar de você, Celina. E da Nath.

As duas arregalam os olhos e o sorriso de Celina me acalma.

— Pode contar com a gente, vamos te ajudar a segurar seu estúpido.

Cleber não veio me buscar hoje. Por um momento, temo que já tenha ido “arrancar” as informações da tal tribufu, e pela primeira vez na vida, vou dar uma de mulher ciumenta, e ligo para ele.

— Olá, bruxinha.

— Onde você está?

— Ora, boa noite safadinha, será que alguém está de TPM?

— Não seja ridículo. Só quero saber onde está. Ou será que não pode me dizer?

A gargalhada dele me deixa em estado de alerta.

— Sinto muito minha adorável safadinha, mas não posso te dizer.

Demoro um minuto para me situar que meu namorado pervertido e safado, não quer me dizer onde está.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer amor, que nos vemos à noite, em casa. Agora deixa de ser ciumenta, já que você nem gosta tanto assim de mim.

— Isso é mais uma das suas chantagens ridículas?

— Pode ser. Preciso ir amor, até mais.

E o filho de uma mãe desliga na minha cara. Sabe o que deixa uma mulher com o humor pior do que um namorado chantagista? Um chefe que pede que ela faça hora extra no dia em que ela planejou chegar em casa mais cedo e matar esse namorado. E Samuel fez isso. Me pediu para ficar até mais tarde. Justo hoje. Ele ficou estranho durante todo o dia. Algumas vezes o peguei me observando, atentamente, como se eu fosse a solução mágica de algum problema. O que ele acha mesmo que sou. Estamos apenas nós dois na Academia (e os seguranças) e fico satisfeita ao imaginar a cara que Cleber fará quando souber que fiz hora extra apenas com ele. Quando me dá carona, duas horas depois do nosso horário normal, Samuel finalmente começa a soltar o que queria falar.

— Suzana, você sabe que eu nunca faria nada para prejudicá-la, não sabe?

Acho esse assunto repentino totalmente estranho, mas enfim, o que não é estranho hoje em dia?

— Sim, eu acho.

Ele sorri e pega minha mão quando para o carro em um sinal.

— Nunca faria nada para machucá-la, mas às vezes, as pessoas não entendem que o que fazemos é para o bem delas.

— Não estou entendendo. — Na verdade, estou ficando com medo.

— Não é nada demais, quero apenas que lembre-se que eu nunca faria nada para prejudicá-la,

independente do que aconteça.

— Está bem.

O celular dele, que está no porta chaves, logo abaixo de onde sua mão segura a minha, toca. Ele se apressa em recusar a chamada e coloca o aparelho do outro lado, mas posso jurar que a foto que apareceu na tela era de Léo.

O apartamento de Cleber está na mais completa escuridão. O maldito sequer está em casa. Onde será que ele se meteu? Volto para meu apartamento e tomo um banho, quando estou saindo do banheiro, alguém me pega por trás, e cobre minha boca, impedindo que eu berre como uma louca.

— Shhhhh, quietinha. — O cheiro e a voz de Cleber me acalmam imediatamente. — Você virá comigo agora, safadinha, mas não pode dar um pio, entendido? — Ele segura meus braços para trás com uma mão e cobre minha boca com a outra.

Concordo com a cabeça e a mão que estava em minha boca se afasta.

— O que está fazendo? — pergunto.

Ele volta a cobrir minha boca e sorri em meu ouvido ao sussurrar:

— Shhhh! Sem um pio. Você não pode falar, a menos que eu ordene.

Pronto. Ele disse a palavra: **ordene**. Minhas pernas ficam moles e o meio delas começa a pulsar. Cleber me arrasta em direção a porta, sinto seu corpo roçar no meu por trás, e noto que ele está vestido, e eu estou apenas de toalha. Firmo os pés para que ele não me arraste pelo corredor, e ele deixa minha boca livre para eu reclamar.

— Está louco? Não podemos sair assim no corredor! E se alguém nos vir?

— Você não confia em mim? — ele indaga com a voz rouca.

— Sim, eu confio em você, mas não que tenha a capacidade de manter cada vizinho abelhudo desse prédio em seus devidos apartamentos enquanto você desfila comigo seminua pelo corredor.

— Não vou permitir que se vista e o que vamos fazer só pode ser feito em meu apartamento. Então é sim ou não. Você vem ou não?

Ah merda, eu vou? É claro que eu vou, no momento em que ele disse a palavra *ordene*, me convenceu automaticamente a fazer qualquer coisa. Dou um passo à frente e ele me guia porta afora. Rezo para que ninguém apareça, mas Cleber não parece realmente preocupado com isso. Não se apressa para entrar em seu apartamento, demora o dobro do tempo que demoramos normalmente, levando-se em conta que nossas portas são bem próximas. Quando por fim entramos em seu apartamento, ele me liberta, mas ordena:

— Não se mexa.

Então fecha a porta e some pelo corredor. Não posso chamar por ele, mas estou tão curiosa, que vou seguindo-o na ponta dos pés apenas para espiar o que está tramando, mas ele aparece do nada de uma porta atrás de mim.

— Que coisa feia! Desobedecendo minhas ordens.

Não há um sorriso sequer em seu rosto que indique que está brincando, ele parece realmente irritado.

— Eu só queria ver.

— Não dei permissão para que visse nada, safadinha. Agora, você vai ser punida por ser tão desobediente.

Pisco os olhos, confusa. Ele vai me bater? Não sei como me sinto em relação a isso. Mas, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele me joga no ombro e me carrega para dentro desse quarto que eu ainda não tinha visitado. E quando ele me deposita no chão, meu Deus! Não tenho consigo reagir.

— A sua punição, minha adorável safadinha — ele diz e aponta para a cama.

Mas não é só uma cama. É uma cama com uma cabeceira de grades negras. E nessas grades, há uma enorme fita de cetim enrolada. Essa fita vermelha rodeia as grades da cabeceira e se estendem pela cama, e não é necessário que Cleber diga para que servem.

— Não vou machucá-la, Suzana, apenas te dar prazer. Agora deite-se nessa cama, de barriga para cima e abra bem as pernas e os braços. — Ao ver que ainda não consigo me mover, ele completa: — Não é um pedido. Faça agora.

Imediatamente minhas pernas respondem e subo na cama, encarando a fita de cetim vermelha, ansiando tê-la em meus pulsos. Tiro a toalha e a jogo no chão, e me deito como ele pediu, e em seguida, suas mãos amarram um pedaço da fita em meu pulso esquerdo, prendendo-o a grade da cabeceira. Depois, faz o mesmo com o direito. Sinto que ele passa essa fita por meu corpo, entre meus seios, descendo mais, pelo meio das minhas pernas. Quando ele se mexe na cama, a fita também mexe, e seu leve roçar em meu corpo me deixa ainda mais excitada. Ele prende um pedaço da fita em meu tornozelo esquerdo, e o prende a lateral da cama, e depois faz o mesmo com o direito. A sensação de estar ali, totalmente aberta para ele e incapaz de me mover, enquanto ele me avalia como se eu fosse a coisa mais desejável que já viu na vida, é indescritível. Só mesmo estando aberta para Cleber Dantas para entender. Ele passa seu corpo por cima do meu novamente, beija minha boca devagar e desce preguiçosamente o dedo por meu corpo, me causando arrepios. Então sobe o dedo pressionando um pouco mais forte, contorna meu seio, sobe para meus lábios e sobe mais, pegando outro pedaço da fita de cetim, e a colocando sobre meus olhos.

— Você não deve ver o que vou fazer, meu amor.

A escuridão me assusta, mas estou tão excitada, tão ansiosa, que fico quietinha, esperando ouvir alguma coisa. Ouço sua respiração em meu ouvido, sinto seu corpo sobre o meu, mas ele não se move. Não se move por uns cinco minutos.

— Cleber! — chamo.

Ele belisca um mamilo e arqueio o quadril buscando por ele.

— Silêncio, deixe-me admirá-la um pouco mais.

— Você faz isso todas as noites, fica boa parte das suas madrugadas me olhando.

— Porque você é linda. Não notei que havia percebido.

— Percebi. Então deixe para me olhar depois, me toque, me coma, eu quero seu pau em mim agora, não seus olhos.

Ele dá uma gargalhada e seu dedo volta a passear preguiçosamente por meu corpo.

— Ah Suzana, definitivamente você não nasceu para ser submissa.

Ele me tortura desta maneira, seu dedo passando hora levemente, hora com mais pressão por todo meu corpo, menos no lugar onde mais preciso dele. E por mais que eu implore, e choramingue, ele não diz mais nada, e não muda o ritmo. Sinto-me frustrada. Quero tocá-lo, quero pular em cima dele e tocar seu pau. E ele sabe disso, pois ouço seu sorriso, quando nota que estou quase enlouquecendo de impaciência.

— Vou dar o que você quer, meu amor, acalme-se.

Então ele sai da cama. Não me movo novamente, em expectativa, esperando ansiosamente o próximo som. E é o som que queria ouvir, está tirando a roupa. Quando ouço o zíper da calça sendo aberto, bato palmas mentalmente, já que minhas mãos estão presas. Quero que ele me toque, preciso disso. Que se dane esse negócio de submissa, estar amarrada assim para ele é diferente, e bom, mas agora só quero meu amor no meio das minhas pernas e sua boca na minha. Como que adivinhando meus pensamentos, sua boca toca a minha, levemente, me deixando ainda mais frustrada.

— Você é tão linda — ele diz com a voz rouca.

— Então me coma.

— Tão safada! Você exala sexo, minha safadinha. Por isso me apaixonei por você.

Sou obrigada a rir.

— Não seja mentiroso, você se apaixonou pela minha inteligência.

— Apaixonei—me por um pacote, que começou com sua sexualidade explícita mostrada nos seus olhos. Olhar você nua, aberta para mim, é como olhar o prazer, e saber que esse prazer é todo meu, faz de mim o mais satisfeito dos homens.

— Então deixe seu prazer satisfeito também — peço.

— Ah, você vai ficar. Vou dar exatamente o que você quer safadinha, assim que me der o que quero.

Paro de me mover e viro uma estátua dura de incredulidade.

— Isso não é sério. Você não vai me chantagear agora.

— Vou sempre chantageá-la Suzana, você só funciona assim. Sabe o seu joguinho de me ignorar para me domar? Com você funciona na base da chantagem.

— Estou disposta a cooperar. Do que você precisa? Faço qualquer coisa, mas quero você dentro de mim agora.

Ele sobe na cama e deita-se ao meu lado. Sinto sua ereção tocando a lateral da minha coxa e quase enlouqueço. Seu braço forte rodeia minha cintura, sua mão passeia por meu corpo e desce até meu centro. E quando ele toca meu clitóris, quase gozo.

— Diga, Suzana. Diga e meu pau será todo seu.

— Não posso acreditar! Eu já disse!

— Não para mim.

— Porque eu odeio você! Estou quase implorando pra você me foder logo e você quer sentimentalismo.

— Quero os dois. Quero foder amor com você.

— Não vou dizer — respondo segurando o sorriso.

Quer brincar meu amor? Vamos brincar.

— Que pena! — ele diz e sai da cama.

O que? Aonde ele vai? Não é para desistir. Mas, é um estúpido mesmo!

Só que ele não desistiu. Logo, seu peso afunda a cama novamente, próximo aos meus pés, seus dedos sobem preguiçosamente por minha perna, enviando arrepios por todo meu corpo, e para pouco antes de tocar meu clitóris. Estou prestes a choramingar, quando algo o toca. Algo duro, como a cabeça de um pênis.

— Saudade do seu amiguinho, meu amor?

Huguinho, ele pegou Huguinho.

Cleber me tortura com ele. Liga o vibrador e o encosta com força no meu clitóris, gozo no primeiro minuto. Meu corpo todo já estava em alerta esperando o mínimo toque para reagir. Mas, quando me desmancho, ele não se afasta. Continua ali, com Huguinho pressionado no meu clitóris até que um segundo orgasmo me preenche. Quero que ele afaste Huguinho dali, não aguento um terceiro orgasmo. Não aguento mais ser tocada, o prazer é tão forte, que quase dói.

— Cleber! — choramingo.

— Você sabe a palavra mágica, amor.

— Não vou dizer.

Tento me mover para afastar-me, mas ele dá o golpe de misericórdia, encosta a cabeça do

vibrador na minha entrada, ligado na velocidade máxima e o terceiro orgasmo me atinge com força, fazendo-me gritar e ficar mole. Mal ouço o que Cleber está fazendo, meus braços parecem pesar como chumbo, e meus pulsos estão doendo por ficarem amarrados. Cleber volta a subir na cama e tira o cetim de meus olhos. Ele está embaçado, e lindo.

— Olá, meu amor.

— Oi — consigo responder.

— Como está se sentindo?

— Presa.

Ele ri.

— Que bom.

Ele se ajoelha na cama e pega o membro grosso. Eu observo atentamente quando ele vem em direção ao meu rosto e deixa o pau ali, tão perto da minha boca. Vou com tudo para abocanhá-lo, mas meus braços presos me barram e volto para trás. Olho para ele com súplica, e ele parece entender, pois volta para baixo na cama e se posiciona no meio das minhas pernas. A maneira como me olha, como avalia minha expressão quando lentamente me penetra, me faz amá-lo ainda mais. E quando vou dizer isso a ele, ele se retira de dentro de mim. Não precisa pedir, ele para a cabeça do pau na minha entrada, e meu corpo clama tanto por ele, que apenas sorrio.

— Eu te amo — digo.

Ele fica parado, completamente parado me olhando.

— Eu te amo, Cleber. Muito. Mais do que qualquer outra coisa nesse mundo. Eu te amo.

Ele cai em cima de mim e me beija, e seu pau está dentro de mim, bombeando devagar, mas não lento demais, no ritmo certo. Sua boca me toma com voracidade, sua língua doma a minha como amo que ele faça. Então, cedo demais ele se afasta. Abandona minha boca, se retira de dentro de mim e solta meus pés. Imediatamente passo as pernas pelo seu quadril, e ele me penetra.

— Bem mais fundo — diz com a voz baixa e rouca.

Deita-se sobre mim e desamarra meus pulsos, e minhas mãos percorrem todo seu corpo, arranho-o e puxando-o para perto de mim. Sua boca reencontra a minha e seus movimentos agora são rápidos, e fortes. E logo, outro orgasmo me atinge e ele grita comigo, me apertando ainda mais quando goza em mim. Eu amo esse homem. Com todas as forças, e vou cuidar de dizer isso a ele todos os dias, em todos os momentos.

Quando estamos tomando o café, estou toda dolorida, e Cleber ri pela forma estranha como estou andando.

— Era seu sonho esse tipo de dor, então não reclame — ele brinca.

— Vou ser sincera, danço muito a vida toda, sou acostumada a atividades físicas. Para você conseguir me quebrar como fez noite passada, Cleber, você pegou muito pesado.

— Você adorou.

— Adorei mesmo.

Sento-me a sua frente e meu braço parece pesar cinco quilos quando tento pegar a xícara. Cleber senta-se ao meu lado e a coloca gentilmente em minha boca. Pega meus pulsos vermelhos pelo cetim e acaricia.

— Está doendo?

— Essa deve ser a única parte do meu corpo que não está doendo.

Ele sorri.

— Ia comentar com você, mas acabei esquecendo. Ontem, aconteceu uma coisa estranha. Quando

Samuel estava me trazendo para casa, o celular dele tocou...

Cleber solta minha mão e pega minha cabeça pelo cabelo, puxando levemente na direção dele.

— Por que não veio com Elias?

— Porque ele é meio assustador. Você já viu a cicatriz abaixo do olho dele? Como ele conseguiu aquilo?

— Não importa. Não pago o salário dele para que você fique andando de carro com seu chefe gay.

— Não seja um chato possessivo e ciumento.

— Sou exatamente assim, e avisei que seria. Você concordou, não reclame.

— Deixe-me comentar! Acho que o Léo ligou para ele. — Ao ver a expressão confusa em seu rosto, explico: — O Léo, irmão do Téo, dançarino. Ele ligou para Samuel.

— Você acha que estão tendo um caso?

— O que mais seria?

O sorriso que Cleber abre quase me assusta.

Quando me deixa na porta da Academia, digo antes de descer do carro:

— Tenha um bom dia, estúpido. Eu te amo.

— Tenha um bom dia também devassa, lembre-se disso quando for preciso.

— Lembrar o que?

— Que você me ama.

— Por que será preciso eu lembrar disso em um momento em particular?

Ele dá de ombros.

— Nunca se sabe. Apenas lembre-se.

Então arranca com o carro e tenho a sensação de que esse estúpido vai aprontar alguma coisa.

Já tenho tudo o que preciso para ir atrás da tal Helena, menos coragem. Uma foto da criatura está na tela do meu computador, e juro por Deus que essa mulher tem bigode! E barba! Pelo menos não é cinza. Pretendo agir na hora do almoço. Talvez ela não goste de homens malhados e fortes como eu, talvez prefira os tipo modelo, como Matheus e sua cara delicada. É isso, ele devia ir comigo. Se bem que, ela perderia a paciência com as frescuras dele e não nos diria nada.

Como se tivesse sido invocado, Matheus aparece em minha sala. Está puxando uma mala enorme.

— Homem, vim me despedir e desejar boa sorte.

Aponto para a imagem na tela do PC e ele faz uma careta.

— Por que está olhando para essa foto? Isso é tortura antes da hora. Esqueça essa imagem e seja macho.

— Não dá para esquecer essa imagem, a mulher tem barba. Você vai mesmo viajar?

— Sim. E estou levando sua secretária.

— O quê? Que merda! Quando pretendia me contar isso? Não posso ficar sem uma secretária!

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e tento imitá-lo, mas como sempre, falho miseravelmente.

— Vou emprestar minha secretária a você, mas cuide muito bem dela.

— Ela não será tão competente quanto a *minha* — enfatizo a palavra minha apenas para irritá-lo.

Funciona, pois ele faz uma enorme careta.

— Nós dois sabemos que a Gil não é competente. É atrevida, respondona e preguiçosa. E é bom que acostume-se com a minha secretária, porque se tudo der certo, Gil não voltará para essa empresa. Pelo menos não para perto de você.

Cruzo os braços e o encaro com um sorriso divertido.

— Posso saber para onde vai com a *minha* secretária?

Ele revira os olhos e tenta não demonstrar nenhum nervosismo ao dizer o local.

— Baependi.

— Para a casa da sua mãe?

Ele confirma com a cabeça, não conseguindo mais esconder muito bem o nervosismo.

— Mas, ela não acha que você e Gilcelle estão noivos? — provoco.

— Sim. Vamos até lá mostrar como somos um casal de noivos feliz e apaixonado.

Não estou entendendo mais nada. Ele só por estar brincando.

— Vocês estão mesmo noivos?

Será que estou tão preso em meu mundo com Suzana e resolvendo os problemas com Botelho que nem percebi que meu amigo e minha secretária estão de caso de novo? Da primeira vez não percebi nada até encontrar Matheus chorando no dormitório da faculdade com uma foto dela e ouvindo Toni Braxton. Foi a primeira vez que ele ouviu essa música e nunca mais parou. Eu devia ter percebido antes.

— Ainda não.

Ele está confiante e calmo demais para quem vai viajar com uma maluca, para a casa da mãe maluca dele, para confirmar uma mentira.

— A Gilcelle concordou com isso? — Não é mais para provocá-lo, estou realmente curioso.

— De muito bom grado.

— Duvido muito.

Finalmente, a máscara dele cai, e um Matheus em pânico começa a falar:

— Não tenho outra saída, não sabia mais o que fazer. Estou cansado de ameaçar cada namorado

que ela arruma e vigiar cada passo dela de longe. Preciso que ela não possa sair do meu lado, que não tenha escolha a não ser ficar comigo. Você entende o que estou falando?

— Perfeitamente, meu amigo. Você a chantageou para que ela vá com você?

Todo o medo desaparece e ele volta a sorrir.

— Claro que não! Não sou tão estúpido quanto você! Eu fiz uma proposta. Ela podia ter negado. Só cuidei para que não quisesse negar.

Nem posso imaginar que espécie de proposta convenceria a Gilcelle a viajar com Matheus, e ainda fingir que é noiva dele. Isso tem tudo para dar errado, mas espero que meu amigo saia vivo, e noivo dessa.

— Você a convenceu com uma proposta? Uma estúpida proposta, eu imagino. Nesse caso, só posso te desejar boa sorte. Toda sorte. Muita sorte mesmo. Você vai precisar.

— Obrigado, mas acho que vou precisar de bem mais do que isso.

— Eu sei. Bem mais mesmo. Muito mais.

— Entendi! — ele diz com uma carranca.

— Só estou frisando, enquanto há tempo de desistir.

Ele me encara com uma enorme careta.

— Bah! — grita de repente.

— Desde quando fala interjeições gaúchas? — pergunto confuso.

A porta abre e uma mulher entra. Ela é baixinha, tem o cabelo negro liso, e é muito elegante.

— Essa é minha secretária, Bah. Bah, esse é Cleber Dantas.

A mulher estende a mão para mim e a aperto.

— Bah? Esse é seu nome?

— Na verdade é Bárbara, mas pode me chamar de Bah.

— Agora que foram apresentados, eu vou indo. Ainda tenho que me despedir do Sebastian e da Celina. Vou deixá- por último, porque provavelmente ela vai me ameaçar.

Ele sai e sua secretária me seca com os olhos. Acho divertida a forma como ela avalia meu físico. Cruzo os braços ressaltando os músculos e seus olhos se demoram neles.

— Você é comprometido? — ela pergunta.

— Sim.

— E sua namorada é louca como a do Sebastian?

— Não.

Imediatamente ela abre os dois primeiros botões da blusa.

— É ainda mais louca — comento e ela imediatamente fecha os botões de novo.

— Vou verificar seus compromissos para hoje, senhor Dantas.

— Obrigado, Bah. Não se preocupe, não sou cheio de frescuras como o Matheus.

— Ainda bem, porque as manias dele meio que me davam nos nervos.

— Imagino.

— Com licença, senhor Dantas.

A atrevida ainda dá uma boa olhada no meu corpo de novo antes de sair e só posso rir.

Na hora de me despedir de Gilcelle, a abraço e aconselho:

— Seja uma boa menina, Gil. Esqueça o passado, pense em sua felicidade e pega leve com ele.

— Isso, de jeito nenhum! Só estou indo a essa viagem para fazê-lo pagar!

— Pelo menos tente devolvê-lo vivo. A V.D.A. precisa dele.

— Verei o que posso fazer — ela diz de má vontade.

Pobre Matheus.

Chego ao restaurante e nem é preciso procurar muito para avistar Helena, vulgo: Tribufu. A mulher tem o cabelo em formato de capacete, e tão alto, que a avisto acima de todas as cabeças do restaurante. Sento-me em uma mesa próxima e a observo por um tempo. Logo, me arrependo de ter feito isso, pois, enquanto come uma gordurosa asinha de frango com queijo, a mulher cutuca o nariz. Meu estômago revira e quero sair correndo. Botelho não vai mais tirar dinheiro da V.D.A. mesmo, talvez eu possa deixar Heitor, PP e o resto da quadrilha livres.

Não. Não posso. Tenho que enfrentar o tribufu. Penso em Suzana, me lembro de cada detalhe de seu rosto lindo, de seu corpo fabuloso e me aproximo da mesa da morte.

— Boa tarde, linda. Posso me sentar com você?

Tribufu para de chupar os dedos gordurosos e me encara espantada. Nunca cheguei tão mal em uma mulher, minha voz falhou e se fosse uma mulher como a Suzana, por exemplo, teria apenas me mostrado o dedo do meio, e nem se dado ao trabalho de olhar para mim.

Ela assente e me joga na cadeira.

— Desculpe atrapalhar o seu... — Olho os restos de frango triturados em seu prato — almoço.

Ela assente freneticamente com a cabeça. Preciso que ela comece a falar. Vamos Cleber, seja macho! Você é lindo! Gostoso! Você consegue!

— Qual o seu nome? — pergunto lançando meu melhor olhar para ela.

— Helena.

— Sou Cleber. — Não estendo a mão a ela, não depois do que a vi fazer com os dedos, mas sorrio de novo, e ela cora. — Você vem sempre aqui?

Ela assente.

Isso foi péssimo! Pergunta idiota e nada original. Não vou conseguir.

Como um maricas, vou enfiar o rabinho entre as pernas e sair sem nada. Não posso fazer isso. É como se não conseguisse seque formular uma cantada decente, não é a Suzana aqui, mesmo sendo um tribufu, eu conseguiria por um bem maior, mas porra, não posso. Decido jogar a merda toda na mesa e rezo para que ela não arremesse os frangos chupados em minha cabeça, além de não me dizer nada.

— Helena, é o seguinte...

É aí que duas mulheres aparecem do nada. Uma delas, vestida de forma simplória, apoia a outra, que anda com dificuldade por causa da enorme barriga, e também está vestida de uma maneira bem simples, com um vestido muito florido e um lenço na cabeça. A mais alta puxa uma cadeira da mesa ao lado e a barriguda se senta, e aí as reconheço.

Pisco os olhos diversas vezes tentando entender o que está havendo. É um ataque de pânico. Estou tendo visões que parecem reais, peguei a doença da Suzana. Ou isso, ou Suzana e Celina estão aqui na minha frente, vestidas de forma estranha e fingindo que não me conhecem.

Helena avalia a barriga de Celina e Suzana pisca para mim. Estão tramando alguma coisa, essas duas.

— Você é Helena Ramalho? A mulher de Edmundo? — pergunta Celina com uma voz chorosa.

Helena olha com desconfiança e Suzana começa a abanar Celina, pedindo que ela se acalme. Por fim, Helena confirma com a cabeça. Celina abaixa a cabeça e finge estar chorando, e Suzana começa o teatro.

— Eu sabia, eu disse Célia, disse que esse safado era casado.

Helena ainda as observa em choque. Então, Suzana tira de uma bolsinha pequena e surrada, uma foto, e a estende a Helena. É uma foto do noivado de Celina e PP.

— Esse safado seduziu minha prima e a embuchou. Então a pediu em casamento. O bebê está quase

para nascer e ele sumiu.

Helena tira a foto das mãos de Suzana e arregala os olhos. Então volta a olhar para a barriga de Celina, e de volta para a foto.

— Não somos casados, mas temos um relacionamento. — Ela admite, olhando-me com pesar. — Eu não sabia nada sobre filho nenhum, mas se querem o endereço dele...

Celina levanta a cabeça tão de repente e grita um sonoro “não”, que até eu dou um pulo na cadeira.

— Não quero o endereço dele, não quero nada dele. Vou criar meu filho sozinha.

Helena parece concordar com a atitude dela, mas logo, fica confusa.

— Se não quer encontrar Edmundo, por que está aqui?

— Porque quero me vingar. E preciso da sua ajuda.

Helena parece assustada, elas estão indo rápido demais. Preciso ajudar.

— Isso é ótimo. Você também foi enganada Helena, não precisa passar por isso. Pode ter qualquer homem aos seus pés. Ajude-a a se vingar do salafrário.

Helena volta a me avaliar dos pés à cabeça e percebo pelo canto do olho a careta de Suzana, mas parece funcionar.

— Do que vocês precisam? — pergunta receosa.

— Quando estava comigo, Edmundo disse alguma coisa sobre uma empresa, um tal de Botelho e um tal de Heitor. Eu os vi com ele algumas vezes. Sei que era algo importante e secreto. Quero desmascará-lo.

Helena arregala os olhos e se levanta.

— Não posso falar sobre isso.

As coisas acontecem rápido demais, Helena se vira para sair, um garçom passa com uma bandeja, e num movimento fluido e muito bem calculado, Suzana bate discretamente a mão na bandeja do garçom, virando as quatro taças em Helena. Todo o restaurante a encara, enquanto o garçom se desculpa. Acho que ela não viu o truque de Suzana. Ela volta a se sentar tentando secar a roupa e saco um lenço do bolso estendo-o para ela.

— Edmundo não é o chefe disso, não adianta procurar por ele — ela diz enquanto se seca.

— Mas então, como posso derrubá-lo?

— Você tem que ir até os irmãos, os filhos de Botelho, eles são os chefes. Mas não vai encontrá-los, estão dando o maior golpe da história deles. Em algum político. Não sei mais do que isso.

— Quem são esses irmãos?

— Não sei dizer — ela está mentindo, mas se o que estou pensando estiver correto, sei exatamente quem são os chefes da quadrilha de Heitor.

Pisco para Suzana e aceno com a cabeça e percebo que ela também entendeu. Apenas Celina continua insistindo que a mulher diga mais alguma coisa.

— Vamos Célia, deixa a moça em paz, ela não tem culpa — diz Suzana e arrasta uma Celina confusa pelo restaurante afora.

Minhas garotas são geniais. Levanto-me para ir também, mas Helena me segura pela gravata.

— Eu ajudei as meninas, bonitão, agora quero meu prêmio.

Merda! Minha gravata agora tem as manchas de gordura dos dedos dela. E eu tenho um enorme problema. Olho para a porta esperançoso, por que a bruxa da Suzana não entra aqui e me salva? Helena dá um puxão na gravata e minha cabeça quase bate no prato de frango triturado, ela vem com aquela barba e aquele bigode na direção da minha boca, quando um barulho a faz se afastar com um grito. Foi atingida por uma sandália de dedo.

— Mas de onde saiu isso? — ela pergunta olhando para todos os lados e alguns garçons se

aproximam.

Celina, minha diva.

Aproveito a confusão e escapulo, para encontrar minha dupla preferida recostada em um carro, meu carro. E Celina descalça de um pé.

— Vocês são demais!

Vou abraçar Suzana, mas ela me afasta.

— Você ia beijar a tribufo. Não acredito, Cleber.

— Amor, não era por querer, aquilo foi quase um estupro.

Ela me lança um olhar irritado e entra no carro.

Na V.D.A. explico para Celina o que Suzana descobriu sobre o novo caso de Samuel e fica claro para ela também que os gêmeos amiguinhos de Suzana estão envolvidos. Suzana foi para a casa com Elias, e a fiz jurar que não procuraria nenhum deles sem mim. Temos que bolar um plano, nada pode dar errado.

Quando chego em casa à noite, minha bruxinha está chateada pelo meu quase beijo roubado no restaurante. Ela mal fala comigo, e quando passeio meu pau duro por sua bunda à noite, ela o aperta. Está realmente brava.

Quando acordo de manhã, ela já saiu. Meu dia começa péssimo, até que chego a V.D.A., e ali, em cima da minha mesa, está o jornal do dia. E a matéria principal dá uma guinada em meu humor:

Filho do governador tem caso escondido com garotos de programa.

Deu certo. É uma questão de horas para que a Academia Mineira de dança pertença a Suzana Leal.

Samuel não apareceu para me levar a Academia hoje, e como não quis acordar Cleber, acabei vindo no carro de Elias. O homem (de dois metros) ficava me encarando e confesso que senti um certo medo. Para descontraí-lo, lhe estendi um chiclete, que ele pegou sem agradecer. Mal educado.

— A senhorita não gosta de mim — afirma.

— Não seja ingrato, eu divido meu almoço com você todos os dias, e acabei de te dar meu último chiclete.

Não estou olhando para ele, mas sabe quando você sente que a pessoa está te olhando? Pois é.

— Máquina de costura — ele diz.

— O quê?

— Consegui essa cicatriz abaixo do olho em uma máquina de costura. Com oito anos.

Demoro um pouco para processar a informação, ainda estou meio dormindo e ele falou isso de nada.

— Como isso é possível? — pergunto ao tentar imaginar dez maneiras diferentes de alguém acabar com uma cicatriz abaixo do olho em uma máquina de costura, mas não conseguir imaginar nem três.

— Minha mãe tentou me costurar. Ela não batia bem. Pobre velinha.

Eu o encaro em choque e ele está sério.

— Então, nada de perseguições alucinantes, bandidos perigosos, nem ameaças? — pergunto decepcionada.

— Nada disso, sinto muito.

— Ok. Isso é meio chato na verdade. Você é casado?

— Não.

— Bom, se alguma mulher te perguntar, diga que foi de uma maneira mais interessante.

Finalmente ele sorri.

— Pode deixar. Será que é isso? — pergunta depois mais para ele mesmo.

O celular dele toca e ele atende pelo viva-voz do carro.

— Bom dia, senhor Dantas.

— Elias, a Suzana está com você?

— Sim senhor, estamos chegando a Academia.

— Graças a Deus. — Cleber solta uma respiração dramática — Bom dia, Elias. A ligação está no viva-voz?

— Sim senhor.

— Suzana, sua bruxa, malvada e cruel. Não teremos filhos por sua causa.

— Eu só toquei seu pau, não seja um bebê chorão.

— Você não está falando sobre o meu pau na presença do segurança!

— Foi você quem começou!

— Quando você chegar em casa hoje, vai levar umas boas palmadas, para aprender a sair sem me dar bom dia. E a dormir sem me dar... nada... — ele diz a última palavra com um sorriso na voz e já estou sorrindo também.

— Cleber, querido. Vá dar palmadas no tribufu. Ou no Samarão, já que você parece gostar desse tipo de coisa. — Viro-me para Elias. — Preciso encerrar de uma maneira triunfal, como desliga isso?

Ele sorri e encerra a ligação.

— Obrigada.

Quando vou descer do carro, Elias diz:

— Não sou má pessoa, senhorita, não sou perigoso. Não precisa ter medo de mim. O senhor Dantas jamais permitiria que alguém em quem não confiasse cem por cento se aproximasse da senhorita.

— Eu sei. Máquina de costura. Entendido.

Samuel também não está na Academia e é a primeira vez que ele falta. Ligo para seu celular, mas ninguém atende. Da minha sala, reparo os cochichos pela academia, alguma coisa aconteceu. Aproveito a ausência do chefe e vou a cafeteria da esquina tomar um café. Faz dias que não gosto do café daqui, prefiro o do Cleber, é doce e forte na medida certa. Peço um cappuccino para não trair os cafés do meu namorado safado, e quando me sento a mesa, descubro o que aconteceu. Há um jornal esquecido ali, e a matéria principal quase me faz cair para trás:

Filho do governador tem caso escondido com garotos de programa.

Uma foto de Samuel aos beijos com Léo está estampada, e Téo aparece logo atrás dos dois. Os três, seminus, mas dá para ver claramente que se trata de Samuel. Como isso foi acontecer? Imediatamente tento ligar para ele de novo, mas não me atende. Nem Téo e Léo, e na verdade, não queria mesmo falar com os meninos. Ainda não acredito que meus meninos sejam os chefes de uma quadrilha, pelo amor de Deus! Mas acho que podem estar sendo usados pelos verdadeiros donos, pois acho que o político que vai tomar o golpe que a Tribufu nos alertou, é Samuel. Ela pode ter se confundido, já que ele é filho de um político.

Enquanto caminho de volta a Academia, vou pensando, tentando juntar as coisas. Trabalho com meus meninos há tanto tempo, e não sei absolutamente nada sobre eles. Já dormi na casa deles, eles cansaram de me ver nua, eu os toco mais do que qualquer outra mulher sem estar pagando para isso, e mesmo assim, de repente, sinto que não os conheço. Não sei de onde vieram, quem são seus pais, o que fazem quando não estão no Red. Só não consigo acreditar que eles sejam chefes de uma quadrilha. Sei que são novos demais, e bobos demais para isso.

O dia se arrasta, os cochichos sobre Samuel não diminuem, e nem sinal dele. Apenas no fim da tarde, é que ele aparece. Está acabado, claramente andou chorando, e anda entre as pessoas que o observam de cabeça baixa. Chamo por ele que não me responde, mas o sigo assim mesmo até sua sala, onde ele começa a colocar algumas coisas em uma caixa.

— Samuel, como você está?

Ele não responde de imediato. Joga mais algumas coisas na caixa e sequer olha para mim.

— Você precisa de alguma coisa? — Tento de novo e finalmente ele me olha.

— Parabéns, Suzana. Parabéns! Diga ao seu namorado que ele conseguiu, ele acabou comigo!

— Do que você está falando?

— Então você não sabe? Claro que não sabe. — Ele pega um exemplar do jornal e joga em mim — Ele fez isso! Seu namorado, pagou alguém para me seguir e tirar essas fotos, para me afastar de você.

— Cleber não faria isso.

— Mas ele fez. Vamos, ligue para ele, confirme!

— Samuel, acalme-se...

— Você, pode pegar suas coisas e sair daqui agora! Rua! Está demitida!

Fico ali parada, em choque, morrendo por dentro por cinco segundos, até entender que ele acha que Cleber tem algo a ver com isso, pode ser que tenha, mas nem quero começar a imaginar que ele seria capaz de uma coisa dessas. Me viro para sair mesmo, mas então, a raiva me domina, me volto

para ele de novo, e digo com toda classe:

— Na verdade, não deveria estar me punindo, já estava mais do que na hora de você sair do armário.

Ele arregala os olhos e me encara em choque:

— Isso mesmo, você dá atrás? E daí? Você gosta de homens? E daí? Seu pai é a merda do governador? E daí? Não é a bunda dele que você anda distribuindo. Olhe para você, um homem formado, que só sabe levar mulheres a programas infantis, tinha mais era que gostar de homens mesmo! E se sua família não está satisfeita, que se danem! Vá viver sua vida! Você não tem que ser o que querem que seja. Vá dar o seu rabo pra quantos garotos de programa você quiser, liberte-se! Vista suas roupas rosa e seja feliz!

Já estou gritando quando acabo meu desabafo. Samuel está totalmente parado, sem reação, olhando para mim. E eu me sinto aliviada, relaxada e estranhamente tranquila. Me viro para sair de novo, e ele fala.

— Não uso rosa. Sou um homem, e não uso rosa.

— Homens usam rosa. E podem ser mais machos do que você.

— Pode ser, mas eu não. E você está certa, não sei o que fazer com uma mulher, porque cara, não gosto de mulheres. É sério, não gosto mesmo! Não só não gosto de me envolver com elas, não gosto nem de vê-las. Exceto quando estão dançando, mas mulheres são chatas, desconfiadas, maldosas e cruéis.

— Fale pelas mulheres da sua família — digo irritada.

— Sou gay! — ele grita.

— Samuel é gay! — grito para ajudá-lo e ele sorri.

— E você está demitida.

— Filho da puta. Eu te dei apoio.

— Não estou fazendo isso porque quero. Não sou mais o dono da Academia.

De repente seu semblante fecha de novo e ele fala com a voz irritada:

— Agradeça ao seu amado Cleber, por mim. Aquele imbecil ainda me paga.

— Cleber não tem nada a ver com isso!

— Bobinha, quantas vezes eu te disse que ele não presta? Vá Suzana, vá procurá-lo, tire você mesma a prova.

Empino o rosto, giro no salto e saio dali. Correndo. Direto para a rua, para o carro de Elias. Que Cleber não tenha nada a ver com isso, meu Deus.

Quando chego a V.D.A., Cleber está tomando champanhe com Sebastian em sua sala. Ouço apenas o final do que ele está dizendo ao me aproximar:

— Tenho certeza de que a essa hora, a Academia não pertence mais a ele.

Então entro como um furacão. Sebastian tem apenas um sobressalto com minha entrada repentina, mas Cleber, berra.

— Ahhhhhh. Mulher! Você quer mesmo me ver morto! Meu pau e meu coração em menos de vinte e quatro horas!

Ao ver que não sorrio, Sebastian se levanta e sequer me cumprimenta, deseja sorte a Cleber e bate a porta ao sair.

— O que houve, amor? Ainda está brava por causa do tribufu?

Pego o jornal que está em sua mesa e mostro a ele.

— Cleber, querido. Me diga por favor, que você não tem nada a ver com isso.

Aponto para a notícia e ele não diz nada. Tento de novo:

— Amor, estou te dando uma chance clara de não me transformar em uma assassina. Me diga, por favor, que você não tem nada a ver com isso! — grito.

Ele se levanta, para de frente para mim e diz com toda sinceridade.

— Sim, eu sou o responsável por isso.

Não há arrependimento na maneira como fala. Ele deve estar brincando. Cleber é meio louco e completamente estúpido, mas não é mau. Ele não prejudicaria assim alguém que me estendeu a mão, apenas por ciúmes.

— O fato de você ter ciúmes de mim, e dele, isso tem algo a ver com o que você fez?

— Sim Suzana, isso tem a ver. Mas é mais do que isso.

— Nem precisa começar a dizer — respondo e saio de sua sala.

Ele não me segue. Sabe que preciso do meu tempo. Preciso dirigir.

— Elias, saia do volante.

— Ah não, senhorita Suzana, o senhor Dantas já me alertou que a senhorita é um perigo dirigindo.

— Saia da merda do volante!

— Eu acabei de comprar esse carro, e ainda nem me casei, quero ter uma mulher um dia, não me mate antes da hora!

— Saia desse volante agora mesmo ou vou rasgar minhas roupas e dizer ao Cleber que você me atacou.

Ele arregala os olhos e desce do carro. Subo no banco do motorista e o encaro.

— Você vem?

Ele nega imediatamente com a cabeça, mas parece mudar de ideia.

— Se eu for, a senhorita vai me matar em um acidente de carro. Se eu não for, o senhor Dantas me mata por deixá-la dirigir sozinha. Merda. Que fique claro que se eu sair vivo disso, eu me demito.

Ele entra no banco do carona e acelero o carro. Não sei de onde sai tantas coisas que encostam no carro dele, e cada vez que algum carro invade minha faixa, ou alguma calçada entra debaixo dos pneus, ele solta um palavrão e resmunga.

— Eu não dirijo tão mal assim! — respondo quando ele começa a rezar Ave Maria.

— Eu nem chamaria isso de dirigir.

— Idiota!

Paro na porta do meu prédio e salto do carro. Vou para meu apartamento, mas Cleber, está lá, claro que está.

As coisas estão confusas na minha cabeça, estava pesando enquanto dirigia, gosto de fazer isso, pensar na vida enquanto dirijo, me tranquiliza (não faça isso você, por favor), é libertador. E pensei no que Cleber fez, foi horrível. Ele não tinha o direito de acabar com toda a carreira de Samuel por ciúmes. Não tinha o direito de expor suas preferências e fazê-lo perder a família, por ciúmes. Mais uma vez, ele foi egoísta ao extremo. Nunca pensei que ele fosse capaz de uma coisa assim. E nunca pensei que eu entenderia de certa forma uma atitude assim dele. Ele me ama. Mostra isso o tempo todo, e tem tanto medo de me perder, e juro que não entendo porque sequer cogita a hipótese de ficar sem mim. Será que ele não vê que só tomo o café dele? E sou viciada em café, isso é muita coisa! É amor mesmo! Sei que teremos que trabalhar isso, esse ciúme e esse medo. Mas hoje, não.

Samuel está envolvido com meus meninos, que estão envolvidos de alguma maneira com Heitor e seu bando. A única forma de descobrir o que está realmente acontecendo, é chegando até Samuel e os meninos. Então, preciso de uma noite das meninas na casa deles, com Samuel a tiracolo. Sei exatamente como fazê-los falar.

Jogo algumas coisas em uma mochila e Cleber logo barra a porta.

— Aonde você vai?

— Dormir fora.

— De jeito nenhum.

— Não tenho pai.

— Tem um homem. Sou seu homem, você não vai sair assim, sem mim.

— O fato de eu tê-lo não quer dizer que esteja presa a você. Você é meu, parabéns, agora eu vou sair.

— Suzana...

— Nem começa. Se essa conversa acabar em uma chantagem, Cleber Dantas, eu mato você!

Ele dá um passo para trás assustado. O maldito ia mesmo me chantagear de alguma maneira.

Quando me aproximo da porta, ele me pega pelas pernas e me joga no sofá.

— Não vai amor, desculpa, você não entende, mas precisei fazer isso. Por favor, não vá.

— Eu preciso ir, Cleber. É só hoje, apenas essa noite. Vou para a casa de umas amigas.

— Você não tem amigas.

— Você não conhece. Deixe-me em paz, apenas hoje. Amanhã continuamos com isso, seus jogos, chantagens e toda sua estupidez, amanhã. Hoje, eu quero ficar sozinha.

Ele abaixa a cabeça e a deita em meu pescoço.

— Eu te amo.

— Eu sei, Cleber.

— Odeio quando você responde isso.

— Eu sei, Cleber.

— Vou morrer um pouco sem você aqui.

— Eu... deixe-me ir.

— Eu disse que você deveria se lembrar que me ama em momentos específicos, não disse?

— Eu me lembro.

— Não esqueça — ele diz e deixa que eu saia.

Quando entro no elevador, ele grita da porta do meu apartamento:

— É uma prova que eu mudei. Você sabe que jamais a deixaria sair assim, sabendo que vou cantar sofrência sem você aqui. Só estou deixando que vá, para que você fique bem, mas eu vou ficar na merda. Lembre-se disso Suzana!

As portas do elevador se fecham e tenho que rir.

Ah Cleber, o que é que eu vou fazer *com* você?

Terei tempo para decidir pois agora, preciso fazer algo *por* você. Preciso provar a existência da quadrilha de Heitor, Botelho, PP, e meus meninos. Espero mesmo que eles não estejam envolvidos, mas a essa altura, sei que isso é quase impossível. E por favor Cleber, se vai sofrer por mim hoje, faça isso ouvindo música de homem.

Capítulo 18

Suzana

O tempo todo dentro do táxi, fico pensando no que fazer com Cleber. Eu o amo, não é uma atitude exagerada por ciúmes que vai nos separar, mas preciso fazer algo para que ele entenda que o amo, e que ele não pode tentar me afastar de qualquer ser masculino que eu encontrar pelo caminho. Pensando nele, que deve estar agora bebendo meu estoque de vinhos baratos e cantando sofrência, me distraio, e só deixo para me preocupar de verdade, quando chego em frente ao prédio dos meninos. Somente quando olho para o prédio, me dou conta de que deveria ter um plano. Seduzi-los não vai funcionar porque são gays. Embebedá-los até que confessem, menos ainda. São bebedores profissionais. Terei que conseguir que me deixem entrar, mas e depois? Preciso de provas, fazê-los confessar tudo para mim não vai adiantar de nada. Então, tenho uma ideia. É minha única ideia e estamos no final do livro, portanto, tem que funcionar, certo?

Volto para o táxi e dou mais umas voltas enquanto faço uma ligação. Dou o prazo de uma hora para que a ligação surta algum efeito, e então, volto para o prédio dos meninos. Sei que o Red não abriu hoje, Cidão está resolvendo um problema com Botelho e preferiu não arriscar nenhum de nós. Não haverá melhor momento do que este. Que comece o show.

Eu não preciso ser anunciada para entrar ali. Subo direto ao apartamento e bato. Um Téo sem camisa e todo bagunçado abre a porta, ao me ver, ele parece se assustar, mas ao perceber o estado em que me encontro, me deixa entrar.

— Ei, Suzana o que houve?

— Terminei com o Cleber. Não quero vê-lo. Será que posso passar a noite aqui?

Ele me abraça e tenta me acalmar. Mas noto que está nervoso. É aí que o vejo: Samuel. Ele aparece também sem camisa, desfilando pela casa como se morasse ali. Se assusta ao me ver e olha para Téo meio em pânico, mas logo Léo surge atrás dele, vem até mim e me abraça.

— Tudo bem, é a Suzana, nossa amiga, já devíamos ter contado para ela — fala com Téo.

Conto a eles uma mentira, que terminei com Cleber ao saber que ele enviou as fotos de Samuel e os meninos para o jornal, e finjo estar em choque por encontrar Samuel ali. Mais uma vez sou abraçada pelos três, me sinto uma salsicha disputada por três pães, quando só cabem dois a minha volta, mas não reclamo. Quando se afastam, jogo a bolsa no chão, faço um nó no cabelo, e ajo como a Suzana amiga agiria.

— Não quero falar dele. Quero beber. E fazer unhas. Coisas de menina.

Téo ainda me encara, quando Léo animado vai pegar seu kit manicure e Samuel meio sem graça me serve algo para beber.

— Você vem muito aqui? — pergunto a ele.

— Tenho vindo nesses últimos dias.

Concordo e enrolo para beber o que quer que ele esteja me dando, e acho que Téo percebe isso também. Sentamo-nos todos ao redor da pequena mesa de centro da sala, e enquanto faço as unhas de Léo, vou puxando conversa com Samuel.

— Então, esse relacionamento de vocês é sério?

O sorriso que Léo abre me convence de que ele realmente gosta de Samuel. Não está dando um golpe nele, alguma coisa está errada.

— Seriíssimo — responde Samuel.

— Ele não quer me assumir — reclama Léo.

— Ainda não é o momento.

— Ah, por favor! O Cleber já arrancou as portas do seu armário, você não quer me assumir mesmo assim.

— Fofinho, ainda tenho esperança de acalmar meu pai. Preciso disso para te dar uma vida de luxo.

Tenho um sobressalto pela forma carinhosa como Samuel chama Léo e tiro um bife da unha de Léo, que resmunga.

— E pensar que eu fui apaixonada por ele por tanto tempo. Me sinto quase traída, Léo — resmungo e ele sorri.

— Foi mal, baby. Sei que ele foi o amor de toda uma vida, mas agora é meu. Ou vai ser um dia.

Os dois voltam a discutir sobre Samuel assumir ou não Léo, quando Léo diz algo que chama minha atenção:

— Não vai ter que se preocupar com dinheiro se transferir tudo para o que te propomos.

Começo a prestar atenção à discussão dos dois, mas me esqueço da unha de Léo e praticamente arranco um pedaço de seu dedo. Ele grita, tira o pé de perto de mim e sai pulando pela sala.

— Desculpe.

— Suzana! Você nunca me tirou um bife sequer. O que houve?

— Estava pensando em Cleber — minto.

Téo se aproxima por trás e me abraça. E devo estar mesmo louca, mas tenho a sensação de que há algo diferente no abraço dele, é o mesmo de sempre, mas não vejo mais como sempre. Ele encosta a boca em meu ouvido.

— Vai ficar tudo bem, baby. Você sabe que tem a mim, sempre teve.

— Eu sei — digo, mas não consigo afastar a sensação de que alguma coisa está errada.

Léo não me deixa mais fazer sua unha e me sinto ultrajada, eu sempre fiz a unha dele. Então resolvemos fazer uma sessão de filmes de mulherzinha. E quando digo filmes de mulherzinha, são de mulherzinha mesmo, começando com *Vestida para casar*. Preciso ter alguma boa ideia para conseguir ficar sozinha com Samuel. Preciso que a informação venha dele.

— Vou fazer pipoca — digo de repente. — Você vem comigo? — chamo Samuel.

— Não gosto de pipoca — ele responde.

— Jura? Você sempre me levou a programas tão infantis, achei que gostasse de tudo que crianças gostam.

Ele faz uma careta.

— Só a levava a sorveterias e parques porque quando era mais novo e tentei ter uma namorada, ela terminou comigo semanas depois dizendo que eu era um péssimo namorado que não a levava para parques e sorveterias como namorados comuns.

— E quantos anos você tinha quando isso aconteceu? Nove? Porque hoje em dia os programas de namorados são totalmente diferentes.

— Eu vou com você fazer a pipoca, Suzana — se oferece Téo.

— Na verdade, eu queria a pipoca do Léo.

Léo faz uma careta, mas faço uma cara de sofrida e ele acaba cedendo. Me livrei de um, agora preciso afastar o outro.

— Téo, você me traz uma água com gás?

— Claro baby. Já volto.

Assim que ele sai, não perco tempo, me viro para Samuel, que logo vai falando:

— Eu sabia que ele faria algo para me prejudicar, Suzana. Soube no momento em que ele me ameaçou.

Ameaçou? O quê?

— De quem está falando?

— De Cleber, e de ter me ameaçado dizendo que me faria perder a Academia.

— Quando foi isso?

— Quando fui até a V.D.A.. — Ao ver que pareço surpresa, ele sorri. — Pelo jeito seu amado andou te escondendo as coisas. Isso muito me admira. Ele me chamou até lá e me ameaçou. Queria que eu vendesse a Academia para ele, porque ele queria ser seu chefe. Como eu não quis, disse que ia acabar comigo.

— Isso não é verdade — protesto.

Cleber não faria isso. Um ataque de ciúmes é uma coisa compreensível, embora não deixe de ser idiota, mas fazer isso por vingança porque Samuel não quis vender o que ele mais ama? Cleber não é assim. Não posso acreditar.

— É a mais pura verdade. E ele conseguiu, acabou comigo, perdi a Academia.

— Ele não faria isso! — respondo aos gritos e Téó, retornando a sala, me abraça.

Não era a informação que eu queria, as coisas estão dando tão erradas essa noite!

— Acalme-se querida. Acalme-se. Ele fez. Samuel nos contou no dia da ameaça. Você não deveria estar surpresa baby, Cleber é um tremendo de um chantagista. Você sabe disso melhor do que ninguém — diz Téó me estendendo a água, que viro de uma vez.

— São chantagens inofensivas, porque está apaixonado. Ele não faria nada para prejudicar alguém assim.

— Há poucos meses, ele e Sebastian arruinaram um conhecido empresário chamado Luciano Cartariam. Tudo porque Luciano deu em cima de Celina, a noiva do Sebastian. Agora fizeram o mesmo comigo. Desta vez, Cleber agiu sozinho. Ele é assim, eu sinto muito Suzana, mas esse é o verdadeiro Cleber — diz Samuel.

— Não é! — grito de novo e odeio a forma como me olham com pena.

Estou em choque. Eu ouvi algo sobre esse Luciano e sua falência, e acho que já vi em um jornal uma briga entre esse Luciano e a Celina. Mas arruinar a carreira do homem? Como fizeram com Samuel? Cleber não é assim. Celina não é assim. Tem que haver uma explicação.

— Ainda não acredito que Cleber fez isso — digo só para que eles saibam que não vou aceitar isso assim, só porque é o que estão dizendo. Tenho que ouvir isso da boca dele. — Preciso de um café! — peço a Téó.

— Vou fazer, mas acalme-se.

Ele sai correndo para a cozinha e tenho a minha chance de novo. Tento não pensar em Cleber ameaçando Samuel, mas antes que eu faça qualquer pergunta, o próprio Samuel acaba de novo com minha linha de raciocínio:

— Eu pretendia me casar com você, Suzana. Sei que não seria o homem que você sempre quis, mas chegaria o mais perto disso. Muito mais perto do que esse Dantas vai chegar um dia. Eu daria a você uma vida de rainha, te daria tudo. Um musical, luxo, joias, tudo. E prazer. Eu não a tocaria, é claro, mas ele, sim — ele diz apontando para Téó, na cozinha. — Quando a estava investigando e a vi no Red com eles, tudo se encaixou perfeitamente. Começamos a ter um caso, Léo e eu. E Téó, às vezes participa. Mas quando disse a ele que pretendia me casar com você, ele se ofereceu para ser seu homem. Para ser aquele que te daria prazer.

— O quê? Téó? Mas ele não é gay? — Essa noite está cada vez mais estranha.

— Acho que ele tem uma paixão reprimida por você. Alguma coisa, mas ele se ofereceu para ser o seu homem na cama, enquanto eu seria o seu homem no papel.

— Mas ele é gay, e eu não sou um homem! — insisto.

Samuel apenas dá de ombros.

— Quer dizer, que se nos casássemos, os gêmeos viveriam com a gente? — Preciso saber até onde vai a relação deles, e se Samuel ao invés de uma vítima, também não é um envolvido nessa quadrilha.

— Com certeza. Nós vamos embora, Suzana. Vamos sair daqui. Você pode vir conosco. É a única mulher de quem eu gosto, não me importaria de ter sua companhia.

Vejo que Téo já desligou a cafeteira, em breve estará de volta, então tenho que me concentrar no que preciso arrancar dele e não no que poderia ter sido minha vida bizarra se tivesse me casado com Samuel.

— Você deu algum dinheiro a eles? — pergunto de repente.

Samuel se assusta com a mudança brusca de assunto.

— Deu, Samuel? Você assinou alguma coisa, ou passou algum dinheiro para Téo ou Léo?

Ele se levanta claramente confuso, e começo a me desesperar, tenho pouco tempo, preciso que ele fale.

— Tem alguma coisa errada, não tem? — ele pergunta desconfiado.

Levanto-me também, e abaixo o máximo a voz para que mais ninguém me escute.

— Sim. Vou te explicar tudo, mas eles não podem desconfiar de nada.

Ele assente e se aproxima de mim.

— Dei todo meu dinheiro a eles, e assinei apenas os papéis do investimento.

Não faz sentido. Se Samuel foi praticamente deserdado, perdeu a Academia e já entregou todo seu dinheiro, o que mais querem arrancar dele? Por que ainda não o deixaram?

— O que mais querem de você? Que dinheiro Léo estava te pedindo?

Ele abaixa a cabeça envergonhado e sou obrigada a puxá-lo pelo cabelo para que olhe para mim.

— Tenho acesso a conta principal do meu pai.

— Você não fez isso! Me diga que não transferiu dinheiro do seu pai para ele.

— É um investimento! Com o retorno eu poderei devolver esse dinheiro ao meu pai, e ainda terei dinheiro o suficiente para viver bem!

— Não há investimento algum! Estão te passando a perna! Fazem parte de uma quadrilha! — grito.

Não, você não leu errado. Eu fiz mesmo isso. Após todo cuidado para ficar sozinha com Samuel e para que ninguém desconfiasse de nada, acabei de gritar na sala da casa de dois suspeitos. Que eles fazem parte de uma quadrilha. Não é necessário reparar que o barulho de pipoca estourando cessou completamente para saber que eles estão me observando, de perto, daqui da sala.

— Não fazemos parte de uma quadrilha, Suzana. Somos os chefes dela — diz Léo recebendo uma reprimenda de Téo.

— Como vocês conseguiram me esconder isso? Como montaram uma quadrilha?

Téo se aproxima demais de mim, e tenho a sensação, que por fazê-los falar, serei assassinada em seguida. Mas é minha melhor chance, só posso torcer para que minha ligação tenha dado certo, e que Gilcelle tenha conseguido fazer a ligação dela, antes de ficar sem sinal na estrada. Minha vida depende disso.

— Somos bons em esconder as coisas, Sue. Você sabe bem disso. Você é igual a nós. — diz Téo.

— Nunca formei uma quadrilha! — protesto.

— Também não formamos, ela caiu como uma luva em nossas mãos. Quando o idiota do Heitor

deu um golpe no nosso pai, ganhamos um esquema totalmente montado, mas que era mal utilizado. — Téó toca meu cabelo, e me esforço para não parecer intimidada.

— Nós demos a essa quadrilha outro patamar. Por que dar o golpe em ricos, se podíamos pegar as empresas deles? — completa Léo.

— Então, vocês são ricos. Filhos de Romero Botelho, golpistas e ricos.

Léo sorri, mas Téó continua alisando uma mecha do meu cabelo entre os dedos. Não parecem surpresos por eu saber que são filhos do detetive estranho.

— Pelo visto você fez bem o dever de casa, Sue. Sim, Botelho é nosso pai. Mas o envolvimento dele com nosso esquema é mínimo. Ele apenas executa quem descobre demais.

Ok pernas. Isso não é hora de amolecerem. Preciso ser durona aqui.

— Executa? Tipo, mata?

— Sim, Suzana. Ele mata quem descobre nosso segredo — ele confirma dando um leve puxão em meu cabelo, como se dissesse “*e você descobriu*”.

— Então, por que não mataram Edmundo?

Léo arregala os olhos e Téó solta um palavrão baixo.

— O que mais você sabe, Suzana? Parece que não éramos os únicos a guardar segredos — pergunta Téó ameaçadoramente.

— Apenas sobre Heitor e Edmundo.

— E como ficou sabendo sobre nós?

— Através de Helena. Edmundo me levou a ela, que me mandou a vocês.

Os dois soltam palavrões e Léo esbraveja:

— Maldita! Esse foi o trunfo do imbecil do Edmundo, se envolveu com nossa tia, somente por isso ainda está vivo! — reclama Léo.

— Eu avisei ao papai que já deveríamos ter dado um fim nessa velha há muito tempo — diz Téó. — É uma pena, Suzana. É realmente uma pena.

Já vou morrer agora? Não quero! Ainda preciso brigar com Cleber por essa história de ameaça. Ainda preciso verificar que não danifiquei seriamente seu pau na noite passada, preciso fazer tantas coisas com ele antes de morrer.

— Eu sempre quis você, Suzana. Eu a levaria comigo e te daria tudo — diz Téó.

— Sempre me quis? Você é gay!

— Sou bi! Você não entende nada, não é? Só estou no Red ainda por sua causa! Entrei lá para ter acesso a homens ricos e poderosos, mas depois que ganhamos o esquema de Heitor, não precisava mais daquilo, eu só fiquei ali por você. E você nunca olhou para mim!

— Não venha jogar a culpa em mim! Se você quer conquistar uma mulher, dizer a ela que é gay é uma péssima ideia!

— Eu sempre olhei você. Sempre a toquei do jeito certo! Será que nunca viu o quanto fico excitado quando dançamos juntos?

— Jura? Não, nunca deu para notar! — digo encarando com desprezo o meio de suas pernas.

Ele me pega pelo pescoço e mordo a língua com força. Se eu sair viva dessa, vou aprender a acionar um filtro entre meu cérebro e minha língua quando estiver diante de um bandido, e jamais irei insultar a masculinidade dele. Téó me segura pelo pescoço, mas não aperta o suficiente para me deixar sem ar. Apenas o suficiente para eu tremer de medo.

— Foi por isso que aumentou os saques na V.D.A., não foi? Porque Cleber se aproximou de mim.

— Aumentei os saques para que a V.D.A. falisse. Você só era apaixonada por Samuel porque ele era rico, se Cleber perdesse tudo, você se afastaria dele — confirma Téó.

Sim, mesmo tendo a minha vida provavelmente nas mãos desse cara, ele me insultou, e não posso aguentar um insulto calada.

— Não sei de onde vocês tiraram que sou interesseira, mas só para constar, ressalto mais uma vez que não fui eu quem criou a merda de uma quadrilha para dar golpes. Os bandidos são vocês! E se você não sabe nem como conquistar uma mulher que dormiu dezenas de vezes na mesma cama que você e nunca percebeu que não era gay, então deveria assumir apenas seu lado gay mesmo e se dedicar a homens! Porque com mulheres você não leva o menor jeito!

As coisas acontecem rápido demais. Téó me agarra e tenta me beijar, Samuel (que eu nem lembrava que estava ali) tenta correr pela porta, mas é agarrado por Léo, e Lagartão finalmente aparece. Ele sai com toda pose de trás da cortina, e penso que aquele é um péssimo esconderijo, mas afinal de contas, eu procurei por ele e não o encontrei. Ele aponta a pequena câmera que tem na mão para cada rosto dessa sala.

— Tudo gravado. Nem pensem em avançar em mim, não estou sozinho e vocês não vão querer mais acusações além das que já vão ter por causa deste vídeo aqui.

Téó me solta e toda sua atenção se volta para Lagartão. Lagartão passa por nós e para perto da porta, e lança a ele um olhar de *“pelo amor de Deus não me deixe aqui sozinha.”*

— Como conseguiu entrar aqui? — pergunta Léo ainda segurando Samuel.

— Entro em qualquer lugar. E vocês estavam muito ocupados no quarto. — Ele olha para mim. — Você deve ser Suzana. Quer vir até mim agora?

— Por favor. — Já ia questionar por que ele não fez sua entrada triunfal no momento em que Téó colocou as mãos em meu pescoço. Para que me deixar todo esse tempo quase borrando a calça de medo?

No momento em que dou um passo em sua direção, a porta da frente abre e Cleber já entra gritando, com Sebastian a tiracolo:

— Tire suas mãos imundas dela!

No susto, Lagartão aponta a câmera para Cleber, que deve pensar ser uma arma, pois se ajoelha diante dele, de olhos fechados, mãos estendidas, e tremendo como um bambu ao vento.

— Não atira! Não atira! Não estou armado!

— Cleber, seu i... — Não tenho tempo de brigar porque Téó me puxa novamente para perto dele e coloca algo duro e frio em minha têmpora. É uma arma, uma arma de verdade.

Sim pernas, agora vocês podem ficar moles e até tremer como o Cleber.

— Me dê a câmera ou eu atiro — ameaça Téó.

— Não vai adiantar dar a câmera. Tenho um operador acompanhando essas imagens, tudo o que está gravado aqui, foi mandado direto para o computador dele — explica Lagartão.

— Imbecil! Para que contar isso pra ele? Por que não deu a porcaria da câmera calado? — esbravejo.

Ele dá de ombros e então olha para Cleber. Ele está ajoelhado, olhando fixamente para mim, e o medo que vejo em seus olhos, me atinge. Não quero vê-lo assim. Não quero esse desespero em seu olhar, quero que ele fique bem.

De repente, algo acerta meu pé e caio para trás junto com Téó, no segundo seguinte, Cleber está em cima dele e um tiro é disparado na janela, estourando vidro em todos nós. Como no final tenso de uma novela mexicana, por um minuto ou dois, ninguém se mexe. E de repente, todo mundo se mexe junto. Não, não é uma dança. Sebastian se atira em cima de mim e me arrasta, meio pelos ombros, meio pelos cabelos para atrás do sofá. Lagartão tira a arma da mão de Téó, que tinha o braço imobilizado por Cleber. Samuel acerta as bolas de Léo, que o solta com um urro:

— Ingrato! Até poucas horas atrás você estava venerando essas bolas!

Então, todo mundo se move de novo. Sebastian me deixa e segura Léo, Samuel se esconde comigo atrás do sofá, Cleber sai de cima de Téó (enquanto Lagartão o segura) e pega Samuel pelo pescoço.

— Filho da puta! A arma podia ter disparado na cabeça dela! Que merda de ideia foi essa de dar uma rasteira no homem com uma arma apontada para a cabeça da Suzana?

Samuel dá de ombros:

— Deu certo, não deu?

Só então me dou conta de que foi Samuel o responsável pelo tombo de Téó e eu. Tombo esse que fez a arma disparar e só não foi realmente na minha cabeça, porque Cleber desviou o braço de Téó a tempo.

— Filho da puta! Eu estava te defendendo! — digo já partindo para cima dele com socos e pontapés.

Depois que a polícia chega, as coisas se acalmam. O vídeo-confissão deles é uma prova incontestável da existência dessa quadrilha, assim como os nomes revelados de seus membros, sem falar nas imagens de Téó com a arma apontada para a minha cabeça.

— Será que vão conseguir pegar Botelho? — questiono já dentro do carro de Cleber.

— Já o pegaram, parece que Big Cid e seus homens deram uma tremenda surra nele — responde Sebastian. — Como Lagartão foi parar na casa dos chefes da quadrilha?

— Eu chamei! Quer dizer, eu liguei para Matheus, que passou a ligação para a Gil, que ficou de ligar para Lagartão. Passei o endereço e pedi que ele desse um jeito de se esconder dentro do apartamento, que eu daria um jeito de fazê—los falar.

Cleber para o carro de repente e Sebastian se despede:

— Parabéns bruxinha, você desarmou uma quadrilha.

— Não a chame assim! — fala Cleber pela primeira vez desde que entramos no carro.

Seguimos em silêncio até nosso prédio, e sigo direto para o meu apartamento. Ele não vem atrás de mim, e não queria mesmo que viesse.

Após tomar um banho, só quero me jogar na cama. O dia está nascendo, mas estou desempregada mesmo, não tenho que me preocupar em ir trabalhar. Quando estou quase adormecendo, sinto um peso na cama e o cheiro de Cleber, misturado ao cheiro de sabonete tomam o ar. Antes que eu possa falar qualquer coisa, ele me abraça, bem forte, me aperta e acho que está chorando, sinto algo molhar meu rosto, mas não tenho certeza. Ele segura meu rosto entre as mãos e o salpica de beijos, por último, toca seus lábios nos meus, de leve e diz:

— Nunca mais faça isso comigo. Nunca mais me assuste assim. Achei que você fosse morrer, Suzana, e se isso acontecesse, eu também morreria.

Então ele beija minha boca, com força, como ele sempre faz, e depois se afasta e deita ao meu lado. Ele não me toca mais, mas posso sentir sua respiração em minha orelha quando fala:

— Por que você ligou para Matheus e não para mim?

— Não sabia que ele já estava viajando.

— Não justifica. Eu estou aqui Suzana, você pode contar comigo. Por que preferiu contar com ele?

Forço meu corpo pesado a virar ficando de frente para ele.

— Você ameaçou o Samuel? Ele foi te ver na V.D.A. e você o ameaçou? Isso é verdade?

Ele fica apenas me olhando e odeio seu silêncio. Sempre que ele se cala é porque fez alguma merda.

— Responda! Você queria comprar a Academia? Vazou as fotos dele com os gêmeos para que ele perdesse a Academia?

— Sim, Suzana. Sim para tudo o que você perguntou.

Algo afunda em meu peito quando ele responde sim. Esse não pode ser o homem por quem me apaixonei, o homem que eu amo nunca seria tão mau e egoísta. Então me dou conta que sim, Cleber sempre foi egoísta. Esse é Cleber, e seus defeitos. Está melhorando, mas sua natureza egoísta e chantagista ainda está ali. Cabe a mim amá-lo assim mesmo, ou não. Se eu o aceitar do jeito que ele é, terei que assumir seus erros com ele, e não poderei reclamar depois, porque sei desde agora como ele age quando quer alguma coisa. Mas eu também sou cheia de defeitos, ele já viu os piores, e está aqui assim mesmo. Ele me aceitou exatamente assim.

— Dorme, meu amor. Vou ficar aqui observando-a dormir — ele diz passando o braço por minha cintura e me puxando para junto dele.

Uma lágrima fujona desce por meu rosto e ele a seca com os lábios. Sinto-me estranhamente exausta e assustada de repente. Ah Cleber, por que você tem que ser tão estúpido?

— Não chore, amor, não chore. Isso logo vai passar. Logo, eu não a farei sofrer mais, nunca mais.

O que ele quer dizer com isso? Quero perguntar, mas meus olhos se fecham, eu me aconchego a ele e não vejo mais nada.

A noite estava uma merda. Acabei com os vinhos ruins de Suzana e fiz uma anotação mental de lhe comprar vinhos de qualidade. Como ela merece. Talvez eu deva dar uma adega para ela. Talvez ela deva morar na minha casa, onde há uma adega pronta, esperando por seus vinhos ruins. Talvez eu devesse ter colocado uma aliança no dedo daquela maldita, e ela estaria comigo agora, e toda essa noite de merda não teria acontecido. Depois de ser obrigado a passar a noite ouvindo Maroon 5 porque Suzana não tem o CD do Pablo, e de cheirar cada roupa de seu armário ansiando sentir seu cheiro, chegou um momento da minha noite em que tive que ouvir a maldita sofrência. Tudo porque minha ficha caiu, quando eu resolvi desligar o rádio. E foi no exato momento em que um vizinho começou a ouvir a sofrência no último volume.

Suzana não tem amigas.

Quando me dei conta de que as únicas amigas que Suzana teria seriam as bibas dançantes, entrei em pânico, e saí imediatamente atrás de Sebastian. Detesto acordar Celina de madrugada, mas foi uma situação realmente urgente. Quando um Sebastian suado e nervoso veio me receber, soube que não estavam dormindo, na verdade.

— Quem foi que morreu para você aparecer aqui a essa hora, Cleber? Porque se for mais uma crise de sofrência por causa da Suzana vou atirá-lo por esta janela!

— Suzana está em perigo! Foi passar a noite na casa dos gêmeos.

Ele me encara em choque, eu o encaro de volta, deixando claro pelo meu desespero que estou falando sério, e no minuto seguinte, Celina está gritando:

— E por que vocês ainda estão aqui? Vão atrás dela seus molengas! Depressa!

Após se vestir em tempo recorde, Sebastian fez uma careta ao ver que o som do carro estava ligado.

— Estou ouvindo Nickelback homem! Entra na porra do carro!

— Menos mal, o pequeno estúpido está sofrendo como um homem.

— Cala a merda da boca e dirige!

Não tínhamos um plano, na verdade, eu sequer fazia ideia de como entraria lá, só sabia que entraria e tiraria minha mulher de lá. Passamos correndo pela portaria, Sebastian gritou que era da polícia, e o porteiro ficou tão desesperado, que começou a gritar ao invés de nos impedir. Quando estávamos nos aproximando, e ouvi a voz de Suzana, e vozes masculinas, me desesperei. E o resto você já sabe, não preciso detalhar a parte em que levei um pequeno susto com a câmera de Lagartão.

Agora estou aqui, vendo minha amada Suzana dormir, em segurança, nos meus braços, e a imagem daquele maldito com uma arma apontada para a cabeça dela, não sai da minha mente. E a merda do momento em que aquele gay imbecil deu uma rasteira na biba armada, e eu vi aquela arma disparando, o medo que senti ali, porra! Não desejo esse medo nem ao meu pior inimigo.

Quase perdi minha bruxinha. Por culpa das minhas cagadas. Tenho feito tudo errado com ela desde o começo, sei que vou fazer mais uma cagada, mas me entenda, Suzana está puta da vida comigo, ela quase morreu por minha causa, não vai me desculpar de boa vontade. O que vou fazer não é exatamente uma chantagem. Não a forçarei a escolher ficar comigo, apenas darei um empurrão, para que ela escolha alguma coisa. E não me olhe assim. Você nunca precisou lutar com unhas, dentes e desespero por aquilo que mais ama?

Deixo a passagem e a reserva do hotel em um local onde ela possa ver, no meu quarto, e torço para que essa mulher me ame o quanto acho que ama, ou amanhã estarei indo embora do Brasil. Sem ela.

Assim que entro na V.D.A. tenho a sensação que as pessoas estão... tremendo. Tremendo e rindo.

Não entendo o que está acontecendo até que entro no elevador, e antes de as portas se fecharem ouço:

— Não estou armado.

Ah merda! Como é que esse vídeo veio parar aqui? Nem me dou ao trabalho de procurar saber quem foi que o espalhou, vou direto a sala da culpada:

— Celina, sua bruxa!

Mas a sala está vazia. Vou para minha sala já atacando a secretária:

— Bah! Celina ainda não chegou?

— Nem vai chegar, está de licença. Se quiser culpar alguém por isso — diz apontando para a tela de seu computador — foi o senhor Vaughn.

Ali, na tela da minha secretária substituta que mal se aguenta de tanto rir, há um vídeo meu ajoelhado, com uma careta horrorosa implorando a uma câmera pela minha vida.

— Achei que fosse uma arma — justifico.

— Percebe-se — ela responde rindo e nem tento explicar, vou marchando até a sala do maldito do Sebastian.

— Por que caralho o mundo todo está tremendo? — berro.

— Em homenagem a você, Cleber. Vou te contar uma coisa, Suzana está me saindo melhor do que a encomenda. Nunca vi um homem pagar tanto mico por uma mulher. Você, meu amigo, merece um prêmio.

— Não me chame de amigo após me ridicularizar para a empresa inteira. Deixe-me ver as merdas desses vídeos.

Minha raiva some quando as pernas de Suzana aparecem no vídeo. A câmera está focada no meio da sala, mais nas bibas repetidas do que nela, mas ouço perfeitamente sua voz quando me defende. Mesmo estando ali para me salvar de uma merda enorme, ela me defende. Acredita em mim. Eu amo essa mulher!

— Você não está chorando, não é? Porque se estiver eu juro que arranco suas bolas e dou de presente para a Samarão — diz Sebastian.

— Não seja um maldito estraga prazeres, homem. Minha mulher estava ali para dar a vida por mim e mesmo assim me defendeu das acusações desse gay.

— Coitada. Ela não te conhece.

— Imbecil.

Ele se senta à minha frente, e pela forma como me encara, sei que o assunto será chato.

— Tudo certo entre vocês? Porque cara, você parece uma pilha de nervos, e duvido que tenha a ver com seu vídeo tremendo. Ele é quase tão ruim quanto o da sofrência, mas o da sofrência é pior, e você superou.

— Não está tudo certo. Suzana não quer falar comigo. Achei que fosse me odiar por ter estado em risco, mas não, ela está com raiva porque acha que ameacei Samuel e tirei a Academia dele.

— Mas você fez isso. Ou vai me dizer que não comprou a Academia?

— Sim, eu comprei. Para ela. Mas se não fosse eu, qualquer outra pessoa compraria. O governador estava disposto a vendê-la a qualquer preço.

— Então por que não explica a ela a verdade? Que ele o ameaçou primeiro e você apenas a defendeu.

— Porque sou um estúpido. Vai chegar um dia em que vou fazer uma merda tão grande, e não terei uma desculpa para isso. Será apenas eu sendo um estúpido de novo. E preciso que ela me perdoe. Mesmo que eu não tenha motivo para agir errado, mesmo que não tenha justificativa, preciso que ela me ame assim mesmo.

Sebastian fica sério por um bom tempo me olhando. Depois do que me parecem horas, e quando acho que há algum respeito por mim ali nos olhos dele, o filho de uma égua fala:

— Gay, você é a merda de um gay. Para que complicar uma coisa fácil? Deixe os momentos difíceis para os momentos difíceis. Agora é só você dizer a verdade e ela vai te perdoar, não tem porque complicar as coisas.

— Você não entende porque a Celina é compreensiva.

Ele dá uma gargalhada e tenho que rir também.

— Muito compreensiva. Se não se lembra, ela tem a melhor mira que você verá em toda sua vida e é vingativa e a rainha das bruxas. Mas ela me ama, graças a Deus. E Suzana te ama, então não acho que contar a verdade a ela quando está fragilizada e assustada e precisando de dois braços ao seu redor, seja uma má ideia.

— Que porra! Por que não pensei nisso antes?

— Você deveria estar na cama com sua mulher agora — ele diz.

— Você também.

— Estou indo. Celina já está de licença e não posso deixá-la sozinha por muito tempo. As coisas estranhas que ela anda comendo vão fazer mal ao bebê.

— O médico disse?

— Não, eu disse. Minha filha precisa ser calma. Aquelas coisas não podem fazer bem nem a Celina, ainda mais para minha pequena tão frágil.

— Sinto te informar que as chances da sua filha ser uma criança calma, são nulas. Será uma mini Celina.

Rapidamente ele bate forte três vezes na borda de madeira da mesa.

— Vire essa boca, homem. Não há amor no mundo que aguentasse duas Celinas.

— Você aguentaria até cinco. É um capacho.

— Suzana não é muito boazinha pra você ficar falando da Celina assim.

— Ela nunca tentou me matar asfixiado com um travesseiro.

— Mas já passou com o carro em cima de você.

Eu o encaro, ele me encara e começamos a rir.

— Pelo menos nenhuma delas nunca envenenou nossa bebida na festa da empresa. — ele diz.

— Pobre Matheus — completo imaginando o que meu amigo deve estar passando nas mãos de Gilcelle uma hora dessas.

— Você vai usar a Academia para fazer com que ela te perdoe?

Faço uma careta.

— Claro que não! A Academia é dela, independente de ela ficar comigo ou não. Além do mais, nesse momento, se tudo deu certo, ela já deve estar pensando seriamente em me perdoar.

— Como você conseguiu isso sem chantageá-la?

— Não disse que não a chantageei. Não exatamente. Nesse momento, Suzana acha que estou indo embora para Madri.

Ele me encara tentando entender, mas desiste.

— E por que ela pensaria isso?

— Talvez porque eu tenha deixado subentendido. — Ao ver que o imbecil ainda não entendeu, perco a paciência e explico. — Eu deixei uma passagem e uma reserva do hotel de Madri em meu nome, em um local onde ela possa ver. É isso!

— Mas você desistiu de ir para Madri, não desistiu?

— Sim homem, de jeito nenhum vou ir embora e deixá-la aqui, mas ela não precisa saber disso.

Vai ficar doida, achando que vou embora, vai me procurar e vamos fazer as pazes. Então darei a Academia a ela e tudo ficará bem.

Ele faz um gesto negativo com a cabeça e começa a rir.

— Sabe, de jeito nenhum isso vai dar certo. Isso é sim uma chantagem, cara, você é muito idiota! Ela vai ficar uma fera com você e é capaz que o mande a pontapés para Madri.

— Pare de me rogar pragas, você está passando tempo demais com a Celina.

— Se quer um conselho Cleber, não dê a Academia a ela até que ela o perdoe, porque cara, você vai ficar sem mulher e sem seu investimento.

Dou de ombros caindo como um chumbo de volta na cadeira. Não pode dar errado, não é uma chantagem. Você me entende, não entende?

— Não importa. Se ela não me perdoar, não fará diferença, a Academia é dela. É seu sonho, sempre foi. Se posso dar isso a ela, então é o que farei. Ela ficando comigo ou não.

Sebastian me encara por alguns segundos, então se aproxima e dá dois tapas nas minhas costas.

— Emocionante, o pequeno estúpido está agindo como um homem. Esse é o espírito, homem. Ela vai te perdoar.

Então meu amigo imbecil sai da sala e me deixa ali com o coração quase saindo por baixo.

Depois do almoço, já estou desesperado e nem sinal de Suzana. Verifico meu celular a todo momento e ela não me ligou. Será que não viu as passagens? Claro que não viu! Por que ela entraria na minha casa se estamos brigados? Preciso fazer com que ela veja. Ligo para ela.

— Oi. — A forma fria como atende faz meu peito doer e me lembra que ainda não procurei a merda do cardiologista.

— Oi Suzana, como você está?

— Desempregada.

Tapa número um. Voltamos ao estágio *lições no imbecil do Cleber Dantas*.

— Espero que esteja bem. Será que pode me fazer um favor?

— Se ninguém for ser exposto e arruinado por isso, faço com o maior prazer.

Tapa dois. Vamos lá, seja homem e aguente, Cleber.

— Esqueci uma coisa em algum lugar no meu quarto, será que poderia trazer para mim?

— O que seria?

— Uma passagem. E uma reserva.

Vamos amor, pergunte, pergunte...

— Ok, se eu achar eu levo. Mas posso ir dirigindo, por que não estou correndo mais risco algum, certo?

— Não! De jeito nenhum! Você não vai dirigir até que eu te dê aulas de direção e compre um carro seguro, confortável, automático e...

— Nem sei porque estou perguntando. Tchau babaca. — Ela me corta e desliga o telefone na minha cara.

Sim, isso vai ser mais difícil do que eu imaginava.

Já é fim de tarde e nada de Suzana, neste momento, estou mais do que desesperado, não sei mais o que fazer. Será que devo ligar novamente? Não, ela vai perceber que estou desesperado, e vocês mulheres quando percebem que um cara está desesperado, o deixam mais loucamente desesperado ainda. Por isso amamos vocês, vocês nos enlouquecem. Estou pensando seriamente em pular do nono andar, porque se nem o fato de eu estar indo embora para sempre, serviu para convencê-la a me

perdoar, não posso imaginar o que mais a convenceria. Talvez se eu estiver entre a vida e a morte funcione.

Saio para dar uma volta, tentando não enlouquecer mais, e quando volto a minha sala, a vejo. Está falando com a Bah.

— Entendi, um contador. Que bom! — Há raiva em sua voz e acho que estou encrencado.

— Olá, Suzana. Achei que não viesse mais — digo tentando parecer calmo, mas o olhar que ela me lança, quase me faz sair correndo.

Ela não diz nada, mas entra em minha sala e não preciso que diga que devo ir junto. A sigo imediatamente. Assim que fecho a porta, ela pergunta, a cabeça baixa, a voz com uma emoção diferente:

— Você está indo embora?

— Sim.

— Por quê?

— Porque a machuco demais e não quero isso. Estou indo para que fique bem.

Estou orgulhoso de mim, da maneira firme como falo e de como me controlo para não agarrá-la e beijá-la agora mesmo. Ela fica um tempo calada, depois diz, com a voz ainda mais triste:

— Você já confirmou essa reserva?

— Sim.

— E quando irá partir?

— Amanhã à noite, como está na passagem.

— Então por que me pediu que trouxesse a passagem aqui hoje, se você ainda vai para a casa e ainda poderia pegar essa passagem tranquilamente amanhã?

Tento ver sua expressão, mas há o maldito muro. Corra Cleber! Não! Seja homem e enfrente!

— Porque a única coisa nesse mundo que me faria ficar, seria um pedido seu.

— Isso é uma chantagem? Mais uma chantagem?

— Não, amor. De jeito nenhum. Estou mesmo indo embora, se me pedir o contrário, eu ficarei, mas não vou forçá-la a me pedir nada, entende?

Ela assente e permanece com a merda do muro ali. Então, de repente, atira os papéis em mim e a raiva que há em seu rosto quase me atira contra a porta pela força com que é lançada sobre mim

— Seu chantagista, filho de uma mãe! Você não está indo embora merda nenhuma! Não acredito que sempre tenha que resolver as coisas na base da chantagem! Sua secretária me falou que essa reserva já foi cancelada e sua passagem trocada para um maldito contador porque você não quis ir!

Merda, esqueci de pedir a secretária que mentisse quando ela chegasse.

— Amor, pedi para trocar exatamente para ficar com você! — me explico.

— Você fez isso meses atrás!

— Quando te conheci.

— Você me odiava quando me conheceu!

— Não é verdade, eu já queria te comer no momento em que botei os olhos em você.

— E desistiu de ir ao lançamento do maior hotel da sua empresa apenas porque queria me comer? Conta outra seu mentiroso! — ela grita e vem com os punhos cerrados pra cima de mim.

— Amor! — digo agarrando—a pelos braços — Eu desistiria da minha vida toda por você. Você não entende.

— Entendo perfeitamente. Você é mimado, egoísta, chantagista e frio. Se fosse homem de verdade pegaria essa merda dessa passagem e iria embora agora mesmo para o Japão, de preferência.

— Você não sabe o que está dizendo. Não posso ir para o Japão com uma passagem trocada, com

destino a Madri. Acalme-se.

Ela me encara e não sei dizer o que há ali. Mas tenho a impressão de que ela quer rir. E que está com muita raiva também, pela forma como seus olhos brilham.

— O que eu faço com você, Cleber? Meu Deus! Por que você tem que complicar tudo?

— Porque te amo. Porque sou um idiota. Porque eu disse que faria isso e você disse que teria paciência, então por favor, lembre-se disso.

Ela não diz nada, e pior do que receber sua raiva, é receber sua indiferença.

— Suzana, minha fadinha, eu te amo. Mas se não puder se lembrar disso, lembre-se do quanto meu pau te ama, e do quanto você o ama, e por favor amor, não o abandone. Ele não sobreviveria.

Ela se afasta e sai sem dizer nada. Ainda tento fazer com que reaja enquanto entra no elevador, corro atrás dela e digo:

— Suzana, se preferir ainda posso ir embora. Para o Japão. Eu compro uma passagem nova.

— Você iria mesmo? Se eu pedisse? Faria isso por mim?

Isso é uma pegadinha, não é? Só tenho que dizer que sim, que faria tudo por ela, é o que ela quer ouvir. Não é? Socorro aqui. Ela é uma mulher, não deve querer me ouvir dizer que iria embora, mas deve gostar de saber que me mudaria para o outro lado do mundo por ela. Merda. Não sei o que fazer, então olho em seus olhos e digo a verdade:

— Não. Nunca iria embora sem você. Nem que você me implorasse. Sou egoísta quando se trata de você, Suzana. Não iria a nenhum lugar do mundo em que você não estivesse.

Ela assente com a cabeça, as portas do elevador se fecham, e o celular da secretária toca *All by myself*, da Celine Dion, tudo para tornar meu momento depressivo. Como um final triste de uma grande história de amor. E é assim que estou me sentindo. Olho para Bah, com os olhos cheios de lágrimas, vendo a cena, e digo:

— Por que essa música é o toque do seu celular? Quem em sã consciência coloca uma música triste desta como toque?

Ela agarra o celular e responde indignada:

— Celine Dion é uma diva e você não deve insultá-la. O celular é meu! Coloco uma marcha fúnebre como toque dele se eu quiser.

Sim, esse é o momento em que minha bruxinha precisa de um tempo, para pensar, para a raiva passar e para me perdoar, talvez. Ou é o momento em que eu devo admitir que não sou bom o bastante para ela. Mas você já percebeu que sou egoísta. Eu a amo, demais! Muito mesmo! Se não sou bom o bastante para ela, então aprenderei a ser, mas não posso desistir assim. Ela é minha.

Saio da V.D.A., e sei exatamente aonde ir. Uma loja de roupas. Não, não é uma chantagem de novo. Compro o que quis comprar para ela desde o primeiro momento em que o vi e deixo em cima de sua cama com um bilhete. Me arrumo e torço, muito mesmo, que ela leia o bilhete, veja o presente e me encontre no local marcado.

Quando vi aquela passagem e a reserva de um hotel, em nome do Cleber, fiquei cerca de dez minutos sem reação alguma. Ele estava indo embora, de verdade. Foi isso o que quis dizer de manhã com “não a farei sofrer mais”. Sentei—me em sua cama e por um momento, não soube o que fazer. Mesmo que estivesse magoada com suas atitudes, ele não podia ir embora, eu não podia ficar sem ele. Levei horas pensando no que falar, no que fazer, em como convencê-lo de que vamos sim, dar certo um dia, que temos que continuar tentando. E quando entrei no prédio da V.D.A., parecia que meu coração estava inchado aqui dentro, e sentia uma angustia que nem sei descrever. Ele não podia estar mesmo indo embora, não podia estar desistindo de mim assim, eu não saberia viver sem ele.

Foi aí que vi sua sala vazia, a porta aberta e por um momento, achei que não encontraria seus pertences ali também. Até a secretária nova dele, me olhou com pena, acho que pensou que eu fosse cair em prantos a qualquer momento. Estava correndo um sério risco de, assim que ele aparecesse na minha frente, simplesmente pular em seus braços e implorar que ele ficasse.

Joguei a passagem meio sem jeito na mesa da secretária e praticamente supliquei que ela desmentisse aquilo.

— Isso é verdade? Ele está indo embora?

Ela pegou a passagem depressa para conferir, e quando abriu um sorriso, metade do peso que eu sentia se foi.

— Não, ele não vai mais. Não se preocupe. Ele desistiu há meses, escolheu um contador para ir em seu lugar.

O quê? Há meses? Um contador?

— Como?

Tomei a passagem de suas mãos, a data era para amanhã, mas ela pacientemente me explicou de novo, que Cleber desistiu de ir para Madri há muito tempo, e que essa passagem não era mais válida, pois havia sido trocada para outra com o nome do contador que faria essa viagem, assim como a reserva no hotel.

Filho. De. Uma. Puta.

Você já sentiu quinhentas coisas ao mesmo tempo? Pois é, eu nunca tinha sentido, mas naquele momento, eu senti. Algo como alívio, pulos de alegria, esperança de que íamos mesmo dar certo. E coisas como, “irei matá-lo”, “maldito mentiroso” e “não acredito que fui enganada de novo” também passavam pela minha cabeça em dois segundos, até ouvir sua voz chamar por mim, calma, resignada, como se ele não tivesse acabado de tentar me matar do coração com mais uma chantagem.

Sequer consegui falar, e entrei direto em sua sala. E meu Deus, vocês são testemunhas que eu dei uma chance de ele dizer a verdade, de desmentir essa maluquice toda, e ele não o fez. E então eu estava com tanta raiva por ele ser tão idiota, e quanto mais ele tentava se defender, mais a minha raiva crescia, mas aí, me dei conta da genialidade do plano dele. Sim, eu fiquei louca, acho que nunca senti tanto medo na vida, exceto quando tive uma arma apontada na minha cabeça. Mas pensar em perder Cleber quase acabou comigo. E ele sabia disso. Era exatamente isso que ele queria que eu sentisse. E então enquanto estava ali, tentando matá-lo, eu queria rir, e dar os parabéns por sua cafajestice. E devo estar mesmo louca por me divertir com a estupidez dele. Você já passou por isso? Já amou tanto alguém tão idiota a ponto de achar graça nas idiotices que ele faz por amor? Sinceramente, que coisa perigosa é o amor, não me reconheço mais, desde o momento em que assumi que o amo, nunca mais fui a mesma, parece que não faço mais sentido algum.

Precisei me afastar dele, precisei de um tempo para pensar. Mas de que adianta tentar usar a razão

para as coisas do amor? Não adianta de nada! Após caminhar pela orla da Lagoa da Pampulha por um bom tempo, volto para casa para me arrumar e ir para o Red. Cleber não está no apartamento dele. Não gosto de estar assim, nessa situação indefinida com ele. Mas sinceramente, não sei o que fazer. Acho que está para nascer um homem mais estúpido, chantagista e desesperado do que ele. E o pior de tudo isso é que mesmo chateada com tantas merdas que ele faz, eu sei que as faz porque me ama. E quando ele dizia que não sabia lidar com isso, eu achava graça, mas ele realmente não sabe.

Tomo meu banho e quando entro no quarto, há um pacote em cima da minha cama, com um bilhete, dele:

Adorável safadinha

Sei que estou tão longe de ser o homem que você merece, aquele que você sonhou ter ao seu lado para o resto da sua vida. Mas quero que saiba, que entenda minha bruxinha, que a amo demais. Mais do que a mim mesmo. E mesmo sendo um completo babaca, ninguém no mundo vai te amar deste jeito.

Vista esse vestido, solte seu cabelo e me encontre no endereço abaixo. Se ainda me quiser, é claro.

Do sempre seu,

Cleber Estúpido Dantas

Ah meu adorável estúpido, o que fazer com você? Abro a sacola e examino o vestido que ele me deu. É de um tom bem vermelho, colado ao corpo, vai até o meio das minhas coxas, com duas aberturas nas laterais das pernas, uma calda atrás e um decote enorme. A coisa mais maravilhosa que eu já vi. É confuso imaginar o que ainda vou passar por estar com ele, quantas merdas mais enfrentaremos juntos, mas é impossível imaginar viver sem ele. Nunca me senti assim. No momento, eu o odeio, e o amo. Talvez precise olhá-lo, e precise que ele não tente me manipular, para saber exatamente qual sentimento é mais forte. Ou talvez precise dar um tempo, afastar-me um pouco, sei lá. Não sei mais o que sentir por ele. Talvez simplesmente não tenha que fazer absolutamente nada, e deixar que o tempo resolva tudo. É isso, não irei a esse encontro misterioso. Não é o momento.

Olho novamente sua letra nesse bilhete e então, quase pulo na cama. Conheço esse endereço!

Ok, vamos ser sinceras aqui, todas nós sabemos que esperar que o tempo resolva uma coisa que você pode ir lá e resolver hoje, é burrice. Então, aqui estou eu, usando um vestido vermelho maravilhoso, com meu cabelo solto, como ele pediu, e caminhando receosa em direção à Academia. Só para constar, ele não deixou um motorista esperando por mim, não me forçou a ir. Exceto, claro, pelo endereço no bilhete, que com certeza atiçaria minha curiosidade. E eu sei que estou chateada com o que ele fez, ainda estou, mas é o Cleber. Não tenho forças para ir contra isso. Só quero ouvir o que ele tem a dizer, mais nada. Não vou dizer que também o amo. E que esses últimos dias têm sido uma enorme merda sem ele dentro de mim. No fim das contas o imbecil estava certo, não vivo sem o pau dele.

Entro na Academia que parece estar vazia. Estou me perguntando como ele conseguiu as chaves, mas conhecendo os seguranças daqui, deve ter subornado algum deles. Procuro por ele no primeiro andar, mas encontro apenas pétalas de rosas na escada. Elas formam uma trilha. Sorrio. Isso é tão brega, tão fofo e tão Cleber! Sigo essa trilha de rosas que me leva ao grande Salão de apresentações da Academia. Não há ninguém na plateia. Ninguém no meio do palco. Mas a trilha acaba ali.

Dou alguns passos incertos para o palco e a luz abaixa. Uma música suave começa a tocar. Procuro

por ele, olho para todos os lados e não o vejo. Então, o ritmo da música muda, e o Tango Santa Maria começa a tocar. E é aí que Cleber aparece. Ele usa uma camisa social preta, com uma rosa vermelha colada no bolso. Uma calça social e um chapéu fedora preto com uma tira vermelha. E incrivelmente, ele se aproxima do centro do palco, com passos de tango.

Não. Posso. Acreditar.

Demoro um minuto para reagir, quando o vejo ali, parado no meio do palco, em posição, e então ele estende a mão para mim e pisca.

— Me daria a honra, safadinha?

Sorrio. Vamos dançar tango. Quase pulo em cima dele, mas me aproximo no ritmo da música, rodeio seu corpo com uma perna e ele me puxa para junto dele, me desce e beija de leve meu pescoço, logo, me levanta e me gira, e não acredito, mas está dançando perfeitamente. Nós giramos ao ritmo delicioso do tango, ele me pega pela cintura e me gira em seu corpo com perfeição, cada passo dele, sincronizado com o meu, como se fizéssemos isso a vida toda. O amor que sinto por ele, cresce de tal forma dentro de mim, que mal consigo controlar, antes mesmo da música acabar, pulo em cima dele o beijo.

— Ei, safadinha — ele sussurra em meus lábios — ainda não acabamos.

— Eu te amo — digo.

— Ah, minha Suzana.

Ele me deposita no chão, segura meu rosto entre as mãos e me beija, com tanto carinho, com tanta devoção. Depois me abraça bem apertado.

— Desde quando você dança tango?

— Não danço. Assisti Dança comigo umas quinhentas vezes para pegar esses passos e dançar com você.

Sim, o que ele tem de estúpido, tem de lindo, fofo, surpreendente e romântico. Como não amar Cleber Dantas? Ele me arrasta para o chão, e monto em seu colo, e ele fica ali, segurando meu rosto entre as mãos e olhando para mim.

— Suzana, eu sei que sou um idiota. Eu devia ter te contado antes porque fiz o que fiz com o Samuel. Sim, me incomodava demais saber que você passava o dia todo perto dele. Sabe, era como se ele estivesse do seu lado, à espreita, esperando meu primeiro escorregão para mostrá-la que não mereço você. E então ele a levaria de mim.

Acaricio seu rosto.

— Não tinha porque se sentir assim, Cleber. Eu amo você. Não são escorregões no caminho que vão nos afastar assim. Por que nunca me disse? Achei que fosse só ciúmes, você tem ciúmes até dos seus amigos, não achei que se sentisse desse jeito.

Ele encosta a testa na minha e diz:

— Suzana eu não sei lidar com isso. Eu amo você. Amo amar você. E isso foi a coisa mais maravilhosa e assustadora que já me aconteceu, e porra, é difícil pra caralho! Não entendo como as pessoas podem amar alguém assim, e conseguir ficar o dia todo sem saber o que a outra pessoa está fazendo. Eu fico louco pensando em você, em cada minuto. E não sei se é normal ou se não sei amar, mas tenho tanto medo de perder você. Sabe, eu vejo como o Sebastian gravita em volta da Celina, e acho que amar é isso mesmo, é viver por alguém assim.

Concordo com a cabeça, não permitindo que nossas testas percam o contato.

— Também sinto isso, Cleber. Também penso tanto em você, que me atrapalho toda. E fico me perguntando se está pensando em mim, se já almoçou, se está estressado no trabalho, se os estúpidos estão pegando no seu pé. Eu quero ficar o tempo todo com você. E se isso não for normal, que se

foda, amar não pode ser uma coisa normal. É, sei lá, uma coisa mágica demais, não é?

— Com toda certeza. — Ele afasta nossas testas e me olha nos olhos. — Suzana, me perdoe por ter vazado as fotos do Samuel. Juro que da próxima vez que alguém ameaçar tirar você de mim, falarei com você primeiro. E vamos juntos até a Celina para que ela pense em alguma vingança. E me perdoe por ter mentido sobre a viagem para Madri. Prometo que da próxima vez que ficar louco e desesperado de medo, vou apenas beber todas e cantar sofrência.

Começo a rir.

— Prefiro que me chantageie, mas por favor, pare de ouvir isso.

Ele sorri também e me aperta em seus braços.

— Suzana, isso aqui não é para te forçar a nada. Se você precisar de um tempo de mim, eu vou entender. Provavelmente não serei capaz de te dar esse tempo, vou mandar fazer outra cópia da chave do seu apartamento, vou entrar na sua casa, te espreitar enquanto toma banho e te dar enésimos sustos. E não vou te dar tempo, mas vou entender. Só não me diga que não tem volta. Por favor minha bruxinha, nunca me diga isso.

Desta vez, eu seguro seu rosto entre as minhas mãos.

— Eu sabia que você tinha mandado trocar a fechadura da sua porta! Meu Deus Cleber! Era coincidência demais sua chave abrir minha porta! Seu cachorro!

Ele sorri, e me beija, mas o empurro com as mãos e continuo:

— Ok, devo admitir que isso foi bem engenhoso da sua parte.

— Querida, eu sou um gênio.

— Não vou a lugar nenhum, Cleber. Eu não iria a nenhum lugar no mundo em que você não estivesse. Eu te amo. Com todos os seus defeitos, assim como você me ama com os meus. Mas por favor, tente não ser tão estúpido. E me diga quando se sentir assim, não me chantageie, converse comigo.

Ele assente.

— Haverá momentos em que você vai precisar se afastar de mim? — pergunta.

— Não. Haverá momentos em que eu tentarei matá-lo. Mas, mesmo assim não me afastarei.

Ele parece tão aliviado, e então percebo, alguma coisa está errada. Cleber não é mau. É exatamente o homem maravilhoso por quem me apaixonei.

— Teve um motivo pra você ter feito o que fez com o Samuel, não teve?

Ele assente de novo.

— O que houve de verdade?

— Você vai ficar comigo mesmo se eu não tiver tido motivo algum para ter feito o que fiz?

— Sim, Cleber. Vou ficar com você de qualquer jeito.

— Você vai me deixar tocá-la, chupá-la e penetrá-la por toda noite?

— Sim amor, vou implorar que faça tudo isso.

Ele abre um sorriso enorme, como um menino travesso que acabou de ganhar seu tão sonhado skate de natal.

— Isso aqui é para você — ele diz estendendo as mãos para os lados.

— Isso o quê?

— Isso tudo. Esse palco, esse salão, esse prédio. A Academia Mineira de Dança pertence a você.

Não reajo, ele deve estar brincando. É brincadeira, certo? Ele percebe que estou em choque, segura meu rosto de novo, com força e diz de uma forma bem firme:

— Suzana Leal, estou dando essa Academia para você. Ela é sua. Eu a comprei e passei para o seu nome. Você vai cuidar dela e administrá-la a partir de agora. É sua. Entendeu? Isto não é uma

brincadeira.

Ok, ele está mesmo falando sério. A Academia. Meu maior sonho. É minha. Ele me deu. E não a usou como uma chantagem para que eu voltasse para ele. Simplesmente a deu para mim. Eu amo este homem! Agarro seu pescoço e ouço sua risada.

— Eu... nem sei... por que você... Cleber.

Ele me beija, me calando.

— Eu te amo — diz, como se isso explicasse o fato de ele ter acabado de me dar uma conceituada Academia de dança.

— Não acredito que você fez isso. Eu não... Cleber... nem sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Me mostre como está feliz, minha safadinha. Antes eu só preciso que saiba, não expus o Samugay para que você ficasse com a Academia, fiz isso porque ele me ameaçou, quando foi a V.D.A., disse que a teria por bem ou por mal. E eu não podia permitir que ninguém a machucasse. Eu só queria proteger você, amor.

— Ah, Cleber.

Aperto seu pescoço de novo, e grudo meu rosto no dele. Eu o amo tanto, que quase posso tocar esse amor. E as lágrimas que caem por meus rosto são de extrema felicidade, e emoção, e contentamento por tê-lo aqui, assim, tão estúpido, mas tão meu. Tão perfeito para mim, desse jeito.

— Calma, minha adorável safadinha, não chore. Ainda não estreamos o salão de apresentações. Venha aqui, e me mostre como está feliz pelo meu presente, ainda temos muitos cômodos para estreiar por toda noite.

— Sabe o que é mais engraçado? Se você tivesse me chantageado usando a Academia como moeda de troca por meu perdão, eu o teria dado sem pensar duas vezes — brinco.

Ele arregala os olhos:

— Está dizendo que eu não precisava colocar esse chapéu horroroso e aprender a dançar tango para reconquistá-la? Era só te oferecer a Academia em troca do seu perdão?

— Sim.

Ele dá um tapa em minha bunda que me faz gritar e rir como uma louca.

— Ah sua safada, malvada e devassa! Vou descontar cada segundo que passei aprendendo essa porcaria! Vem aqui! Você me paga!

E então ele está em cima de mim, dentro de mim, em todos os lugares.

Capítulo 19 — Final

Cleber

Suzana descansa tranquilamente em meus braços, na minha cama, enquanto a observo dormir. Há duas semanas estamos dormindo em meu apartamento todas as noites, e parece que nunca vou me cansar de observá-la assim, tão tranquila, em meus braços. Essa noite, ela sorri enquanto dorme, e como o bobo apaixonado que sou, sorrio também. Porra! Você homem, que foge do amor como eu fugia, que acha que prazer compensa mais do que sentir, você está errado. Não há coisa melhor do que amar assim. Do que ter sua mulher em seus braços sorrindo e saber que esse sorriso é para você, que cada suspiro é para você, que cada gemido, grito, cada orgasmo, tudo isso é seu, e somente seu. Nada pode ser melhor do que isso.

Quero que Suzana se mude de vez para meu apartamento, mas quando tentei falar sobre isso, ela se assustou, então preferi não tocar mais no assunto. Mas, estou fazendo com que se mude aos poucos. Não, eu sei o que está pensando, mas não há nenhuma chantagem envolvida. Estou trazendo suas coisas para meu apartamento aos poucos. Já trouxe seu notebook, toalhas, carregador de celular, as panelas preferidas dela, todas as escovas de dente, algumas roupas, a maioria de suas roupas íntimas, Huguinho, e hoje, trarei seu travesseiro. Aos poucos, não conseguirá fazer mais nada em seu apartamento, para qualquer coisa, terá que vir para o meu. Ela está vindo morar comigo sem perceber.

Deixo o café pronto, e enquanto ela não acorda, vou buscar seu travesseiro. Ela raramente irá usá-lo, já que sempre dorme em meu peito, ou em meus braços, mas é bom que TUDO dela esteja aqui.

Quando volto para meu apartamento, ela está sentada na bancada, com uma xícara de café na mão. Sorri docemente quando me vê, mas franze a testa ao reparar o que trago na mão.

— Ei, conheço esse travesseiro! — ela diz.

— Mesmo? Achei que nem se lembrasse mais dele.

Ela se levanta e aproxima—se de mim com os braços cruzados. Fica deliciosa descabelada assim, usando apenas uma blusa social minha.

— Cleber Dantas, onde você está indo com o meu travesseiro?

— Relaxa amor, só vou deixá-lo no meu quarto, para o caso de você precisar dele uma noite dessas.

Vou andando em direção ao quarto, como se não fosse nada demais, e ela me segue. De repente, puxa algo do meu bolso. Merda!

— Cleber, por que está com meu depilador no bolso? — Ela está segurando a maquininha rosa como se fosse me matar com ela.

— Hum... Vou fazer a barba?

— Isso não é um barbeador! A menos que esteja pretendendo depilar o pau, não faz sentido algum estar com isso no bolso.

Faço uma careta e dou um passo para longe da maquininha assassina.

— Não quero nada cortante perto do meu pau, obrigado.

Ela me olha, me olha, e de repente, me empurra na parede, e começa a apalpar os bolsos da minha bermuda.

— O que mais você pegou no meu apartamento?

Ela tira do meu bolso seu sabonete íntimo e me encara:

— Ok, o depilador e o sabonete íntimo. Estou começando a ficar preocupada.

Seu semblante irritado e zombeteiro me distraem por tempo o suficiente para eu demorar a perceber o que está insinuando. E ela nem me dá tempo de explicar nada, apalpa meu pau, por cima da bermuda e faz uma careta de preocupação:

— Seu pau não está duro. E o estou tocando. O que está havendo? Cadê sua ereção matinal?

— Fugiu no momento em que você falou do meu pau com essa maquininha nas mãos. E não vai subir enquanto estiver com isso.

Ela se afasta com um gesto de pesar, como se tivesse recebido a notícia que meu pau faleceu para sempre, e tenho vontade de estrangulá-la.

— Essas coisas não são para mim! São para você! A maquininha assassina para o caso de você precisar e o sabonete, porque não achei essa marca no mercado.

Ela arregala os olhos e aproveito para tirar a maquininha de sua mão e arremessá-la na cama, bem longe do meu pau.

— Espera! Estou entendendo tudo! Bem que eu estranhei você ter todos os meus cremes, perfumes e shampoos preferidos! Você os está roubando do meu apartamento! Para que isso Cleber?

Ela está brava, irritada e deliciosa. E meu pau está prontinho para estar dentro dela. Ela percebe, pois seu olhar irritado desvia do meu rosto e foca ali, e ela engole em seco.

— Eu vou pegar você agora e vou te comer com força, para aprender a duvidar da minha masculinidade.

— Precisamos falar sobre isso — ela diz, mas está sorrindo.

— Falamos depois, agora nossos corpos que vão se falar. O meu corpo faz questão de calar o seu, com movimentos bruscos, neste instante.

A puxo pelo cabelo e no minuto seguinte estou dentro dela. No batente da porta, contra a parede e faço com que ela retire cada palavra absurda que falou sobre o sono de segurança do meu pau.

Passei a tarde pensando em uma coisa que Suzana me disse, desde que foi embora de casa, ela nunca mais falou com a mãe. Fala apenas com a avó, e muito pouco. Preciso que ela supere isso, para saber que está realmente bem.

Quando a pego na Academia, seu sorriso enorme e a empolgação com que fala de um musical que está montando, quase me fazem desistir de propor a ela o que vou propor. Mas sei que se não resolvermos isso agora, esse peso que ela carrega vai acabar caindo entre nós.

— Samuel me procurou hoje — ela diz olhando as unhas como se isso não fosse nada demais.

— O que aquele projeto de assassino queria?

— Um emprego na Academia. Enquanto o dinheiro que perdeu não é liberado pela justiça, está falido.

— Aquele gay quase provocou sua morte! Espero que tenha batido a porta na cara dele ou juro que vou trancá-la em casa a partir de hoje, Suzana!

— E o homem das cavernas dá as caras — ela diz rindo. — Não dei emprego a ele, Cleber. Mas pedi que um conhecido o ajude. Ele sempre soube que eu sou Miss Sue. Me deu o cargo de coordenadora na Academia mesmo sabendo minha identidade secreta.

— Eu sei.

— Sabe o quê?

— Que quando a contratou ele sabia sobre Miss Sue. Ele é filho do governador, vivia cercado por seguranças, claro que mandaria investigar toda sua vida antes de se envolver com você.

Ela está calada. De olhos arregalados, para mim. Com uma fúria assassina. Ah merda! Desço do carro na garagem, e ela nem espera que eu abra sua porta. Já desce com toda sua fúria direcionada a mim.

— Desde quando sabe disso? — pergunta.

— Dedee sempre. Um homem visado como ele jamais colocaria alguém em um cargo de segurança sem saber exatamente quem é a pessoa.

— E mesmo assim você me chantageou?

Sorrio. Sei que a situação é séria, ela está realmente invocada, mas não consigo conter o sorriso. Minha bruxinha ingênua. Acho que quer me matar.

— Amor, — digo com uma calma que parece irritá-la ainda mais. — Se eu não tivesse te chantageado, você nunca transaria comigo. Samugay teria te dado o emprego dos sonhos e você estaria casada com ele agora. E infeliz.

— Cleber! Você tem noção de que não vale nada? Você nunca joga limpo! Eu morri de medo de você acabar com tudo quando fez aquela chantagem estúpida!

— Não me arrependo, Suzana. Sei que fiz muitas merdas, mas essa chantagem não foi uma delas. Essa estúpida chantagem foi o que fez você ser minha. Desde o dia em que a tive pela primeira vez, fui seu e você minha. Nós brigamos, mas nunca mais nos separamos, bruxinha. Essa estúpida chantagem foi a melhor coisa que fiz a nós dois. — Aproximo—me dela, que se afasta irritada.

— Você usou uma coisa sem base para me chantagear! Uma mentira, Cleber!

— Ainda bem que fiz isso.

Dou outro passo, mas ela acerta minha mão quando tento tocá-la.

— Não me toque! Sua cara não queima? Você é um safado, mentiroso e cafajeste!

— Estou melhorando — digo com um sorriso. — Agora venha aqui.

Seguro seu braço e ela acerta um tapa no meu rosto. Estaco. Ela arregala os olhos e parece querer rir.

— Ops! — diz esperando minha reação.

— Suzana Leal, sua bruxa agressiva! Ouse acertar meu rosto de novo e vou comê-la aqui mesmo, na garagem, em cima do carro.

Ela sorri e abaixa a cabeça resignada, eu boto moral nessa mulher. Então, de repente, acerta meu rosto com força.

— Você nem deve sentir dor nessa cara de pau!

Nem respondo, enquanto ela ri, a pego pelas pernas, a jogo no capô do carro e subo sua saia. Ah como eu amo essa mulher!

Suzana está com essa careta desde que saímos de casa, e, conforme nos aproximamos de sua cidade natal, a tromba só aumenta. Puxo seu bico para irritá-la, mas nem assim ela reage. Está tensa, preocupada e com medo.

— Amor, você sabe que precisa fazer isso, não sabe? — pergunto.

— Não precisava ser agora. Essa não é uma boa ideia.

— Precisava, Suzana. Na verdade, já era para ter sido há muito tempo, acho que deixamos ir longe demais.

Ela se vira para a janela e não responde. Entendo que esteja com medo, que não queira retornar àquela casa, mas ela precisa provar para si mesma que se superou, e darei um jeito de fazer com que a mãe dela admita isso, assim Suzana conseguirá superar esse passado de uma vez por todas. E talvez, se eu tiver muita sorte, não precise mais ser Miss Sue.

— Suzana, você não está voltando para aquela vida. E não está sozinha. Mas você precisa mostrar a sua mãe, a sua família, que é diferente dela, de todas elas. Precisa mostrar que se superou para superar isso.

— Eu sei — ela diz e deita a cabeça no meu ombro.

E é uma merda que eu não possa simplesmente apagar seu passado para que ela nunca mais se lembre disso. Sei que estamos em sua rua pela forma como ela aperta meu braço quando nos aproximamos, e então vejo a famosa casa rosa. Está desbotada, não há movimento a essa hora da tarde, mas de alguma forma, me parece assustadora. Suzana então, parece em pânico. Eu a rodeio com os braços e tento acalmá-la.

— Estou aqui amor, estou com você. Tudo vai ficar bem.

— Cleber, eu te odeio. Qualquer homem no seu lugar agradeceria por não precisar conhecer a sogra. Por que você tem que ser o diferente?

— Porque quero saber como será sua aparência quando estiver velha — brinco.

Ela me encara com uma careta de repulsa.

— Não me pareço com ela.

Passamos pelo pequeno portão e subimos a escadinha que dá acesso a uma porta arredondada e tão cheia de adornos, que nem seria necessário o nome “Casa das flores” para entender o que é esse lugar. Encaro Suzana esperando que ela tenha uma chave, mas ela diz:

— Está sempre aberta.

Empurro a porta vagorosamente, ela range enquanto revela uma sala enorme, uma mesa de sinuca em um canto, vários *chaise longue* e o que deve ser a maior adega que já vi.

— Sua família não brinca em serviço! — digo admirado.

— Péssimo trocadilho. Juro que se disser “filha da puta”, eu arranco sua língua e limpo sua bunda com ela.

Arregalo os olhos, sorrindo.

— Você me enlouquece quando fica agressiva, amor.

Ela sorri e dá o primeiro passo para dentro da casa. Entro atrás dela e bato a porta. Então o barulho de saltos se aproxima e uma voz feminina irritada começa a dizer:

— Estamos fechadas! Só abriremos à noite! — A mulher arregala os olhos ao me ver e se recompõe. — Acabamos de abrir, querido!

É Suzana. É assustador! A mulher diante de mim é Suzana, mas sem vida. Os mesmos olhos negros, mas o cabelo não tem o mesmo brilho. O rosto, o tom moreno da pele, a maneira como me devora com os olhos, tudo é igual. É como ver uma Suzana sem vida, sem seu brilho, sem seu jeito moleca sedutora. A mulher é bonita, mas não chega aos pés de Suzana. Ela usa uma camisola transparente, é magra e tem os seios menores do que os de Suzana. Ela se aproxima de mim e passeia a unha por meu peito.

— De onde você saiu, delícia?

— Mãe! Quer tirar a mão do meu namorado!

A mulher congela totalmente por cinco segundos, então se vira para Suzana, e parece realmente emocionada ao ver a filha.

— Cleber, é bom que não esteja olhando para os seios dela ou eu juro... — Mas a mulher não permite que ela termine a ameaça, joga os braços em volta de Suzana e a abraça.

— Suzana, minha filha. — Ela se afasta e observa Suzana dos pés à cabeça. — Como está linda! Você deveria ter ficado aqui, nos renderia um bom dinheiro.

Suzana revira os olhos e se afasta da mãe, aproximando—se de mim.

— Cleber, essa é Rosália, minha mãe. Mãe, este é Cleber, meu namorado — ela enfatiza as palavras “meu namorado”, mas não parece adiantar nada já que a mulher continua me comendo com os olhos.

— É um prazer conhecê-la, senhora Rosália.

Ela segura minha mão arranhando a palma com a unha e diz de uma forma totalmente maliciosa:

— O prazer é sempre meu, querido.

Tiro minha mão da dela. Tudo bem, terei que vigiar o que falo enquanto estivermos aqui.

Logo, sou apresentado a avó dela, que é a pessoa que Suzana abraça por mais tempo, e tento não pensar muito no fato da velha estar praticamente nua na minha frente. E nem na forma estranha como seus peitos “achatados” encostam em mim quando ela me abraça. Pela reação de Suzana, isso é normal. E então conheço Violeta, a tia dela, que assim como minha sogra, consegue tocar meu corpo quase todo em um abraço.

Se um homem espera um jantar tenso e interrogativo ao conhecer a família da namorada é porque não namora Suzana Leal. Quando somos conduzidos à cozinha, Suzana me impede de entrar, me olha como se quisesse dizer alguma coisa, mas desiste e entra. Levando em consideração o tamanho do resto da casa, a cozinha é pequena. Várias mulheres nuas andam de um lado para o outro, se arrumando, penteando, maquiando e comendo. Pelo menos três delas não estão vestidas. Desvio meu olhar e espero alguma ameaça de Suzana, mas ela está com a cabeça baixa, envergonhada. Aperto sua mão e a puxo para junto de mim.

— Ei, eu quis passar por isso. Isto aqui não é você, Suzana, eu sei disso.

— Está falando isso agora, porque ainda não viu tudo. Será que podemos passar a noite em um hotel?

Nego veementemente com a cabeça.

— Nada disso. Viemos resolver as coisas como uma família, e vamos resolver as coisas como uma família.

— Se você sobreviver a isso com o mesmo amor e respeito por mim, Cleber, terei que pedi-lo em casamento.

— Vou te cobrar isso, minha bruxinha.

Sentamo-nos à mesa apenas a família e eu. A avó de Suzana, embora pareça bem rigorosa com as “meninas” dali, trata Suzana com todo carinho. Rosália e Violeta sentam—se de frente para mim e não param de me olhar, e tenho a impressão de que estão flertando comigo. Então, tento ao máximo não olhar para elas.

— Fico feliz que tenha ficado para jantar, Cleber. Fiz questão de cozinhar eu mesma para você — diz Rosália.

— Estava ansioso para experimentar a comida da minha sogra.

Ela arregala os olhos e responde imediatamente:

— Estou mais do que disposta a te dar minha comida. — Então passeia a língua pelos lábios e me lança uma piscadela.

Merda! A velha assanhada está mesmo dando em cima de mim. Olho para Suzana imediatamente, mas ela está concentrada na avó. Melhor mesmo que nem perceba nada.

— Como você conheceu este homem tão lindo, Suzana? — ela pergunta a filha.

— Ele é meu vizinho.

Rosália parece surpresa.

— Um homem tão fino? Não sabia que estava ganhando tanto dinheiro como professora. — Se até eu percebo a insinuação por trás de suas palavras, imagina Suzana, que já vive assombrada com esse

“passado”.

— Suzana é coordenadora da Academia Mineira de Dança, ganha muito bem. — Apresso—me em defendê-la, sem revelar que ela é na verdade, a dona. Não quero sua família gananciosa importunando—a em busca de dinheiro.

— Ainda com essa paixão por dança. Que bom que isso a está levando a algum lugar, a maioria das nossas paixões não dá em nada. — Então ela foca o olhar em mim — A pequena Suzie sempre foi uma ótima dançarina. É de família saber mover o corpo com perfeição.

A mulher quase me come ao falar a última frase de uma maneira tão arrastada, que foi quase soletrada. Ok, não falar sobre comida. Não falar sobre dança. Estou começando a achar que não há assunto inocente o bastante. Essa mulher consegue perverter tudo. É melhor que eu fique em silêncio. Mas é aí que o famoso interrogatório do primeiro jantar começa:

— Quantos anos tem, Cleber?

— O que você faz, Cleber?

— Quando se conheceram?

— Vocês moram juntos?

— Isso entre vocês é sério mesmo?

— Você gosta de mulheres mais velhas?

— Suzana é boa para você?

— Já saiu com garotas de programa?

Arregalo os olhos com a última pergunta e Suzana se levanta irritada:

— Por que não pergunta de uma vez o tamanho do pau dele e se ele não gostaria de metê-lo em você?

— Eu não gostaria! Nem um pouco — digo, só para deixar claro.

Rosália parece arrependida e se levanta também.

— Desculpe Suzie, não precisa ficar nervosa. Você sabe que sou movida pelos prazeres da carne, mas não vou mais mexer com seu namorado, tudo bem? Estou orgulhosa de você, ganhou na loteria filha, eu pagaria para transar com um homem como ele.

Engasgo com o vinho que estava tomando e minha crise de tosse é o suficiente para encerrar esse jantar.

Louca. A família de Suzana é completamente louca. Após o jantar, Rosália me convida para conhecer o quarto de Suzana, e quando arregalo os olhos meio desesperado, ela sorri:

— Suzana vai junto querido, não vou agarrá-lo.

Me desculpo sem graça por não dar uma dentro e sou conduzido ao quarto dela. Não preciso dizer que já anoiteceu, o local está cheio, uma música ruim toca, casais se beijam e vários sobem para os quartos, há vários quartos, muitos mesmo. Suzana parece cada vez mais deslocada aqui e é impressionante e triste que não tenha nenhuma familiaridade com a casa onde cresceu. Que realmente não tenha nada em comum com sua família. Mas fico aliviado por isso.

E então entro no que foi o quarto dela um dia. É pequeno, com móveis surrados e há várias fotos dela espalhadas pelas paredes. Com várias idades, desde pequena, com roupas de diversas danças. Linda. Observo atentamente cada uma das fotografias, admirado com a graça, a beleza, o brilho dessa mulher. Desde pequena. Sempre tão perfeita. De repente parece que ela está longe demais de mim, a puxo para meus braços e a beijo.

— Quero que nossos filhos se pareçam com você. Você é tão linda, minha bruxinha!

Acho que nunca a vi tão surpresa com uma declaração minha, ou tão feliz. Ela sussurra a palavra

“obrigada” e me beija. E nem vejo a hora em que Rosália sai do quarto, perdido em seus beijos.

Só mais um pouco Cleber, uma noite e uma tarde, Suzana vai jogar na cara dessas velhas safadas o quanto seu DNA é diferente do delas e então vocês irão embora. Você consegue Cleber, você a ama. Minha certeza vacila no momento em que somos separados, pois a avó de Suzana quer falar com ela a sós. Sou levado a um quarto de hóspedes, onde ficaremos. E decido tomar um banho.

Isso aqui parece o banheiro de um motel. A banheira redonda, os diversos saís de banho baratos, a decoração apelativa e o constante perfume feminino que parece não passar nunca. Estou ficando enjoado e arrependido de não ter concordado com a ideia de Suzana de dormirmos em um hotel. Tomo meu banho no chuveiro mesmo, vai saber o que já foi feito nesta banheira. E talvez esteja ficando louco, ou implicando demais com o lugar, mas tenho a estranha sensação de estar sendo observado. Como se houvesse um espírito devasso dentro do banheiro comigo. Estou parecendo a Suzana.

Tomo o banho mais rápido da história dos banhos rápidos e saio enrolado na toalha. Entro no quarto e um vulto se levanta de repente, me fazendo dar um salto nada gracioso para trás. (Mas eu não berro, só para você ficar sabendo) E então, quando reparo no “vulto” quase berro.

É minha sogra. E ela está nua. Totalmente nua. Ah merda!

— Quarto errado querido, mas mesmo assim é bem—vindo.

Não estou no quarto errado, minha mala e a de Suzana estão ali. A velha safada invadiu nosso quarto.

— Suzana! — berro. — Suzana! Socorro!

— Não precisa gritar, querido. Só quero conhecer melhor o namorado da minha filha.

Cubro os olhos com os dedos e vou andando de ré em direção a porta.

— Podemos nos conhecer vestidos. Aliás, devemos fazer exatamente isso.

— Se der mais um passo para trás, eu pulo em você, bonitão — ameaça e paro onde estou. — Não se preocupe tanto. Suzana foi criada aqui, sabe como as coisas funcionam. Ela não vai se importar. Aqui em casa, nós dividimos TUDO. É bom aprender isso já que vai penetrar na família.

— Não pretendo penetrar em nada — digo e fecho os olhos.

Me preparo para abrir a porta e sair correndo de uma vez, quando sinto um frio na bunda e arregalo os olhos imediatamente. A louca arrancou minha toalha. Ah merda! O que posso fazer? Não posso machucá-la, não posso sair correndo nu por um bordel e menos ainda “penetrar” na família. Dou a volta pela mulher que parece prestes a me atacar a qualquer momento, e agora a velha tarada está entre mim e a porta.

— Uau! Suzana sabe escolher! Que bom gosto tem a minha filha.

Penso que estou totalmente ferrado, mas aí tudo piora. Pois, saída do nada, alguém pula em meus ombros. Sinto pernas se enredarem no meu quadril, seios murchos tocarem minhas costas, e começo a berrar:

— Suzana! Socorro! Bando de doidas!

E se isso não é uma situação fodida o bastante para você, a porta abre e Suzana aparece. E não sei se estou salvo ou ainda mais encrencado, pelo olhar que ela me lança. Ela fica totalmente parada, olhando a cena diante dela. Estou nu, sua mãe nua a minha frente, e sua tia nua pendurada nas minhas costas.

— Suzana, amor... — tento falar, mas as palavras somem. Não há o que falar.

Começo a chorar. Não sei de onde vem, mas fico desesperado, irritado, com essas mulheres loucas, com essa casa toda errada, com a criação que Suzana teve. Com o fato de ter sido pego nu

com as velhas da família dela. Merda! É aí que Suzana começa a rir.

— Vocês são patéticas! Saiam de perto do meu namorado agora mesmo!

Me sinto totalmente desconfortável quando Violeta escorrega por meu corpo e se afasta.

— Venha aqui, Cleber — Suzana diz me estendendo os braços e corro como um menino para eles.

— Elas me agarraram. Nuas. Me agarraram — fico repetindo como um menino assustado.

Ela me abraça e acaricia minhas costas:

— Já passou, não aconteceu nada. Passou, amor.

— Venha me ver amanhã, Suzana. Vamos conversar. Há algumas coisas que preciso dizer a você

— pede Rosália.

— Depois do que acabei de ver não há mais nada a ser dito. Vocês traumatizaram meu namorado, e olha que ele era um pervertido e safado, e vocês conseguiram traumatizá-lo.

— Por favor, venha. Sozinha se quiser, mas venha mais cedo. Para termos mais tempo juntas. Preciso trabalhar agora.

Suzana não responde, e percebendo que não terá uma resposta, Rosália sai do quarto seguida por Violeta. E eu ainda estou em choque. Fui agarrado. Pela mãe e pela tia da minha namorada. A velha tarada se pendurou nua nas minhas costas. É para deixar qualquer um em choque.

— Da próxima vez que eu disser que algo não é uma boa ideia, confie em mim e me obedeça — ela diz.

— Com toda certeza, você sabe das coisas.

— Sinto muito por isso, vamos para o hotel.

Concordo imediatamente e saímos dali.

Abraço Suzana o mais apertado que posso no hotel, que é próximo a “Casa das flores”. Ela está disposta a não ver a mãe nunca mais, e acho que está certa, mas primeiro precisa se libertar de todo esse passado. Não tento fazer amor com ela fisicamente, sei que depois de tudo o que presenciamos ela não precisa disso, mas faço amor com ela emocionalmente. A abraço, e repito que a amo até que ela adormeça, repito que estou aqui, continuo aqui, sempre estarei aqui. Ela chora um pouco, depois brinca sobre como foi ter os seios de sua tia nas minhas costas, os apelido de dois ovos fritos frios e ela adormece finalmente.

Pego o telefone e ligo para Sebastian.

— E aí, cara, como é a casa da família da Suzana?

— Parece um filme pornô ruim. A tia e a mãe são duas velhas descontroladas que só pensam em sexo. E tentaram me agarrar.

Sebastian fica em silêncio para depois cair da gargalhada.

— Te agarrar? Isso foi filmado? Por favor me diga que foi.

— Claro que não! — Eu acho que não. Não deve ter câmeras nos quartos de lá, não é mesmo?

— Não pode ser tão ruim. Pelo menos são bonitas?

— A mãe dela até que sim, mas a tia, parece um maracujá chupado. Acredite, isso é pior do que os pesadelos que temos quando somos adolescentes e nossa mãe nos pega com revistas pornô no banheiro. Isso aqui é um inferno. Estou quase arrependido por ter obrigado Suzana a vir aqui.

— Vamos Cleber, seja mais homem. Você custa a tomar uma atitude que não seja egoísta e por você mesmo, então resista. Você já pegou tantos tipos de mulheres, duas velhas safadas não pode ser tão ruim assim.

— Vai à merda. Agora entendo porque precisavam de Suzana. É linda, quente, sensual. Essas taradas da terceira idade estariam ricas a essa hora se ela tivesse ficado. Escolheram a filha mais bonita para ter uma filha e dar continuidade ao negócio. Devem ter se ferrado bonito quando minha

bruxinha fugiu.

— Você acha que a mãe dela engravidou de propósito?

— Tenho certeza.

— Ainda bem que ela fugiu. Preciso ir, Celina está sentindo dores. Força homem, vale tudo pela mulher que amamos.

— Eu sei. Só quero tirá-la daqui e levá-la para nossa casa, onde poderei cuidar dela como ela merece ser cuidada e vou tratar de fazer com que ela esqueça tudo o que aconteceu aqui.

— Está certo. De vez em quando você é admirável, Cleber Dantas. Agora vá dormir e sonhar com as velhas taradas.

— Cruz credo. Boa noite, homem.

Olho minha devassa, minha bruxinha e a aperto em meus braços. Esse fogo dela vem de uma herança, mas seu caráter, sua força e personalidade são dons unicamente dela. E são essas as qualidades que mais me fazem amá-la.

Eu sabia que ou minha mãe ou minha tia atacariam Cleber no momento em que eu o deixasse sozinho, mas minha avó queria me falar algo em particular, tinha uma proposta para me fazer. Uma proposta ridícula, mascarada por seu amor por mim, que nem fiz questão de responder. A deixei falando sozinha, para salvar Cleber. E teria chegado a ele a tempo de evitar ter minha tia nua pendurada em suas costas, se não tivesse sido abordada por Tomas.

O tempo fez bem a ele, como sempre faz a homens ricos e mimados por seus pais. É um homem lindo, e claramente disputado pelas meninas aqui. Arregala os olhos ao me ver, e sai da rodinha seminua que o cerca, vindo diretamente até mim.

— Suzana! — diz admirando—me dos pés à cabeça.

— Não acredito que pague por sexo — digo.

— Não pago. Sou a diversão delas, elas precisam de prazer de verdade de vez em quando. Você está maravilhosa, Suzana.

— Então você continua o mesmo, vivendo por diversão. Achei que a essa altura já estivesse casado, com filhos e ao menos a sombra de um caráter.

Sua admiração começa a desvanecer quando sua expressão se fecha totalmente.

— Sou casado. Sou um homem de respeito, Suzana.

Observo as meninas esperando por ele como um bando de viciadas em algo que só ele pode dar, então, me dou conta:

— Você pega o dinheiro delas.

Pronto! Sua expressão muda totalmente e ele fica irritado.

— Não pego dinheiro de ninguém! Elas ganham o que ganham graças a mim.

— Uau! Você virou um cafetão.

— Não me chame assim! — ele diz elevando o tom de voz.

— Não precisa ficar alterado por eu ser sincera, já estou de saída. Até nunca, cafetão.

Dou um passo para longe dele, mas ele me puxa e rodeia meu corpo com os braços.

— Você adora acusar, não é mesmo? Sempre se achando tão melhor do que todos nós. Mas olhe para você, dançando seminua em um clube noturno. Dando um golpe em um ricaço. Você e sua família são todas farinha do mesmo saco.

Não posso imaginar como ele ficou sabendo sobre Miss Sue, não se pode guardar um segredo, todo mundo que não deve, descobre. Mas na verdade, nem faço questão de saber como ele descobriu isso, afasto—me dele e digo calmamente:

— Cleber me ama, e sua situação financeira é irrelevante. Quanto a Sue, sim, eu danço seminua em um clube noturno. E há várias outras maneiras e vestimentas diferentes que posso usar para me expressar na dança. Mas mesmo que eu dançasse nua, isso não faria de mim uma criatura baixa como vocês. Meu corpo e meus movimentos podem ser admirados, mas as minhas pernas só abrem para o homem certo. Um único homem. E eu não recebo dinheiro por isso. Não me importa o que se passa na cabeça de quem me vê no palco, o meu corpo tem dono. Ele sabe que sou dele e apenas ele me tem. Tenho algo que você nunca ouviu falar, Tomas, tenho moral. E é por causa dessa sua mente machista e fechada que é tão ruim de cama!

Ele não responde, até tenta, mas não diz nada. E não fico para esperar que encontre as palavras. Subo para o quarto onde vou passar a noite com Cleber para tentar convencê-lo a irmos dormir em um hotel, e quando abro a porta, ele está ali, nu. Minha mãe está ali, nua e próxima demais dele, e minha tia está ali, nua, pendurada nas costas dele. Por um segundo, não sei o que pensar. Mas

conheço minha família. Conheço meu homem quando não é culpado de algo, e sua cara de pânico, quase pedindo por socorro, prova que desta vez a culpa não foi dele. E aí ele diz:

— Suzana, amor... — Acho que não encontra nada que possa explicar essa situação. Ele não quer acusar minha família, e não sabe o que fazer. De repente, ele começa a chorar. E não consigo, começo a rir. De tudo isso, dessa situação ridícula, de encontrá-lo sendo agarrado por minha família maluca, rio da forma como ele me olha e como parece um menino desesperado com medo do bicho papão.

— Vocês são patéticas! Saiam de perto do meu namorado agora mesmo! — digo e estendo os braços para ele.

Meu Deus, permita que apesar de ter tido minha tia nua em suas costas, esse homem me ame o suficiente para não desistir de mim.

— Venha aqui, Cleber — chamo.

Ele vem até mim quase em pânico, assustado, acho que em choque.

— Elas me agarraram. Nuas. Me agarraram — ele fica repetindo e o abraço.

— Já passou, não aconteceu nada. Passou, amor.

— Venha me ver amanhã, Suzana. Vamos conversar. Há algumas coisas que preciso dizer a você — diz minha mãe.

— Depois do que acabei de ver não há mais nada a ser dito. Vocês traumatizaram meu namorado, e olha que ele era um pervertido e safado, e vocês conseguiram traumatizá-lo.

— Por favor, venha. Sozinha se quiser, mas venha mais cedo. Para termos mais tempo juntas. Preciso trabalhar agora.

Claro que precisa, não respondo e ela sai finalmente do quarto.

Adormeço pouco depois de chegarmos ao hotel, após Cleber brincar e tentar me tranquilizar. Eu é que deveria tentar tranquilizá-lo, mas ele está ali, me acariciando, dizendo que me ama, que está aqui comigo, e isso é tudo o que preciso para me sentir em casa.

Eu soube desde o primeiro instante que esta era uma péssima ideia. Levar um homem como Cleber, bonito, rico e com a placa de neon “sexo excelente” na testa, para perto da minha família. Só podia acabar em merda. Achei que ele fosse correr na primeira hora. Quando essa hora passou, achei que correria no jantar, mas surpreendentemente, ele sobreviveu. E só foi entrar em choque quando minha mãe e minha tia o agarraram. É, parece que esse homem me ama mesmo. Ele está muito calado essa manhã, irritado, eu acho. Mas eu esperava que nem estivesse aqui essa manhã, então sua expressão fechada é lucro. Sento—me em seu colo, e imediatamente, a carranca some e ele sorri.

— Podemos ir embora quando você quiser — digo.

— Vamos hoje, assim que você falar com sua mãe.

— Não vou falar com ela! — digo e tento me levantar, mas ele me segura, quase me esmagando contra ele.

— Vai sim. Você vai voltar lá e vai dizer o que veio aqui para dizer, chega de guardar as coisas para si mesma, Suzana. Está na hora de botar tudo para fora.

Desisto de me debater e me recosto nele, derrotada.

— Ela não é má. Foi criada assim, esse é o jeito dela, não preciso botar as mágoas na mesa, vamos voltar para casa e esquecer isso.

— Boa tentativa, mas isso não é desculpa. Você teve a mesma criação e não é como ela. Suzana eu sou seu, estou com você. Deixamos isso bem claro e mesmo assim ela me agarrou.

— Mas não fez isso para me ferir. Fez porque é o que ela faz. Você é lindo e exala sexo, é uma reação natural do sexo feminino desejá-lo. Só que isso nela é exagerado. É movida a sexo.

— Não importa! Isso não justifica a forma como foi criada e a falta de consideração dela com você.

— Se formos embora agora, eu aceito morar com você — apelo.

Ele abre um enorme sorriso e por um momento, tenho a esperança de que vamos pegar a estrada imediatamente.

— Suzana Leal, você está me chantageando?

— Não. Estou te fazendo uma proposta justa.

— Estou criando um monstro — ele diz e mordisca minha orelha. — Proposta negada, safadinha, você já mora comigo, só não aceitou isso ainda.

— Vou voltar para o meu apartamento assim que chegarmos em BH.

— Suzana, você vai ver sua mãe e vai ouvir o que ela tem a dizer, ou ficará o resto da vida se perguntando o que ela diria. E não adianta fazer essa careta! Dirigi até aqui e tive uma velha pelada pendurada em mim, só para você ter essa conversa, e você vai tê-la!

Sorrio.

— Ouvi dizer que homens adoram uma xoxota encostada em qualquer parte do seu corpo.

— Não uma xoxota velha e extremamente usada. Terei pesadelos por um bom tempo. Houve uma coisa estranha, os lábios de baixo dela, pareciam estar... — ele procura a palavra certa com uma careta de repulsa — pendurados. Não que eu tenha me concentrado na sensação de tê-los ali, mas foi uma coisa meio difícil de não reparar.

Não aguento mais. Um ataque de riso me toma e nem vendo a expressão raivosa dele consigo controlá-lo. Os seios são dois ovos fritos frios, e os lábios de baixo estão pendurados. Amo os sacrifícios de Cleber, amo os apelidos e comparações ridículas que somente ele sabe fazer. Amo esse homem!

Cleber ainda está com uma tromba e desesperado quando nos aproximamos da “casa fantasma” (é assim que sempre chamei a casa rosa).

— Não acredito que será tão má a ponto de me obrigar a entrar aí de novo, Suzana! Você não tem coração — ele resmunga.

— Tenho e ele é seu, por isso você vai comigo. Além do mais, essa péssima ideia de vir até aqui foi sua! Agora aguenta.

— Meu pai sempre dizia que não se pode contrariar uma mulher. Agora sei o que ele quis dizer. Vocês mulheres, são verdadeiras bruxas. Sempre dão um jeito de jogar nossas escolhas erradas em nós. E se essas escolhas forem algo que vocês não concordaram, então, fazem mais do que jogar em nós, vocês nos nocauteiam com elas.

Sorrio.

— Cleber, eu adoro suas filosofias de boteco, mas a questão é a seguinte: não vou entrar aí sozinha. Ou você vem comigo, ou voltamos para o carro e vamos embora. *Para sempre* — ênfase tentando convencê-lo a entrar no carro.

— Chantagista! — Ele encara a casa e respira fundo, criando coragem, mais ou menos como eu faço quando vou tomar uma injeção.

Ah, meu adorável bundão.

— Amor, acalme-se — digo e aperto sua mão — ainda podemos voltar para o carro.

— Não. Vamos acabar logo com isso! Espero ser pedido em casamento depois disso, Suzana.

— Relaxa baby, eu te protejo — digo abrindo a porta e sou obrigada a rir quando Cleber entra atrás de mim cobrindo o meio das pernas com as mãos.

Não é necessário que eu chame ninguém, sempre que a porta é aberta, um sino toca. E logo, ela aparece. Minha mãe. Pelo menos está vestida. Com uma camisola bem curta, mas vestida.

— Eu sabia que viria, filha. — Então ela olha Cleber surpresa. — E você voltou. Acho que gostou do tratamento afinal de contas, bonito.

— Não poderia ter sido pior — ele responde de forma tão fria que tanto eu quanto minha mãe nos assustamos.

Ela nos conduz ao que chama de mesa do café da manhã, onde minha avó já está bebendo seu café.

— Olá, Suzana — diz sem olhar para mim.

Sei que a magoei, mas ainda não mudei de ideia.

— Olá, vovó.

— Voltou aqui porque reconsiderou minha proposta?

Cleber, que estava andando praticamente colado nas minhas costas, me puxa para ele.

— Que proposta?

— Não é nada — digo. — Não, não mudei de ideia e não mudarei, só vim porque ela pediu, e Cleber me obrigou.

Minha mãe se senta à mesa e pega uma xícara de café, mas não a toma. Oferece para mim e Cleber, mas recusamos, então ela começa a falar. Esse é o lado bom dela, nunca faz rodeios.

— Não sei quando você se transformou em uma puritana cheia de moralismo, mas quero me desculpar por ter brincado com seu namorado.

Antes que eu possa responder, Cleber fala:

— Isso é mesmo um pedido de desculpas? Porque não parece.

Ela fecha a cara e volta a falar comigo.

— Me desculpe, filha. Não achei que a coisa entre vocês fosse assim, tão séria. Achei que tivesse voltado aqui porque percebeu que não pode viver de sonhos e que estaria disposta a cooperar. A proposta de sua avó é excelente, sempre quis ouvir algo do tipo e nunca tive essa oportunidade.

— Pessoas pequenas têm sonhos pequenos. Essa com certeza não é a proposta que eu queria ouvir ao voltar para a casa.

— Nunca fomos dadas a sentimentalismo, Suzana. Não me cobre isso agora.

— Nunca cobraria algo do tipo de você, mãe. Eu só queria... — as palavras travam.

Eu sempre quis gritar aos quatro ventos que sou diferente delas, que sou alguém afinal, com sonhos de verdade, com sentimentos bons, alguém que não escolhe um meio fácil de conseguir as coisas. Sim, sei de muitas meninas como elas que não veem isso como um meio fácil, sei de muitas histórias tristes, mas não é o caso delas. Fazem isso porque gostam. E é estranho que quando tenho essa oportunidade, as palavras não queiram sair. Não sei explicar, mas tenho a sensação que há algo que será rompido para sempre se eu disser que não faço parte da família. É como se eu fosse estar sozinha depois disso. Sei que é confuso, mas é tão difícil romper algo que você sempre soube que está ali, mesmo que seja algo que não te faz bem, parece que a gente precisa saber que alguma coisa está ali. Sempre ali. Se tudo desse errado, eu poderia voltar. Não que tenha pensado em fazer isso em algum momento, jamais me dedicaria ao negócio da família, agora, sinto que vou romper esse laço. Serei como uma órfã. Talvez isso seja melhor do que ter essa família, talvez não. Sei que preciso pôr para fora quem sou de verdade, porque parece que elas nunca prestaram atenção nisso, mas as palavras não saem. E de repente, quero sair correndo.

— O que você queria dizer a ela, Rosália? — pergunta Cleber — Espero que seja um pedido de desculpas decente.

Minha mãe sorri.

— Suzana não se ofendeu por termos te assustado, querido. Ela sabe a família que tem.

— E é exatamente por isso que você deveria pedir desculpas. Todas vocês deveriam. Não é justo o que fizeram com ela, não poderiam ter usado uma vida como um projeto de sobrevivência de vocês. A forma como a criaram foi quase desumana, não se cria um filho sem afeto e sem escolhas. O que vocês fizeram à mente dela, não se faz, menos ainda com alguém que amamos.

— Suzana é uma garota forte — ela diz irritada.

— Graças a Deus por isso! É muito fácil acreditar que ela é forte e jogar toda a merda em cima dela esperando que ela aguente, mas isso não diminui sua culpa! Você não faz ideia do que fizeram com a mente dela, não faz ideia do que ela tem passado. Será que você alguma vez se preocupou em como sua filha tem se virado? O que tem feito? Como tem passado? Você alguma vez ligou para ela para saber como estava, que não fosse interessada em saber se já estava vindo para cá encher seu rabo de dinheiro?

— Como ousa falar assim comigo? Você não me conhece! Não sabe nada sobre mim! — ela grita.

— Sei o suficiente! Sei o que vi. E vi sua filha procurando psicólogos e se escondendo do mundo para tentar reprimir desejos normais, porque não queria ser igual a você!

— Mas ela é igual a mim! Sempre foi! Ela se prende a esse moralismo barato e tenta não ser, mas sempre teve o desejo desenfreado, a luxúria, a devassidão dessa família. Está no sangue dela!

— Você nunca, nunca mesmo, vai chegar aos pés dela. Ela não é parecida com você em nada. Deveria lavar sua boca por falar tamanha asneira.

O olhar que Cleber lança a ela ao dizer é isso é tão intenso, e tão ameaçador, que ela não responde. Senta—se de novo na cadeira e fica calada, e Cleber volta a falar.

— Se você não tem um pedido de desculpas para ela, vou levá-la agora e você nunca mais irá vê-la. E irei garantir que sequer entre em contato com ela.

— Você tem um dono agora, Suzana?

— Não, ela tem amor agora. Tem alguém que a protege e que se preocupa com ela. E esse alguém não vai permitir que nenhuma de vocês a machuque de novo.

Minha mãe abre a boca para responder, mas é minha avó quem fala.

— Ele está certo, Rosália. O que fizemos com Suzana não foi direito. — Ela olha para Cleber. — Ontem propus a minha neta tudo isso. A casa, o nome, a fama. Pode parecer pouco, mas ganhamos muito dinheiro aqui, de várias formas.

— Eu imagino — ele diz.

— Não propus que ela se prostitua, nunca pedi isso, embora fosse o que esperava que ela fizesse, propus que administrasse esse lugar, passá-lo para o nome dela e ensiná-la tudo o que precisa. Estou velha e cansada, poderia passar meu legado para qualquer uma de minhas filhas, mas é Suzana quem não o perderia. Rosália e Violeta não terão mais nada em poucos meses, agem por impulso e desejo. Suzana é fria, e tem caráter. Não se deixaria corromper. Mas vejo que ela já tem uma vida, muito bem definida. Nunca precisará de nós para nada.

O silêncio que se segue após essa declaração me faz sentir um cachorrinho abandonado. Mas então, minha mãe segura a mão de minha avó e começa a falar.

— Achamos que toda a repulsa que víamos no seu olhar quando era criança, Suzana, toda a aversão que tinha pelo que fazíamos, fosse passar quando entendesse o que fazíamos. Por isso pedi a Tomas que se aproximasse de você, para despertá-la.

Arregalo os olhos e quero correr. Um plano. Elas pediram que Tomas ficasse comigo para me convencer a me vender como elas. Mas Cleber me segura onde estou, me abraça por trás e me aperta, me mantendo ali.

— Quando você fugiu — ela continua — ficamos em choque. Eu jurei que nunca mais a procuraria. Mas eu a amava Suzana, eu a amo. Não sei mostrar isso, amor não é algo que eu conheça, mesmo de um jeito errado, estou sempre aqui e você sabe disso. Nunca te forçaria a nada e você sabe disso também. Só queria o que fosse melhor para você.

— Não. Você queria o melhor para si mesma. Acha que nunca reparei as vezes em que me fazia passar perto dos homens que mais almejava tirar dinheiro? Acha que eu era tão burra que não entendia que você os estava tentando, usando a filha virgem? Eu sempre soube. E sempre odiei o que você fazia. Nunca odiei você, mas sim quem você era. Eu queria tanto ser diferente de você, e olha para mim. Eu sou! Totalmente diferente! E nem vou começar com esse papo da modéstia de que ninguém é melhor do que ninguém, eu sou melhor do que você! Do que todas vocês! Porque eu sei exatamente quem eu sou. Você queria garantir meu futuro, mamãe? Onde eu estaria agora? Como você? Uma mulher sozinha, que já fez tanto sexo na vida que nem deve mais achar tanta graça, mas que não sabe fazer outra coisa? Eu sou mais do que isso. Tenho minha profissão, duas, sou dançarina e professora. Tenho meu lar, minhas coisas, meu sustento. Não dependo de ninguém. Não preciso do dinheiro de ninguém. Por tanto tempo eu tive medo de sentir desejo, de querer ser mais do que uma mulher como as outras na cama, mas agora, não tenho medo de assumir que sou sim uma devassa. E até mesmo meu lado devassa tem mais moral do que você. Eu não sou como você, nunca fui e nunca serei! E me desculpa se seu projeto de vida deu errado, mas nunca serei quem você esperava que eu fosse!

— Você é exatamente quem eu esperava que fosse. Não queria que fosse assim, mas esperava que fosse exatamente assim. Sempre foi tão forte, Suzana, tão decidida, tão cheia de si. Você nunca foi obediente, eu sabia que ninguém te dobraria fácil. Sempre bateu de frente com tudo, correu atrás do que quis, você sempre foi assim. E você está certa, não sei quem eu sou, mas sei quem você é.

Ela me olha com olhos marejados, e só quando sinto as lágrimas caindo por meu rosto, percebo que os meus também estavam assim.

— Desculpa, filha. Ainda bem que encontrou alguém que a ama, alguém que te dá o amor que nunca demos.

Assinto. Não quero mais falar. Quero ir embora. Me viro para Cleber, que me entende, mas de repente alguém me puxa, e minha mãe me abraça.

— Seja feliz, pequena Suzana. — É a primeira vez que ela me chama de uma forma carinhosa, sempre me chamou de pequena Suzie, o que sabia que me machucava. — Tenho orgulho de você. Sempre soube fazer suas escolhas.

— Você pode vir comigo mãe, posso arrumar um serviço para você na Academia, e você pode ficar com meu apartamento, fico mais no de Cleber mesmo — Olho para ele, e ele não está aqui. Onde ele foi?

— Não, filha. Meu lugar é aqui. Minha vida é essa. Sinto muito que a envergonhe, mas não vou a lugar algum.

Olho para ela, e para a minha avó. Amo as duas. Mas não quero ficar mais nem um minuto nessa casa.

— Então, até um dia — digo e a abraço de novo.

Minha avó se junta ao abraço, dizendo:

— Até um dia, Suzana. Seu lugar ainda está aqui, espero que nunca precise voltar, mas sempre terá este lar.

E fico feliz que meu ponto não tenha se perdido apesar de tudo. Afasto—me delas e procuro por Cleber, o encontro descendo as escadas correndo, de olhos arregalados. Ele pega minha mão e me

arrasta porta afora, e vejo de relance minha tia apenas de lingerie correndo atrás dele.

Rio tanto, que ele praticamente me atira no carro e dá a partida como um louco.

— Uau! Parece que alguém aqui arrasou o coração da titia!

Ele faz uma careta e nem me responde. Depois de dez minutos ainda estou rindo, ele ainda está com um bico enorme e com a mão fixa na barriga.

— Está com dor de barriga? — pergunto.

— Você que está tendo uma crise de riso, por que eu estaria com dor de barriga?

— Não sei, está com a mão aí desde que saímos. Não me diga que tia Violeta conseguiu colocar os lábios pendurados ou os ovos fritos frios nessa parte do seu corpo. Porque isso meio que é perto demais do seu...

— Não fale sobre meu pau e sobre sua tia flácida na mesma frase.

— Você acabou de fazer isso.

— Foi explicativo, não conta. E não, ela não encostou nem perto do meu adorado pau. Só me assustou.

— Você anda muito assustado.

— Aquilo ali parece uma casa de terror. — Então ele me olha, e seu semblante muda, vejo em seus olhos todo amor reservado apenas para mim. — Mas estou orgulhoso de você, Suzana. Muito orgulhoso.

Quer agradecer por tudo o que ele fez, por estar ao meu lado e principalmente por continuar ao meu lado. E nem tenho ideia de como começar a agradecer por tudo. Sorrio e puxo sua mão para beijá-la, e aí ouço o barulho. Algo cai no chão. Observo atônita várias fotografias saírem de dentro da blusa de Cleber.

— O que é isso? — Pego uma delas, é uma foto minha com seis anos, com um tutu rosa em minha primeira apresentação de balé. — Cleber, você roubou minhas fotos?

— Não. Ela são suas, o que é seu é meu, então não é roubar.

— São da minha mãe — digo, mas já estou rindo.

— São lindas. Quero pendurá-las no meu escritório.

— Não acredito. Sua cara de pau, Cleber Dantas, não tem limite.

Ele sorri finalmente. Olha para mim com todo seu charme jogado naquele sorriso molhador de calcinhas e diz:

— Você me deve um pedido de casamento.

A casa está cheia. Olho pela sexta vez para o cartaz que está em meu camarim. É o cartaz que Cidão espalhou pela cidade. A volta de Miss Sue. Desde que os meninos foram presos, tenho vindo ao Red muito pouco, e apenas para auxiliar as novas dançarinas. (Juro que não tive nada a ver com o incidente que Lana sofreu, ela conseguiu furar a prótese de silicone) (e meus seios são naturais, caso esteja se perguntando) mas o movimento caiu muito, e Cidão resolveu promover a volta de Miss Sue, me dando o que eu tanto queria: um show só meu. Um número todo, uma vez na semana, onde não precisarei tirar a roupa. Apenas dançar, e seduzir. Mas é estranho que não queira mais seduzir ninguém além de Cleber. Ele está na plateia. Sorri ao me ver e me encoraja, mas sei que não queria que eu fizesse isso.

Nenhum homem em sã consciência aceitaria ter a namorada dançando em um clube noturno. E agora não tenho mais que fazer isso, já trabalho com dança, como sempre quis, já assumi meu lado devassa e seduzo meu homem todas as noites, Miss Sue não deveria mais existir. Mas é difícil me despedir dela. Observo escondida por uma fresta atrás do palco, Cleber sentado no bar. Está

cabisbaixo, olha de rabo de olho para os homens que gritam o nome de Sue, está infeliz. Mas mais cedo, quando questionei sobre isso, ele me disse com o maior sorriso do mundo que não se importava. Estou aprendendo que esse homem faz sacrifícios demais por mim. E passou da hora de eu fazer um por ele.

A luz abaixa e a música começa. Não podia ser outra música, *Naughty girl*, que me descreve tão bem, e às vezes tão pouco. Subo no palco e a plateia grita. Aproveito isso, essa sensação de ser ovacionada e desejada, quero me lembrar disso exatamente assim. Tiro o sobretudo negro bem devagar, os homens gritam e procuro na multidão, até avistá-lo. Ele está na frente do palco, como sempre, seus olhos fixos nos meus, admirando meus movimentos. Então danço para ele. Cada passo, cada movimento, tudo é para ele. Não tiro meus olhos dos seus em nenhum momento e posso ver como ele começa a estufar o peito todo quando a plateia percebe que estou fazendo um show exclusivamente para aquele homem ali.

Quando a música acaba, as pessoas aplaudem. Há mulheres aqui essa noite também, vieram apenas para me prestigiar. Fico muito grata a cada uma dessas pessoas que saiu de duas casas a noite apenas para ver Miss Sue, e sei que é o momento perfeito. A luz do palco é acesa, a fumaça começa a se dissipar, não quero dizer nada. Quero que todos entendam, mas principalmente, que ele entenda o que vou fazer. Fico parada em frente a plateia até que todos se calam e me observam, esperando meu próximo número. Mas não começa outra música. Não vai mais começar.

Agradeço com gestos por terem ido até ali e então, tiro a máscara, e em seguida a peruca. Há uma comoção geral na plateia, entre os seguranças, entre os atendentes e garçons, sei que o lugar todo está parado, vidrado em mim. Visto meu roupão negro de volta, solto o cabelo negro e seguro a peruca vermelha tão conhecida, junto ao peito.

— Foi muito bom ser Miss Sue. Obrigada a cada um de vocês por isso. Mas agora, quero ser eu mesma. — Olho para Cleber. — Quero ser sua. Só sua.

Ele não diz nada, mas me olha com tanto amor, que não precisa dizer. Sobe no palco em dois segundos e me puxa para seus braços.

— Sua bruxa, sexy, linda, safadinha. — Segura meu rosto entre as mãos e olha em meus olhos. — Eu te amo demais, mulher. Muito mesmo. Desesperadamente.

— Eu sei amor, também te amo exatamente assim.

— Não Suzana, você não entendeu, não existe outro amor como o que eu sinto por você. Você é mais do que a minha vida, adorável safadinha, você é tudo. É a definição perfeita de tudo.

Agarro seu pescoço e ele me beija, e o falatório que tomava a plateia desde o momento em que tirei a peruca, cessa. E todos aplaudem. Não quero saber o que Cidão tem a dizer, não quero saber o que a plateia tem a dizer. Quero ir para a casa, e mostrar ao meu homem o quanto tudo significa.

Em pensar que tive medo que Cleber fosse perder o encanto que sente por mim ao conhecer minha família, ao descobrir a profundidade da devassidão a qual fui submetida desde sempre. Mas ele continua o mesmo, aliás, está cada dia melhor. Parece cada dia mais apaixonado, é sempre tão paciente, tão fofo, tão intenso.

Estou preparando o café da manhã quando meu celular toca. É Gilcelle.

— Sue, acho que você deveria acessar o link que vou mandar no seu whats agora.

— Que link? O que houve?

— Veja você mesma. Só quero ressaltar que estou em um fim de mundo e até aqui esse vídeo já chegou.

Ah merda! Não acredito que ela fez isso. Encerro a chamada e clico imediatamente no link, e ao

ver o vídeo, ligo para minha mãe.

— Por que foi que você fez isso? Cleber vai desistir de mim de uma vez por todas!

— Eu não fiz, querida. Foi um homem que me procurou. Entrou em contato comigo por e-mail e me deu um bom dinheiro por esse vídeo.

— Homem? Que homem? Como um homem qualquer poderia saber sobre esse vídeo, mãe?

— Não é um homem qualquer, ele trabalha com seu namorado. E não se preocupe, Suzana. Ele tem sobrevivido a todas as mensagens que Violeta envia para ele. Não será um vídeo bobo desses que o fará desistir.

Mas não estou mais ouvindo. Estou centrada em algo que ela disse. Um homem que trabalha com Cleber. Se Matheus não está na cidade, então... Cleber vai matar Sebastian!

Estou no Youtube.

De novo.

— Já posso me considerar o rei dessa merda! — digo irritado a Suzana. — Eu deveria criar um canal, chamado “Por Suzana” e então me tornaria uma celebridade do humor.

Suzana está calada, sentada no braço do sofá, bem ao meu lado.

— Então eu poderia convidar Celina para participar do meu canal, porque se os micos dela fossem filmados como os meus, ela ganharia de mim.

— Acho que não. Você cantou sofrência em uma boate lotada, depois fez uma tentativa de strip e caiu de cara no chão. Depois implorou por sua vida a uma filmadora, tremendo como um bambu. E agora, está desesperado com uma velha nua pendurada em suas costas. Você, definitivamente, é o rei do Youtube.

Algo está errado com ela. Ela não diz essas coisas rindo da minha cara, como normalmente faria, está séria e parece preocupada.

— Isso é porque você não conheceu a Celina antes. Ela é a rainha dos micos. — Fecho o notebook irritado com aquelas milhões de visualizações que só crescem a cada minuto. — Pelo menos Sebastian teve a decência de não deixar meu pau aparecer. Não gostaria de tê-lo exibido em um vídeo de comédia.

Ela apenas assente.

— O que eu poderia fazer? Se simulasse um assalto, onde o ladrão obrigasse Sebastian a cantar sofrência e ficar pelado, apontando uma arma de brinquedo para ele, provavelmente Celina entraria em trabalho de parto antecipado. E me mataria depois.

Ela arregala os olhos e me encara:

— Uau! Como pensou em tudo isso tão rápido?

— Sou bom com vinganças. Não tanto quanto uma mulher, mas muito bom.

— Assustador! — ela murmura.

— Talvez eu mande alguns amigos do Lagartão darem uma surra nele. Eles poderiam quebrar todos os seus dentes, e matar o Sebs.

— Celina te mataria em seguida e seríamos duas viúvas loucas. Não quero ser uma viúva louca.

— Tem razão. Deu trabalho demais domar você, não vou deixá-la agora.

A provocação funciona. Ela me lança um olhar irritado e rebate:

— Eu precisei ser domada? Não era eu que tinha alergia a palavra amor! Não era eu que dava altas festas regadas a sexo. Não era eu que trocava mais de mulheres do que de cueca. Não era eu...

A puxo para meu colo e a calo com um beijo.

— Entendi safadinha, eu fui o domado.

— Com certeza. E vai aceitar isso assim, tão fácil?

— Amor, eu nunca mais vou discordar de você.

— Vivendo e aprendendo, meu amado chantagista.

Ela se recosta em mim e fica quieta, quieta demais levando em conta o que sei que está sentindo cutucá-la lá embaixo.

— Qual é o problema, Suzana? O que você tem?

— Eu, nada. Você que deve estar chateado por causa do vídeo. De novo. — Ela se ajeita em meu colo, mas não olha em meus olhos ao falar. — Eu sinto muito Cleber, me desculpa. Detesto te causar isso.

Em um segundo mil coisas passam por minha cabeça, todas terminadas com Suzana me deixando. Me desespero e a aperto em meus braços.

— Por que está se desculpando? O que acha que vai fazer comigo? Você não vai, Suzana! Seja o que for, pode esquecer! Você é minha. Não vai a lugar algum. Sei que pago muitos micos e devo envergonhá-la com esses vídeos, sei que sou a merda de um homem aprendendo a amar assim, mas sou um bom aluno. Tenha mais um pouco de paciência e não me deixe.

Então, ela está rindo.

— Me envergonhar com esses vídeos? Cleber! Eu era dançarina em uma casa noturna, fui criada em um bordel e você acha que me importaria com seus vídeos divertidos que me matam de rir?

Seguro seu rosto entre as mãos e olho bem em seus olhos.

— Você não vai me deixar?

— Claro que não! Nunca vou deixá-lo!

— Então, por que está me pedindo desculpa?

Ela fica séria de novo e afasta o rosto do meu antes de responder:

— Por causa desses vídeos.

O que? O vídeo? Levanto seu rosto de novo, obrigando—a a me olhar nos olhos antes de dar uma resposta a essa desculpa ridícula.

— Isso não foi culpa sua, Suzana. Foi Sebastian quem procurou sua mãe e espalhou esse vídeo. Você não tem culpa de nada.

— Você nem estaria naquele quarto, com minha família maluca se não fosse por mim.

— E se não estivesse nessa situação ridícula com essas velhas taradas, Sebastian encontraria alguma outra situação. Sempre fazemos isso. Esses não são meus únicos vídeos. Desde quando nos conhecemos, sempre trollamos um ao outro.

Ela me encara confusa.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Vai saber. Tudo começou na faculdade. Eu era afim de uma garota, mas ela deu mole para o imbecil do Sebastian. Eu sempre fui o mais gostoso, mas vai saber o que se passa na cabeça dessas mulheres.

Ela sorri.

— Vai saber, não é? Não dá para entender porque uma mulher preferiria qualquer outro homem a você — diz com seu adorável tom sarcástico.

— Pois é, também não entendo. Enfim, para impedir que ele passasse a noite com a garota que eu queria, aproveitei que ele estava um pouco bêbado e o tranquei no banheiro com a zeladora do nosso campus. Uma mulher horrorosa. Não demorou dez minutos trancado com a mulher, ele a comeu. Eu filmei e mostrei para a garota que eu queria. E ela desistiu dele.

Ela está de olhos arregalados, me encarando divertida.

— E aí ela ficou com você?

— Não, ela preferiu o Matheus, dá para acreditar? Resultado: os dois se deram bem e eu não. Bom, Sebastian não se deu exatamente bem. Mas o que queria dizer é que ele se vingou, depois que eu coloquei o tal vídeo na internet. E aí eu me vinguei de volta e estamos nisso até hoje.

— Como dois adolescentes estúpidos — ela diz.

— Exatamente.

— Matheus também participa disso?

— Ele é o pior. As trollagens dele são terríveis.

— Então quer dizer que tem um vídeo do Sebastian comendo a zeladora no banheiro, solto por aí. A Celina ia ter um troço se descobrisse.

— Sim, e é melhor que ela nunca descubra.

Mordo seu lábio e tiro sua blusa.

— Por que achou que isso fosse culpa sua?

— Porque as coisas que você faz têm a ver comigo. É sempre por minha causa.

— Suzana, você é meu tudo, lembra? Qualquer coisa que me acontecer sempre terá a ver com você. E eu quero que seja exatamente assim. Quero você em cada segundo da minha vida, mesmo nos micos.

— Eu só fico imaginando, que um dia você vai se cansar disso. De sempre fazer tudo e passar tudo por mim.

Em um movimento certo, a coloco montada em meu colo, sentindo minha ereção bem dura no meio de suas pernas. Ela fecha os olhos e geme, e então seguro seu rosto, e digo olhando em seus olhos, para que não reste nenhuma dúvida:

— Tudo o que eu faço por você não é nada comparado ao que você faz por mim. Talvez você não perceba, mas, desde que nos conhecemos, você tem abrido mão de tudo, para se adaptar a mim. Abriu mão da sua casa, da sua independência, dos seus amigos, da sua paz, do seu carro, de poder sair a hora que quer sem ter que dizer a alguém onde está, porque sei que sou ciumento ao extremo e possessivo demais. Você abriu mão de Miss Sue, uma parte de você, nunca farei algo grande o bastante que supere isso.

Seus olhos estão cheios e ela acaricia meu rosto.

— Você aguentou as investidas da minha mãe e sobreviveu a ter minha tia pendurada nas suas costas. Cleber, eu amo tanto você.

— Por isso somos assim, Suzana, por isso vamos ser tão felizes juntos. Porque você aceita meus defeitos, cada um deles, sei que quer me matar às vezes, mas não desiste de mim. E eu nunca vou desistir de você, não me importa seu passado, seus sonhos escondidos, nem sua mania de transformar tudo em um jogo. Eu amo você exatamente assim. Você me completa, você me domina, você faz de mim um verdadeiro homem.

Ela pula em mim passando os braços por meu pescoço e sei que está mais tranquila agora, mais segura, pois o que temos, esse amor que sentimos, o respeito que criamos, tudo isso, nada pode derrubar. Não há segredo, obstáculo, vídeo, jogo, chantagem, estupidez e medo que nos separem. Ela é mais do que minha vida, mais do que esperava que fosse, e é perfeita exatamente assim, por ser tão minha a ponto de não sobrar mais nada longe de mim. E sou tão dela, que sequer consigo pensar em quem seria sem ela. Sem essa mulher, minhas amadas leitoras, eu não seria nada.

Sou o rei do Youtube graças a ela. Sou o rei da breguise também, graças ao que sinto por ela. Que se dane! Sou o rei do sexo e da felicidade também. Então, está tudo certo.

Minha vingança está preparada. Não me olhem assim, vocês fanáticas no Sebastian, o bastardo merece uma vingança. Agora, além de tremer, as pessoas fingem chorar quando me veem. Ele me paga por isso. A parte mais difícil do meu plano brilhante, foi convencer Samarão a invadir a casa de Celina. Até o traveco tem medo da louca da Celina, mas por fim, com muito custo e muito dinheiro, a(o) convenci. (Não usei meu charme, sua mente maldosa. Não jogo charme em um traveco, ok?) Acontece que ele não vai invadir a casa de Celina sozinho(a), vai levar um monte de amiguinhas. Isso mesmo! Sebastian terá esta noite, uma festa particular regada a travecos, de todos os tamanhos, estaturas e cores. Um verdadeiro banquete para meu amigo imbecil.

Quando estou voltando para meu apartamento, após fechar tudo com Samarão, recebo uma mensagem no celular. É uma foto. Uma coisinha muito pequena, enrolada em uma manta rosa e com olhos arregalados, quase me faz bater o carro. Uma coisa estranha acontece. Meu coração pula como um doido, minhas penas tremem e meus olhos enchem. É ela, minha afilhada, meu pequeno anjo. Abaixo da foto, há apenas a frase.

“Nada realmente perfeito é exatamente como planejamos.”

Uma semana antecipada. Graças a Deus ela nasceu a tarde e não serei o culpado por isso. Suzana também recebeu uma mensagem igual, pois quando estaciono o carro, ela já pula dentro dele.

— Vamos logo, quero vê-la.

Nunca tirei tanta foto na vida, como tiro da pequena Nath, tão linda, tão perfeita. Principalmente quando Suzana a pega. A bebê fica um bom tempo olhando Suzana com seus olhinhos verdes escuros, e Suzana fica tão perfeita ali, com ela nos braços, que consigo imaginá-la segurando uma menininha moreninha, com cabelos mais negros e mais revoltos, e seu sorriso maravilhoso. Devo estar olhando —a como um bobo, porque Sebastian acerta minha cabeça com um tapa.

— Acorda homem. Vá fazer uma para você e pare de imaginar a minha saindo do seu pau.

— Ainda não estou falando com você, estúpido. — Então me viro para Celina — Como está, minha querida diva?

— Exausta. Descabelada. Fui rasgada em um lugar onde nunca imaginei que uma faca fosse passar perto, e tem leite escorrendo pelo meu corpo. Mas, acho que nunca estive tão feliz.

— Posso imaginar. E você está linda, mamãe.

— Cleber, você é um adorável mentiroso.

— É o que dizem.

Então volto o olhar para Suzana, minha linda Suzana, com Nath nos braços, babando emocionada nessa coisa pequena.

— Você vai ser uma mãe tão linda — digo e ela arregala os olhos.

— Linda e velha, porque isso não vai acontecer agora.

— Talvez seus remédios sumam do armário do banheiro — brinco.

— Talvez você fique sem sexo se isso acontecer.

— Ok, nada de sumir os remédios, entendi.

— Cleber, adoro seus micos, sério mesmo. Eles o tornam um verdadeiro submisso.

Sebastian dá uma gargalhada e retruco irritado:

— Vou te mostrar o submisso na cama essa noite, sua atrevida!

Passamos o começo da noite ali, ouvindo Celina contar sobre o parto. De vez em quando, um enfermeiro vem vê-la e estranhamente todos parecem ter medo dela. Também recebe a visita do tal açougueiro. O homem gigante e tatuado não deveria ser médico, ele olha duas vezes para Suzana com um sorriso idiota, que como um ex—idiota, reconheço esses sorrisinhos como um claro: *eu comeria você*. Então trato de ficar ao lado dela, e dobro a manga da camisa ressaltando meus músculos para que ele veja que se cairmos na porrada, posso machucá-lo também. Por fim ele se vai, mas vejo a atrevida da minha mulher soltar a respiração quando ele faz isso e belisco sua bunda.

— Você vai apanhar hoje, sua devassa.

— Estou ansiosa por isso, bonito.

De repente, Sebastian recebe uma ligação e me chama em um canto.

— Preciso sair sem que Celina perceba, há algum movimento estranho na minha casa, preciso ir

ver o que é. Será que podem ficar mais uma hora?

— Vá homem. Eu cuido das suas mulheres.

— Cuide delas de longe.

— Minha mulher está aqui também caso não tenha notado. Vou tocar somente nela. Quero distância do peito espirrando leite da Celina.

Ele sorri.

— Que bom, porque eu vou mamar muito nele.

— Que nojo! — digo e ele se vai.

Ligamos para Matheus e uma Gilcelle histérica grita meia hora por ter perdido o parto. Estão vindo embora, para conhecer Nath. A hora que Sebastian pediu passa e Celina começa a desconfiar.

— Onde está o Sebastian

— No banheiro — minto.

— Há uma hora?

— Ele acabou de vê-la parindo, mulher. Deve estar vomitando as tripas agora que tudo passou.

Ela faz uma careta de dúvida, mas aceita. Então meu celular toca. Saio do quarto ao receber um olhar irritado das duas por ter acordado Nath, e corro antes que Celina arremesse o que quer que esteja ao seu alcance na minha cabeça, atendo no corredor.

— Cleber, seu imbecil! Por que tem um bando de travestis na minha casa?

Merda. Os travecos, esqueci de cancelar.

— Surpresa. Aproveite bem a noite.

— Idiota! Você me paga por isso!

— Sebastian! — digo e ele se cala — Sorria, você está sendo filmado. — Então encerro a chamada.

O próximo rei do Youtube, querido amigo, será você.

Volto para o quarto e Nath está mamando (de novo) parece que ela só faz isso. E então Celina olha a hora no celular. A segunda hora está passando.

— Onde está o maldito do Sebastian? — pergunta irritada.

Olho para Suzana, olho para Celina e sorrio.

— O que você fez, Cleber? — pergunta Suzana receosa.

— Eu? Nada. Sebastian está com visitas, Celina.

— Que tipo de visitas?

— Do tipo grandes, peludas e com seios.

Ela faz uma careta.

— Ele não é chegado a travestis, não é?

— Não que eu saiba.

Então ela sorri.

— Que bom. Então vamos deixar que ele se divirta.

Quando acho que tudo ficará na mais absoluta paz, ela diz:

— Mas, se Sebastian não vai passar a noite aqui para ninar Nath, você vai. E não faça essa cara, você é o responsável por ele estar ocupado, vai substituí-lo. Comece agora mesmo, Nath precisa ser trocada.

Ah merda! Celina é pior do que um bando de travestis.

Suzana abre os olhos enquanto a observo dormir de madrugada.

— Oi — diz sonolenta.

— Oi.

— Ainda com essa mania de me ver dormir?

— Sempre.

Ela sorri e volta a fechar os olhos.

— Você está longe demais — sussurra.

Deito em seu travesseiro e a puxo para meu peito.

— Assim está bom?

— Muito melhor.

— Eu te amo, minha adorável safadinha.

— Também te amo meu amado chantagista. Ainda bem que tudo deu certo no final.

Acaricio seu cabelo até ela dormir de novo e sorrio. Porra! Não sei o que fiz para merecer tanta felicidade, mas isso é bom demais!

— Ainda não é o final, amor. Não será enquanto você não assinar meu sobrenome. Só vou sossegar quando você for minha, legalmente minha, para todo o sempre.

Epílogo — Um ano depois

Cleber

Após dois meses, está tudo pronto. Restaurante reservado, músicos e dançarinos contratados, aliança bem guardada e lustrada e meu coração quase tendo um troço. Vou pedir Suzana Leal em casamento.

Sebastian reuniu todos os conhecidos em uma festa surpresa e depois se ajoelhou aos pés de Celina diante de toda a empresa nas duas vezes em que a pediu em casamento. Preciso superá-lo. Por isso fiquei dois meses planejando tudo.

— Tudo certo, toca aqui Nath. — A pequena corre até mim e acerta a mão na minha — Agora vou dar um banho em você e levá-la para sua casa.

Para desespero de Sebastian e Celina, a bebê começou a andar aos dez meses, agora, com um ano, quase nunca anda, ela corre. Nathalia avista a aliança na palma da minha mão esquerda e a pega. Sorri admirada olhando o brilho das pequenas pedras que a adornam. Então, antes que eu possa impedir, coloca a aliança na boca. Quase tenho um treco e imediatamente retiro a aliança e lhe dou uma bronca:

— Nathalia! Não pode colocar objetos na boca!

Ela fecha a carinha e rosna.

Celina sempre apela e arremessa algo em mim quando digo que a pequena rosna, mas quando é contrariada, Nath emite um grunhido semelhante a um rosnado. Celina chama isso de resmungar, mas todos sabemos que é um rosnado, que ela emite como advertência, pouco antes de atirar algo em alguém. Sim, Nathalia é brava. Uma perfeita mini—Celina, como eu disse que ela seria. Mas é extremamente amorosa, e uma traíra. Essa garotinha passa muito tempo comigo, me chama de Kebi e é apaixonada pelo Matheus. Sério mesmo, ela não pode vê-lo, que sorri como uma boba, vive abraçada a ele e nunca arremessa nada quando ele está por perto. Mas isso vai durar pouco tempo, estou enchendo—a de presentes, e logo serei o tio preferido. Suzana diz que estou tentando comprar a menina, e respondo que espero que dê certo.

Após rosnar para mim, ela arremessa um ursinho de pelúcia na minha cara. Finjo chorar e ela corre até mim e me abraça. Depositando beijos babados no meu rosto. A pego de repente, o que faz com que ela grite em gargalhadas e a seguro de frente para mim.

— Vamos princesa, deseje boa sorte ao titio.

Minha ferinha sorri e beija a ponta do meu nariz, no que ela chama de desejar sorte.

— Vamos tomar banho, pequena babona, porque essa noite você será meu chaveirinho da sorte.

Deixei uma mensagem para Suzana e ela já deveria ter chegado, mas até agora nada. Já liguei três vezes e nada de ela atender. Estou em pânico. Avisto na mesa ao lado, Matheus e Sebastian rindo da minha cara. Idiotas. Eles estão escondidos, para que Suzana não os reconheça de imediato. Na verdade, primeiro pedi que não viessem, mas as bruxas da Celina e da Gilcelle fizeram questão de assistir meu momento de força, e então estão todos aqui escondidos. Isso tem mesmo que dar certo, porque porra, deu trabalho demais!

Finalmente avisto sua cabeleira negra e minha bruxinha aparece usando o vestido que deixei para ela. Ele é dourado, com pequenas pedras e colado ao seu corpo maravilhoso. Ela está deliciosa. Faço com que se sente, e tudo está tão normal, que ela nem desconfia. Conversamos amenidades

enquanto fazemos o pedido. E então faço o sinal. Levanto o pulso exageradamente e mexo no relógio. Imediatamente, a luz do restaurante se apaga.

— O que houve? — pergunta Suzana assustada.

— Não faço ideia — digo, mas aperto sua mão por cima da mesa para que ela não fique com medo.

Logo, uma música começa a tocar no piano, *Fogo*, do Capital Inicial. A luz se acende aos poucos e não há mais ninguém sentado. Ela olha em volta, procurando as pessoas, todos estão em pé, e quando uma voz maravilhosa começa os primeiros versos, a luz se acende o bastante para que ela perceba o que está acontecendo. As pessoas, que conversavam sem parar, se calam de repente. E então, começam a dançar, em harmonia, todas com os mesmos movimentos. Um perfeito Flash Mob.

“Você é tão acostumada a sempre ter razão.

Você é tão articulada, quando fala não pede atenção.

O poder de dominar é tentador, eu já não sinto nada, sou todo torpor.”

Suzana arregala os olhos olhando para todos os lados, vendo a coreografia. Está virada para trás, quando a maravilhosa voz feminina é substituída por uma voz masculina, nem tão maravilhosa assim, mas completamente apaixonada.

“É tão certo, quanto o calor do fogo.

É tão certo, quanto o calor do fogo.

Eu já não tenho escolha, participo do seu jogo, eu participo...”

Ela me olha de boca aberta ao perceber o microfone em minha mão. Sei que isso vai acabar em mais um vídeo no Youtube, mas por essa mulher, eu faço qualquer sacrifício.

“Não consigo dizer se é bom ou mau.

Assim como o ar me parece vital.

Onde quer que eu vá, o que quer que eu faça,

Sem você não tem graça.”

A música continua apenas no piano, quando tento dizer o que ensaiei dizer:

—¹ Você chegou como um furacão na minha vida, levando tudo que era meu com você. Isso assustou o inferno fora de mim. Era para você ser só mais uma aventura passageira pela minha cama, mas seu jeito atrevido e a maneira como você me esnobou me deixaram louco, completamente louco para ter seu delicioso corpo suado embaixo de mim. Nunca senti algo tão forte assim. Se isso é amor, por favor, me sirva doses intermináveis. É fascinante olhar seus olhos conectados aos meus, enquanto fazemos amor loucamente, até que nossos corpos fiquem esgotados pelo prazer e pela paixão.

Então, enquanto a vejo ali, olhando fixamente para mim, emocionada, de boca aberta, sem acreditar que estou mesmo fazendo isso, as palavras fogem. Não consigo pensar em nada, além de um monte de “eu te amo”, mas dessa vez, preciso dizer mais do que isso, preciso que ela tenha ao menos uma vaga noção do quanto a amo, cada dia mais. O pianista diminui o volume ao tocar a música, todos estão em pé à nossa volta, nos olhando, não há palavras. Essa é a verdade. Me viro para trás, e como combinado, ali está Celina, segurando uma almofada. E nela está o anel, que representa muito mais do que um compromisso, representa a minha vida, que estou entregando a ela. Apalpo a

almofada e nem sinal do anel. Apalpo direito, com mais força, e nada. Tiro a almofada da mão de Celina e a giro, não há anel.

— Onde está?

Ela também parece desesperada e olha para o chão, procurando a aliança.

— Juro que estava aqui agora mesmo.

— Você a deixou cair! — acuso.

— Não grite com ela! — diz Sebastian aproximando—se com Nath no colo. — Vamos achar.

A música para, a luz se acende completamente, e um mutirão de pessoas começa a procurar a aliança perdida no chão. Me viro para Suzana desesperado.

— Amor, espera um pouco, não se mexa, vou encontrar essa aliança.

Ela apenas assente com a cabeça e sorri, enquanto lágrimas escorrem por seus olhos. Abaixo—me no chão e procuramos, procuramos, até que olho para cima, para Sebastian, com a pequena nos braços. E ela está olhando para o chão, e seus lábios formam um bico

— Sua bruxinha — digo e tiro Nathalia com cuidado dos braços de Sebastian. — Vamos Nath, abra a boca para o titio.

Ela nega com a cabeça.

— Vamos querida, preciso dar esse anel para a tia Sue, isso não é de comer.

Celina se levanta em pânico.

— O que o faz pensar que a aliança está na boca dela?

— Ela meio que gosta de mastigar essa aliança. Vamos princesa do titio, abra a boca e te dou uma porquinha horrorosa igual a Pepa.

Ela parece considerar, mas depois nega com a cabeça. Sebastian se aproxima e tenta enfiar o dedo em sua boca.

— Filha, abre a boca para o papai.

Ela fecha a boca e aperta os dentinhos, e não permite que ele consiga. Não tenho outra saída. Coloco a pequena em uma mesa, apoiada a mim e me preparo.

— Cleber Dantas, se minha filha engolir esse anel eu juro que assim que o médico tirá-lo dela, vou enfiá-lo em você pelo rabo! — ameaça Celina.

— A culpa disso é sua! — digo — Por que ficou com a almofada perto dela?

— Como eu ia imaginar que ela ia pegá-la e colocar na boca?

— Então não se meta — digo e ataco.

Faço cócegas em Nathalia, imediatamente ela ri, e com cuidado para que ela não engula, Sebastian enfia o dedo em sua boquinha e tira a aliança.

— Nathalia! — ele grita — Não pode colocar objetos na boca! Isso aqui é caro, se você engolisse ia ficar sem sua Pepa por uma semana!

A pequena faz uma careta e rosna. E logo, Matheus a pega e Sebastian me entrega meu anel. Todo babado. Então me aproximo de Suzana de novo.

— Amor. — Mas, sou obrigado a parar. — A música!

O pianista volta a tocar nossa música e continuo.

— Deu tudo errado. Este será mais um recorde de visualizações do Youtube. Então, só me resta implorar que você diga sim, porque se no final der certo, todos vão achar muito bonito tudo isto.

Ela sorri, a lágrimas continuam caindo, e fica ali parada, olhando para mim. Como o bom cavalheiro que sou, me ajoelho diante dela e estendo o anel babado.

— Suzana Leal, com esse anel abençoado pela baba da nossa sobrinha, quero dizer que a amo muito mais do que o amor é capaz de suportar. Que a quero muito além do que o querer pode ser

medido. A desejo mais do que compreende o desejo. Seja minha, adorável safadinha, seja minha por completo. Seja minha no papel, diante de Deus, de todas as pessoas, seja minha para sempre. Case-se comigo.

— Sim — ela sussurra. — Sim, meu amado chantagista, sou sua. Quero ser sua para sempre.

Eu a puxo e a beijo, e todos aplaudem. Nath também grita além de aplaudir, com suas gargalhadas estridentes. Amo essa mulher. E sei que seremos imensamente felizes, para todo o sempre.

— Parabéns Cleber, você acabou de nos dar o vídeo do ano — diz Gilcelle com os olhos cheios e o celular apontado para o meu rosto.

— Que seja. Que tenha milhões de visualizações, e que o mundo todo saiba que eu amo essa mulher.

E assim jantamos todos juntos, e rimos todos, quando Nath morde o dedo de Suzana, tentando comer o anel.

Um mês depois

Suzana

Estamos aqui reunidos, em um imenso jardim, em uma tarde de sábado, em que o sol brilha tanto, e tudo parece tão perfeito, que mal posso acreditar. Sim, Cleber me deu um mês para planejar um casamento, e não teria conseguido sem a ajuda de Celina e Gilcelle. Cleber é, sem dúvida, a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Imagine você, que quando fui pegar meu buquê, havia um bilhete dele nele:

¹ Sua boca nervosa e inteligente me leva à loucura. Seu corpo perfeito me incita ao pecado. Fico fora da minha mente com seu mel escorrendo em minha boca. Minha safadinha, você agora está em meus braços, seus longos cabelos pretos enrolados em minha mão. Sou seu dominador. Você se desfaz em meus braços quando te beijo. Seus gemidos me levam ao paraíso, sinto o calor entre suas pernas me envolver e me prender. Você me ordenha com maestria. Nada jamais se comparou a você. Amo você minha Diabinha. Minha Suzana.

Eu o amo tanto, cada dia mais.

Ok. Estou pulando etapas, tudo aconteceu esta manhã. Eu estava ocupada em meu dia de noiva, sendo mimada e bem tratada por uma equipe supercompetente, quando senti falta do meu futuro marido. Assim, como quem não quer nada, disse que ia ao banheiro, e dei a volta pela casa de Celina, procurando avistá-lo, eu sabia que ele estava por ali com Sebastian e Matheus. Avistei Sebastian e Matheus bebendo e conversando, enquanto a pequena Nath dormia no colo de Matheus, e nada de Cleber. Rodei a casa enorme a procura dele, até que vi minha mãe. Ela veio cedo para ajudar nos preparativos, mais ainda não havíamos nos falado. Aproximou—se de mim com um sorriso que nunca havia visto nela.

— Você conseguiu. Está se casando. Tenho orgulho de você, Suzana.

— Espero que esse orgulho não tenha nada a ver com o fato de meu futuro marido ser padre de rico.

Seu sorriso desvaneceu um pouco e me arrependi por ter sido tão cruel, preciso dar uma chance de superarmos todas as mágoas.

— Não tem. Embora ache isso ótimo, pois assim seu futuro está garantido, mas estou orgulhosa da mulher que você é. Já te disse isso. Você será muito feliz minha filha, esse homem a ama loucamente.

— Eu sei. Também o amo assim.

Ela assentiu.

— Que bom que algumas paixões dão certo no final.

— Isso acontece normalmente quando não desistimos delas — respondi.

Após falar com minha mãe, voltei a procurar Cleber, então uma coisa me ocorreu. Se minha mãe chegou mais cedo, minha tia provavelmente veio com ela.

Cleber estava em perigo.

Corri feito uma louca, procurando por ele, e se não estava em nenhum cômodo da casa a que eu tive acesso, só poderia estar em um cômodo a que eu não tive acesso. Banheiros. Corri para o andar de cima, revirei todos os banheiros, e quando entrei no quarto de Celina e Sebastian, ouvi sua voz.

— Suzana! Socorro! Velha maluca!

— Cleber! — gritei de volta batendo na porta do lado de fora.

— Amor! Socorro! Tire-me daqui!

— Onde está a chave?

— Se eu soubesse não estaria preso com essa velha maluca!

— Só um minuto Suzana, só mais um minuto — gritou minha tia. — Faça uma velha feliz.

— Tia, se a senhora encostar qualquer parte do seu corpo sequer próximo ao pau dele, vou arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça.

— Não adianta ameaçar, peça ao Sebastian a chave. Tire-me daqui.

Desci correndo a escada, e nem disse nada, puxei Sebastian pela mão até o andar de cima. Ao ouvir os gritos, sons de coisa quebrando, e berros de Cleber por socorro, Sebastian imediatamente caiu na gargalhada.

— Sebastian! Dá para ser um bom amigo pelo menos uma vez e abrir a merda desta porta?

— Claro, claro.

Ele tirou uma chave de um criado mudo e então, quando achei que fosse abrir a porta, saiu correndo.

— Onde você vai?

— Já volto.

— Já estamos indo, amor! — gritei para acalmar Cleber.

Pouco depois, Sebastian retornou e adivinhem o que ele foi buscar? A merda do celular.

— Inacreditável — reclamei.

— Brigue depois, querida Suzana, agora, preciso de um vídeo novo para o canal do meu futuro marido.

Ele ligou a câmera e abriu lentamente a porta. Mal ele tocou o trinco, Cleber a abriu por dentro e saiu correndo, nu, pelo quarto, se enfiando dentro no closet.

— Amor, saia daí, estou aqui — tentei.

— A velha ainda está aí? — ele perguntou.

— Ela não vai chegar perto de você.

— Não vou sair.

Sebastian gargalhava com a câmera apontada para a porta do closet fechada. Quando de repente, tive uma ideia.

— Olha titia, sei que Cleber é maravilhoso, mas os três são. Os três donos da V.D.A., os três estúpidos. Um mais lindo que o outro. Te apresento Sebastian Vaughn, o estúpido número um.

Sebastian arregalou os olhos e tia Violeta varreu todo seu corpo em menos de um segundo, e como imaginei, ela o empurrou para dentro do banheiro e ele desesperado, começou a pedir socorro.

— Venha Cleber — disse batendo na porta. — Precisa filmar isto.

Assim, eles entraram em um acordo de apagarem os dois vídeos e meu futuro marido foi salvo de ser novamente o rei do Youtube.

— Eu te amo, mulher — ele me disse quando tudo se resolveu.

— Eu sei, querido. Eu sei.

Fazemos nossas juras, nossos votos. Amo a forma como ele me olha parecendo bobo, e abre a boca admirado, ele faz isso durante toda a cerimônia, fica me admirando. Quando nos beijamos, ele sussurra:

— Nunca a vi tão linda, minha safadinha.

— Não diga essa palavra no altar, amor.

— Você é uma visão e tanto Suzana, porra, como eu tenho sorte!

— Não diga palavrão no altar, amor.

— Desculpe.

Quando a cerimônia acaba, a noite já está caindo, Cleber me conduz até o centro da pista de dança para valsarmos. Dançamos colados ao som de Sonhos, da Khorus, tocada no saxofone, também não consigo parar de olhá—lo. Vocês sabem o quanto este homem é lindo, mas vestido de noivo, é um arraso, minhas pernas tremem, meu coração bate feito um louco e parece que há algo tão bom dentro de mim, crescendo cada vez mais, que vai explodir a qualquer momento.

— Eu te amo — digo pela milésima vez.

— Então prove isto não permitindo que sua tia dance comigo.

Sorrio.

— Prometo que ela não chegará perto de você.

Quando a dança acaba, ele me beija, e beija e os convidados aplaudem, ovacionam e espero que se juntem a nós, mas ficam todos à distância. Estranho. É aí que eles entram.

Bailarinos da Bolshoi Ballet Academy, uma das companhias de balé mais famosas do mundo. *You and me* do Lifehouse começa a tocar e os bailarinos que mais admiro no mundo, estão dançando para mim, e para Cleber, no nosso casamento. Não posso acreditar. As lágrimas saem dos meus olhos como duas torneiras abertas, me recosto nele, que me ampara, pois minhas pernas tremem. Não posso acreditar que ele conseguiu isso, não posso imaginar como ele conseguiu, mas eu o amo ainda mais, e achei que isso não fosse possível. Quando a apresentação acaba, aplaudo emocionada. Olho para o homem ao meu lado, esse que amo mais do que a mim mesma:

— Como você conseguiu isso?

Ele acaricia meu rosto gentilmente.

— Amor, não há nada no mundo que eu não conseguiria por você.

— Eu te amo pra caralho, Cleber Dantas.

Ele sorri e encosta a testa na minha.

— Eu te amo ainda mais, minha adorável safadinha.

BÔNUS — TRÊS ESTÚPIDOS E UM BEBÊ

O primeiro natal de Nath

Dezembro de 2014, minha pequena está com três meses. Ela não fica quieta e sorri o tempo todo, o que me tranquiliza, não puxou o péssimo humor da mãe. Também, só fica no colo, mas isso é culpa dos quatro tios babões. Meus amigos simplesmente estragam essa menina. Não que eu esteja reclamando, desde que o resguardo acabou, a deixamos ao menos uma noite na semana na casa de um deles. Matheus precisa treinar, urgentemente, e o Cleber, bom, ele tem que ter trabalho com alguma coisa.

O natal está se aproximando, e como é nosso primeiro morando juntos, Celina resolveu fazer uma ceia. O que é péssimo, já que ela não sabe cozinhar. Por isso, pedi ajuda a Gilcelle, cozinheira nata. E hoje, as duas sairão com a Suzana para comprarem os perus.

— Não sei não, não sei se posso deixá-la com você — diz Celina pela milésima vez.

Faço minha melhor cara de seguro e uma careta de descontentamento.

— Sei cuidar de nossa filha, Celina. E não darei banho nela sem você por perto. Além do mais, o Matheus e o Cleber estarão comigo.

— Isso não é garantia de nada — diz Gilcelle.

— Gil, se não vai ajudar, fique calada.

— Não fale assim com ela, idiota — ralha Matheus.

— Celina — Cleber intervém. — Ela estará conosco. Você sabe que tenho mais cuidado com ela do que você, então, fique tranquila.

Ela faz uma careta, Cleber realmente leva jeito com crianças. Cuida muito bem da Nath.

— Tudo bem — concorda, mas olha para mim com o dedo em riste e aquela expressão assassina.

— Se algo acontecer à nossa filha, vai acontecer muito pior ao Sebs.

— Você não prejudicaria seu melhor amigo — provoco.

— Ah sim, pode ter certeza. Por mais que o ame, amo mais a minha filha.

Coloco a mão no coração e engasgo exageradamente.

— Porra! Agora você acabou comigo! Vá logo, sua megera. Nada vai acontecer à Nath, está comigo, está com Deus.

Ela dá um beijo na pequena antes de sair rebolando e some com as mulheres;

— Finalmente — Cleber diz correndo até a geladeira e voltando em seguida com seis latinhas debaixo dos braços.

— Não vou tomar isso, estava em contato com seu sovaco — nega Matheus quando ele a estende uma.

— Vá à merda, homem. Então fique aí assistindo.

Ele me estende uma, e a abro depressa.

— Sebastian, você está de babá hoje, na deveria beber — diz Matheus.

— Ah, qual é? Você está aqui e vai ficar sóbrio, além do mais, uma cervejinha de nada, não vou ficar bêbado — garanto.

Ele revira os olhos e liga a TV, no próprio aparelho.

— Por que nunca usa o controle remoto? — questiono.

— Porque você o usa. E você coça o saco. Não quero nenhum contato com germes do Sebs.

— Idiota! — acuso.

A pequena dorme tranquila em seu bebê conforto, o jogo da final do mundial vai começar, meus amigos estão aqui, e tenho uma tarde de folga da Celina. Hora de relaxar.

Até a merda da cerveja acabar.

— Cleber, vá comprar mais.

Estamos no intervalo do jogo e temos 15 minutos. Ele se levanta cambaleando.

— Você vai matá-lo se o fizer dirigir como está. Vá você — diz Matheus,

— Não estou muito melhor do que ele. Vá você então — respondo.

— Não toco em cervejas de boteco.

— Peça para o vendedor colocar na sacola.

— Não toco em sacolas de boteco.

— Você toca na xoxota da Gilcelle?

— Ela é mais limpa do que sua cara.

— Imbecil. Vamos todos, você dirige.

Saio atrás de Cleber e espero por Matheus, mas ele não aparece. Então volto para dentro da casa irritado.

— Vamos logo, caralho.

Ele está parado no meio da sala de braços cruzados.

— Não está esquecendo nada, estúpido? — Então aponta para baixo e ali, com olhos verdes arregalados, está minha filha.

— Céus! Ia deixando minha cria para trás. A Celina ia comer minhas bolas na ceia.

Aproximo-me dela, mas Matheus a pega primeiro.

— Não vai tocá-la com esse cheiro de cerveja. Eu a levo para o carro.

Ele carrega o bebê conforto até o carro.

— Se ia levá-la, por que não fez isso antes?

Vou atrás com minha pequena e Matheus encosta o carro em frente a uma padaria.

— Andem logo, vocês dois.

Saímos do carro, Cleber e eu, e entramos na padaria, mas nem dois minutos depois, recebo um SMS de Matheus.

“Nath está podre. Tragam uma fralda.”

— Vixe! A pequena defecou — digo e pego um pacote de fraldas, enquanto Cleber pega as cervejas.

Entrego a fralda a Matheus que faz uma careta,

— Não vou trocá-la em um carro. Faço isso em casa, porque há muita água perto para lavar as mãos, mas de jeito nenhum tocarei meu volante com as mãos sujas de bosta. Troque você.

— Eu não levo jeito com fraldas. Semana passada, preendi a fita na barriga dela e ela gritou quando tentei tirar. Celina apareceu e tive que dizer que ela estava ouvindo coisas.

— Ela caiu nessa? — pergunta Cleber tirando a pequena do bebê conforto.

— Não, mas achou engraçado minha insistência e cara de pau em tentar convencê-la de que estava louca, então não me matou.

Cleber olha para o banco e faz uma careta ao perguntar:

— Isso são pelos?

— Droga! — Matheus diz batendo no volante — Sim, longa história. Entrem, vamos ao shopping, é perto e o Cleber pode ir com ela ao trocador.

Entramos no carro e Matheus nos leva até o shopping.

Se três homens como nós andando em um local público, chamam a atenção, imagina se um deles

tem um bebê lindo nos braços. Sim, todas as mulheres nos olham. Imagina se esse bebê está cagado e fedendo. Sim, todos os homens nos olham também. O fraldário, embora familiar, é cheio de mulheres, é claro. Paramos os três, de frente ao trocador e Cleber assume a responsabilidade.

— Você me deve dois engradados por isso, filho da mãe — diz.

— Cale a boca e a troque. Você não enche a boca para dizer que cuida melhor dela do que a Celina?

Ele a troca rapidamente, e quando achamos que está tudo bem, Cleber a levanta. E ali, na bunda de seu macacão lilás, há uma mancha amarela.

— Bosta! — reclamo.

— Estou vendo — Matheus diz com um sorriso.

— Mas, de que adianta trocar a fralda se a bosta continua na bunda dela? — reclamo.

— Pelo menos agora está do lado de fora. Vamos achar uma loja de bebês e comprar uma roupa nova — diz Cleber contrariado.

— E abre a boca para dizer que cuida melhor do que a mãe — zomba Matheus recebendo um tapa na cabeça.

— Toma, Matheus, segura. — Cleber finge jogar a pequena para ele, já que está cagada e uma mulher que estava entrando com um bebê quase desmaia.

— Homens! Não sei por que tentam — ela resmunga.

— Não finja arremessar minha filha de novo, seu imbecil.

— Então a pegue. Amo essa pequena, mas não vou sair por aí com ela e essa mancha amarela na bunda.

— Venha para o papai, pequena. Esse tio bundão que nem sabe trocar uma fralda sem sujar sua roupa.

— Pelo menos eu não arranco a pele da criança — ele retruca e dessa vez é ele quem leva um tapa na cabeça.

— Fiz por você — diz Matheus.

— Obrigado.

Achamos uma loja de roupas e assim que entramos, várias vendedoras se aproximam.

— Ai que linda!

— É sua?

— Você é casado?

— Eles são casados?

— Ela é a sua cara!

— Se separou da mãe?

— Ele só precisa de uma roupa. A bebê sujou a dela — diz Matheus cortando as mulheres legais que nos atendem.

— Claro! Do que essa pequena precisa? Temos macacões, body, vestidos, calças, shorts...

— Qualquer coisa bonitinha que cubra sua fralda.

— E suas pernas — completa Cleber. — Está ventando.

Ela assente e escolhe uma roupa de joaninha. Uma boina, uma calça e uma blusa de frio, vermelhas, e a calça e a boina, com bolinhas pretas.

— Vai ser isso. Vocês também trocam os bebês? — tento.

— Ah, normalmente não. Mas, posso trocar se quiser.

— Por favor. — A mulher pega a pequena e senta-se em uma poltrona e observamos fascinados ela tocar Nath nas pernas, sem derrubá-la e sem parecer ter dificuldade.

— Uau! Ela é ninja! — diz Matheus espantado.

Ela me devolve minha pequena limpa e vestida, joga a roupa velha numa sacola e a joga em Matheus, que grita e saltita pela loja, fazendo algumas vendedoras murcharem seus semblantes sedutores. E então vejo em um telão na área de alimentação do shopping que o segundo tempo do jogo começou e claro, iremos assisti-lo.

— Algo me diz que isso não vai dar certo.

— Cale a boca, Matheus, só vamos assistir ao segundo tempo e vamos embora.

Cleber e eu pedimos um chope e gritamos com os outros. E pouco tempo depois, Matheus está gritando também, nervoso com o juiz. Finalmente meu time faz um gol, gritamos como loucos, até me lembrar que Nath está por perto então bato nos dois.

— Não gritem assim, vão assustar minha pequena.

Olho para o bebê conforto para me certificar de que ela está bem, quando vejo que não há bebê conforto. Olho para a tela e para o chão, onde ele deveria estar, e continua não havendo bebê confronto.

— Ah merda, merda, merda.

— Seu time está ganhado, por que está reclamando? — diz Cleber focado na tela.

Levanto-me e confiro os colos dos dois, das pessoas à nossa volta.

— Ela sumiu. A Nath sumiu,

Os dois olham para o chão, olham para a tela, e olham para o chão de novo.

— Merda! — dizem e se levantam.

Rodamos a praça de alimentação. Perguntamos a todo mundo, mas ninguém a viu. Chamo os seguranças do shopping e explico a situação. Os olhares de reprimenda deles não me ajudam a me sentir melhor.

Minha filha.

Minhas bolas.

Estou ferrado.

— Vou ligar para a polícia — digo.

— Ligue para a polícia, para o FBI, para a NASA, temos que achar essa menina! — diz Cleber.

Estamos desesperados, Matheus sai parando todos os bebês que encontra, Cleber corre até a entrada do andar que estamos, mostro a foto da pequena em meu celular a todo mundo, mas ninguém a viu.

— Meu Deus! Se minha filha aparecer depressa e bem, eu juro ir à missa todos os domingos. Eu juro não assistir futebol por um ano. Eu juro não tocar na Celina por um mês.

— Pare de fazer promessas que não vai cumprir. Ligue para a Celina.

— Matheus, ficou maluco? Isso seria o mesmo que assinar minha sentença de morte.

— Você será morto de qualquer maneira. É melhor ligar.

— Não vou ligar. Eu disse que sabia cuidar dela.

— E não sabe.

— A culpa é do Cleber! Ele que inventou de tomarmos cerveja. Se não estivéssemos bebendo, ela não teria acabado, não teríamos ido comprar mais, a Nath não teria cagado e não chegaríamos ao shopping e não...

— A culpa não é minha. Os minutos em que ela esteve em meus braços, estava bem e babando. No segundo que a deixo com você, ela some. Estava em um bebê conforto! Como não a viu sumir? — acusa Cleber.

— O bebê conforto não passou voando sobre minha cabeça!

— Alguém o pegou. — Matheus constata o que rondava minha mente e eu não queria assumir.

— Sequestro. Minha filha. Nãoooooo. — Abraço Matheus e caio no choro.

A polícia não chega, reviro de novo o shopping, me sinto sem forças e desesperado. Pego o celular mais de dez vezes, mas não tenho coragem de ligar para Celina. A noite cai, nenhuma notícia da minha filha. Decido que essa não é uma notícia que eu possa dar por telefone. Volto para casa derrotado. Penso em um milhão de formas de contar isso a ela.

— Talvez eu possa dizer que ela foi passar a semana na casa de algum conhecido.

— De quem? Se todos que ela tem estão na sua casa.

— Não me desanime, Cleber. Preciso sobreviver para achar minha filha.

— Talvez você possa dizer que fomos assaltados — diz Cleber. — Isso! Vamos dar um sumiço no carro, rasgamos nossas roupas, chegamos desesperados e dizemos que ela foi sequestrada.

— Primeiro — Matheus interrompe nosso plano brilhante. — Não vão dar sumiço algum no meu carro. Segundo, isso a mataria antes mesmo da polícia achar a Nathalia. Terceiro, isso não salvaria sua vida, ela vai dizer que você deveria ter tomado um tiro, mas a Nath tinha que estar bem.

— Que merda, Matheus. Por que você não pode mentir para me fazer sentir bem?

— Não sou seu amigo para te deixar iludido. Você está morto. Aceite.

— Ele não está tranquilo demais com tudo isso? — percebo que Matheus está tranquilo demais, o desespero dele acabou assim que entramos no carro.

— Não estou tranquilo, não fui eu quem perdeu a filha e graças a Deus não moro com a Celina, então sei que vou sobreviver.

— Minha filha sumiu. Ela pode ter sido pega por uma quadrilha de traficantes de órgãos.

— Pois é, pensasse isso antes de deixar um bebê de três meses em um bebê conforto no chão de um shopping lotado.

— Por que não usou toda a sua inteligência para me dizer isso antes de tudo acontecer?

— Porque você é o pai dela. Deveria pensar nisso sozinho.

— Merda!

Abaixo a cabeça nas mãos, fecho os olhos, e tento de novo.

— Deus, eu sei que não tenho sido exatamente um exemplo. Mas, perdoe-me por cada moeda que roubei das ofertas, quando era pequeno. Eu não sabia o que estava fazendo. Perdoe-me por ter invadido um convento e assustado uma freira. Eu fui coagido a isso. Perdoe-me por ficar excitado com a professora da catequese, eu era um adolescente hormonalmente descontrolado. Te peço, Deus, que minha filha esteja bem. Mesmo que a Celina me mate, mesmo que eu seja um homem sem bolas, só a traga de volta. Bem.

Cleber dá dois tapas no meu ombro.

— Seja mais convincente. Deus não vai sentir pena assim. Prometa algo grande — incentiva Cleber.

— Já prometi um monte de coisa.

— E não serviram para achar sua filha. Vamos, prometa sacrifício de verdade. Como não beber mais, não olhar para mulher nenhuma.

— Eu prometo, prometo isso.

— Abrir mão de uma parte das suas ações na empresa para mim. Nunca mais postar vídeo nenhum meu, limpar minha imagem.

— Ora, Cleber! Que merda! Isso não é hora para piadas!

— Não vai prometer? Foi bom ter te conhecido, homem — diz ele batendo novamente no meu ombro.

Descemos do carro, e não sei se sou errado por querer de presente de natal, minha filha em um embrulho de presente. Nem precisava de um laço enorme na cabeça, só quero que ela esteja bem.

Mal tenho forças para abrir a porta, e assim que entro, ela está ali, Celina, linda, em frente à árvore. Sorri para mim e procura por algo. Matheus entra atrás de mim com as mãos vazias e ela franze a testa. Cleber entra logo atrás com a mão vazia e ela fecha totalmente a cara. Olha bem para nós três e cruza os braços. Seu olhar assassino já começa a congelar minha alma.

— Sebastian Vaughn. Tem algo a me dizer?

— A cerveja acabou — começo. — Fomos à padaria. Aí a Nath cagou. Mas, o carro do Matheus por algum motivo que só Deus sabe estava cheio de pelos. Fomos ao shopping. No fraldário. Estava mais perto do que nossa casa. E Cleber a trocou.

Calo a boca e abaixo a cabeça.

— Que bom que o Cleber serve para alguma coisa — ela diz de forma fria.

— Ei, estou aqui. E sirvo para fazer a Suzana feliz.

Suzana ri e o abraça. E Celina revira os olhos.

— É só o que tem para me dizer?

— Bom. No shopping, o Cleber deixou a roupa dela sujar. Compramos uma nova.

— Vocês têm um gosto péssimo, como foram vestir minha filha de joaninha?

— Foi a vendedora. Então fomos ver o jogo, eu a coloquei... Ei! Como sabe que ela estava vestida de joaninha?

— Você me disse.

— Não disse, não. Como você sabe?

— Disse sim.

— Celina Morelli, se você tiver alguma coisa a ver com o sumiço da Nathalia eu juro que a prendo no fundo da piscina pelo resto da sua vida!

— Está dizendo que a Nath sumiu? Como ela sumiu? — grita e vejo que não tem nada a ver. Merda, não era para eu ter contado assim.

— Então, eu... — Não há uma maneira fácil de explicar isso. — Fui um idiota que deixei um bebê de três meses em um bebê conforto de um shopping lotado, e prestei mais atenção ao jogo do que nela.

Ela dá um passo assassino em minha direção e estendo as mãos suplicando:

— Celina, se não me matar, juro te dar outros filhos, um monte de filhos.

— Não quero outros filhos, quero a minha Nathalia! Não serei rasgada e remendada de novo, ouviu? Onde está a minha filha?

Deus, irei morrer agora, mas não esqueça do que supliquei, permita que ela esteja bem.

— Desculpa. Você estava certa, não sou confiável para ficar com ela. E preciso prestar mais atenção e me dedicar mais para aprender — confesso.

— Só que agora não há mais bebê para você treinar, homem. Mate-o, Celina — encoraja Cleber.

Mas Celina para bem a minha frente e cruza os braços, mantendo seu olhar assassino em mim.

— Sebastian Vaughn, está assumindo que cuido dela muito melhor do que você?

— Merda Celina, até o Matheus cuida. Sou uma bosta de pai.

Matheus está rindo, e Suzana parece sentir pena.

— O que há com vocês? Independente se a Celina irá me matar ou não, a Nath sumiu, temos que encontrá-la. Vocês não se preocupam com a sobrinha de vocês?

É aí que Gil entra com a pequena nos braços. Ela usa um vestido azul, com uma fita combinando na cabeça. Está chupando dois dedos e babando na roupa da Gil.

— Nath. — Aproximo-me emocionado da minha pequena e a aperto. Ela sorri e passa a mão babada

na minha cara, então a encho de beijos, fazendo-a gritar em gargalhadas.

— Da próxima vez que sair com ela, tenha seis olhos, para todos os lados, porque eu peguei esse bebê conforto do chão, ao seu lado. Cleber e Matheus perceberam na hora, e você, estava vidrado na porcaria da tela! — grita Celina.

— E demorou cerca de quinze minutos para perceber que ela não estava ali – delata Matheus.

— Ok, sou um idiota, briguem à vontade. Ao menos minha filha está bem.

— Da próxima vez, que sair com essa menina e o idiota do Cleber deixar sua roupa sujar, comprem uma roupa bonita para ela, nada de vesti-la como uma joaninha – diz Gil.

— Sim senhora, não caio mais no papo das vendedoras.

E assim, uma semana depois nos reunimos para nossa ceia, não recebi minha pequena de presente em um saco, mas foi quase isso. Graça a Deus foi a Gilcelle quem cozinhou e a única coisa triste nisso tudo, é que Celina está ne castigando e só vai transar comigo depois da virada do ano.

Ela pega Nathalia nos braços e conversa com a pequena, que está vidrada nela, prestando atenção.

— Seu primeiro natal quase foi um desastre, princesa. Vamos ver o que seu papai vai arrumar na ceia da virada do ano.

— Que ceia da virada do ano? Nem pensar! Não vão fazer nada! Levarão a Nathalia para as compras! Nãaaaaoooo!

Conheça Estúpida Proposta

Terceiro livro da trilogia V.D.A.

Lançamento em Outubro

Sinopse: Gilcelle é uma mulher forte, reservada e extremamente louca. Dona do próprio nariz, só se abala quando o assunto é Matheus, seu estúpido e fresco chefe.

Matheus tem tudo o que um homem pode querer: dinheiro, mulheres e bons amigos. Mas, não tem o que mais deseja: sua paixão de infância, Gilcelle.

Cansado de esperar que Gil baixe a guarda para se aproximar, Matheus resolve tomar uma atitude. E ao descobrir um problema financeiro que ela está enfrentando, faz-lhe uma estúpida proposta: fingir ser sua noiva em troca de muito dinheiro. Isso tinha tudo para dar errado, e piora ainda mais quando sua família resolve se mudar para Belo Horizonte e Matheus é obrigado a levar a fera para sua casa e domá-la sob suas condições.

Contato com a autora:

<https://www.facebook.com/carlieferrerautora>

http://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

carlieferrers@gmail.com

<http://carlieferrers.wix.com/autora>